

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH)
Programa de Pós-Graduação em História

Guilherme Costa Pimentel

**A “AMEAÇA VERDE” SOBRE MINAS: organização, desenvolvimento e extinção da
AIB (1932-1938)**

Belo Horizonte
2021

Guilherme Costa Pimentel

**A “AMEAÇA VERDE” SOBRE MINAS: organização, desenvolvimento e extinção da
AIB (1932-1938)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta

Belo Horizonte
2021

981.51	Pimentel, Guilherme Costa.
P644a	A ameaça verde sobre Minas [manuscrito] : organização, desenvolvimento e extinção da AIB(1932-1938) /
2021	Guilherme Costa Pimentel. - 2021. 388 f. Orientador: Rodrigo Patto Sá Motta.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1.História – Teses. 2. Integralismo - Teses. 3.Minas Gerais – História - Teses. I. Motta, Rodrigo Patto Sá. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS E
HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

**"A Ameaça Verde Sobre Minas: Organização, Desenvolvimento e Extinção
da AIB(1932-1938)" Guilherme Costa Pimentel**

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos
Professores:

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá
Motta - Orientador
UFMG

Profa. Dra.
Mariana de Moraes
Silveira UFMG

Prof. Dr. Leandro
Pereira Gonçalves
UFJF

Profa. Dra.
Giselda
Brito Silva
UFRPE

Prof. Dr.
Felipe
Cazetta
UNIMON

TES

Belo Horizonte, 25 de outubro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Azevedo Cazetta, Usuário Externo**, em 26/10/2021, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Pereira Gonçalves, Usuário Externo**, em 26/10/2021, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Patto Sa Motta, Membro**, em 26/10/2021, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giselda Brito Silva, Usuário Externo**, em 28/10/2021, às 09:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Moraes Silveira, Professora do Magistério Superior**, em 05/11/2021, às 14:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0980575** e o código CRC **0FB99C75**.

Referência:

Processo

nº

23072.250046/2021-62

SEI nº 0980575

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa sempre é o resultado de um esforço coletivo, dos gestos, apoio e carinho daqueles que nos cercam. É o resultado daquelas obras clássicas que nos inspiram, dos trabalhos e das fontes que outros historiadores nos disponibilizam e daqueles arquivos que foram organizados por outros pesquisadores. Logo, agradeço primeiramente ao professor Rodrigo Motta pela orientação, pela paciência, pela tranquilidade que sempre me transmitiu e pela confiança. Os acertos deste trabalho são frutos dessa orientação.

Agradeço a minha família, sobretudo a meus pais, a quem devo tudo o que sou. Agradeço aos meus amigos Pedro e Edi Júnior pela companhia, pelas longas conversas e pelo apoio em momentos difíceis.

Agradeço a todo o corpo docente da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), instituição em que fiz minha graduação e mestrado em História. Sobretudo, agradeço aos professores Laurindo Mékie e César Porto, dois grandes exemplos em que me sempre espelho.

Agradeço aos historiadores Leandro Gonçalves e Felipe Cazetta pelas fontes que me disponibilizaram.

Finalmente, agradeço a toda a equipe do Arquivo Público Mineiro e do Arquivo Municipal de Rio Claro, em São Paulo. O esforço e a dedicação dos servidores desses arquivos permitiram a realização dessa pesquisa.

“O futuro se impõe,
O passado não se aguenta” Pose (Anos 90) Humberto Gessinger.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo estudar a Ação Integralista Brasileira (AIB) em Minas Gerais. O recorte temporal obedecido inicia-se em mês de outubro de 1932, quando a AIB é fundada, e encerra-se em maio de 1938, cerca de cinco meses após sua extinção e quando ocorre a tentativa de golpe conhecida como *Putsch Integralista*. As fontes consultadas foram jornais e folhetos produzidos pela AIB, documentos do fundo DOPS-MG sobre essa organização disponíveis no Arquivo Público Mineiro (APM) e jornais de Minas disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. A associação entre o recorte temporal, geográfico e as fontes consultadas permite acompanhar o processo de estruturação, desenvolvimento e desestruturação da AIB em Minas. Permite ainda examinar as relações entre essa organização e setores da sociedade, como camponeses e trabalhadores urbanos, fiéis e sacerdotes católicos, políticos, militares e comerciantes locais. A junção entre o recorte geográfico, temporal e as fontes também permite analisar as relações em Minas entre AIB e instituições como o Judiciário, o governo estadual e órgãos responsáveis pela segurança pública mineira. Além de identificar o processo de difusão do integralismo por Minas, esse trabalho pretende examinar quem foi o integralista mineiro. Logo, visa identificar como esse militante se concebia, como se relacionava com diferentes atores sociais. Por outro lado, visa identificar como o integralista mineiro foi concebido por diferentes delegados e jornais durante a época da existência legal da AIB. Logo, será possível responder à seguinte indagação: o que aproximava e o que afastava o integralista da sociedade em que viveu?

Palavras-chave: Integralismo. Minas Gerais. Vigilância. Idealização. Perseguição.

Abstract

This work aims to study the Brazilian Integralist Action (AIB) in Minas Gerais. The time frame followed began in October 1932, when the AIB was founded, and ended in May 1938, about five months after its extinction and when the attempted coup known as the Integralist Putsch took place. The sources consulted were newspapers and leaflets produced by the AIB, documents from the DOPS-MG fund about this organization available at the Arquivo Público Mineiro (APM) and newspapers from Minas available at the digital newspaper library of the National Library. The association between the temporal and geographic cut and the consulted sources allows to follow the process of structuring, development and destructuring of the AIB in Minas. It also allows us to examine the relationships between this organization and sectors of society, such as peasants and urban workers, Catholic faithful and priests, politicians, the military and local merchants. The junction between the geographic, temporal and sources also allows analyzing the relations in Minas between AIB and institutions such as the Judiciary, the state government and bodies responsible for public security in Minas Gerais. In addition to identifying the process of diffusion of integralism in Minas, this work intends to examine who the Minas Gerais integralist was. Therefore, it aims to identify how this militant conceived of himself, how he related to different social actors. On the other hand, it aims to identify how the integralist from Minas was conceived by different delegates and newspapers during the time of the legal existence of the AIB. Therefore, it will be possible to answer the following question: what brought the integralists together and what kept them away from the society in which they lived?

Keywords: Integralism. Minas Gerais. Surveillance. Idealization. Persecution.

LISTA DE SIGLAS

ABC – Associação Brasileira de Cultura

AIB – Ação Integralista Brasileira

ALMG – Assembleia Legislativa de Minas Gerais

ALN – Aliança Nacional Libertadora

APM – Arquivo Público Mineiro

APRC – Arquivo Público de Rio Claro

CLD – Coleção Linhares Digital

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

DNES – Departamento Nacional Eleitoral e Sindical

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

PC – Partido Constitucionalista

PRP – Partido de Representação Popular

PRP – Partido Republicano Paulista

SEP – Sociedade de Estudos Políticos

SNAFP – Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos

SNDE – Secretaria Nacional de Doutrina e Estudos

SNI – Secretaria Nacional de Imprensa

SNOP – Secretaria Nacional de Organização Política

SPOP – Secretaria Provincial de Organização Política

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	22
CARACTERÍSTICAS, TRAJETÓRIA E INIMIGOS DA AIB.....	22
1.1 Ação Integralista Brasileira: características e trajetória.....	22
1.2 – Ação Integralista Brasileira: estruturas e funcionamento.....	37
1.3 – Os integralistas segundo eles mesmos.....	42
1.4 – Os adversários do sigma.....	55
CAPÍTULO II -	68
ORGANIZAÇÃO E DIFUSÃO DA AIB EM MINAS.....	68
2.1 – Olbiano de Melo.....	68
2.2 – A difusão do integralismo em Minas Gerais entre 1932 e 1935.....	70
2.3 – As cidades integralistas.....	79
2.4 – Os núcleos integralistas.....	82
2.5 – As bandeiras integralistas.....	86
2.6 – Militância individual: fundação e acompanhamento de núcleos.....	99
2.7 – As sementes integralistas e o início sempre difícil.....	104
2.8 – A difusão do integralismo em Minas Gerais entre 1936 e os meses iniciais de 1937.....	108
CAPÍTULO III.....	115
IMPRESSOS INTEGRALISTAS EM MINAS.....	115
3.1 – Plínio Salgado e a imprensa.....	115
3.2 – <i>Sigma Jornais Reunidos</i> e imprensa integralista em Minas.....	116
3.3 – <i>Anauê!</i> e <i>A Razão</i> : convergências e diferenças.....	123
3.4 – <i>A Razão</i> : um jornal integralista a serviço da comunidade?.....	129
3.5 – Nazismo e fascismo em <i>Anauê!</i> e <i>A Razão</i>	139
3.6 – Os folhetos integralistas.....	146
CAPÍTULO IV.....	155
INTEGRALISMO, CLÉRIGOS E FIÉIS CATÓLICOS.....	155
4.1 – Aproximando-se de clérigos e fiéis católicos através de discursos.....	155
4.2 – Integralismo e Igreja católica: comunhão de objetivos e de inimigos.....	167
4.3 – Simpatias e adesões de sacerdotes católicos à AIB em Minas.....	171
4.4 – Jornais mineiros, o sigma, clérigos e fiéis católicos.....	185
CAPÍTULO V.....	197
ELEIÇÕES E CAMPANHAS.....	197
5.1 – A AIB e a estratégia eleitoral.....	197
5.2 – As escolas integralistas.....	202
5.3 – Eleições de 1936: preparativos e propaganda integralista.....	208
5.4 – As vitórias eleitorais do sigma em Minas.....	215
5.5 – Integralismo, eleições e seus adversários em Alvinópolis e Saúde.....	220
5.6 – A AIB e o alarde sobre seu crescimento após as eleições de 1936.....	227
5.7 – Pragmatismo e adesão à AIB: a busca por segurança, prestígio, ascensão socioeconômica e inserção política.....	230
5.8 – A campanha Pela Inscrição de Mais Um e a Campanha do Ouro.....	236
CAPÍTULO VI.....	246
Vigilância e repressão à militância verde.....	246
6.1 – Monitoramento e perseguição à militância integralista de 1932 a 1935.....	246

6.2 – Delegados locais: maiores responsáveis por coibir a militância verde em 1936.....	252
6.3 – Variações e recorrências no cerceamento à AIB em Minas em 1936.....	259
6.4 – O fechamento dos núcleos do Paraná e o envio massivo de telegramas à presidência	263
6.5 – Discursos, concentrações e desfiles do sigma em 1936 após o Estado de Guerra	267
6.6 – Recorrências e rupturas em 1937	272
6.7 – Tiroteios em eventos integralistas e a repercussão em Minas	282
CAPÍTULO VII – O PLEBISCITO, O CULTO AO CHEFE E A CAMPANHA PRESIDENCIAL.....	287
7.1 – AIB: apreço à democracia e livre participação interna.....	287
7.2 – O poder do <i>Chefe Nacional</i> e o culto a sua figura	292
7.3 – O plebiscito integralista	310
7.5 – A candidatura de Plínio Salgado.....	319
CAPÍTULO VIII	331
ENTRE O GOLPE DE 1937 E O PUTSCH INTEGRALISTA.....	331
8.1 – Camisas-verdes em Minas entre o golpe do Estado Novo e o Putsch de maio de 1938	331
8.2 – Militantes do sigma: vítimas dos próprios discursos	351
8.3 – O desejo de desforra e a indisciplina nas fileiras verdes	360
8.4 – O <i>Putsch</i> e seus desdobramentos em Minas	369
CONSIDERAÇÕES FINAIS	375
REFERÊNCIAS	383

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho é a Ação Integralista Brasileira (AIB), seus adeptos e algumas de suas relações com sacerdotes e fiéis católicos e órgãos públicos de segurança em Minas Gerais durante os anos de 1932 a maio de 1938. Abranger todo o estado permite apreender a organização, atuação e desintegração do integralismo em solo mineiro, as particularidades, recorrências e conflitos inerentes a esse processo. Permite identificar em quais regiões do estado a militância foi mais ativa, em quais cidades os integralistas mais foram perseguidos pelas delegacias, onde disputaram e venceram eleições, onde se relacionaram de modo mais próximo com membros e fiéis da Igreja Católica. Além desse foco principal, constituem objetos de estudo deste trabalho: os rituais do sigma, jornais mineiros da imprensa verde, os valores, as representações sobre os adversários, leituras de passado e perspectivas de futuro nutridas pelos camisas-verdes, ou seja, a cultura e o imaginário integralista.

Logo, este trabalho se debruçou sobre as relações entre o integralismo e diferentes atores sociais, a exemplo de: comunistas reais ou imaginários, clérigos e fiéis católicos, poder Judiciário, Executivos municipais e estadual, Legislativos e delegacias municipais e a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS-MG). Analisar as relações entre integralismo e diferentes atores sociais e institucionais permite identificar as maneiras como o primeiro foi concebido em sua época de atuação. Permite identificar quais aspectos do sigma eram criticados e quais eram admirados por diferentes atores sociais.

A baliza cronológica inicial desta pesquisa é o ano de 1932 quando Plínio Salgado e Olbiano de Mello, precursor do integralismo em solo mineiro, passam a se corresponder. Em outubro daquele ano, dois dias após a fundação da AIB, o líder integralista mineiro funda¹ o segundo núcleo do país, na cidade de Teófilo Otoni. Em dezembro a cidade de São Paulo foi o cenário do primeiro encontro entre aqueles dois intelectuais.

Contudo, entre 1932 e 1934 o integralismo se desenvolveu timidamente em solo mineiro. Neste interregno, foram raras as notícias encontradas em periódicos de Minas Gerais sobre a AIB neste estado. Esses silêncios e ausências fornecem pistas sobre a estatura desta organização em solo mineiro. O crescimento numérico e a expansão da AIB em Minas aconteceram entre os anos de 1935 a 1937. Nesse período a organização liderada por Plínio Salgado alcançou mais cidades e distritos, participou de eleições e seu desenvolvimento tornou-se um incômodo crescente para seus adversários. No entanto, esse mesmo desenvolvimento foi

¹ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. I.

bastante variável pelo território mineiro, revelando-se pífio em regiões como o Norte e o Noroeste de Minas.

Em dezembro de 1937 através do decreto-lei nº 37 o Estado Novo fechou todas as agremiações partidárias, incluindo a AIB. Contudo, não seria correto encerrar o recorte temporal deste trabalho com o fim da existência legal daquela organização. Com o advento do Estado Novo e até o início de janeiro de 1938 o futuro do integralismo era incerto para muitos camisas-verdes. Neste período os militantes atravessaram estágios que compreenderam euforia, desorientação e resignação. Além destes estágios um segundo grupo vivenciou o inconformismo com a nova ordem.

O sentimento de euforia deveu-se à crença de que a triunfo da AIB havia chegado. Após o golpe de novembro essa organização afirmou que estava prestigiada pelo novo regime. Por extensão, muitos integralistas encararam com euforia até mesmo o decreto que extinguiu todos os partidos políticos. Estes militantes então acreditaram que a extinção da AIB seria temporária. Porém, a desorientação gradualmente passou a atingir aqueles militantes que ainda desejavam um ressurgimento da AIB. Estes militantes não entendiam porque esta organização estava sendo atingida pelas medidas repressivas do novo regime. Alguns militantes ainda se negaram a aceitar a nova situação do integralismo e ficaram desorientados quando nem mesmo a Associação Brasileira de Cultura (ABC) saiu do papel.

O sentimento de resignação foi expresso por aquele grupo que concebeu o Estado Novo se não como uma vitória da AIB, pelo menos como um triunfo dos ideais desta organização. Boa parte dos membros deste grupo desejava Plínio Salgado no Executivo Nacional. Não obstante, este grupo se resignou à nova ordem e não acalentou planos de tomada poder, tampouco estava disposto a tentar fazê-lo.

Um segundo grupo de camisas-verdes também atravessou aqueles estágios de euforia e desorientação. No entanto, ao perceber que o sigma fora alijado da nova ordem logo passou a nutrir planos que envolviam um ressurgimento glorioso da AIB e/ou um assalto ao Executivo Federal. Muitos dos membros deste segundo grupo perceberam similitudes entre o Estado Novo e o programa da AIB. Contudo, estas semelhanças não eram o bastante. Os membros deste segundo grupo não se resignaram inicialmente e continuaram desejando o sigma no poder. Efetivamente, houve integralistas em Minas Gerais que conspiraram a fim de tomar o poder.

Os fenômenos de euforia, desorientação, resignação e inconformismo podem ser vislumbrados entre o advento do Estado Novo, o decreto que extingue a AIB e a tentativa de golpe de Estado conhecida como *Putsch Integralista*. Após esta manobra a repressão contra o

integralismo foi intensificada e aqueles militantes que desejavam a tomada do Estado ficaram sem qualquer liderança. Porém, mesmo antes da tentativa de golpe uma reação contra a nova ordem já parecia inviável. Naturalmente, muitos daqueles que vestiram a camisa-verde desejavam o sigma no poder. Contudo, a situação do integralismo era de evidente fragilidade. Os núcleos estavam fechados e seus membros estavam dispersos e mantidos sob vigilância. Este quadro desencorajou a maior parte dos antigos camisas-verdes a se engajar ativamente em qualquer tentativa de golpe. Neste sentido, o *Putsch* selou o destino do integralismo. Em razão disto, este evento foi escolhido para encerrar o recorte temporal deste trabalho.

A análise sobre o integralismo em Minas Gerais será feita com base em veículos de informação impressos da AIB. Os jornais da imprensa mineira do sigma mais utilizados por este trabalho foram *Anauê!* e *A Razão*. O primeiro foi editado em Belo Horizonte e chegou a ser o órgão oficial do integralismo em Minas Gerais. O jornal *A Razão* era editado no município de Pouso Alegre, região Sul mineira. Outros estados também tiveram jornais integralistas chamados *Anauê!* e *A Razão*. Mas, deve-se ficar subtendido que esta pesquisa ao citar os jornais *Anauê!* e *A Razão* alude aos periódicos mineiros das cidades de Belo Horizonte e Pouso Alegre. Quando necessário, o estado em que foram editados periódicos homônimos será discriminado.

Foram utilizados também os jornais *Monitor Integralista* e *A Offensiva*, ambos editados na então capital do país. Além de conter preciosas informações relativas à estruturação e desenvolvimento interno da AIB, os dois jornais contêm informações sobre o integralismo em Minas Gerais. *Monitor Integralista* foi, em nível nacional, o periódico oficial da AIB destinado a publicar as resoluções, estrutura interna, estatutos e nomeações aos cargos da organização. *A Offensiva* incumbia-se de divulgar, sobretudo, os valores, leituras de mundo e vocabulário do integralismo, além de informações relativas à expansão desse movimento pelo Brasil.

Para a análise do movimento integralista em Minas foram utilizados ainda jornais relativos à década de 1930 contidos na hemeroteca da Biblioteca Nacional e documentos do fundo² DOPS-MG. Os documentos deste fundo estão sob guarda do Arquivo Público Mineiro

² Segundo Motta (2006), em Minas Gerais os documentos só foram recolhidos ao APM após ampla mobilização de entidades civis, mobilização de deputados estaduais e devido à publicidade conferida ao caso pela imprensa. Em flagrante afronta à legislação vigente, autoridades policiais postergaram ao máximo a entrega dos arquivos. Foi preciso, sobretudo, que a Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) aprovasse uma lei determinando o recolhimento do acervo do DOPS desse estado ao APM. No entanto, as autoridades responsáveis pelos órgãos de segurança alegaram ser impossível cumprir a legislação, uma vez que o acervo havia sido incinerado. Logo, foi preciso a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para averiguar o caso. Os integrantes desta CPI, em visita a instalações policiais, localizaram microfilmes feitos a partir da documentação original. Para organizar a consulta ao acervo foi celebrado um convênio entre o APM e o Departamento de História da UFMG.

(APM). Este acervo está organizado em pastas, que por sua vez, estão subdivididas por assuntos e também por cidades. Logo, basta inserir o descritor (assunto) que se deseja pesquisar para que o sistema disponibilize uma lista em ordem alfabética contendo todas as pastas e cidades em que se registrou o fenômeno visado.

Desta forma, quando se insere no sistema de buscas do APM o descritor “integralismo” é disponibilizada uma lista com as cidades e distritos em que ele foi investigado e reprimido. Há outros descritores correlatos, a exemplo de “movimento integralista de 1938”. O sistema de buscas do APM possibilita também a pesquisa por nomes, de modo que a inserção do nome de um integralista traz como resultado a maioria³ das ocorrências a ele relativas.

Bertonha (2010) chama a atenção para os cuidados metodológicos que devem ser observados pelos historiadores que abordam o integralismo. Ele cita o exemplo do arquivo pessoal de Plínio Salgado, disponível no Arquivo Público de Rio Claro. Uma pesquisa nesse acervo pode conduzir a resultados distorcidos se não for suplementada por outras fontes, uma vez que o referido intelectual paulista reuniu aqueles papéis a fim de construir sua memória. Situação análoga acontece com os arquivos reunidos pelas Delegacias de Ordem Política e Social de cada estado. A vigilância sobre os integralistas em cada estado refletia, muitas vezes, as relações entre eles e os governadores. Logo, entre 1932 e 1937 alguns estados mantiveram uma vigilância esporádica sobre o integralismo enquanto outros o mantiveram como um dos focos de suas atenções (BERTONHA, 2010).

É preciso ter bastante cuidado ainda ao se trabalhar com os jornais editados pelos integralistas. Os números relativos ao crescimento da AIB apresentados pelos referidos jornais são comumente superestimados. Ademais, em seus periódicos os militantes do sigma se apresentaram à sociedade de forma excessivamente idealizada. Em seus jornais os camisas-verdes se apresentavam como homens nacionalistas, frugais, íntegros e ordeiros. Os integralistas sustentavam que se batiam em prol da moralização da vida nacional e da construção de um país forte nas áreas militar e econômica. Segundo aqueles militantes esse empenho despertava contra eles toda sorte de perseguições. Nesse sentido, os jornais do sigma exaltavam as boas intenções que os camisas-verdes diziam cultivar em relação à vida nacional.

O acervo do fundo DOPS-MG é composto por documentos produzidos pelos militantes do sigma e por seus núcleos em Minas Gerais. Logo, há folhetos distribuídos à população, atas

Sobre coordenação do professor Rodrigo Patto Sá Motta foi criado um banco de dados, um instrumento de pesquisa, que possibilitou a consulta à documentação.

³ Naturalmente, alguns documentos estão apagados ou ilegíveis, de forma que não se pode identificar todos os nomes neles contidos.

de reuniões, balanços de atividades, listas com nomes e outras informações sobre os adeptos e correspondências (cartas, ofícios e telegramas) entre núcleos e entre militantes. Duas categorias particularmente ricas de documentos produzidos pelos integralistas foram os mandados de segurança e os ofícios enviados a órgãos de segurança pública. Os mandados solicitavam providências contra as proibições impostas aos núcleos do sigma por delegacias locais. Os ofícios eram enviados a órgãos de segurança pública relatando as medidas cerceadoras e solicitando providências.

Integram ainda o acervo do fundo DOPS-MG os documentos produzidos pelos órgãos de segurança em Minas sobre o integralismo no estado. Essa documentação é formada por: correspondências entre os órgãos de segurança, depoimentos de integralistas, anteriores e posteriores à extinção da AIB, relatórios sobre as atividades dessa organização, denúncias (às vezes anônimas) recebidas contra os militantes, etc.

Há cidades cujas pastas do fundo DOPS-MG sobre o integralismo contêm muitos documentos. Como exemplo pode-se mencionar Três Corações, Diamantina e Alvinópolis. Por outro lado, há cidades em que camisas-verdes se elegeram vereadores, mas cujas pastas contêm pouca documentação sobre o integralismo. Logo, nem sempre a quantidade de documentos em uma pasta do fundo DOPS-MG expressa as atividades desenvolvidas por um núcleo da AIB. Mesmo as atas das reuniões, que costumavam ser promovidas semanalmente, são escassas em meio à documentação consultada.

Além da ausência de alguns documentos produzidos pelos integralistas, outra dificuldade para a pesquisa foi lidar com a ortografia vigente na década de 1930. Mesmo observando-se esta ortografia, os erros ortográficos aparecem com tamanha frequência que a inserção do termo *sic* obstaculizaria a leitura. Portanto, a escolha foi por transcrever fidedignamente os documentos citados. Por extensão este trabalho optou por reproduzir aqueles trechos que originalmente estavam em caixa alta, em negrito ou sublinhados. No que tange às patentes, cargos, rituais e nomenclaturas cunhadas pela AIB, a opção foi por grafá-las em iniciais maiúsculas, tal como eram reproduzidas pelos camisas-verdes, e em itálico a fim de diferenciar estes termos do restante do texto.

A opção desta pesquisa por citar trechos de fontes diversas, bem como por narrar alguns episódios não significa que se confere veracidade aos acontecimentos da maneira como estes foram descritos. Por exemplo, quando este trabalho expõe dados relativos ao crescimento do sigma pelo Brasil ou em Minas não se sustenta que este fenômeno tenha sido real. Houve casos de pessoas que realmente não sabiam que estavam inscritas na organização comandada por

Plínio Salgado. Além disso, como uma demonstração de força aos adversários os núcleos integralistas asseguraram que possuíam uma quantidade de militantes superior à realidade.

Os dados inerentes ao assistencialismo oferecido pela AIB, como cursos de alfabetização ou consultórios médicos, também devem ser questionados. Quase sempre os serviços oferecidos eram intermitentes e limitados a poucas pessoas. Outros aspectos devem ser relativizados ou remetidos ao contexto dos anos 1930. Este é caso das *Escolas Integralistas*, que consistiam em turmas de alfabetização ou em cursos de economia doméstica, datilografia ou corte e costura. Por conseguinte, este trabalho buscou a retórica integralista, ou seja, os argumentos de que lançaram mão os camisas-verdes a fim de legitimarem sua causa e alardearem seu crescimento.

A principal metodologia utilizada foi a identificação, análise e exposição de padrões, ou seja, este trabalho buscou aquilo que se repetia nas fontes pesquisadas. Logo, quando jornais diferentes, em diferentes momentos, associaram o integralismo aos regimes comandados por Hitler e por Mussolini um padrão é identificado. Depreende-se que durante a existência legal da AIB houve atores sociais que entenderam esta organização como um fascismo nacional. Com o intuito de corroborar este argumento, são citados exemplos de analogias entre o integralismo e os regimes nazifascistas.

Analogamente, quando delegados de diferentes cidades e distritos agiram da mesma forma objetivando cercear as atividades dos camisas-verdes, verifica-se um padrão de comportamento frente a esses militantes. Mais uma vez, diferentes exemplos, de diferentes anos são mencionados e transcritos a fim de corroborar o argumento apresentado. Por fim, quando diversas pessoas sustentam que se afastaram da AIB após a extinção desta, verifica-se mais um padrão. Logo, não é incorreto depreender que muitos afirmaram ter se distanciado da AIB a fim de se eximirem de problemas. A identificação desses padrões foi orientada por alguns questionamentos.

Os principais questionamentos feitos à documentação que subsidia este trabalho são: Quem eram os integralistas mineiros? Como eles se autoconcebiam? Como diferentes jornais os conceberam? Como foram tratados por diferentes delegados? Como se relacionavam com clérigos e fiéis católicos? Como os integralistas de Minas Gerais se portaram frente à extinção da AIB e ao *Putsch* de maio de 1938?

A década de 1930 foi um período bastante conturbado da história nacional, mas não basta a existência de uma crise econômica e/ou política para que o militante integralista surja instantaneamente. É preciso que haja reciprocidade entre os valores professados pela AIB e o

indivíduo que nela ingressa, ou melhor, entre aquela organização e segmentos da sociedade em que ela se inscrevia. Logo, quais leituras políticas e receios eram compartilhados por camisas-verdes e pela sociedade que os abrigou? Por outro lado, o que a AIB apresentou de novo e lhe permitiu atrair seus adeptos?

Logo, estudar o integralismo significa também examinar como e por quais razões uma parcela da sociedade brasileira flertou com o fascismo e se entendia o significado do movimento. Discutir o integralismo significa entender parte da sociedade brasileira dos anos 1930 e descobrir com quais valores ela simpatizava. Nesse sentido, é preciso identificar não apenas o que unia os camisas-verdes em Minas Gerais, mas também o que os aproximava e os afastava da sociedade em que viveram. Enfim, é preciso identificar quem foram os integralistas mineiros, a quais profissões pertenceram, como se relacionaram com a atores sociais a sua volta, quais religiões professaram, quais eram seus temores e esperanças e o que os atraiu para a AIB.

Uma vez que trabalha com pessoas, esta pesquisa inevitavelmente se viu na contingência de citar nomes. Porém, este trabalho não tem por objetivo ferir memórias ou trazer constrangimentos à descendência daqueles que vestiram a camisa-verde ou que de alguma maneira foram atingidos por esses militantes. Logo, apesar do afastamento temporal, nomes de integralistas e outras pessoas foram resguardados sempre que assim pôde ser feito sem se prejudicar a compreensão do texto.

Este trabalho está dividido em oito capítulos que não foram ordenados necessariamente de forma cronológica. Fazê-lo seria impossível, uma vez que a maioria dos capítulos aborda fenômenos e características do movimento integralista em Minas Gerais que foram simultâneos.

Em função da complexidade assumida pela AIB o primeiro capítulo deste trabalho tem como foco as características, estruturas internas e trajetória da organização. Analisa também aqueles que foram vistos como adversários pelos integralistas, como esses concebiam a si mesmos e as leituras que faziam sobre o passado.

O segundo capítulo tem como foco a chegada e difusão da AIB em Minas Gerais. Logo, foram identificadas as primeiras cidades a receber núcleos do sigma no estado e como a organização comandada por Plínio Salgado se difundia, estabelecendo-se em outros municípios e distritos. Permeia também este capítulo um levantamento daquelas regiões de Minas onde o integralismo possuiu maior vitalidade.

O foco do terceiro capítulo são os jornais da imprensa integralista de Minas *Anauê!* e *A Razão*. Além de identificar e analisar as principais temáticas abordadas por estes dois jornais, o terceiro capítulo se propõe a identificar as diferenças entre ambos. É justificável alocar no

início do trabalho o capítulo sobre periódicos do sigma em Minas porque a AIB foi umbilicalmente ligada à imprensa.

O quarto capítulo traz exemplos de aproximações e divergências em Minas Gerais entre clérigos e fiéis católicos e integralistas. Neste capítulo há exemplos de padres que ingressaram formalmente na AIB. Há também exemplos daqueles sacerdotes que, embora não tenham se inscrito na AIB, participavam de solenidades integralistas e defenderam esta organização através de discursos. Por fim, este capítulo examina aqueles discursos que defendiam a obrigatoriedade do ingresso de católicos na AIB.

O quinto capítulo tem dois focos, sendo que o primeiro deles é a participação de camisas-verdes nas eleições mineiras de 1936, em que seriam escolhidos os vereadores, prefeitos e juízes de paz de cada município. Logo, serão apontadas aquelas cidades que elegeram vereadores integralistas e analisadas algumas das estratégias discursivas e práticas da AIB para angariar o voto daqueles que não militavam na organização. O segundo foco desse capítulo são duas campanhas internas realizadas pela AIB. A primeira delas foi denominada *Pela Inscrição de Mais Um* e tinha por objetivo dobrar a quantidade de membros da AIB. A segunda recebeu o nome de *Campanha do Ouro* e visava à arrecadação de fundos para a organização comandada por Plínio Salgado.

O sexto capítulo aborda as perseguições e violências contra integralistas em território mineiro, bem como proibições e obstáculos à militância da AIB. Como será demonstrado, os maiores adversários da militância integralista foram delegados locais que, às vezes sem determinação superior, fechavam núcleos e proibiam desfiles integralistas. Outros delegados, porém, indagavam ao DOPS-MG sobre como deviam agir frente aos camisas-verdes. Significativamente, este órgão de segurança pública resguardou até fins de novembro de 1937 o direito de os integralistas, pelo menos, se reunirem em âmbito privado. Esse sexto capítulo analisa também as estratégias integralistas contra os cerceamentos que lhes foram impostos, como a interposição de mandados de segurança contra o fechamento dos núcleos.

O sétimo capítulo gira em torno da candidatura do *Chefe Nacional* da AIB às eleições presidenciais que deveriam ter ocorrido em janeiro de 1938. Foram também objetos de reflexão o plebiscito que indicou Plínio Salgado como candidato da AIB àquelas eleições, o poder desse líder no interior da organização e o culto a sua figura. Por fim, este sétimo capítulo apresenta notícias sobre a candidatura de Plínio Salgado veiculadas por jornais de diferentes cidades mineiras. Algumas dessas notícias reprovavam a candidatura do *Chefe Nacional* ao enfatizar a semelhança entre o integralismo e os fascismos europeus. Outras matérias, publicadas a mando

dos camisas-verdes, apresentavam uma lista de serviços que teriam sido prestados pela AIB à sociedade.

O oitavo e último capítulo identifica as reações integralistas à implantação da ditadura em novembro de 1937. Logo, este capítulo aborda o fechamento dos núcleos após o golpe de 1937 e as reações integralistas de euforia e desilusão frente a essa ruptura institucional. Um dos principais argumentos do capítulo é que através de sua retórica anticomunista e ao exagerarem o crescimento da AIB os camisas-verdes contribuíram para o seu próprio fim. Constitui ainda objeto do último capítulo alguns discursos e condutas integralistas que se contrapuseram à imagem que eles acalentavam de si mesmos. Ao fim da tese, nas considerações finais, vamos destacar as contribuições deste trabalho para a historiografia relativa à AIB.

CAPÍTULO I

CARACTERÍSTICAS, TRAJETÓRIA E INIMIGOS DA AIB

1.1 Ação Integralista Brasileira: características e trajetória

A AIB foi fundada em 1932 através do documento que ficou conhecido como *Manifesto de Outubro*⁴. O surgimento da organização era entendido por seus militantes enquanto um fenômeno providencial. Conforme esse pensamento a AIB surgiu após a Revolução Constitucionalista de 1932 a fim de sanear o país. Na ótica integralista esse conflito tornava-se mais doloroso uma vez que, para além do sangue vertido, teria desorientado politicamente os brasileiros. Logo, acreditavam os integralistas, é nesse cenário que a AIB emergiu incumbindo-se, entre outras coisas, de tentar afastar os brasileiros de ideias que consideravam perniciosas, a exemplo do liberalismo, do comunismo e do separatismo.

Liderada pelo intelectual Plínio Salgado a AIB teve como principal fonte de inspiração o fascismo⁵ italiano. Segundo Trindade (1979) a AIB não pode ser reduzida a simples “mimetismo ideológico”, pois é fruto simultâneo de um modelo externo fascista e de um contexto interno favorável. Logo, não se pode compreender o integralismo desconsiderando-se a ascensão fascista na Europa. Tampouco, pode-se compreendê-lo sem se analisar as condições internas favoráveis oferecidas após a Revolução de 1930 (TRINDADE, 1979).

Carone (1974) é peremptório, o integralismo não constituiu um movimento original, fruto das ideias de Plínio Salgado, ao contrário do que esse tanto preconizou. No Brasil houve organizações políticas ou esboços de organizações semelhantes à AIB que lhe foram anteriores e contemporâneas. “O movimento fascista, que antecede o Manifesto de Outubro, é muito intenso e grande parte do pensamento hierárquico e totalitário já aparece desenvolvido nas diversas correntes existentes na época (CARONE, 1974, p.194).”

Analisando a década de 1920, Carone (1974) identificou duas correntes fascistas no Brasil. A primeira delas, mais importante e organizada, era a “fascista italiana” e esteve ligada aos núcleos italianos espalhados pelo Sul do país. A segunda materializou-se em pequenas

⁴ Segundo Cavalari (1999) este documento estava pronto e aprovado desde junho de 1932, mas a Revolução Constitucionalista que eclodiu naquele ano em São Paulo adiou seu lançamento.

⁵ Os primeiros estudos sobre o integralismo feitos por não militantes do sigma tiveram início na década de 1970. Nessa época os debates polarizaram-se entre quem defendiam que o integralismo constituía um movimento de forte inspiração fascista e quem discordava deste postulado. Trindade (1974), Chauí (1978) e Vasconcelos (1979) concluíram que o integralismo reunia características suficientes para identificarem-no como fascista, ao passo que Chasin (1979) opunha-se a este argumento. A compreensão dos três primeiros autores encontrou maior respaldo acadêmico e é com este posicionamento que este trabalho converge.

tentativas de instalar, conforme o termo utilizado por aquele autor, um “fascismo indígena” no Brasil. No entanto, Carone (1974) assevera que durante os anos de 1920 o poder das classes agrárias ainda era capaz de suprimir as manifestações políticas de outras classes. Esse fenômeno altera-se com a Revolução de 1930 através de uma “fissura que se dá no domínio oligárquico”, o que permite a eclosão de diferentes manifestações políticas. Carone (1974) enfatiza que estas novas manifestações, sobretudo de caráter fascista, revelaram-se logo após a Revolução de 1930 e multiplicaram-se mesmo após a afirmação da AIB.

Trindade (1979) também salienta que o integralismo esteve longe de ser o único movimento de características e inspiração fascista no Brasil dos anos 1930. Nesse sentido, podem ser apontados os seguintes movimentos ou propostas de movimentos de inspiração fascista: Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), Legião Cearense do Trabalho, Partido Nacional Sindicalista e Ação Imperial Patrionovista Brasileira. A década de 1930 foi marcada por uma expansão das ideias radicais de direita no Brasil. As livrarias contavam com abundante literatura relativa ao fascismo italiano e ao novo Estado português. Uma série de livros foi publicada neste período analisando o cenário político brasileiro sob uma perspectiva antiliberal. O surgimento de revistas e de movimentos ideológicos de natureza fascista, monarquista ou corporativista são outro indicativo da receptividade das ideias autoritárias no Brasil dos anos 1930 (TRINDADE, 1979).

A importância desses movimentos e grupos, prossegue Trindade (1979), foi desigual, mas sua ação revela o objetivo de influenciar ideologicamente o Governo Provisório (1930/34). A maior parte desses movimentos assim como dos intelectuais que escreviam nas revistas de inspiração antiliberal e fascista vai se incorporar à AIB. Logo, organizações antiliberais, defensoras da colaboração/conciliação de classes, centradas na figura de um líder supremo e cujos militantes usavam uniformes existiram e/ou foram idealizadas em solo nacional antes da AIB. Por conseguinte, essa organização jamais representou um fenômeno isolado. Longe disso, o sigma foi ao mesmo tempo a cristalização das ideias radicais de direita no Brasil dos anos 1930 e a convergência entre movimentos e intelectuais que comungavam dos mesmos valores (TRINDADE, 1979).

Organizada de modo a cultuar a figura de seu *Chefe Nacional*, Plínio Salgado, a AIB tinha como lema “Deus, Pátria e Família”. A palavra de origem indígena *anauê* era o cumprimento oficial dos integralistas, que a entendiam como “você é meu irmão.” Os membros da AIB trajavam uma camisa verde, gravata e sapatos pretos e calças desta cor ou brancas.

Conforme Dotta (2010) a camisa-verde dos integralistas foi utilizada pela primeira vez em princípios do ano de 1933 no município paulista de Rio Claro. Devido a esse uniforme ficaram conhecidos como “camisas-verdes” em se tratando dos homens e “blusas-verdes” em se tratando das mulheres. Completando a indumentária, havia no braço esquerdo das camisas-verdes a letra grega sigma. O objetivo desse símbolo era indicar que a AIB representava a somatória de todos os elementos do Brasil. O mesmo símbolo, lembravam os integralistas, foi utilizado pelos primeiros cristãos. Defesa de uma sociedade sem conflitos, de um Estado forte e intervencionista, do anticomunismo⁶, de uma hierarquia e disciplina férreas, representação política por classes profissionais, antiliberalismo, nacionalismo e aversão ao pluripartidarismo eram alguns dos principais valores daquela organização.

Segundo Trindade (1979) a AIB se estabeleceu como o primeiro “partido de massas” do Brasil e também como a primeira agremiação partidária de âmbito nacional. Carone (1974) apurou que embora tenha havido tentativas infrutíferas de criação de legendas de atuação nacional, até princípios da década de 1930 os partidos políticos circunscreviam-se às unidades federativas em que haviam sido criados. Durante sua existência legal a AIB difundiu-se de norte a sul do país, ainda que fosse mais bem organizada em algumas regiões. Durante esse período a organização comandada por Plínio Salgado alardeou, dentre outras cifras, que um milhão de brasileiros compunham suas hostes.

A AIB desenvolveu uma estrutura interna bastante complexa, possuindo jornais, regulamentos, hierarquias e códigos de condutas. A título de exemplo, ela estabeleceu um sistema interno de justiça e criou a *Milícia Integralista*. Essa foi um órgão paramilitar com regulamento, patentes e uniformes próprios comandada por Gustavo Barroso. Segundo o *Capítulo IX Da Hierarchia* do regulamento da *Milícia*, aprovado no *I Congresso Integralista Brasileiro*:

XXXIV – Os postos da hierarchia miliciana dividem-se em tres círculos:

1º) Graduados

2º) Officiaes

3º) Officiaes-Generaes

Os Graduados são: *Sub-Decurião, Decurião e Sub-Monitor*,

Os Officiaes são: *Monitor Bandeirante e Mestre de Campo*

Os Officiaes-Generaes são: *Brigadeiro, Tenente-General e Chefe Nacional*.⁷

⁶ Motta (2000) observa que o anticomunismo orientou projetos muito diferentes entre si, a exemplo do fascismo e do socialismo democrático ou do catolicismo e do liberalismo.

⁷ *Monitor Integralista*, num. 06, primeira quinzena de maio de 1934, p. VI.

Internamente a *Milícia Integralista* era composta pelas *decúrias*, *terços*, *bandeiras* e *legiões*. A primeira seria comandada pelos *decuriões* e formada por duas unidades de cinco homens. Cada uma dessas unidades seria comandada por um *subdecurião*. O *terço* seria formado por três *decúrias* e comandado por um *monitor* assistido por um *submonitor*. A *bandeira* seria comandada por um *bandeirante* e formada por quatro *terços* e uma *seção de serviços*. A *legião* seria formada por quatro *bandeiras* e uma *seção de serviços* e seria comandada por um *mestre-de-campo* que seria assistido por uma equipe.

As fontes consultadas revelam que foi em Teófilo Otoni que a *Milícia Integralista*, durante seu período de existência legal, atingiu o maior nível de desenvolvimento em terras mineiras. Em maio de 1934 foi criado nessa cidade o “primeiro Corpo de Cavallaria.”⁸ No mês seguinte foram encomendados 60 cavalos e seus respectivos arreios para a “cavalaria integralista.”⁹ Durante sua existência legal a *Milícia Integralista* também se estruturou preenchendo seus postos hierárquicos, realizando desfiles e oferecendo cursos de formação em Belo Horizonte e em Juiz Fora.

Em abril de 1934 a *Milícia Integralista* do núcleo de Belo Horizonte passou a realizar semanalmente exercícios no parque municipal desta cidade. No mês seguinte aquele órgão realizou (...) um desfile pelas ruas da capital, em homenagem ao Chefe Nacional e aos companheiros que formaram as legiões verdes da grandiosa parada no Distrito Federal.”¹⁰ A partir de junho de 1934 o núcleo da capital mineira passou a oferecer um “Curso de Decuriões.”¹¹ A instrução ocorria duas vezes por semana com duração de duas horas.

O primeiro desfile da *Milícia Integralista* de Juiz de Fora foi realizado¹² em agosto de 1934. Em janeiro do ano seguinte o núcleo dessa cidade divulgou que estavam em andamento as “(...) instruções dominicaes da Milicia. As aulas theoricas para os graduados, e os milicianos que queiram prestar concurso para sub-decuriões e decuriões, têm sido dadas com regularidade na séde do Nucleo com alguma frequencia.”¹³ Porém, em abril de 1935 a *Milícia Integralista* foi extinta por resolução de Plínio Salgado. Essa medida foi um reflexo da Lei de Segurança Nacional promulgada no início daquele mês de abril. Em um de seus trechos a referida lei proibia organizações de cunho paramilitar.

⁸ *Anauê!*, 05/1934, num. 02, p. IV.

⁹ *Anauê!*, 06/1934, num. 03, p. I.

¹⁰ *A Ofensiva*, 07/06/1934, num. 04, p. V.

¹¹ *A Ofensiva*, 05/07/1934, num. 08, p. V.

¹² *A Ofensiva*, 30/08/1934, num. 16, p. V.

¹³ *A Ofensiva*, 24/01/1935, num. 37, p. V.

O ingresso definitivo na organização comandada por Plínio Salgado era efetivado mediante um juramento. Inicialmente este compromisso era formalizado através de um documento escrito. No entanto, os *Protocolos e Directivas da Acção Integralista Brasileira*¹⁴, elaborados durante o *I Congresso Integralista Brasileiro* em 1934, determinaram que o juramento por escrito que os militantes faziam seria substituído por um juramento público. A fórmula desse gesto era a seguinte: “Juro por Deus e por minha honra trabalhar pela Acção Integralista Brasileira, executando sem discutir, as ordens do *Chefe Nacional* e de meus superiores hierarchicos.”

Conforme o jornal *Anauê!*¹⁵, editado na capital mineira, somente ao integralista que já havia prestado seu juramento era facultado o direito de apresentar um novo membro às fileiras do sigma. Aquele deveria se responsabilizar pelo apresentado. Uma vez inscrito na AIB, o futuro camisa-verde atravessava duas fases até se tornar um integralista completo. A primeira era a fase de *integralista-aspirante* e a segunda de *integralista-estagiário*. Durante um mês o novo camisa-verde permanecia na condição de *integralista-aspirante*. Era, porém, facultado ao *Chefe Municipal* estender ou reduzir este período. Transcorridos dois meses o *integralista-estagiário* deveria prestar publicamente o seu juramento. Foi muito comum esses juramentos serem firmados durante a cerimônia de inauguração de um núcleo do sigma, durante concentrações integralistas ou visitas de membros da alta hierarquia da AIB a cidades.

Oficiais e suboficiais das Forças Armadas e membros dos aparatos estaduais de segurança pública estavam isentos do juramento em virtude de resolução¹⁶ expedida pelo *Chefe Nacional*. Essa medida foi adotada porque o Ministério da Guerra proibiu que militares integrassem partidos ou organizações que exigissem juramentos a credos ou a pessoas. A proibição foi estendida às forças públicas estaduais. Todavia, em março de 1938 um soldado da Força Pública que atuava em Lavras, Sul de Minas, sugeriu que os militares ficassem isentos apenas do juramento público. Em suas declarações¹⁷ o soldado afirmou que junto a outro colega de farda prestou seu juramento em uma cerimônia reservada.

Embora houvesse a determinação de que somente integralistas juramentados pudessem apresentar novos membros à AIB esta norma nem sempre era observada. Esta organização manteve-se permanentemente ávida por novos membros. Logo, à exceção do juramento, nem sempre foram observados os prazos e demais condições para ingresso na AIB. Houve, por

¹⁴ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de maio de 1934, num. 06, p IX.

¹⁵ *Anauê!*, 21/07/1935, num. 08, p. IV.

¹⁶ *Monitor Integralista*, 23/08/1935 num. 11, p. V. Resolução num. 100.

¹⁷ APM: [PASTA 3013 {Acir Melgaço} fev. 1938 - jun. 1938](#). Docs. 07 a 09.

exemplo, aqueles que se inscreveram diretamente nos núcleos desta organização ou se inscreviam após assistirem aos comícios do sigma. Documentos¹⁸ do núcleo de Pouso Alto, Sul de Minas, revelam que militantes se inscreveram na AIB e prestaram seus juramentos no mesmo dia.

Os *Rituais e Protocolos da AIB*, estabelecidos em 1937, instruíram os militantes do sigma acerca do uso da camisa-verde. Usá-la constituía uma obrigação a todos os militantes que ocupassem um cargo na AIB quando em exercício desse ou quando presentes em qualquer reunião ou solenidade integralista. Aos demais membros da AIB o uso da camisa-verde era obrigatório durante as concentrações e desfiles integralistas ou em virtude de determinação superior. No entanto, todos os membros do sigma deviam ter sempre ao alcance sua camisa-verde a fim de vesti-la a qualquer momento. Por extensão, todo militante devia ter aquele uniforme em sua mala ainda que estivesse em viagem particular.

Embora trajar a camisa-verde não fosse uma imposição a todos os integralistas, esses militantes deviam ostentá-la, o que ultrapassava muito o simples ato de vesti-la. Portanto, mais do que um uniforme, a camisa-verde deveria ser motivo de orgulho para os adeptos do sigma. Orgulhar-se dela, inclusive, era uma das determinações constantes nos *Rituais e Protocolos da AIB*. “A CAMISA VERDE não é um simples uniforme, mas sim, o símbolo do renascimento de uma PATRIA!”¹⁹. Os integralistas advogaram ainda que usar a camisa-verde era um ato de coragem, sobretudo naquelas localidades em que eles eram alvos de violências e perseguições. Conforme o trecho abaixo:

A camisa verde-oliva, trazida com orgulho e com fé, por si mesma é um protesto e um desafio contra os subterfugios e as mentiras da Liberal Democracia, que ha 40 anos infelicitava o Brasil, com manobras políticas de interesse pessoal, cheia de dissimulações e engodos, com que esconde sua completa fallencia.

O INTEGRALISTA proclama continuamente a sua attitude, com desassombro, e mostra sua camisa como o soldado digno enverga a farda, como o Sacerdote veste a batina do seu apostolado.²⁰

O discurso integralista preconizava que as crianças filhas dos militantes desejavam trajar logo que possível a camisa-verde. Segundo essa narrativa muitos desenganados estabeleciam como seu último desejo descerem a terra com o referido uniforme. Na cidade mineira de Itambacuri²¹, Vale do Rio Doce, um integralista de oitenta anos foi sepultado com sua camisa-

¹⁸ [PASTA 4873 Pouso Alto - integralismo jun. 1935 - mar. 1943](#). Docs. 68 a 74.

¹⁹ [PASTA 4542 {Carangola - Integralismo} abr. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 11.

²⁰ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. IV.

²¹ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. II.

verde, pois esse teria sido seu último desejo. Na capital mineira, outro adepto do sigma também estabeleceu²² como seu último desejo ser sepultado com a camisa-verde.

Um artigo na revista *Anauê!* atribuiu bravura e heroísmo àquele integralista da capital mineira. Escrito por Osolino Tavares, então *Secretário Provincial de Organização Política*, aquele artigo postula que antes de falecer o militante “nos delírios da violenta febre, (...) exigia que lhe trouxessem a camisa verde. Sereno e estoico, uma tarde fechou os olhos, concitando os seus a entrarem para as fileiras do Sigma.”²³ O trecho abaixo, embora igualmente pouco crível, reforça o valor da camisa-verde para os integralistas. Observe:

(...) um menino paranaense, de cinco annos de idade, fez-se adepto da Doutrina do Sigma. Vestiu pela primeira vez a camisa verde com o enthusiasmo arrepiante que se apodera de nós todos nesse momento unico.

Pouco tempo depois adoeceu o pequeno integralista e era submetido a tratamento com dolorosas injecções, as quaes, de labios cerrados e com os olhos inundados em lagrimas, suportava sem um gemido.

Alguem, admirando-se daquelle esforço commovente, falou sobre a valentia do doentinho que não cedia a calma apparente pelas lamentações tão naturaes. E elle justificou-se, com sua voz límpida como um sentimento puro, entrecortada de dores irresistíveis: “Integralista não chora”...

Passam-se dois dias. O pliniano heroico pede que lhe vistam a camisinha verde. Despede-se dos presentes com um anauê! que era o derredeiro suspiro de alivio, e morre.²⁴

Publicado sob o título de “Pliniano heroico” o excerto acima foi narrado pelo *Chefe Nacional* do integralismo. Uma vez que a camisa-verde devia ser trajada com orgulho, não poder vesti-la, fosse devido à proibição policial ou por determinação da própria AIB, constituía um sacrifício para muitos integralistas. Suspender o uso da camisa-verde por um determinado período era um modo de punir aqueles militantes que incorressem em alguma falha. Embora houvesse a determinação de trajar com orgulho a camisa-verde, muitos se abstiveram de ingressar formalmente na AIB por temer a reação de poderosos ou algum tipo de ônus em suas vidas.

Os *Rituais e Protocolos da AIB* traziam algumas restrições quanto ao uso daquele uniforme. Essa normatização determinava que não se devia usar aquela vestimenta durante o carnaval. Proibia que os integralistas, quando trajassem a camisa-verde, ingerissem bebida alcoólica em público, participassem de jogos de azar ou os assistissem. Aquele documento estabelecia que em caso de prisão motivada pela má-conduta do integralista, esse deveria solicitar à autoridade policial que lhe permitisse retirar a camisa-verde. No entanto, se a

²² *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. III.

²³ *Revista Anauê!*, 10/1935, num. 04.

²⁴ *Anauê!*, 05/01/1936, num. 13, p. II.

detenção fosse por razões políticas o integralista devia manter sua camisa-verde como sinal de resistência.

Como é típico de fenômenos que se entendem como revolucionários, a organização comandada por Plínio Salgado arrogou-se no direito de estabelecer um calendário próprio. Travava-se da *Era Integralista*, cujo ano inicial era 1932 com o surgimento da AIB através de seu documento inaugural. No interior desse calendário estavam os *feriados integralistas*. Dois deles eram o *7 de Outubro* e o *23 de Abril* que segundo *Monitor Integralista*²⁵ eram respectivamente: *Dia do Manifesto* e *Dia da camisa-verde*. Conforme aquele periódico oficial do sigma, o primeiro daqueles feriados justificava-se porque foi naquele dia que o *Manifesto de Outubro* foi publicado e distribuído em São Paulo. Referindo-se àquele documento em uma preleção no núcleo de Rio Casca, Zona da Mata, um camisa-verde estabeleceu:

7 de Outubro de 1932:

O povo brasileiro recebe nesta data o documento básico de estruturação do maior movimento político do continente: o manifesto de Outubro.

O que é isto? O manifesto de Outubro é mais do que a profissão de fé de um homem, é mais do que o original de alarma de um perigo iminente. É mais do que um programma ou um projectinho de políticos.

O manifesto de Outubro, meus senhores, é o próprio grito angustiada da alma dilacerada do povo brasileiro, conclamando às energias sãs, aos espíritos bem formados, aos honestos, aos honrados, a se abrigarem numa prodigiosa força de coesão, e debaixo da mesma bandeira, sob a inspiração divina de Jesus Christo, luctarem com denodo e coragem, até expulsarem com o chicote da sua cultura e da sua força os vendilhões dos princípios sagrados que norteiam o espírito do homem de brios Deus, Patria e Família.²⁶

A publicação do *Manifesto de Outubro* foi mais um evento a que a narrativa da AIB atribuiu desmedida estatura. Frequentemente essa retórica postulava que um discurso do *Chefe Nacional* ou outro acontecimento ligado à AIB seria solenizado por gerações futuras. Um desses eventos era a primeira marcha integralista, realizada no município de São Paulo. Datada de 23 de abril de 1933 aquela ação foi convertida no *Dia da camisa-verde*, mais um dos feriados do sigma. Nesse dia os militantes deveriam executar o ritual intitulado *Matinas de Abril*. O *Chefe Nacional* da AIB argumentou que “por todos os tempos, nesta data, os camisas-verdes e seus descendentes realizarão essa cerimonia.”²⁷

Datas comemorativas como o 1º de Maio e também de natureza religiosa e cívica, a exemplo do Natal, dia da Bandeira e Sete de Setembro também eram bastante caras à AIB. Essas datas ofereciam aos integralistas o ensejo de se apresentarem à sociedade tal como se

²⁵ *Monitor Integralista*, num. 13, janeiro de 1936, p. V.

²⁶ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Docs. 109 e 110.

²⁷ *A Offensiva*, 23/04/1937, num. 470, p. II.

autoconcebiam, ou seja, como homens e mulheres patriotas e piedosos. Em Minas devido a proibições das delegacias locais as cerimônias alusivas àquelas datas ocorriam, sobretudo, no interior dos núcleos.

Mas, aquelas datas de natureza cívica e religiosa eram ocasiões em que os militantes do sigma tentavam se aproximar da sociedade. Logo, esforçavam-se por participar junto a esta de celebrações e desfiles, missas e procissões. Por meio de seus uniformes, palavras de comando e desfiles os integralistas tentavam mostrar à sociedade a força e a organização da AIB. Entretanto, foi comum esses militantes serem impedidos por delegados locais de se incorporarem a procissões e de realizarem desfiles.

Em novembro de 1936 integralistas de Areado, Sul de Minas, comunicaram²⁸ ao delegado local que iriam assistir à cerimônia pública de hasteamento da bandeira. Prontamente aquela autoridade policial indeferiu o desejo dos camisas-verdes. Mas, em carta ao Chefe de Polícia a delegacia de Areado afirmou que permitiu que os referidos militantes se reunissem “(...) na séde, mesmo assim, em virtude de estar o Núcleo desta Cidade, acobartado por mandado de segurança, concedido pelo Dr. Juiz de Direito de Alfenas.”²⁹

Gonçalves e Simões (2012) observaram que além dos deveres para com a pátria, os camisa-verdes acreditavam-se no dever de prestar assistência e socorro a todos os brasileiros. Dessa forma, empenharam-se em oferecer lactários, ambulatórios e ações de cunho beneficente à sociedade. Entretanto, essas medidas constituíam uma das estratégias da AIB para conquistar mais adeptos (GONÇALVES e SIMÕES, 2012).

O Natal oferecia aos militantes do sigma um ensejo para intensificarem e dar maior visibilidade a suas ações beneficentes. As blusas-verdes eram as protagonistas dessas ações. Essas militantes começavam a confeccionar as vestimentas e brinquedos com meses de antecedência. Paralelamente, adquiriam esses itens com recursos próprios e os solicitavam como doação àqueles que não eram integralistas. Em maio de 1937, por exemplo, a *Secretaria de Assistência Social* do núcleo de Ponte Nova, Zona da Mata, distribuiu ofícios³⁰ à população solicitando agasalhos e donativos para o lactário que mantinha. Foram comuns as doações aos núcleos integralistas feitas por elementos alheios ao sigma.

As blusas-verdes também organizavam eventos a fim de angariar recursos para as suas ações de caridade. No município de Leopoldina, Zona da Mata, blusas-verdes realizaram em dezembro de 1935 uma feira com o intuito angariar recursos para a distribuição de gêneros

²⁸ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 131.

²⁹ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 130.

³⁰ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 197.

alimentícios, vestimentas e brinquedos no Natal. Durante a tarde desse dia houve uma visita à penitenciária local. Naquele mesmo dia:

A's 18 horas, 300 crianças pobres, reunidas em torno de uma bella arvore de Natal, olhavam com olhos cubiçosos os brinquedos lindos, que seus cerebrosinhos de pobres sempre ambicionaram, o que, finalmente, iam conquistar.

Antes, porém, precisavam de saber quem lhes mandava dar aquelas coisas, o que é Integralismo, quem é o Chefe Nacional e o que o Integralismo quer realizar no Brasil. O Chefe Municipal, em palavras simples e compreensíveis doutrinou e foi, na verdade, um espetaculo maravilhoso ouvir-se daquellas boquinhas de crianças mirradas e tristes o grito unisono de: Plínio Salgado ! Plínio Salgado !³¹

Em 1935 o *Departamento Municipal Feminino* da AIB em Diamantina encenou uma peça de teatro a fim de angariar recursos para o *Natal dos Pobres*³². Mediante sorteio doces e brinquedos foram distribuídos a crianças pelas blusas-verdes daquela cidade. Houve também uma visita à penitenciária local e distribuição de gêneros alimentícios e cigarros aos detentos. Assim como em outros municípios, crianças e presidiários em Diamantina ouviram discursos antes de receberem as doações da AIB.

Esses discursos eram proferidos sobretudo pelos camisas-verdes, enquanto as militantes ocupavam lugar central no levantamento e organização de recursos para as ações de caridade. Assim foi feito também durante o *Natal dos Pobres* de 1936 realizado pelo núcleo de Mercês, Zona da Mata. Antes da distribuição de gêneros alimentícios um camisa-verde:

(...) dirigiu-se, numa linguagem simples áquelles miseraveis explicando-lhes o fim daquella solemnidade e desmentindo um boato que os inimigos do Sigma tinha feito correr, que tínhamos recebido do governo um auxílio para o Natal dos Pobres que pela primeira vez foi feito neste Municipio. Por mais de uma hora aquelles infelizes ouviram em silencio religioso o orador, ficando impresionadíssimos com o Integralismo.³³

As datas cívicas, por sua vez, eram uma ocasião para os membros da AIB demonstrarem seu patriotismo à sociedade por meio de desfiles e hasteamentos de bandeiras. No dia Sete de Setembro de 1935 camisas-verdes de Santa Rita do Sapucaí, Sul de Minas, foram ao núcleo local presenciar a cerimônia de hasteamento das bandeiras nacional e do sigma. Após essa solenidade os integralistas católicos foram a uma missa campal em que as escolas daquele município celebravam a data cívica. Durante a tarde desse dia houve um desfile composto por militantes de Santa Rita do Sapucaí, Itajubá, Maria da Fé e da cidade Paulista de São Bento do

³¹ *A Offensiva*, 11/01/1936, num. 87, p. VIII.

³² *Anauê!*, 22/01/1936, num. 14, p. III.

³³ *A Offensiva*, 21/02/1937, num. 419, p. XV.

Sapucaí. Conforme os integralistas este desfile foi realizado “numa disciplina e numa ordem verdadeiramente militar, o que causou a melhor das impressões.”³⁴ No ano de 1936 conforme o jornal *A Offensiva* ‘as únicas comemorações do “Dia da Patria”, em Santa Rita de Sapucahy foram integralistas.’³⁵ Estas solenidades, afirmaram os militantes, teriam se realizado apesar das perseguições do delegado local.

A prática integralista de se incorporar a séquitos religiosos e a solenidades cívicas foi mais comum até 1935. A vigência do Estado de Sítio em novembro deste ano e do Estado de Guerra a partir de março do ano seguinte impediu constantemente os adeptos do sigma de realizarem seus desfiles e acompanharem procissões. No que tange aos desfiles os camisas-verdes passaram a realizá-los em campos fechados.

Em relação às solenidades os camisas-verdes passaram a realizá-las em seus núcleos ou em cineteatros, enfim, em recintos fechados. Em abril de 1937 o subnúcleo de Soledade, ligado ao município sul-mineiro de Caxambu, realizou em sua sede uma “(...) sessão solemne em homenagem aos Martyres da Inconfidência Mineira.”³⁶ Porém, havia localidades que ou não contavam com delegacias ou que as autoridades locais não cerceavam o integralismo. Nessas localidades os camisas-verdes promoveram desfiles e incorporaram-se a procissões mesmo durante a vigência do Estado de Guerra.

Assim como tentou instituir um calendário próprio, a AIB esforçou-se por erigir um culto à memória dos *Mártires Integralistas*. Esses foram camisas-verdes fatalmente vitimados por tiros durante conflitos e desfiles. A retórica do sigma imputava a comunistas a autoria daqueles disparos mortais. Fagundes (2012) estudou a instrumentalização que a AIB fez dessas mortes. Esse historiador observou que os rostos e as histórias dos *Mártires* eram divulgados pelas publicações integralistas de forma semelhante ao que é feito pela Igreja Católica em seus vitrais. Os objetivos da AIB eram cultivar a noção de que a morte sacrificial era um modelo a ser seguido e potencializar atos de coragem da militância (FAGUNDES, 2012).

Embora não tenham falecido em decorrência de conflitos com adversários, dois camisas-verdes de Minas tornaram-se *Mártires Integralistas*. Ambos tinham 22 anos de idade e pertenciam ao núcleo de Belo Horizonte. Em março de 1937 aqueles militantes compunham uma bandeira com destino à cidade de Nova Lima, região Central. Entretanto, um acidente com o veículo que os levava os transferiu para a *Milícia do Além*. Esse era o modo como os integralistas referiam-se à vida após a morte. Em seu despacho o *Chefe Nacional* considerou

³⁴ *A Offensiva*, 28/09/1935, num. 72, p. X.

³⁵ *A Offensiva*, 18/09/1936, num. 288, p. IV.

³⁶ APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Doc. 72.

que a zona para onde aqueles dois militantes falecidos se dirigiam “(...) era minada de elementos comunistas, e que, a despeito de todas as ameaças, era enfrentada por uma bandeira integralista, dando assim os dois inditosos companheiros prova de abnegação e coragem.”³⁷

Paralelo ao calendário e à tentativa de estabelecer um culto aos *Mártires* a AIB esforçou-se em prestar assistência médica à população. Nesse caso militantes que eram farmacêuticos, dentistas e médicos atendiam às pessoas com menor condição financeira gratuitamente ou a preços reduzidos. Mas, não foram todos os núcleos de Minas que ofereceram esses serviços.

A AIB também se empenhou em alfabetizar seus militantes, os filhos desses e a população em geral. Além dos cursos de alfabetização, havia aqueles de corte e costura, economia doméstica, história do Brasil, matemática e datilografia. A retórica do sigma postulava que estes cursos eram franqueados a toda população. Acrescentava que os frequentadores não eram indagados sobre suas orientações políticas. Mas, ainda que não houvesse constrangimento sobre aqueles que não devotavam-se ao *Chefe Nacional*, os cursos oferecidos pelos núcleos eram balizados pela grade de leitura integralista.

Esses cursos e turmas de alfabetização eram chamadas pelos camisas-verdes de *Escolas Integralistas*. Essas recebiam os nomes daqueles por quem a AIB nutria admiração e tinha como heróis nacionais. O núcleo de Raul Soares, Zona da Mata, havia criado a *Escola Integralista Pedro II*. Conforme o discurso da AIB a população daquela cidade não apenas tinha simpatia pelo integralismo, como também:

(...) acolheu com visível interesse a medida da criação dessa escola, que se destina ao ensino das diversas disciplinas que constituem o curso primário.

Há, em toda essa região da Zona da Mata muito entusiasmo pelo integralismo que, em menos de um anno, conseguiu elevado numero de adeptos e conta com mais de 10 nucleos em perfeito funcionamento.³⁸

Em março de 1937 o núcleo de Ouro Preto, região Central, fundou a sua *Escola Integralista*, que batizou com o nome do médico Oswaldo Cruz. Segundo *A Offensiva* o núcleo ouro-pretano oferecia o “(...) curso seriado, primario, de admissão aos gymnasios e escolas normaes, e de matérias avulsas dos cursos complementares e das escolas superiores.”³⁹ O núcleo de Ouro Fino, Sul de Minas, mantinha a *Escola Integralista Euclides da Cunha*⁴⁰ que, em outubro de 1937, registrou a frequência de quarenta alunos.

³⁷ *Monitor Integralista*, 12/05/1937, num. 19, p. VI.

³⁸ *Anauê!*, 21/08/1935, num. 09, p. IV.

³⁹ *A Offensiva*, 10/03/1937, num. 433, p. I.

⁴⁰ APM: [PASTA 4793 Ouro Fino - integralismo jun. 1935 - jun. 1943](#). Doc. 08.

As *Escolas Integralistas* também receberam os nomes de figuras históricas de maior relevo em cada estado. Vultos como Tiradentes e Santos Dumont eram reverenciados em âmbito nacional pela AIB. Porém, foi mais comum em Minas as *Escolas Integralistas* receberem os nomes daquelas figuras. Em abril de 1937 durante as celebrações do 21 de abril camisas-verdes de Alfenas, Sul de Minas, inauguraram a “Escola Tiradentes.”⁴¹

Até o final de 1936 *Escolas Integralistas* também receberam o nome do *Chefe Nacional* e de outras lideranças da AIB. Membros dessa organização em Brazópolis, Sul de Minas, comunicaram⁴² ao jornal de mesmo nome, editado pela Câmara Municipal, que haviam aberto a *Escola Plínio Salgado*. Segundo aqueles militantes essa destinava-se a todos os analfabetos da cidade, integralistas ou não. Porém, em janeiro de 1937 a *Resolução n° 202* proibiu “nomes de pessoas vivas em instituições integralistas.”⁴³

Datas especiais ao sigma como o 23 de abril e o 7 de outubro também batizaram *Escolas Integralistas*. Porém, o mais comum foi essas receberem os nomes daqueles que tombaram em razão de sua militância. Fagundes (2012, p. 906) advoga que com essa prática a AIB visava “(...) cristalizar na memória coletiva de seus militantes as lembranças de seus mártires (...)”

Em maio de 1935 o núcleo de Cambuquira, Sul de Minas, anunciou⁴⁴ que mantinha a *Escola Schoeder* em respeito ao quarto *mártir* integralista, vitimado no Rio Grande do Sul. O núcleo distrital de Presidente Pena, Vale do Mucuri, também oferecia um curso de alfabetização cujo nome homenageava aquele camisa-verde. Em maio de 1936 aquele núcleo distrital anunciou que ‘com grande frequência de alumnos, está funcionando diariamente a Escola Integralista “Luiz Schiroeder” que a mais de um anno vem batalhando contra o analfabetismo.’⁴⁵

Em Barbacena, região Central, camisas-verdes donos de uma propriedade rural fundaram nessa uma *Escola Integralista* ‘que tomou a denominação de “Caetano Spinelli”, o grande martyr do Integralismo.’⁴⁶ Em novembro de 1936 houve em Carangola a fundação da ‘Escola de alfabetização “Alberto Sechin”, bem como da Escola de Corte e Costura.’⁴⁷ Em junho de 1937 o núcleo de Viçosa, Zona da Mata, fundou a ‘(...) escola de alfabetização “Emmanoel Duarte Silveira”, em homenagem ao martyr de Therezopolis.’⁴⁸

⁴¹ *A Offensiva*, 24/04/1937, num. 471, p. II.

⁴² *Brazópolis*, 20/10/1935, num. 587, p. II.

⁴³ *Monitor Integralista*, 20/02/1937, num. 17, p. V.

⁴⁴ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. IV.

⁴⁵ *A Offensiva*, 24/05/1936, num. 190, p. XIII.

⁴⁶ *A Offensiva*, 30/09/1936, num. 298, p. I.

⁴⁷ *A Offensiva*, 11/12/1936, num. 335, p. II.

⁴⁸ *A Offensiva*, 30/06/1937, num. 527, p. III.

A AIB também fundou vários jornais e algumas revistas e manteve, inclusive, um jornal oficial do sigma. Tratava-se de *Monitor Integralista*, que a partir de seu número inicial em dezembro de 1934 publicou os estatutos da AIB, regulamentos de cada *Secretaria Nacional*, nomeações e exonerações dos cargos internos, circulares relativas à maneira como os integralistas deveriam se portar nas eleições, etc.

Segundo Carone (1974), em abril de 1933 a organização comandada por Plínio Salgado obteve seu registro como legenda política junto ao Superior Tribunal Eleitoral (STE). Em 1934 a AIB concorreu às eleições para compor as assembleias estaduais e, indiretamente, os governos de cada estado. Nesses dois pleitos, contudo, os resultados eleitorais alcançados pelo sigma foram pouco significativos em todo o Brasil (CARONE, 1974). A AIB ainda concorreu às eleições para compor as Câmaras municipais, realizadas em 1935 ou 1936, a depender o estado. Finalmente, almejou o Executivo Nacional ao apresentar a candidatura de Plínio Salgado às frustradas eleições de janeiro de 1938.

O discurso da AIB sustentava que essa organização crescia ininterruptamente, assegurava que juízes, escritores, prefeitos, intelectuais e militares ingressavam nas fileiras verdes a todo instante. Enfim, o discurso integralista afixou que a vitória de Plínio Salgado era uma certeza. Ao longo de 1937 os militantes intensificaram esse discurso, arvorando que a ascensão do integralismo ao poder era iminente e inevitável.

Cavalari (1999) advoga que embora não tenham possuído um programa fixo e um horário regular, os integralistas também lançaram mão do rádio para veicularem suas mensagens. Em quatro ocasiões Plínio Salgado discursou naquele meio de comunicação. A primeira delas foi em abril de 1935 devido ao ritual integralista *Matinas de Abril*. A segunda em agosto de 1937 por ocasião do lançamento de sua candidatura à presidência. Em sete de outubro daquele ano voltou a discursar no rádio por ocasião do quinto aniversário da AIB. A última vez em que o *Chefe Nacional* discursou no rádio foi no dia primeiro de novembro de 1937. Nessa ocasião proferiu um discurso em apoio a Vargas, dias antes que este decretasse o Estado Novo (CAVALARI, 1999).

Esses discursos, prossegue Cavalari (1999), eram aguardados com bastante expectativa pelos camisas-verdes. Reuniões eram marcadas para se ouvir as palavras do *Chefe Nacional*, que eram retransmitidas para a população através de autofalantes colocados fora dos núcleos integralistas. Outras lideranças do sigma também discursavam antes de Plínio Salgado. A AIB intensificou o uso do rádio no segundo semestre de 1937, quando se aproximavam as eleições presidenciais (CAVALARI, 1999).

Todavia, com a conivência do *Chefe Nacional*, Getúlio Vargas desferiu um golpe de Estado em novembro de 1937. Inicialmente muitos integralistas em Minas acreditaram que havia chegado o tão esperado triunfo do sigma. Porém, no mês seguinte àquele golpe o presidente decretou o fechamento de todos os partidos políticos, incluindo a AIB. Os adeptos do sigma opunham-se ao pluripartidarismo e àquela altura muitos ainda acreditavam que se beneficiariam da nova ordem política. Entretanto, o golpe que inaugurou o Estado Novo trouxe consigo uma nova onda de repressão ao integralismo. Com o decreto que proibia a existência de partidos políticos, os núcleos do sigma foram fechados e em Minas Gerais muitos deles tiveram seus documentos, arquivos, objetos e mobiliários apreendidos.

A solução encontrada pelo *Chefe Nacional* da AIB foi transformar esse movimento político na Associação Brasileira de Cultura (ABC). A medida, porém, não refreou a perseguição que se abatia contra o sigma. Além disso, em Minas Gerais a nova organização sequer saiu do papel.

Em maio de 1938, acreditando que deflagrariam um movimento que se espalharia pelo Brasil, integralistas no então Distrito Federal promoveram uma tentativa de golpe de Estado. Os camisas-verdes não estavam sozinhos. Alguns daqueles que estavam insatisfeitos com o Estado Novo e/ou foram excluídos desse regime prometeram apoio àqueles militantes e, efetivamente, participaram das conspirações. Sucintamente, a manobra golpista previa a tomada do Palácio da Guanabara, a execução de Vargas, a prisão de membros do alto escalão das Forças Armadas, a invasão de quartéis a fim de se paralisar tropas e de se obter armas e o controle de rádios e difusão de notícias falsas. Uma vez que o Distrito Federal estivesse em poder do sigma, manobras golpistas deveriam se alastrar pelo Brasil.

Todavia, muitos daqueles que se comprometeram com a tentativa de golpe na capital do país faltaram à palavra empenhada e sequer compareceram a seus postos no dia da manobra. Essa foi rapidamente sufocada, determinando a proscrição do integralismo. A fragilidade da manobra golpista depõe contra o discurso de que a AIB desfrutava de grande pujança até 1937. A repressão ao integralismo não apenas foi intensificada, como muitos dos que militaram pela AIB passaram a renegar pública e intensamente a camisa que vestiram.

Em 1942, com a declaração brasileira de guerra às potências do Eixo, a vigilância em Minas sobre antigos camisas-verdes foi reativada em alguns casos e intensificada em outros. Mais uma vez os antigos militantes renegaram o sigma. Fazê-lo já havia se tornado uma estratégia para não ser incomodado pela polícia. Após o *Putsch* o integralismo jamais foi o mesmo em Minas Gerais, bem como de resto em todo o país. Paralelamente, em fins de 1945 a

ditadura do Estado Novo foi encerrada com a deposição de Vargas. O caminho estava aberto à redemocratização do Brasil. Ainda em fins daquele ano legendas políticas obtiveram seu registro eleitoral.

Segundo Dotta (2012) o Partido de Representação Popular (PRP) foi fundado em 1945 por orientação de Plínio Salgado, que ainda estava em Portugal. Contudo, a derrota dos regimes fascistas europeus e a denúncia dos crimes que estes perpetraram levou o PRP a abdicar dos símbolos, exterioridades, cumprimentos, hierarquias e bandeiras mantidas pela AIB. Os novos tempos já não permitiam uma legenda política com claras simpatias pelo fascismo. Os tempos eram outros e os antigos integralistas, o antigo *Chefe Nacional* e o PRP jamais alcançaram o prestígio dos tempos do sigma. A nova legenda comandada por Plínio Salgado seria extinta, junto aos demais partidos políticos, em outubro de 1965 pela Ato Institucional número dois (AI-2) (DOTTA, 2012).

1.2 – Ação Integralista Brasileira: estruturas e funcionamento

Feito esse breve resumo sobre a trajetória da AIB é preciso compreender como ela se estruturou ao longo dos anos. Essa organização seguiu estatutos provisórios até o ano de 1934. Porém, de sua fundação à extinção a AIB continuamente elaborou e reelaborou sua estrutura interna. Conseqüentemente, órgãos eram criados ou extintos, mudavam de nome, acumulavam ou perdiam funções. As reuniões dos núcleos integralistas e a organização desses seguiam protocolos minuciosos. A correspondência entre os militantes deveria ser timbrada e encerrada pela fórmula “Pelo bem do Brasil!” A saudação entre os camisas-verdes foi minuciosamente detalhada prevendo-se várias hipóteses, dentre elas, os casos em que o militante estivesse a cavalo, de bicicleta ou, por razão de moléstia, acamado e impossibilitado de se levantar.

Estatutos e protocolos regiam até mesmo os batismos, casamentos e funerais dos camisas-verdes. Dessa maneira, a AIB esforçava-se por estar presente e controlar tanto a vida pública quanto a vida privada de seus adeptos. Logo, não é possível compreender a organização liderada por Plínio Salgado sem ter conhecimento de como ela se estruturou internamente.

O primeiro⁴⁹ estatuto da AIB foi aprovado no *I Congresso Integralista Brasileiro*, realizado entre os dias 28 de fevereiro e três de março de 1934 em Vitória, Espírito Santo. “Nesse tempo a Acção Integralista contava cerca de 150.000 adeptos em todo o paiz. Naquelle Congresso foram aprovados os Estatutos definitivos da A. I. B. e organizadas Secretarias

⁴⁹ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de maio de 1934, num. 06, pp. III-VI.

Nacionaes.”⁵⁰ Essa organização ficou dividida nos seguintes *Departamentos Nacionais: Organização Política, Doutrina, Propaganda, Cultura Artística, Milícia, Finanças e Justiça*. Cada um desses possuía um regulamento próprio que, além de subdividi-los em departamentos *provinciais* e municipais, estabelecia seções internas, cargos e incumbências.

Foi também durante aquele encontro na cidade de Vitória que foram aprovados os *Protocollos e Directivas* da AIB. Esse documento estabelecia com minúcias como seriam executados os cumprimentos e reuniões, a inscrição de novos camisas-verdes, a exclusão destes, como seriam organizados os núcleos integralistas, como seriam os funerais dos militantes, etc.

Além daqueles *Departamentos Nacionais*, foi criado o *Conselho Nacional*, órgão que deveria auxiliar o *Chefe Nacional* em algumas de suas decisões. Segundo Trindade (1979) o *Conselho Nacional* não possuía poderes decisórios. Além disso, por ser formado pelos *Secretários Nacionais* e pelos *Chefes Provinciais* a convocação desse órgão era inviável.

O segundo estatuto⁵¹ da AIB foi elaborado durante o *II Congresso Integralista Brasileiro*. Esse evento foi realizado em Petrópolis, Rio de Janeiro, entre os dias sete e dez de março de 1935. Os *Departamentos Nacionais* passaram a se chamar *Secretarias Nacionais*, que foram: *Doutrina, Propaganda, Educação Moral e Física, Cultura Artística, Finanças e Organização Política*. Um novo regulamento foi elaborado para cada um desses órgãos e publicado em *Monitor Integralista*.

Uma das mudanças foi a extinção⁵² da *Milícia Integralista* e, naturalmente, de seu *Departamento Nacional*. Em lugar deste foi instituída a *Secretaria Nacional de Educação Moral, Cívica e Física (SNEMCF)* também comandada por Gustavo Barroso. Esse órgão, porém, foi uma tentativa de conferir nova roupagem à *Milícia Integralista*. O regulamento da *SNEMCF* determinava o funcionamento de um ‘Serviço de Vigilância e Informações (S.V.I.) que se processará dentro dos seus dispositivos estruturales, mas, que agirá sobretudo em proveito das demais Secretarias da “Ação Integralista Brasileira”.’⁵³

Este trabalho apurou no município sul-mineiro de Três Corações um registro de vigilância praticada por integralistas. Em fevereiro de 1936 o *Chefe Municipal de Polícia* dessa cidade enviou ao “companheiro chefe do Departamento Provincial de Polícia” o seguinte documento:

⁵⁰ *A Offensiva*, 07/02/1935, num. 39, p. IV.

⁵¹ *Monitor Integralista*, 07/05/1935, num. 10, pp. VII-VIII.

⁵² Extinta pela *resolução* 92 da *Chefia Nacional* em 10/04/1935. Ver: *Monitor Integralista*, 07/05/1935, num. 10, p. V.

⁵³ *Monitor Integralista*, 25/08/1935, num. 11, p. VIII.

Os communistas existentes nesta cidade, - os principaes – ja foram fichados por este Departamento; cujas fichas ja vos foram remetidas, as de Ns. 1, 2, 3, e 4 estando este ultimo fichado ausente desta cidade, em goso de férias.

Quanto aos maçons, informo-vos que aqui não ha “loja” o que dificulta descobri-los.

Cogitou-se uma vez de sua fundação; investigando, consegui apurar que eram elementos de fora, de outra cidade e que ja tinham se retirado sem realizarem seu intento. Estiveram nesta cidade apenas um dia, o que impediu fossem identificados por este D.M.P.

Judeus temos dois aqui, dos quaes enviar-vos-ei fichas em tempo oportuno, não o fazendo agora por não estarem completas.

(...)

Tenho me desdobrado em sindicancias para localizar o ponto de reunião dos vermelhos, fazendo patrulhas até altas horas da noite em companhia de dois companheiros, meus auxiliares, mas têm sido infructíferas, motivo pelo qual admito a hipothese de que eles não se reúnem. São uns communistas exquesitos, compram e lêm jornaes e livros communistas, mas não fazem propaganda de especie alguma.

Certa vez, em conversa com o Delegado daqui declarou-nos elle ter uma lista de todos os communistas daqui, só não os prendendo por se tratar de uns idiotas, incapazes, senão metel-os-ia na cadeia.⁵⁴

O trecho supracitado foi a resposta a uma circular do *Departamento Provincial de Polícia*. Não foi possível identificar quando esse documento foi expedido. É certo, porém, que o foi meses após a extinção da *Milícia Integralista*. Em cada localidade onde houvesse um núcleo do sigma, o *Departamento Provincial de Polícia* desejava apurar se existiam e identificar: os comunistas, intelectuais, maçons, judeus, sindicatos, jornais e seções do Ministério do Trabalho.

Além de atividades de vigilância previstas em estatuto, na *SNEMCF* os camisas-verdes continuaram sendo divididos segundo a idade e em grupos sob o comando de um superior. Os postos da *Milícia Integralista* como *tenente-general*, *mestre de campo*, *monitor* e *decurião* passaram a existir veladamente, pois receberam novas denominações. Todavia, em Minas Gerais não foram incomuns referências a termos e postos que aludiam à *Milícia Integralista* após a extinção deste órgão.

Em novembro de 1936 a delegacia de Areado enviou ao DOPS-MG uma relação⁵⁵ dos integralistas dessa cidade. “Chefe de Polícia Municipal” e “Delegado e Chefe dos Investigadores-Secretas” foram observações que ladeavam o nome de dois militantes. “Investigador e secreta” foi a classificação atribuída a outros 21 integralistas e a duas blusas-verdes.

Em abril de 1937 foi inaugurado um núcleo do sigma em Araguari, Triângulo Mineiro. Conforme publicado por *A Offensiva*, jornal integralista de circulação nacional, um dos

⁵⁴ APM: [PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Docs. 152, 153.

⁵⁵ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Docs. 51 a 78.

presentes naquela cerimônia foi o *Chefe de Polícia*⁵⁶ daquele núcleo de Araguari. Existem outras alusões a esse posto em documentos produzidos por núcleos mineiros após a extinção da *Milícia Integralista*.

Igualmente comuns na documentação pesquisada são as referências ao termo *miliciano*. O subnúcleo de São Bento Abade, ligado a Três Corações, registra ocorrências de integralistas classificados como *milicianos* em abril de 1937. Nessa data esse subnúcleo fez uma breve avaliação de seus membros. Alguns dos camisas-verdes foram classificados como *milicianos*. Em relação a um dos membros há a seguinte observação: “não quis ser Miliciano apesar de ser forte e moço.”⁵⁷ Mesmo o termo comandante continuou a ser utilizado pelos integralistas para se referirem a Gustavo Barroso após a extinção da *Milícia Integralista*.

Bertonha (2009) pondera que a extinção da *Milícia* foi uma estratégia da AIB para não se enquadrar como alvo da Lei de Segurança Nacional. Além dessa medida, a organização comandada por Plínio Salgado teceu um discurso em que enfatizava sua total renúncia à violência. A Lei de Segurança Nacional podia se voltar contra a AIB e essa organização não detinha forças suficientes para sozinha, usurpar o poder. Logo, era preciso veicular o discurso de que o sigma era pacífico (BERTONHA, 2009).

Outra mudança instituída pelo novo estatuto, elaborado em Petrópolis em 1935, foi o caráter de partido político formalmente assumido pela AIB. Não obstante, esta organização se revelou contraditória, pois ao mesmo tempo em que recusava o caráter de partido político recorria a este quando tinha seus direitos violados. Conforme Trindade (1979):

Embora a A.I.B. pretenda ser um instrumento para a instauração do Estado Integral, recusa-se a ser assimilado, numa primeira fase, a um partido político e define-se apenas como um movimento cultural e cívico. Esse fato se explica mais por razões de estratégia política e coerência ideológica do que por apoliticismo. Mais tarde, em 1935, quando o integralismo apresenta Salgado como candidato à Presidência da República e, mesmo antes, por ocasião das eleições legislativas e municipais, a A.I.B. transforma-se em partido competindo com outras organizações políticas. Os Protocolos e Rituais da A.I.B., publicados em abril de 1937, reformulando a redação dos estatutos de 1934, definem a Ação Integralista não somente como uma associação civil (“centro de estudos e educação moral, cívica e física”) mas também como partido político visando realizar a “reforma do Estado”. Inclusive a linguagem se altera, pois não se trata mais de “implantar” o Estado Integral ou nacional-corporativo, mas de “reformatar” o Estado brasileiro pela tomada legal do poder político. (TRINDADE, 1979, p.163)

Neste sentido, prossegue Trindade (1979), a transformação do movimento em partido político coincide com a passagem da fase “revolucionária” do integralismo à sua fase

⁵⁶ *A Offensiva*, 16/02/1937, num. 414, p. I.

⁵⁷ APM: [PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Doc. 85.

“eleitoral”. A partir desse momento, a mensagem ideológica não se dirige somente a militantes consagrados à “revolução integral”, mas a eleitores em potencial. Segundo Carone (1974, p.208) é neste momento que “(...) os integralistas passam de uma posição de força a pretensões legais e eleitorais, pensando em obter maioria através do voto.” Essa mudança de estratégia, conforme Bertonha (2009), é fruto da percepção da AIB de que suas forças eram insuficientes para tomar o poder mediante um golpe de Estado.

Em princípios de 1936 a AIB sofreu novas alterações em sua estrutura interna com a criação de órgãos e a mudança de nomes de outros. Através da *Resolução 159* de abril de 1936, publicada no periódico⁵⁸ oficial do sigma, Plínio Salgado criou uma *Comissão de Reestruturação* para a AIB.

Segundo *Monitor Integralista*⁵⁹ o *Conselho Nacional* foi extinto e foram criados o *Conselho Jurídico Nacional*, a *Procuradoria da AIB* além das *Secretarias Nacionais* de: *Assistência Social*, *Imprensa*, *Arregimentação Feminina e dos Plinianos* e *Relações com o Exterior*. A *Secretaria Nacional de Organização Política* tornou-se *Secretaria Nacional de Corporações e Serviços Eleitorais*.

Portanto, desde outubro de 1936 a AIB passou a ter dez *Secretarias Nacionais*: *Doutrina e Estudos*, *Educação*, *Cultura Artística*, *Imprensa*, *Arregimentação Feminina e dos Plinianos*, *Assistência Social*, *Finanças*, *Relações com o Exterior*, *Corporações e Serviços Eleitorais* e a última era de *Propaganda*. Foram publicados os regulamentos de cada uma dessas *Secretarias Nacionais*. Foram criados também, nas mudanças de outubro de 1936, o *Supremo Conselho Integralista*, a *Câmara dos Quarenta* e as *Cortes do Sigma*. Esses novos órgãos teriam sede na capital do país e seus membros teriam que residir nessa cidade.

Conforme Trindade (1979) a *Câmara dos Quarenta* era um órgão mais decorativo do que consultivo. Esse órgão dividia-se em comissões internas que deveriam opinar sobre questões suscitadas pelo *Chefe Nacional*. Antes, porém, esse se entrevistava com os relatores de cada comissão a fim de distribuir responsabilidades nas decisões difíceis, além de torná-las legítimas. O *Conselho Supremo* substituiu o *Conselho Nacional*, e era formado por dez membros residentes no Distrito Federal. Segundo Trindade (1974):

Este conjunto de novos órgãos de cooperação com a chefia nacional permite caracterizar a evolução do integralismo para uma forma de organização pré-estatal. As funções do antigo Conselho Nacional se decompõem em três novos organismos colegiados com atribuições previstas para o futuro Estado Integral. O *Conselho Supremo*, sob a direção do Chefe Nacional, tem o papel de um gabinete restrito cujo

⁵⁸ *Monitor Integralista*, 15/05/1936, num. 14, p. VIII.

⁵⁹ *Monitor Integralista*, 03/10/1936, num. 15, p. III.

ministério seria composto pelos secretários nacionais; a *Câmara dos Quarenta* seria o núcleo do futuro Senado integralista; a *Câmara dos Quatrocentos*, formada em junho de 1937 e composta de militantes das diversas “províncias integralistas”, poderia transformar-se na Câmara Corporativa do período transitório, antes da implantação do sistema de corporações; e, enfim, a *Corte do Sigma* seria o órgão supremo do Estado Integral. É importante salientar que todos estes órgãos que prefiguram o Estado Integral seriam colocados sob o controle do Partido único e dispõem de um jornal oficial para promulgar exclusivamente os “decretos” do Chefe Nacional (*Monitor Integralista*). (TRINDADE, 1979, pp. 175-176)

Logo, prossegue Trindade (1979), a AIB desenvolveu uma estrutura tão sofisticada que poderia substituir o próprio Estado se porventura chegasse ao poder. Uma complexa rede interna de órgãos, cadeias de comando, protocolos, rituais e estatutos, uniformes e instrumentos de socialização, rede de imprensa e sistema de justiça prefigurou, em menor escala, o que seria o Estado Integral. No entanto, essa organização “burocrático-totalitária” não foi resultado do crescimento da AIB, longe disso, pois se instalou desde as origens do movimento (TRINDADE, 1979).

Em Minas Gerais houve a implantação da hierarquia e das estruturas integralistas. Por conseguinte, houve em solo mineiro o *Chefe Provincial* e seu *secretariado*, nos municípios e distritos, os *Chefes Municipais* e *Distritais* e seus respectivos *secretariados*. Uma vez apresentada a trajetória da AIB e a sua organização interna, é preciso entender como seus militantes se autoconcebiam. Esse tema será abordado no tópico seguinte.

1.3 – Os integralistas segundo eles mesmos

O INTEGRALISTA é o soldado de Deus e da Patria, homem novo do Brasil que vae construir uma grande Nação.⁶⁰

Assim como qualquer agremiação política, a AIB acalentou e divulgou uma imagem desmedidamente positiva de si mesma. No estado de Minas não foi diferente. Seguindo a tendência geral, os camisas-verdes de Minas também advogaram que a AIB possuía uma estatura muito superior à realidade. Em vista desses fenômenos, o objetivo deste tópico é identificar como os integralistas desejavam ser vistos pela sociedade a que pertenciam. As principais fontes utilizadas foram jornais produzidos pelos próprios integralistas.

Através do jornal belo-horizontino *Anauê!*, um camisa-verde postulou⁶¹ em maio de 1934 que o integralismo contava então com 434 anos. Conforme o militante, o sigma havia

⁶⁰ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1934, num. 08, p. I.

⁶¹ *Anauê!*, 05/1934, num. 02, p. I.

nascido em Porto Seguro, Bahia. Segundo esse discurso, o “espírito integralista” havia orientado as lutas dos índios contra os colonizadores portugueses. O “espírito integralista” estaria presente nas batalhas coloniais em que os “estrangeiros” franceses ou holandeses foram expulsos do “Brasil”. Aquele mesmo “espírito integralista” teria impellido os bandeirantes ao interior, teria conspirado em Ouro Preto e seria o responsável pela abolição da escravatura.

O periódico integralista *Alvorada*, também editado em Belo Horizonte, sustentou que os camisas-verdes elevariam o Brasil à condição de “futura potencia internacional”⁶². Carone (1974) apurou que os adeptos do sigma noticiavam que Castro Alves, Tiradentes ou Euclides da Cunha tinham ideias semelhantes às integralistas e que se estivessem vivos seriam adeptos da AIB (CARONE, 1974). Durante uma solenidade realizada pelo núcleo municipal de Belo Horizonte foi feita uma “chamada de Tiradentes”. Nessa ocasião, os militantes permaneceram durante um minuto em silêncio, levantados e com o braço erguido. Após este gesto foi “(...) feita a chamada do companheiro José Joaquim da Silva Xavier, integralista do passado, e a qual todos responderam: - Presente.”⁶³

Quando da Intentona Comunista, Plínio Salgado enviou uma mensagem a Vargas colocando à disposição desse os integralistas. O presidente dispensou a oferta arguindo que as forças nacionais dispunham de recursos e de pessoal para reprimir a insurreição. Todavia, a retórica integralista propalou que em um momento em que o Brasil se via ameaçado a AIB colocara-se ao lado da ordem e do governo prestando relevantes serviços a ambos.

Foi comum no discurso integralista o argumento de que “Moscou” estava ciente de que os camisas-verdes defendiam o Brasil. Por conseguinte, esses militantes sustentavam que os lares e as igrejas podiam ficar em paz, já que eles se mantinham como sentinelas em todo o país contra o perigo vermelho. Não obstante, afirmavam os integralistas, havia aqueles que zombavam dessa vigília na qual se empenhavam contra os perigos que ameaçavam o país.

Com insistência, os camisas-verdes ressaltaram o caráter pacífico e ordeiro de si mesmos e as boas intenções que afirmavam nutrir em relação ao país. Com o objetivo de difundirem essa imagem valeram-se dos periódicos da imprensa verde, de comícios em público, de filantropia, de folhetos distribuídos à sociedade e de matérias em jornais não integralistas. O trecho abaixo sintetiza esse esforço:

O integralismo educa – Mais uma escola de alfabetização e um curso de Artes Domesticas

⁶² *Alvorada*, 20/12/1936, num. 06, p. III.

⁶³ *A Offensiva*, 26/04/1936, num. 166, p. IX.

O Chefe Nacional da Acção Integralista Brasileira, recebeu comunicação do Nucleo de Mathias Barbosa, na Provincia de Minas Geraes, que no dia 7 de setembro, em homenagem ao Dia da Patria, foram fundadas duas Escolas: uma de alfabetização e “um Curso de Artes Domesticas”.

A companheira (...) pronunciou uma entusiastica conferencia sobre “A mulher na Sociedade Moderna”, sendo entusiasticamente aplaudida.

Desta fórmula, mais uma vez os gestos desmentem o nosso intuito de subversão da ordem social. Só queremos construir e educar, pelo bem do Brasil.⁶⁴

Em Minas Gerais, como de resto em todo o país, os camisas-verdes se apresentaram como homens serenos, abnegados, simples e rigorosos observadores das leis. Em razão dessas características e de afirmarem que defendiam a tríade “Deus, Pátria e Família”, os integralistas se diziam perseguidos e injustiçados. Não obstante, sustentavam que permaneciam acatando e respeitando as autoridades constituídas e as ordens dessas, fossem justas ou arbitrárias. Logo, apresentavam-se como homens sofredores, mas pacientes e tenazes. Recorrentemente os integralistas afirmaram que os obstáculos antepostos em seu caminho longe de desanimá-los, faziam com que militassem com redobrada energia. Sobretudo, argumentavam que os obstáculos à trajetória da AIB corroborariam que essa organização estava no caminho certo.

Os integralistas apresentavam-se como pessoas, via de regra, de modestos recursos e que se sacrificavam pelo bem do Brasil. Em seus discursos sustentavam que não mediam esforços para militar pelo sigma. Neste sentido, alardeavam com orgulho que custeavam com seus limitados orçamentos pessoais as despesas de militância. Propalavam que estradas intransitáveis e longas distâncias não os detinham, percorrendo-as se necessário a pé ou a cavalo. Era a devoção ao país, afirmavam os integralistas, que os impelia a difundir os valores do sigma. Quanto maiores os sacrifícios em prol da AIB, mais valoroso era o militante. Em julho de 1935 universitários integralistas de Belo Horizonte levaram a palavra do sigma ao município de Itabira, também na região Central. Nesta ocasião:

A viagem foi feita na “carrosserie” de um caminhão carregado de mercadorias. Era preciso avançar. Os integralistas davam uma prova do espírito de desprendimento característico em nossas fileiras: O dinheiro que levavam já não chegava para a volta. Nem sabiam o que os esperava na cidade de Itabira. Uma coisa apenas os guiava: a fé consciente na doutrina que prégavam como unica capaz de nos arrancar das garras aduncas do judeu de Londres livrar nossas mães, nossas irmãs nossas noivas, da odiosidade do regimen comunista, e constituiu a grande nação !⁶⁵

A AIB valorizou e também exagerou as dificuldades encaradas por seus adeptos a fim de incutir ânimo no restante da militância. Embora a referida organização fosse bastante

⁶⁴ *A Offensiva*, 18/09/1936, num. 284, p. XIII.

⁶⁵ *A Offensiva*, 24/08/1935, num. 67, p. VIII.

hierarquizada o seu discurso esforçou-se por tentar abolir as diferenças entre os camisas-verdes. Logo, ainda que houvesse diferenças de escolaridade e poder aquisitivo entre os integralistas, a retórica oficial assegurou que esses igualavam-se ao marchar pela AIB. Em meados de 1935 houve em Areado um casamento conduzido pelos rituais integralistas. Segundo os militantes teria sido fácil “(...) imaginar a curiosidade da população e a *sympathia* por acontecimento em o qual participavam todas as classes sociais, niveladas na doutrina do Sigma.”⁶⁶

Acreditando-se pertencentes ao movimento que era a “única taboa de salvação para o Brasil”⁶⁷ os militantes do sigma se viam também como os “apóstolos de um novo evangelho político, de uma idéia nova”⁶⁸. Um dos elementos que animava a militância integralista era convicção de que aqueles que realmente se importavam com o Brasil iriam aderir naturalmente à AIB quando conhecessem essa organização. Este entendimento pode ser visto em uma moção de apoio enviada ao *Chefe Provincial de Minas* por estudantes secundaristas de São João Del Rei, região Central. Neste documento foi postulado que:

A mocidade que estuda, em cujas mãos está o futuro da Patria Brasileira, acolheu desde o princípio e continuará sempre acolhendo os ideais alevantados e patrióticos dos invictos camisas-verdes. A medida que se vão tornando melhor compreendidas as idéas e pretensões integralistas, mais volumoso se tornará o grande exercito da redempção.

Hoje somos milhares, amanhã milhões e depois será todo o Brasil; serão os operarios e intelectuaes, serão os estudantes, industriaes e comerciantes que em peso, se levantarão e por terra derrubarão, em um só golpe certo e justo, esta política mesquinha e vergonhosa, manejada por politiqueros que anhelam somente conduzir o paiz á desmoralização e á bancarrota.⁶⁹

O *Chefe Municipal* de Pedra Branca⁷⁰, Sul de Minas, escreveu o livro “O Integralismo ao alcance de todos”. O militante em questão recomendou a leitura dessa obra nos seguintes termos: “Lê, medita e pede a Deus que te inspire. Tenho certeza que vestirás a camisa verde.”⁷¹ Para os integralistas foi quase inconcebível a possibilidade de que alguém poderia conhecer os valores do sigma e recusar a camisa-verde. Aqueles militantes acreditavam que o sigma não se difundia em algumas localidades porque era apresentado de forma negativa pelos agentes do comunismo, da liberal democracia e da maçonaria. Para os integralistas somente os adversários do lema Deus, Pátria e Família tinham motivos plausíveis para não ingressar na AIB.

⁶⁶ *A Offensiva*, 19/10/1935, num. 75, p. IV.

⁶⁷ *A Offensiva*, 11/09/1935, num. 78, p. IX.

⁶⁸ *A Razão*, 30/07/1936, num. 16, p. II.

⁶⁹ *A Offensiva*, 09/08/1934, num. 13, p. V.

⁷⁰ Desde janeiro de 1944 passou a chamar-se Pedralva, denominação que conserva até os dias atuais.

⁷¹ *A Offensiva*, 06/07/1935, num. 60, p. VIII.

Logo, aqueles militantes exprimiram a convicção de que as pessoas automaticamente iriam tomar para si a camisa-verde quando conhecessem os princípios do sigma. Uma das consequências dessa convicção foram os comícios em localidades que não possuíam um núcleo da AIB. Imbuídos do anseio de disseminar a palavra integralista os “bandeirantes da Idéa Nova”⁷², os “novos apóstolos da Patria”⁷³ alardeavam seus atos e convicções à sociedade.

Ao levar o integralismo a cidades, vilas e povoados os camisas-verdes se viam como executores do desejo e de uma espécie de profecia feita por Plínio Salgado de que ele iria “levantar a alma do sertão”⁷⁴. Esse desejo/profecia, na ótica dos militantes do sigma e de seu *Chefe Nacional*, significava retirar o povo brasileiro do alheamento e do torpor em que esse vivia no que tange aos problemas do Brasil. Significava incutir os valores do sigma em toda a sociedade, especialmente nas populações interioranas com menor poder aquisitivo e grau de instrução. Essas ações contribuíam para uma visão missionária, quiçá evangelizadora que os militantes do sigma cultivavam de si mesmos.

Em virtude de perseguições os camisas-verdes insistiam que a AIB estava legalmente registrada junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Portanto, a organização em que militavam era também um partido político. No entanto, mesmo devidamente registrada como tal, os integralistas afirmavam que a AIB não se resumia a um partido político. Em um apelo aos jovens mineiros, um camisa-verde de dezessete anos pertencente ao núcleo de Belo Horizonte asseverou que os integralistas não eram políticos. Este jovem militante asseverou que “a politicagem é um mixto de intrigas, de baixezas e expedientes vergonhosos. Os homens que nela vencem, têm 99% de raposa e 1% de homem.”⁷⁵

A *Cartilha do Pliniano*, documento cujo público alvo eram as crianças filhas dos militantes, também estabeleceu que a AIB não era um partido político. O referido documento afirmou: “O Integralismo é um Partido político? Não. O Integralismo é o Brasil que vae marchando aos hymnos dos Camisas-verdes.”⁷⁶ Um folheto⁷⁷ distribuído pelo núcleo de Diamantina preconizava que o integralismo era a “marcha gloriosa de um povo” e que moveria uma “guerra de morte a todos os partidos”.

Logo, os adeptos do sigma costumavam declinar dos rótulos que os tachavam como políticos. Esses, segundo os camisas-verdes, eram aproveitadores, interessados somente em

⁷² *Anauê!*, 06/1934, num. 03, p. I.

⁷³ *A Offensiva*, 11/09/1935, num. 78, p. X.

⁷⁴ *A Razão*, 03/09/1936, num. 21, p. II.

⁷⁵ *Anauê!*, 06/1934, num. 03, p. IV.

⁷⁶ *Monitor Integralista*, 15/05/1936, num. 14, p. VI.

⁷⁷ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 218.

cargos públicos e eram os responsáveis por dividir o Brasil. No entanto, os partidos políticos tradicionais e o regime em vigor é que seriam responsáveis por corromper seus membros. Os subordinados do *Chefe Nacional*, por outro lado, apresentavam-se como empenhados em unir o país. Sob a égide do sigma os regionalismos e os partidos políticos, eivados somente por interesses particulares, seriam eliminados a fim de se construir um Brasil mais forte. O integralismo, concluíam os adeptos do sigma, era um farol de moralidade em meio a um regime corrompido. *Aço Verde*, jornal integralista de Santa Rita do Sapucaí declarou:

Soerguer, sim!

Porque, despertar na consciência dos brasileiros, o sentimento puro e altruístico dos nossos antepassados nada mais é senão despertar no subconsciente dos nossos irmãos, as tradições da nossa <<Raça>>.

Eis, porque, a nossa política se difere de todas outras, porquanto as que aparecem no território nacional, não são, senão políticas de classes, política de interesses pessoais e de separatismo.

O Integralismo é gigantesco, é grandioso, é sublime, porque em suas dobras estão arraigados os sentimentos, as tradições e a grandeza espiritual da <<Raça Brasileira>>.

Sim, é grandioso, gigantesco, porque é um movimento profundamente espiritual, cultural e cristão.

No integralismo não se encontram as politicalhas vergonhosas e rasteiras, que, correntemente, subjagam os poderes e elevam os protegidos da fortuna. Não!

O integralismo é o grito do passado, a epopeia do presente, e será a grandeza do futuro!⁷⁸

Neste sentido, os camisas-verdes argumentaram que não estavam empenhados em uma simples campanha política ou na conquista do Estado por um curto período de tempo. Longe disso, batiam-se por uma campanha de longo prazo, com o intuito de anunciar uma nova era e despertar não só o Brasil, mas todo o continente. Segundo os integralistas essa era uma campanha sincera e destituída de interesses pessoais. Conforme aqueles militantes o resultado dessa campanha era a conquista gradual do espaço até então dominado pelos partidos tradicionais. Devido à conquista desse espaço, afirmavam os camisas-verdes, era movida contra eles uma sistemática campanha de difamação e perseguição.

Consequentemente, permeou a retórica dos integralistas o argumento de que eles eram atacados devido a suas qualidades e acertos. Não haveria ataques ao sigma ou esses seriam pautados pela ironia e chacota se os camisas-verdes fossem apáticos, covardes e pusilânimes. Era, portanto, a força da AIB e de seus adeptos que despertava a fúria e/ou o temor de seus adversários. Logo, os integralistas advogavam que eram atacados porque seus adversários

⁷⁸ *Aço Verde*, 25/05/1935, num. 29. p. II. In: [PASTA 4946 Santa Rita do Sapucaí - integralismo dez. 1935 - set. 1938](#). Doc. 110.

sabiam que a AIB contava com homens fortes, capazes de implantar as ideias que esposavam. Os principais adversários do integralismo eram a liberal democracia e seus políticos indiferentes ou oportunistas, o comunismo, o capitalismo internacional, a maçonaria e os judeus.

Esses mesmos judeus representavam o comunismo e o capitalismo ao mesmo tempo. O povo semita, conforme o discurso da AIB, nutria o objetivo de destruir as pátrias, fosse através das ideias subversivas e dissolventes que elaborava, fosse através da ação prática. Frente a esses inimigos, os camisas-verdes se apresentavam como em vigilância constante, prontos a denunciá-los e a oferecer-lhes combate. Ilustra esses aspectos o trecho abaixo, publicado por camisas-verdes em um jornal não integralista da cidade mineira de Santos Dumont, Zona da Mata:

O INTEGRALISTA, como soldado de Deus, paladino da Patria, defensor da Familia, sentinela da Nacionalidade, está sempre alerta, de pé, eréto, firme.

Belo é sobre o campo desprezar a morte, e pela Patria é gloria combater e cair; mas, é mais forte e de mais beleza, viver, trabalhar, sofrer pela verdade, vencer, si preciso, o mundo inteiro.

LUTEMOS sempre, sem descanso, INTEGRALISTAS! A vitoria final será NOSSA ! Pelo bem do Brasil !⁷⁹

Do excerto supracitado, é preciso delinear a glorificação ao sacrifício, elemento tão presente na retórica integralista. O autor⁸⁰ de uma coluna do jornal *Anauê!* defendeu que para o camisa-verde, “grande gladiador”, “soldado e apóstolo”, não havia férias. Onde quer que o militante do sigma estivesse, haveria o “Mal”, haveria a luta. Porém, argumento que devido à vigilância integralista os “corvos” e “abutres” não conseguiriam se aproximar do “corpo febril deste Brasil amado!”

A certeza na vitória final do integralismo era mais um dos elementos a impelir a militância verde. Essa convicção era reiterada a todo instante como que a convencer e/ou a reforçar a própria certeza da vitória. Em razão disso, menções ao triunfo do integralismo foram comuns na correspondência entre camisas-verdes, entre núcleos ou entre esses e os órgãos da *chefia provincial*. Referências à vitória do sigma eram também uma constante nos discursos ao público não integralista e nas sessões realizadas no interior dos núcleos. Um folheto distribuído em Salinas, Norte de Minas, denominado “A nossa hora chegará”, estabelecia que: “O Integralista deve crer cegamente na victoria de sua causa e trabalhar instante a instante, por ella.”⁸¹ A veemência com que os camisas-verdes aludiam à vitória do integralismo foi criticada

⁷⁹ *O Sol*, 04/02/1934, num. 180, p. IV.

⁸⁰ *Anauê!*, 21/07/1935, num. 08, p. II. Coluna escrita pelo integralista Osolino Tavares.

⁸¹ APM: [PASTA 4928 Salinas - integralismo set. 1937 - set. 1937](#). Doc. 03.

por observadores contemporâneos. Redatores de um jornal da cidade de Abaeté, região Central, ao assistirem a uma reunião integralista ponderaram:

(...) notamos de início por parte do conferencista, um excesso de presunção, facto allias generalizado em todos os apóstolos da doutrina integral. Não devemos interpretar os lances audaciosos de que se servem elles nas suas affirmativas quando pregam o proximo advento da sua soberania, como sendo o reflexo de uma convicção sincera do triumpho das suas ideas. A nós, nos parece, a tactica de conquista para os incautos ou natural fanatismo a que estão sujeitos muitos homens, ainda mesmo, tratando-se de caracteres sadios dotados de intelligencia e cultura.⁸²

Mas, no interior do movimento integralista colocar em dúvida a inevitabilidade do êxito do sigma era algo próximo a uma heresia. Paralela à certeza de que a AIB seria vitoriosa estava a crença de que os seus adeptos e essa organização seriam lembrados como heróis. Os camisas-verdes arvoravam que os sacrifícios que diziam fazer em prol do Brasil seriam reconhecidos pela posteridade.

O núcleo de Aimorés, Vale do Rio Doce, distribuiu um folheto nessa cidade exortando as pessoas a ingressarem nas fileiras verdes. Naquele documento sentenciou: “Os teus filhos hão de exclamar, com orgulho, que tambem ajudaste a salvar tua Patira.”⁸³ A *Razão* postulou que “o dia 7 de Outubro é uma grande data da Patria! Os dias futuros o dirão. A posteridade não faltará com o seu julgamento.”⁸⁴

A retórica da AIB estabeleceu que o novo país a ser erigido pelo Estado Integral seria desfrutado por gerações e mais gerações futuras. Essas celebrariam os sacrifícios dos camisas-verdes dos anos 1930. Os livros didáticos descreveriam com orgulho a trajetória desses militantes. Logo, os camisas-verdes exprimiam que o integralismo não apenas seria vitorioso, como também seria duradouro e que seria um movimento benquisto no futuro.

Os aludidos militantes se conceberam como homens virtuosos a ponto de estabelecerem dicotomias entre eles e aqueles que não pertenciam à organização liderada por Plínio Salgado. Uma dessas dicotomias preconizava a superioridade moral do integralista frente àquele que não trajava a camisa-verde. Essa superioridade adviria da rigidez e da correção dos princípios e condutas exigidas pelo sigma. Logo, o camisa-verde deveria se ater ao cumprimento zeloso de suas obrigações enquanto pai, estudante e trabalhador. O trecho abaixo, publicado pelo jornal integralista *Anauê!*, exemplifica a noção de superioridade nutrida pelos adeptos do sigma ao estabelecer que:

⁸² *Abaeté Jornal*, 03/01/1937, num. 135, p. II.

⁸³ APM: [PASTA 4483 Aimorés - integralismo nov. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 22.

⁸⁴ *A Razão*, 07/10/1937, num. 76, p. I.

O integralista não usará jámais a palavra impossível. Não usará a palavra amanhã. Não dirá nunca que se esquece. Não contará ao seu companheiro que foi insultado e não reagiu. Não será absorvente, intolerante, em materia de serviço. Pocurrará sempre ser o primeiro em tudo. E jámais participará de qualquer companhia, sociedade, provas entre pessoas não integralistas, desde que não seja o melhor, o mais inteligente, o mais corajoso. Porque um integralista é um brasileiro superior aos outros que não são integralistas.⁸⁵

Em visita a Conceição do Rio Verde, Sul de Minas, um camisa-verde asseverou que o integralismo era ‘(...) o aperfeiçoamento de todas as qualidades bôas do homem, em detrimento das más, que por ventura elle possua, é a elevação moral da criatura humana numa política que se processa sobre a base de Deus, Patria e Família.’⁸⁶ Em reunião no subnúcleo de Valão, distrito de Teófilo Otoni, o *Chefe Distrital* explicou como os camisas-verdes deviam se portar durante as sessões. Lembrou ainda a todos a “(...) necessidade de si o observar rigorosamente a disciplina integralista, apelando para todos a necessidade que todos procurem manter um procedimento que dignifique ao soldado do Sigma, em qualquer lugar onde se encontra.”⁸⁷ Aqueles militantes que ocupavam cargos nos núcleos integralistas e na hierarquia da AIB nutriram um indisfarçável sentimento de superioridade em relação àqueles que não pertenciam a essa organização.

Segundo os adeptos do sigma a camisa-verde proporcionava inúmeros benefícios à juventude. Conforme esse argumento, boa parte dos jovens trabalhadores e estudantes levava uma vida destituída de propósito, voltada às festas, à embriaguez, à jogatina e alheia aos perigos que os integralistas alardeavam ameaçarem o Brasil. Um folheto distribuído pelo núcleo de Alvinópolis, região Central, estabelecia: “O Integralismo exige que a mocidade não se entregue a prazeres materiaes, mas dignifique a sua Patria no trabalho, no estudo, no aperfeiçoamento moral, intellectual e physico.”⁸⁸ Logo, os adeptos do sigma faziam constantes apelos à “mocidade” brasileira. Nesses apelos costumavam reiterar em tom alarmista que o país corria sérios riscos.

Por conseguinte, cabia aos jovens brasileiros o dever de lutar contra os inimigos que ameaçavam o Brasil. Para tanto, era imprescindível que aqueles tomassem para si a camisa-verde. Ao aderirem ao sigma, preconizavam os integralistas, os jovens abandonavam vícios e excessos e adquiriam propósitos nobres. Logo, devotavam-se à salvaguarda do país, da família

⁸⁵ *Anauê!*, 05/1934, num. 02, p. III. O trecho citado faz parte do documento intitulado *Deveres dos Integralistas*.

⁸⁶ *A Offensiva*, 09/11/1935, num. 78, p. IX.

⁸⁷ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 81.

⁸⁸ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 49.

e aproximavam-se de Deus. Neste sentido, divulgava a retórica integralista, os jovens que aderiam ao sigma distanciavam-se moralmente daqueles que ainda não haviam tomado para si a camisa-verde. Referindo-se a um encontro universitário integralista que ocorreria em São João Del Rei, um camisa-verde estabeleceu:

O movimento integralista, no Brasil, tem despertado, em todos os pontos da Patria, esse entusiasmo na mocidade pelas letras, pelos estudos e problemas nacionais, jamais pesquisados pelos moços em tão larga escala, extensão e profundidade. Através o territorio patrio em todos os centros de movimento constante, têm-se formado verdadeiras colmeias de estudos, pela mocidade, cujo resultado se traduz em jornais, revistas, livros, conferencias, palestras etc., fazendo vibrar seu entusiasmo justamente pelo que mais de perto toca e condiz com um nacionalismo escoimado de <<Jacobinismo>> e do <<snobismo>> chulo de alem Patria.⁸⁹

O trecho supracitado traz duas características bastante comuns à retórica dos camisas-verdes: a ênfase na dedicação dos militantes e a divulgação, que beirava o exagero, do crescimento do sigma. É natural aos partidos exagerarem sua força. Porém, ao supervalorizar seu crescimento, ainda que para desencorajar eventuais ataques, a AIB acabou por alarmar seus adversários.

Outra dicotomia sustentava que os militantes do sigma, ao contrário das demais pessoas, eram os bons brasileiros, uma vez que estavam empenhados na defesa da pátria, da família e da religião. Em abril de 1935, durante uma propaganda integralista em Varginha, Sul de Minas, um militante convidou “(...) os brasileiros de verdade, a intellectualidade moça e a mocidade culta e entusiasta para, com os camisas-verdes, construir um Brasil novo, unidos todos pelo mesmo ideal do Sygma.”⁹⁰

Os integralistas também afirmavam que o comunismo e o liberalismo, por exemplo, não eram os maiores inimigos do Brasil, mas sim a covardia e a indiferença daqueles que se recusavam a fazer frente a essas ameaças. Dar combate aos inimigos do Brasil significava ingressar na AIB. Não fazê-lo foi entendido pelos integralistas como indiferença no que tangia à situação do país. Não tomar para si a camisa-verde ainda foi classificada pelos integralistas como uma “attitude criminosa.”⁹¹ Foram comuns os folhetos com títulos afirmando que ingressar no integralismo era um dever ou uma prova de amor ao Brasil.

Os adeptos do sigma afirmavam que defendiam o Brasil dos inimigos que o ameaçavam. No interior dessa narrativa os não integralistas seriam, a depender da adjetivação, acomodados,

⁸⁹ *O Pequeno Semeador*, 21/04/1936, num. 33, p. II.

⁹⁰ *A Offensiva*, 18/05/1935, num. 53, p. VI.

⁹¹ *A Offensiva*, 12/10/1935, num. 74, p. VII.

covardes, iludidos pela liberal democracia, alheios à pátria, à família e à religião. Nas declarações mais simplórias, quem não trajava a camisa-verde era comunista.

Raciocínio similar foi cultivado por aqueles militantes que defendiam a obrigatoriedade do ingresso de católicos na AIB. A indiferença e, sobretudo a animosidade de fiéis e clérigos da Igreja Católica frente à AIB causou espanto e incompreensão em alguns camisas-verdes. Efetivamente, essa parcela de militantes alegou que os fiéis católicos e padres que não ingressavam na AIB eram contrários a essa organização.

Essas representações dicotômicas são fruto de uma concepção em que o integralismo era visto por seus militantes como o agente saneador de uma coletividade profundamente enferma. Os camisas-verdes argumentavam que o integralismo era um agente moralizador e pacificador de comunidades e de indivíduos. Aqueles militantes afiançavam, mas sem detalhar, que a presença do integralismo havia alterado o cenário de desordem constante vivida por algumas cidades. Os princípios integralistas saneavam até mesmo detentos que passavam a cultivá-los.

É claro, houve aqueles que rejeitaram esses discursos integralistas, a exemplo de um jornal⁹² da cidade de Tombos. Esse periódico defendeu que o núcleo dessa cidade havia dividido as famílias e acabado com a tranquilidade que então imperava no município. Em vista desse cenário, o jornal tombense recomendou que era o momento de o integralismo cessar sua propaganda, seus ataques ao regime, aos governantes, à maioria dos brasileiros e de parar de “meter medo com o Papão Comunista”. Os adeptos do sigma, finaliza *Gazeta de Tombos*, deveriam agir como os monarquistas. Segundo esse jornal os saudosistas da monarquia viviam recolhidos sonhando com seus ideais sem causar danos ao Brasil.

No entanto, os integralistas permaneciam divulgando que eles eram agentes saneadores de uma sociedade em decadência moral. Conforme esse entendimento, a sociedade brasileira e o mundo como um todo, estavam em completa desordem, alheios à disciplina, à frugalidade, à hierarquia, aos princípios cristãos. O *Chefe Nacional* do integralismo expressa melhor esta concepção. O líder do sigma postulou: “Não é somente nosso paiz que está em desordem. E’ o mundo inteiro. Desordem moral, desordem social, desordem intellectual, desordem economica, desordem política.”⁹³ Mais do que em desordem, o mundo estaria ruindo em decorrência da ação orquestrada por agentes como o “judaísmo internacional”, o comunismo e a liberal

⁹² *Gazeta de Tombos*, 14/08/1937, num. 199, pp. I e IV.

⁹³ *Anauê!* 04/1934, num. 01, p. I. Trecho de um discurso de Plínio Salgado quando de uma visita a Minas Gerais em abril de 1934.

democracia. Esses agentes, propalavam os adeptos do sigma, afastavam as pessoas dos valores “espiritualistas” e as conduziam ao “materialismo”.

Em seus discursos os integralistas afirmaram que os valores que diziam cultivar, (disciplina, “espiritualismo”, sobriedade, respeito à ordem e nacionalismo) moralizavam o indivíduo e por extensão a sociedade. Mesmo aqueles homens socialmente vistos como austeros, bons trabalhadores, bons provedores de seus lares e zelosos no que tange à religião poderiam apurar suas condutas se vestissem a camisa-verde. Nesses casos, os comandados de Plínio Salgado estranhavam e questionavam-se por que tais indivíduos ainda não haviam aderido ao sigma. Perante essa questão os militantes formulavam as seguintes respostas: ou aquelas pessoas tinham uma visão deturpada sobre a AIB, ou não tinham consciência dos riscos que ameaçavam o Brasil ou simplesmente eram indiferentes ou covardes, pois não tinham coragem de vestir uma camisa-verde para salvar o país.

Logo, para os integralistas não havia outro caminho que não fosse a militância pelo sigma, não havia outro movimento político que não fosse a AIB. Em setembro de 1934 o *Chefe Municipal* de Itanhandu, Sul de Minas, ao discorrer em sessão comemorativa ao Dia da Independência “mostrou a origem do regimen actual sua inadaptilidade no Brasil, seus erros e provou que ou tomamos outro caminho, ou tudo estará perdido. Mostrou como e porque só o Integralismo salvará o Brasil.”⁹⁴ Em outra ocasião, referindo-se àqueles que antepunham obstáculos à atuação da AIB um camisa-verde⁹⁵ questionou: “Será possível que eles ainda ignorem, oh! Santo Deus, que no dia em que fecharem as sédes do Integralismo, o Brasil estará na iminencia das garras de Moscou? e o judeu, senhor absoluto da terra do povo?”⁹⁶ Em janeiro de 1937 durante a cerimônia de fundação do núcleo de Campina Verde, Triângulo Mineiro, um camisa-verde arguiu que o integralismo era “o unico movimento político capaz de salvar o Brasil da politicagem divisionaria e anarchia dos partidos políticos e livrar a nossa Patria da ameaça terrível do communismo cruel e destruidor da civilização christã.”⁹⁷ Em maio de 1937 o *Chefe Municipal* de Ponte Nova, após discorrer sobre seu trabalho de fundação de núcleos, estabeleceu:

O Brasil exige esse sacrifício de seus filhos, no momento atual! – Os que poderiam atendel-o com menos sacrifício que nós – estão gosando e esquecidos de seus deveres!

⁹⁴ *A Offensiva*, 20/09/1934, num. 19, p. V.

⁹⁵ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 29.

⁹⁶ *Anauê!*, 21/08/1935, num. 09, p. II.

⁹⁷ *A Offensiva*, 07/02/1937, num. 408, p. XIII.

SOMOS NÓS OS CAMISAS VERDES os unicos em que o Brasil CONFIA! Para frente e não desanimemos!!!⁹⁸

Segundo os camisas-verdes nem mesmo as Forças Armadas poderiam salvar o Brasil, pois estavam fragilizadas por comunistas ali infiltrados. A Intentona de novembro de 1935, alardeavam os camisas-verdes, era a prova de que nem mesmo as Forças Armadas estavam livres dos vermelhos. A AIB, defendiam seus militantes, era a única instituição totalmente impermeável à “infiltração moscovita.”⁹⁹ Logo, era a única que podia salvar o Brasil.

Conseqüentemente, as adesões à AIB por parte de políticos de legendas tradicionais, de membros da Igreja Católica, das Forças Armadas e do Judiciário eram fartamente divulgadas pela imprensa verde. Estas adesões eram noticiadas como se aqueles que vestiram a camisa-verde estivessem se dado conta de que somente a AIB era capaz de fazer frente às ameaças que pairavam sobre o Brasil. Cada uma destas adesões, no interior do discurso integralista, denotaria o reconhecimento do valor da AIB. Noticiar estas adesões tinha ainda como objetivo funcionar como um propulsor de novos ingressos ao sigma.

Mas, os camisas-verdes tinham ciência de que nem sempre eram encarados da forma como almejavam. Estes militantes estavam cientes de que havia quem lhes atribuísse a pecha de extremistas e mesmo de comunistas. Em meados de 1934 adeptos do sigma de Belo Horizonte afirmaram que “o operariado se retrahia, ouvindo a perfídia de que eramos comunistas e de que ao nosso simples contacto seriam despedidos (...)”¹⁰⁰

Em julho de 1936 um camisa-verde de Aimorés distribuiu um folheto nessa cidade. Esse folheto foi remetido ao DOPS-MG pelo delegado local. Esse solicitava daquele órgão instruções “uma vez que as ideias lançadas no boletim citado são de comunistas disfarçadas no manto do integralismo.”¹⁰¹

Em setembro de 1936, um morador não integralista do distrito de Saúde¹⁰² enviou uma carta ao presidente da Câmara de Alvinópolis. Nesse documento estabeleceu: “E’ o verdadeiro comunismo que se está presenciando em Saude. (...). Saude é um antro, acobertado pelo rotulo Integralista.”¹⁰³

⁹⁸ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 183.

⁹⁹ *A Razão*, 09/07/1936, num. 13, p. IV.

¹⁰⁰ *Anauê!*, 05/1934, num. 02, p. IV.

¹⁰¹ APM: APM: [PASTA 4483 Aimorés - integralismo nov. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 21.

¹⁰² Até 1938 foi distrito de Alvinópolis, região Central de Minas. Em dezembro desse ano junto ao outro distrito foi desmembrado de Alvinópolis e passou a se chamar Dom Silvério.

¹⁰³ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 183.

Os camisas-verdes estavam cientes de que havia quem os tachasse como extremistas e apoiadores dos regimes liderados pelo *Führer* e pelo *Duce*. Em artigo em que investigaram se houve penetração integralista entre os anos de 1933 a 1935 no meio operário da capital mineira, Grossi & Faria (1990, p.159) apuraram que:

A identificação entre a AIB e o fascismo passou a figurar nos ataques ao movimento, configurando uma imagem de alerta. O sindicato dos sapateiros discutiu em reunião, a natureza fascista da AIB; o centro israelita convocou, após a vinda de Plínio e Gustavo Barroso a Belo Horizonte, um comício “*antifascista*”, com representantes de operários, panificadores, União dos barbeiros e dos sapateiros. Entre os oradores destacaram-se Isaías Golgher, David Rabello e Aníbal Vaz de Mello, cujos discursos constituíram um libelo contra Hitler e Mussolini e sua escalada militarista.

Durante a cerimônia de inauguração da nova sede do núcleo de Carmo da Cachoeira, Sul de Minas, um militante teria rebatido: “(...) com argumentos formidáveis a pecha de extremistas e exóticos que os nossos desleais adversários teimam em nos atirar.”¹⁰⁴ Os camisas-verdes tinham consciência de que o sigma era entendido enquanto um fenômeno, no mínimo, semelhante aos fascismos europeus.

Eles tinham consciência de que a hierarquia que obedeciam e o juramento que prestavam eram vistos com ressalvas por muitas pessoas. Eles sabiam que seus rituais, uniformes e suas bandeiras de propaganda eram desdenhadas por algumas pessoas. Enfim, os integralistas tinham ciência de que eram motivo de desprezo e de chacotas.

Porém, os camisas-verdes revelaram uma grande dificuldade em compreender que o programa integralista poderia ser conhecido e rejeitado por pessoas que não eram essencialmente imorais. Para aqueles militantes somente os adversários da AIB poderiam rejeitar essa organização. O tópico seguinte identificará quem eram estes adversários e analisará como os integralistas os concebiam.

1.4 – Os adversários do sigma

Os militantes do sigma tentaram se apresentar à sociedade como lutadores contra aqueles que acreditavam ser inimigos da tríade Deus, Pátria e Família. Depreende-se da análise dos folhetos, jornais e discursos integralistas que os maiores adversários eram o comunismo, o capitalismo internacional, a liberal-democracia (regime vigente) e as sociedades secretas, em especial a maçonaria. Os adversários da AIB, apontados quase sempre de forma bastante vaga

¹⁰⁴ A *Offensiva*, 19/08/1936, num. 284, p. XIII.

por essa organização, seriam também “judaicos”, “judaizados” ou estariam sob a influência semita. Esses aspectos, indicavam os membros da AIB, eram essencialmente negativos.

Integralistas em Pouso Alegre referiram-se àqueles que designaram como comunistas nesse município como uma “(...) cafila de maus brasileiros, empurrados á arena vermelha pela judiaria maçônica, a soldo da III Internacional.”¹⁰⁵ Durante uma preleção no núcleo de Carmo da Cachoeira um militante “(...) atacou com palavras ativas e energicas as manobras nefandas da maçonaria, do capitalismo internacional e do communismo, tres forças a serviço do judaísmo que trabalham sem cessar por dominar e extinguir a civilização christã (...).”¹⁰⁶ Portanto, o “judaísmo” constituía um dos maiores inimigos do sigma.

Porém, a disposição antimaçônica e, sobretudo o antissemitismo da AIB são temáticas que demandam reflexões mais extensas. Consequentemente, essas discussões não serão aprofundadas nesta pesquisa. Este tópico se limitará à apresentação de exemplos de como os integralistas conceberam os judeus, o “judaísmo internacional” e a maçonaria.

Referindo-se à essa instituição *Anauê!* vaticinou: ‘No dia em que for implantado neste Brasil Colonia, o regimen Integralista, a Maçonaria Brasileira, “testa de ferro” do Judaísmo, receberá o seu attestado de obito.’¹⁰⁷ Na mesma edição o referido jornal sustentou que a maçonaria era uma “Escrava do Banqueirismo Hebraico” e elogiou Hitler e Mussolini por tê-la extinto em seus países.

Conforme Dotta (2012) não se pode afirmar que o antissemitismo era um elemento estatutário da AIB. Porém, esse historiador lembra que a presença de Gustavo Barroso, número dois na hierarquia nacional integralista, por vezes tornava a AIB uma grande caixa de ressonância do antissemitismo no Brasil. Cavalari (1999) observou que a partir de 1935 livros antissemitas de autores estrangeiros deixaram de ser indicados pelos jornais do sigma. Entretanto, esses mesmos jornais continuaram indicando livros de Gustavo Barroso que versavam sobre aquela temática.

O antissemitismo não foi um traço incomum aos discursos, jornais e panfletos integralistas analisados nesta pesquisa. Olbiano de Mello, precursor do integralismo em Minas, concitou os adeptos do sigma de Teófilo Otoni a permanecerem firmes no propósito de “salvar o Brasil dos tres flagellos que o desgraçam: o banqueirismo internacional-judaico, a propaganda e infiltração communistas, a exploração da politicalha liberal-democrata.”¹⁰⁸

¹⁰⁵ *A Razão*, 14/05/1936, num. 05, pp. II e III.

¹⁰⁶ *A Offensiva*, 14/03/1937, num. 437, p. XIV.

¹⁰⁷ *Anauê!*, 22/01/1936, num. 14, p. II.

¹⁰⁸ *A Offensiva*, 16/08/1934, num. 14, p. V.

Também não foram incomuns declarações de teor antissemita nos discursos de Plínio Salgado. Em suas alocações essa liderança atribuía pejorativamente um caráter judeu a comunistas e ao sistema financeiro internacional. Durante uma visita a Itajubá o *Chefe Nacional* discorreu sobre a: “(...) vida financeira da Nação, nas diversas etapas do regimen republicano, apontando a voracidade insaciavel dos judeus de Londres, que, na sua sêde de desmedida ambição, estão consumindo as ultimas energias do Brasil.”¹⁰⁹ Mas, no jornal *A Offensiva* as declarações antissemitas do *Chefe Nacional* foram vagas, menos constantes e agressivas em relação àquelas proferidas por Gustavo Barroso.

Referências a “Os Protocolos dos Sábios de Sião” não foram incomuns na documentação pesquisada. Forjado na Rússia esse documento atribui aos judeus um plano de domínio global. No Brasil Gustavo Barroso foi o responsável por sua tradução para o português. Em razão disso, os integralistas acreditavam na veracidade do referido documento, respaldando-se nele para legitimar seu antissemitismo. *Anauê!* argumentou que ‘Quem já leu os “Protocolos de Sião” sabe que Israel se aproveita da anarchia e decomposição das nações – quando não é elle proprio quem os provoca para desenvolver a sua actividade dissolvente e imperialista.’¹¹⁰ Nas palavras do aludido jornal os judeus eram “velhacos e exploradores.”¹¹¹

Porém, o tom dos ataques ao povo judeu foi variável e nem todos os militantes comprometeram-se com o antissemitismo. Seguindo discursos emitidos pela AIB os próprios militantes relativizavam o antissemitismo, pois arguiam que nem todos os judeus empenhavam-se na destruição das nações, da família, etc.

Semana Religiosa foi um jornal da cidade de Pouso Alegre oficialmente ligado à diocese deste município. O aludido jornal publicou algumas declarações antissemitas, especialmente de camisas-verdes. Esse foi o caso do *Chefe Municipal* de Silvianópolis, região sul-mineira. Conforme esse adepto do sigma, Marx, Rousseau e os líderes da Revolução Francesa eram judeus que haviam concebido e posto em prática ideias dissolventes e “diabólicas”. Aquele integralista ainda argumentou que:

O judeu não tendo patria, não póde comprehender o nacionalismo dos outros povos. Essa é a razão pela qual lutam para destruir todas as patrias. Não quer com isso dizer que todos os judeus devem merecer o nosso desprezo, o que seria uma injustiça ; mas o que se deve fazer, é impedir, que os judeus vermelhos, continuem a pregar, pela imprensa e pelo cinema, as ideas que dissolvem as nacionalidades.

Da anarchia revolucionaria sempre surge um espirito, totalizador da vontade collectiva, que breca o carro revolucionario, dando-lhe uma direção certa e firme. Foi

¹⁰⁹ *Anauê!*, 20/05/1936, num. 06, p. IV.

¹¹⁰ *Anauê!*, 21/06/1935, num. 08, p. I.

¹¹¹ *Anauê!*, 21/08/1935, num. 09, p. II.

o que aconteceu na França de 1889, quando Napoleão tomou conta do governo dando-lhe uma direção nacionalista. O mesmo se deu na Itália de Mussolini, na Alemanha de Hitler, no Portugal de Salazar e o mesmo se dará no Brasil de Plínio Salgado.¹¹²

O excerto supracitado reforça o argumento segundo o qual a virulência dos ataques integralistas ao povo judeu não foi uniforme. Logo, alguns integralistas procuravam relativizar seu antissemitismo, estabelecendo que nem todos os judeus desenvolviam atividades nocivas à sociedade. Outros reproduziam um antissemitismo difuso reiterando, por exemplo, que o “capitalismo internacional” era judeu.

Ademais, frequentemente membros da AIB esforçavam-se por negar o antissemitismo dessa organização. Não obstante, muitas dessas tentativas acabavam por reforçar o caráter antissemita daqueles que tentavam negá-lo. *Monitor Integralista* advogou que a AIB não era contrária ao “(...) judeu brasileiro e que se identificou com os destinos do Brasil. O Integralismo combate o judeu internacionalista que quer dominar e destruir a nossa Pátria. Esse judeu é nefasto e não merece nossa contemplação.”¹¹³

Visando rechaçar a ideia de que a AIB era antissemita o *Chefe Municipal* de Pedra Branca escreveu o artigo “O Integralismo e os judeus”. No entanto, em diversos trechos aquele militante acabou por reforçar sua aversão ao povo judeu. Logo no início de seu artigo observou que este povo constituía uma preocupação para toda a humanidade. Por este motivo o integralismo não poderia deixar de estudar essa questão “(...) esperando resolvel-a sem apelar para as medidas excepcionaes das matanças e das cruéis perseguições.”¹¹⁴ Mas, enquanto alguns camisas-verdes tentaram disfarçar seu antissemitismo, outros o confessaram abertamente. Pesquisando o jornal *O Sigma*, do município de Juiz de Fora, Corrêa (1973, pp. 40-41) encontrou a seguinte declaração:

A RAÇA JUDAICA

Eu e os anti-judaico integrais, defendemo-nos do Judaísmo, não somente policamente, mas também racial e religiosamente. Em setenta e tantos artigos, provei a ação nefasta do judaísmo, politicamente falando. Hoje, escrevo a respeito da doentia raça hebraica. No próximo artigo, escreverei sobre a imoral... e impiedosa religião judaica. A raça hebraica é doente, e cruzando-a com outras produzirá inevitavelmente a degenerescência e outras ‘cousitas mais’ que citarei abaixo.
 GOBINEAU declara alto e em bom som e, apoiado em muitas provas que, a mistura de sangue entre teutos e judeus, acarreta desastrosas consequências para aqueles, provocando a degenerescência. São por essas razões que nós, anti-judaicos integrais, defendemo-nos racialmente dos judeus.
 Brasileiros! Se o cruzamento com os alemães deu mau resultados e conosco! É melhor colocarmos as nossas barbas de molho...

¹¹² *Semana Religiosa*, 23/11/1935, num. 957, pp. I e II.

¹¹³ *Monitor Integralista*, 15/05/1936, num. 14, p. VI.

¹¹⁴ *A Offensiva*, 22/03/1936, num. 136, p. X.

(...)
Juiz de Fora, 2 de novembro de 1936.

Uma vez que era presença comum nos jornais integralistas, o antissemitismo também se fazia presente nas reuniões dos núcleos. Durante essas havia a leitura de material com conteúdo antissemita, ou seja, livros integralistas e matérias de jornais da imprensa verde. Além disso, palestras durante as reuniões semanais comumente atacavam o povo judeu.

Mas, o antissemitismo não ficou restrito às reuniões semanais promovidas pelos núcleos. Durante as bandeiras os camisas-verdes também faziam a leitura de trechos de livros recomendados pela AIB e de matérias dos jornais desta organização. Além disso, atribuíam um caráter “judaico” ao capitalismo, ao banqueirismo e ao capitalismo e afirmavam que esses eram adversários do Brasil.

Assim como a inspiração fascista a natureza antissemita da AIB não passou despercebida durante a existência legal dessa organização. Em novembro de 1935 o jornal *A Luta*¹¹⁵, editado na cidade norte-mineira de Pirapora, identificou e criticou o antissemitismo integralista. O aludido jornal postulou que se os camisas-verdes refletissem, concluiriam que Plínio Salgado e Gustavo Barroso desejavam levá-los à escravidão e aos “inconfessáveis interesses” de Hitler e do “sanguinário facismo italiano”. Segundo aquele periódico, o “nazismo” desejava fundar a “Alemanha Antártica” no Brasil. Para tanto, estava enviando armas para os descendentes de alemães no sul do país. Esses, por sua vez, as estavam repassando aos integralistas. Logo, o *Chefe Nacional* era subordinado a Hitler e ao lado dos camisas-verdes utilizaria aquelas armas para o “massacre de brasileiros”. *A Luta* preconizou ainda que a “mocidade” brasileira estava acreditando “no ódio que esses homens desalmados lhe meteram no coração contra outras raças. Ou contra a raça semita”. A matéria em análise é encerrada concitando os jovens camisas-verdes a marcharem ao lado do “povo” contra “a opressão fascista, contra a guerra e contra a mistificação feita em nome de Deus...”

Além do povo judeu ou do capitalismo, banqueirismo e comunismo judaicos o regime em vigor também foi elencado pelos integralistas como outro de seus principais adversários. Porém, os adeptos do sigma mantiveram uma relação ambígua com esse regime mesmo atribuindo-lhe inúmeras falhas. Embora discordassem do sufrágio universal, os integralistas se submeteram a eleições regidas por essa modalidade de voto. Embora criticassem o pluripartidarismo, os integralistas se constituíram como legenda partidária. Embora discordassem do regime vigente, recorriam ao sistema de justiça desse quando eram alvo de

¹¹⁵ *A Luta*, 16/11/1935, num. 261, pp. I e IV.

perseguições e violências. Alguns jornais em Minas argumentaram que os integralistas se contradiziam ao lembrar a natureza de partido político da AIB nos momentos difíceis e ao recorrer às instituições de um regime que tanto criticavam. O jornal *Gazeta de Tombos* urdiu a seguinte crítica aos membros da AIB:

Clamam os integralistas que a Democracia é o diabo. Será. Mas quando ronca a bordoadada sobre o Sigma eles vêm logo correndo a gritar <<mamãe! Mamãe!>> para junto das autoridades democraticas pedindo soda e garantias. Essas autoridades são de tal maneira displicentes que lhes permitem, mesmo, o uso de um uniforme, - a camisa verde, - contra expressas e taxativas disposições constitucionais. (...).¹¹⁶

Os militantes do sigma asseveravam que a liberal democracia como diziam, não conduziria o país ao crescimento militar e econômico. Segundo a retórica integralista, nos âmbitos municipal, estadual e nacional o Estado era dirigido por oportunistas, por incompetentes e por indivíduos mais interessados em manter seus proventos do que em atuar pelo crescimento do país. Esse fenômeno, porém, não era necessariamente culpa daqueles que atuavam na máquina estatal, mas sim culpa do regime em vigor. A liberal democracia era, na ótica integralista, uma máquina de corromper caracteres.

Segundos os camisas-verdes, as inúmeras falhas e vícios inerentes à liberal democracia eram manejadas por toda sorte de aproveitadores. Esses eram representados, sobretudo, pelos políticos profissionais e por aqueles que ocupavam, mediante apadrinhamentos, funções no aparelho de Estado. No entanto, ainda que atacassem estes grupos, os integralistas suavizavam suas críticas. Nesse caso argumentavam que aqueles grupos somente operavam devido à complacência do regime vigente. O trecho abaixo, constante no “Manifesto do Centro de Estudos Plínio Salgado” sintetiza a oposição integralista à liberal-democracia e não a seus componentes:

Não podemos por mais tempo continuar alheios ao grande movimento que óra empolga a mocidade brasileira – O INTEGRALISMO.

Si continuássemos na comoda poltrona do “deixa como está para ver como fica” estaríamos negando e trahindo a nossa propria mocidade. Sim, este sangue novo que nos corre pela veia, este sangue 20 annos está gritando reacção. Os ludibriados estão pedindo vingança! Os sacrificados estão exigindo vingança! Sim, vingança. Mas como? Contra quem dirigir as nossas armas? Aos homens? Aos políticos que óra nos governam? Aos políticos que hontem nos mandaram? Ou aquelles que ameaçam nos mandar? Não. Nosso movimento differe dos precedentes. Nós não atacaremos os homens, porque de nada valerá. Vamos ás bases. Vamos ás raízes. Os homens que nos governam nada mais são do que o producto de um regime que falhou. Ahi está a prova: em 930 o povo se levantou contra um homem. E sahiu de dentro desse mesmo povo, um que foi agil e governou. Para que se effectuasse essa substituição, a Nação perdeu

¹¹⁶ *Gazeta de Tombos*, 07/08/1937, num. 198, pp. I e IV.

os seus melhores filhos e registrou a mais terrível crise financeira de todos os tempos!
E muita coisa mais...

E é por isso que nós nos levantamos não contra os homens que se dizem políticos mas contra o regime que faz “políticos”.¹¹⁷

Logo, os integralistas atacavam o regime em vigor porque o classificavam como falido e permissivo à atuação de aventureiros e oportunistas. As perseguições ao integralismo empreendidas por um governador, grupo político local ou delegado só eram possíveis, argumentavam os camisas-verdes, graças aos inúmeros vícios da liberal democracia. Nesse regime vigorava a simples busca pelo poder, por prestígio e por cargos junto à administração pública. O crescimento do sigma, advogavam aqueles militantes, havia despertado receio por parte daqueles que viviam de cargos e sinecuras estatais. Consequentemente, boa parte das violências e perseguições contra o integralismo devia-se, na ótica dos camisas-verdes, ao crescimento do sigma e à avidez de muitos por cargos junto à administração pública.

Os integralistas opunham-se à liberal democracia também porque, segundo os argumentos que apresentavam, essa consentia, não se importava ou era incapaz de suprimir debates e propostas de secessão territorial. O regime em vigor, defendiam os integralistas, também não se preocupava em refrear os apetites do banqueirismo internacional. Nada fazia em relação à propriedade de terras e riquezas naturais brasileiras por parte de estrangeiros. Em contraposição, o *Manifesto-Programa* da AIB defendia a nacionalização das florestas, recursos hídricos e minerais.

Uma visão do passado nacional compartilhada pelos integralistas ajuda a explicar a férrea negação que manifestaram pelo regime. Os períodos colonial e imperial da história brasileira eram lembrados pelos integralistas como tempos de lutas e de glórias, de surgimento e afirmação da identidade nacional. Bandeirantes e generais, inconfidentes, padres e lideranças políticas da época colonial e imperial surgiam na memória integralista como construtores do Brasil. Essas figuras haviam legado uma herança que os militantes do sigma tinham por dever conservar. Um dos maiores legados daqueles períodos era a unidade territorial.

Logo, o período colonial teria sido uma época de sofrimento, bravura e anseio por liberdade. Figuras como José de Anchieta, Fernão Dias e Tiradentes representariam a luta por expansão territorial, por liberdade e pela constituição da identidade nacional. Nessa concepção de passado camisas-verdes acreditavam que após a saída dos holandeses do Nordeste do país “(...) o nacional sente-se dono da terra que ele só, sem auxílio da metropole, libertara do jugo

¹¹⁷ *Anauê!* 07/1934, num. 04, p. IV.

estranho e adquire de foram decisiva, o sentimento de um são e puro patriotismo sentimento este que só se conquista nos campos incertos das batalhas.”¹¹⁸

Os camisas-verdes acreditavam que através de figuras como José Bonifácio, padre Diogo Antônio Feijó, Caxias, Tamandaré, Rio Branco e D. Pedro II o Brasil Império havia crescido, se consolidado e revelado seu caráter político e militar. Em meio a essas idealizações a AIB concebia a Guerra do Paraguai como um dos momentos áureos da história do Brasil. Em julho de 1936 o núcleo de Três Corações fundou a *Escola Tenente Palestina* em homenagem à “(...) memória desse bravo oficial do nosso Exército, filho da Cidade, que se immortalizou no coração dos camisas-verdes, porque soube morrer gloriosamente pelo Brasil na Retirada da Laguna, lutando contra o Paraguay.”¹¹⁹

A doutrina integralista defendia que a Guerra do Paraguai teria sido um momento de preservação das fronteiras e de afirmação da identidade nacional. O Exército e a Marinha eram dois dos grandes responsáveis por salvaguardar o Brasil durante aquele conflito. No dia 11 de junho de 1937 o *Chefe Nacional* e integralistas da então Guanabara prestaram uma homenagem à Marinha pela batalha naval de Riachuelo. Segundo a AIB o “11 de Junho é um dia de gloria para o Brasil, - data que os nossos officiaes de marinha e os nossos marujos assignalaram na Historia da Patria com traços de sublime abnegação e bravura.”¹²⁰ Em parte, advinha dessa leitura a exaltação integralista às Forças Armadas. Para a AIB os militares eram essencialmente disciplinados e nacionalistas. Expressando essas concepções foi inserido no capítulo inicial dos estatutos aprovados no *II Congresso Integralista Brasileiro* que uma das finalidades da AIB era promover “a grandeza e o prestígio das classes armadas.”¹²¹

Embora atribuisse glórias a figuras dos períodos colonial e imperial a AIB postulava que o Brasil não havia alcançado sua completa independência. Embora romantizasse as Forças Armadas, aquela organização advogava que essas estavam enfraquecidas devido à ação de comunistas ali infiltrados. Embora proclamassem o fracasso dos períodos colonial e imperial em conquistar a independência brasileira, os integralistas viam pouco valor no período republicano.

Esse seria uma negação do legado de Tiradentes, dos bandeirantes, de Caxias, Tamandaré e D. Pedro II. Segundo um integralista da capital mineira a República foi instituída

¹¹⁸ Revista *Anauê!*, 03/1936, num. 08.

¹¹⁹ *A Offensiva*, 19/07/1936, num. 236, p. XIII.

¹²⁰ *Monitor Integralista*, 11/06/1937, num. 20, p. VI.

¹²¹ *Monitor Integralista*, 07/05/1935, num. 10, p. IX.

no Brasil “(...) com o maior acto de ingratidão registrado na nossa historia: a deposição e banimento do sabio, bondoso e honesto Pedro II – o maior brasileiro de todos os tempos.”¹²²

Os camisas-verdes postulavam que o Brasil republicano, com seu regime “liberal-democrático”, havia se entregue à ganância dos “judeus internacionais”, permanecia indiferente às propostas separatistas e ao avanço do comunismo. O Brasil republicano não havia alcançado sua independência econômica e era um país que não se fazia respeitar no tabuleiro geopolítico internacional. Os camisas-verdes arrogavam que cabia a eles a missão de concluir a independência do país. A liberal-democracia, na ótica desses militantes, era a raiz de todos os problemas vividos pelo Brasil. A adoção do Estado Integral era o antídoto.

Os adeptos do sigma também eram contrários à liberal-democracia, pois acreditavam que essa não antepunha nenhum óbice ao avanço do comunismo. Esse foi o maior dos adversários da AIB, pois seria contrário a tudo o que esta organização alegava defender. Neste sentido, diziam os integralistas, o comunismo era contrário à ideia de pátria, à religião, à hierarquia, à propriedade e à família. Já em seu primeiro número o jornal *Anauê!* assegurou que “a luz vermelha do comunismo avassalante apareceu indicando-nos um porto. Pois bem, essa não nos serve. Ella escravisa, massacra, estabelece a guerra de classes e põe termo á Família, acabando com a idéa de Patria que é Sagrada.”¹²³

Na ótica dos adeptos do sigma os comunistas eram essencialmente imorais. A *Cartilha do Pliniano* indaga por qual razão a AIB combatia o comunismo. Em resposta estabelece que o: “(..) Communismo néga a existencia de Deus, não admite que amemos o nosso pae e a nossa mãe, prohibe que se estime e defenda a terra em que nascemos e escravisa os trabalhadores a um governo absoluto e cruel.”¹²⁴

Não obstante a imoralidade do comunismo, os integralistas asseguravam que o regime liberal democrático oferecia inúmeras brechas à atuação dos vermelhos no Brasil. Os camisas-verdes afirmavam que a liberal democracia era tanto omissa frente à atuação dos vermelhos no país quanto incapaz de conter esse fenômeno. A situação se agravava, segundo os adeptos do sigma, porque a ameaça comunista podia se traduzir em ação prática a qualquer momento. Os camisas-verdes embasavam essa afirmação sustentando que Moscou enviava dinheiro a comunistas no Brasil. Segundo os adeptos do sigma, os recursos eram utilizados, por exemplo, na aquisição de armas e na fundação e manutenção de jornais.

¹²² *Anauê!*, 06/1934, num. 03, p. II.

¹²³ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. III.

¹²⁴ *Monitor Integralista*, 15/05/1936, num. 14, p. VI.

Além disso, postulava a AIB, comunistas estavam infiltrados em escolas, sindicatos, quartéis, ordens religiosas e nos governos municipais, estaduais e federal. Em boa parte dos casos, inclusive, a orientação política dos vermelhos era conhecida. Mais ainda, pois esses haviam sido indicados para as funções públicas que ocupavam. Essas indicações deviam-se à troca de favores tão natural ao sistema em vigor. Logo, concluíam os integralistas, os vermelhos gozavam da complacência daqueles que deveriam persegui-los. O trecho abaixo sintetiza este parágrafo, observe:

Todos conhecem comunistas aboletados em secretarias de Estado, chefiando repartições publicas, fiscalizando escolas leigas e religiosas dirigindo imprensa official, delegacia de policia, etc., etc., tudo à custa de pistolões, de bajulação sordida que os partidos liberaes consagraram.¹²⁵

Em todo o país, afirmavam os militantes do sigma, a AIB era a única instituição totalmente impermeável à infiltração comunista. Ademais, somente os camisas-verdes mantinham-se inteiramente vigilantes contra a ameaça vermelha que pairava sobre o Brasil. Não aderir ao sigma ou pior, fazer-lhe oposição era o mesmo que fortalecer o comunismo. Esse argumento foi defendido não somente pelos militantes declarados, mas também por clérigos simpatizantes da AIB.

Mesmo em suas reuniões semanais voltadas aos militantes, os integralistas defendiam que o comunismo era um perigo ao Brasil. Em setembro de 1934 camisas-verdes de Curvelo, região Central, decidiram que ‘(...) todo integralista deixe de ler a “A Patria” e o “Estado de Minas”, jornaes que defendem o communismo.’¹²⁶ O advento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) não passou despercebido aos camisas-verdes. Em Teófilo Otoni, durante sua cerimônia de posse, o novo *Chefe Municipal* “(...) pronunciou eloquente oração de combate ao communismo, demonstrando ser a Alliança Libertadora um movimento de caracter sovietico.”¹²⁷ Consta em uma ata de reunião, de setembro de 1935, do núcleo de Ponte Nova o seguinte apelo:

Pontenovense! – o comunismo avança, a cada instante, e deixares de auxiliar a causa sublime do integralismo é concorreres para o extermínio de tua crença – a destruição de tua propriedade e deshonra de teu lar – porque só o integralismo poderá deter a onda avassaladora de Moscou – os comunistas! Ou nós integralistas – triunfaremos,

¹²⁵ *Anauê!*, 07/1934, num. 04, p. III. Transcrição de declarações de Miguel Reale que sustentava a natureza covarde e contraditória dos “comunistas” brasileiros que em sua maioria estariam encastelados em funções públicas.

¹²⁶ *A Offensiva*, 20/09/1934, num. 19, p. V.

¹²⁷ *A Offensiva*, 06/07/1935, num. 60, p. X.

ou conosco perecerá a (unidade) integridade da Patria – a crença de nosso Deus e a unidade e honra de nosso lar!¹²⁸

O fato de referências ao perigo vermelho serem comuns na documentação interna da AIB, a exemplo de atas de reuniões e ofícios entre núcleos, é um indicativo de que havia sinceridade na crença de essa ameaça era real. Motta (2000) observou que o anticomunismo não pode ser suficientemente compreendido se descartada a sinceridade de alguns dos atores que o professaram.

Os camisas-verdes insistiram tanto que o comunismo representava um perigo real ao país que foram acusados de exagerarem essa ameaça. Porém, aqueles militantes tinham consciência desse fenômeno e sabiam que suas advertências eram encaradas com ceticismo e deboche. Em resposta, reafirmavam que o perigo era real e que o combateriam mesmo não encontrando reconhecimento ou apoio social.

Para a felicidade dos adeptos do sigma os vermelhos deflagrariam em novembro de 1935 aquela que ficou conhecida como a Intentona Comunista. Essa manobra serviu aos discursos dos camisas-verdes, que passaram a afirmar que a ameaça vermelha não só era concreta, como as advertências que faziam eram sensatas. O trecho abaixo ilustra este fenômeno:

Filho das angustias e dos sofrimentos profundos de uma geração, o Integralismo nasceu para evitar o esfacelamento de uma nação e, ao mesmo tempo, para dar, á semelhança de Hitler e Mussolini, uma lição de moral e de coragem aos filhos da Rússia bolchevista. Há 3 anos vimos denunciando á Nação a <<rede de Penelope>> que elles trançaram aqui, penetrando todas as camadas sociais e minando os alicerces do governo constituído, onde os ideais vermelhos encontraram, por parte de gente de responsabilidade, carinhoso e quente agasalho. Quando surgimos pregando as nossas idéias, muita gente julgou que estavam vendo <<chifres em cabeça de cavalo>>, porque ninguem mais teve coragem de falar, escancaradamente, em comunismo. O tempo passou e veio depois confirmar as nossas declarações.¹²⁹

Entretanto, argumentavam os integralistas, a ameaça vermelha não teria sido completamente extirpada no Brasil após a Intentona. Mais uma vez, diziam aqueles militantes, suas advertências encontravam ouvidos surdos. Nesse contexto pós-Intentona a Guerra Civil Espanhola foi instrumentalizada pela AIB a fim de alardear os perigos que imputava ao comunismo.

O Plano Cohen, divulgado em 30 de setembro de 1937, também foi utilizado pelo discurso integralista a fim de reiterar que a ameaça vermelha era concreta. Dias após a publicação daquele documento o *Chefe Nacional* asseverou que “muitos jornais e homens de

¹²⁸ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 224.

¹²⁹ *A Razão*, 16/04/1936, num. 03, p. II.

responsabilidades, mas cegos pela paixão política, afirmaram ser o comunismo um fantasma criado pelo Integralismo.”¹³⁰

A AIB possuiu outros adversários, a exemplo daqueles que lhe renderam hostilidade, indiferença ou reticência. O comportamento dessas pessoas frente ao sigma, acreditavam os integralistas, devia-se muitas vezes ao desconhecimento ou a imagens negativas em relação aos preceitos verdes. Nesse caso, eram os comunistas os grandes responsáveis por veicular concepções depreciativas inerentes ao sigma. Esses comunistas atuavam, especialmente, nas redações dos jornais.

No entanto, os militantes do sigma frequentemente incorriam na simplificação de reduzir seus adversários a uma massa amorfa classificada por “comunista”. Por exemplo, o governador da Bahia era comunista pois cerceava a militância verde nesse estado. Aqueles que ridicularizavam os desfiles dos camisas-verdes eram também comunistas. Em comunicação à delegacia de Alvinópolis, datada de setembro de 1937, o delegado do distrito de Saúde afirmou que um camisa-verde eleito juiz de paz tachava “(...) todos os que não commungam com as suas ideas, de comunistas.”¹³¹

Motta (2000) chama a atenção para a complexidade do fenômeno anticomunista no Brasil. O referido historiador observa que houve aqueles que reduziram o anticomunismo a algumas de suas facetas. Logo, esse fenômeno foi interpretado como uma manifestação de irracionalidade e fanatismo. Ao mesmo tempo houve aqueles que divisaram somente tentativas de manipulação e oportunismo¹³² em manifestações anticomunistas. Todos esses aspectos compõem o fenômeno anticomunista. Mas, não se pode ignorar que muitos indivíduos acreditaram com sinceridade na ameaça vermelha. Ademais, esse risco nem sempre foi absurdo e parte das críticas ao comunismo, ainda que deturpadas e beirando o grotesco, tinham alguma correspondência com o real (MOTTA, 2000).

Portanto, é necessário considerar a sinceridade do anticomunismo externado pelos adeptos da AIB. Porém, é certo que frequentemente os militantes do sigma classificaram seus adversários como comunistas por estratégia. Para os adeptos do sigma, imputar aos comunistas as adversidades que encontravam, as violências e as ofensas de que eram alvo funcionava como uma maneira de atestar a concretude da ameaça vermelha.

¹³⁰ *A Razão*, 07/10/1937, num. 76, p. II.

¹³¹ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 43.

¹³² Motta (2000) observou que a “ameaça comunista” foi utilizada de forma oportunista a fim de manter inalterada a ordem social. Logo, foi superdimensionada a fim de manipular a opinião pública e legitimar golpes de Estado e medidas repressivas contra trabalhadores e movimentos populares.

Ademais, os camisas-verdes afiançavam que o povo brasileiro era pacato, trabalhador, cristão e cioso da ordem social. Os integralistas defendiam uma sociedade coesa, harmônica, isenta de conflitos. Dessa maneira, ao reduzir seus adversários a um denominador comum a AIB reforçava sua idealização do povo brasileiro. O inimigo constituiria uma exceção em meio àquele perfil. É necessário ponderar ainda que o comunismo era um adversário mais óbvio, pois estava se assentando¹³³ no imaginário coletivo. Ademais, segundo Motta (2000) o comunismo tinha uma origem distante do Brasil, constituindo-se enquanto uma “planta exótica”.

Para os integralistas reiterar que o comunismo representava uma ameaça ao Brasil servia, pelo menos, a quatro propósitos. O primeiro deles era convencer os próprios camisas-verdes, os simpatizantes da AIB e a sociedade de que a ameaça vermelha era real. Discorrendo sobre as atividades de um integralista em Virginópolis, Vale do Rio Doce, o delegado desta cidade observou que “(...) para dar mais intensidade a sua propaganda, diz que aqui existe sessões de comunistas, cousa que não pode provar.”¹³⁴

O segundo propósito da AIB ao reiterar a ameaça vermelha era angariar para si apoio social. O terceiro objetivo dizia respeito à autoestima integralista, pois os militantes precisavam se convencer de sua própria importância. Referindo-se à ANL ainda em maio de 1935 os adeptos do sigma afirmaram: “Mal sabem eles, entretanto, que a Patria está alerta nos milhares de camisas verdes que, disciplinados, vigiam dos píncaros das montanhas, das imensidades das coxilhas, os passos dos inimigos da nacionalidade.”¹³⁵ Finalmente, o quarto objetivo, muito semelhante ao terceiro, dizia respeito à importância social dos integralistas, pois eles se arvoravam enquanto os únicos capazes de reprimir o comunismo no Brasil. Os adeptos do sigma insistiram que compunham a única organização brasileira imune ao “deletério vírus bolchevista”¹³⁶. Esse argumento perpassou o repertório do sigma, sobretudo, após a Intentona de novembro de 1935. Uma vez conhecidos os adversários da AIB, suas leituras de passado, projetos de futuro e estrutura interna é necessário identificar a trajetória dessa organização em solo mineiro. Esse será o objeto de análise do capítulo seguinte.

¹³³ Segundo Motta (2007) mesmo antes da ascensão de Lênin ao poder a imprensa brasileira retratou o líder dos bolcheviques como um espião a favor da Alemanha. Após a Revolução de Outubro a imprensa brasileira imputou inúmeras violências aos seguidores de Lênin. A existência de um país orientado pelos interesses do operariado constituía um exemplo perigoso ao proletariado brasileiro. Entretanto, foi durante a década de 1930 e mais especificamente durante o período do Estado Novo que a ideologia do anticomunismo se solidificou no Brasil, principalmente entre as elites políticas, sociais e burocráticas.

¹³⁴ APM: [PASTA 5003 Virginópolis - integralismo maio 1937 - nov. 1942](#). Docs. 51 e 52.

¹³⁵ *Anauê!* 06/05/1935, num. 05, p. II.

¹³⁶ *A Razão*, 22/07/1937, num. 65, p. IV.

CAPÍTULO II - ORGANIZAÇÃO E DIFUSÃO DA AIB EM MINAS

2.1 – Olbiano de Melo

Este capítulo tem dois objetivos, sendo que o primeiro é identificar as cidades e distritos de Minas Gerais em que mais cedo se registrou militância do sigma. O segundo objetivo é descrever e analisar como foi o processo de fundação e disseminação de núcleos da AIB pelo estado mineiro.

Não se pode discorrer sobre o início do integralismo em Minas sem mencionar o bacharel em Direito Olbiano de Melo¹³⁷. Natural de Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri, este intelectual foi o precursor do sigma em Minas Gerais. Sua cidade natal foi o “centro irradiador da Idéa Nova em Minas.”¹³⁸ O aludido intelectual foi um dos maiores responsáveis por conferir à AIB o modelo de organização estatal que esta pretendia adotar. Ele atuou na elaboração dos estatutos, escolha dos símbolos, uniforme e lema da AIB. Foi Olbiano de Melo quem leu no *I Congresso Integralista Brasileiro* o documento que ratificava Plínio Salgado como *Chefe Nacional* da AIB.

Porém, antes de se juntar à futura AIB aquele intelectual mineiro fez parte do Partido Republicano Mineiro (PRM). Olbiano de Mello integrou a comissão executiva deste partido em sua cidade natal. Mas, em 1928 ele rompeu com essa que foi a legenda política hegemônica em Minas Gerais. Entre 1928 e 1930 aquele intelectual dedicou-se a leituras sobre o marxismo, o socialismo e o fascismo, declarando-se adepto desse a partir de 1929.

Em fins de 1930 Olbiano de Melo publicou “A república sindicalista dos Estados Unidos do Brasil ou esboço dum Estado sindical corporativo”. Em 1931 publicou “Comunismo ou fascismo” e no ano seguinte publicou “Levanta-te Brasil”. Esse livro foi um manifesto à nação e continha os estatutos do *Partido Sindicalista Nacional*. Essa organização concebida por Olbiano de Melo teria milícias uniformizadas nos moldes nazifascistas que lutariam pela implantação de um Estado sindical-corporativo.

Em seus livros e outros escritos Olbiano de Melo atacava o liberalismo, o comunismo e o pluripartidarismo. Baseando-se no Estado fascista de Mussolini aquele intelectual mineiro

¹³⁷ Ver: COUTINHO, Amélia. Olbiano de Melo. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

¹³⁸ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. I.

concebeu um Estado nacionalista, centralizador e autoritário. Esse seria também um Estado corporativista, uma vez que suas bases estariam assentadas sobre os sindicatos. Esses seriam incumbidos de congregar e representar os trabalhadores de uma mesma profissão. Esses trabalhadores elegeriam seus representantes sindicais e esses, por sua vez, elegeriam os prefeitos. Em âmbito estadual, os trabalhadores de uma mesma profissão elegeriam seus representantes e esses elegeriam o governador. O mesmo fenômeno se repetiria em âmbito nacional. O Estado funcionaria então, como um agente subordinador e árbitro entre as categorias profissionais.

Segundo o jornal *Anauê!*¹³⁹, em março de 1932 Olbiano de Melo recebeu uma carta de Plínio Salgado em que esse abordava a semelhança das ideias entre ambos. Na missiva o futuro *Chefe Nacional* comunicou aquele intelectual de Teófilo Otoni sobre a fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) e o convidou a escrever no jornal *A Razão*. A correspondência entre ambos manteve-se ao longo daquele ano de 1932. O desejo de constituírem uma organização voltada à ação política, e não somente aos debates intelectuais, era assunto obrigatório naquelas cartas. O primeiro encontro entre aqueles intelectuais foi adiado pela eclosão da Revolta Constitucionalista de 1932. Assentada a poeira, eles se encontraram pela primeira vez em dezembro daquele ano na capital paulista.

Antes, porém, seguindo ordens de Plínio Salgado o segundo núcleo do sigma do Brasil foi fundado¹⁴⁰ por Olbiano de Mello na cidade de Teófilo Otoni. A data era nove de outubro de 1932. Logo, o primeiro núcleo mineiro foi inaugurado dois dias após o lançamento do *Manifesto de Outubro* e fundação do núcleo da cidade de São Paulo.

Contudo, os meses finais de 1932 registrariam pouca movimentação naqueles dois primeiros núcleos do Brasil. Segundo Carone (1974) as ruas de São Paulo capital deram lugar em abril de 1933 ao primeiro desfile integralista do país. Este desfile reuniu quarenta militantes trajando a camisa-verde.

Teófilo Otoni foi palco do primeiro desfile integralista em solo mineiro identificado por esta pesquisa. Esse evento ocorreu no dia primeiro de janeiro de 1934 quando na cidade em questão desfilou ‘(...) por entre aclamações da população, a milícia local, composta por duzentos “Camisas-verdes”, em comemoração pela entrada do ano.’¹⁴¹

Olbiano de Mello permaneceria como *Chefe Provincial* de Minas Gerais até fins de 1935 quando alegou motivos de saúde para se licenciar desta função. Este bacharel passou então a

¹³⁹ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. I.

¹⁴⁰ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. I.

¹⁴¹ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de janeiro de 1934, num. 03, p. II.

residir no estado fluminense onde permaneceu oficialmente vinculado à AIB. Porém, tanto no estado do Rio de Janeiro como em Minas a presença daquele intelectual nas atividades desta organização tornou-se discreta. Mesmo em veículos da imprensa verde os escritos de Olbiano de Mello são escassos.

A partir de 1934, quando este bacharel atuava como *Chefe Provincial* de Minas, as cidades de Belo Horizonte e Juiz de Fora, ao lado de Teófilo Otoni, passaram a abrigar núcleos que atraíram muitos adeptos. Ambos se tornaram centros de irradiação do integralismo em território mineiro. Este será tema será abordado no tópico seguinte.

2.2 – A difusão do integralismo em Minas Gerais entre 1932 e 1935

Em agosto de 1935 através do jornal *A Offensiva* Plínio Salgado escreveu mais uma mensagem a seus subordinados. Versando sobre o desenvolvimento da organização que comandava aquele intelectual sustentou que “em 1933, havia em todo o território nacional, 7 núcleos organizados; em 1934, 548; em 1935, 1.123.”¹⁴² Contudo, esses números divergem daqueles apresentados pela primeira edição de *Monitor Integralista*.

Este jornal¹⁴³ sustentou que em princípios de dezembro de 1933 somente o estado de Minas Gerais abrigava cinco núcleo integralistas. Estes encontravam-se nas cidades de Teófilo Otoni, Brazópolis, Presidente Bueno, Poté e Três Pontas. Havia *núcleos em coordenação* nas cidades de Araçuaí, Campina Verde, Curvelo, Itajubá, Juiz de Fora, Monte Carmelo, Monte Santo, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí e Uberaba.

Conforme aquela primeira edição de *Monitor Integralista*, ao longo de 1933 Olbiano de Mello divulgava o sigma por meio de artigos na imprensa mineira e através de impressos que distribuía pelo estado. No entanto, em fins de 1933 aquele intelectual de Teófilo Otoni solicitou a Plínio Salgado que lhe permitisse transferir para a *Chefia* da capital mineira os “encargos do movimento”¹⁴⁴. Logo, a coordenação do movimento integralista em solo mineiro não partiria mais de Teófilo Otoni.

Porém, quando Olbiano de Mello fez aquela solicitação a capital mineira sequer possuía um núcleo da AIB. Esse seria inaugurado em fevereiro de 1934, sobretudo por estudantes de Direito que estavam em contato com as ideias integralistas desde o ano anterior. Até julho de

¹⁴² *A Offensiva*, 24/08/1935, num. 67, p. I.

¹⁴³ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, p. II.

¹⁴⁴ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, num. 01, p. I.

1935 o mesmo espaço abrigou o núcleo *provincial* (estadual) de Minas Gerais e o núcleo municipal de Belo Horizonte.

As edições de *Anauê!* relativas a 1934 sustentam que o núcleo belo-horizontino experimentou um considerável desenvolvimento inicial. Embora sua fundação date de fevereiro de 1934 no mês seguinte esse núcleo realizava exercícios da *Milícia Integralista* no parque municipal de Belo Horizonte. Ainda naquele mês de abril o núcleo dessa cidade lançava a edição inicial do periódico *Anauê!*. Ao longo daquele ano de 1934 integralistas de Belo Horizonte ainda fundaram subnúcleos em mais cinco bairros dessa cidade, sendo eles: Horto Florestal, Barro Preto, Santa Efigênia, Lagoinha e Calafate. O subnúcleo do Barro Preto foi instalado em setembro daquele ano. “Causou optima impressão, entre os camisas-verdes a gentileza do revmo. vigário (...) cedendo a séde da Escola Parochial para as reuniões semanaes do sub-nucleo integralista.”¹⁴⁵

Naturalmente, havia simpatizantes do integralismo em municípios que não possuíam núcleos oficialmente fundados. Este foi o caso da cidade de Pouso Alegre, cujo núcleo só seria fundado em fevereiro de 1935. O militante que se tornaria o primeiro *Chefe Municipal* desta cidade recebeu ainda em março de 1933 uma carta de Olbiano de Melo. Em setembro desse mesmo ano o aludido militante recebeu uma carta de Lopes Casalli¹⁴⁶. O conteúdo das missivas, naturalmente, referia-se ao integralismo.

O advogado João Queiroz¹⁴⁷ foi um dos primeiros integralistas de Pouso Alegre e sucedeu o primeiro *Chefe Municipal* dessa cidade, ocupando esse posto até a extinção da AIB. O referido bacharel manteve correspondência com Miguel Reale e Osolino Tavares no ano de 1934. Esses lhe remeteram instruções e os *Deveres dos Integralistas*. Aquele advogado, porém, declarou que inicialmente esses documentos os “(...) desanimaram. Expostos aos do grupo, quase todos discordaram. Acharam demasiadas, absurdas até as exigências.”¹⁴⁸

Itanhandu foi um município que possuiu em 1934 um simpatizante da AIB particularmente ativo. Tratava-se do professor Júlio dos Santos, que antes da fundação do

¹⁴⁵ *A Offensiva*, 20/09/1934, num. 19, p. V.

¹⁴⁶ Foi um dos “integralistas da primeira hora”, uma vez que pertenceu à SEP, migrando para a AIB quando esta foi criada.

¹⁴⁷ Em sessão extraordinária foi nomeado chefe municipal da AIB em Pouso Alegre em 22 de março de 1936, substituindo Isaltino Resende. Esse exonerou-se de suas funções como *Chefe Municipal*, todavia, permaneceu sempre ocupando alguma função no núcleo pouso-alegrense da AIB. Tanto a exoneração como a nomeação daqueles camisas-verdes foram publicadas em decretos da *Chefia Provincial*. João Queiroz foi o diretor e um dos redatores de *A Razão*.

¹⁴⁸ *A Razão*, 14/05/1936, num. 05, p. II.

núcleo de Itanhandu visitava outras cidades em propaganda do sigma. O núcleo da cidade em que residia, porém, foi inaugurado¹⁴⁹ em outubro de 1934.

Nesse ano Teófilo Otoni, Juiz de Fora e Belo Horizonte foram as cidades que abrigaram os núcleos com mais adeptos e melhor estruturados em Minas. O núcleo de Belo Horizonte, porém, viu-se obrigado a interromper a publicação de seu jornal em julho de 1934. Fê-lo após lançar quatro edições desse periódico. O exemplo de Juiz de Fora permite vislumbrar a quantidade de adeptos que um dos maiores núcleos do estado reunia em fins de 1934. Em outubro desse ano o núcleo da cidade em questão afiançou que reunia ‘(...) quase uma centena de “camisas-verdes.”’¹⁵⁰

Mesmo aqueles núcleos que se destacariam a partir de meados de 1935 ainda buscavam uma sede própria e contavam com poucos adeptos no ano anterior. Através da coluna *O Integralismo nas Províncias* o jornal *A Offensiva* apresentou um resumo sobre o desenvolvimento do sigma nos estados brasileiros. Essa coluna é mais um indicativo de que em 1934 a AIB estava presente em poucas cidades mineiras.

No que tange a Minas, ao longo de 1934 a ênfase da coluna *O Integralismo nas Províncias* residiu no esforço de propaganda de alguns militantes. Segundo a referida coluna esses estariam trabalhando com entusiasmo e de forma incansável na difusão do sigma. Foi comum aquele jornal enaltecer a propaganda em favor da AIB desenvolvida por estudantes secundaristas. Em junho de 1934, por exemplo, *A Offensiva* publicou que “Em São João d’El-Rey, o movimento é animador. (...), chefe do Sub-Núcleo gymnasial local, iniciou intensa propaganda no seio daquela velha e tradicional cidade.”¹⁵¹ Mas, conforme aquele jornal¹⁵² o núcleo de São João Del Rei seria inaugurado em fins de janeiro de 1935. Portanto, ao longo de 1934 *A Offensiva* enfatizou um desenvolvimento em potencial e não aquele que a AIB efetivamente havia alcançado em terras mineiras. O excerto abaixo corrobora esta assertiva:

Raul Soares – Tem sido extraordinária a campanha pela difusão do Integralismo nessa prospera cidade. A’ frente do núcleo local está o advogado Dilermando Rocha, moço de grande capacidade de trabalho. Auxiliam-no, nessa tarefa grandiosa, dois conceituados médicos: (...).

Tres Corações – Bastante animadoras têm sido as notícias recebidas dessa bella e culta cidade. O professor (...) desdobra-se em profícua actividade, divulgando a Doutrina entre todas as classes do Municipio.
(...).

Barbacena – Embora tenha sido iniciado ha pouco tempo o movimento integralista nesta cidade, a Idéa Nova se espalha rapidamente, fazendo tudo prever

¹⁴⁹ *A Offensiva*, 01/11/1934, num. 25, p. VIII.

¹⁵⁰ *A Offensiva*, 08/11/1934, num. 26, p. V.

¹⁵¹ *A Offensiva*, 07/06/1934, num. 04, p. V.

¹⁵² *A Offensiva*, 07/02/1935, num. 39, p. V.

que, dentro em pouco, ahi surgirá um dos mais solidos reductos da Grande Causa. E' Chefe Coordenador o universitario (...), sendo auxiliado pelo gymnasiano (...).¹⁵³

Diamantina também abrigou um núcleo do sigma que se tornou relevante a partir de meados de 1935. Mas, até junho do ano anterior aquela cidade estava “(...) acompanhando com o maior interesse o rythmo da marcha grandiosa da Idéa Nova.”¹⁵⁴ Na localidade de Bom Jardim, Sul de Minas, *A Offensiva* mencionou que “O sr. (...) continua, bravamente, prestando a eficiencia da sua propaganda em prol do movimento Integralista, nessa importante localidade mineira.”¹⁵⁵ Portanto, a tônica assumida por *A Offensiva* ao se referir a Minas Gerais ao longo de 1934 caracterizou-se pela aposta, por acreditar que o integralismo se difundiria pelo estado. As exceções estavam nas referências aos núcleos da capital mineira, de Juiz de Fora e de Teófilo Otoni.

Embora a tônica em relação a Minas tenha sido a aposta, esse estado ocupou muito mais espaço ao longo do ano de 1934 na coluna *O Integralismo nas Províncias* do que qualquer outra unidade federativa do Nordeste ou do Sul do país. Esse aspecto sinaliza que até aquele ano o integralismo se desenvolveu antes e em maior proporção em Minas do que nos estados das aludidas regiões. As reflexões de pesquisadores que estudam o desenvolvimento do integralismo em estados das regiões Sul e Nordeste corroboram esse argumento.

Caldeira (1999) indica que no segundo semestre de 1933 a direção da AIB enviou alguns de seus líderes em expedição às capitais das regiões Norte e Nordeste. O objetivo era impulsionar a difusão do sigma naquelas regiões, orientar os militantes daqueles estados e, através da presença de lideranças nacionais, legitimar os núcleos já instalados. Devido à insuficiência de estradas interligando os estados, as viagens dos líderes do sigma foram feitas em embarcações. Essas visitas quase sempre foram breves, pois condicionavam-se às paradas das embarcações para entrega e carregamento de mercadorias, reabastecimento, embarque e desembarque de passageiros (CALDEIRA, 1999).

A análise do trabalho “Integralismo e Política Regional”, publicado por Caldeira em 1999, permite inferir que no estado do Maranhão o integralismo foi um movimento pouco expressivo na capital até princípios de 1934. Ao mesmo tempo foi pouco difundido no interior do estado até essa data. A primeira marcha dos camisas-verdes do estado em questão foi realizada no dia 1º de Maio de 1934 na capital São Luís.

¹⁵³ *A Offensiva*, 07/06/1934, num. 04, p. V.

¹⁵⁴ *A Offensiva*, 21/06/1934, num. 06, p. V.

¹⁵⁵ *A Offensiva*, 26/07/1934, num. 11, p. V.

Em Pernambuco, conforme Silva (2016), o integralismo surgiu como um defensor dos valores e tradições supostamente ameaçados pelo avanço do comunismo. Por conseguinte, a recepção e avanço do sigma no aludido estado nordestino vinculou-se, sobretudo, aos valores antiliberais, católicos, de defesa da ordem e anticomunistas que pregava. Intelectuais acadêmicos e católicos, partindo da faculdade de Direito de Recife, constituíram a base de recepção e difusão das propostas integralistas em Pernambuco. Esses acadêmicos conseguiram difundir o integralismo no seio de suas famílias. No estado em questão os discursos mais repetidos foram aqueles de desordem comunista e liberal e de necessidade de um Estado forte. Naturalmente, houve a circulação de discursos antisemitas e simpáticos ao fascismo, mas esses não tiveram a mesma ressonância do que os discursos anticomunistas e antiliberais (SILVA, 2016).

Ferreira (2009, p. 23) sustenta que “a trajetória do integralismo na Bahia se inicia com a instalação do núcleo provincial em junho de 1933 (...)”. Fagundes (2009), por outro lado, constatou que o primeiro núcleo integralista da Bahia foi organizado em novembro de 1932.

De acordo Fagundes (2009), o primeiro núcleo da então capital federal, cidade do Rio de Janeiro, foi inaugurado em abril de 1933. Entre os anos de 1933 e 1934 a preocupação central dos integralistas do Rio de Janeiro foi de se organizarem e se difundirem nesse estado. O integralismo chegou ao Espírito Santo no segundo semestre de 1933. Vitória, capital desse estado, foi a primeira cidade desse a receber uma reunião pública da AIB. Em agosto de 1933 Miguel Reale comandou as bandeiras dirigidas aos estados do Sul. Apenas em janeiro de 1934 a bandeira liderada por Gustavo Barroso às regiões Nordeste e Norte chega às cidades de Belém e Manaus (FAGUNDES, 2009).

Segundo Gertz (1987), foi a partir do primeiro semestre de 1934 que núcleos integralistas começaram a ser organizados no Rio Grande do Sul. O primeiro núcleo de Santa Catarina foi inaugurado em abril de 1934 na capital Florianópolis. Observadores contemporâneos constataram que a aceitação do integralismo foi maior em municípios de colonização estrangeira. Essa constatação não estava equivocada (GERTZ, 1987).

Os trabalhos de Caldeira (1999), Gertz (1987), Fagundes (2009) e Silva (2016) indicam que respectivamente no Maranhão, Santa Catarina, Rio de Janeiro e em Pernambuco o integralismo primeiro se instalou nas capitais para então se difundir no interior. Fenômeno diferente ocorreu em Minas Gerais, visto que em fevereiro de 1934, quando se dá a instalação do núcleo de Belo Horizonte, cidades interioranas já possuíam núcleos integralistas. A principal

delas foi Teófilo Otoni, terra de natal de Olbiano de Melo, sede do primeiro núcleo integralista mineiro e responsável por coordenar pequenos núcleos em localidades adjacentes.

A análise de *Monitor Integralista*, jornal interno e oficial da AIB, também permite inferir que no período anterior a 1935 essa organização lutava para normatizar a conduta de seus militantes, para se corresponder com os diversos núcleos do país e impor a esses as mesmas diretrizes. Ao longo de 1934 *Monitor Integralista* comumente solicitou que as *Chefias Provinciais* lhe enviassem relatórios das atividades realizadas no mês anterior. Esse fenômeno sinaliza para uma falta de contato entre algumas *Chefias Provinciais* e *Monitor Integralista*.

Em janeiro de 1934 esse jornal recomendou a todos os militantes do sigma “(...) o habito da camisa e do respectivo distintivo.”¹⁵⁶ No mês seguinte, o aludido jornal lembrou aos *Chefes Provinciais* e *Coordenadores de Província* que o uso da camisa-verde era obrigatório nas reuniões e solenidades “(...) para todos os Integralistas que ocupam cargos na A. I. B. Para os funcionarios de Secretarias e os empregados é obrigatorio o uso diario da camisa verde nas horas do expediente.”¹⁵⁷ Depreende-se dessa citação que em princípios de 1934 o uso da camisa-verde, um dos símbolos maiores da AIB, parecia não ser regra nem mesmo entre aqueles militantes que ocupavam cargos nessa organização.

O uso daquele uniforme parece não ter sido regra em Minas Gerais após a recomendação expressa por *Monitor Integralista* em janeiro de 1934. Prova disso é que em 23 de dezembro de 1935 o jornal belo-horizontino *Anauê!* estabeleceu como “(...) obrigatorio o uso da camisa verde para todos os que exercem cargos na Província quando no exercício de suas funções na Séde Provincial.”¹⁵⁸ É conveniente observar que essa determinação não se aplicava a todos os núcleos do estado, mas somente ao núcleo *provincial*. Ainda em fevereiro de 1937 o periódico oficial do sigma publicou¹⁵⁹ uma nota recomendando o uso da camisa-verde.

Mas, enquanto denotava que a AIB procurava se estruturar e submeter seus militantes às mesmas diretrizes, o discurso dessa organização afirmava que essa crescia vertiginosamente. Em agosto de 1934, por exemplo, o *Chefe Nacional* advogou que:

Do ponto de vista da extensão geographica, o integralismo domina todo o territorio brasileiro, com uma séde em cada capital de Província e outras espalhadas pelos municípios. No mais remoto sertão já se desfraldou a bandeira azul e branca do Sigma. Apreciado sob o aspecto da penetração social, a organização integralista se encontra em todas as classes. Em quasi todas as escolas superiores e secundaristas do paiz ha nucleos integralistas. Em quasi todos os quarteis, tanto do Exercito como das Polícias,

¹⁵⁶ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de janeiro de 1934, num. 03, p. I.

¹⁵⁷ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de fevereiro de 1934, num. 05, p. I.

¹⁵⁸ *Anauê!*, 05/01/1936, num. 13, p. I.

¹⁵⁹ *Monitor Integralista*, 20/02/1937, num. 17, p. III.

tambem existem adeptos. Nas profissões liberaes grande é o numero, em todas as províncias, de proselitos do pensamento renovador. Na massa proletaria, o triunfo integralistas é cada vez maior.¹⁶⁰

As referências à AIB em jornais não integralistas até fins de 1934 são outro indicativo da força e da difusão dessa organização em Minas até aquele ano. A Biblioteca Nacional conserva pouco mais de cem periódicos mineiros relativos à década de 1930. Os jornais pertencentes àquele acervo em raras ocasiões referem-se ao sigma antes de 1935. Por outro lado, as referências à AIB não aumentaram substancialmente durante os anos de 1936 e 1937. O integralismo não constituiu uma pauta sistemática na esmagadora maioria dos jornais mineiros conservados pela Biblioteca Nacional entre os anos de 1932 a 1937.

Fenômeno semelhante ocorre com a documentação do fundo DOPS-MG no que tange ao período anterior a 1935. As datas iniciais da maioria das pastas sobre o integralismo nesse arquivo começam em 1935. Depreende-se que o sigma era um movimento numericamente pequeno em Minas Gerais até aquele ano a ponto de despertar pouco a atenção policial e de jornais.

A organização comandada por Plínio Salgado elaborou seus estatutos e definiu sua estrutura em 1934. No entanto, acabou por refazer esse percurso no ano seguinte. Portanto, os meses subseqüentes ao *I e II Congresso Integralista Brasileiro* constituem um período de readequação interna da AIB em todo o país. Logo, boa parte do ano de 1935 representa um período em que a organização comandada por Plínio Salgado tentou implantar seu novo organograma pelos núcleos do país. Contudo, pondera Trindade (1979), o formato de organização autoritária, centrada na figura de um líder e pautada pela rígida hierarquia e disciplina já havia se estabelecido desde o lançamento da AIB.

Em fins de 1935 essa organização estava internamente estruturada, já havia feito dois congressos nacionais, já havia se elaborado e reelaborado internamente. Ao longo do referido ano em Minas Gerais aquela organização conseguiu atrair mais adeptos e se estabelecer em mais cidades e distritos mineiros. Esse crescimento, todavia, não foi uniforme em todo o estado.

Longe disso, pois até fins 1935 esteve praticamente restrito à Zona da Mata, à região Central e especialmente à região Sul mineira. Mesmo nessa região, porém, o integralismo ainda se esforçava por se organizar melhor e se disseminar mais. Prova disso foi a realização em Itajubá nos dias 27 e 28 de junho de 1935 do *Congresso Integralista do Sul de Minas*. O objetivo

¹⁶⁰ *A Offensiva*, 02/08/1934, num. 12, p. I.

dos camisas-verdes com esse evento era estruturar “(...) definitivamente, o movimento naquela região.”¹⁶¹

As visitas de Plínio Salgado e de outras lideranças nacionais da AIB a Minas são outro indicativo de que essa organização não havia se disseminado por todo o referido estado até fins de 1935. Nesse período as visitas do *Chefe Nacional* e de outras lideranças como Gustavo Barroso e Santiago Dantas limitavam-se a cidades das regiões Central, Zona da Mata e Sul de Minas. Conforme *Anauê!*¹⁶² em abril de 1935 Olbiano de Mello e Santiago Dantas visitaram Barbacena. Dessa cidade, ambos seguiram para Juiz de Fora e, por fim, Santiago Dantas visitou também São João Del Rei.

Mesmo algumas das cidades visitadas nas regiões Sul, Zona da Mata e Central contavam com núcleos incipientes. Esse foi o caso de São João Del Rei, pois à época da visita de Santiago Dantas o núcleo dessa cidade havia sido inaugurado há cerca de três meses. Conforme a revista *Anauê!*¹⁶³ nos meses de junho e julho houve, respectivamente, a instalação da primeira sede daquele núcleo e posse do primeiro *Chefe Municipal*.

Em maio de 1935 Gustavo Barroso, *Secretário Nacional de Educação* da AIB, fez uma rápida visita a Muriaé “onde alguns pioneiros do Integralismo inauguraram a 4 do mesmo mez o nucleo local.”¹⁶⁴ Após essa visita o referido camisa-verde seguiu para Juiz de Fora. A caminho dessa cidade aquele líder do sigma articulou coordenadores para a fundação de novos núcleos nos municípios de Leopoldina, Cataguazes e Miraf. No mês seguinte Gustavo Barroso visitou a capital mineira onde fez um discurso em que rememorou as visitas anteriores a essa cidade. Neste discurso o referido integralista postulou que:

A primeira, a convite moços idealistas. Lançou a semente integralista ao sólo e deixou-a entregue aos cuidados de alguns rapazes. A segunda vez, em companhia do Chefe Nacional, sr. Plínio Salgado, veiu ver o resultado da sua pregação. Encontrou a semente transformada em arbusto viçoso, cheio de seiva.

Agora, era a terceira vez que vinha á nossa luminosa cidade no seu peregrinar pelo Brasil na pregação do Integralismo.

O arbusto cresceu, transformou-se em arvore frondosa.¹⁶⁵

Em novembro o “Commandante Barroso”¹⁶⁶ retornou a Minas Gerais visitando, na região Central, o município de Ouro Preto e o distrito de Saúde e na Zona da Mata as cidades

¹⁶¹ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. I.

¹⁶² *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. II.

¹⁶³ Revista *Anauê!* 01/1936, num. 07.

¹⁶⁴ *A Offensiva*, 01/06/1935, num. 55, p. IV.

¹⁶⁵ *A Offensiva*, 29/06/1935, num. 59, p. IX.

¹⁶⁶ *A Offensiva*, 07/12/1935, num. 82, p. X.

de Viçosa, Miraí, Porto Novo, Leopoldina, Ubá, Cataguazes e Ponte Nova. Cidades de regiões como o Norte e Noroeste de Minas além de não serem visitadas por expoentes do sigma em 1935 não constituíam objetos de matérias em *A Offensiva* até fins deste ano. Não há referências, por exemplo, à região Norte de Minas em *A Offensiva* ao longo dos anos 1934 e 1935.

À exceção de cidades como Diamantina, Formiga e Teófilo Otoni, respectivamente no Vale do Jequitinhonha, Centro-Oeste e Vale do Mucuri, ao longo de 1935 as referências a Minas presentes em *A Offensiva* aludiam, sobretudo, a municípios nas regiões Central, Sul e Zona da Mata. Houve exceções, mas essas ratificam o baixo desenvolvimento do sigma em outras regiões. Em abril de 1935, por exemplo, *A Offensiva* noticiou que Olbiano de Mello iria ao:

(...) Norte de Minas, em vista da necessidade de ser feita na cidade de Arassuhay uma concentração dos Chefes dos Nucleos de Teophilo Otoni, Presidente Penna, Bias Fortes, Itambacury, Fortaleza e Salinas para um perfeito delineamento da estruturação do movimento integralista naquelle sector mineiro. Leva também o pensamento de crear uma Inspectoria na zona norte da Província.¹⁶⁷

Portanto, a maioria das referências a Minas presentes em *A Offensiva* ao longo de 1935 refere-se às regiões Central, Sul e Zona da Mata. Em junho de 1935 o aludido jornal publicou uma matéria cujo título foi “Concentração Integralista em Ponte Nova”¹⁶⁸. Em agosto daquele ano *A Offensiva* publicou matérias com os seguintes títulos: “O surto do movimento integralista em Maria da Fé, no Sul de Minas”¹⁶⁹, “A Zona da Matta desperta, e entusiasmamente sauda com o seu <<anaue!>>”¹⁷⁰ e a “Cidade integralista de Pedra Branca”¹⁷¹

Na maioria das vezes eram os próprios núcleos que enviavam notícias sobre o seu desenvolvimento à *Offensiva*. Em muitas situações militantes mais ativos também enviaram notícias sobre suas atividades ao referido periódico ou ao núcleo *provincial* de Minas. Não foram encontrados registros em *A Offensiva* de núcleos ou de militantes da região Norte de Minas que enviaram notícias a esse jornal.

Teófilo Otoni, berço do sigma em terras mineiras, encravou no Vale do Mucuri um núcleo atuante e que reuniu, pelo menos, mais de uma centena de adeptos. Apesar disso, até o final de 1935 o sigma difundiu-se muito menos na região de Teófilo Otoni se comparado às regiões Central, Sul e Zona da Mata. Esse fenômeno se manteve inalterado até dezembro de 1937 quando a AIB foi extinta mediante um decreto presidencial.

¹⁶⁷ *A Offensiva*, 06/04/1935, num. 47, p. V.

¹⁶⁸ *A Offensiva*, 22/06/1935, num. 58, p. X.

¹⁶⁹ *A Offensiva*, 03/08/1935, num. 64, p. X.

¹⁷⁰ *A Offensiva*, 10/08/1935, num. 65, p. VIII.

¹⁷¹ *A Offensiva*, 24/08/1935, num. 67, p. VIII.

Na região Centro-Oeste o município de Formiga era a referência do integralismo. Desde princípios de 1935 o núcleo formiguense já se empenhava em fazer propaganda do sigma em distritos e municípios adjacentes. No Vale do Jequitinhonha o núcleo de referência do sigma estava em Diamantina. Em meados de 1935 o núcleo dessa cidade já desenvolvia ações de cunho assistencialista, dentre elas mantinha uma *Escola Integralista* nortuna voltada a adultos.

Não obstante, até o final de 1935 a concentração de núcleos da AIB no Centro-Oeste e Vale do Jequitinhonha foi muito inferior às regiões Central, Sul e Zona da Mata. As fontes consultadas não fazem referência a núcleos do sigma nas regiões Norte e Noroeste de Minas até fins de 1935. Logo, não se pode afirmar que até esse período a AIB era uma organização amplamente disseminada em Minas Gerais. A distribuição de núcleos integralistas nesse estado até fins de 1935 era bastante desigual. Corrobora esta desigualdade a localização dos municípios que receberam o título de *Cidade Integralista* em Minas Gerais até fins de 1935. O significado deste título e quais municípios o receberam até aquele ano são o objeto de análise do tópico seguinte.

2.3 – As cidades integralistas

A *Resolução nº 04* publicada¹⁷² em março de 1934 estabelecia o título de *Cidade Integralista* àqueles municípios que se distinguiam em sua campanha pelo sigma. Apenas ao *Chefe Nacional*, guiando-se por critérios pessoais, cabia a prerrogativa de conceder esse título a uma cidade. Costumavam receber aquele título os municípios cujos núcleos haviam experimentado notório crescimento numérico e que haviam fundado subnúcleos em muitos de seus distritos. Aquele título era outorgado também àqueles municípios em que Plínio Salgado observava que os militantes demonstravam elevada disciplina e entusiasmo. O título de *Cidade Integralista* deveria ser mencionado nas correspondências entre os núcleos e entre esses e as *Secretarias Provinciais*.

Esse título, naturalmente, era almejado pelos militantes para as cidades em que residiam. A imprensa verde, é claro, divulgava a concessão daquele título a um município. Logo, a distinção de *Cidade Integralista* constituiu mais um dos mecanismos de estímulo à militância dos camisas-verdes. As fontes pesquisadas¹⁷³ indicam que Minas Gerais contou com quatro

¹⁷² *Monitor Integralista*, segunda quinzena de maio de 1934, num. 06, p. VII.

¹⁷³ *Monitor Integralista* era o responsável por publicar os títulos de *Cidade Integralista*.

Cidades Integralistas, ei-las: Teófilo Otoni, Itajubá, Pedra Branca e Santa Rita do Sapucaí. À exceção da primeira, as demais localizam-se na região Sul de Minas.

Em Minas Gerais, Teófilo Otoni foi a primeira a receber aquele título, uma vez que foi também “(...) a primeira cidade mineira que respondeu ao apelo do Chefe Nacional do Integralismo.”¹⁷⁴ Em agosto de 1934 Teófilo Otoni foi palco de uma concentração integralista que recebeu militantes de distritos e cidades vizinhas. Durante os dias do evento os adeptos do sigma realizaram desfiles pela cidade a pé, a cavalo e em motocicletas. Conforme o discurso da AIB “quatro mil pessoas aplaudiram a leitura do decreto que concede a esta cidade as honras de cidade integralista.”¹⁷⁵ O decreto foi lido ao final da concentração por Olbiano de Mello, o que teria sido um “momento de vibração indescritível.”¹⁷⁶

Os esforços de um camisa-verde do município paulista de Cruzeiro contribuíram para a fundação do núcleo de Itajubá em março de 1935. Alguns meses após, em junho deste ano, o município em questão sediou o *Congresso Integralista do Sul de Minas*. Ao fim desse evento Plínio Salgado concedeu a Itajubá o título de *Cidade Integralista*. Posteriormente, a *Resolução nº 113* do *Chefe Nacional* ratificou aquele título postulando que Itajubá havia se tornado o “eixo do movimento integralista no Sul de Minas”¹⁷⁷ e contava então com quase mil camisas-verdes.

Santa Rita do Sapucaí¹⁷⁸, cujo núcleo foi fundado em novembro de 1934, tornou-se *Cidade Integralista* devido ao crescimento numérico de seus militantes. Em meados de 1935 o *Chefe Nacional* visitou a referida cidade. Nessa ocasião teria encontrado pouco mais de 80 camisas-verdes. Prometeu retornar quando Santa Rita do Sapucaí contasse com trezentos integralistas. Três meses após sua visita, informaram-no de que ele poderia retornar. Uma vez naquela cidade o líder da AIB teria encontrado setecentos camisas-verdes. Nessa ocasião o *Chefe Municipal* de Santa Rita do Sapucaí garantiu que “já não existe na cidade um prédio digno de ser a sede da A.I.B. ali, porque todos são pequenos demais.”¹⁷⁹

Em fins de maio de 1935 com a presença de militantes de Itajubá e de Maria da Fé houve a fundação do núcleo de Pedra Branca. “O povo, em geral, quer da cidade, quer da roça, vibrou extraordinariamente tendo demonstrado o maior interesse pela doutrina de Plínio Salgado.”¹⁸⁰ Em agosto daquele mesmo ano Pedra Branca recebeu uma visita do *Chefe Nacional*. Esse havia

¹⁷⁴ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1934, num. 08, p. IV.

¹⁷⁵ *A Offensiva*, 16/08/1934, num. 14, p. I.

¹⁷⁶ *A Offensiva*, 23/08/1934, num. 15, p. VIII.

¹⁷⁷ *Monitor Integralista*, 23/08/1935 num. 11, p. VI.

¹⁷⁸ *Monitor Integralista*, 23/08/1935 num. 11, p. VI.

¹⁷⁹ *A Offensiva*, 10/08/1935, num. 65, p. VI.

¹⁸⁰ *A Offensiva*, 01/06/1935, num. 55, p. IX.

comparecido ao *Congresso Integralista do Sul de Minas* e estava visitando algumas cidades desta região. A Pedra Branca a liderança maior do sigma concedeu o título de *Cidade Integralista*. Posteriormente esse título foi ratificado nas páginas de *Monitor Integralista*. Em seu despacho¹⁸¹ o *Chefe Nacional* justificou aquele título mencionando que Pedra Branca reunia mil camisas-verdes o que julgou uma quantidade expressiva ao considerar a diminuta população desse município. A expansão do sigma em Pedra Branca foi apresentada como um modelo para os demais núcleos e como uma prova da tenacidade do integralismo. Conforme *A Offensiva*:

A grande maioria da população municipal é integralista. Os comerciantes da cidade estão todos com o Integralismo; aqueles que ainda não vestem a camisa verde são sympathizantes sinceros, convictos. Com os fazendeiros dá-se a mesma coisa. Os operarios, os lavradores, enfim, todas as classes economicas e sociaes estão de pé, pelo Brasil, em defesa da idéa que está prestes a redimir a Patria Brasileira.

Não ha força humana que possa deter a onda verde que empolga a cidade e todos os bairros do município.

Pedra Branca já conta mais de 1.500 camisas-verdes, profundamente convictos de que o Brasil Integral fará feliz o povo brasileiro. A cidade Integralista de Pedra branca está, de facto, marchando na vanguarda do Exercito de Deus, da Patria e da Familia. As cifras que temos publicado são um attestado eloquentíssimo.¹⁸²

Mas, nem todos os municípios mineiros que possuíram muitos camisas-verdes e que se destacaram por sua militância receberam o título de *Cidade Integralista*. Os núcleos de Três Corações, Diamantina, Areado e Juiz de Fora, por exemplo, atraíram uma significativa quantidade de adeptos, mas não receberam aquele título. Efetivamente, foram poucos os que receberam aquela distinção.

Há que se considerar ainda os casos dos núcleos de Alvinópolis e de seu distrito denominado Saúde. Em setembro de 1937 o DOPS-MG solicitou que a delegacia de Alvinópolis lhe enviasse uma relação dos funcionários públicos deste município que eram integralistas. A resposta foi redigida nos seguintes termos:

(...) que quase todo os funcionarios publicos neste municipio, com excepção dos municipaes, e de tres ou quatro professoras do Grupo escolar desta cidade, são absolutamente simpattizantes do Integralismo, pois que sob tal legenda tem estado, e tem dispensado toda subordinação aos Integralistas que, neste municipio, estão augmentando assombrosamente, fazendo inscrever, até então so elles novos eleitores em avultado numero. Não me é dado positivar nomes dos funcionarios filiados ao Sigma de vez que não conheço a relação dos Juramentados.¹⁸³

¹⁸¹ *Monitor Integralista*, 03/10/1935, num. 12, p. V.

¹⁸² *A Offensiva*, 26/10/1935, num. 76, p. VIII.

¹⁸³ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 28.

Os núcleos integralistas de Alvinópolis e de Saúde revelam algumas peculiaridades. Uma delas, é que o distrito reuniu mais adeptos do que a cidade e era visitado primeiro por lideranças integralistas. Outra das peculiaridades é que o volume de denúncias contra o integralismo em Alvinópolis e Saúde foi maior do que aquele registrado nas demais localidades pesquisadas. Não obstante, a cidade e o distrito em questão não receberam o título de *Cidade Integralista*.

Essa distinção foi mais dos mecanismos instituídos pela AIB com o intuito de fomentar a competição entre seus adeptos. *Cidade Integralista* foi um título outorgado mais vezes durante os anos de 1934 e 1935. Após este período, talvez em decorrência do crescimento da AIB em todo o país, aquele título passou a ser cada vez menos concedido. Em maio de 1937, segundo o jornal¹⁸⁴ interno da AIB, Plínio Salgado cassou o título de *Cidade Integralista* de Pedra Branca e de outras duas cidades, uma do Paraná e outra de São Paulo. *Monitor Integralista* não apresenta as razões que levaram o *Chefe Nacional* àquela deliberação.

2.4 – Os núcleos integralistas

O objetivo deste tópico é examinar o processo de criação e funcionamento de núcleos da AIB em Minas Gerais. Os núcleos ou sedes integralistas eram os locais onde os militantes se encontravam para suas reuniões periódicas. Essas reuniões geralmente eram semanais na maioria dos núcleos. Mas, aqueles que contavam com dezenas ou mais de uma centena de adeptos realizavam mais de uma reunião por semana. Os núcleos podiam ser *provinciais*, municipais e distritais. Em algumas cidades como Belo Horizonte e Juiz de Fora, havia subnúcleos em bairros. Porém, os núcleos que contaram com as maiores quantidades de adeptos não estiveram necessariamente nas maiores cidades. O município de Uberlândia¹⁸⁵, por exemplo, não chegou a possuir sede própria do integralismo e seus camisas-verdes não chegaram a meia centena.

Houve os subnúcleos rurais, localizados em pequenas comunidades e também em fazendas. Por exemplo, em uma localidade próximo a Uberaba, Triângulo Mineiro, os membros da AIB se reuniam em uma propriedade rural onde “(...) numa comunhão sublime, ouvem de oradores camisas-verdes a palavra de coragem e de fé do integralismo.”¹⁸⁶

¹⁸⁴ *Monitor Integralista*, 12/05/1937, num. 19, p. VI.

¹⁸⁵ APM: [PASTA 5047 Uberlândia - integralismo ago. 1936 - mar. 1954](#). Doc. 44.

¹⁸⁶ *A Offensiva*, 19/07/1936, num. 236, p. XIII.

A fundação de núcleos em Minas Gerais seguiu, naturalmente, o desenvolvimento do integralismo nesse estado. Logo, a partir de 1935 houve um aumento na quantidade de núcleos fundados. Entre os anos de 1936 e 1937 o integralismo registrou crescimento em Minas. Porém, algumas regiões contaram com muito mais núcleos do sigma do que outras.

Um aspecto interessante dos núcleos é que muitos obedeceram a um processo semelhante à autorreplicação. Em outras palavras, uma vez inaugurados muitos núcleos esforçavam-se por levar a palavra integralista a outros municípios e fundar nesses outros núcleos do sigma. Esse foi o caso de Sete Lagoas, pois “installado o nucleo local, no dia 6 de agosto, (...), puzeram-se logo em acção os poucos integralistas da cidade, organizando, para o dia 11, uma visita á vizinha localidade de Prudente de Moraes.”¹⁸⁷

Em algumas localidades os membros da AIB sequer esperavam pela inauguração de seus núcleos para promoverem e participarem de comícios integralistas em outras cidades. Esse empenho constituía uma obrigação para os militantes. O documento intitulado *Deveres dos Integralistas* estabelecia que:

O Integralista deve ter iniciativas. Sempre que tiver uma hora de laser, ocupe-a em serviço da Acção. Si não o tiver, invente. E quando chegar a uma cidade, onde não haja Nucleo Integralista organizado, trate de fundar um. Use sempre o seu distintivo. Tenha sempre prompta a sua camisa verde e atenda á convocação immediatamente.¹⁸⁸

Como não podia deixar de ser, a organização dos núcleos foi minuciosamente detalhada por regulamentos. Por exemplo, todos os núcleos deviam possuir uma bandeira nacional e uma bandeira do integralismo, um retrato de Plínio Salgado e um relógio de parede sobre o qual deveria haver a frase, em caixa alta, “A NOSSA HORA CHEGARÁ”. O mobiliário dos núcleos e itens como máquinas de escrever e quadros negros eram frutos de doações ou adquiridos através de rifas ou da somatória das contribuições dos membros.

Geralmente os núcleos funcionavam em salas ou casas alugadas no centro das cidades. Houve casos em que os núcleos funcionaram nas salas das residências dos *Chefes Distritais*. Naquelas cidades em que o integralismo não conseguiu se expandir, como foi o caso de Uberlândia, as reuniões aconteciam nas casas dos próprios camisas-verdes. Naquelas cidades em que o sigma angariou muitos adeptos, a localização dos núcleos não podia ser permanente. Logo, esses eram transferidos para novas acomodações à medida que aumentava a quantidade

¹⁸⁷ *A Offensiva*, 07/09/1935, num. 69, p. IX.

¹⁸⁸ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, num. I, p. I.

de adeptos. A retórica integralista narrava com orgulho cada uma dessas mudanças, a fim de salientar o crescimento dos núcleos.

Efetivamente, houve uma espécie de competição velada tanto entre os militantes de um mesmo núcleo como também entre os diferentes núcleos. Logo, era comum que muitos adeptos do sigma tentassem soar mais fervorosos, mais convictos na vitória final e mais esforçados do que seus colegas. Cada núcleo, por sua vez, empenhava-se em ser numericamente maior do que aqueles das cidades vizinhas. Tentava ainda realizar campanhas de caridade que atendessem a um maior número de pessoas do que as campanhas realizadas por núcleos adjacentes.

Semanalmente, os núcleos integralistas realizavam sessões que podiam ser abertas à comunidade ou reservadas aos militantes. Havia ainda as sessões extraordinárias cuja realização ocorria devido à passagem de um integralista por outra cidade, por ocasião do aniversário de Plínio Salgado ou do lançamento da candidatura desse à presidência da República. No que tange às reuniões abertas à comunidade, naturalmente os integralistas convidavam a população a assistirem-nas. O núcleo de Itabirito, região Central, distribuiu o seguinte panfleto:

AO POVO

A Acção Integralista Brasileira, pelo seu chefe municipal desta cidade, convida a todo o distinto povo de Itabirito para assistir hoje, ás 20 horas, na sede do nucleo local, a importantíssima conferencia que será realizada pelo ilustre Dr. (...), chefe do nucleo integralista de Itauna.

Alem dessa conferencia do mais elevado valor patriotico, serão ouvidos outros oradores que juntamente com o (...), visitando hoje esta cidade, vão realizar aqui um dos maiores acontecimentos cívicos da historia de nossa terra.¹⁸⁹

Durante estas reuniões semanais os militantes versavam sobre a superioridade moral do camisa-verde e sobre as excelentes intenções nutridas pela AIB. Discursavam sobre a novidade representada pelo integralismo, que afirmavam se distinguir em todos os aspectos dos partidos que dominavam o cenário político. Discorriam também sobre a trajetória e a personalidade do *Chefe Nacional*. Durante a inauguração do núcleo de Leopoldina, Zona da Mata, o *Secretário Municipal de Organização Política* proferiu “(...) uma magnífica oração sobre a personalidade do Chefe, nas suas múltiplas manifestações.”¹⁹⁰

Frequentemente as reuniões integralistas contavam com discursos de blusas-verdes. Havia discursos femininos também naquelas reuniões que contavam com a presença de integralistas de outras cidades e estados. Por fim, reuniões que celebravam datas caras ao

¹⁸⁹ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 40.

¹⁹⁰ *A Offensiva*, 22/06/1936, num. 58, p. IX.

integralismo, a exemplo dos aniversários da AIB ou do Sete de Setembro, também contavam com discursos femininos. Em abril de 1936 o núcleo de Pouso, através do jornal que editava, convidou:

(...) o povo em geral para a sessão solene a realizar-se, amanhã, dia 23, às 20 horas, na Séde integralista local, em comemoração ao 4º aniversário da *1a Marcha* e para lançamento da *Campanha Eleitoral do Sigma*.

Falará, além de outros oradores, a Srta. (...), ilustre blusa-verde de Ouro Fino.¹⁹¹

O papel da mulher no integralismo foi a temática mais abordada pelos discursos femininos. Contudo, muitos dos discursos que versavam sobre este assunto foram proferidos por camisas-verdes. Em suas reuniões semanais, os adeptos do sigma também versavam sobre o crescimento do integralismo em toda parte. Discorriam sobre as propostas do sigma para a melhoria da condição de vida dos trabalhadores e estudantes. Ademais, os camisas-verdes enfatizavam que a AIB estava aberta ao ingresso de todos os brasileiros. Consequentemente, após o fim de algumas reuniões abertas ao público haviam novas inscrições na AIB.

Comparecer às reuniões periódicas era um dever de todos os militantes do sigma. Faltar a esses encontros sem motivos razoáveis era passível de expulsão das fileiras verdes. Alguns núcleos demonstraram maior rigor do que outros no que tange à presença dos militantes nas reuniões. Esse foi o caso do núcleo de Diamantina, cujo livro de frequência atesta que em uma sessão de fins de janeiro de 1936:

O companheiro (...) justificou sua ausência, em carta dirigida á chefia municipal.

- O companheiro (...) apenas assinou no livro, por ter ocupação durante o tempo da sessão, tendo para isso autorização do chefe municipal, ou antes tendo este á assinatura o obrigado, ao menos, em caso tal.

- O companheiro (...), por motivo de doença, obteve licença para retirar-se antes do termino da sessão.¹⁹²

As reuniões integralistas, abertas ou não ao público, guardavam sempre uma natureza pedagógica. Nessas reuniões o *Chefe Municipal* e seu secretariado liam e explicavam aos demais militantes trechos do *Manifesto de Outubro*, de jornais da imprensa verde, de livros escritos por Plínio Salgado, Miguel Reale e outras lideranças do sigma. Abordavam ainda o significado da camisa-verde, dos símbolos integralistas e do cumprimento protocolar.

Nessas reuniões os camisas-verdes menos instruídos e afeitos à leitura tomavam conhecimento dos objetivos, valores e receios da AIB. Nesses encontros eles aprendiam sobre

¹⁹¹ *A Razão*, 22/04/1937, num. 53, p. I.

¹⁹² APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 93.

Plínio Salgado, sobre a leitura integralista inerente ao passado nacional e à situação contemporânea. Aprendiam também sobre os adversários do sigma. Em maio de 1937 o *Governador da 12ª Região*, sediada em Três Corações, expediu uma circular aos *Chefes Municipais* das cidades sobre sua área de jurisdição. Aludindo às reuniões integralistas o *Governador da 12ª Região* ponderou:

Convem recordar o caráter educativo das massas que tem o Integralismo, mormente nessas sessões semanais onde a Sec. de Estudos deve tudo fazer, para que sejam lidos e comentados sobremaneira os livros integralistas, á atura dos ouvintes, quase sempre humildes.

E, quando se façam discursos, sempre censurados ou passíveis de censura pelo Sec. de Estudos ou pelo proprio Chefe municipal; os oradores, deverão falar pouco, assunto variados de doutrina e atendendo somente ao que o proprio Chefe Nacional quer – RENOVAÇÃO DE MENTALIDADE. Essa, podemos crer, só se conseguirá, antes do mais, com o bom exemplo demonstrado, especialmente, pelos mais cultos e de maiores responsabilidades no Movimento depois com a simplicidade de dizer, de falr, nas sessões, com a intenção única de querer fazer algum bem ao proximo, integralista ou não, recristianizando os pensamentos, os sentimentos e as ações dos patrícios.¹⁹³

O *Governador da 12ª Região* ainda determinou que nas reuniões semanais deveria ser lido e comentado trecho por trecho o folheto *Epístola sobre deveres*, escrito por Plínio Salgado. Eram os *Chefes* e os *Secretários Municipais* os responsáveis por ler e divulgar para o restante da militância os valores do sigma. Esses militantes que ocupavam cargos na hierarquia do sigma tinham maior conhecimento e maior comprometimento com os princípios integralistas.

Contudo, não era vedado aos demais militantes assinar os jornais produzidos pela AIB. Tampouco lhes foi vedado possuir os documentos, manuais e livros que ditavam as regras dessa organização. Além dos encontros semanais realizados nos núcleos, os militantes divulgavam os valores integralistas por meio das bandeiras. Essa forma de divulgação do sigma constitui o objeto do tópico seguinte.

2.5 – As bandeiras integralistas

A epopéia das Bandeiras que imortalizou Borba Gato, Tavares Raposo e Fernão Dias vem sendo revivida entusiasmamente pelos “Camisas-Verdes”.¹⁹⁴

¹⁹³ APM: [PASTA 4609 Elói Mendes - integralismo maio 1932 - set. 1946](#). Doc. 16.

¹⁹⁴ *Monitor Integralista*, 03/10/1935, num. 12, p. II.

Bandeiras ou caravanas integralistas foram os nomes atribuídos pelos camisas-verdes aos comícios que faziam em cidades e em distritos que não possuíam núcleos e/ou simpatizantes do sigma. O objetivo era justamente propagandear o integralismo a fim de atrair novos militantes para as fileiras verdes. Estas ações de propaganda foram uma das principais responsáveis pela expansão do integralismo em terras mineiras. Houve ainda as bandeiras protagonizadas pelas principais lideranças da AIB.

Em Minas Gerais o núcleo integralista de Juiz de Fora foi criado, em grande medida, devido às visitas de Plínio Salgado e Gustavo Barroso a esta cidade. Gonçalves (2016) identificou que o Instituto Granbery, instituição de ensino vinculada à Igreja Metodista, foi o centro inicial de acolhida e difusão do integralismo em Juiz de Fora.

Corrêa (1973) verificou que o primeiro núcleo desta cidade foi fundado em dezembro de 1933. Antes disso, em junho deste ano, a cidade recebeu a visita de Schmidt Elskop que era uma espécie de embaixador da Alemanha no Brasil. Essa visita contribuiu para a inauguração do núcleo local, pois teria despertado as atenções da população para os regimes nazifascistas. Prova disso, é que um mês após a visita do ministro, o *Jornal do Commercio* indagava se Juiz de Fora teria um núcleo integralista (CORRÊA, 1973).

Segundo Corrêa (1973) em meados daquele ano de 1933, Plínio Salgado e Olbiano de Mello visitaram Juiz de Fora. Nessa ocasião, estabeleceram as bases para a fundação do primeiro núcleo dessa cidade. Posteriormente, em outubro de 1933 Juiz de Fora recebeu palestras de Gustavo Barroso. Em novembro desse ano, Plínio Salgado regressou a Juiz de Fora onde realizou novos discursos. O núcleo de Juiz de Fora acabou sendo fundado em dezembro de 1933, mas somente em abril do ano seguinte o primeiro *Chefe Municipal* foi empossado. Referindo-se às atividades de propaganda do núcleo de Juiz de Fora em meados de 1934, Corrêa (1973, p.70) observa:

Todavia, se a propagação das idéias integralistas ficasse restrita às conferências proferidas na sede do núcleo, não alcançaria resultados significativos. Assim é que, depois do aparecimento, no Rio de Janeiro, em 17 de maio de 1934, do jornal 'A Offensiva' (principal órgão da Ação Integralista no Brasil), o núcleo local começou a preparar o lançamento de um veículo de propaganda, para facilitar a penetração do movimento do Sigma nas mais diversas camadas da população juizdeforana.

Foi no dia 27 de julho de 1934, prossegue Corrêa (1973), que saiu o primeiro número de *O Sigma*. Um mês antes, a *Milícia Integralista* de Juiz de Fora já realizava seus exercícios no antigo Largo da Alfândega. Em poucos meses de funcionamento a AIB naquela cidade já

havia se mudado para uma sede própria, havia organizado sua *Milícia* e sua *Juventude Integralista* e contava com jornal próprio (CORRÊA, 1973).

No que tange às bandeiras realizadas por camisas-verdes de cidades mineiras, essas aconteciam geralmente aos domingos pela manhã ou à noite. Tratava-se de uma questão prática por duas razões. A primeira delas residia no tempo, pois tanto camisas-verdes como as populações alvo da propaganda do sigma tinham maior disponibilidade naquele dia.

O fato de que as missas com maior quantidade de frequentadores aconteciam aos domingos é a segunda razão pela qual a maioria das bandeiras era realizada nesse dia. Nesses casos, as bandeiras integralistas costumavam ser realizadas logo após o término das missas dominicais. Frequentemente essas eram assistidas pelos camisas-verdes. As pessoas que saíam das igrejas eram convidadas pelos adeptos do sigma a assistirem ao comício que seria realizado, fosse em via pública, fosse em salas e cineteatros locais. Em muitas ocasiões os integralistas levaram suas bandeiras a localidades que estavam realizando festas religiosas e quermesses.

Em suas bandeiras os militantes apresentavam o integralismo e seus objetivos, enfatizando a plena legalidade da organização chefiada por Plínio Salgado. Dentre outras, eram pautas dessas incursões as promessas do sigma aos trabalhadores do campo e da cidade e a promessa de educação gratuita a todos. Eram constantes também as leituras integralistas sobre mazelas inerentes ao regime político em vigor e a afirmação de que existia comunhão de interesses entre o sigma e diferentes atores sociais como a Igreja Católica e as Forças Armadas. Eram ainda temas constantes nas bandeiras as ameaças que os integralistas acreditavam que o comunismo e a maçonaria antepunham ao Brasil e as inúmeras atrocidades que acreditavam serem praticadas por comunistas na Espanha. Em setembro de 1935 Carmo da Cachoeira recebeu uma visita de camisas-verdes de Três Corações. O *Chefe Municipal* dessa cidade:

Falou da maneira de se organizar um nucleo; das sessões semanaes, da disciplina, seu valor, etc. Explicou o que é o Sigma, signal matematico e signal usado pelos primeiros christães da Grecia e disse que no Brasil nós eramos os primeiros christãos, pela nossa fé e pela pratica das virtudes ditadas pelo verdadeiro espirito christão. Falou da camisa verde, esperança dos que soffrem, firmeza espiritual do Brasil.¹⁹⁵

Uma vez que expunham os riscos que acreditavam ameaçar o país, os integralistas afirmavam que era dever de todo homem zeloso de suas obrigações se juntar à cruzada do sigma contra os inimigos do Brasil. Houve aquelas bandeiras cujo objetivo era prestigiar e conferir números às solenidades em que novos militantes prestariam seus juramentos. Esse foi o caso

¹⁹⁵ *A Offensiva*, 28/09/1935, num. 72, p. XI.

de uma visita de camisas-verdes de Leopoldina ao distrito de Argirita em novembro de 1936. Em meio aos oradores da solenidade promovida estava a blusa-verde Nilza Peres. Conforme *A Offensiva*:

As suas ideas de brasileira compenetrada do papel relevante que a mulher terá na Revolução Integralista agradaram a todos. Na sua oração ás mulheres de Argirita procurou mostrar-lhes a acção malevola que o feminismo norte-americano vem exercendo na sociedade hodierna. Mostrou-lhes também que a mulher não deverá nunca querer igualar-se ao homem no campo das liberdades porque a sua honra, altivez e dignidade saíram maculadas desta luta.¹⁹⁶

Natural da cidade mineira de Leopoldina, a blusa-verde Nilza Peres residia no estado do Rio de Janeiro. Mas, comumente participou de bandeiras em Minas Gerais. Essa militante foi, talvez, a principal liderança feminina do sigma em âmbito nacional. Em relação a Minas ela não foi única a participar de bandeiras e a discursar nesses eventos.

A primeira parte do hino nacional cantado pelos camisas-verdes e brados de anauês encerravam as bandeiras. Após o fim dessas, os militantes buscavam em meio aos espectadores aqueles que revelavam simpatia pelas propostas da AIB. Acordava-se então que um ou mais desses atuariam como elos entre os integralistas que realizaram a bandeira e a população da localidade visitada. Nesses casos, eram lançadas as bases para um *núcleo em coordenação*, que poderia se transformar em um núcleo de fato. Mas, naturalmente, nem todos que ficaram incumbidos por coordenar/chefiar núcleos desempenharam zelosamente suas atividades. O *Chefe Municipal* de Ponte Nova censurou o responsável pelo subnúcleo da localidade de Gesteira nos seguintes termos:

Trabalhámos com tanto entusiasmo, no Gesteira, e com tantos sacrifícios- e – agora, que poderíamos colher os frutos de nosso trabalho, pela disciplina e pelo entusiasmo dos companheiros, você deixa, BURGUEZAMENTE, o Nucleo correr quase abandonado abandonando tambem com o seu desinteresse os companheiros de seu Nucleo visinho contra essa burguezia gosadora e indiferente que continua de braços cruzados mesmo quando o inimigo já lhe ameaça tranpor os humbrais de seu lar!¹⁹⁷

Os *núcleos em coordenação* eram formados por grupos de simpatizantes do integralismo. Nessa fase de coordenação os simpatizantes locais recebiam visitas de integralistas juramentados oriundos de outras cidades. Esses traziam àqueles simpatizantes material de propaganda, jornais da imprensa verde, livros escritos por líderes integralistas, instruções e discursos relativos ao sigma, aos inimigos desses, etc.

¹⁹⁶ *A Offensiva*, 16/11/1935, num. 79, p. VIII.

¹⁹⁷ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 238.

Havia também aqueles *núcleos em coordenação* cujos responsáveis tinham maior conhecimento sobre o integralismo. Esses foram os casos, por exemplo, de Gouvêa, então distrito de Diamantina, e de Valão, distrito de Teófilo Otoni. Em princípios de julho de 1937 uma bandeira composta por militantes de Diamantina foi a Gouvêa fundar o núcleo dessa localidade. Na ocasião o responsável por este núcleo “(...) abandonou o caracter de integralista secreto, assumindo publicamente sua attitude.”¹⁹⁸

O subnúcleo da localidade de Valão foi inaugurado no início de agosto de 1937. Desde janeiro, durante sua fase de *núcleo em coordenação*, seus adeptos reuniam-se semanalmente. Nesses encontros, além da exposição dos valores e regras da AIB, os militantes seguiam os protocolos que deviam ser observados pelas reuniões integralistas. Por conseguinte, iniciavam o encontro com o hino da AIB, submetiam questões nacionais e internacionais à grade de leitura dessa organização e discorriam sobre a situação do movimento pelo país.

As atas das reuniões do subnúcleo de Valão indicam, por exemplo, que se discorria sobre os ingressos na AIB de políticos de outras legendas e a situação da Espanha, então em guerra civil. Havia ainda a explicação dos símbolos da AIB, exposição das regras e valores dessa organização, indicando-se a forma como os militantes deviam se portar. Seguindo o protocolo, os militantes do subnúcleo de Valão finalizavam suas reuniões entoando a primeira parte do hino nacional e reafirmando o juramento de fidelidade a Plínio Salgado.

Foi comum os primeiros simpatizantes e divulgadores do sigma em uma localidade serem pessoas que retornavam a essa após conhecerem o integralismo ou frequentarem um núcleo em outras cidades. Em alguns casos tratava-se de estudantes em férias em suas terras natais. Em outros casos, tratava-se de camisas-verdes que frequentavam reuniões em núcleos de cidades adjacentes e já haviam prestado seus juramentos. Houve também ocasiões em que os coordenadores locais do sigma eram camisas-verdes que passaram a residir naquela localidade que ainda não possuía um núcleo integralista. O trecho abaixo detalha alguns preparativos para a fundação de um núcleo:

O movimento dos municípios é dirigido por tres coordenadores ou por um Chefe Municipal, nomeados livremente pelo Chefe Provincial.

Os coordenadores dirigem as actividades integralistas no município na phase preparatoria da organização e estruturação definitiva do nucleo. Logo que o movimento num determinado município conte com um numero satisfatorio de integralistas, estes, por intermedio dos seus coordenadores, indicam á Chefia Provincial, um nome capaz de poder assumir a Chefia do nucleo.¹⁹⁹

¹⁹⁸ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 216.

¹⁹⁹ *Anauê!*, 27/09/1935, num. 11, p. III. Diretriz organizada de acordo com os regulamentos da *Secretaria Nacional de Organização Política (SNOP)*.

Porém, não era sempre que três pessoas eram nomeadas para atuarem como coordenadores em uma localidade. Além disso, naturalmente houve localidades onde os integralistas não encontraram quem se dispusesse a atuar como coordenador. Por outro lado, havia aquelas localidades em que simpatizantes já conheciam o integralismo por meio dos livros de Reale, Salgado e Barroso e através de jornais da imprensa verde. Estes simpatizantes ou integralistas juramentados buscavam então novos adeptos para o sigma além de estabelecer contatos com militantes de cidades vizinhas.

Através de cartas ou pessoalmente muitos simpatizantes do integralismo solicitaram bandeiras às localidades em que residiam. Previamente os integralistas e simpatizantes locais preparavam o terreno para a bandeira a ser realizada em seu município ou distrito. Uma dessas medidas era a comunicação à delegacia local de que haveria ali a propaganda integralista. Nem sempre, contudo, havia essa comunicação. Outro dos preparativos era a divulgação da bandeira através de convites pessoais, através de folhetos distribuídos à população e através de matérias em jornais não integralistas. Em localidades que já possuíam simpatizantes do integralismo, a presença de vários camisas-verdes em uma bandeira funcionava como uma demonstração da força e da seriedade da AIB. Por conseguinte, muitas bandeiras visavam àqueles que ainda não conheciam o integralismo ou cultivavam uma má impressão relativa à organização liderada por Plínio Salgado.

As bandeiras e concentrações do sigma aproximavam e criavam vínculos entre militantes de outras cidades e regiões. Essas solenidades, além dos congressos integralistas eram momentos em que os detentores de postos como *Governadores de Região*, *Chefes* e *Secretários Municipais* viam ser observadas suas posições para além das localidades em que residiam.

Após duas ou três bandeiras a mesma localidade que já contava com um *núcleo em coordenação*, os integralistas retornavam a fim de supervisionarem e conferirem números à cerimônia de fundação do núcleo local da AIB. Era bastante comum a presença de integralistas de duas ou mais cidades nas cerimônias de fundação de outros núcleos. Até princípios de 1936 era permitido aos integralistas realizar suas bandeiras em via pública.

No entanto, em março daquele ano passou a vigorar o Estado de Guerra que, dentre outras proibições, impedia a realização de eventos de cunho político em via pública. Logo, os integralistas passaram a realizar a maioria de suas bandeiras em cineteatros locais. A incumbência da locação desses recaía sobre os militantes locais do sigma. Ao fim da solenidade

de instalação de um novo núcleo havia o juramento de fidelidade ao *Chefe Nacional* por parte dos novos camisas-verdes. Esses que faziam o juramento eram os simpatizantes locais que estavam previamente inscritos na AIB, já se reuniam periodicamente, estudavam e discutiam os preceitos do sigma.

Entretanto, nem todas as cidades que possuíram simpatizantes do integralismo constituíram núcleos do sigma. Esse foi o caso da cidade de Abre Campo, Zona da Mata. Em julho de 1935, em resposta²⁰⁰ a uma circular emitida pelo DOPS-MG, a delegacia daquela cidade informou que nessa não havia núcleo integralista. Havia, no entanto, “propagandistas” do integralismo sendo que um deles era um acadêmico do curso de Direito. Em agosto de 1937 e em abril do ano seguinte a delegacia de Abre Campo atestou novamente que esse município não abrigava um núcleo do sigma.

As bandeiras foram importantíssimas para a difusão do integralismo em Minas. Em princípios de junho de 1934, integralistas da capital mineira levaram uma bandeira ao município de Sabará. Nessa ocasião, a referida cidade teria revivido “deante do ardor e da fé patriótica dos bandeirantes da Idéia Nova, seus dias de entusiasmo e ardente vibração.”²⁰¹ Em agosto de 1934 *A Offensiva*²⁰² publicou que camisas-verdes de Juiz de Fora começavam a levar suas bandeiras às cidades próximas.

O jornal²⁰³ editado pela Câmara de Brazópolis atesta que essa cidade recebeu em maio de 1935 uma bandeira composta por cerca de 40 integralistas vindos de Itajubá. O objetivo desses militantes era fundar em Brazópolis um núcleo da AIB. A população desse município foi convidada a assistir à cerimônia, que ocorreu em um cine local. Em seus números *Anauê!* informa que ao longo de 1934 e 1935 integralistas de Curvelo, Itambacuri, Formiga, Belo Horizonte e outras cidades levaram bandeiras a outros municípios, distritos, povoados e até a uma fazenda.

Segundo *A Offensiva*²⁰⁴ em agosto de 1935 integralistas de Formiga levaram bandeiras a quatro localidades adjacentes a esse município. Em duas ocasiões os militantes venceram as distâncias a pé. Em uma daquelas localidades um militante leu para os ouvintes trechos do livro “O que o integralista deve saber” de autoria de Gustavo Barroso.

²⁰⁰ APM: [PASTA 4476 Abre Campo ago. 1932 - set. 1942](#). Docs. 05, 03 e 04.

²⁰¹ *Anauê!*, 06/1934, num. 03, p. I.

²⁰² *A Offensiva*, 30/08/1934, num. 16, p. V.

²⁰³ *Brazópolis*, 19/05/1935, num. 573, p. II.

²⁰⁴ *A Offensiva*, 14/09/1935, num. 70, p. IX.

Segundo o jornal *Anauê!*²⁰⁵ camisas-verdes de Três Pontas e de Varginha compareceram à fundação do núcleo de Elói Mendes, Sul de Minas. A atuação daqueles militantes de Varginha foi essencial à organização desse núcleo. À fundação do núcleo de Areado, em agosto de 1935, compareceram integralistas de Alfenas, Monte Belo e Muzambinho. *Anauê!*²⁰⁶ aponta que ainda em setembro desse ano, camisas-verdes saíram a cavalo do município de Raul Soares em direção a Vermelho Novo, distrito dessa cidade, onde fundaram o núcleo local.

Foi comum as bandeiras receberem os nomes daqueles a quem a AIB classificou por *Mártires Integralistas*. Camisas-verdes do distrito de Presidente Pena deram o nome do integralista Luiz Schoeder a bandeira²⁰⁷ conduzida à localidade de Mangalô. Nessa ocasião teriam percorrido 36 quilômetros a pé. Em março de 1937 integralistas de Cataguases, Zona da Mata, teriam viajado dez quilômetros a pé para fundarem o subnúcleo do povoado de São Diniz. Esse seria o “quarto Nucleo fundado nos ultimos quinze dias, com vultoso numero de inscrições.”²⁰⁸

Conforme o periódico *O Sol*²⁰⁹, à fundação do núcleo integralista da cidade de Santos Dumont, Zona da Mata, compareceram quatro bandeiras. Três delas oriundas de cidades mineiras e uma do estado do Rio de Janeiro. Foi comum a presença de camisas-verdes desse estado em cidades da Zona da Mata.

Ao longo do ano de 1935 frequentemente havia camisas-verdes do estado do Rio em cerimônias de fundação de núcleos na Zona da Mata. Logo em fevereiro do referido ano, integralistas da cidade de Sapucaia, Rio de Janeiro, levaram uma bandeira a Porto Novo²¹⁰, Zona da Mata. Esses militantes desfilaram pelas ruas dessa cidade mineira. Segundo *A Offensiva* “era de ver a admiração com que os habitantes da prospera localidade contemplavam a marcha das tropas, não escondendo seu entusiasmo pelo garbo com que caminhavam os soldados do Brasil Novo.”²¹¹

A expansão do sigma na Zona da Mata foi parcialmente fruto da atuação de integralistas fluminenses. Essa atuação revelou-se mais importante ao longo de 1935, quando se fundavam os primeiros núcleos da Zona da Mata. Mas, a presença de camisas-verdes fluminenses em núcleos dessa região não cessou em 1936 e 1937. Em fins de julho de 1936, por exemplo, à cerimônia de inauguração do núcleo de Mercês, Zona da Mata, compareceu o ‘Secretario de

²⁰⁵ *Anauê!*, 21/08/1935, num. 09, p. IV.

²⁰⁶ *Anauê!*, 27/08/1935, num. 11, p. IV.

²⁰⁷ *Anauê!*, 27/09/1935, num. 11, p. IV.

²⁰⁸ *A Offensiva*, 10/03/1937, num. 433, p. I.

²⁰⁹ *O Sol*, 21/07/1935, num. 253, p. I.

²¹⁰ Atualmente este município chama-se Além Paraíba.

²¹¹ *A Offensiva*, 28/02/1935, num. 42, p. V.

Estudos da Província Fluminense, Governador da 5.^a Região e Director da revista “Anauê!”.²¹² Documentos produzidos por delegacias da Zona da Mata revelam apreensão no que tange à presença de integralistas do estado fluminense nessa região.

Por outro lado, verifica-se também a presença frequente de integralistas de cidades da Zona da Mata em núcleos do estado fluminense. Em abril de 1936 o *S.M.O.P* de Tombos ‘discorreu sobre o thema “dever do integralista”’²¹³ durante uma reunião do *Departamento Municipal Feminino* do núcleo de Catumbi, Rio de Janeiro. Em junho daquele ano de 1936 o núcleo de Catumbi foi novamente visitado por um camisa-verde da Zona da Mata. Nessa ocasião o integralista Severino Bentmuller “produziu uma vibrante oração, entusiasmado delirantemente a assistencia.”²¹⁴

Portanto, houve um trânsito mútuo entre camisas-verdes do Rio de Janeiro e da Zona da Mata. Embora em menor proporção houve também um trânsito mútuo e troca de correspondências entre camisas-verdes do Sul de Minas e de algumas cidades paulistas, em especial do município de Cruzeiro.

Uma vez que diziam não medir esforços para realizar suas bandeiras, os camisas-verdes imprimiram ares de heroísmo a essas ações. A bandeira²¹⁵ de camisas-verdes de São João Del Rei ao distrito de Piedade do Rio Verde assume, como habitualmente ocorreu na retórica integralista, ares de epopeia. Segundo os camisas-verdes, embora a estrada fosse boa, ‘um vento gélido e uma garoa impertinente fustigavam impiedosamente os “bandeirantes”.’ Apesar desse desconforto a narrativa assegura que os integralistas estavam alegres e entoavam “canções patrióticas”. Antes de chegarem a Piedade do Rio Grande “homens do campo”, de braço erguido saudavam os integralistas. A chegada dos militantes de São João Del Rei àquele distrito teria acontecido “(...) sob vibrante aclamação por entre duas alas de camisas-verdes e ao som do Hymno Integralista executado pela Banda de Musica Integralista.”

À fundação do núcleo de Sete Lagoas, em princípios de 1935, compareceram sessenta camisas-verdes de Belo Horizonte. A narrativa²¹⁶ de fundação daquele núcleo enfatiza as dificuldades financeiras para o custeio do transporte entre a capital mineira e Sete Lagoas. Enfatiza sobretudo, a coragem dos militantes do sigma. Pouco antes da partida o coordenador do integralismo em Sete Lagoas teria chegado ao núcleo belo-horizontino e relatado que “um deputado meio socialista” havia reunido jagunços e abertamente prometido dissolver a

²¹² *A Offensiva*, 23/07/1936, num. 239, p. IX.

²¹³ *A Offensiva*, 01/05/1936, num. 170, p. VII.

²¹⁴ *A Offensiva*, 05/07/1936, num. 224, p. XIII.

²¹⁵ *A Offensiva*, 12/07/1936, num. 230, p. XIII.

²¹⁶ *A Offensiva*, 09/08/1936, num. 254, p. XIII.

concentração do sigma. Aquela liderança política não permitiria o desenvolvimento de qualquer oposição em Sete Lagoas e sinalizava que o núcleo integralista não seria instalado nesse município.

Essa notícia, porém, correria por Belo Horizonte fazendo que com inúmeros camisas-verdes afluíssem ao núcleo central. Logo, foram necessários mais alguns veículos para levar todos a Sete Lagoas. Os recursos, no entanto, permitiram que somente um ônibus e mais três carros partissem rumo àquela cidade. Muitos camisas-verdes não puderam ir, mas aqueles que foram à bandeira de inauguração do núcleo de Sete Lagoas sabiam os perigos que poderiam enfrentar. Mesmo assim, conforme o discurso, fizeram a viagem de ida com bastante entusiasmo e entoando canções. Uma vez que chegaram a Sete Lagoas:

A nossa audacia afugenta as sombras de uma política velha e tropega. O som do Hymno Nacional transforma-se num estylete. Fére os maus. Como um raio milagroso, entra pelas frechas. Percorre os esconderijos. Põe em fuga a Covardia.

O povo assoma às janelas. As criancinhas correspondem os anauês dos novos bandeirantes.

Estacamos deante da pequenina séde. Os dez primeiros camisas-verdes setelagoanos desaparecem no meio dos abraços. Vejo que são operarios e jovens estudantes. Contam as odysseas das ultimas horas. Provoações. Jagunços armados ameaçando. Um camisa-verde apresenta um arroxeadado na testa. Atacam-no, á noite, de emboscada. E' um operario. E lhe digo: "O Chefe Nacional manda sofrer. As perseguições formarão a grande estrada onde desfilarẽmos para o poder supremo".²¹⁷

A coragem dos militantes do sigma, segundo a retórica integralista, fez com que a bandeira a Sete Lagoas fosse um grande sucesso. Vários habitantes desse município assistiram aos discursos de instalação do núcleo local e não houve ataques aos camisas-verdes. Ao final da bandeira esses militantes teriam percorrido a cidade pregando a palavra do sigma. Sobretudo, a população sete-lagoense teria percebido que os camisas-verdes não eram desordeiros.

Ao longo de seus números *A Razão* indica que os integralistas de Pouso Alegre levaram bandeiras a distritos e a municípios adjacentes à cidade em que residiam. Sertãozinho, Congonhal, Santa Rita do Sapucaí e Borda da Mata, por exemplo, receberam bandeiras dos camisas-verdes de Pouso Alegre. Essas bandeiras representavam um "despertar do sertão"²¹⁸. Ao discorrer sobre a fundação do núcleo distrital de Estiva, por exemplo, *A Razão* menciona que os integralistas levaram a essa localidade "(...) a palavra nova do credo novo"²¹⁹. Na ótica dos militantes do sigma uma bandeira constituía uma forma de buscar as pessoas que a "liberal democracia" abandonara e das quais só exigia altos impostos e muito trabalho.

²¹⁷ *A Offensiva*, 09/08/1936, num. 254, p. XIII. Escrito pelo integralista Osolino Tavares.

²¹⁸ *A Razão*, 03/10/1936, num. 21, p. II.

²¹⁹ *A Razão*, 29/10/1936, num. 28, p. III. Estiva era um distrito de Pouso Alegre.

Além de cidades e distritos, os integralistas de Pouso Alegre levaram bandeiras também a bairros populosos. Esse foi o caso da bandeira levada ao bairro dos Coutinhos, distrito de Congonhal, que por sua vez era ligado a Pouso Alegre. Nesse bairro foi instalado um subnúcleo rural e na ocasião 21 integralistas prestaram seu juramento. Pântano, bairro do distrito de Sertãozinho, também recebeu uma bandeira dos camisas-verdes de Pouso Alegre que ali pregaram “(...) o Evangelho de redenção nacional”²²⁰.

Os integralistas, no entanto, encontravam algumas adversidades à realização de suas bandeiras. Houve a ação das delegacias locais que impediu a realização de várias bandeiras. Em agosto de 1935 integralistas de Rio Casca desejavam levar uma bandeira ao então distrito de Pedra Dourada. No entanto:

Impedidos por uma medida policial como de seu dever como Brasileiros da Nova Era, acataram as ordens recebidas do Exmo. Snr. Delegado e já apresentaram ao mesmo requerimento exigido por aquela autoridade.

Logo que possamos e nos seja deferido o requerimento, teremos a honra de mostrar a Camisa Verde que envergamos como símbolo de esperança que nos anima, da realização do verdadeiro governo do povo pelo povo, do verdadeiro Brasil que carecemos, livre das garras do abutre comunista, Brasil em que o culto de Deus se faça sincero, Brasil em que se professe o verdadeiro patriotismo, Brasil em que a Família tenha a garantia de que carece.²²¹

Conforme os adeptos do sigma outros agentes que entravavam a realização das bandeiras eram a “maçonaria, o comunismo e a politicagem interessada”²²². Era devido à ação desses agentes que os camisas-verdes acreditavam não serem bem recebidos em algumas localidades. Neste sentido, preconizavam que eram bem acolhidos justamente onde o comunismo e a maçonaria não haviam conseguido se infiltrar bem e onde a “política de aldeia”²²³ era pouco atuante. Em Pouso Alegre esses três agentes teriam se esforçado por desviar os homens do campo da propaganda integralista. Mas, segundo *A Razão*, não teriam sido exitosos nessa empreita.

Os menores obstáculos à execução das bandeiras seriam as péssimas condições das estradas em que os integralistas viajavam, as longas distâncias que cruzavam além dos parques recursos financeiros dos militantes. Esses aspectos, contudo, eram bastante frisados pela retórica integralista, como que a conferir heroísmo à militância dos camisas-verdes.

²²⁰ *A Razão*, 09/09/1937, num. 72, p. IV.

²²¹ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 17.

²²² *A Razão*, 10/09/1936, num. 22, p. IV.

²²³ *A Razão*, 24/09/1936, num. 24, p. II.

Em dezembro de 1936 camisas-verdes de Muriaé, Zona da Mata, levaram uma bandeira a Itamuri com o intuito de fundar o núcleo desse distrito. Segundo a narrativa do sigma naquela ocasião “o dia amanhecera chuvoso, mas a hora marcada para a partida todos os integralistas escalados, estavam a postos.”²²⁴ Segundo os camisas-verdes o percurso entre Muriaé e o distrito de Itamuri teria durado três horas devido à condição das estradas. A bandeira levada à cidade de Cambuí por integralistas de Pouso Alegre e do distrito de Estiva também ilustra como os camisas-verdes exaltavam as dificuldades encontradas. Observe:

Depois de duas horas de uma viagem penosíssima, por estradas intransitáveis e sob um aguaceiro inclemente, chegou o primeiro automovel a Cambuí, no momento, justamente, em que terminava a missa na matriz local.

Aproveitando a ocasião, o governador da 43ª. Região subiu a um monte de tijolos que havia em frente á igreja, e dirigiu aos brasileiros daquele município uma entusiastica saudação, convidando-os para o comício que se realizaria tão logo chegassem os demais <<camisas-verdes>>.

Estes, no entanto, uma hora e meia depois não tinham chegado ainda, em virtude das dificuldades opostas pelo estado lamentável das estradas, que, diga-se de passagem, só foram vencidas, porque os homens que as enfrentaram, naquele dia, sem o menor interesse pessoal, antes com sacrifício de seu tempo e de seu dinheiro, possuem a tempera dos construtores de Patria. Nada os detem no seu afan de despertar o Brasil para sua entrada gloriosa na Historia.

Teve inicio, então, o comício, antes que chegassem os integralistas de Estiva.

Falou, em primeiro lugar, o <<camisa-verde>> (.), do Departamento Universitario de Belo Horizonte, ora em ferias em sua cidade natal, onde vinha coordenando elementos para a fundação do núcleo integralista local. Expoz ao seus conterraneos as miserias do regime sovietico e a impotência do regime liberal para impedir o avanço do bolchevismo, conclamando-os a cerrarem fileiras no Integralismo.²²⁵

Dando sequência àquela bandeira, teria falado o *Chefe Municipal* da AIB em Pouso Alegre. Ele discorreu sobre os problemas nacionais ocasionados pela liberal-democracia e indicou as soluções propostas pelo integralismo. Por último teria falado o *Governador da 43ª Região Integralista* sobre as motivações que impeliam os camisas-verdes à militância. O discurso do *Governador* foi encerrado com uma reafirmação de sua fé na vitória final do sigma. O retorno dos integralistas de Pouso Alegre e de Estiva que se empenharam nessa bandeira a Cambuí foi permeado pelas mesmas adversidades encontradas na viagem de ida. Contudo, reafirmaram que nenhum obstáculo os deteria.

As bandeiras desempenharam um papel bastante considerável na difusão do integralismo em Minas Gerais. Pouco tempo depois de fundados, os núcleos passavam a realizar suas próprias bandeiras. É claro que muitos daqueles que assistiam aos comícios integralistas,

²²⁴ A *Offensiva*, 14/02/1937, num. 413, p. XIII.

²²⁵ A *Razão*, 11/02/1937, num. 43, p. IV.

realizados em sua maioria após as missas dominicais, o faziam inicialmente por mera curiosidade. Mas, indubitavelmente muitas bandeiras foram exitosas em sua missão de angariar mais adeptos para o sigma e de fundar novos núcleos pelo estado mineiro.

As bandeiras ofereciam àqueles desejosos de atuar na vida política institucional uma oportunidade de inserção nesse meio. Além disso, através de sua retórica alarmista os camisas-verdes persuadiram alguns de seus espectadores a ingressar no sigma. É possível que muitos daqueles que assistiram às bandeiras tenham acreditado de boa-fé nas promessas integralistas aos homens do campo e da cidade e tenham acreditado também que o comunismo representava uma ameaça real para o Brasil. Há que se considerar ainda o exemplo de Campo Místico²²⁶. Nesse distrito ligado a Ouro Fino membros do partido de oposição ao governador ingressaram na AIB. Conforme o subdelegado de Campo Místico:

Aqui registrava-se duas correntes políticas até a poucos dias, que sempre souberam respeitar as autoridades e as leis constituídas: Uma representando o partido da situação que é o (P.N.M) e a outra da oposição que representava o (P-R.M) – mais de certa data a esta parte, com a entrada nesta localidade, de elementos forasteiros, e com repetidas visitas, de grupos e caravanas Integralistas, do Nucleo de Ouro Fino, fazendo grandes propagandas contra os poderes constituídos, contra autoridades, propagandas com folhetos e oratorias, conseguindo entendimentos com os chefes oposicionistas e abrindo suas adesões, passando para suas fileiras, o chefe veriador local e dois juízes de paz e sua corrente política.²²⁷

Portanto, houve localidades em que o integralismo foi impulsionado devido à adesão à AIB de pessoas antes vinculadas a outros partidos. Houve também aquelas localidades em que sacerdotes da Igreja davam aos fiéis católicos boas recomendações sobre os camisas-verdes que compunham uma bandeira.

Ao lado das bandeiras, a troca de correspondências e o envio de material de propaganda da AIB e dos regulamentos e instruções dessa organização contribuíram para a difusão do integralismo em Minas. Essas ações tiveram maior relevância entre os anos de 1933 e 1934, tempo em que havia poucos núcleos integralistas e bandeiras de propaganda em Minas. Na maioria das vezes essa correspondência foi estabelecida a pedido daqueles que se interessavam pelo integralismo. Este interesse era fruto da leitura de obras, por exemplo, de Plínio Salgado e Olbiano de Mello.

²²⁶ Até 1937 oficialmente o distrito chamava-se Bom Jesus do Campo Místico. No entanto, desmembrou-se de Ouro Fino em 1938 e passou a se chamar Bueno Brandão em homenagem ao presidente do estado de Minas Gerais Júlio Bueno Brandão.

²²⁷ APM: [PASTA 4793 Ouro Fino - integralismo jun. 1935 - jun. 1943](#). Docs. 54 e 55.

Aquele grupo que estabelecia correspondência com lideranças da AIB e solicitava livros e os regimentos dessa organização também acompanhava notícias sobre o integralismo em jornais de outras cidades. Em junho de 1934 simpatizantes do integralismo na localidade de São José da Lagoa, região Central, enviaram a seguinte mensagem ao *Chefe Provincial* de Minas:

Existindo aqui elementos da mocidade lagoana que applaudem, com vivo interesse, a acção do movimento integralista que vae dominando o nosso caro Brasil, julgamos opportuno fundar aqui um nucleo integralista com séde neste districto, afim de melhor orientar a mocidade sobre a finalidade da nova doutrina política. Deste modo, vimos rogar-lhe o obsequio de nos mandar os estatutos e a maneira pela qual poderemos fundar aqui o pretendido nucleo, ao qual hypothecaremos todo o nosso apoio e solidariedade.²²⁸

Porém, o envio de cartas e material de propaganda acompanhou a AIB até a sua extinção. Em março de 1937, por exemplo, o *Secretario Provincial de Propaganda* em Minas recebeu a incumbência de enviar cartas e material de propaganda a simpatizantes do integralismo no distrito de Ouro Branco, vinculado a Ouro Preto. Acompanhava a ordem a seguinte ressalva: “Nas cartas dirigidas a esses srs. não se deve falar de justiça social, porque qualquer excesso nesse sentido, poderia leval-os a confundir Integralismo com communismo, tal a falta de conhecimentos de nossas idéas.”²²⁹

Outro fenômeno que contribuiu para a difusão do integralismo em Minas Gerais foi a militância individual de alguns camisas-verdes. Essa atuação ocorria através da troca de correspondências com simpatizantes de outras localidades e através do envio a esses de jornais, regulamentos e livros integralistas. Houve, inclusive, camisas-verdes que individualmente levaram a palavra do sigma a outras cidades e distritos. Em muitos casos estes membros da AIB visitavam localidades sem terem conhecimento se nessas existiam simpatizantes do integralismo. Essa militância individual é o assunto do próximo tópico.

2.6 – Militância individual: fundação e acompanhamento de núcleos

Este tópico visa ilustrar como a militância de alguns adeptos do sigma contribuiu para a difusão do integralismo em Minas Gerais. Essa militância individual foi especialmente importante até 1935. Até esse ano havia núcleos da AIB em uma reduzida quantidade de

²²⁸ A *Offensiva*, 09/08/1934, num. 13, p. V.

²²⁹ APM: [PASTA 4799 Ouro Preto - integralismo nov. 1936 - jun. 1940](#). Doc. 117.

municípios e distritos mineiros. Esse empenho individual não cessou após 1935. Longe disto, foi intensificado.

Alguns camisas-verdes de Belo Horizonte desenvolveram relevante militância desde a fundação do núcleo da capital em fevereiro de 1934. Ao longo deste ano e de 1935 esses camisas-verdes levaram a palavra integralista a diversas cidades mineiras, principalmente nas regiões Central e Sul. Além disso, corresponderam-se com aqueles que desejavam conhecer o integralismo, enviando a esses os documentos que regiam a AIB.

Dentre os integralistas de Belo Horizonte destaca-se a militância do então bacharelado em Direito Osolino Tavares. Durante os anos de 1934 e 1935 esse militante ocupou a função de *Secretário Provincial de Organização Política* e foi diretor do jornal *Anauê!*. Naquele biênio Osolino Tavares enviava *À Offensiva* matérias e relatos sobre o desenvolvimento do integralismo em Minas. Embora sempre estivesse acompanhado por outros camisas-verdes de Belo Horizonte, a presença de Osolino Tavares nas bandeiras foi superior à de seus companheiros. Em maio de 1934, ao lado do *Secretário Provincial de Milícia*, aquele militante visitou as cidades de Ubá, Guarani, Bicas e São João Nepomuceno. Nessas localidades ambos deixaram “(...) coordenadores para a divulgação da Doutrina naquelles sectores.”²³⁰

Em outubro de 1934 Osolino Tavares integrou uma bandeira²³¹ a Diamantina, permanecendo por três dias nessa cidade. Em janeiro do ano seguinte participou de bandeiras²³² às cidades de Entre Rios de Minas e a Conceição do Serro²³³, ambas na região Central. Ao longo de 1935 o integralista Osolino Tavares participou de diversas bandeiras e afirmou-se como uma liderança integralista reconhecida em Minas Gerais. No primeiro semestre de 1936 Osolino Tavares foi enviado pelo *Chefe Nacional* ao estado de Mato Grosso. O camisa-verde escreveu para a Revista *Anauê!*²³⁴ algumas de suas impressões dessa viagem.

Outro camisa-verde que se destacou por sua militância foi Severino Bentmuller²³⁵. Em meados de 1935 esse integralista estava “desenvolvendo um ótimo serviço de coordenação de elementos sympathisantes na Zona da Mata, e com elles organizando novos nucleos.” No município de Rio Casca, o empenho daquele militante já havia formado um *núcleo em coordenação*. Em junho de 1935 ele dirigiu a cerimônia de fundação²³⁶ do núcleo de Ponte

²³⁰ *Anauê!*, 05/1934, num. 02, p. IV.

²³¹ *A Offensiva*, 01/11/1934, num. 25, p. VIII.

²³² *A Offensiva*, 07/02/1935, num. 39, p. V.

²³³ Em 1923 teve seu nome simplificado para Conceição, vinte anos depois tornou-se Conceição do Mato Dentro, denominação que conserva até os dias atuais.

²³⁴ Revista *Anauê!*, 07/1936, num. 11, pp. 27-28.

²³⁵ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. IV.

²³⁶ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Docs. 81 e 82.

Nova. Dirigiu também, em fins de junho, a cerimônia de instalação do núcleo de Viçosa na qual “(...) falou longamente sobre a democracia no regimen integral, juramento integralista e as questões do nacionalismo brasileiro.”²³⁷ O camisa-verde Severino Bentmuller foi considerado o “precursor da Grande Idéa”²³⁸ na Zona da Mata.

É emblemático o caso do professor Júlio dos Santos, residente em Itanhandu. Conforme *A Offensiva* já em meados de 1934 aquele camisa-verde levava a palavra integralista a cidades vizinhas como Três Corações, Passa Quatro, Alfenas e São José do Itamonte. Em agosto de 1934 aquele militante liderou uma excursão a Soledade, onde sua conferência sobre “O que é o Integralismo, o que pretende fazer e como o pretende fazer”, causou a melhor impressão.²³⁹

Em meados de 1935, a convite²⁴⁰ de integralistas de Itajubá, o militante Júlio dos Santos compareceu à fundação do núcleo de São Lourenço. Em fins de maio de 1935, chefiando outros integralistas, ele compareceu²⁴¹ à fundação do núcleo de Passa Quatro. Segundo a oitava edição de *Anauê!* em meados de 1935 o militante em questão visitava aos domingos a cidade de Pouso Alto onde realizava sessões doutrinárias. Em Alfenas o camisa-verde Júlio dos Santos realizou duas conferências e fundou o núcleo local. Levou a palavra do sigma a Conceição do Rio Verde e em Areado “(...) fez uma conferência e lançou as bases para a fundação de um nucleo.”²⁴²

Por ato²⁴³ do *Secretário Provincial de Organização Política* os integralistas coronel José Resende, José Sanches, Hamilton Leite, Severino Bentmuller e Dantas Mota foram nomeados os primeiros *Inspetores Regionais* de Minas. Como o próprio nome indica os ocupantes dessas funções deviam fazer propaganda em cidades e distritos e, sobretudo, orientar, organizar e inspecionar os núcleos em formação e aqueles já constituídos. Mas, antes de serem nomeados *Inspetores Regionais*, aqueles militantes vinham se destacando por levarem a palavra integralista a outras localidades. *Anauê!* reconheceu o trabalho desses militantes ao publicar:

ISPECTORES INTEGRALISTAS EM MINAS

O trabalho dos Inspetores Regionaes da Provincia é, sem duvida, um dos elementos que mais estão contribuindo para o formidavel progresso do integralismo em Minas.

Severino Beutmuller, José Sanches, José Rezende, Julio dos Santos e Francisco Baptista, são homens que estão cada dia em um lugar. Inspecionando, orientando, organizando, pregando, numa actividade formidavel, com um desinteresse e um entusiasmo que só um ideal muito bello pode inspirar.²⁴⁴

²³⁷ *A Offensiva*, 27/07/1935, num. 63, p. IX.

²³⁸ *A Offensiva*, 09/11/1935, num. 78, p. IX.

²³⁹ *A Offensiva*, 16/08/1934, num. 14, p. V.

²⁴⁰ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. IV.

²⁴¹ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. I.

²⁴² *Anauê!*, 21/07/1935, num. 08, p. I.

²⁴³ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. III.

²⁴⁴ *Anauê!*, 21/07/1935, num. 08, p. I.

A atuação individual daqueles militantes que viriam a se tornar *Inspetores Regionais* foi mais relevante para o integralismo em Minas ao longo de 1935. Nesse período, quando a AIB ainda não impressionava por sua quantidade de núcleos e de militantes, os *Inspetores Regionais* fizeram propaganda do sigma em algumas localidades e trabalharam para manter a coesão em meio às fileiras verdes. Porém, não foram todas as regiões mineiras que possuíram *Inspetores Regionais*. Pelo contrário, a atuação destes concentrou-se nas regiões Central, Sul e Zona da Mata.

A função de *Inspetor Regional* existiu até o início de 1936 quando foi substituída pelo *Governador de Região*. Essa mudança foi instituída pela *Resolução*²⁴⁵ nº 152 do *Chefe Nacional*. Conforme *Monitor Integralista* a mudança foi necessária em virtude do crescimento da AIB. Segundo o jornal este fenômeno começava a trazer dificuldades às *Secretarias Provinciais* no trabalho de supervisão e assistência aos núcleos. Contudo, a nova função parecia resumir-se a uma mudança de nomenclatura, pois cabia ao *Governador de Região* as mesmas atribuições que recaíam sobre os *Inspetores*.

Segundo Corrêa (1973), o *Inspetor* Severino Bentmuller, tornou-se o *Governador da 17ª Região*. Esta abrangia os municípios de Juiz de Fora, Matias Barbosa, Santos Dumont, Lima Duarte, Merces, Rio Pomba, Ubá, Guarani, Rio Novo, São João Nepomuceno, Bicas, Mar de Espanha e Guarará (CORRÊA, 1973).

O *Inspector* coronel José Resende tornou-se *Governador* da região próximo a Entre Rios. Em fevereiro de 1937 *A Offensiva*²⁴⁶ destacou a militância deste integralista ao noticiar que em pouco mais de três meses haviam sido fundados doze subnúcleos em distritos próximos a Entre Rios.

Uma vez constituído, um novo núcleo da AIB era visitado de tempos em tempos, inicialmente pelos *Inspetores Regionais* e, posteriormente, pelos *Governadores de Região*. Além das visitas de inspeção, cabia aos *Governadores* comparecer às celebrações de aniversários dos núcleos de sua região e de outras quando eram convidados. Eles compareciam também às concentrações integralistas e às sessões de abertura de cursos de alfabetização para crianças e adultos, a aberturas de cursos de corte e costura, de história do Brasil, dentre outros.

Os *Governadores de Região* ocupavam sempre um lugar de destaque às mesas e às solenidades integralistas quando os núcleos de suas áreas de jurisdição recebiam um forasteiro,

²⁴⁵ *Monitor Integralista*, 15/05/1936, num. 14, p. VII.

²⁴⁶ *Offensiva*, 27/02/1937, num. 424, p. I.

de alta patente na hierarquia do sigma ou não. O trecho abaixo exemplifica parte do trabalho de um *Governador de Região*:

O novel e prospero nucleo integralista de Estiva, que com apenas 2 meses de existencia, já mantem uma escola frequentada por 48 alunos, recebeu a 13 do corrente a visita do sr. (...), governador da 43ª Região, com séde nesta cidade. Essa autoridade do Sigma, que se fez acompanhar até aquela localidade pelos <<camisas-verdes>> (...), foi recebido pelo chefe (...) e demais integralistas daquele distrito.

Causou ótima impressão aos visitantes e especialmente ao governador (...), a organização e orientação do nucleo, com sua séde ampla e bem decorada, e sobretudo a escola, frequentada por 48 alunos, frequencia essa devida aos esforços do chefe distrital, (...) e do <<camisa-verde>> (...) que, com os demais integralistas de Estiva, não medem sacrifícios em prol do desenvolvimento do nucleo.²⁴⁷

Em outra oportunidade o *Governador da 43ª Região* visitou o núcleo distrital de Sertãozinho, pertencente à cidade de Borda da Mata, Sul de Minas. Esse núcleo, assim como o de Estiva, foi apresentado como novo e em franco progresso. Em Sertãozinho, o *Governador* foi recebido pelo chefe do núcleo local e por outro camisa-verde. Na ocasião dessa visita foi inaugurada por aquele núcleo uma *Escola Integralista*²⁴⁸ que funcionaria de manhã para meninos e à noite para adultos.

Os *Chefes Municipais* também supervisionavam e visitavam os núcleos dos distritos pertencentes à cidade cujo núcleo dirigiam. Assim como os *Governadores de Região*, os *Chefes Municipais* também compareciam às sessões de abertura de turmas de alfabetização (*Escolas Integralistas*) e a outras solenidades realizadas pelos núcleos adjacentes à cidade que comandavam.

É preciso destacar que muitas vezes o que possibilitou a militância individual de alguns camisas-verdes foi a atuação de alguns simpatizantes do integralismo. Comumente esses simpatizantes ofereciam hospedagem e alimentação aos camisas-verdes. Os simpatizantes foram responsáveis por solicitar muitas bandeiras às localidades em que residiam. Após receberem e estudarem os livros, jornais e regulamentos da AIB aqueles simpatizantes davam início a uma campanha em prol do sigma nas localidades em que residiam.

Nos dias 12 e 13 de setembro de 1936 houve uma concentração integralista em Três Corações. A atuação de um simpatizante do integralismo em Botelhos, Sul de Minas, revela a importância dessas concentrações. A *Offensiva*²⁴⁹ informa que o aludido simpatizante

²⁴⁷ A *Razão*, 17/12/1936, num. 35, p. IV.

²⁴⁸ A *Razão*, 28/01/1937, num. 41, p. I. A matéria em questão escreve escola com letra maiúscula e informa que o período matutino seria frequentado por “meninos”, não especificando se seriam apenas crianças do sexo masculino.

²⁴⁹ A *Offensiva*, 21/02/1937, num. 419, p. XV.

compareceu àquela concentração e uma vez “(...) tendo se colocado á disposição das autoridades provinciaes ali presentes, recebeu ordem de ir para Botelhos, sua terra natal, afim de lançar lá a semente da idéa salvadora.” A primeira reunião integralista nessa cidade foi realizada ainda naquele mês de outubro. Após o fim desse evento o livro de inscrições foi aberto e “(...) registrou-se o numero de 27 brasileiros que haviam tido a ventura de compreender ser a doutrina exposta a unica via de salvação da Patria, o que equivale dizer, a manutenção da integridade de suas famílias christãs.” Em sua tarefa de fundação de núcleos os integralistas frequentemente aludiram à germinação de sementes. Estas alusões e mais algumas das dificuldades que os integralistas diziam encontrar são o objeto do tópico seguinte.

2.7 – As sementes integralistas e o início sempre difícil

Os camisas-verdes observavam que para germinar as sementes necessitavam de um solo preparado, de tempo e de atenção. Fenômeno semelhante, afirmavam, acontecia ao integralismo, pois eram necessárias algumas bandeiras de propaganda a uma cidade ou distrito para se divulgar os preceitos do sigma. Mais algumas bandeiras eram necessárias para se vencer o desconhecimento, a indiferença, o desprezo e a hostilidade de alguns frente à AIB. Logo, era necessário preparar o ambiente em uma cidade ou distrito para a divulgação das ideias integralistas. Era preciso mais cuidado e atenção para a conquista de adeptos e para a fundação de um novo núcleo.

Uma das narrativas de fundação do núcleo de Ituiutaba, Triângulo Mineiro, apresenta a analogia entre a germinação de uma semente e o desenvolvimento do sigma. No aludido município “o culto e tenaz companheiro (...), um dos primeiros integralistas do Brasil, fundou o jornal *O Sertão* em cujas páginas (...) a semente foi lançada. Nasceu. Cresceu. Fructificou.”²⁵⁰ Em outubro de 1934 aquele camisa-verde fundou o núcleo de Ituiutaba. Conforme a retórica do sigma, inicialmente o núcleo era composto por apenas cinco militantes. Cerca de dois anos após esses somavam uma centena.

Em fins de agosto de 1935 cinco integralistas de Ouro Fino levaram uma bandeira a Muzambinho, Sul de Minas. Conforme o discurso do sigma estes militantes “(...) vencendo distancias e obstaculos materiaes, sacrificando interesses, vieram com a sua fé e o seu

²⁵⁰ *A Offensiva*, 12/07/1936, num. 230, p. XIII.

entusiasmo, fertilizar este sólo onde a semente integralista, lançada ha mezes, germinára, mas não chegara a vicejar.”²⁵¹

Em outubro de 1935 integralistas de Ponte Nova levaram uma bandeira à localidade de São José dos Oratórios. “A impressão que trouxeram os camisas verdes de S. José dos Oratorios foi magnifica. Lá ficára, carinhosamente plantada a semente da nossa Doutrina.”²⁵²

Em dezembro de 1935 integralistas de Diamantina levaram uma bandeira à localidade de Felisberto Caldeira²⁵³. “Plantada a semente, os camisas verdes regressaram certos de que o integralismo ha de medrar extraordinariamente naquella boa terra, livrando-a para sempre da herva daminha da politicagem liberal-democratica.”²⁵⁴

No segundo semestre de 1936 houve a fundação do núcleo integralista de Virginópolis. Esta cidade, conforme o discurso da AIB, tinha seu desenvolvimento obstaculizado pela indiferença dos poderes públicos e vivia apreensiva em relação ao futuro do país. Foi neste contexto que a “(...) semente verde cahiu no seio daquella terra fecunda e bôa. Profundamente christão e por isso temente á Deus e amante da família, o povo de Virginopolis compreendeu, na sua aguda intuição patriotica, que só o Integralismo pode salvar o Brasil.”²⁵⁵

No que tange à fundação do núcleo da AIB em Pouso Alegre, *A Razão* alude a um passado quase mítico, caracterizado por um início sofrido, em que os futuros integralistas se viram cercados por desconfianças, indiferenças e desprezos. Inicialmente, aqueles que se tornariam os primeiros camisas-verdes de Pouso Alegre, eram integralistas “mais pelo bom senso”²⁵⁶ do que pelo conhecimento próprio daquilo que se prestariam a seguir.

Antes da fundação do núcleo os futuros camisas-verdes de Pouso Alegre não possuíam livros integralistas, tampouco conheciam todos os preceitos e normas da AIB. Desde o início estavam cientes de que ao vestirem a camisa-verde seriam alvo de incompreensão, de chacotas e que desgostariam a esta ou àquela pessoa. Além disso, afiançaram que comunistas os espreitavam, sempre prontos a expô-los ao ridículo.

Em virtude desta somatória de elementos chegaram, inclusive, a admitir que um dos maiores obstáculos para se tornarem integralistas era o próprio receio de vestir a camisa-verde e com esta sair às ruas. Prova disto é que, embora o núcleo integralista de Pouso Alegre tenha sido fundado em 14 de fevereiro de 1935, somente no dia 23 de abril do mesmo ano seus

²⁵¹ *A Offensiva*, 07/09/1935, num. 69, p. VIII.

²⁵² *A Offensiva*, 09/11/1935, num. 78, p. IX.

²⁵³ À época era um distrito de Diamantina. Em 1986 recebeu a denominação de São Gonçalo do Rio Preto.

²⁵⁴ *A Offensiva*, 28/12/1935, num. 85, p. VIII.

²⁵⁵ *A Offensiva*, 14/03/1937, num. 437, p. XIV.

²⁵⁶ *A Razão*, 14/05/1936, num. 05, pp. II e III.

militantes saíram às ruas trajando a camisa-verde. A primeira bandeira empreendida pelos integralistas de Pouso Alegre de que *A Razão* dá notícia teria acontecido em junho de 1935. Nesta ocasião os militantes do sigma foram a Silvianópolis onde perceberam:

Muita risota, muita indiferença, mas também muita admiração e entusiasmo. Tudo isso era natural. Pela primeira vez chegava àquela cidade a palavra do sigma, levada pela fé, pelo ardor contagioso e pela convicção de seus apóstolos. E como toda cidade, Silvianópolis tem os seus mediocres, os seus burgueses, indiferentes e também os seus muitos e bons brasileiros. Falámos no Teatro Municipal. Deixamos ali a primeira semente. Esta realizou a parábola evangélica do grão de mostarda que para florescer deve primeiro apodrecer na terra escura. Durante um ano ali esteve, ignorada, no coração de muitos. Germinou depois e já floresce agora num núcleo bem novo e com 80 camisas verdes, conduzidos pela energia e pelo sacrifício do companheiro dr. (...).²⁵⁷

O trecho supracitado é uma síntese do caráter missionário, evangelizador com que o discurso integralista envolvia as bandeiras. De forma complementar, referências a um início sofrido também permeiam as narrativas de muitos camisas-verdes sobre a fundação de núcleos em suas cidades e distritos.

No entanto, mais uma vez os integralistas asseguravam que as dificuldades de ordem financeira e os obstáculos antepostos pelos seus adversários os impelia a intensificar a militância. O desconhecimento e a indiferença de alguns sobre as propostas integralistas e mesmo a rejeição de tantos outros em relação a estas propostas também os impelia a redobram sua militância. Olbiano de Mello exprime alguns destes sentimentos e dificuldades ao rememorar a fundação por ele do segundo núcleo integralista do Brasil. Em tom saudosista o referido camisa-verde postulou que aqueles foram:

Dias de entusiasmo, mas também de dúvidas e de sofrimentos na grande ansia em que todos se achavam de ver o movimento andar, crescer, tomar vulto. Ia nascendo, sob nossas vistas, a grande **Revolução**. Nascendo aos poucos. De mansinho. Paulatinamente. Ia tomando corpo e alma a **Idéia Nova**, nebulosa que tinha sido até há pouco para todos os seus iniciadores. Faltava-nos, entretanto, uma porção de cousas. Um esboço de Estatutos que enquadrasse o movimento por onde fosse surgindo. Que lhe desse uma unidade não só de pensamento doutrinário, mas, também, de estruturação partidária. Dahi mãos á obra.²⁵⁸

Essas reminiscências de Olbiano de Mello são um indicativo do grau de desenvolvimento da AIB em fins de 1932. A fundação do núcleo de Belo Horizonte também possui uma narrativa permeada por dificuldades e sacrifícios. Conforme o integralista Osolino

²⁵⁷ *A Razão*, 27/08/1936, num. 20, pp. II e III.

²⁵⁸ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. I.

Tavares²⁵⁹, diretor do jornal *Anauê!*, as primeiras reuniões dos futuros integralistas de Belo Horizonte, em sua maioria estudantes universitários e bacharéis formados há poucos anos, teriam acontecido no quarto que um estudante ocupava em uma pensão. O diretor de *Anauê!* e mais dois futuros camisas-verdes, contrariando as ordens daquele que então liderava as reuniões, alugaram uma sala para servir como sede do núcleo integralista de Belo Horizonte.

A primeira sala que encontraram, no entanto, exigia um aluguel desproporcional a seu tamanho. Teria sido a “intuição” de um daqueles três futuros camisas-verdes que os teria levado a uma sala espaçosa e com um aluguel acessível. Um daqueles três retirou parte da mobília da própria casa e a levou para a sede do núcleo integralista. Outro pertencente àquele trio conseguiu três dúzias de cadeiras com um conhecido.

Oito pessoas teriam comparecido à primeira reunião, embora esta tenha ocorrido em um sábado de carnaval em 1934. Porém, cerca de um mês depois aquela primeira sala alugada já não era suficiente para comportar o número de pessoas que compareciam às reuniões.

Os integralistas então alugaram um salão no mesmo prédio para abrigar as reuniões. A sala antes utilizada para esta finalidade passou a abrigar as secretarias. Devido ao aumento das despesas com a sede integralista, Osolino Tavares teria se mudado junto com a família, de um confortável prédio para um modesto barracão. Outro dos integralistas, embora casado, teria diminuído os gastos com alimentação. Entretanto, finaliza o diretor do jornal *Anauê!*, os “comunistas” alardeavam que o papa e Mussolini é que financiavam o núcleo de Belo Horizonte.

As referências a um início permeado por dificuldades e obstáculos dividem espaço na retórica dos camisas-verdes com profissões de fé na vitória do sigma. Ao mesmo tempo em que relatavam obstáculos e indiferença, os camisas-verdes estabeleciam que iriam vencer quaisquer adversidades. Havia sempre um desmedido otimismo na retórica integralista. Logo, os adeptos do sigma postulavam que as dificuldades eram passageiras e tinham ainda por efeito benéfico lhes temperar a militância e o caráter.

Frente às dificuldades, os integralistas comumente recorriam a frases de efeito a fim de inculcar ânimo em si mesmos. Boa parte destas frases, naturalmente, eram de autoria do *Chefe Nacional* da AIB. Dentre estas frases, uma bastante reproduzida foi “Uma campanha fácil não é digna de homens fortes”. Porém, esta campanha de difusão do integralismo até o fim da AIB

²⁵⁹ *Anauê!*, 17/12/1935, num. 12, p. II. Toda esta narrativa sobre a fundação do núcleo municipal de Belo Horizonte foi retirada desta edição e baseada no relato do camisa-verde Osolino Tavares.

em 1937 foi maior em algumas regiões do estado de Minas Gerais do que em outras. Este será o objeto do tópico seguinte.

2.8 – A difusão do integralismo em Minas Gerais entre 1936 e os meses iniciais de 1937

Até fins de 1935 o movimento integralista em Minas Gerais contou com mais núcleos nas regiões Central, Sul e Zona da Mata. Ao mesmo tempo os núcleos dessas regiões atraíram mais adeptos, realizaram mais bandeiras e ações de cunho beneficente. Esse quadro sofreu pouca alteração ao longo de 1936. Durante esse período *A Offensiva* fornece poucos indícios de que o integralismo se difundiu por outras regiões mineiras.

Durante aquele ano de 1936 a maioria das referências a Minas em *A Offensiva* aludiam às três regiões onde o sigma foi mais forte nesse estado. Mas existiram as exceções que confirmam a regra. Aquele jornal noticiou que no início de junho houve a fundação do núcleo de Oliveira, na região Centro-Oeste de Minas. Nessa ocasião aquele jornal assegurou que “a propagação das idéas integralistas no estado de Minas Geraes cada vez mais se intensifica, pondo á prova o civismo de seu povo nesta hora de grandes apreensões.”²⁶⁰

Os documentos do fundo DOPS-MG assim como as páginas do jornal *A Offensiva* atestam que as regiões Sul, Central e Zona da Mata possuíram centros de irradiação do integralismo em seis, sete, oito ou mais cidades. Esses centros de irradiação eram aqueles núcleos que reuniam uma maior quantidade de adeptos, que ofereciam cursos de alfabetização aos militantes e à sociedade, que promoviam mais ações de caridade, mais bandeiras e que orientavam e supervisionavam núcleos nas adjacências.

A região Sul de Minas, por exemplo, até o final de 1936 possuía centros de irradiação do sigma, dentre outros, em Areado, Caxambu, Itajubá, Maria da Fé, Pedra Branca, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí e Três Corações. Ainda na região Sul de Minas se destacaram os núcleos de Cambuquira, Campanha, Lambari, Poços de Caldas e Varginha.

Até fins de 1936 a Zona da Mata contou com núcleos maiores e mais atuantes em Além Paraíba (então Porto Novo), Carangola, Juiz de Fora, Muriaé, Ponte Nova, Tombos, Raul Soares e Viçosa. No que tange à região Central destacaram-se os núcleos de Alvinópolis, Barbacena, Belo Horizonte, Curvelo, Ouro Preto e São João Del Rei.

Entre os meses de junho de 1936 e janeiro do ano seguinte a região Centro-Oeste ganhou três novos núcleos da AIB. O primeiro deles foi fundado em junho na cidade de Oliveira. O

²⁶⁰ *A Offensiva*, 11/06/1936, num. 203, p. III.

segundo foi fundado no mês de novembro em Divinópolis. O terceiro, fundado no município de Luz, contava com a franca simpatia de membros do clero local. Junto ao núcleo de Formiga, em atuação desde o início de 1935, aqueles núcleos impulsionaram o integralismo na região Centro-Oeste de Minas. Esse fenômeno, contudo, torna-se mais bem delineável a partir de 1937.

Comparativamente até fins de 1936 o integralismo havia se disseminado pouco no Triângulo Mineiro. O núcleo de referência dessa região estava em Ituiutaba. Em julho de 1936 *A Offensiva* apostava que: ‘Com essa marcha admirável, Ituyutaba, a “sentinela avançada” no sertão de Minas, se tornará, muito em breve, a “cidade verde” desta longínqua região da Patria Brasileira.’²⁶¹

Em julho daquele ano de 1936 o *Chefe Provincial* de Minas Gerais enviou ao Triângulo Mineiro dois camisas-verdes, entre eles Osolino Tavares. Esses militantes visitaram as cidades de Araxá, Ituiutaba, Uberaba e Uberlândia. Nessa cidade além de fundarem o núcleo local aqueles integralistas participaram da inauguração da “*Escola Operaria Nicola Rosica*”²⁶². Em Araxá:

Os visitantes encontraram um terreno propício para as grandes idéas nacionalistas. No meio da sociedade culta, inumeras são as sympathias pelo Movimento, que, neste instante, empolga a Patria Brasileira. Dentro do magnífico “Gymnasio D. Bosco”, dirigido por brasileiros de comprovada capacidade moral, o Integralismo já é uma realidade. Os jovens alumnos compreenderam a gravidade do momento. Não se conformam em ver o Brasil amarrado ao tronco dos que se venderam a Moscou. E estão vindo, em massa, para as fileiras do Sigma.²⁶³

A aposta no crescimento do integralismo é um elemento central no excerto supracitado. Ao mesmo tempo estudantes secundaristas eram os agentes sobre os quais se depositava essa aposta. *A Offensiva* destacou que em dezembro daquele ano de 1936 camisas-verdes de Ituiutaba coordenavam esforços para fundar núcleos em distritos e cidades próximas. Segundo aquele jornal “deverá ser organizado no início do proximo anno o Nucleo Municipal de Campina Verde, onde o movimento está empolgando todas as classes trabalhadoras.”²⁶⁴

Conforme *A Offensiva* no início de 1937 o integralismo adquire algum impulso no Triângulo Mineiro. Em janeiro deste ano foi fundado um núcleo da AIB em Campina Verde. No mês seguinte foi a vez de Araguari receber seu núcleo do sigma. Conforme aquele jornal integralista:

²⁶¹ *A Offensiva*, 12/07/1936, num. 230, p. XIII.

²⁶² *A Offensiva*, 26/07/1936, num. 242, p. I.

²⁶³ *A Offensiva*, 23/08/1936, num. 266, p. XIV.

²⁶⁴ *A Offensiva*, 10/01/1937, num. 384, p. XII.

Para o funcionamento regular do aludido Nucleo, as autoridades policiaes da cidade nenhuma difficuldade crearam; antes, pelo contrario, mostraram-se á altura de suas funcções, estabelecendo um entendimento com os chefes do Integralismo na localidade. Assim, deante do consentimento policial, o Nucleo effectuou livremente suas sessões, sendo para notar que esta sympathica circumstancia permittiu que á Séde affluisse, no acto da primeira reunião, elevado numero de integralistas e de demais pessoas do logar.²⁶⁵

É conveniente ressaltar que o trecho supracitado refere-se, pelo menos, à segunda fundação do núcleo de Araguari. O primeiro registro de fundação daquele núcleo foi encontrado também em *A Offensiva*. Segundo esse jornal em 18 de agosto de 1935 houve a “sessão inicial para a instalação definitiva do nucleo local da A. I. B.”²⁶⁶ Esse é mais um indicativo de que as fontes produzidas pelos integralistas, como quaisquer outras com que trabalha o historiador, devem ser analisadas com cuidado.

Assim como o Triângulo Mineiro, até fins de 1936 o Vale do Jequitinhonha possuía um núcleo de relevo em apenas uma cidade, que era Diamantina. Militantes da AIB desse município levaram bandeiras a localidades próximas e fundaram alguns novos núcleos integralistas. Em abril de 1936 militantes do sigma daquela cidade de passado minerador enviaram uma circular a núcleos e a simpatizantes do integralismo nas regiões Central e Norte do estado. Nesse documento abordaram a necessidade de se conjugar esforços para a difusão do integralismo nessas regiões. Em um dos trechos os camisas-verdes de Diamantina então observaram:

Precisamos de uma campanha poderosa de propaganda doutrinaria em o nosso sector, que bastante ainda, excepcionalmente, se conserva indifferente ao movimento que é o assombro da hora actual do Brasil e quiçá do mundo. Principalmente no Norte, onde o Integralismo é bem pouco conhecido.

(...).

Que boletins doutrinarios multipllos penetrem em toda parte. Que “bandeiras” em grande numero rasguem os nossos sertões. Que aqui se ouça sempre a palavra dos maiores oradores com que contamos. Que a figura inconfundível do Chefe Nacional venha a estas paragens magnificas, para erguer o seu verbo incomparavel, o que constituirá por certo uma apotheose. Que um congresso regional, á semelhança do que se realizou em Itajubá, se concretize mais tarde, com impressionante imponência e tocante solemnidade.²⁶⁷

Os números de *A Offensiva* relativos a 1936 revelam que durante esse ano Gustavo Barroso e outras lideranças do sigma continuaram passando ao largo de regiões mineiras como o Triângulo, o Norte e o Noroeste de Minas. Mesmo Teófilo Otoni e Diamantina foram

²⁶⁵ *A Offensiva*, 16/02/1937, num. 414, p. I.

²⁶⁶ *A Offensiva*, 14/09/1935, num. 70, p. IX.

²⁶⁷ *A Offensiva*, 12/04/1936, num. 154, p. XIII.

ignoradas pelas principais lideranças do sigma em âmbito nacional. A exceção encontrada foi uma visita de Gustavo Barroso a Diamantina em meados de 1936.

Paralelamente, municípios das regiões Central, Sul e Zona da Mata continuavam a ser visitados por lideranças estaduais e nacionais da AIB até mesmo para eventos menores como inaugurações de núcleos. Em fins de abril de 1936 o “tenente-general commandante Gustavo Barroso”²⁶⁸ visitou o município sul-mineiro de Leopoldina a fim de inaugurar a nova sede do núcleo local.

Em fins de outubro daquele ano de 1936 o integralista Jeová Mota visitou Itabirito onde “em massa o operariado mineiro ingressa no integralismo.”²⁶⁹ Em novembro foi realizada na cidade de Tombos “(...) uma conferencia integralista, pelo companheiro Gustavo Barroso, que com a sua palavra eloquente arrancou applausos contínuos de uma assistencia superior a 3.000 pessoas (...).”²⁷⁰

Pelo menos até maio de 1937 *A Offensiva* atesta que líderes do sigma continuaram visitando apenas as regiões Central, Sul e Zona da Mata. Em fevereiro do ano em questão o núcleo de Pouso Alegre celebrou a passagem do segundo aniversário de sua fundação. San Tiago Dantas, então *Secretário Nacional de Imprensa*, compareceu àquela celebração representando o *Chefe Nacional*.

Em março houve a fundação do núcleo de Conselheiro Lafaiete, na região Central de Minas. “Camisas-verdes de Ouro Preto, Entre Rios, Itabirito e Congonhas, chefiados pelos respectivos Chefes Municipaes realizaram impressionante concentração, que emprestou á solemnidade um aspecto deslumbrante.”²⁷¹ San Tiago Dantas foi o convidado especial da cerimônia de fundação do núcleo de Conselheiro Lafaiete.

Devido à celebração da primeira marcha integralista um representante do *Chefe Nacional* visitou entre os dias 23 e 25 de abril de 1937 os municípios sul-mineiros de Maria da Fé, Caxambu, Soledade e Cristina. No dia Primeiro de Maio Belo Horizonte recebeu a visita do integralista Everaldo Leite.

A análise de *A Offensiva* sugere que até o encerramento de 1936 a AIB teve pouquíssima força nas regiões Norte e Noroeste de Minas. A coluna *O Integralismo nas Províncias* não é o único espaço que corrobora esse argumento. A localização dos núcleos de um estado e a

²⁶⁸ *A Offensiva*, 03/05/1936, num. 172, p. XVII.

²⁶⁹ *A Offensiva*, 28/10/1936, num. 322, p. I.

²⁷⁰ *A Offensiva*, 22/11/01936, num. 344, p. XIV.

²⁷¹ *A Offensiva*, 18/03/1937, num. 440, p. II.

quantidade de membros desses podem ser vislumbradas a partir de alguns acontecimentos e rituais. Um deles era a *Noite dos Tambores Silenciosos*²⁷², celebrada no mês de outubro.

Todos os núcleos do país deveriam enviar um telegrama ao gabinete de Plínio Salgado comunicando a realização daquele ritual. *A Offensiva* reproduzia o conteúdo das mensagens discriminando os núcleos que as enviavam. Em 1936, assim como nos anos pregressos, a maior parte das mensagens oriundas de Minas partia de núcleos nas regiões Central, Sul e Zona da Mata.

Porém, naquele ano de 1936 um dos telegramas foi enviado de Montes Claros, maior cidade da região Norte de Minas. A mensagem²⁷³ revela a situação do integralismo nessa cidade, pois seu autor observou que os preparativos para fundação no núcleo local haviam começado há pouco tempo. Ademais, o ritual da *Noite dos Tambores Silenciosos* havia contado com 35 participantes.

Os silêncios presentes em *A Offensiva* no que tange, sobretudo, às regiões Norte e Noroeste são indicativos de que essas possuíam uma reduzida quantidade de núcleos e de militantes. Ao mesmo tempo aqueles silêncios denotam que os núcleos daquelas regiões promoveram reduzida quantidade de bandeiras. Em janeiro de 1937 há um dos poucos registros em *A Offensiva* de militância verde no Norte de Minas. Aquele jornal publicou que:

Na manhã de 10 de Janeiro proximo passado, o Chefe Municipal do integralismo em Januaria, norte de Minas, (...), á frente de 20 integralistas, a pé, visitou o prospero districto de Brejo do Amparo, distante desta cidade 6 kilometros, sendo alli festivamente recebidos e saudados logo a entrada da rua por sympathizantes do movimento do Sigma, com salvas de baterias. A primeira vez que ali, em Outubro p. p. seguimos tambem a pé, 4 camisas verdes, levando ao povo do Brejo do Amparo, onde realizamos uma conferencia, a ideia nova tendo ali deixado varios sympathizantes.²⁷⁴

Portanto, refletindo o grau de desenvolvimento do sigma em Minas *A Offensiva* não abordou as diversas regiões desse estado de forma semelhante. Até o primeiro semestre de 1937 *A Offensiva* permanece conferindo destaque a eventos pequenos ocorridos em núcleos das regiões Sul, Central e Zona da Mata. No mês inicial daquele ano o periódico em questão publicou a matéria intitulada “Recrudescer o Integralismo em Minas Geraes”²⁷⁵. Porém, essa referia-se à fundação de um núcleo em Carmo do Rio Claro, Sul de Minas.

²⁷² Trata-se de um ritual da AIB que lamentava a extinção da *Milícia Integralista*. Começou a ser celebrado em 1935 por ordem de Plínio Salgado. O ritual em questão era realizado no dia do aniversário da AIB e constituía a maior solenidade desta data. O ritual tinha início às 21:00 horas e término à meia-noite.

²⁷³ *A Offensiva*, 16/10/1936, num. 312, p. III.

²⁷⁴ *A Offensiva*, 07/02/1937, num. 408, p. XIII.

²⁷⁵ *A Offensiva*, 30/01/1937, num. 380, p. I.

Em fevereiro daquele ano de 1937 *A Offensiva* reiterou que o Sul de Minas continuava “(...) desenvolvendo franca actividade em beneficio dos ideaes integralistas. Telegrammas procedentes de todas as regiões sul-mineiras dão conta, diariamente, do intenso trabalho de propaganda que vae-se desenvolvendo em toda parte.”²⁷⁶ Ainda em fevereiro houve a fundação do subnúcleo de Sereno, distrito de Cataguases. Esse evento teria contado com a “presença de 500 pessoas, debaixo de indescritivel vibração entusiastica.”²⁷⁷ Trata-se, porém, de um subnúcleo na região Zona da Mata, uma das três em que o integralismo mais se destacou em Minas.

Naturalmente, *A Offensiva* referiu-se no primeiro semestre de 1937 a cidades que não faziam parte das três regiões onde o sigma mais se desenvolveu em Minas. Contudo, essas referências foram escassas e evidenciam a baixa difusão do sigam em outras regiões do estado mineiro. Em uma das raras menções ao Norte de Minas *A Offensiva* anunciou em março de 1937 que “em Januaria, extremo norte da grande província mineira, acaba de ser fundada uma escola integralista. O sigma continua a sua obra educacional.”²⁷⁸

Comparativamente, *A Offensiva* referia-se a eventos pequenos ocorridos naquelas regiões onde o integralismo deteve maior força em Minas. Em abril de 1937, referindo-se à Zona da Mata, aquele jornal publicou que “toma vulto o integralismo em Ubá – Mais sete pessoas vestem a camisa-verde.”²⁷⁹

Logo, se *A Offensiva* conferiu destaque às regiões Sul, Central e Zona da Mata relegou ao silêncio regiões como o Norte, o Noroeste e também o Vale do Rio do Doce. Esse padrão foi observado no aludido jornal até abril de 1937. Desse período em diante o Arquivo Público de Rio Claro possui um baixo número de edições do jornal *A Offensiva*. Consequentemente não foi possível estender as conclusões até dezembro de 1937 quando se dá a extinção da AIB.

Por outro lado, esse trabalho examinou o jornal integralista de Pouso Alegre até as vésperas da extinção da AIB. Esse periódico não fornece indícios de que até novembro de 1937 tenha havido uma grande disseminação do integralismo pelas regiões Norte, Nordeste, Triângulo, Vale do Rio Doce e Centro-Oeste.

Outro fator que corrobora a baixa disseminação da AIB naquelas regiões é a baixa quantidade de jornais que seus núcleos fizeram circular. O lançamento de um jornal por parte de um núcleo da AIB era um dos indicativos da vitalidade dessa organização em um município.

²⁷⁶ *A Offensiva*, 09/02/1937, num. 409, p. I.

²⁷⁷ *A Offensiva*, 24/02/1937, num. 421, p. I.

²⁷⁸ *A Offensiva*, 11/03/1937, num. 434, p. I.

²⁷⁹ *A Offensiva*, 10/04/1937, num. 459, p. II.

A maior parte dos jornais lançados por núcleos em Minas estava nas regiões Sul, Central e Zona da Mata. O capítulo seguinte tem como objeto de análise os jornais *Anauê!* e *A Razão*.

CAPÍTULO III

IMPRESSOS INTEGRALISTAS EM MINAS

3.1 – Plínio Salgado e a imprensa

Oliveira (2017) afirma que o rigor historiográfico sugere cautela ao se associar e centralizar acontecimentos históricos à atuação de indivíduos. Entretanto, uma exceção a esse postulado reside nos movimentos de orientação fascista. Nesses casos, há um forte culto à liderança de um indivíduo e esse desempenha um importante papel na estruturação do movimento que lidera. Foi assim na Itália do *Duce* e na Alemanha do *Führer*. No fascismo brasileiro Plínio Salgado desempenhou papel semelhante. Logo, para analisar o integralismo é necessário compreender Plínio Salgado e conhecer sua trajetória. Oliveira (2017) urde esse preâmbulo a fim de ressaltar a importância da imprensa para o movimento do sigma. Esse historiador lembra que a origem do integralismo está umbilicalmente ligada à imprensa.

Conforme Oliveira (2017) a base do integralismo remonta à atuação jornalística, política e literária de Plínio Salgado ao longo da década de 1920. O vínculo do *Chefe Nacional* com a imprensa começa cedo. No ano de 1916, logo aos vinte e um anos ele inicia sua carreira jornalística ao fundar, junto a Joaquim Pereira, o *Correio de São Bento*. Em 1920 Plínio Salgado trabalha na capital paulista como revisor do jornal *Correio Paulistano*, vinculado ao Partido Republicano Paulista (PRP). Em sua atuação como revisor neste jornal, Plínio Salgado se deu conta da importância da imprensa, entendendo que a busca pelo consenso era mais eficaz do que a utilização da força (OLIVEIRA, 2017).

Ainda segundo Oliveira (2017), ao longo dos anos 1930 o pensamento de Plínio Salgado vai se consolidando dentro de premissas nacionalistas e xenofóbicas. Esses valores colidiam com o modelo político então adotado pelo Brasil. Em sua atuação parlamentar pelo PRP, entre 1928 e 1930, Plínio Salgado não encontrou abertura para alterar esse modelo político. A viagem desse intelectual à Itália fez com que ele se deslumbrasse com o modelo fascista, “movimento ultranacionalista e com um discurso de retomada de um passado glorioso (Império Romano) e avesso a estrangeirismos, assim como anticomunista e antiliberal (OLIVEIRA, 2017, p.30).”

De volta ao Brasil, continua Oliveira (2017), Plínio Salgado coloca em prática seus intentos de fundar um movimento de orientação fascista. Era necessário, porém, que suas ideias e seu movimento fossem conhecidos e tivessem contato com a sociedade. A imprensa foi a resposta de Plínio Salgado para sanar esse obstáculo. Para tanto, em meados de 1931 ele fundou

o jornal *A Razão*. Esse periódico, de circulação diária, não durou um ano. Todavia, por meio dele Plínio Salgado divulgou os valores que seriam as bases ideológicas da AIB. Mais do que isso, através de *A Razão* Plínio Salgado congregou aquele grupo que formaria a SEP, embrião da futura AIB. Neste sentido, advoga Oliveira (2017, p.31) “um fato que chama a atenção ao estudar a imprensa integralista é que o próprio movimento surgiu através de um jornal.”

Além disso, prossegue Oliveira (2017), a AIB não tardou a fundar um jornal próprio. Cerca de um mês após o lançamento do *Manifesto de Outubro* foi lançado *O Integralista*, primeiro jornal da AIB. Esse periódico circulou durante toda a vigência dessa organização, mas sua publicação foi irregular, pois foram lançados somente dez números. Embora jamais tenha tido o peso de outros jornais de circulação nacional do sigma, como *A Offensiva*, *O Integralista* simboliza a ligação da AIB com a imprensa (OLIVEIRA, 2017). Com base na importância da imprensa para a AIB o tópico seguinte discutirá a criação do *Sigma Jornais Reunidos*, os dois maiores jornais desse grupo e seu impacto sobre a militância verde sigma em Minas.

3.2 – *Sigma Jornais Reunidos e imprensa integralista em Minas*

Expressando a importância que atribuía à imprensa a AIB criou no segundo semestre de 1935 o *Sigma Jornais Reunidos*. Cavalari (1999) observa que esse consórcio jornalístico tinha por objetivo padronizar os jornais integralistas na forma e no conteúdo. Logo, a diagramação interna dos jornais integralistas de todo o país devia obedecer ao mesmo padrão. Naturalmente, o pensamento exposto por aqueles jornais deveria alinhar-se à orientação doutrinária da AIB (CAVALARI, 1999). O grupo *Sigma Jornais Reunidos* também procurou alardear a força, a coesão e o crescimento daquela organização.

Segundo o periódico²⁸⁰ integralista de Pouso Alegre em princípios de 1936 aquele consórcio reunia 108 jornais. Em suas pesquisas Oliveira (2009) constatou que a organização chefiada por Plínio Salgado possuiu 138 jornais durante sua existência legal. Dentre esses, dois eram de circulação nacional, trinta de circulação *provincial* e cento e seis de circulação nuclear. Ao lado da Bahia, os estados do Sul e do Sudeste concentraram a maior parte daqueles 138 periódicos (OLIVEIRA, 2009).

Conforme Oliveira (2017) vinte e sete jornais da imprensa verde circularam em Minas Gerais. Entretanto, esta pesquisa teve acesso aos jornais belo-horizontinos *Anauê!* e *Alvorada*,

²⁸⁰ *A Razão*, 13/03/1936, num. 01, p. I.

à *Quarta Humanidade* de Itajubá, a *O Integralista* do distrito de Saúde, a *Aço Verde* de Santa Rita do Sapucaí e *À Razão* de Pouso Alegre.

Foram pesquisados somente os dois números de *Alvorada* disponíveis na Coleção Linhares Digital²⁸¹. O arquivo Benno Mentz²⁸² possui os jornais *Quarta Humanidade* (duas edições) e *Anauê!* (treze edições)²⁸³. As 84 edições de *A Razão* constantes na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional foram integralmente analisadas. Por fim, este trabalho utilizou três edições de *Aço Verde* e duas do jornal *O Integralista*. O primeiro está disponível na pasta do fundo DOPS-MG relativa ao município de Santa Rita do Sapucaí e o segundo nas pastas relativas a Alvinópolis e a Ponte Nova.

Oliveira (2009) explica a dificuldade de se encontrar os jornais dos núcleos ao apontar que esses em sua maioria não tinham fontes de renda e periodicidade constante. Este trabalho identificou que *Rumo ao Sigma*²⁸⁴, editado em Ponte Nova, corrobora esse argumento. O referido jornal suspendeu suas atividades em 1936 em virtude de dificuldades financeiras. Conforme Oliveira (2009), muitos outros jornais de núcleos não tiveram mais do que cinco edições, as tiragens eram baixas e raros foram aqueles que circularam por mais de um ano. Do total de cento e seis jornais mantidos por núcleos em todo o Brasil, Oliveira (2009) encontrou somente dezesseis.

*Monitor Integralista*²⁸⁵ e *A Offensiva*²⁸⁶ foram dois jornais de circulação nacional do *Sigma Jornais Reunidos*. Esses dois foram as maiores referências desse consórcio jornalístico. A aquisição de ambos era obrigatória para todos os núcleos integralistas. Consequentemente, ainda que a maioria dos núcleos não tenha editado um jornal próprio, eles mantiveram assinaturas de *Monitor Integralista* e de *A Offensiva*. Não havia restrição quanto à assinatura desses por parte dos militantes da base.

Monitor Integralista, editado no então Distrito Federal, foi o órgão oficial de imprensa da AIB. Embora tenha circulado entre dezembro de 1933 e outubro 1937 sua periodicidade foi irregular. Foram lançados dois números naquele primeiro ano, seis no ano seguinte, outros quatro em 1935 e em 1936 e, finalmente, cinco em 1937. Naquele jornal eram publicadas as

²⁸¹ Acervo de jornais belo-horizontinos reunidos entre 1895 e 1954 por Joaquim Nabuco Linhares.

²⁸² Reúne documentos sobre a trajetória de imigrantes alemães e seus descendentes no Sul do Brasil.

²⁸³ Excetuando-se a décima, foram consultadas as primeiras quatorze edições do jornal *Anauê!*. O último número consultado data de 22/01/1936.

²⁸⁴ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 136.

²⁸⁵ Excetuando-se a segunda, este trabalho consultou as dezesseis primeiras edições de *Monitor Integralista*.

²⁸⁶ Foram consultadas as edições disponíveis no Arquivo Público de Rio Claro referentes a 1934, 1935 e 1936 que apresentavam notícias sobre Minas Gerais.

deliberações de Plínio Salgado, os estatutos da AIB, nomeações e exonerações dos cargos dessa organização, os regulamentos dos órgãos internos e os rituais e protocolos que a regiam.

A Offensiva, editado no Distrito Federal, começou a circular em maio de 1934 e foi extinto em março de 1938. Embora também divulgasse regulamentos e deliberações da cúpula da AIB, esse jornal servia prioritariamente à divulgação do conteúdo ideológico dessa organização. Logo, *A Offensiva* constitui um espaço privilegiado para, dentre outros, se apreender a leitura integralista sobre o regime em vigor e sobre a situação econômica do país e para se identificar os inimigos da AIB. O aludido periódico, que se tornou diário em 1936, constituiu a grande fonte de referência para os núcleos e jornais integralistas de todo o país.

Por conseguinte, foi bastante comum os núcleos municipais e distritais em Minas reproduzirem integralmente os conteúdos de *A Offensiva*. Dentre as notícias mais reproduzidas estavam as arbitrariedades de que os camisas-verdes se diziam vítimas, o crescimento numérico e eleitoral que alegavam experimentar e a abertura de novos núcleos e turmas de alfabetização voltadas à comunidade.

Outro conteúdo de *A Offensiva* bastante reproduzido foram aquelas declarações favoráveis à AIB que essa organização atribuía a Getúlio Vargas, a Filinto Muller, a padres, generais, bispos e juizes. Ao reproduzir essas declarações os militantes tinham por objetivo denotar uma suposta harmonia e comunhão de interesses entre a organização chefiada por Plínio Salgado, os militares, a Igreja, o Judiciário e o Executivo nacional. *O Integralista*, jornal da imprensa verde no distrito de Saúde, publicou a seguinte matéria:

O Integralismo em face da lei

A mais alta autoridade em materia de segurança publica, atesta mais uma vez, que a Acção Integralista Brasileira está rigorosamente dentro da lei.

A Acção Integralista Brasileira é um partido legalmente registrado no Superior Tribunal de Justiça Eleitoral; é, portanto, uma entidade político-partidaria legalmente constituída. Por outro lado, não só pelos princípios contidos no corpo de sua doutrina, como pelos methods usados pelos Integralistas está a A. I. B., perfeitamente enquadrada dentro da ordem e da carta constitucional do país. De tudo isso, deram já publico testemunho o sr. presidente da Republica e o chefe de polícia do Distrito Federal que, em entrevista concedida á “A Offensiva”, affirmou a inteira legitimidade e a perfeita respeitabilidade moral do movimento do Sigma.²⁸⁷

Por conseguinte, *A Offensiva* foi uma referência obrigatória para os folhetos, jornais e reuniões integralistas. É claro, porém, que em Minas os camisas-verdes não dependeram exclusivamente do referido jornal para acompanharem o movimento do sigma. A proximidade

²⁸⁷ *O Integralista*, 03/05/1936, num. 09, p. II. In: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 04.

entre alguns núcleos, a troca de correspondência entre militantes e entre núcleos e o trânsito de camisas-verdes pelo estado faziam as notícias circularem. Logo, muitas vezes os adeptos da AIB tomavam conhecimento de proibições impostas a núcleos próximos antes dessas situações serem publicadas em *A Offensiva*.

Ademais, esse jornal e *Monitor Integralista* elaboravam parte de seus conteúdos embasando-se nas informações que recebiam de núcleos de todo o país. Esses tinham por dever enviar mensalmente relatórios das atividades desenvolvidas às *Secretarias Provinciais*. Munidas desses relatórios as *Secretarias Provinciais* faziam balanços, por exemplo, da quantidade de adeptos do sigma, de integralistas que se elegeram como vereador ou prefeito e a quantidade de núcleos formados ou em formação em cada estado. Esses balanços eram enviados às *Secretarias Nacionais* que, por sua vez, alimentavam os maiores jornais da imprensa integralista.

No entanto, toda a cadeia de informações mantida pela AIB estava viciada pelo hábito de exagerar a força dessa organização. Muitos núcleos divulgavam números superiores à realidade, os órgãos *provinciais* da AIB também exageravam estes números antes de repassá-los aos órgãos nacionais. *A Offensiva* e *Monitor Integralista* divulgavam esses números recebidos. Por outro lado, esses jornais também foram responsáveis por criar números fantasiosos em relação ao crescimento da AIB.

Nas reuniões promovidas pelos núcleos foi comum a leitura de matérias extraídas de *A Offensiva* e de *Monitor Integralista*. Essas matérias, informações e estatísticas quando não eram integralmente lidas, eram previamente estudadas pelos responsáveis pelas reuniões do sigma. Logo, o conteúdo daqueles jornais chegou aos menores núcleos, aos distritos mais afastados e àqueles militantes mais simples e analfabetos.

A Offensiva e *Monitor Integralista* foram as maiores, mas não as únicas referências para os militantes. Havia também as revistas *Anauê!* e *Panorama*, além de jornais de outras cidades e outros estados. Em fevereiro de 1937 durante uma reunião no subnúcleo de Valão houve a leitura de “um noticiário do jornal a Acção de São Paulo, pelo qual tivemos a grata notícia de adesão ao nosso movimento de 2 veriadores e um dos chefes do P.R.M. em Passa Quatro (...).”²⁸⁸

Cavalari (1999) advoga que era especialmente através dos livros e dos jornais que os preceitos integralistas chegavam aos militantes. Os livros veiculavam as reflexões das lideranças da AIB e os jornais reproduziam este pensamento à exaustão. Alguns livros foram

²⁸⁸ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 80.

publicados antes da fundação da AIB, outros foram escritos antes da criação de muitos jornais do sigma. Por conseguinte, os livros foram o primeiro vetor de difusão do pensamento dos teóricos integralistas (CAVALARI, 1999).

Um desses livros foi “O Integralismo ao alcance de todos” escrito por Venceslau Júnior e lançado no segundo semestre de 1935. Esse militante foi o *Chefe Municipal* de Pedra Branca. A revista *Anauê!*, em seu quarto número, apresentou uma breve síntese de alguns livros integralistas. Essa revista detalhou a forma como “O Integralismo ao alcance de todos” foi escrito, observe:

Cheio de exortações magníficas e comovedoras aos brasileiros, aos descrentes e pessemistas; “às mães brasileiras”, “aos brasileiros da roça”, “aos paes brasileiros”, “aos operarios”, “aos políticos bem intencionados”, “á mocidade”, aos estrangeiros amigos do Brasil”, “aos que crêem em Deus”, “às creanças” etc.; é um livro escripto na linguagem sentimento que facilmente será entendida pelos nossos irmãos do interior. Claro, vibrante, - exteriorisação da physionomia moral de toda uma geração, inquieta e sonhadora, - “O Integralismo ao alcance de todos” é um dos mais oportunos trabalhos ultimamente publicados por autores integralistas.²⁸⁹

Trechos de “O Integralismo ao alcance de todos” foram reproduzidos em folhetos que eram distribuídos por núcleos em Minas Gerais. Antes mesmo do livro em questão ser publicado um de seus capítulos, intitulado “Aos paes brasileiros”, foi convertido em folheto por camisas-verdes de Areado. Um dos trechos do referido capítulo postula: “Eu sei que não acreditas mais nos partidos políticos que te enganaram com promessas e mentiras. Sei também que o Communismo te apavora porque ele te escravizará e prostituirá a tua família.”²⁹⁰ Motta (2000) elucida essa visão inerente à Rússia comunista. Esse historiador constatou que os bolcheviques foram acusados de promoverem orgias, estupros, incestos e a “socialização de mulheres” (MOTTA, 2000).

Segundo Cavalari (1999) os livros de autores integralistas embora veiculassem as mesmas ideias não o faziam da mesma forma. Esses livros voltavam-se a diferentes públicos que eram divididos, sobretudo, de acordo o grau de erudição. A carta-prefácio redigida pelo *Chefe Nacional* para “O Integralismo ao alcance de todos” denota que esse era um livro voltado àquele público com menor nível de instrução (CAVALARI, 1999).

A *Offensiva* reitera o público a que se destinava a obra em questão ao preconizar que “trata-se de um livro facil, indispensavel aos integralistas e a todas as pessoas que desejarem

²⁸⁹ Revista *Anauê!*, 10/1935, num. 04.

²⁹⁰ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 152.

ter uma idéia do INTEGRALISMO, sem grande esforço.”²⁹¹ Em meados de 1936 camisas-verdes do Paraná expressaram a relevância desse livro para o movimento do sigma. Nesse ano *Secretários Provinciais* do referido estado converteram “O Integralismo ao alcance de todos” para o alemão. Intitulado *Der Integralismus leidht verstandlich fur alle*²⁹² esse livro, postulou *A Offensiva*, destinava-se àquelas crianças que, embora nascidas no Brasil não falavam português, e àqueles de idade avançada que tinham dificuldades em aprender esse idioma.

Os jornais do sigma, observa Cavalari (1999), tentavam conduzir seu público àqueles livros escritos por integralistas. Em muitos casos os jornais reproduziam de forma idêntica ou com leves alterações o conteúdo daqueles livros (CAVALARI, 1999). Esse foi o caso de *A Offensiva* ao reproduzir a mensagem “Aos que crêem em Deus”, extraída de “O Integralismo ao alcance de todos”. Um dos trechos dessa passagem assegura que “ou triunpha o Integralismo, e os brasileiros, serão felizes, a organização da Família será garantida e o Brasil transformar-se-á em uma grande Nação ou vence o comunismo e tudo se terá perdido.”²⁹³

No entanto, mais do que informar e popularizar os valores integralistas, os jornais os difundiam de modo uniforme. Para tanto, a *Secretaria Nacional de Imprensa (SNI)* exigia que os jornais integralistas do país lhe enviassem e remetessem à *Chefia Nacional* um exemplar de cada edição. O objetivo era orientar e verificar os conteúdos desses periódicos, bem como adverti-los caso não estivessem de acordo com os preceitos do sigma. Os elementos mais recorrentes nos jornais da imprensa verde foram:

(...) a representação que o integralista tinha de si e do outro (o outro entendido como seus inimigos: a liberal democracia e o comunismo); a idéia de que somente no Integralismo residia a possibilidade da salvação nacional; a idéia da redenção pelo sofrimento, a idéia do Integralismo não como um movimento ou partido, mas como uma “Nova Humanidade”, a “Quarta Humanidade”; a representação que fazia de si o Chefe Nacional, a idéia da América Latina como berço da “Nova Humanidade” em oposição à Europa decadente; a revolução integralista como “Revolução Interior”, a inexorabilidade da vitória integralista; a apologia do novo, daí a valorização do século XX em detrimento dos séculos anteriores e a valorização da juventude. (CAVALARI, 1999, p.120)

Logo, os periódicos integralistas, que posteriormente se integrariam à rede *Sigma Jornais Reunidos*, foram um dos responsáveis por divulgar aos camisas-verdes o vocabulário e as palavras de ordem da AIB, os projetos, os valores e os receios dessa organização. Divulgaram ainda as leituras de passado e as interpretações inerentes ao cenário contemporâneo acalentadas

²⁹¹ *A Offensiva*, 14/09/1935, num. 70, p. II.

²⁹² *A Offensiva*, 07/07/1936, num. 225, p. VI.

²⁹³ *A Offensiva*, 17/08/1935, num. 66, p. II.

pela AIB. Portanto, aquele consórcio jornalístico ajudou a manter a coesão nas fileiras verdes, uma vez que as páginas daqueles jornais continham o modo de ser integralista. Era também por meio da aludida rede de periódicos que os regulamentos e ordens nacionais chegavam à militância local.

Um dos momentos-chave em que a imprensa do sigma demonstrava seu vigor era durante as campanhas integralistas, estivessem essas em busca de militantes, de recursos financeiros ou em disputas eleitorais. A normatização dessas campanhas era publicada, sobretudo, por *Monitor Integralista*. Mas, frequentemente *A Offensiva* também publicava normas e instruções aos militantes. Em maio de 1935 *Anauê!* determinou²⁹⁴ que os integralistas de Minas acompanhassem *A Offensiva*, pois esse jornal traria instruções sobre a participação da AIB nas eleições municipais do ano seguinte.

Entretanto, nem todos os jornais que fizeram propaganda sistemática do integralismo vincularam-se oficialmente ao *Sigma Jornais Reunidos*. Ao analisar os estudos sobre os jornais integralistas Pimenta (2019) observou que “(...) em comum, *grosso modo*, estes se voltaram para aqueles que integraram o Sigma Jornais Reunidos, estrutura oficial de imprensa da AIB.” Contudo, Pimenta (2019, p. 187) constatou que “(...) à margem dessa rede existiram aqueles que, oficiosamente, se dedicaram a publicizar a AIB e sua doutrina, ampliando sua capilarização em território nacional (...).” *O Rubicon* constitui um exemplo de periódico que não se associou formalmente ao *Sigma Jornais Reunidos*, mas que fez uma defesa ativa do integralismo.

Originalmente, continua Pimenta (2019), aquele jornal de Barbacena voltava-se à propaganda dos filmes e espetáculos exibidos pelo Cine Theatro Apollo, de propriedade da blusa-verde Inês Piacesi. Essa função não foi abandonada por aquele jornal. Não obstante, sua proprietária o converteu em um veículo de difusão do fascismo e do integralismo. Fê-lo, contudo, apresentando *O Rubicon* como um jornal apolítico. Sobre o regime italiano e seu líder Inês Piacesi escreveu 36 matérias. No que concerne ao integralismo e a Plínio Salgado aquela militante redigiu 57 artigos. A defesa do sigma por *O Rubicon* foi acentuada por sua proprietária a partir do segundo semestre de 1937 (PIMENTA, 2019).

Pimenta (2019) constatou ainda que não ser formalmente vinculado ao *Sigma Jornais Reunidos* fez com que *O Rubicon* fosse influenciado mais pelos valores de Inês Piacesi do que pelas diretrizes e textos presentes nos órgãos oficiais da imprensa da AIB. Ademais, essa blusa-verde ocupava um espaço na esfera pública que tradicionalmente não era reservado às mulheres.

²⁹⁴ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. III.

Por conseguinte, o fato de Inês Piacesi ser mulher, anticomunista, católica, proprietária e redatora de um jornal influenciou as notícias constantes em *O Rubicon*.

Neste sentido, foram comuns às páginas daquele jornal elogios a Plínio Salgado e notícias sobre o núcleo integralista de Barbacena. Paralelamente, foram comuns as notícias referentes às atividades desenvolvidas pela *Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e de Plinianos (SMAFP)*, em especial aquelas de alfabetização e assistencialismo. Pimenta (2019) ainda identificou que:

Contiguamente à maior incidência de notícias envolvendo as ações da SMAFP, em várias ocasiões, o *Rubicon* apresentou o espiritualismo da concepção integralista de Ines Piacesi, que, amiúde, era posto como um meio de se fazer frente ao comunismo, um dos grandes males do mundo em sua ótica. (PIMENTA, 2019, p. 203)

Ao se debruçar sobre *O Rubicon* Pimenta (2019) sinaliza para novas possibilidades de estudos sobre a AIB. À exceção desse jornal essa pesquisa não identificou outros periódicos que embora pertencessem a adeptos do sigma não se vincularam à imprensa oficial da AIB. Por outro lado, esse trabalho procedeu a um exame sobre os jornais *Anauê!* e *A Razão*. O tópico seguinte dá início a essa análise.

3.3 – *Anauê!* e *A Razão*: convergências e diferenças

Anauê! foi lançado pelo núcleo de Belo Horizonte em abril de 1934 sendo publicado quatro vezes até julho deste ano. Esse jornal voltou a circular em maio de 1935 em oficinas próprias. Os custos de publicação teriam sido o motivo do interregno em que o jornal não circulou. Por determinação de Olbiano de Mello, então *Chefe Provincial* de Minas Gerais, *Anauê!* foi declarado veículo oficial de imprensa da *província* mineira em junho de 1934. O referido periódico não se restringiu à publicação de elogios a militantes, de nomeações e licenças dos cargos da AIB. *Anauê!* contribuiu com esse trabalho, especialmente, ao informar sobre a militância integralista em solo mineiro em 1934 e no ano seguinte.

Conforme Dotta (2010) *O Aço Verde*, criado em maio de 1935 e encerrado em outubro do mesmo ano após dezesseis números, foi o primeiro jornal com pretensões a ser um órgão oficial do integralismo no estado de São Paulo. No dia sete de outubro de 1936, quarto aniversário da AIB, Miguel Reale criou e passou a dirigir o jornal *Acção*. Esse foi o principal jornal da imprensa integralista no estado de São Paulo (DOTTA, 2010). O jornal *Anauê!* em

Minas Gerais foi lançado em abril de 1934. Logo, o estado mineiro possuiu um jornal porta-voz do sigma antes do que São Paulo, berço do integralismo.

O jornal integralista mineiro mais utilizado neste trabalho foi *A Razão*²⁹⁵, que circulou na cidade sul-mineira de Pouso Alegre entre março de 1936 e o início de dezembro de 1937. A última edição deste jornal foi publicada no dia que AIB foi extinta. O nome *A Razão*, possivelmente, é uma homenagem ao jornal paulista homônimo em que Plínio Salgado atuou como redator-chefe em sua fase anterior à AIB.

O pouso-alegrense *A Razão* tornou-se um periódico semanal a partir do seu quinto número. Composto por quatro páginas foi editado 84 vezes durante sua existência. Suas fontes de receitas, assim como *Anauê!*, eram a venda de seus exemplares e de espaços em suas páginas a anúncios publicitários. À época do lançamento de *A Razão* o núcleo pouso-alegrense da AIB tinha pouco mais de um ano de atividade.

Embora as edições de *Anauê!* e de *A Razão* consultadas por este trabalho se refiram a anos diferentes é razoável proceder a uma comparação entre ambos. Como os demais periódicos do grupo *Sigma Jornais Reunidos*, *A Razão* e *Anauê!* discorreram sobre o que era o integralismo, seus objetivos e seu crescimento.

Nas páginas de *Anauê!* e de *A Razão* são abundantes os exemplos de críticas ao regime vigente. Essas críticas deixavam claro que reproduziam direta ou indiretamente o conteúdo de livros e discursos das principais lideranças integralistas. Deixavam claro também que reproduziam artigos dos maiores periódicos do grupo *Sigma Jornais Reunidos*. Verifica-se em *Anauê!* e em *A Razão* críticas a inúmeras mazelas políticas, a exemplo de discursos repletos de promessas que jamais se realizavam, candidatos que faziam da política um meio de vida e das indicações para cargos públicos sem se considerar a devida competência e formação dos indicados.

São comuns às páginas de *Anauê!* e de *A Razão* exemplos de fé inabalável na ascensão do sigma ao poder. Os dois periódicos exaltavam o *Chefe Nacional*, defendiam que a maçonaria e os judeus eram um risco à sociedade e alardeavam que os vermelhos haviam se infiltrado em repartições públicas, em governos, em escolas, em sindicatos, etc.

Anauê! e *A Razão* também convergiram ao tergiversar frente à boa parte das críticas direcionadas ao integralismo. É claro que rebateram vultosa parcela do que consideravam maus

²⁹⁵ Há 37 edições no ano de 1936 e outras 47 edições no ano seguinte. O fato de aquele arquivo apresentar estes 84 números não indica obrigatoriamente que *A Razão* tenha sido editado esta quantidade de vezes. Corrobora esta suspeita o fato de que o último número de *A Razão* não indica, nem da mais leve maneira, que o jornal iria encerrar suas atividades. Pelo contrário, este último número, datado do segundo dia de dezembro de 1937, é um manifesto de apoio ao golpe de 1937 que instituiu o Estado Novo.

juízos sobre a AIB. Todavia, em muitas circunstâncias os jornais *Anauê* e *A Razão* limitavam-se a atacar aqueles que imputavam ao sigma pechas negativas. Por conseguinte, argumentavam que as críticas e acusações eram tecidas por pessoas covardes.

Expressando um padrão revelado pela militância integralista, os jornais *A Razão* e *Anauê!* também convergiram ao advogar que a imprensa se furtava a seu real dever. Logo, essa não contribuía ao propósito maior, que era o fortalecimento econômico, político e militar do Brasil. Longe disto, *Anauê!* e *A Razão* argumentavam que a imprensa nacional constituía um vetor de boatos, difamações a pessoas, a partidos e a lideranças políticas. Em maior medida, a imprensa veiculava confusão e inverdades. Uma das razões deste fenômeno era o fato de que comunistas estariam infiltrados nas redações de inúmeros jornais. Outros periódicos, afirmavam *Anauê!* e *A Razão*, serviam a interesses escusos e mesquinhos ligados ao povo judeu e/ou à maçonaria.

Outra semelhança entre os referidos jornais é a exaltação à coragem e ao sacrifício dos militantes. A coluna *Conversando com as cidades*, presente no jornal *Anauê!*, relata que em Belo Horizonte uma moça e uma idosa, contrariando instruções, compareceram uniformizadas a um comício do sigma que os “comunistas” teriam prometido dissolver a bala. Em outro desses relatos aquela coluna assegurou que:

Gustavo Barroso viajava uma noite inteira, num velho ford, por estradas horríveis, para fazer uma conferencia num dos teus theatros, Juiz de Fóra! Com elle vem um velhinho de 70 annos Este brasileiro, humilde sertanejo, supportou o frio de uma noite de inverno, para ouvir a Doutrina do Sigma. Chegou cançado. Olheiras fundas E Gustavo Barroso aconselhou que fosse dormir um pouco. E o velhinho de Muriahé pareceu obedecer o Chefe. Despareceu de nossas vistas. Hora do desfile sportivo. A tua rua Halfeld cheia de grande massa entusiastica. Aponta ao longe, a primeira columna de camisas-verdes. Os soldados do Brazil Novo já desfilam deante de nós. E é agora que ouço uma exclamação de Barroso. Elle aponta para uma cabeça branca que bem erguida, marcha entre a columna verde. Reconhecera, naquelle instante o ancião de Muriahé, o moço de 70 annos que elle havia mandado dormir!²⁹⁶

Os jornais *Anauê!* e *A Razão* atuaram como espelhos das condutas expressas pela organização a que pertenciam. Neste sentido, constituem sínteses do integralismo, uma vez que reproduzem as palavras de ordem, os valores, receios, perspectivas de futuro, leituras de presente e de passado acalentadas pelo movimento verde. Todavia, há pequenas diferenças entre aqueles dois jornais.

A Razão e a *Anauê!* garantiram que o integralismo estava de portas abertas a todas as classes sociais. Asseguraram ainda que nas fileiras verdes todas as classes se confundiam. Mas,

²⁹⁶ *Anauê!*, 21/08/1935, num. 09, p. II.

somente em *Anauê!* há poucos e fictícios relatos afirmando que negros eram e se sentiam bem-vindos nas fileiras do sigma. Além disso, *Anauê!* faz um apelo mais constante à “mocidade”. Esse elemento, embora tenha permeado a retórica dos camisas-verdes, está menos presente nas páginas do jornal integralista de Pouso Alegre se comparado a *Anauê!*.

Por “mocidade” os integralistas entendiam a faixa etária até pouco mais de trinta anos. Entendiam, sobretudo, que “mocidade” significava uma renovação moral. Essa renovação era, na ótica dos camisas-verdes, proporcionada pela adesão ao integralismo, que só defendia valores edificantes e a elevação de caráter. Neste sentido, eram especialmente os jovens que se abriam à renovação moral proporcionada pelo integralismo.

Aqueles com mais idade que vestiam a camisa-verde tornavam-se jovens ao fazê-lo, o que significava que abandonavam o comodismo e assumiam valores novos, valores do século XX. Em um de seus números *Anauê!* publicou um manifesto dirigido por universitários integralistas mineiros a outros universitários do Brasil. Nesse manifesto verifica-se a seguinte passagem:

Assim como na Italia a reação da mocidade teve de enfrentar no primeiro embate o problema da ordem interna; assim como na Alemanha, teve ella de enfrentar o da situação internacional; assim no Brasil, encontramos um problema dominante, que podemos chamar de *desgoverno*. (...) ²⁹⁷

Portanto, cabia à mocidade brasileira a difícil, mas forçosa missão de reordenar o Brasil. Nesse ponto, *Anauê!* e *A Razão* convergiram em reiteradas passagens ao sugerirem que os jovens da Itália e da Alemanha constituíam exemplos à juventude brasileira. Aqueles jornais sustentaram que os jovens alemães e italianos haviam reordenado seus países. Naqueles dois jornais do sigma há elogios aos governos de Hitler e de Mussolini.

Por outro lado, são mais recorrentes em *Anauê!* do que em *A Razão* alusões a valores e a comportamentos que particularizariam os habitantes de Minas Gerais, sobretudo no que diz respeito à atuação política deste povo. Em seu primeiro número *Anauê!* traz uma mensagem de Plínio Salgado aos camisas-verdes de Minas. Escrevendo especialmente para *Anauê!* o *Chefe Nacional* afirma que a primeira vez em que se manifestou “integralistamente” ²⁹⁸ foi em território mineiro, quando então possuía treze anos.

Anauê! abordou mais do que *A Razão* o que classificou como um forte zelo pelas tradições religiosas, de matriz cristã e católica, cultivado por aqueles nascidos em Minas. Outro

²⁹⁷ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. I.

²⁹⁸ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. I.

elemento peculiar àqueles nascidos no estado mineiro seria uma atuação emancipatória, de insurgência contra opressões e injustiças, especialmente aquelas protagonizadas por forças estrangeiras. Em um discurso em que se apresenta à sociedade *Anauê!*²⁹⁹ vaticina: ‘E das montanhas, mais uma vez, partirá o brado de redenção dos brasileiros, pela voz potente e idealista do “ANAUE!”.’ Logo, reproduzindo uma leitura que não lhes é peculiar, os integralistas conceberam a Inconfidência Mineira enquanto um movimento de libertação nacional.

No interior dessa leitura de passado e concepção dos habitantes de Minas Gerais, o discurso integralista procurou reforçar a imagem dos camisas-verdes como homens de fé e de ação. Caberia, portanto, aos adeptos do sigma de Minas Gerais transformar a tradição emancipatória encabeçada pelo mítico Tiradentes em ação concreta. Nas páginas de *Anauê!* o então *Chefe Provincial* de Minas enviou uma mensagem aos camisas-verdes deste estado. O aludido integralista ponderou:

Tendes no vosso passado aquelle vulto alto e sereno, de longa tunica branca, que emergiu das paginas da nossa historia, projectando o clarão luminoso da Independencia.

Vêde: os camisas-verdes de todas as Provincias não conseguirão realizar a Independencia do Brasil sem vós.

Sereis criminosos se retardardes a Hora da Grande Marcha.³⁰⁰

O ato final dos integralistas mineiros seria desferido no momento tão idealizado em que o *Chefe Nacional* os convocasse para a marcha da vitória definitiva. Nesse momento, os camisas-verdes de todo o estado, zelando pelo juramento assumido, desceriam as montanhas mineiras rumo à vitória do sigma.

A atenção conferida à militância feminina no interior da AIB é outro aspecto em que se verificam diferenças entre *Anauê!* e *A Razão*. Seria exagero afirmar que a blusa-verde está ausente nas edições consultadas do jornal belo-horizontino *Anauê!*. Contudo, nas páginas desse jornal são irrisórias as simples menções às mulheres integralistas.

Diferentemente daquele periódico da capital mineira, *A Offensiva* deu visibilidade à militância de duas blusas-verdes em Minas Gerais já ao longo de 1935. A primeira delas foi Nilza Peres e a segunda era residente e natural da cidade de Cristina, Sul de Minas. Conforme *A Offensiva* essa segunda militante participou durante 1935 de várias bandeiras e cerimônias de fundação de núcleos. Nessas ocasiões a militante em questão sempre proferia seus discursos.

²⁹⁹ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. II.

³⁰⁰ *Anauê!*, 05/01/1936, num. 13, p. III.

Ocasionalmente, essa blusa-verde narrava suas experiências nas páginas de *A Offensiva*. Esse foi o caso de quando visitou sozinha os municípios sul-mineiros de Campanha, Lambari e Cambuquira em setembro de 1935. Em visita àquela primeira cidade a blusa-verde encontrou em uma das salas do núcleo local a *Escola Tiradentes*. Nessa ocasião relatou que ‘20 meninos pobres interrompem a lição para, alegres, me dizerem “Anauê”’.³⁰¹

Portanto, o jornal *Anauê!* conhecia referências sobre a militância integralista feminina em Minas Gerais. Apesar disso, a blusa-verde é quase uma ausência em *Anauê!*. *A Razão*, por outro lado, partindo do ano de sua fundação, 1936, fez várias menções às mulheres do sigma. Logo, informava que essas discursavam em reuniões e rituais integralistas, que atuavam em cursos de alfabetização, corte e costura e em ações de caridade.

Neste sentido, o jornal integralista de Pouso Alegre deu alguma visibilidade à militância feminina. Em uma ocasião informou que, uma vez ciente de que a integralista Nilza Perez estava em Itajubá, o *Chefe Municipal* de Pouso Alegre a convidou para discursar no núcleo dessa cidade. Nesta ocasião, a blusa-verde, então integrante da *Câmara dos Quatrocentos*:

(...) depois de apresentada á vibrante assistencia pelo Governador da Região e representante de Itajubá, pronunciou longa e belíssima palestra sobre o Movimento do Sigma. Foi, sem duvida, uma noite esplendida. Oradora esclarecida e eloquente, Nilza Perez, apesar de sua extrema mocidade, arrancou durante hora e meia os mais calorosos aplausos da entusiastica assistencia que superlotava a Séde e se derramava pelas ruas fronteiras.

O desusado brilho dessa reunião e o grande interesse que despertou em nossa população, tão fria nas manifestações aos políticos dominantes, constituem uma prova evidente de que estão contados os dias da velha politicagem liberal.³⁰²

Entretanto, *A Razão* jamais contou com uma blusa-verde como redatora, tampouco reservou uma coluna ao público feminino. Além disso, a atuação das blusas-verdes no interior da AIB foi um tema pouco abordado por *A Razão* se comparado às críticas ao regime ou ao crescimento dessa organização.

A abordagem desse crescimento em outros estados é outra das diferenças entre *Anauê!* e *A Razão*. Em suas edições de 1934 e 1935 o jornal integralista de Belo Horizonte publicou muito menos exemplos desse crescimento do que *A Razão* quando este jornal tratou sobre os anos de 1936 e 1937. O jornal integralista de Pouso Alegre noticiou adesões ao sigma por parte de juízes, militares, escritores e políticos das legendas tradicionais em todo o país. Fez o mesmo em relação à abertura das *Escolas Integralistas*, indicando casos verificados em outros estados.

³⁰¹ *A Offensiva*, 28/09/1935, num. 72, p. IX.

³⁰² *A Razão*, 14/10/1937, num. 77, p. I.

Essa diferença, no entanto, deve-se ao fato de que em 1936, quando *A Razão* começa a circular, o crescimento da AIB em Minas e em todo o Brasil se revela de forma mais intensa do que nos anos anteriores.

Finalmente, a maior diferença entre *Anauê!* e *A Razão* é que esse dedicou-se intensamente às questões ligadas à administração pública municipal. Redatores do jornal integralista de Pouso Alegre entrevistaram o prefeito dessa cidade e os responsáveis por alguns serviços voltados à sociedade. *A Razão*, inclusive, abriu espaço em suas páginas às críticas e sugestões da sociedade pouso-alegrense relativas a assuntos municipais. Esse é o assunto do próximo tópico.

3.4 – *A Razão*: um jornal integralista a serviço da comunidade?

Com a possível exceção de *Monitor Integralista* nenhum periódico do *Sigma Jornais Reunidos* limitou-se à difusão dos rituais, preceitos e regulamentos da AIB. Em última instância, seria impossível e desvantajoso fazê-lo. Impossível uma vez que, seguindo a perspectiva³⁰³ de Rémond (2003) e Rosanvallon (1995), o que não é político? Desvantajoso, porque se um jornal daquele grupo se focasse exclusivamente sobre os valores, rituais e estatutos da AIB acabaria por se restringir aos militantes dessa organização. Nunca é demais considerar que, talvez à exceção de *Monitor Integralista*, os jornais da imprensa verde tinham como um de seus principais objetivos trazer mais adeptos para o sigma.

Em seu primeiro número *A Razão* deixa claro que não se limitaria a ser “apenas um jornalzinho doutrinário”. Compromete-se em seguida a se dedicar de modo intenso às questões políticas, administrativas, sociais e econômicas do município de Pouso Alegre. Estabelece, porém, que ao discutir essas questões não se imiscuiria em intrigas partidárias e evitaria ataques pessoais. Logo, aquele jornal explicitou que seus dois principais objetivos eram: atuar em favor do sigma e também dos interesses de Pouso Alegre.

Ao se propor a uma atuação jornalística livre de intrigas partidárias *A Razão* seguiu determinações constantes, por exemplo, em *Monitor Integralista*. Logo em seu primeiro

³⁰³ Estes historiadores possuem uma concepção ampliada acerca do “político” entendendo-o como um campo que existe por si mesmo, tem autonomia e é uma realidade que se comunica com todas as demais. O político, além disso, é muito maior do que a política. Aqueles historiadores defendem ainda que o campo político representa e conforma a própria tessitura social, uma vez que o próprio ser humano é um animal político. O político tem fronteiras móveis, que se dilatam em tempos conturbados (graves crises econômicas e guerras). Este campo integra, conforma e se comunica em uma via de mão dupla com as esferas cultural, religiosa, econômica, social, etc.

número esse periódico³⁰⁴ estabeleceu que fosse na esfera municipal, estadual ou federal os camisas-verdes não serviriam aos governos, tampouco às oposições. O aludido jornal postulou que esses militantes desprezavam tanto as legendas partidárias anteriores à Revolução de 1930 quanto aquelas que surgiram após esse fenômeno, mas que cultivavam “os mesmos vícios e as mesmas miserias”³⁰⁵. *Monitor Integralista* advogou que os camisas-verdes não aspiravam a cargos públicos nem propunham soluções imediatistas. Ao integralismo interessava a solução de todos os problemas nacionais. Por conseguinte, determinou que os camisas-verdes não deveriam antepor obstáculos às administrações públicas de qualquer esfera.

No que tange aos poderes Executivo e Legislativo de Pouso Alegre, *A Razão* concentrou sua artilharia especialmente contra a falta de ações da Câmara Municipal. No entanto, reproduzindo um discurso comum ao sigma, as críticas à morosidade daquela Casa Legislativa ou a qualquer outra instituição ou autoridade municipal eram acompanhadas por relativizações e termos que suavizavam essas mesmas críticas. Em maior medida, apontava *A Razão*, era o sistema político o responsável pelas mazelas que tanto criticava. O trecho abaixo representa esse comportamento mantido pelo jornal integralista de Pouso Alegre:

FAZEM O QUE PODEM

Tem sido geralmente apreciada a solicitude com que a administração municipal, parece, procura resolver alguns dos varios e vitais problemas que atingem o nosso municipio.

E’ evidente a operosidade que o executivo local põe em atender as reclamações sobre as imperfeições e deficiências dos serviços publicos, como, ultimamente, no caso do abastecimento d’agua.

Nesse particular, não deixa de ser louvavel a boa vontade demonstrada pelos Srs. Prefeito e Vereadores, de ambas as facções, em solucionar rapidamente a magna questão, se bem que, como tem sempre acontecido em casos semelhantes, ficassem melhor amparados e defendidos interesses de ordem absolutamente pessoal.

Essa desvantagem, contudo, é menos dos homens que do malfadado regime politico-vigente, que os obriga, aos que estão em cima, a só se manterem graças a concessão de favores e tolerancias altamente condenaveis.

A despeito, pois, das mazelas e contingencias de uma politica irremediavelmente preza nas tramas dos pequeninos interesses de grupos e famílias, os homens fazem o que podem.

E é por isso que nós, que compreendemos não poderem os governantes, mesmo os de melhor boa vontade, tolhidos pelos defeitos do regime, agir mais proveitosamente, não lhes regateamos os nossos aplausos ao esforço honesto por fazer alguma coisa. (...).³⁰⁶

É claro que houve exceções e, ocasionalmente o jornal integralista de Pouso Alegre elevou um pouco o tom de suas queixas. Certa vez, *A Razão* teria recebido reclamações³⁰⁷ de

³⁰⁴ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, num. 01.

³⁰⁵ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de janeiro de 1934, num. 04, p. I.

³⁰⁶ *A Razão*, 01/04/1937, num. 50, pp. I e II.

³⁰⁷ *A Razão*, 24/06/1937, num. 61, p. I.

moradores sobre fábricas no perímetro urbano que produziam altos ruídos e muita fuligem. Nessa ocasião o referido jornal sustentou que embora tivesse se eleito há um ano a Câmara nada fizera em matéria de legislação municipal. Logo, se podia concluir que essa instituição era inútil. Porém, as críticas dirigiam-se, via de regra, às instituições e não às pessoas que as compunham.

Até mesmo os jogos de azar, denunciados por *A Razão* mais de uma vez, não eram necessariamente fruto da ausência de repressão por parte das autoridades de Pouso Alegre. A existência daquelas atividades, em maior medida, era de responsabilidade da “(...) perniciosa politicagem que põe acima da lei e da moral os seus interesses de campanario.”³⁰⁸ Era de responsabilidade ainda do próprio fisco estadual que, segundo *A Razão*, se associava àquela jogatina. Portanto, o tom predominante no trato para com o Executivo, o Legislativo e outras autoridades pouso-alegrenses manteve-se palatável e ameno, guiando-se pela cordialidade.

Mas, *A Razão* orientou-se por uma junção entre idealismo e cálculo político ao lidar com os poderes públicos municipais. O jornal integralista de Pouso Alegre sustentou uma oposição deveras razoável ao Executivo e Legislativo dessa cidade. Em suas páginas aquele periódico sempre advogou que iria fazer um jornalismo em que desconsideraria as intrigas partidárias. Em obediência aos preceitos que afirmava seguir o jornal integralista de fato tanto criticou erros como elogiou acertos do Executivo e Legislativo pouso-alegrense. Logo, se a morosidade, a inação e a ausência de conteúdos partidários nítidos por parte dos referidos poderes municipais eram denunciadas por *A Razão*, esse jornal não se furtou em elogiar iniciativas e obras levadas adiante pelo prefeito e pelos vereadores.

Naturalmente, porém, a cordialidade sustentada por *A Razão* no trato para com os políticos locais não era inteiramente desinteressada. Esse jornal propalou um discurso em que apresentava os camisas-verdes como homens virtuosos, sem interesses em cargos públicos ou em prestígio social e imunes às rixas partidárias. Aos militantes do sigma interessava apenas o bem do Brasil. Por conseguinte, manter um tom ameno para com os políticos locais, criticá-los em seus erros e elogiá-los em seus acertos era para o jornal integralista de Pouso Alegre uma questão de coerência. Mas também, era uma questão de estratégia, pois os camisas-verdes tinham por objetivo atrair para as suas fileiras o maior número possível de brasileiros. Dentre esses, naturalmente, estavam inclusos os políticos locais. Por fim, não era nada interessante aos integralistas de Pouso Alegre, ou de qualquer localidade, produzir inimigos, despertar inimizades e fúrias.

³⁰⁸ *A Razão*, 15/10/1936, num. 26, p. I.

A “Coluna do Roceiro” ou “Seção do Roceiro”, inaugurada em outubro de 1936, foi uma das tentativas empreendidas por *A Razão* de se aproximar dos homens do campo. Nesse espaço, havia orientações sobre técnicas de plantio, de enxerto, de filtragem de água, sobre a produção de carrapaticidas, melhores formas de tratar doenças de animais e métodos para aumentar a produção do leite. Orientações semelhantes foram publicadas por *A Offensiva*, sobretudo, a partir de 1936 quando esse se tornou um jornal diário.

A Razão abriu espaço em suas páginas à comunidade pouso-alegrense através da coluna “reclamações e sugestões”. Inaugurada no segundo número daquele jornal, a coluna franqueava à comunidade um espaço em que essa podia externar suas críticas, sobretudo, à administração municipal e aos concessionários de serviços públicos. Todavia, é possível que algumas das críticas tenham sido elaboradas pelos próprios redatores daquele jornal.

Não se pode negar, contudo, que os habitantes de Pouso Alegre enviaram queixas à redação do periódico integralista. Nessas críticas versavam sobre a inexistência ou insuficiência de serviços públicos, bem como sobre a regulamentação de um código municipal de posturas. Houve quem criticou³⁰⁹ a demora no atendimento dos guichês na prefeitura. Outro leitor reclamou³¹⁰ sobre a condução de bovinos pelas ruas da cidade em direção ao matadouro. A insuficiência de abastecimento hídrico em uma rua da cidade também foi alvo de uma queixa³¹¹ enviada ao jornal integralista de Pouso Alegre. Essas queixas externavam anseios coletivos, ainda que possam ter sido enviadas somente por adeptos do sigma.

As reclamações e sugestões dos leitores não apenas eram publicadas como também ocasionalmente eram respondidas ou atendidas. Um leitor do periódico integralista teria se queixado³¹² sobre a situação das estradas que cortavam o município. No mesmo espaço em que publicou essa crítica *A Razão* informou a seu leitor que ao buscar informações constatou que naquele momento “onze turmas” trabalhavam no reparo das estradas.

Em seu sexto número *A Razão* publicou uma queixa relativa à poeira nas ruas pouso-alegrenses. Os queixosos requeriam que o Executivo Municipal molhasse as vias da cidade a fim de se minimizar o dito problema. Duas edições após, o jornal integralista elogiou o fato de que as ruas do centro comercial estavam sendo molhadas. Porém, sugeriu a que a medida fosse estendida, pelo menos, às vias de maior movimento da cidade. Em outra oportunidade *A Razão* publicou a seguinte nota:

³⁰⁹ *A Razão*, 16/04/1936, num. 03, p. II.

³¹⁰ *A Razão*, 30/07/1936, num. 16, p. II.

³¹¹ *A Razão*, 07/10/1936, num. 25, p. VII.

³¹² *A Razão*, 01/05/1936, num. 04, p. III.

Atendida
Uma sugestão nossa

Registramos com satisfação o fato de haver sido atendida, pela Prefeitura Municipal, a reclamação feita em nossas colunas a respeito dos buracos existentes nos passeios da Avenida Dr. Lisbôa.

E' com essa atitude, atendendo às justas reclamações do povo, que a administração publica se pode tornar credora do respeito popular.³¹³

Para além do elogio à obra da prefeitura, a publicação desta nota revela uma possível estratégia de *A Razão* no sentido de auferir ganhos políticos. Dessa maneira, o jornal assegura que os buracos foram tapados devido a sua interferência. Mas, o jornal integralista não deixou de manter o trato polido que caracteriza suas referências aos ocupantes dos cargos públicos.

Há outro exemplo de uma reclamação publicada pelo jornal integralista de Pouso Alegre que foi atendida. Trata-se de uma queixa³¹⁴ relativa à demora enfrentada no atendimento da agência local dos Correios. Na edição seguinte à publicação dessa queixa, um funcionário daquela instituição, em nota àquele jornal do sigma, justificou a referida morosidade. O funcionário explicou que a agência local dos Correios dispunha então de um quadro inferior ao necessário.

A Razão manteve em suas páginas a *Coluna Operária*³¹⁵, espaço onde elogiou as leis trabalhistas brasileiras. Contudo, o aludido jornal noticiou que em Pouso Alegre não se cumpria a legislação trabalhista em vigor no país desde os primórdios³¹⁶ da Revolução de 1930. *A Razão* apontou³¹⁷ que o descanso semanal remunerado, a limitação da jornada de trabalho, as férias anuais de 15 dias úteis e a indenização pela dispensa sem justa causa eram “letra morta” em Pouso Alegre. Esse cenário, que atentaria contra os “sentimentos cristãos” da sociedade, precisava ser combatido pelo “bem da propria estabilidade das instituições” que os camisas-verdes se arrogavam defensores. Conforme Dotta (2017), o jornal paulista *A Acção* também

³¹³ *A Razão*, 14/01/1937, num. 39, p. I.

³¹⁴ *A Razão*, 21/01/1937, num. 40, p. I.

³¹⁵ Foi publicada dezessete vezes ao longo de 1936, porém, de forma não sequencial, e assinada, na maioria das vezes, por Vicente Scapulatempo. Foi a única coluna efetivamente assinada em *A Razão*, as demais não o eram ou, a exemplo de “Minha Coluna”, eram assinadas por pseudônimos como “Tapuia”, “Tupi” ou “Tamoio”.

³¹⁶ Conforme Pandolfi (2003) ainda em novembro de 1930 foram criados o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, denominado Ministério da Revolução, e o Ministério da Educação e Saúde Pública. Entre 1931 e 1934 foi promulgada uma série de decretos e leis que visavam à proteção do trabalhador. São desta época a limitação da jornada diária de trabalho a oito horas, a regulamentação do trabalho da mulher e dos menores, a adoção da lei de férias, o direito a pensões e a aposentadorias e a instituição da carteira de trabalho. Ademais, o governo também buscou nacionalizar o trabalho, pois exigiu que em qualquer estabelecimento comercial ou industrial a presença mínima de 2/3 de empregos brasileiros.

³¹⁷ *A Razão*, 04/03/1937, num. 46, pp. I e II.

criticava a inobservância da legislação trabalhista e elogiava as leis em defesa dos trabalhadores vigentes na Itália de Mussolini e no Portugal de Salazar.

A *Razão* afirmou ter recebido denúncias de que em Pouso Alegre o horário de fechamento do comércio não era obedecido. Essas denúncias teriam mencionado a ausência de fiscalização sobre aquele horário de encerramento. Seja ou não pela publicidade conferida àquelas reclamações, o Executivo municipal tomou suas providências, como atesta a seguinte matéria:

A proposito da ótima medida tomada pelo digno sr. Prefeito Municipal, determinando o rigoroso cumprimento do horario do fechamento do comercio nas horas regulamentares, recebemos de <<um observador>> longa missiva em que encarece a necessidade de se estender a fiscalização á zona suburbana da cidade. <<Não é justo que os comerciantes dos pontos afastados, nas entradas da cidade, se conservem abertos, fazendo séria concorrência aos dos do centro urbano!>>³¹⁸

Coluna Operária criticou também o Ministério do Trabalho, que seria um órgão que fomentava a luta de classes no Brasil. Conforme *A Razão* essa luta de classes era quase inexistente antes da criação daquele órgão. O Ministério do Trabalho serviria ainda para intensificar a propaganda comunista, já que os vermelhos ali haviam se infiltrado. *Coluna Operaria* ainda desaprovava as greves, afirmando que essas eram absolutamente prejudiciais aos trabalhadores.

A Offensiva foi uma inspiração para o jornal integralista de Pouso Alegre quando esse defendeu a legislação trabalhista. Em fins de 1935 *A Offensiva* lançou a sua *Pagina Syndical*. Nesse espaço ocupou-se de forma sistemática sobre assuntos relativos ao mundo do trabalho. Em fevereiro de 1937, por exemplo, defendeu que "O GOVERNO deve interessar-se mais pela legislação trabalhista que forjou. Declarar direitos e deixá-los no esquecimento é positivamente errado."³¹⁹ Em março daquele ano *A Offensiva*³²⁰ publicou a carta de um morador de Rio Pomba, Zona da Mata, sobre o não cumprimento da lei de oito horas de trabalho nessa cidade. Logo, não houve originalidade nas páginas de *A Razão* quando esse jornal defendeu o cumprimento das leis trabalhistas.

Através de sua *Coluna Operaria* *A Razão* incentivou a criação em Pouso Alegre de um sindicato que representasse os diversos grupos de trabalhadores dessa cidade. Quando do surgimento do "Sindicato de Ofícios Diversos" naquela cidade, *A Razão* observou que era

³¹⁸ *A Razão*, 09/09/1937, num. 72, p. IV.

³¹⁹ *A Offensiva*, 23/02/1937, num. 420, p. XI.

³²⁰ *A Offensiva*, 25/03/1937, num. 446, p. IX.

necessário prudência a fim de se evitar a infiltração de comunistas nesse órgão. Posteriormente, elogiou a diretoria do sindicato, afirmando que estava distante o risco de infiltração vermelha. O que o jornal integralista de Pouso Alegre não mencionou foi que camisas-verdes participaram ativamente se não da criação, pelo menos dos quadros de diretoria daquele sindicato. Dois camisas-verdes, que até mesmo assinaram a *Coluna Operária*, integraram a comissão formuladora do estatuto daquele sindicato.

Em *Coluna Operária* e em outros espaços, além do tradicional ataque ao comunismo e ao liberalismo, *A Razão* esforçou-se por difundir uma imagem da AIB enquanto uma organização defensora dos trabalhadores. Reproduzindo um ponto corrente no discurso do sigma aquele jornal afirmava que o integralismo seria um movimento composto desde sua gênese por trabalhadores, estudantes e pessoas comuns. Esses grupos, inclusive, teriam ladeado o *Chefe Nacional* logo na primeira marcha dos camisas-verdes, em abril de 1933 no município de São Paulo. Mesmo Plínio Salgado seria também “oriundo das massas anônimas”³²¹, o que atestaria o caráter popular da AIB. Os primeiros *mártires* do integralismo seriam também operários.

Portanto, *A Razão* apresentou o integralismo enquanto um movimento composto também por gente simples. Esse jornal ainda se apresentou enquanto um veículo de informação que defendia os trabalhadores. Um dos objetivos de *A Razão* com essas duas medidas era se aproximar do público não integralista. Não obstante é mais provável que este jornal tenha conseguido se aproximar desse público ao franquear a este, espaço para críticas e sugestões relativas à vida municipal.

Por outro lado, ao ceder espaço às críticas e sugestões de seus leitores, que provavelmente não se limitaram aos camisas-verdes, *A Razão* suscitou nesses uma politização difusa. Leitores e assinantes não integralistas desse jornal viram nesse um canal para externar suas insatisfações para com o Executivo e o Legislativo municipal e exigir desses as soluções cabíveis. As críticas e sugestões indicam também que muitas vezes seus autores as enviavam somente aos redatores do jornal integralista e não aos responsáveis pelos serviços públicos. O trecho abaixo é um dos exemplos dessa prática:

Os moradores do bairro do Aterrado (São Geraldo) solicitam, por nosso intermedio, das dignas autoridades municipais uma providencia qualquer regulamentando a criação de suínos, atividade que constitue uma das principais ocupações dos moradores daquele suburbio de Pouso Alegre. (...).³²²

³²¹ *A Razão*, 01/05/1936, num. 04, p. III.

³²² *A Razão*, 15/10/1937, num. 77, p. I.

Do excerto acima depreende-se que *A Razão*, embora fosse um jornal integralista, era visto por algumas pessoas se não como um legítimo veículo de comunicação, pelo menos como um meio para a resolução de alguns problemas municipais. É possível que algumas das pessoas que enviaram suas queixas à redação daquele jornal sequer se preocupassem com a natureza política do semanário. É muito provável também que muitos dos denunciante fossem também camisas-verdes. Nenhuma reclamação constante nas páginas de *A Razão* menciona o fato de os reclamantes terem buscado anteriormente alguma solução junto à administração pública.

Com base em renomados sociólogos e historiadores, Motta (2009) reflete sobre aspectos da sociedade brasileira que podem sinalizar para uma cultura política nacional. Alguns desses aspectos ajudam a esclarecer o comportamento dos leitores de *A Razão* que viram nesse periódico um instrumento para a resolução de demandas públicas. As características pensadas por Motta (2009) são: os frágeis laços entre o povo e a cidadania e seu resultado lógico que é a modesta participação popular na política institucional. Esses fenômenos resultam de um desinteresse e de uma autoexclusão que o povo mantém no que concerne à política institucional. Os frágeis laços entre o povo e a cidadania são frutos também de uma ação deliberada das elites com o intuito de vedar o acesso à participação política aos grupos subalternos (MOTTA, 2009). A partir dessas reflexões, torna-se inteligível a conduta de alguns dos leitores do jornal integralista de Pouso Alegre que buscavam esse jornal e não os poderes públicos municipais para resolver alguns de seus anseios.

Pode ter contribuído também para o desenvolvimento da conduta em debate dos leitores de *A Razão* o fato de que em seus primeiros números esse jornal tenha publicado entrevistas com os responsáveis por serviços voltados à comunidade. A primeira edição daquele jornal trouxe uma entrevista com o responsável pelas reformas nas linhas de transmissão e na estação de energia elétrica que atendia Pouso Alegre.

Posteriormente o jornal entrevistou³²³ o responsável pelo “Subposto de Higiene Municipal” que seria instalado naquele município. Alguns meses depois, *A Razão*³²⁴ cobrou a efetiva instalação daquela unidade de saúde. Finalmente, o jornal entrevistou³²⁵ mais uma vez o responsável por aquela unidade uma vez que esse profissional havia renunciado a seu cargo. O referido profissional justificou sua renúncia alegando que devido a questões políticas o

³²³ *A Razão*, 16/04/1936, num. 03, p. IV.

³²⁴ *A Razão*, 25/06/1936, num. 05, p. II.

³²⁵ *A Razão*, 14/04/1937, num. 39, p. IV.

subposto jamais contou com instalações adequadas e com o orçamento necessário a seu bom funcionamento.

Pertinente também é a entrevista³²⁶ que *A Razão* fez com o diretor da empresa que detinha a concessão dos serviços de telefonia em Pouso Alegre. A referida entrevista é fruto de uma suposta reclamação inerente àqueles serviços enviada por um assinante do jornal. Ao receberem os camisas-verdes de Pouso Alegre os entrevistados entendiam como legítimos os questionamentos desses e o veículo de comunicação que representavam. No mínimo, os entrevistados reconheciam a importância do jornal integralista pouso-alegrense. Do contrário, sequer receberiam os entrevistadores de *A Razão*. Neste sentido, embora fosse um jornal integralista, *A Razão* foi um periódico efetivamente levado a sério no município de Pouso Alegre. Corrobora essa assertiva o fato de que até mesmo o prefeito daquela cidade tenha concedido esclarecimentos àquele periódico da AIB.

Alguns desses esclarecimentos ocorreram durante o processo em que a prefeitura de Pouso Alegre adquiriu as terras em que se encontravam as fontes hídricas que abasteciam a cidade. Em suas edições *A Razão* já tratava sobre as deficiências apresentadas pelo serviço de abastecimento. Abordava também a necessidade de a prefeitura adquirir e preservar os mananciais que abasteciam o município. Durante esse processo de compra das terras em que estavam os mananciais, o prefeito de Pouso Alegre prestou esclarecimentos³²⁷ sobre a situação hídrica do município e as medidas que desejava implementar. Concedeu ainda uma entrevista³²⁸ à *Razão* em que esclarecia questões ligadas à desapropriação daquelas terras. Importante frisar, que foi o prefeito quem procurou o jornal integralista para conceder essa entrevista sobre a desapropriação de terras. O chefe do Executivo de Pouso Alegre fê-lo, pois, uma edição anterior de *A Razão* havia publicado algumas informações que ele julgou por bem esclarecer.

Em outra circunstância o prefeito comunicou³²⁹ ao jornal integralista de Pouso Alegre que obtivera do governo estadual a autorização e os recursos necessários para a abertura de uma estrada que ligaria essa cidade a mais três municípios. Nessa ocasião, o jornal integralista publicou: “Louvando a operosidade e interesse demonstrado pelo (...), *A RAZÃO* muito deseja ver realizado esse melhoramento, fazendo votos para que tudo não fique em preparo para as proximas eleições...” Logo, ao mesmo tempo em que elogiou a atuação do prefeito, veladamente, *A Razão* denunciou a prática de se realizar obras às vésperas do período eleitoral.

³²⁶ *A Razão*, 08/07/1937, num. 63, p. IV.

³²⁷ *A Razão*, 10/12/1936, num. 34, pp. I e II.

³²⁸ *A Razão*, 25/02/1937, num. 45, p. IV.

³²⁹ *A Razão*, 08/07/1937, num. 63, p. I.

Por outro lado, a atenção dispensada pelo prefeito de Pouso Alegre ao jornal integralista dessa cidade revela que eram cordiais as relações entre o Executivo municipal e os camisas-verdes. Denota, sobretudo, que *A Razão* detinha alguma relevância na cidade de Pouso Alegre.

A análise das 84 edições do aludido jornal permite sustentar que de fato ele cumpriu com os objetivos a que se propôs. Efetivamente, *A Razão* conseguiu servir à comunidade em que circulou, obtendo êxito em seu intuito de ser lido por não integralistas. Aquele jornal alcançou estes objetivos ao cobrar a execução de obras públicas, ao tentar escrever para os homens do campo, ao se apresentar como defensor dos trabalhadores urbanos e ao abrir espaço às críticas e às sugestões da comunidade.

No entanto, *A Razão* adotou essas práticas com o intuito de auferir prestígio político e ser benquisto pelos seus leitores que não eram camisas-verdes. Dessa forma, ainda que não tratasse de questões estritamente integralistas, *A Razão* o fazia para difundir os valores do sigma, uma vez que seria lido por não camisas-verdes. Seguramente, o jornal integralista de Pouso Alegre obteve êxito em seu intuito de ser lido por não integralistas, pelos indiferentes e pelos adversários do sigma.

Cavalari (1999) ao analisar os jornais presentes no *Acervo*³³⁰ Plínio Salgado observou que esses quase não se referem à política local ou a notícias locais. Os elementos que distinguem aqueles jornais são as propagandas comerciais e as notícias das colunas que informavam sobre casamentos, batizados e aniversários de moradores da região. Salvo essas exceções, nada existia nos jornais pesquisados que os distinguissem de um congênere de uma cidade do interior do Sul ou do Sudeste do Brasil (CAVALARI, 1999). Segundo a referida autora:

É importante destacar que os jornais pesquisados, nas poucas vezes que veicularam notícias locais, o fizeram com o objetivo de divulgar a doutrina integralista, ainda que subliminarmente. Isto é, a discussão e análise de assuntos “domésticos” eram feitas à luz da doutrina integralista. Valiam não tanto pelo que divulgavam, mas muito mais pelo que destacavam em termos doutrinários. As notícias locais, ao serem veiculadas, serviam de exemplo para a divulgação de determinados pontos doutrinários.

Parece ter sido este o caso dos jornais *A Razão*, de Garanhuns-PE e de *O Nacionalista*, de Araraquara-SP que, dentre os jornais pesquisados, foram os únicos que veicularam notícias referentes a problemas locais. (CAVALARI, 1999, p. 80)

Assim como outros periódicos do grupo *Sigma Jornais Reunidos*, *A Razão* se estruturou de modo a reproduzir o conteúdo dos livros integralistas e dos maiores periódicos daquele consórcio jornalístico. Assim como outros jornais da imprensa verde *A Razão* veiculou os preceitos integralistas mesmo quando tratava sobre assuntos relativos à política local. No

³³⁰ Sob custódia do Arquivo Público Municipal de Rio Claro – Rio Janeiro.

entanto, o jornal integralista pouso-alegrense se distingue daquele universo pesquisado por Cavalari (1999) no que tange à frequência com que tratou sobre assuntos locais. Além disso, *A Razão* circulou ininterruptamente por mais de um ano, feito alcançado por poucos jornais da imprensa verde editados em cidades e distritos.

No período em que circulou, assim como *Anauê!*, o jornal integralista de Pouso Alegre urdiu vários elogios aos regimes comandados por Hitler e por Mussolini. Os aludidos periódicos não conseguiram esconder a admiração que nutriam pelos regimes fascistas europeus e seus líderes. Foram comuns naqueles dois jornais elogios às formas como aqueles governantes lidaram com o comunismo em seus países. Por outro lado, aqueles jornais advogavam que haviam diferenças entre o sigma e os fascismos europeus. As abordagens de *A Razão* e *Anauê!* no que tange àqueles regimes constituem o objeto de análise do tópico seguinte.

3.5 – Nazismo e fascismo em *Anauê!* e *A Razão*

Trindade (1979) verificou que os jornais e as revistas integralistas, embora evitassem uma linguagem muito favorável, apresentavam sistematicamente notícias sobre a expansão do fascismo na Europa. Havia, inclusive, no jornal *A Offensiva* uma coluna intitulada “O fascismo no mundo”. Os jornais do sigma eram menos neutros do que as revistas quando abordavam os regimes fascistas europeus. Não obstante, havia uma preocupação dos dirigentes da AIB em não assimilar o integralismo ao fascismo (TRINDADE, 1979).

Apesar dessa preocupação, a semelhança entre a AIB e os regimes fascistas europeus não passou despercebida. Entre os anos de 1932 a 1934 essa pesquisa encontrou poucas referências ao integralismo nos jornais mineiros conservados pela Biblioteca Nacional. Esse fenômeno corrobora a pouca expressividade do integralismo em Minas Gerais durante aqueles anos. Carone (1974, p. 215) observou que “enquanto o movimento começa a tomar formas, a reação é mínima, em parte, devido a acreditarem que ser a AIB um arremedo fascista sem futuro.” Não obstante, já naquele período houve quem tenha associado o integralismo aos fascismos europeus.

Corrêa (1973) faz referência a uma matéria publicada no jornal *Gazeta Commercial* da cidade de Juiz de Fora. Intitulada “*O Fascismo Paulista*” essa matéria alude à reunião ocorrida em São Paulo que marcou o lançamento da AIB. Conforme essa notícia, datada de 22 de outubro de 1932, o objetivo da referida organização era “implantar o fascismo no Brasil.”

Em março de 1934 o jornal *Monitor Mineiro* da cidade de Guaranésia, Sul de Minas, veiculou uma matéria intitulada “A marcha do fascismo”. Nessa o jornal aponta a situação do fascismo em alguns países do mundo. Referindo-se ao Brasil o jornal estabeleceu: ‘(...) temos os “camisas azeitonas” do sr. Plínio Salgado. Por enquanto são os mais inofensivos.’³³¹ Militantes do sigma também não deixaram de perceber a semelhança entre os regimes nazifascistas e o integralismo. Segundo Corrêa (1973) um integralista em Juiz de Fora solicitou sua exclusão das fileiras verdes. Com o intuito de se justificar o militante publicou no jornal *Folha Mineira* a seguinte nota:

Ilmoº. (...)

Chefe Municipal da Ação Integralista Brasileira de Juiz de Fora:

considerando que a “Milícia Integralista” é um partido de desagregação nacional;

considerando que a mesma é a salda autêntica do “fascismo” e do “hitlerismo”;

considerando a torpe perseguição quem vem moendo às classes trabalhistas;

considerando, enfim, que a teoria confusa empregada pela mesma não satisfaz a situação brasileira, vem, perante V.S., requerer a sua exclusão do quadro social da mesma, declarando que, estudando o programa da Aliança Nacional Libertadora em todos os seus detalhes, certifiquei-me que ele insofismavelmente resolverá a situação nacional em definitivo, solicito-vos seja incinerada a minha ‘ficha’, como de praxe e de antemão agradeço.

Juiz de Fora, 18 de junho de 1935. (CORREA, 1973, pp. 62-63)

Inicialmente até mesmo o periódico oficial da AIB não tinha embaraços em admitir o parentesco entre o sigma e o fascismo. Em seu segundo número, lançado em dezembro de 1933, aquele jornal publicou a matéria intitulada “O Integralismo na Imprensa Extranjeira”. Nessa postulou que ‘a “Agencia de Roma” recebeu de São Paulo (Brasil), algumas notícias sobre a formação do novo movimento político de typo fascista que se vae organizando no Brasil com o nome de “Acção Integralista Brasileira”.’³³² Essa matéria ainda ressaltava que o integralismo havia se iniciado após uma viagem de seu líder à Itália.

Já em sua primeira edição o jornal *Anauê!* faz algumas menções aos regimes fascistas europeus. Uma dessas referências foi redigida pelo então *Chefe Provincial* de Minas Olbiano de Mello. Esse militante afirmou que para o país se livrar do caos e da anarquia moral em que se encontrava seria preciso um novo regime que ultrapassasse “a formula rígida do fascismo italiano ou do recente nazismo allemão (...)”³³³ Logo, deveria ser implantado um “Estado technico”, um “Estado Totalitario” que tivesse por princípios a família, o sindicato, a escola, o município e Deus.

³³¹ *Monitor Mineiro*, 25/03/1934, num. 1132, p. IV.

³³² *Monitor Integralista*, segunda quinzena de dezembro de 1933, num. 02, p. I.

³³³ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. II.

A segunda referência constante na primeira edição de *Anauê!* está na reprodução de palavras atribuídas a Hitler. Um dos colunistas imputou ao *fuhrer* a seguinte declaração: “a historia do mundo tem sido escripta por minorias, cada vez que essas minorias, em numero, revelaram maiorias em vontade e resolução.” Essa citação foi utilizada como preâmbulo para se afirmar que o Brasil tinha uma geração nova, diferente e disposta a transformar esse país.

Finalmente, a terceira referência aos fascismos europeus constante na edição inaugural de *Anauê!* está na reprodução de palavras de Gustavo Barroso. Esse camisa-verde advogou que “Só a mocidade, que é o futuro, lhe resta como taboa de salvação, somente ella é capaz de renoval-o, como, ao som da Giovinezza, reformou a Italia, concertou Portugal e redimiou a Allemanha.”³³⁴

Em maio de 1934 *Anauê!* lançou seu segundo número, que trouxe outra referência aos fascismos europeus. Nessa ocasião o jornal noticiou que “o Partido Fascista Inglez, chefiado por sir Oswald Mosley, dirigiu-se ao Chefe Nacional, solicitando intercambio entre o Integralismo Brasileiro e o fascismo da Inglaterra.”³³⁵

Naquele mesmo mês de maio *Monitor Integralista*³³⁶ afirmou que jornais ingleses, portugueses, alemães e italianos estavam se referindo “de um modo sympathico, ao surto do movimento integralista no Brasil.” Um daqueles era o jornal italiano *La Domenica del Corriere*. Em uma matéria intitulada “*Il Fascismo Nel Mondo*” aquele jornal da cidade de Milão sustentou que: “Tambem na grande Republica Sul-Americana surgiu e em pleno desenvolvimento um partido de reconstrucção nacional que se inspira, em todo o seu programma, no exemplo do Fascismo.” Portanto, já meados de 1934 havia uma percepção internacional de que o sigma inspirava-se nos fascismos europeus.

A inspiração fascista do *Chefe Nacional* e de outras lideranças da AIB foi reconhecida por *Anauê!*. Logo em suas primeiras edições esse jornal apresentou a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler como referências a serem seguidas. Em sua edição de junho de 1934 aquele jornal integralista da capital mineira estabeleceu que:

O Brasil dos nossos antepassados ha de resurgir engrandecido e imponente, e como potencia de primeira grandeza, ha de ditar leis ao mundo, porque nós, os Integralistas o queremos, e querer é poder! Não seremos inferiores aos italianos de Mussolini, nem os alemães de Hitler, que unicamente com o poder da vontade e da disciplina, sem uma violencia injustificavel, sem um tiro, encouraçados pela força moral do seu caracter, pelo ideal sagrado de uma patria livre, arrancaram os seus países da anarchia e da avidez dos seus algozes.

³³⁴ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. IV.

³³⁵ *Anauê!* 05/1934, num. 02, p. I.

³³⁶ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de maio de 1934, num. 06, p. II.

Qual a potencia que, nas questões internacionais, ousou humilhar mais a Italia e a Allemanha, depois do triumpho das suas camisas?

Nenhuma! E' que o mundo está se convencendo de que as nossas camisas não representam apenas uniforme, mas o symbolo do renascimento de uma Patria!³³⁷

A matéria supracitada, contudo, ressaltou que o integralismo não era o mesmo que comunismo, nazismo ou fascismo. Do primeiro aceitava apenas a “eliminação do parasitismo burguez”. No que tange aos regimes fascistas os camisas-verdes adotavam os “rumos universaes dos seus princípios, isto é, os princípios novos que o mundo tem que acceitar.”

Em julho de 1934 *Anauê!* preconizou que o livro *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil* teve papel importante no início do integralismo em Minas Gerais. Referindo-se a esse livro aquele jornal observou que “foi elle que aproximou Olbiano de Mello do actual Chefe Nacional do Integralismo, Plínio Salgado, e de outros intellectuaes com tendencias fascistas, alli pelos princípios de 32.”³³⁸

Na visão integralista o Brasil só conseguiria afastar definitivamente a ameaça vermelha se observasse exemplos europeus. Logo, era necessário abandonar imediatamente o regime em vigor e implantar o Estado Integral. A Itália e a Alemanha haviam sido duplamente vitoriosas ao adotarem regimes semelhantes àquele que os integralistas defendiam para o Brasil. Foram vitoriosas ao conseguirem extirpar a ameaça comunista e ao elevar seus países à condição de potências econômicas e militares.

Porém, antes de alcançarem esses feitos, defendiam *Anauê!* e *A Razão*, aqueles dois países haviam sido palcos de uma moralização de costumes. Foram palcos também de uma reação contra a liberal-democracia e contra o comunismo. Era uma reação que, liderada por Hitler e Mussolini, havia reerguido a economia daqueles países e os tornado fortes e respeitados econômica e militarmente no tabuleiro geopolítico internacional. Haveria, portanto, uma Itália e uma Alemanha anterior e posterior àqueles líderes fascistas.

Assim como *Anauê!*, *A Razão* admitiu que havia pontos em comum entre o integralismo e os fascismos europeus. Assim como aquele jornal integralista de Belo Horizonte, *A Razão* também enfatizou as particularidades do sigma. Logo, o apresentou como um fenômeno político singular. Naturalmente, essas não foram peculiaridades dos jornais em questão. O caráter radical da AIB e a simpatia dessa organização pelos regimes fascistas alemão e italiano foram aspectos enfaticamente negados pelos camisas-verdes em suas publicações e discursos.

³³⁷ *Anauê!*, 06/1934, num. 03, p. II.

³³⁸ *Anauê!*, 07/1934, num. 04, p. III.

Oliveira (2009) observou que a simpatia pelo fascismo se revelou desde a gênese do movimento integralista. Esse pesquisador identificou que em *A Razão*, jornal de São Paulo em que Plínio Salgado atuou antes de fundar a AIB, o fascismo era apresentado como uma opção ao Brasil. Esse jornal embasava seu posicionamento mencionando que o fascismo havia reestruturado economias arrasadas pela Primeira Guerra e pela Crise de 1929. A simpatia pelo fascismo é marcante ainda na edição de número um de *O Integralista*, primeiro jornal da recém-fundada AIB. Nesse periódico os elogios ao fascismo dividem espaço com a perspectiva de que o integralismo conservava as virtudes daquele, mas superaria suas falhas (OLIVEIRA, 2009).

No que tange ao pouso-alegrense *A Razão* esse jornal preconizou que integralismo, nazismo e fascismo se aproximavam no que se referia ao combate ao comunismo, à utilização de uma camisa, de uma saudação com o braço erguido e, finalmente, no desejo de tornarem mais fortes seus países. Contudo, afirma *A Razão*, era incorreto reduzir o integralismo a sua saudação, a sua camisa e a seus rituais. Mais incorreto ainda era reduzir o integralismo a esses aspectos com o intuito de postular que ele era idêntico ao fascismo e ao nazismo.

Citando Gustavo Barroso, *A Razão*³³⁹ estabeleceu que havia outros “pontos de contacto” entre nazismo, fascismo e integralismo, pois esses seriam reações do “espiritualismo contra o materialismo”. Na esfera econômica, seriam reações da “produção contra a especulação” e da “propriedade contra o capitalismo”. Entretanto, o fascismo teria uma concepção de Estado “anticristã” e baseada no Império Romano. O nazismo teria uma concepção de Estado pagã e se baseava na “pureza da raça ariana”. A concepção de Estado integralista seria cristã, residindo nesse aspecto a grande diferença desse frente aos dois outros. Além disso, prossegue *A Razão* o “Nazismo e o Fascismo são violentos, adotam a técnica de Sorel, enquanto o Integralismo é pacífico, adota técnica de Cristo.”

A Razão postulou também que o integralismo diferia do “racismo alemão, cuja tese da superioridade étnica exprime um prejuízo de cultura.”³⁴⁰ Não foi a primeira vez que esse aspecto foi criticado pelo jornal integralista pouso-alegrense. Embora tenha externado um antissemitismo, *A Razão* defendia que o sigma estava aberto a todos, independentemente de etnias³⁴¹ e classes sociais.

Acreditar que o integralismo era sinônimo de nazismo e fascismo, sustentou *A Razão*, era uma conduta de pessoas que não conheciam ou não queriam conhecer a organização

³³⁹ *A Razão*, 31/12/1936, num. 37, pp. II e III. Matéria transcrita de *A Ofensiva* de 26/08/1936. Os trechos entre aspas deste parágrafo foram retirados deste número.

³⁴⁰ *A Razão*, 04/03/1937, num. 46, p. IV.

³⁴¹ Essa não era a expressão utilizada à época.

comandada por Plínio Salgado. Era ainda a tarefa de pessoas mal-intencionadas que deliberadamente se esforçavam por difamar o integralismo. Nesse grupo estariam legendas políticas e também as “frentes antifascistas”³⁴² que surgiam no Brasil. Contudo, essas frentes e partidos teriam como objetivo real o combate à AIB e não necessariamente à Itália e à Alemanha lideradas por Mussolini e Hitler. Além disso, finaliza *A Razão*, aquelas “frentes” seguiriam ordens internacionais e estavam repletas de comunistas infiltrados em suas hostes.

Embora tenha se empenhando em postular as diferenças que o integralismo guardava no que tange ao nazismo e ao fascismo, *A Razão* também elogiou estes regimes e seus líderes até mesmo quando os criticava. Esses elogios direcionavam-se, especialmente, à natureza anticomunista dos regimes liderados por Mussolini e Hitler. Com o intuito de ilustrar os perigos inerentes ao comunismo, *A Razão* publicou algumas matérias em que citava a guerra civil espanhola. Boa parte das matérias teve como fonte outras matérias publicadas por *A Offensiva*.

Logo, *A Razão* ecoou uma narrativa em que os espanhóis haviam se descuidado da vigilância contra os vermelhos. Conseqüentemente, esses haviam mergulhado a Espanha em sangue e vinham destruindo igrejas, fuzilando padres e violando freiras e moças de famílias abastadas. Esse quadro representava uma advertência àqueles brasileiros que não acreditavam na veracidade da ameaça comunista. Não obstante, propugnavam os adeptos do sigma, em função da displicência das autoridades o comunismo vicejava no Brasil. Os responsáveis por combater a ameaça vermelha estariam tão absortos em suas lutas pelo poder que se esqueciam ou não se importavam com o verdadeiro e maior perigo ao Brasil. Logo, concluíam os integralistas, esse país vivia um drama análogo ao espanhol.

Em um de seus números, *A Razão* abriu espaço a uma extensa matéria de autoria do camisa-verde Madeira de Freitas³⁴³. Nessa o referido militante denunciou a “inércia criminosa” vivida pelo Brasil, uma vez que autoridades estariam dispensando pouca ou nenhuma atenção à ameaça vermelha no país. Estabelecendo uma analogia entre a Espanha e o Brasil o integralista Madeira de Freitas alertou:

³⁴² Segundo Motta (2000) ainda em 1934 militantes do PCB engajaram-se na luta antifascista. Para tanto buscaram a cooperação com outros segmentos da esquerda, organizaram eventos e entidades. Preocupados com o crescimento da AIB socialistas moderados, trotskistas e anarquistas acercaram-se do PCB, então maior força de esquerda. Logo, se a AIB se valeu do anticomunismo para atrair novos adeptos, o PCB tirou proveito do antifascismo tornando-se polo de atração para os adversários do sigma.

³⁴³ Segundo verbete da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Madeira de Freitas, natural do Espírito Santo, foi para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, estudar medicina. Médico, escritor, professor e desenhista foi o *Secretário Nacional de Propaganda* da AIB a partir de 1934. Tornou-se redator-chefe do periódico integralista carioca *A Offensiva*, que circulava em todo o país. Em 10 de novembro de 1937 era o diretor deste periódico e chefe “provincial” da AIB no Rio de Janeiro.

Está bem viva e palpitante a triste lição da Hespanha.

Se esse paiz se houvesse premunido contra a invasão comunista, como fez a Alemanha de Hitler, ou a Italia de Mussolini, é claro que a sorte da matilha vermelha teria sido, na terra de Cervantes, a mesma que lhe reservaram os fascistas e nacional-socialistas.

Em nenhum paiz do mundo a lepra de Moscou atingiu o grau de organicidade a que chegou na Alemanha, onde os efetivos do partido comunista subiram a um total de onze milhões e meio de aliciados, constituindo a bancada da Prussia e detendo a presidencia do Reichstadt. E' claro que a republica liberal-democratica, mesmo com o grande Hindenburg á frente, jámais lograria conjurar, com os meios organicos da lei vigente de então a catastrophe politico-social para onde a grande nação vertiginosamente parecia precipitar-se. Tampouco foi o regimen liberal-democratico dos Giolitti, dos Orlando, dos Niti e dos Facta, que opuseram o eficiente dique de barragem a invasão da onda vermelha. Numa, como na outra destas duas grandes pátrias urgiu que se organizassem os homens validos, constituindo um só bloco de resistencia e construindo assim o Verdun inexpugnavel contra o qual se deveriam quebrar, como em verdade se quebraram, os cornos do marxismo desesperado.

Vêde bem, patricios meus e meus irmãos, que nem o liberalismo da Italia e da Alemanha, nem a imprevidencia civil da Hespanha, seriam capazes de impedir que o comunismo entrasse naqueles paizes. Bem sabeis que a Mussolini e Hitler, ambos compreendidos pelos homens dignos e conscientes de suas respectivas pátrias, é que se deve o fracasso do comunismo, tanto na Alemanha como na Italia (...).³⁴⁴

Portanto, na Alemanha e na Itália a repressão aos vermelhos havia exigido medidas que o regime então vigente nesses países não era capaz de oferecer. Mais uma vez a ascensão nazifascista foi apresentada como um modelo ao Brasil. Em outra matéria, escrita por um militante de Pouso Alegre, *A Razão* teceu mais elogios e críticas à Alemanha e à Itália, embora não as tenha citado diretamente. Aquele jornal assegurou que um observador que se detivesse sobre a Europa ficaria “perplexo” e “desolado”. O primeiro sentimento seria despertado pela situação de nações que, embora há poucos anos aparentassem estar profundamente abaladas, apresentavam-se agora “(...) altaneiras, emitindo idéias desasombradamente, fazendo valer seus direitos, executando planos audazes, fazendo-se respeitar, desafiando, pela força e pela razão, algumas dezenas de países tradicionalmente respeitáveis e poderosos.”³⁴⁵ Essa reviravolta seria fruto das “doutrinas políticas” implementadas naquelas nações. Contudo, sob o ponto de vista espiritual essas mesmas nações estavam equivocadas, pois estariam seguindo em direção ao “paganismo”. Finalmente, a “desolação” a que se refere o autor da matéria, dizia respeito à Rússia, pois essa vivia sob a égide do comunismo.

A análise sobre como *Anauê!* e *A Razão* se referiram aos regimes fascistas leva, pelo menos, a duas conclusões. A primeira delas é que no interior da AIB existiu inequívoca admiração por vários aspectos daqueles regimes. A segunda é que houve a tentativa de

³⁴⁴ *A Razão*, 27/08/1936, num. 20, pp. I e II.

³⁴⁵ *A Razão*, 13/03/1937, num. 47, pp. III e IV. Na mesma matéria o autor afirma que “ a mecanização do homem ou o orgulho e o imperialismo de raça com endeusamento de homens” não serviam ao Brasil, pois expressavam o “extremismo” e a “descristianização”. O primeiro seria representado pela Alemanha nazista, o segundo pela URSS.

escamotear essa admiração e estabelecer a singularidade do integralismo frente aos regimes comandados por Hitler e por Mussolini. Naturalmente, essas duas características não constituíram peculiaridades do integralismo em Minas Gerais.

Os elogios à Alemanha de Hitler e à Itália de Mussolini podem ser observados também em folhetos distribuídos por núcleos que não possuíam seus próprios jornais. Esses folhetos também apresentavam alertas sobre o crescimento do comunismo no país, conclamavam as pessoas a se juntarem às fileiras verdes e externavam as leituras do sigma inerentes à situação econômica do Brasil. O objeto do tópico seguinte são as mensagens contidas em alguns folhetos distribuídos em diferentes cidades e a força desses como vetores de informação.

3.6 – Os folhetos integralistas

Através de alguns mecanismos a AIB fez chegar suas mensagens aos diferentes públicos dentro e fora das hostes do sigma. Havia os jornais da imprensa verde produzidos pela direção nacional da AIB, pelas *Chefias Provinciais* e também pelos núcleos. Havia os livros das principais lideranças dos camisas-verdes. As mensagens integralistas circulavam também por meio dos discursos realizados pelos militantes. Fossem realizados em público ou no interior dos núcleos durante as reuniões periódicas aqueles discursos tentavam simplificar aos menos letrados o conteúdo dos livros e jornais do sigma.

Outra das estratégias da AIB, que nunca lhe foi peculiar, era a distribuição de folhetos à sociedade. Os jornais e os folhetos elaborados pelos integralistas podiam alcançar aquele público que por razões diversas não assistia aos discursos realizados durante as bandeiras e não frequentava as reuniões. Em alguns casos os folhetos revelavam-se mais eficientes do que os jornais como estratégia de difusão dos valores integralistas.

É claro que fazer circular um jornal era um dos sinônimos da pujança de um núcleo. Entretanto, foram poucos os núcleos em território mineiro que publicaram seus jornais. Fazê-lo gerava custos que uma reduzida quantidade de núcleos podia arcar. Ademais, em razão de censura policial e dificuldades financeiras houve núcleos que se viram forçados a paralisar ou a encerrar os jornais que editavam.

É preciso considerar ainda que houve núcleos atuantes e com numerosa quantidade de adeptos que não fizeram circular seus próprios jornais. Consequentemente, possuir um jornal não foi o único indicativo da vitalidade de um núcleo do sigma. Uma comparação entre a militância de Pouso Alegre e a de Diamantina ilustra esse argumento.

Embora não tenham recebido o título de *Cidade Integralista* os dois municípios em questão abrigaram núcleos especialmente ativos. Dentre outros aspectos, os militantes dos referidos municípios se destacaram pela quantidade de bandeiras e ações de assistencialismo realizadas. Destacaram-se também pelo estabelecimento de relações próximas com membros da Igreja Católica. Diamantina, inclusive, foi umas das poucas cidades fora das regiões Sul, Central e Zona da Mata a abrigar um núcleo que se sobressaiu pela quantidade de militantes, por manter *Escolas Integralistas* bem como pela quantidade de distritos que comandou. Todavia, ao contrário dos integralistas de Pouso Alegre os militantes do sigma em Diamantina não fizeram circular um jornal próprio. Esse aspecto não desqualifica a militância daquela cidade de passado minerador.

Embora não tenha editado um jornal próprio o núcleo de Diamantina fez circular algumas das mensagens integralistas. Fê-lo através da publicação de matérias em um jornal daquela cidade. Lançou mão também da distribuição de folhetos. Esses apresentavam elogios a Mussolini, discursos anticomunistas e antisemitas. Em um dos folhetos distribuídos aquele núcleo sustentou que o comunismo negava Deus, destruía as pátrias e acabava com as famílias. Nesse mesmo folheto estabeleceu que o integralismo visava “(...) destruir a hidra de comunismo no Brasil” e arrancar este país dos “tentáculos do polvo do banqueirismo super-nacional judaico.”

Logo, por meio de folhetos distribuídos à população o núcleo de Diamantina fez circular os valores integralistas sem, no entanto, manter um jornal. Assim como o núcleo em questão vários outros fizeram circular as mensagens integralistas por meio de folhetos. Naturalmente, aqueles núcleos que editaram seus jornais não deixaram de distribuir seus folhetos.

Além do baixo custo de produção frente aos jornais, os folhetos tinham a vantagem de serem distribuídos gratuitamente. Logo, aqueles que não podiam dispender seus recursos na aquisição de um jornal do sigma podiam ter acesso às mensagens dessa organização através dos folhetos. Fenômeno análogo acontecia àqueles que não estavam dispostos a empregar recursos financeiros na aquisição de um jornal da imprensa verde.

Mas, os integralistas também encontraram dificuldades para imprimirem os seus folhetos. Em julho de 1935 *Anauê!* noticiou que as gráficas de Viçosa recusaram-se a atender uma demanda dos camisas-verdes dessa cidade. Os aludidos estabelecimentos teriam se negado a reproduzir folhetos que esses militantes distribuiriam à população convidando-a para uma sessão no cinema local.

Segundo os integralistas de Viçosa os folhetos não foram impressos porque as gráficas pertenciam a pessoas vinculadas à política local. Sobre esse episódio *Anauê!* afirmou: “A politicalha liberal democrata de Viçosa, horrorizada com os progressos do Integralismo, procura, inutilmente, deter a sua marcha criando dificuldades aos camisas verdes.”³⁴⁶ No entanto, integralistas universitários daquela cidade confeccionaram cartazes em papel de embrulho. Através desses convidaram a população a assistir ao discurso do então *Inspetor Severino Benttmuller*.

Muitos delegados consultaram o DOPS-MG ou o Chefe de Polícia sobre como deveriam agir frente à militância da AIB. Em muitas ocasiões anexaram folhetos junto aos ofícios remetidos às instâncias superiores. Nesses casos os folhetos eram apresentados como provas das ofensas integralistas ao regime em vigor e aos governos constituídos. No entanto, mesmo durante a vigência do Estado de Guerra³⁴⁷ o DOPS-MG orientou os delegados a garantirem o direito integralista à propaganda.

O caso de Maria da Fé, embora refira-se a cartazes, confirma a postura legalista do DOPS-MG. Em outubro de 1936 o delegado daquela cidade informou a esse órgão que era prática corriqueira dos integralistas locais afixarem cartazes nas casas de comércio da cidade. Frente a essa situação indagou se deveria “considerar essa pratica como prejudicial á liberal democracia.”³⁴⁸ Em caso positivo, indagou se lhe cabia o direito de remover aqueles cartazes. Em resposta o DOPS-MG ponderou que:

(...) o Integralismo gosa do direito de propaganda, visto ter amparo legal, quer como sociedade civil, quer como partido politico.

As leis de excepção, que estabeleceram o estado de guerra no paiz, autorizam, é verdade, impedir-se a livre manifestação do pensamento.

Entretanto, a propaganda consiste, segundo os dizeres do vosso officio, em cartazes collocados em lojas e outros estabelecimentos commerciaes. Assim sendo, não deveis intervir a menos que dos mesmos constem gravuras ou palavras incitando o odio entre as classes, insuflando greves ou contendo referencias desabonadoras, depreciativas ou de qualquer modo restrictivas da bôa conceituação da Liberal-Democracia.³⁴⁹

³⁴⁶ *Anauê!*, 21/07/1935, num. 08, p. IV.

³⁴⁷ O decreto do Estado de Guerra foi um desdobramento da Intentona Comunista de fins de novembro de 1935. Aprovado pelo Congresso Nacional o Estado de Sítio foi instituído por Vargas através do Decreto 457 de 26 de novembro de 1935. Em 24 de dezembro deste ano esta medida extraordinária foi prorrogada por mais 90 dias. Quando findava o prazo de vigência do Estado de Sítio, foi decretado o Estado de Guerra em 21 de março de 1936. Nos meses de junho, setembro e dezembro de 1936 o Estado de Guerra foi prorrogado por noventa dias. Em março de 1937 foi prorrogado novamente até meados de junho deste ano. A divulgação do Plano Cohen ensejou um novo Estado de Guerra, que vigorou entre dois de outubro e 10 de novembro de 1937.

³⁴⁸ APM: [PASTA 4761 Maria da Fé - integralismo jan. 1936 - set. 1942](#). Doc. 44.

³⁴⁹ APM: [PASTA 4761 Maria da Fé - integralismo jan. 1936 - set. 1942](#). Doc. 43.

O excerto acima revela que a propaganda comunista, através da incitação à greve, não seria tolerada pelo DOPS-MG. Mas, revela também que os ataques ao regime também não o seriam. Contudo, esses ataques foram um dos elementos que mais permearam a retórica da AIB. No entanto, o DOPS-MG foi muito tolerante em relação a esses ataques. Uma possível exceção a essa regra está no município de Ituiutaba.

Camisas-verdes dessa cidade distribuíram um folheto³⁵⁰ intitulado “O que QUER o Integralismo”. Composto por vinte e seis itens o folheto, dentre outros, propugnava a gradual nacionalização do sistema bancário, o respeito à propriedade privada desde que observado o bem comum, o desaparecimento dos partidos e a criação de uma justiça do trabalho a fim de se evitar a luta de classes.

O item inicial daquele folheto preconizava “UM REGIME DE VERDADE em substituição ao atual Regime de Mentira.” Em abril de 1936 o delegado de Ituiutaba enviou ao DOPS-MG uma cópia do folheto em questão. Essa autoridade policial destacou aquele ponto inicial e consultou³⁵¹ se deveria permitir a distribuição do folheto. A resposta foi expedida nos seguintes termos: “realmente os boletins ahi distribuídos pelo Nucleo Integralista local (...) estão redigidos em termos inconvenientes, pelo que convem faças sentir ao seu redactor a necessidade de não reproduzir tal facto.”

Os documentos consultados não indicam se a distribuição do folheto produzido pelo núcleo de Ituiutaba foi proibida. Entretanto, os custos financeiros de um folheto cuja distribuição havia sido suspensa eram menores do que aqueles de uma edição de jornal impedida de circular. Logo, residia nesse aspecto uma das vantagens dos folhetos frente aos jornais.

Os folhetos também auxiliavam nas bandeiras integralistas, pois muitas vezes anunciaram esses eventos dias antes que fossem realizados. Esse foi o caso de uma conferência realizada em fevereiro de 1935 por um integralista de Belo Horizonte em Maria da Fé. Acompanhado por dois “(...) elementos do Departamento de Polícia, o companheiro (...) seguiu para Maria da Fé, onde o povo já o esperava, avisado por boletins distribuídos com antecedencia.”³⁵²

Os folhetos convidavam também a população a assistir às reuniões semanais, a comparecer às solenidades cívicas e à realização de alguns dos rituais da AIB. Camisas-verdes

³⁵⁰ APM: [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#). Doc. 36.

³⁵¹ APM: [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#). Doc. 35.

³⁵² *A Offensiva*, 07/03/1935, num. 43, p. V.

de Três Corações, em princípios de novembro de 1934, distribuíram o seguinte folheto na localidade de Rio Verde:

RIOVERDENDES, ANAUÊ!

Hoje às 4 horas, no salão do cinema, ouvireis a voz do Integralismo, o milagre da valorosa milícia dos Camisas-Verdes, soldados de Deus e da Patria, que pelejam pela união de todos os Brasileiros, num esforço supremo, para aniquilar o comunismo, derrubar o Liberalismo, construir um Brasil Novo, proprio, feliz, e poderoso!³⁵³

Em maio de 1935 integralistas de Pedra Branca distribuíram folhetos convidando a população desse município à cerimônia de inauguração do núcleo local. Nos impressos deixaram claro que eram bem-vindos “homens e senhoras, moços e moças, pobres e ricos, enfim, brasileiros de todas as classes sociais e estrangeiros amigos do Brasil.”³⁵⁴ Essa fórmula foi comum a folhetos distribuídos por núcleos de outras cidades. As posições de comando no interior da AIB eram ocupadas, sobretudo, por aqueles com maior poder aquisitivo e maior nível de escolaridade. Não obstante, essa organização insistia que homens e mulheres de todas as profissões, classes sociais e tons de pele eram bem-vindos em suas fileiras.

Também por meio de folhetos militantes do sigma convidaram em outubro de 1936 “(...) a todos os elementos patriotas e de boa vontade da sociedade de Divinópolis para assistirem a instalação do Nucleo local da **Ação Integralista Brasileira**.”³⁵⁵ Em março de 1937 integralistas de Raul Soares distribuíram folhetos convidando “(...) o povo em geral, sem distinção de credo político ou religioso, e de classe (...)”³⁵⁶ a assistir ao discurso que seria feito pela blusa-verde Nilza Peres.

A distribuição de folhetos tornou-se mais importante para os camisas-verdes quando o Estado de Guerra proibiu reuniões em via pública com fins políticos. Naturalmente, os integralistas continuaram se manifestando em público naquelas localidades que não possuíam delegacias ou que os responsáveis por essas revelavam maior condescendência em relação ao sigma. Mas, frente ao Estado de Guerra restou aos camisas-verdes reunirem-se em seus núcleos. Quando em bandeiras a alternativa foi discursarem em salas, residências e cineteatros. Nesse contexto, ganhou maior importância a distribuição de folhetos. Esses convidavam a população a assistir às reuniões e solenidades integralistas. Em abril de 1937 o subnúcleo de Soledade, distrito de Caxambu, através de um folheto anunciou que:

³⁵³ APM: [PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Doc. 177.

³⁵⁴ A Offensiva, 01/06/1935, num. 55, p. IX.

³⁵⁵ APM: [PASTA 4602 Divinópolis - integralismo out. 1936 - fev. 1939](#). Doc. 35.

³⁵⁶ APM: [PASTA 4891 Raul Soares - integralismo jun. 1935 - set. 1942](#). Doc. 78.

Realizar-se-á hoje ás 20 horas, na séde do Núcleo local uma sessão solemne em homenagem aos Martyres da Inconfidencia Mineira. A Chefia Municipal tem a honra de convidar o povo em geral para assistir a essa demonstração de civismo, tributada aos grandes pioneiros das nossas liberdades.³⁵⁷

Além de convidarem as pessoas aos eventos realizados pelos camisas-verdes, os folhetos divulgavam os valores e leituras de mundo da AIB. Trechos inteiros de *A Offensiva*, trechos dos *Deveres dos Integralistas* e outras referências caras aos militantes foram reproduzidos em folhetos. Logo, muitos desses não traziam mensagens curtas e objetivas. Pelo contrário, frequentemente apresentavam longos textos e dividiam-se em duas colunas.

Os folhetos distribuídos pelos camisas-verdes também não abordavam apenas uma temática. Um folheto que conclamava o homem do campo a ingressar na AIB atacava o povo judeu. Outro folheto que criticava o regime em vigor no Brasil elogiava os governos de Hitler e Mussolini. Em um folheto intitulado “Carta aos humildes” o *Governador da 5ª Região* transferiu a responsabilidade das falhas dos indivíduos ao regime vigente. Nesse documento o referido integralista ponderou que:

O político que te visitou, ha pouco tempo, ás vezes é bem intencionado, mas o regimen em que vivemos é mau e não permite que elle melhore a tua sorte ou que cumpra as promessas que te faz, em tua casa, antes da eleição.

É preciso, então, que tu saibas que o teu maior inimigo é o regimen em que vivemos. O teu patrão não é tambem o culpado do teu mal. Ha muitos patrões maus, mas, em maioria, elles são bons e gostam de ti, mas não podem fazer nada para melhorar a tua sorte. Elles tambem estão escravizados por um regimen que lhes quer tomar a fazenda, as terras, o gado.³⁵⁸

A mensagem acima faz parte de um folheto especificamente voltado aos homens do campo. Integralistas de Ponte Nova distribuíram um folheto³⁵⁹ intitulado “**LAVRADOR AMIGO!**”. Nesse documento sustentaram que o homem do campo vivia ignorado por sucessivos governos. Enfatizou que os camponeses recebiam visitas de candidatos somente às vésperas de eleições. Afiançou que esses mesmos candidatos logo se esqueciam dos homens do campo. O folheto em questão concluiu postulando que os integralistas não se esqueceriam dos homens do campo. Pelo contrário, elevariam a dignidade deste grupo ao lhe proporcionar educação gratuita, melhores condições de produção, acesso a terra, participação nas decisões governamentais e redução dos impostos.

³⁵⁷ APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Doc.

³⁵⁸ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 87.

³⁵⁹ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 134.

Outros folhetos, ainda que exprimissem diversos pontos de vista da AIB, também voltaram-se a públicos específicos. Dessa maneira, houve folhetos direcionados aos pais brasileiros, aos trabalhadores urbanos, à mulher brasileira. Muitos desses folhetos reproduziam trechos do livro “O Integralismo ao alcance de todos”. Embora o conteúdo dos folhetos nem sempre fosse o mesmo, as mensagens que traziam eram muito semelhantes. Logo, faziam inúmeras promessas aos grupos abordados, concitavam-os a ingressar na AIB e versavam sobre os perigos que o comunismo oferecia ao país.

Camisas-verdes de Pedra Branca distribuíram nessa cidade um folheto encimado pela declaração “**OPERARIO BRASILEIRO** *Ou és Comunista Ou és Integralista*”. Dividido em duas colunas esse documento apresenta em uma delas a visão da AIB sobre o comunismo e na outra as propostas dessa organização aos operários. Referindo-se ao comunismo os militantes do sigma indagam:

Não sabes que no communismo os filhos não pertencem aos pais?
 Que com poucos dias são tomados pelo Estado, e as pobres mães são ordenhadas como vacas ?
 Não sabes que Russia o operario trabalha 12 horas por dia e que não existem dias de descanso, como o Domingo ?
 Não sabes que para comer na Russia é preciso esperar na fila a vez de obter um pedaço de pão ?
 Não sabes que no communismo não podes escolher profissão ?
 Não sabes que o communismo combate a religião para animalisar o homem; afim de que possa ser tratado como animal ?
 Não sabes que no communismo o regimen do amor livre faz da tua esposa uma mulher de qualquer um ?
 Não sabes que na Russia crianças de 12 anos para cima podem ser fuziladas como adultos?³⁶⁰

Motta (2000) esclarece a visão supracitada quando observa que logo após a Revolução de Outubro os governos dos países capitalistas dominantes empenharam-se em pintar um quadro aterrorizante inerente à realidade soviética. Esses esforços foram complementados por grupos da sociedade civil (religiosos, empresários e intelectuais). Entre os anos de 1917 e 1930 o comunismo foi encarado por seus adversários no Brasil como uma ameaça distante, como um infortúnio que acometia as terras soviéticas. As referências eram esparsas e os livros anticomunistas eram escassos, predominando obras estrangeiras. No entanto, mesmo naquele período o comunismo foi retratado pela imprensa nacional como uma realidade perversa, caracterizada por misérias, pela degradação de costumes, por horrores e caos. Essa tendência consolidou-se ao longo dos anos 1930 (MOTTA, 2000).

³⁶⁰ APM: [PASTA 4667 Itajubá - integralismo set. 1935 - nov. 1942](#). Doc. 110.

Folhetos voltados a sacerdotes e a fiéis da Igreja Católica também foram muito comuns. Esses grupos, segundo os camisas-verdes, deveriam refletir sobre a trajetória e as propostas do sigma. Uma vez que procedessem a essa reflexão, acreditavam os integralistas, os fiéis e sacerdotes da Igreja fatalmente ingressariam na AIB. Essa organização, afirmavam seus militantes, era a única realmente capaz de erradicar o comunismo e construir uma nação cristã no Brasil.

Em Ponte Nova integralistas distribuíram um folheto intitulado “**Aos Catholicos do Brasil**”. Nesse documento propugnaram que “Forças ocultas, negadoras de Deus, da Patria e da Família, ameaçam neste instante mudar tragicamente o vosso viver christão.”³⁶¹ Essa ameaça era anteposta pelos comunistas. No mesmo folheto os camisas-verdes de Ponte Nova abordaram a Guerra Civil Espanhola.

Os camisas-verdes aludiam a este conflito a fim de se apresentarem como defensores da religião. Faziam-no também com o intuito de divulgarem as ameaças que imputavam ao comunismo e de exortarem os brasileiros a ingressar no sigma. Em um folheto distribuído à sociedade de Alvinópolis integralistas desse município conclamaram:

Sacerdotes e Catolicos Brasileiros, - meditai! – Lembrai-vos de que sois soldados e de que o vosso lugar é ao lado daquêles que combate o bom combate ! – O inimigo está á vista ! – Olhai ! - Vêde – com vossa consciencia de crentes, onde se trava a verdadeira luta de verdade contra o erro – da luz contra as trevas ! – Depressa ! antes que seja tarde, colocai-vos no vosso pôsto ! – Não esperais que Deus venha fazer tambem ao Brasil aquela interrogação dolorósa ! – Deus vos ordena e vossa Patria vos chama ! – Vinde reforçar os exercitos dos soldados de Deus, da Patria e da Familia ! Vinde para o Integralismo!

BRASILEIROS ! crentes de todas as seitas espiritualistas, que não trabalhais secretamente e nas trevas, vinde unir conosco, como brasileiros e como crentes para a defêsa e grandeza de nossa Patria !³⁶²

Não foram somente os camisas-verdes que apelaram à sociedade que apoiasse e também ingressasse formalmente na AIB. Membros do clero católico em Minas Gerais e em outros estados também o fizeram. Em alguns casos esses padres também eram integralistas. As declarações favoráveis à AIB emitidas por sacerdotes católicos eram reproduzidas em folhetos por núcleos integralistas.

O bispado da cidade de Luz, na região Centro-Oeste, editava o periódico *Luz do Aterrado*. Em um de seus números esse jornal publicou a matéria “Fazer da nossa parte...”. Nessa o jornal urdiu uma comparação entre a máxima cristã “Faça da tua parte que Eu te

³⁶¹ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 135.

³⁶² APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 48.

ajudarei” e a necessidade que se impunha aos católicos de apoiarem o sigma. *Luz do Aterrado* foi uma referência para camisas-verdes e jornais de outros municípios.

Em abril de 1937 *A Offensiva*³⁶³ reproduziu em sua totalidade aquela matéria do jornal *Luz de Aterrado*. Por sua vez, camisas-verdes de Elói Mendes distribuíram nesse município um folheto contendo a transcrição da referida matéria. Um dos trechos dessa ponderava que:

Se o Integralismo, que a Igreja não condenou, nem condenará enquanto não se desviar da rota que tem traçado, é considerado pela Rússia e por seus assalariados como o maior obstaculo ao desenvolvimento do bolchevismo no Brasil, não resta a menor duvida que o brasileiro catholico ás direitas deverá ter não só sympathia como grande confiança nesse Movimento Nacionalista, por Deus, pela Patria e pela Família que de facto é o único actualmente capaz de controlar a acção bolchevista e a fatal derrocada da civilização christã planejada pelo Komintern. Dizemos catholico, ás direitas, porque serão estes não somente os que terão o coração torturado deante das abominações praticadas pelo banditismo communista, como serão os primeiros visados pelo seu odio sanguinario, uma vez depositarios do poder e da força³⁶⁴.

Desta forma, mesmo não editando seu próprio jornal integralistas de Elói Mendes veicularam declarações simpáticas ao sigma emitidas por um jornal vinculado à Igreja. Essas mensagens eram reproduzidas por camisas-verdes em muitos outros núcleos. O objeto de discussão do capítulo seguinte são algumas das relações estabelecidas entre militantes do sigma, fiéis e sacerdotes católicos em Minas Gerais.

³⁶³ *A Offensiva*, 10/04/1937, num. 459, p. II.

³⁶⁴ APM: [PASTA 4609 Elói Mendes - integralismo maio 1932 - set. 1946](#). Doc. 38.

CAPÍTULO IV

INTEGRALISMO, CLÉRIGOS E FIÉIS CATÓLICOS

4.1 – Aproximando-se de clérigos e fiéis católicos através de discursos

Em Minas o apelo religioso integralista direcionava-se, guardadas algumas exceções, especificamente aos católicos. Logo, quando os adeptos do sigma no estado mineiro se proclamavam como defensores da “religião” eles aludiam, sobretudo, à Igreja Católica e aos fiéis dessa instituição. Por conseguinte, este tópico visa identificar e analisar algumas das estratégias discursivas veiculadas por camisas-verdes em território mineiro a fim de se aproximarem de clérigos e fiéis católicos.

O próprio lema da AIB representava uma estratégia para se aproximar desses dois grupos. Exprimindo a fé de seus adeptos o vocabulário integralista apropriou-se de termos e expressões comuns à esfera religiosa cristã. Logo, permearam a retórica dos camisas-verdes termos como revelação, cruzada, fé, pregação, sagrado, ressurreição, evangelho, devoção, sacrifício, fervor, redenção, prece, comunhão, apóstolos e salvação. Esses termos referiam-se de forma indistinta a atividades políticas e religiosas.

Em *A Offensiva*, maior jornal da imprensa verde, são abundantes as leituras políticas e econômicas que se valem de conceitos e expressões mais comuns à esfera religiosa. Em janeiro de 1937 o referido jornal estabeleceu que a população do município de Passa Quatro estava “cooperando para ressurreição do Brasil, ou seja para a conquista de uma nação forte e soberana (...). Em toda a região que compreende o território de Passa Quatro impera um estranho devotamento pela Doutrina do Sigma.”³⁶⁵

Em Minas foi comum os militantes que ocupavam cargos de direção nos núcleos pertencerem a ordens religiosas leigas. Em muitos casos esse pertencimento era anterior ao ingresso nas fileiras verdes. Neste sentido, as expressões religiosas que permearam o vocabulário da AIB não eram inteiramente desconhecidas de muitos camisas-verdes. Desta forma, não houve uma simples utilização oportunista de expressões inerentes ao campo religioso.

Para os militantes do sigma deveria existir pouca ou nenhuma distinção entre cristianismo e movimento integralista. A AIB se apresentava como uma organização cristã e defensora do cristianismo. Os camisas-verdes arguíam que desposar as ideias integralistas

³⁶⁵ *A Offensiva*, 19/01/1937, num. 391, p. X.

conduzia os homens a seu aperfeiçoamento moral. Esse fenômeno, por sua vez, conduziria à salvação espiritual dos homens. Logo, a AIB se concebia enquanto um movimento político e religioso.

Conforme essa organização era preciso salvar as pessoas e o Brasil do regime em vigor, da crescente degradação moral, do comunismo, das propostas separatistas e da ação nefasta de sociedades secretas. Vestir a camisa-verde, erigir o Estado Integral e obedecer às condutas exigidas pela AIB eram imprescindíveis para se alcançar aquela salvação. Por fim, o advento do Estado Integral traria consigo a prosperidade econômica e a harmonia entre as classes.

Em meio à retórica integralista de salvação moral e espiritual dos homens, Plínio Salgado era concebido como uma espécie de escolhido. Ele era o responsável por divulgar uma mensagem e salvar o país da degradação moral. A ausência de originalidade dessas concepções é nítida. Tratam-se de derivantes do cristianismo.

Logo, a AIB se apropriou de crenças, temas e imagens caras a essa religião e as aplicou à mobilização política. Militantes de Brazópolis, por exemplo, ao levarem uma bandeira a Olegário Maciel “partiram alegres para a santa prêgação da Doutrina salvadora.”³⁶⁶

Ao realizar suas bandeiras de propaganda frequentemente os camisas-verdes afirmavam estar em pregação do integralismo ou que iam levar a palavra de fé do sigma àqueles que ainda não a conheciam. Logo, a militância pela AIB era concebida como um trabalho, no mínimo, semelhante à evangelização. Integralistas da cidade mineira de Leopoldina levaram uma bandeira a um distrito próximo chamado Recreio. Nessa ocasião essa localidade teria sentido a:

(...) vibração patriótica, daquelles vinte camisas-verdes, que por estrada barrenta e accidentada, chicoteados por uma chuva inclemente, foram, dentro de um caminhão, sentados em taboa dura, levar aos recreiense, a palavra de fé, o credo entusiasta, a philosophia da redempção nacional.³⁶⁷

A busca por novos militantes para o sigma, empreendida através de bandeiras ou da ação pessoal de simpatizantes e integralistas, era concebida como uma tarefa apostolar. O próprio termo apóstolo foi comumente utilizado pelos militantes da AIB para se referirem a si mesmos.

Os integralistas se entendiam como missionários, como agentes responsáveis por propagar novos valores, por levar a mensagem de Plínio Salgado aos desinformados, aos

³⁶⁶ A *Offensiva*, 12/10/1935, num. 74, p. VII.

³⁶⁷ A *Offensiva*, 22/03/1936, num. 136, p. XIII.

ignorantes e aos incautos. Neste sentido, os termos catecismo e catequese também foram correntes no vocabulário do sigma.

Uma vez que acreditavam serem defensores de Deus e da religião os integralistas se viam como merecedores de graças divinas. Logo, comumente afirmaram que nenhuma força humana seria capaz de refrear a marcha da AIB. A trajetória dessa organização, arvoravam seus adeptos, era chancelada por Deus, agia em nome de Jesus, era acompanhada pela providência divina, etc. *Anauê!*, por exemplo, já em sua primeira edição trouxe a seguinte mensagem:

Acta animo, camisas-verdes de Minas e de todo o Brasil, o combate a esses algozes não é fácil, mas nós caminhamos sob a inspiração da Patria e da Cruz e si o soldado lucha com armas na mão para defender a sua bandeira, nós, integralistas, com mais razão venceremos porque vamos marchar para uma campanha sagrada, em que Deus é a nossa força!³⁶⁸

Conclamando a população de Baependi, Sul de Minas, a ingressar nas fileiras da AIB um integralista do núcleo de Três Corações postulou: “Vem, vem com os camisas-verdes formar o grande exercito que Deus está dirigindo para salvar o Brasil!”³⁶⁹. Durante uma reunião do sigma em Ponte Nova um dos militantes estabeleceu que o “Integralismo há de triumphar porque estamos com Deus.”³⁷⁰ Após visitar os núcleos de Passa Quatro e Itanhandu em Minas e de Cruzeiro em São Paulo, um integralista fluminense questionou “Quem poderá deter a nossa marcha, se DEUS está conosco?”³⁷¹

Em março de 1937 o *Chefe Municipal* de Ponte Nova enviou um ofício ao coordenador da localidade denominada Três Tiros. Nesse documento incentivou as atividades desse militante. Fê-lo nos seguintes termos: “Trabalhe com Fé e coragem, sem receio dos nossos inimigos, porque conosco está Providencia divina – que dirige os nossos passos!”³⁷² Durante uma solenidade alusiva ao segundo aniversário do núcleo de Ponte Nova uma blusa-verde em seu discurso conclamou os militantes “(...) para uma lucha mais tenaz ainda, certos da victoria, porque ao lado delles caminha a alma heroica da mulher brasileira e com elles, dirigindo-lhes os passos – a Providencia Divina!”³⁷³ O argumento segundo o qual o movimento integralista era acompanhado por Deus permeou a retórica da AIB até sua extinção.

³⁶⁸ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. IV.

³⁶⁹ APM: [PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Doc. 153.

³⁷⁰ *A Offensiva*, 20/07/1935, num, 60, p. VIII.

³⁷¹ *A Offensiva*, 28/09/1935, num. 72, p. VIII.

³⁷² APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 241.

³⁷³ *A Offensiva*, 30/06/1937, num. 527, p. I.

Igualmente comuns na retórica do sigma foram as analogias entre o desenvolvimento inicial do cristianismo e a trajetória do movimento integralista. Os camisas-verdes afirmavam que assim como os primeiros cristãos foram perseguidos e triunfaram, o mesmo sobreviria ao integralismo. Em discurso na sede *provincial* de Minas Gerais Olbiano de Mello teceu essa analogia. O então *Chefe Provincial* observou que “nascendo entre os humildes, os desamparados, os revoltados contra as injustiças sociaes, o integralismo foi, pouco a pouco, crescendo, ate se transformar hoje na maior força organizada do Brasil.”³⁷⁴

Em fins de setembro de 1935 *O Integralista*, jornal do distrito de Saúde, lançou seu segundo número. Essa edição contém um artigo de autoria do padre Gladstone Gallo. Ocupando toda uma página essa reflexão estabelece uma analogia entre a vida de Jesus e a trajetória da AIB. Segundo o padre, assim como o messias do cristianismo o sigma também estava sendo incompreendido, desacreditado e perseguido. No entanto, assim como Jesus o integralismo passaria à história de forma positiva, ao contrário dos detratores de ambos. Em um dos trechos de seu artigo o padre Gladstone Gallo avalia:

Ha muita gente a quem o integralismo está fazendo cosquinhas. Si o integralismo é UTOPIA, nascido de cerebros fanáticos, como alguém o intitulou em um insultuoso e revoltante artigo. – deixa-o neste caso em paz, não merece que se ocupe com elle.

E’ um FOGO DE PALHA, é um MOVIMENTO de FANATICOS – não deve preocupar quem quer que seja, muito menos a um articulista, gastando tempo e phosphato em combatel-o.

Si o combatem é porque já o temem, é porque já o sentem um concorrente terrível.

Os peores cegos são os que não querem vêr. Mas elles vêm e já se incommodam diante desta realidade nacional que é o integralismo. Incommoda-os um fanatismo que já se apodera do proprio exercito na pessoa dum coronel Newton Braga para não citar outros.³⁷⁵

É conveniente destacar que em meados de 1935 o padre Gladstone Gallo foi nomeado *Secretário Municipal de Estudos* do distrito de Saúde. Nessa ocasião o aludido clérigo “produziu uma bella oração, explicando os motivos pelos quaes se tinha feito integralista.”³⁷⁶

Entre os dias oito e treze de abril de 1936 o *Secretário Provincial de Cultura Artística* de Minas visitou núcleos da Zona da Mata. Em dois desses o referido militante “(...) abordou temas momentosos, porque vinham vibrar accordes com o sentido da Semana Santa.”³⁷⁷ Em Ponte Nova aquele camisa-verde discursou sobre “O Integralismo e o Evangelho – As trevas liberaes e os salmos de Jeremias”. No distrito de Saúde palestrou sobre “O Imperio de Christo

³⁷⁴ *A Offensiva*, 06/04/1935, num. 47, p. V.

³⁷⁵ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 107.

³⁷⁶ *A Offensiva*, 27/07/1935, num. 63, p. IX.

³⁷⁷ *A Offensiva*, 19/04/1936, num. 160, p. XIV.

e o Imperio Integralista – Concepção da vida e da morte – Harmonia das marchas dos que sofrem."

No interior do movimento integralista houve uma constante exaltação ao sofrimento. O *Chefe Nacional* garantia que esse fenômeno era uma certeza na marcha de cada militante. Os folhetos, jornais e discursos da AIB conclamavam homens e mulheres a ingressarem nessa organização e a sofrerem junto aos camisas-verdes. A narrativa integralista preconizava que o sofrimento, embora doloroso, era necessário. Conforme essa narrativa era o sofrimento que temperava a militância de cada seguidor de Plínio Salgado. Mais ainda, era o sofrimento que conduzia esses seguidores às virtudes, à humildade, à disciplina e à abnegação.

Assim como outras crenças e postulados da AIB a influência da exaltação ao sofrimento era o cristianismo. O próprio messias dessa religião alcançou sua maior glória após um enfrentar um grande sofrimento. A religião legada por Jesus só se desenvolveu e conquistou Roma após o martírio de inúmeros cristãos. Portanto, segundo o raciocínio integralista o sofrimento dos camisas-verdes precederia a glória.

Logo, apresentando-se como homens sofredores e piedosos os integralistas esforçaram-se por se aproximar de sacerdotes e fiéis católicos. Tentaram ainda se aproximar desses grupos, e da sociedade como um todo, ao se apresentar como homens ciosos da caridade cristã. Neste sentido, os camisas-verdes desenvolveram ações de caridade e assistência a grupos e pessoas vulneráveis.

Os menores núcleos realizavam essas ações beneficentes apenas em algumas datas, a exemplo do dia das crianças ou Natal. Entretanto, essas ações não se resumiram a datas religiosas. No 1º de Maio de 1934 homens e mulheres do núcleo de Belo Horizonte visitaram o presídio local. Nessa ocasião:

Um espetáculo inedito estava, entretanto, reservado aos camisas verdes visitantes: na porta de entrada da cellula nº 9 estava o retrato do Chefe Plínio Salgado, num bello quadro confeccionado pelos proprios detentos. E os 30 homens daquelle cabiculo, mãos erguida para o céu, num vibrante anauê, saudavam os que lhes vinham trazer, naquelle instante, uma palavra de fé e de consolo.³⁷⁸

Alguns núcleos foram capazes de promover de modo mais contínuo suas ações assistencialistas. Documentos produzidos pelo núcleo de Diamantina informam que esse desenvolveu um trabalho mais constante de assistencialismo. Em abril de 1935 o referido núcleo criou um *Posto Médico e Hygienico*³⁷⁹. Esse ficou sob a direção do *Secretario Municipal*

³⁷⁸ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. II.

³⁷⁹ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. IV.

de *Organização Política*, que também era médico. Em setembro de 1936 o núcleo de Diamantina informou que por seu intermédio quatro pessoas haviam sido internadas em duas instituições de saúde. Informou também que um de seus militantes estava oferecendo “assistencia dentaria gratuita a pessoas pobres.”³⁸⁰

Em janeiro de 1937 o núcleo em questão afiançou que “prestam de boa vontade seus serviços profissionaes os medicos (...) e o phamaceutico (...), fazendo este ultimo apreciavel redução nos preços dos medicamentos.”³⁸¹ Em fevereiro daquele ano o núcleo de Diamantina produziu um relatório³⁸² informando que havia quitado o aluguel de uma senhora necessitada e a matrícula de uma aluna carente, fornecido auxílio financeiro a um enterro e as passagens de doentes que buscaram tratamento naquela cidade.

Em maio de 1937 blusas-verdes de Ponte Nova distribuíram ofícios à população solicitando agasalhos e donativos para o lactário que mantinha. As militantes encerram esse documento afirmando que: “Si V. S. se dignar a attender ao nosso justo pedido, sentirá seu nobre coração confortado por este acto de generosidade cristã.”³⁸³ Enquanto assistiam famílias e pessoas vulneráveis, os integralistas procuravam dar visibilidade a essas ações. *A Offensiva* postulou que “nos momentos de calamidades os camisas-verdes surgem, arrostam todos os sacrificios para servir á collectividade.”³⁸⁴

Ao mesmo tempo em que alardeavam suas ações beneficentes os membros da AIB anunciavam que as portas dessa organização estavam abertas aos membros de todos os credos religiosos. Em Minas Gerais os integralistas não deixaram de afirmar que constituíam uma muralha voltada à proteção de todos os que acreditavam em Deus, fossem católicos, protestantes ou espíritas. Em meados de 1935 camisas-verdes de Formiga distribuíram nessa cidade um folheto voltado aos operários mineiros. Em um dos trechos afirmaram que o integralismo era contrário a:

O Communismo que quer o homem sem religião, sem patria e sem familia. Os Integralistas combatem o communismo, operarios mineiros, porque elle é o inimigo do Brasil, da tua familia e da tua religião, sejas tu catholico, espirita ou protestante. O Communismo chega a ponto de negar a existencia de Deus, considerand-O um flagelo.³⁸⁵

³⁸⁰ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 217.

³⁸¹ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 230.

³⁸² APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 226.

³⁸³ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 197.

³⁸⁴ *A Offensiva*, 05/02/1937, num. 406, p. I.

³⁸⁵ APM: [PASTA 4627 Formiga - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 85.

Era, porém, o desejo de atrair mais adeptos às fileiras verdes que frequentemente orientava os integralistas a expandirem aquela retórica de defesa da religião a outros credos. Por outro lado, Trindade (1979) lembra que foi considerável a quantidade de protestantes entre os adeptos do sigma nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Defender a religião, segundo os integralistas, concretizava-se mediante o combate aos inimigos dessa, a exemplo do comunismo, da maçonaria, do ateísmo e do que esses militantes qualificavam como “indiferentismo”. Porém, mesmo quando estendiam seu apelo a outras religiões os integralistas em Minas referiam-se explícita ou veladamente àqueles credos de matriz cristã.

Anauê! e *A Razão* estabeleceram que seguir um credo religioso era imprescindível à vida de um homem. Consequentemente, sustentaram o caráter inadmissível do ateísmo. Ao se referirem à importância de uma religião na vida das pessoas e se arrogarem enquanto defensores dessa, aqueles dois jornais aludiam, sobretudo ao catolicismo. Mesmo quando referiam-se àquilo que concebiam como liberdade de religião, aqueles dois jornais integralistas mineiros referiam-se à liberdade de culto no interior do cristianismo. Essa conduta não foi uma peculiaridade dos jornais *Anauê!* e *A Razão*. O núcleo de Ituiutaba, por exemplo, distribuiu um folheto nessa cidade cujo título dizia “O que QUER o Integralismo”. Um dos trechos preconizava:

LIBERDADE RELIGIOSA ABSOLUTA, embora o Estado considere e examine religiões e crenças filosóficas, entrando em entendimento com as autoridades eclesásticas para marcar a linha exata de cooperação e colaboração de ambos para a grandeza da Pátria dentro do Ideal Cristão e de suas tradições religiosas.³⁸⁶

A ideia de atingir a “(...) grandeza nacional dentro do ideal cristão”³⁸⁷ foi comum à retórica integralista em Minas. Contudo, também permeou esse discurso o argumento que postulava a cooperação entre Estado e Igreja Católica após a chegada do sigma ao poder. Mas, essa relação não se resumiria à cooperação. Os camisas-verdes davam a entender que o Estado Integral concederia à Igreja Católica um lugar mais elevado em relação a outras igrejas cristãs.

Efetivamente, essa predileção no que tange ao catolicismo permeou a retórica e as práticas integralistas em Minas Gerais. O jornal da AIB em Pouso Alegre foi incapaz de esconder sua predileção pelo catolicismo. Em ocasiões caras ao sigma, a exemplo do aniversário do *Chefe Nacional* ou da organização que esse liderava, os camisas-verdes de Pouso

³⁸⁶ APM: [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#). Doc. 36.

³⁸⁷ *A Razão*, 18/02/1937, num. 44, p. II.

Alegre mandavam celebrar missas. Em outubro de 1937 devido ao quinto aniversário da AIB uma missa foi “celebrada na Catedral pelo revmo. (...) que pronunciou vibrante discurso contra o comunismo e implorou as bençãos de Deus aos camisas-verdes.”³⁸⁸ *A Razão* destaca que a essas celebrações deveriam comparecer todos os integralistas católicos. O jornal, porém, não menciona outro tipo de culto destinado aos militantes que professavam outras religiões.

A celebração de cultos voltados apenas aos integralistas católicos foi prática comum em vários outros núcleos. Quando do segundo aniversário do núcleo de Santa Rita do Sapucaí houve a celebração de uma missa para os integralistas católicos. No entanto, o folheto³⁸⁹ que continha a programação das solenidades não menciona qualquer cerimônia para os militantes de outras religiões. O mesmo aconteceu durante a celebração do primeiro aniversário do núcleo de Entre Rios. Nessa ocasião foram celebradas duas missas para os integralistas católicos:

COMMUNHÃO

A's sete horas, grande numero de Integralistas catholicos, ouviram missa e fizeram a sua comunhão, offereceram-a em intenção do Chefe Nacional, para que Deus o illumine cada vez mais e o guie na tarefa immensa de levantar e construir o Brasil novo.

ACÇÃO DE GRAÇAS

A's 9 horas, o Chefe Municipal conego dr. José de Mello Rezende, celebrou uma missa solemne em acção de graças a Deus, supremo criador e Reitor de todas as coisas, pela passagem do primeiro anniversario do Integralismo em Entre-Rios.

A cerimonia foi acoolitada por quatro Integralistas de Camisa-verde e sigma no braço. O templo, a começar das vestiduras sacerdotaes, estava todo verde: os Integralistas e sympathisantes o encheram completamente.³⁹⁰

Esse fenômeno sinaliza que o catolicismo era a religião predominante em Minas Gerais. Todavia, jamais foi a religião exclusiva nesse estado. Além disso, não foram encontrados registros de cultos protestantes oficiados em virtude do aniversário de Plínio Salgado ou dos núcleos integralistas. Mas, o comparecimento às celebrações realizadas pela Igreja Católica não era imposto àqueles camisas-verdes que não eram fiéis dessa instituição.

Os jornais *Anauê!* e *A Razão* constituem vitrines de práticas e discursos da AIB. Logo, militantes dessa organização em outras cidades mineiras agiram e discursaram de formas semelhantes àquelas verificadas nos aludidos jornais. Neste sentido, em seus discursos camisas-verdes de outras cidades também aludiam diretamente aos católicos. Durante uma bandeira de integralistas de Diamantina a Felisberto Caldeira:

³⁸⁸ *A Razão*, 14/10/1937, num. 77, p. I.

³⁸⁹ APM: [PASTA 4946 Santa Rita do Sapucaí - integralismo dez. 1935 - set. 1938](#). Doc. 80.

³⁹⁰ *A Offensiva*, 23/11/1935, num. 80, p. X.

(...) o secretario de propaganda provou que o liberalismo é doutrina condenada pela Igreja, mostrou claramente que tal ameaça só será exterminada com a victoria integralista, e, finalmente convidou o povo para abandonar os partidos políticos e se unir debaixo da bandeira azul e branca do Sigma, unica attitude digna do bom catholico, bom brasileiro e bom pae de familia, na hora terrivelmente grave que atravessamos.³⁹¹

Assegurar que a AIB não era condenada pela Igreja Católica foi outro argumento comum ao discurso dos camisas-verdes. Mais do que isso, esses militantes postularam que o sigma era um movimento benquisto por aquela instituição religiosa. A fim de demonstrar essa aprovação os integralistas reproduziam declarações favoráveis ao sigma emitidas por sacerdotes católicos.

Em setembro de 1935 *Anauê!* reproduziu duas declarações que o padre Álvaro Negromonte havia prestado a jornais mineiros. Nessas o aludido clérigo elogiou o sigma e afiançou que o comunismo, representado pela ANL, constituía uma grande ameaça. Ademais aquele padre sustentou que o integralismo encampava os mesmos valores da Igreja Católica. Em uma daquelas declarações o aludido sacerdote ponderou que:

O certo é que estamos invadidos. E o que é peor: estamos sem resistencia.

Esta não nos vem do governo que é, por principio, o caldo de cultura de todas as desgraças moraes, com os postulados dissolventes do Liberalismo. Não nos vem dos catholicos, porque, infeslmente nos falta uma sólida informação, capaz de reagir contra as idéas e os factos.

Ponho muitas esperanças no Integralismo.

Nas suas bases estão os princípios que a Igreja prega, e os seus adeptos estão em condições de disciplina de entusiasmo e de bravura, que faltam, geralmente aos catholicos brasileiros como taes. Espero que o integralismo não se afastará das doutrinas christãs, antes se imbuirá cada vez mais delas, - e elle será a grande força com que faremos face aos inimigos de Deus, da Patria e da Familia”.³⁹²

No entanto, houve aquelas declarações emitidas por sacerdotes que incomodaram delegados locais. Em novembro de 1936 o núcleo de Alvinópolis publicou em um jornal desse município declarações favoráveis ao sigma proferidas por um bispo de São Paulo. A delegacia daquela cidade comunicou o fato ao DOPS-MG. Revelando uma exceção em sua conduta esse órgão determinou que a delegacia de Alvinópolis retirasse de circulação o jornal que havia publicado as declarações.

Em meio a essas o bispo afiançou que não era vinculado a nenhuma legenda política. Entretanto, não se constringia em discorrer sobre o integralismo porque esse era um “movimento de sãos, que vae em marcha verdadeiramente acelerada, e enquadrado na lei”. O

³⁹¹ *A Offensiva*, 28/12/1935, num. 85, p. VIII.

³⁹² *Anauê!*, 27/09/1935, num. 11, p. I.

regime vigente seria apenas tolerado pela Igreja Católica a fim de se “evitar maiores males”. O bispo ainda observou que:

Quanto ao integralismo (dê-se a Cesar o que é de Cesar) basta saber lêr para verificar a superioridade de sua orientação em face dos graves problemas da vida, comparada com a liberal-democracia.

Como brasileiro, e como bispo com a obrigação de orientar os meus diocesanos nos assumptos de relevancia, venho lhe acompanhando a marcha, e já tive oportunidade de, em documento publico, dizer que seu programa era o melhor dentre os que, na ocasião tive de julgar.

Lendo a “Offensiva”, o jornal oficial do Integralismo na Capital Federal, quem tenha o mais elementar espirito de justiça, que não seja perturbado pelo sentimento partidario, não pode deixar de reconhecer que sua orientação é muito mais accorde com o sentir da nacionalidade, do que a liberal-democratica.³⁹³

O jornal integralista de Pouso Alegre também veiculou declarações favoráveis à AIB proferidas por bispos e padres. Naturalmente, essas declarações eram apresentadas como se representassem toda a Igreja Católica. Porém, não se verifica em *A Razão* declarações favoráveis ao integralismo emitidas por lideranças de outros credos religiosos. Em um de seus números o referido jornal publicou as seguintes declarações:

<<No momento gravíssimo que atravessamos, o Integralismo é uma força viva em defesa dos fundamentos morais da Patria Brasileira>>. Francisco, Bispo de Campinas.

<<Aconselhamos aos bons catolicos e ao clero que prestigiem ao Integralismo, unico meio de ação atualmente, capaz de impedir a derrocada tremenda que ameaça a religião e a Patria. Cada dia nos convencemos mais de que a atuação do governo Central da Republica em relação ao que na Capital Federal se expande sem a menor coação, é uma manifestação patente e indiscutível da Providencia Divina, inspiradora desse meio poderoso e eficaz da salvação do Paiz. Se, pois, no Integralismo temos uma escola de patriotismo são e uma ideologia muito aproximada da doutrina católica, prestigia-lo será fazer da nossa parte para que Deus nos ajude, sobretudo na hora incerta e perigosa que viemos>>. Manoel, Bispo de Aterrado.

<<Sendo o Integralismo um partido político perfeitamente legal e sendo o programa de acordo com a doutrina católica e por isso mesmo diametralmente oposto às ideologias nefastas do comunismo, ele merece todos os meus aplausos sobretudo no momento atual >>. Fernando, Bispo de Jacarezinho.³⁹⁴

O jornal integralista de Pouso Alegre também reproduziu de forma sistemática declarações favoráveis ao sigma proferidas por Alceu Amoroso Lima. Assinando seus artigos sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, Amoroso Lima foi uma das principais lideranças do laicato católico em nível nacional durante os anos 1930. Por outro lado, não se verifica em *A Razão* mensagens favoráveis à AIB proferidas por lideranças leigas vinculadas a outras igrejas cristãs ou ao espiritismo.

³⁹³ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 267.

³⁹⁴ *A Razão*, 01/07/1937, num. 62, p. II.

Por meio de artigos de opinião *A Razão* advogou a convergência entre os valores integralistas e os valores cristãos. Por conseguinte, estabeleceu que integralismo e Igreja Católica comungavam dos mesmos princípios, motivo pelo qual não havia nenhuma divergência entre ambos. Logo, os fiéis e membros do clero católico não deviam nutrir qualquer reserva ou animosidade para com o integralismo. Pelo contrário, *A Razão* insistiu que competia a esses dois atores sociais oferecer inteira solidariedade aos camisas-verdes.

Não obstante, postulava *A Razão* com incredulidade, havia aqueles fiéis e clérigos da Igreja que se mantinham indiferentes em relação à AIB. Mais inexplicável, ainda na ótica daquele jornal, eram os fiéis e clérigos que se opunham ao sigma. Apesar desta conduta *A Razão* afiançava que os camisas-verdes permaneceriam convictos em defender os templos da Igreja, seus fiéis e clérigos. O trecho abaixo sintetiza este posicionamento de *A Razão*:

Não se falando nos luminosos ensinamentos do Evangelho, unico caminho e única salvação para os dôres do Mundo, só uma força, no campo social e politico, póde fazer frente ao terrível perigo comunista, agora maior do que nunca. Só uma organização é impenetrável ao deletério virus bolchevista. Só um movimento oferece garantias, seladas com o sangue de dezessete martires e de mais de meio milhar de feridos, de lutas sem treguas e sem quartel contra os inimigos de Deus e da Patria. Esses humildes camisas-verdes, caluniados e perseguidos, combatidos pela sordida politicagem dos partidos, por uma burguezia gosadora e até, inexplicavelmente, por elementos do clero, esses rudes e simples camisas-verdes, dos quais ainda ha quem se ria com desprezo, são os que enfrentam na praça publica as balas comunistas; que se esforçarm, teimosos e pacientes, numa luta obscura e tenaz, para a construção de uma Patria Cristã; são os unicos, OS UNICOS! que, uma vez no Governo da Republica, poderão responder aos Bispos Brasileiros:

- Podeis estar tranquilos; descansai de vossos santos cuidados; sereis respeitados. Nós, pela energia de nosso braço, pela Justiça de nosso Governo, pela força de nossa Fé, nós, CAMISAS-VERDES, afastamos, definitivamente, de nossa Patria, o perigo comunista!³⁹⁵

É preciso destacar que a mensagem supracitada tinha como público alvo os bispos da Igreja Católica. Ademais, a mensagem em debate é mais uma em que se verifica a proposta de se construir um país orientado por ideais cristãos. Esse seria mais um dos objetivos, conforme o discurso da AIB, partilhado entre essa instituição e a Igreja Católica.

Naturalmente, os discursos em que a AIB se apresentava como defensora da Igreja de Roma encontraram resistência. *O Imparcial*, editado na cidade de Pouso Alegre, moveu campanha sistemática e virulenta contra o integralismo. O jornal em questão descreveu o sigma como a “peste verde”³⁹⁶, o “facismo brasileiro”, uma “cópia servil do espirito e dos methods

³⁹⁵ *A Razão*, 22/07/1937, num. 65, p. IV.

³⁹⁶ *O Imparcial*, 28/02/1937, num. 190, p. I.

do nazismo e do fascismo”³⁹⁷, ou como o “perigo verde”³⁹⁸. Conforme o aludido jornal, os adeptos do sigma eram “extremistas da direita”, “inimigos do regimen”, “comunistas sociaes”³⁹⁹, “corja de fanáticos”⁴⁰⁰ e “galinhas verdes” e seu líder era “Plínio desdentado”⁴⁰¹, um “chefe totalitário”⁴⁰², um “paranoico descontente e descabellado”⁴⁰³.

Reiteradas vezes *O Imparcial* afiançou que os integralistas desejavam golpear o regime. Esses militantes, assegurava aquele jornal, só não haviam atentado contra a ordem porque tinham ciência de que não dispunham de forças para tal. Contudo, iriam fazê-lo assim que se sentissem fortes o suficiente. Em um de seus ataques ao sigma *O Imparcial* observou:

Desejam a toda força convencer os ignorantes que aquillo é obra de “Deus” e “salva” os “padres” que não deixam destruir as “igrejas” e nem quebrar os “santos” e que, elles – camisas verdes – vão livrar a <<religião>> e tantas tolices de fazer corar um frade de pedra !

(...).

O facto é que o communismo hoje mudou a casca em camisóla verde e em palafrorios azinhavrados contra os nossos governos, no despudor de querer <<avançar>> nos **Destinos** da Patria, como uma canzoada daninha atraz de um osso seco e descarnado!...

Comunistas destruidores da Liberal Democracia, destruidores dos nossos patrimonios publicos e da sagrada tradição de nossa Patria, com um disfarçado pretexto de defender a Familia e Deus, quando elles proprios não acreditam nesses postulados, apenasmente a ganancia politica de nos impingir um regimen fascista e perigoso e que na Italia e na Allemanha está caindo de podre.⁴⁰⁴

Não obstante essas críticas, o jornal integralista de Pouso Alegre estabelecia que a Igreja Católica e a AIB partilhavam inimigos e objetivos. Por conseguinte, *A Razão* chegou a estabelecer que o ingresso de católicos na AIB constituía mesmo uma obrigação para esses fiéis. Mas, o jornal integralista de Pouso Alegre foi um dos expoentes desse discurso em Minas.

Logo, *A Razão* ecoou o argumento segundo o qual o não ingresso de católicos no sigma representava uma falta grave, uma covardia ou indiferença desses no que tange aos iminentes perigos que ameaçavam a religião e o país. Porém, enquanto reiterava que os católicos podiam e deviam ingressar na AIB, *A Razão* mencionou pouquíssimas vezes que não existiam restrições quanto ao ingresso de espíritas e protestantes naquela organização.

³⁹⁷ *O Imparcial*, 20/12/1936, num. 182, p. II.

³⁹⁸ *O Imparcial*, 16/01/1936, num. 139, p. II.

³⁹⁹ *O Imparcial*, 20/12/1936, num. 182, pp. I e IV.

⁴⁰⁰ *O Imparcial*, 25/04/1937, num. 196, p. II.

⁴⁰¹ *O Imparcial*, 25/04/1937, num. 196, p. II.

⁴⁰² *O Imparcial*, 28/02/1937, num. 190, p. I.

⁴⁰³ *O Imparcial*, 20/12/1936, num. 182, pp. I e IV.

⁴⁰⁴ *O Imparcial*, 20/12/1936, num. 182, pp. I e IV.

Por outro lado, os discursos do sigma que postulavam que a AIB e a Igreja Católica convergiam quanto a seus objetivos e compartilhavam adversários não eram totalmente infundados. A hierarquia e a disciplina presentes na Igreja Católica, seu anticomunismo, seu apreço pela conservação da ordem, além é claro, do culto a Deus foram alguns dos elementos que atraíram para aquela instituição os elogios da AIB. Por sua vez, em Minas Gerais muitos clérigos e fiéis católicos viram naquela organização valores que cultivavam. Os discursos de culto a Deus, de respeito à ordem e de anticomunismo propalados pela AIB tornaram-lhe merecedora do apoio de membros da Igreja Católica. Não por acaso membros de ordens religiosas leigas ingressaram na AIB e sacerdotes defenderam essa organização. O tópico seguinte aborda algumas das convergências entre o sigma e a Igreja Católica.

4.2 – Integralismo e Igreja católica: comunhão de objetivos e de inimigos

Trindade (1979) observa que as relações entre o integralismo e a Igreja Católica foram bastante complexas. Ele reconhece que não lhe foi possível examinar essa temática com o apuro merecido. No entanto, fornece valiosas indicações afirmando que alguns bispos manifestaram sua simpatia pela AIB. Outros, porém, alertaram os católicos sobre aspectos da ideologia verde. A maioria daqueles clérigos, todavia, permaneceu neutra em relação ao sigma.

Além disso, Trindade (1979) constatou que é possível estabelecer uma relação entre filiação religiosa e adesão política no que se refere aos integralistas. A quase totalidade dos militantes do sigma se afirmou cristã. Embora o grupo majoritário fosse católico, não se pode esquecer da presença de um grupo considerável de protestantes entre os integralistas de base. Esses em geral eram descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Os dirigentes nacionais e regionais em sua maioria eram católicos, esse grupo também desenvolveu uma prática religiosa mais intensa. Comparativamente, os militantes de origem rural eram mais praticantes do que aqueles de origem urbana. Mas, a religião e tudo o que se vincula às crenças religiosas foram muitos valorizadas pelos integralistas em todos os níveis. Por fim, Trindade (1979) observa que elementos como a valorização da família, o respeito à ordem, o profundo anticomunismo e o apreço à religião (subentendida como católica) foram aspectos que podem ter atraído fiéis católicos/cristãos para as fileiras integralistas.

Além da valorizarem a prática religiosa de matriz cristã os camisas-verdes eram profundamente anticomunistas. Nesse ponto convergiam com a Igreja Católica. Segundo Motta (2000) essa foi a instituição não estatal, desconsiderando-se o Vaticano como Estado

efetivo, que mais se dedicou a combater os vermelhos ao longo do século XX. Desde a segunda metade do século anterior o comunismo passou a integrar o rol de preocupações do então pontífice católico. Nesse período Leão XIII editou duas encíclicas (*Quod Apostolici Muneris* de 1878 e *Rerum Novarum* de 1891) em que abordava aquela temática. A Revolução de Outubro fez intensificar os receios católicos ao mesmo tempo em que aumentou a sua disposição anticomunista. No entanto, a década de 1930 com a Guerra Civil Espanhola representou o ápice do anticomunismo católico. Motta (2000) acrescenta ainda que:

Neste momento a Igreja sentiu-se mais ameaçada que nunca, pois o alvo das perseguições anticlericais desta vez era uma nação católica e não a Rússia ortodoxa. O assassinato de padres e freiras e a profanação de igrejas e objetos sagrados, ocorridos no decorrer da luta entre republicanos e *franquistas*, provocaram uma reação violenta dos católicos contra o comunismo. Na verdade, a responsabilidade sobre os atos anti-religiosos cometidos na Espanha ainda é objeto de debate. Alguns autores argumentam que se trataram mais de explosões populares que de ação sistemática coordenada por algumas das forças políticas no cenário espanhol. De qualquer modo, parece que os militantes anarquistas tiveram uma participação maior que os comunistas nas violências cometidas (MOTTA, 2000, pp. 39-40).

Com o início da Guerra Civil Espanhola, prossegue Motta (2000), instituições católicas se empenharam em uma ofensiva mundial a fim de denunciar as “atrocidades comunistas” perpetradas na Espanha. No Brasil essa campanha coincidiu com a onda anticomunista provocada pelo Intentona de novembro de 1935 (MOTTA, 2000). Convergingo com Motta (2000), esta pesquisa identificou que os seguidores de Plínio Salgado se valeram amplamente do conflito espanhol a fim de reforçarem que o comunismo representava uma ameaça ao Brasil.

O anticomunismo foi um elemento de convergência entre adeptos do sigma e católicos no Brasil. No que tange a Minas é seguro afirmar que a larga maioria dos camisas-verdes eram católicos. Muitos, inclusive, faziam parte de associações católicas leigas antes de ingressarem na AIB. Esse fenômeno ajuda a elucidar a proximidade entre o sigma e a Igreja Católica em alguns municípios e distritos de Minas.

Em Pouso Alegre muitos integralistas faziam parte da organização intitulada Congregados Marianos. O segundo *Chefe Municipal* de São João Del Rei presidia uma associação católica leiga nesta cidade antes de assumir aquela função. Motta (2000) observou que o catolicismo foi uma das bases da postura anticomunista no Brasil (MOTTA, 2000). Conseqüentemente, é possível que muitos camisas-verdes já conhecessem o anticomunismo antes de ingressarem na AIB.

Essa organização e a Igreja Católica também convergiam no que tange ao modelo de família que propugnavam. Ambas as instituições se batiam pela indissolubilidade do

matrimônio. Concordavam também que a mulher deveria cingir-se às funções típicas do lar. Barbosa (2013) constatou que as mulheres ocupavam posição subalterna na hierarquia da AIB. Essa organização estimulava a militância política feminina ao mesmo tempo em que sustentava um determinismo biológico que as associava ao lar e à maternidade.

Ainda segundo Barbosa (2013) a mulher tinha por função ser o alicerce da família integralista, auxiliando seu esposo e inculcando em seus filhos valores cristãos e o respeito aos “heróis” nacionais e às tradições do país. Aquelas mulheres que por motivos diversos não possuíam filhos, deveriam atuar como professoras, enfermeiras e nas demais funções que remetessem à maternidade. A organização comandada por Plínio Salgado admitia o trabalho da mulher fora de casa. Entretanto, defendia que esse fenômeno deveria cingir-se a casos em que subsistência estivesse em jogo. Mesmo nessas circunstâncias, à mulher não era permitido descuidar de suas funções maternas e de sua função de esteio de um lar. Portanto, havia na AIB um estímulo à politização feminina que, paradoxalmente, tinha por objetivo desdobrar em público os papéis maternos e domésticos a que as mulheres então se viam sujeitas.⁴⁰⁵

Todavia, Motta (2000) apurou que o regime dos bolchevistas instituiu o divórcio, a educação sexual, o casamento civil e legalizou o aborto. Ademais, criou escolas e creches também o com o intuito de liberar as mulheres para o trabalho fora do lar. Essas medidas reforçaram o discurso segundo o qual o comunismo visava à destruição da família e da moral (MOTTA, 2000).

Oliveira (2010) estudou os jornais católicos belo-horizontinos *O Horizonte* e *O Diário*. Em seu trabalho ele aponta algumas convergências na capital mineira entre integralismo de um lado e a Igreja Católica e os fiéis dessa de outro lado. Silva (2010) também estudou essas relações e, além daqueles dois periódicos, utilizou o jornal católico belo-horizontino *O Lutador*. Intelectuais leigos e eclesiásticos atuaram nos três jornais católicos citados. Esses periódicos serviram à consulta de um fenômeno que se processou entre as décadas de 1920 e 1930 conhecido como “restauração católica”. As convergências entre esse fenômeno e o integralismo em jornais católicos belo-horizontinos são o objeto de estudo de Oliveira (2010) e Silva (2010).

Restauração católica foi um esforço empreendido pela Igreja afim de recuperar o *status* político, a capacidade de intervenção social, os privilégios e o prestígio que experimentou desde

⁴⁰⁵ Segundo Barbosa (2013) na década de 1930 a figura feminina ganhava visibilidade e os papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres estavam em transformação. O *Chefe Nacional* e outros “intelectuais do sigma” apreenderam a nova conjuntura, sabendo articular sua propaganda aos anseios femininos por ganhar os espaços públicos e participar da vida política nacional. Logo, o integralismo instrumentalizou para seus fins os desejos femininos por emancipação. Contudo, nem todas as mulheres cingiram-se àqueles limites estabelecidos pela AIB.

a proclamação da Independência em 1822 e que lhe foram subtraídos entre 1889/91 com a proclamação da República e com a nova Constituição. Portanto, a restauração católica visava a uma “cristianização” ou “recristianização” da sociedade.

É relevante destacar que sendo um movimento anterior à AIB a restauração católica apresenta uma série de valores, inimigos e leituras de mundo que se manifestariam no sigma a partir de 1932. Um desses pontos em comum é o tom alarmista, identificado por Oliveira (2010), no discurso dos intelectuais leigos e eclesiásticos vinculados à restauração católica. Nos jornais *O Horizonte* e *O Diário* esses intelectuais difundiam a ideia de que o país enfrentava uma crise e estava sob ameaças jamais vistas. Conforme esse discurso, a Igreja Católica e a própria humanidade estavam ruindo devido à ação orquestrada de comunistas, maçons e judeus. Frequentemente, esses inimigos eram ao mesmo tempo comunistas e judeus ou maçons e judeus.

Eram também vistos como “inimigos do catolicismo”, prossegue Oliveira (2010), a liberal democracia, o laicismo e o materialismo. Esses dois afastavam as pessoas do “espiritualismo” e da religião. No que tange à liberal democracia, a crítica da restauração católica afirmava que esse regime era impotente em relação ao avanço dos vermelhos. Em lugar daquela, a restauração católica preconizava um regime forte, capaz de manter a ordem e de afastar o comunismo. Por conseguinte, as referências a medidas adotadas por Hitler e, especialmente, por Mussolini tiveram espaço significativo nas páginas de *O Horizonte* e de *O Diário* (OLIVEIRA, 2010).

No entanto, Oliveira (2010) pondera que a crítica ao liberalismo e a defesa de regimes fortes não constituem sinônimos de total adesão aos regimes autoritários vigentes na Itália e na Alemanha. Alguns conflitos internacionais preocupavam os jornalistas católicos que, em determinadas ocasiões, temiam o avanço da violência pelo mundo. Ademais, finaliza Oliveira (2010), posteriormente o nazismo foi classificado pelos intelectuais ligados à restauração católica como um “totalitarismo pagão”, sendo equiparado nesse aspecto ao regime soviético. No que concerne a Mussolini, as referências a ele no interior do movimento de restauração católica também diminuíram com o tempo. Por fim, Silva (2010) indica em relação às convergências entre integralismo e catolicismo que:

Ambos propunham a construção de uma ordem social fundamentada em princípios cristãos onde a valorização dos aspectos telúricos do Brasil deveria se assentar sobre os princípios de ordem, tradição e autoridade. Outro aspecto comum à ação católica na década de 1920 e ao integralismo no decênio seguinte é a amalgama do binômio religião e pátria. Tal combinação preconizava que a religião, representada pelo catolicismo romano, era um sustentáculo essencial para a estrutura da nação, ao

garantir a manutenção da ordem e impregnar a sociedade de valores morais que a elevavam e a aperfeiçoavam. Portanto, a religião é o elo que galvaniza a solidariedade social, constituindo um dos elementos definidores da nacionalidade. (SILVA, 2010, p. 13)

Por conseguinte, o sigma e a restauração católica compartilharam receios e valores e possuíam objetivos e inimigos em comum. A AIB era fortemente antiliberal, afirmando que esse regime permitia ou era incapaz de esmagar a ameaça comunista. Afiançava ainda que toda sorte de desvios de conduta era potencializada pelas liberdades individuais defendidas pelo regime vigente. Discurso bastante similar foi, conforme Oliveira (2010), difundido pela restauração católica. Afim de sanar algo interpretado como uma libertinagem de costumes e extirpar o perigo vermelho, tanto a AIB quanto a restauração católica convergiam no que tange à necessidade de um governo forte, autoritário.

A AIB também convergiu com a restauração católica ao defender se não uma recristianização da sociedade, algo bastante próximo. Por fim, o sigma, de modo análogo à restauração católica, empenhou-se em associar o comunismo aos judeus e em divulgar que conspirações maçônico-judaicas visavam à destruição da família, das pátrias e do cristianismo.

Essa comunhão de valores, de receios e de adversários entre o integralismo e o movimento de restauração católica é um dos fatores que explica o ingresso de sacerdotes e fiéis católicos nas fileiras verdes. Porém, Trindade (1979) ressalta que a maioria dos intelectuais vinculados à “renovação espiritualista dos anos 1920” não aderiu ao integralismo. Ademais, embora Plínio Salgado imprimisse uma tendência à catolização da AIB, ele sempre foi um líder católico marginal (TRINDADE, 1979).

Mas, é certo que membros da Igreja Católica viram com aprovação os discursos integralistas de renúncia aos vícios e retidão de caráter. Sobretudo, é certo que membros da referida instituição viram com bons olhos o discurso integralista de valorização da prática religiosa, naturalmente de matriz cristã. As demonstrações de apoio à AIB em Minas por sacerdotes católicos e o ingresso desses nessa organização constituem o objeto de análise do tópico seguinte.

4.3 – Simpatias e adesões de sacerdotes católicos à AIB em Minas

A Igreja Católica jamais emitiu qualquer posicionamento oficial hipotecando seu apoio ao integralismo. Esse fenômeno não impediu *A Offensiva* de publicar que sacerdotes daquela instituição em diferentes partes Brasil demonstraram simpatia pela AIB e ingressaram nessa

organização. Em algumas cidades de Minas sacerdotes católicos apoiaram abertamente o integralismo e também a vestiram camisa-verde. Porém, a documentação pesquisada revela que na maioria das vezes os sacerdotes católicos favoráveis à AIB optaram por apoiar essa organização sem a ela aderir formalmente.

Em dezembro de 1936 o núcleo de Itabirito elaborou uma lista em que apontou os simpatizantes locais. Dentre esses haviam dois médicos, um dentista, um vereador e o padre local. Sem discriminar quais, o núcleo daquela cidade apontou que alguns daqueles simpatizantes já haviam contribuído financeiramente para a causa do sigma. Conforme a avaliação do núcleo de Itabirito esses simpatizantes “(...) talvez mesmo pela posição que ocupam não se declaram integralistas, pois disto poderia advir-lhes prejuízos.”⁴⁰⁶

Mas a delegacia de Itabirito não deixou de perceber a simpatia do padre local pelo sigma. Em janeiro de 1937 o delegado dessa cidade enviou um ofício⁴⁰⁷ ao DOPS-MG em que atesta o crescimento do núcleo local durante o ano anterior. No documento foram elencados os nomes e profissões de cento e sessenta integralistas e simpatizantes em Itabirito. A esmagadora maioria era composta por empregados de fábricas e curtumes locais. O próprio *Chefe Municipal* atuava como motorista em uma daquelas fábricas. Segundo o delegado de Itabirito era:

(...) também integralista vevoroso, o padre (...), vigário desta cidade, não frequenta as reuniões integralistas e nem se manifesta, mas recebi os integralista incorporados dentro da Igreja e faz saudações integralistas, têm em seu peito, pregado em sua camisa, o distintivo integralista (...).⁴⁰⁸

O núcleo de Itanhandu também elaborou uma lista em que apontou todos os que ‘sympathizam com o “Movimento do SYGMA”, cuja sympathia é manifestada calorosamente toda a vez que se oferece oportunidade.’⁴⁰⁹ Dois dos simpatizantes eram padres locais.

O apoio discreto de sacerdotes ao integralismo pode ser verificado durante muitas bandeiras realizadas em 1935. Essas ações proporcionavam aos adeptos do sigma um ensejo de demonstrar à sociedade o zelo religioso que afirmavam possuir. A maior parte daquelas ações de propaganda foi realizada após o término de missas dominicais.

Ao longo do ano de 1935, quando ainda podiam realizar suas bandeiras em via pública, foi comum os integralistas discursarem na frente das igrejas após o término de missas. Em fevereiro daquele ano camisas-verdes, sobretudo de Itajubá, levaram uma bandeira a Cristina.

⁴⁰⁶ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Docs. 12 e 13.

⁴⁰⁷ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Docs. 69 a 74.

⁴⁰⁸ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 74.

⁴⁰⁹ APM: [PASTA 4672 Itanhandu - integralismo jul. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 03.

Após o término da celebração matutina os integralistas discursaram nas escadarias da igreja local. “Verificaram-se varias inscrições, ficando como coordenadora do referido nucleo a companheira (...).”⁴¹⁰

Esta pesquisa não encontrou registros informando que algum sacerdote tenha impedido a realização da propaganda integralista em frente à igreja pela qual era responsável. Muitas vezes, inclusive, os integralistas assistiam às celebrações. Naturalmente, o faziam com o intuito de praticarem sua fé. Por outro lado, assistiam aquelas missas a fim de demonstrarem à localidade alvo da bandeira a natureza cristã do movimento integralista.

Neste sentido, adeptos da AIB estranhos a uma comunidade assistiam a missas trajando a camisa-verde. Em muitas dessas ocasiões os integralistas estavam acompanhados por simpatizantes locais. Estivessem ou não acompanhados por membros da comunidade, os adeptos do sigma tinham sua presença consentida ou tolerada no interior das igrejas. Aqueles padres que conheciam a AIB e admitiam a presença de militantes uniformizados durante as missas respaldavam, ainda que implicitamente, o movimento do sigma.

Mas, a presença de camisas-verdes em missas suscitava indagações aos clérigos por parte dos fiéis daquelas localidades visitadas. Houve padres que deram referências positivas a seus fiéis sobre o movimento a que pertenciam aqueles jovens uniformizados. Outros sacerdotes foram além e recomendaram aos fiéis que escutassem o que os camisas-verdes tinham a dizer. Esse foi o caso de uma bandeira levada em maio de 1935 por camisas-verdes de Itajubá a um distrito próximo. Chegando a essa localidade:

(...) dirigiram-se os camisas-verdes para a Igreja local onde assistiram à missas. Cabem aqui algumas palavras de congratulações ao vigário local que, interpelado sobre a presença dos camisas verdes quanto á sua intenção, e á sua situação perante a Igreja Catholica por pessoas, teve palavras de carinho para com os Integralistas, dizendo que eram merecedores de melhor acolhimento explicando que não era um movimento da Igreja Catholica, mas que a Igreja o via com muita atenção.⁴¹¹

Após a missa, os adeptos do sigma convidaram a população daquele distrito itajubense a comparecer a um cine local onde discorreriam sobre o integralismo. Cerca de quarenta pessoas teriam atendido àquele convite. A recomendação feita pelo padre do distrito visitado certamente influenciou na decisão daqueles que acataram o convite dos militantes.

Em outubro de 1935 camisas-verdes de Entre Rios levaram uma bandeira à localidade de Belo Vale. “Na hora da missa do dia, o vigário convidou todo o povo a assistir ás

⁴¹⁰ *A Offensiva*, 07/03/1935, num. 43, p. V.

⁴¹¹ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. IV.

conferencias que teriam a sua realizaco s 12 hora do dia (...).”⁴¹² Fenômeno anlogo aconteceu  bandeira que militantes de Três Coraces levaram  localidade de So Bento em novembro de 1935. Nessa ocasião os camisas-verdes fundaram na mencionada localidade:

(...) um Nucleo Distrital, tendo de incio, se inscrito 81 brasileiros. Aproveitmos o dia em que se realiza naquela localidade, uma vez por mez, uma missa. O vigario de Carmo da Cachoeira, (...), anunciou o nosso comício, rogando a todos que o assistissem.⁴¹³

Por conseguinte, em Minas Gerais alguns sacerdotes católicos foram parcialmente responsveis pelo sucesso de bandeiras do sigma. Enquanto alguns padres consentiram na presena de integralistas uniformizados no interior das igrejas, outros consentiram que esses militantes se incorporassem uniformizados a procissões.

A AIB entendia que a devoo religiosa de seus membros devia ser utilizada como forma de propaganda. Além disso, era uma forma de os camisas-verdes se aproximarem da sociedade. Em janeiro de 1935, integralistas da capital mineira levaram uma bandeira a Conceio do Serro, também na região Central. “A’s 17 horas houve a procissão de S. Sebasto, e os integralistas catholicos carregaram o pallo.”⁴¹⁴ Em outubro daquele ano integralistas e plinianos de Conceio do Serro “(...) formando oito decurias, desfilaram pelas ruas desta cidade afim de se concentrarem na praa D. Joaquim, onde aguardaram a passagem do prestito religioso (...).”⁴¹⁵ Os militantes se incorporaram a esta procissão.

Na cidade de Cambuquira, “em companhia do Chefe, os companheiros catholicos têm feito demonstraes de fé religiosa, acompanhando as manifestaes de culto externo que vêm sendo organizado pela Igreja local.”⁴¹⁶ Ainda que implicitamente, sacerdotes católicos respaldavam o sigma ao permitirem que integralistas uniformizados e em formao se incorporassem aos cortejos religiosos. Mas, a presena organizada desses militantes em procissões também gerou incmodos. Em julho de 1935 o delegado de Teófilo Otoni informou ao Chefe de Polícia de Minas que proibiu que militantes trajando a camisa-verde e em “forma militar”⁴¹⁷ acompanhassem uma procissão.

⁴¹² *A Offensiva*, 26/10/1935, num. 76, p. IX.

⁴¹³ APM: [PASTA 5024 Três Coraces - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Doc. 116.

⁴¹⁴ *A Offensiva*, 07/02/1935, num. 39, p. V.

⁴¹⁵ *A Offensiva*, 26/10/1935, num. 76, p. IX.

⁴¹⁶ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. IV.

⁴¹⁷ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 137.

Essa prática integralista de se incorporar a procissões não foi totalmente interrompida pelo Estado de Guerra. O cerceamento à militância do sigma variou conforme a disposição de cada delegado. Além disso, nem todas as localidades possuíam delegacias.

É certo que a AIB contava também com a simpatia daqueles sacerdotes católicos que participavam de eventos e cerimônias realizados pelos núcleos. Em maio de 1935 na cidade de Rio Casca “realizou-se no Cinema Rialto, com a presença de cerca de 800 pessoas, a fundação do nucleo local.”⁴¹⁸ Embora não tenha proferido um discurso, um padre integrou a mesa de honra daquela solenidade.

Em julho de 1935 integralistas de Leopoldina levaram bandeiras a dois distritos próximos. Um deles foi o distrito chamado Recreio. Durante uma das preleções o vigário local ‘pediu licença ao orador para ausentar-se, pois, motivos do seu “munus” parochial o chamavam; todavia, dava sua inteira solidariedade ao movimento que defendia a trilogia sagrada: Deus, Patria e Familia.’⁴¹⁹ Em janeiro de 1937 houve a cerimônia de fundação do núcleo municipal de Campina Verde. Um padre residente nesse município presidiu a cerimônia. Em seu discurso:

A sua voz, compassada e energica, é ouvida com respeito, com atenção filial, porque o povo ali presente já se acostumara a escutal-o no pulpito pregando a verdade de Christo e agora tinha certeza de ouvil-o affirmando a verdade da Doutrina do Sigma, espiritualista e christã.

O seu discurso, por todos os títulos notavel, foi uma synthese magnifica dos princípios basilares do Integralismo. Diz que a tribuna politica não era bem a sua tribuna mas fazia essa excepção em se tratando do Integralismo, o unico caminho a seguir compatível com a Fé Christã, com seu lemma de combate: Deus, Patria e Familia. Affirma que “podemos abraçal-o sem duvida nenhuma”. Refere-se ao ideal politico do partido catholico. Mostra a “necessidade de abraçarmos o Integralismo”, explicando seus princípios, as suas directrizes, a sua moral. Diz que o Integralismo sustenta os princípios christãos, “reconhece a Deus e é com Elle que quer trabalhar”, defende a Patria, a Família, a Propriedade. Documenta o seu combate ao communismo, mostrando seus erros, o seu perigo iminente no Brasil, os seus absurdos. E volta a acrescentar as virtudes do Integralismo, referindo-se á transformação interior que este exige, a perfeição individual, principio christão por excellencia.

Cita o exemplo da Italia com o novo Estado Corporativo. Combate o egoísmo que, diz, “traz a ruína da humanidade inteira”. E termina magistralmente, affirmando estas palavras textuais: **“não só podemos entrar, nós catholicos, mas devemos entrar no Integralismo”**.⁴²⁰

Segundo *A Offensiva*⁴²¹ em março de 1937 integralistas de Divinópolis fundaram um subnúcleo em um distrito próximo. O vigário local sentou-se à mesa que presidiu a cerimônia de fundação e também proferiu um discurso. Além de participarem de eventos integralistas,

⁴¹⁸ *A Offensiva*, 08/06/1935, num. 56, p. VII.

⁴¹⁹ *A Offensiva*, 27/07/1935, num. 63, p. X.

⁴²⁰ *A Offensiva*, 07/02/1937, num. 408, p. XIII.

⁴²¹ *A Offensiva*, 18/03/1937, num. 440, p. II.

alguns sacerdotes católicos fizeram doações a núcleos que realizavam eventos de cunho beneficente.

Conforme o jornal *Anauê!* o núcleo de Monte Belo, Sul de Minas, realizou em dezembro de 1935 o seu *Natal dos Pobres*. Famílias não integralistas e o vigário local teriam feito contribuições àquele núcleo sem que essas lhes tivessem sido solicitadas. A pedido dos camisas-verdes uma missa abriu as solenidades do *Natal dos Pobres* em Monte Belo. Ao fim da celebração os militantes, de braço erguido, cantaram a primeira parte do hino nacional. Um padre oriundo de São João Del Rei compareceu à cerimônia de entrega dos donativos. Esse clérigo: “exaltou o Integralismo e a personalidade de Plínio Salgado. Terminou declarando haver-se naturalizado brasileiro para poder ingressar no Movimento salvador do Sigma, e pedindo a sua imediata inscrição no nucleo de Monte Bello.”⁴²²

Em novembro de 1936 o núcleo integralista de Entre Rios celebrou o segundo aniversário de sua fundação. As solenidades dentro e fora do núcleo local contaram com a participação de membros da Igreja Católica. Segundo *A Offensiva*:

Às 10 horas, o companheiro camisa-verde conego dr. (...), celebrou uma missa solemne, assistida por todos os camisas-verdes, devidamente uniformizados.

Foi um espetáculo como nunca se presenciou em Entre Rios : a igreja completamente repleta de integralistas, que contrictos, elevaram as preces a Deus, em agradecimento aos inumeros benefícios que ostensivamente tem concedido do Integralismo. Á hora da elevação dos camisas-verdes entoaram o Hymno Nacional.⁴²³

O bispo da cidade de Barra, no estado baiano, foi um dos clérigos que participou das solenidades do aniversário do núcleo de Entre Rios. Esse sacerdote doou uma imagem de Jesus Cristo àquele núcleo. Nesse recinto integralista o aludido clérigo proferiu um discurso e, ao lado de dois outros padres, benzeu a imagem doada.

Em dezembro de 1936 o núcleo da cidade de Mercês realizou o seu *Natal dos Pobres*. Um camisa-verde do núcleo de Rio Pomba, também na Zona da Mata, foi convidado para a cerimônia que encerraria aquele evento. Esse camisa-verde, que também era padre fez um discurso naquela solenidade. Esse militante com o intuito de:

(...) tirar uma duvida existente no espirito do povo disse que não havia divergência, entre a religião catholica e o integralismo, afirmando até que o verdadeiro catholico e bom brasileiro deveria ingressar nas hostes do Sigma para formarmos um bloco unico contra o communismo que quer nos absorver.⁴²⁴

⁴²² *Anauê!*, 22/01/1936, num. 14, p. II.

⁴²³ *A Offensiva*, 22/11/1936, num. 344, p. XIII.

⁴²⁴ *A Offensiva*, 21/02/1937, num. 419, p. XV.

Os núcleos integralistas começavam os preparativos para o seu *Natal dos Pobres* meses antes de dezembro. Durante esse período recolhiam donativos e confeccionam vestimentas e brinquedos. O núcleo de Diamantina, por exemplo, enviou uma carta⁴²⁵ em julho de 1937 ao arcebispo desta cidade. Na missiva a *Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e dos Plinianos* daquele núcleo agradeceu àquele sacerdote pelo donativo de algumas peças de tecido para confecção de vestimentas.

A simpatia de alguns sacerdotes pelo integralismo pode ser evidenciada também quando esses celebravam missas a pedido dos camisas-verdes. Essas eram encomendadas pela ocasião dos aniversários de Plínio Salgado, aniversários de fundação da AIB e dos núcleos integralistas. Ao término dessas celebrações os adeptos do sigma entoavam a primeira parte do hino nacional.

Durante esse ato os militantes do sigma deveriam permanecer de pé e com o braço estendido. Igual procedimento deveriam assumir ao escutar o hino nacional em lugares públicos e solenidades alheias ao movimento integralista. Portanto, os camisas-verdes que cantavam o hino nacional no interior de igrejas o faziam de pé, com o braço erguido e sob o olhar complacente dos sacerdotes.

Em junho de 1935 duas cerimônias marcaram o primeiro ano de fundação do núcleo da Lagoinha, na capital mineira. “A primeira teve lugar no templo daquelle bairro, quando cerca de 200 integralistas receberam a comunhão.”⁴²⁶ A outra cerimônia foi realizada na sede da Associação dos Moços Católicos de Belo Horizonte. Segundo *A Offensiva*⁴²⁷ em Diamantina foram rezadas missas nos dias sete e 22 de outubro de 1935 devido, respectivamente, aos aniversários da AIB e de um ano do núcleo local.

Em julho de 1936 integralistas da localidade chamada Japão⁴²⁸, Centro-Oeste de Minas, inauguraram o núcleo local. Os militantes escolheram aquela data, pois então celebrava-se o dia de Nossa Senhora do Carmo, padroeira daquela localidade. Naquele dia pela manhã aqueles militantes “mandaram celebrar uma missa pela felicidade de todos os brasileiros.”⁴²⁹ Nos dias subsequentes à inauguração do núcleo, marcados por festividades religiosas, os integralistas locais participaram de um congresso eucarístico e de uma reunião de vicentinos.

⁴²⁵ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 04.

⁴²⁶ *A Offensiva*, 06/07/1935, num. 60, p. X.

⁴²⁷ *A Offensiva*, 02/11/1935, num. 77, p. IX.

⁴²⁸ Em 1948 foi elevada à categoria de cidade recebendo o nome de Carmópolis de Minas, denominação que ainda conserva.

⁴²⁹ *A Offensiva*, 09/08/1936, num. 254, p. XIII.

Em outubro de 1936 militantes do sigma em Tombos celebraram uma missa pelo quarto aniversário da AIB. Afiançaram⁴³⁰ que centenas de pessoas compareceram à celebração, incluindo-se muitos simpatizantes. O núcleo de Itajubá foi outro dos que celebrou uma missa em função do aniversário da AIB. Esse culto foi oficiado pela manhã a pedido das militantes daquele núcleo. À tarde “(...) numerosas blusas-verdes visitaram a Santa Casa levando aos enfermos não só o conforto christão mas também diversas prendas.”⁴³¹ Em janeiro de 1937 integralistas de Monte Belo e de dois distritos próximos reuniram-se nessa cidade a fim de celebrar o aniversário do *Chefe Nacional*. No início daquele dia:

A’s 8 horas da manhã foi celebrada em acção de graças, na Matriz de Monte Bello, uma solemne missa cantada, assistida por grande massa de camisas-verdes que num sentimento uno e profundo, agradeceu a Deus a graça de conceder ao Brasil a personalidade forte e inconfundível de Plinio Salgado, nesta hora decisiva dos destinos de nossa amada Patria. Foi officiante o revmo. (...) de São João João d’El-Rey, que fez uma bella e emocionante pratica sobre a grande data integralista, estudando também a “Epistola sobre os deveres” e pedindo que Deus continuasse a inspirar a luminosa intelligencia e a prodigiosa energia do Chefe dos camisas-verdes, para a salvação do Brasil.⁴³²

Em janeiro de 1937 houve a fundação do núcleo integralista de Luz, ocasião em que teriam se inscrito 165 pessoas. Seguindo uma prática comum à AIB o jornal *A Offensiva* ressaltou as inscrições daqueles que considerava distintos. Logo, mencionou as inscrições de três farmacêuticos, dois médicos, dois vereadores e um advogado. Ainda naquele dia da fundação do núcleo:

(...) foi celebrada missa em acção de graças pelo Chefe Nacional, pelo exmo. rev. D. (...) com a presença de grande numero de integralistas e pessoas do lugar. Houve a’ noite sessão solene na qual o representante da chefia discorreu sobre a personalidade do Chefe Nacional e a sua obra de pensador político, de romancista e conductor de homens.⁴³³

Em fevereiro de 1937 houve a fundação de um núcleo em um distrito de Rio Pomba. Uma das solenidades foi a celebração de uma missa a pedido dos camisas-verdes. Após esse evento “(...) chega do Pomba, cidade proxima, uma caravana de integralistas chefiada pelo companheiro padre (...), vigario naquella cidade.”⁴³⁴ Esse sacerdote foi um dos oradores na primeira sessão do núcleo que então era fundado.

⁴³⁰ *A Offensiva*, 13/10/1936, num. 309, p. V.

⁴³¹ *A Offensiva*, 15/11/1936, num. 338, p. XIII.

⁴³² *A Offensiva*, 30/01/1937, num. 401, p. I.

⁴³³ *A Offensiva*, 26/02/1937, num. 423, p. II. Texto grafado em caixa alta.

⁴³⁴ *A Offensiva*, 04/04/1937, num. 454, p. XIII.

Em julho de 1937 um sacerdote enviou ao núcleo de Diamantina uma carta “communicando haver celebrado por intenção do Chefe Nacional, naquelle dia, por ter sahido o mesmo illeso, do attentado comunista de São Paulo, em cuja missa commungaram os alumnos do seminario menor pela mesma intençã.”⁴³⁵ Em agosto daquele ano de 1937 outro padre enviou uma carta ao núcleo de Diamantina. Nessa missiva comunicou “ter celebrado missa expontaneamente em suffragio da alma de (...) e das demais victimas de Jaraguá e Campos (...).”⁴³⁶

Pode-se ainda atribuir aprovação clerical à AIB quando membros da Igreja Católica oficiavam casamentos de integralistas que trajavam a camisa-verde. Em abril de 1935 um casal de militantes contraiu núpcias na cidade de Curvelo. ‘O acto civil teve lugar na Séde do nucleo local e o religioso no Santuario de São Geraldo. As cerimonias foram assistidas por muitos camisas verdes que, levantaram “Anauês” aos companheiros nubentes.’⁴³⁷ Em julho de 1936 o *Governador da 15ª Região Integralista* contraiu matrimônio na cidade de Passa Quatro. O sacerdote responsável pela celebração religiosa foi o “(...) virtuoso e denodado companheiro padre José Ferreira Leite, S. M. de Organização Política do vizinho Nucleo de Pouso Alto, nesta Provincia.”⁴³⁸

Por fim houve aqueles sacerdotes católicos que participaram de bandeiras e efetivamente ingressaram na AIB. Em janeiro de 1935 militantes de Itajubá levaram uma bandeira a Silvestre Ferraz em atenção ao pedido de um simpatizante local do integralismo. Durante a bandeira “(...) falou o vigario local, padre (...), que, com palavras confortadoras e de animo estimulou os brasileiros a acompanharem com denodo a acção dos camisas verdes (...).”⁴³⁹ Ao lado de mais algumas pessoas, o referido clérigo foi designado para coordenar as ações integralistas em Silvestre Ferraz.

Em maio de 1935 foi inaugurado o núcleo integralista de Pedra Branca. “Inscreveram-se e juraram, diversas pessoas, inclusive o vigario local padre João Ferreira Guerra.”⁴⁴⁰ Pouco mais de um mês depois, camisas-verdes de Pedra Branca, Itajubá e Santa Rita do Sapucaí levaram uma bandeira ao distrito de São José do Alegre. Esse “recebeu com notavel sympathia e interesse os soldados de Deus e da Patria.”⁴⁴¹ O padre Guerra pronunciou um discurso durante essa bandeira. Em agosto daquele ano de 1935 uma nova bandeira visitou São José do Alegre

⁴³⁵ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 215.

⁴³⁶ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 213.

⁴³⁷ *Anauê*, 20/05/1935, num. 06, p. II.

⁴³⁸ *A Offensiva*, 26/07/1936, num. 242, p. XIV.

⁴³⁹ *A Offensiva*, 07/02/1935, num. 39, p. VI.

⁴⁴⁰ *A Offensiva*, 01/06/1935, num. 55, p. IX.

⁴⁴¹ *A Offensiva*, 22/06/1935, num. 58, p. IX.

“tendo falado em primeiro lugar o padre João Ferreira Guerra.”⁴⁴² Em setembro daquele ano esse padre fez um discurso⁴⁴³ no núcleo de Pedra Branca. Dentre alguns pontos abordou o livro “O Integralismo ao alcance de todos”.

Conforme *A Offensiva*⁴⁴⁴ em julho de 1935 o padre Benedicto de Lucca foi nomeado *Chefe Municipal* de São José da Lagoa. No mês seguinte o referido sacerdote participou de uma bandeira ao distrito de Saúde. Nessa ocasião que proferiu “uma brilhante oração sobre a doutrina do Sigma.”⁴⁴⁵

Segundo o jornal *O Integralista* um simpatizante da AIB em Itabira solicitou uma bandeira a esse município. Em setembro de 1935 integralistas de Alvinópolis, Saúde e São José da Lagoa dirigiram-se àquela cidade. O padre Benedicto de Lucca chefiou a bandeira e em discurso que finalizou esse evento convidou “(...) a nobre sociedade itabireNSE a meditar sobre a pura semente Integralista que lá ficava plantada no terreno fértil daquelles corações que ainda palpitam de amor pela glória de Deus, pela dignidade e integridade da família e da pátria.”⁴⁴⁶

Em outubro de 1935 durante uma concentração no município de Ponte Nova o padre Benedicto de Lucca rezou uma “(...) missa, na Igreja Matriz, por intenção de todos os integralistas brasileiros (...).”⁴⁴⁷ A edição de janeiro de 1936 da revista *Anauê!* publicou a poesia “Exhortação á mocidade brasileira”⁴⁴⁸ de autoria do padre Benedicto de Lucca.

Em setembro de 1935 camisas-verdes de Leopoldina levaram uma bandeira ao distrito de Santa Isabel. Um dos oradores foi o padre Vito Guida, que também era o coordenador de uma localidade denominada Recreio. Em seu discurso esse clérigo ponderou que “Deus, que governava o destino dos povos, suscitará no Brasil Plínio Salgado para o salvar.”⁴⁴⁹ Em outubro de 1935 camisas-verdes de Silvestre Ferraz levaram uma bandeira a Elói Mendes. Um padre integrou essa comitiva e em seu discurso os presentes tiveram a “ocasião de ouvir e aplaudir um grande orador sacro disertar sobre a doutrina do Sigma.”⁴⁵⁰

Em outubro de 1935 integralistas de São João Del Rei levaram bandeiras⁴⁵¹ às localidades de Rezende Costa e São Francisco Xavier. Na primeira localidade foram bem

⁴⁴² *A Offensiva*, 24/08/1935, num. 67, p. VIII.

⁴⁴³ *A Offensiva*, 14/09/1935, num. 70, p. IX.

⁴⁴⁴ *A Offensiva*, 20/07/1935, num. 62, p. IX.

⁴⁴⁵ *A Offensiva*, 14/09/1935, num. 70, p. IX.

⁴⁴⁶ *O Integralista*, 29/09/1935, num 02, p. IV. In: APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964. Doc. 107.](#)

⁴⁴⁷ *A Offensiva*, 09/11/1935, num. 78, p. IX.

⁴⁴⁸ Revista *Anauê!*, 01/1936, num. 07.

⁴⁴⁹ *A Offensiva*, 28/09/1935, num. 72, p. XI.

⁴⁵⁰ *A Offensiva*, 26/10/1935, num. 76, p. VIII.

⁴⁵¹ *A Offensiva*, 02/11/1935, num. 77, p. IX.

recebidos pelo “rev. vigário local, padre (...), sanjoanense e forte sympathisante do Integralismo.” Na segunda localidade ressaltaram que um dos simpatizantes do integralismo era a “figura notável do reverendo vigário monsenhor (...), que muito tem feito pelo Sigma.”

O núcleo integralista de Conceição do Rio Verde foi inaugurado em outubro de 1935 durante algumas cerimônias. A primeira delas foi uma missa celebrada no período matutino. “A prática do rev. conego (...) foi um elogio à doutrina de Plínio Salgado e outro ao gesto de verdadeira fé cristã, que levou os camisas-verdes a procurarem, em primeiro lugar, as bênçãos de Deus para o núcleo que se ia fundar.”⁴⁵² Às 17:00 horas daquele mesmo dia o padre de Conceição do Rio Verde foi ao núcleo dessa cidade ao qual concedeu sua bênção e onde proferiu um discurso. Alguns integralistas também discursaram no núcleo daquela cidade após o que todos os presentes dirigiram-se ao cinema local. Nesse houve a última cerimônia do dia marcada por mais discursos e por juramentos de novos militantes. Durante os discursos o padre de Conceição Rio Verde manifestou o desejo de prestar seu juramento ao sigma. Nessa ocasião explicou que “Dentro do espírito da doutrina os católicos podem e devem jurar conscienciosamente, servir ao Integralismo – força moral que combate o comunismo, despertando no povo brasileiro o sentimento patriótico, unido ao sentimento religioso.”⁴⁵³

Em novembro de 1935 integralistas de Diamantina percorreram a cavalo cerca de 50 quilômetros até o distrito de Felisberto Caldeira. Nessa localidade foram realizadas três sessões de propaganda integralista. O padre responsável pela igreja daquele distrito cedeu a casa paroquial para duas sessões e também se inscreveu nas fileiras do sigma.

Documentos⁴⁵⁴ de agosto de 1937 do núcleo de Diamantina informam que o *Chefe Distrital* de Felisberto Caldeira era o padre Leopoldo Seabra. Esse sacerdote compareceu a uma reunião do núcleo de Diamantina em setembro daquele ano de 1937. Discursos anteriores ao do referido sacerdote renderam-lhe homenagens durante aquela reunião.

No entanto, houve quem tenha se ressentido com aqueles padres que demonstravam simpatia pela AIB. Em virtude dos poderes atinentes a seus cargos alguns delegados locais externaram de forma mais concreta a insatisfação para com aqueles sacerdotes favoráveis ao sigma.

Em dezembro de 1936 *A Razão* afirmou que o padre Gladstone Gallo, do distrito de Saúde, teria sido tratado de maneira desrespeitosa pelo delegado de Alvinópolis. O fato de o padre ser um simpatizante do integralismo teria ensejado a conduta da autoridade policial. O

⁴⁵² *A Offensiva*, 09/11/1935, num. 78, p. IX.

⁴⁵³ *A Offensiva*, 09/11/1935, num. 78, p. IX.

⁴⁵⁴ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 213.

próprio dia em que o sacerdote foi chamado a Alvinópolis seria uma afronta, uma vez que prejudicaria suas atividades religiosas. Após uma espera de duas horas o padre foi conduzido à presença de delegado. Acompanhado por membros da política local esse “dirigiu ao padre toda sorte de desrespeitos e brutalidades, chegando a dizer-lhe que << ele estava bom para a enxada>>!”⁴⁵⁵

Houve ainda quem não tenha aprovado aqueles sacerdotes que através do púlpito emitiram declarações favoráveis à AIB. Esse foi o caso do delegado de Itabirito. Em meados de 1937 essa autoridade policial foi ao distrito chamado Piedade do Paraopeba onde assistiu a uma missa. Durante sua preleção o sacerdote que oficiava a missa fez propaganda do integralismo “(...) razão que a alludida autoridade, entrando em considerações com o mencionado vigário, teve com o mesmo um attricto, sem consequencias, devido a intervenção de terceiros.”⁴⁵⁶ É provável que o delegado de Itabirito não tenha assistido aquela missa por acaso. Há meses a referida autoridade policial empenhava-se em cercear a militância do sigma em Itabirito.

Contudo, é seguro inferir que as manifestações de padres em favor do sigma foram possíveis devido à complacência e mesmo à aprovação de autoridades eclesiásticas. Esses foram os casos, por exemplo, de Luz, Pouso Alegre e Diamantina. Nessas cidades se verificou uma relação de maior proximidade entre camisas-verdes e sacerdotes católicos.

Em junho de 1935 o padre Francisco Corrêa assinou uma profissão de fé integralista no jornal belo-horizontino *Anauê!*. O clérigo garantiu que o programa da AIB lhe parecia “optimo e realmente salvador”. Antes, porém, de se inscrever naquela organização ele consultou o arcebispo a que estava submetido. O superior eclesiástico lhe concedeu licença para ingressar no sigma. O padre Francisco Corrêa defendeu que a AIB não era um partido político igual aos demais. Além disso, ponderou que o integralismo constituía a “(...) solução de problemas da ordem social em nossa terra; solução em que tornará possível o surto de progresso e de bem estar a que faz jus o nosso povo.”⁴⁵⁷

O padre Francisco Corrêa defendeu que era preciso somente que as pessoas conhecessem o integralismo para aderirem a esse de modo entusiástico. Logo, postulou que a AIB não tinha dúvidas quanto a sua própria vitória. Essa não seria alcançada por meios violentos, mas pelo voto. Os integralistas, sustentou o aludido padre, não se armariam, até porque não havia necessidade de fazê-lo. Com o seu número de adeptos, os militantes do sigma

⁴⁵⁵ *A Razão*, 03/12/1936, num. 33, p. III.

⁴⁵⁶ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 51.

⁴⁵⁷ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. I.

alcançariam êxito nas urnas. Ademais, o regime vigente seria extinto também porque era um regime falido. Não era necessário pegar em armas, nem mesmo para enfrentar os comunistas. Quanto a esses, o padre Francisco Corrêa acreditava haver dois grupos, sendo o primeiro constituído por estrangeiros ou por brasileiros que recebiam dinheiro estrangeiro para subverter a ordem nacional. O Estado se encarregaria desse primeiro grupo de comunistas através, sobretudo, da recém-promulgada Lei de Segurança Nacional. O segundo tipo de comunistas era formado por:

(...) revoltados, daquelles que teem fome e sede de justiça; daquelles que se sentem diminuídos em face do estrangeiro no seio da Mãe Pátria; daquelles que perderam completamente a confiança no apodrecido regimen liberal-democrata; daquelles que recorrem ao Communismo como o naufrago se agarra soffrego ao primeiro tronco...Estes, tão logo cheguem a conhecer a doutrina do Integralismo, abraçal-o-ão com todas as fibras da vontade de marchar ! com toda a convicção da intelligencia finalmente satisfeita e empolgada pelas luzes fortes e suaves do Sygma !⁴⁵⁸

No trecho supracitado verifica-se a concepção de que a militância comunista era fruto das mazelas sociais e políticas. Logo, recorria-se ao comunismo por desespero e não por convicções. Ademais, recorria-se à ideologia vermelha por desconhecimento dos preceitos integralistas. Esses é que realmente conduziriam ao bem-estar nacional.

Após a fundação do núcleo de Luz, em janeiro 1937, o bispo dessa cidade passou a externar sua simpatia pelo integralismo. Em abril daquele ano *A Offensiva* publicou algumas reflexões daquele sacerdote. Discorrendo:

Em todas as épocas, desde a origem do mundo Deus tem suscitado homens dos quaes se serve, como instrumentos para a realização dos seus sapientíssimos designios, na ordem e no governo universal das creaturas. Para os tempos actuaes, afim de oppôr barreira á enxurrada avassaladora de lama e de sangue que o bolchevismo vem vomitando e conspurcando tudo, para salvar a civilização christã tem suscitado homens da envergadura de Mussolini, de Salazar e porque não dizer mesmo de Hitler, ainda que desorientado e fascinado por um ideal de paganismo estúpido !... O Brasil actual tão desorganizado e tão exposto ás investidas do mesmo bolchevismo, ousado, lamacento e sedento de sangue, não poderia fazer excepção á lei geral. Nelle se verifica a época critica provocadora da intervenção Divina. Indiscutivelmente o Movimento Integralista vem empolgando as massas e o seu eminente fundador e chefe se me afigura o Homem suscitado pela Providencia para despertar a Nacionalidade do torpôr em que jazia decepcionada antes os fracassos dos planos de regeneração social e política de que vem se servindo a liberal-democracia desmoralizada e cambaleante.⁴⁵⁹

⁴⁵⁸ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. I.

⁴⁵⁹ *A Offensiva*, 04/04/1937, num. 454, p. XI.

Em fins de agosto de 1937 o *Chefe Municipal* de Diamantina enviou uma carta⁴⁶⁰ ao arcebispo dessa cidade. Na missiva aquele adepto do sigma agradecia ao sacerdote por haver cedido o salão do Palácio Arquiepiscopal para a exibição de um filme integralista. Seguramente o arcebispo de Diamantina via com simpatia a organização liderada por Plínio Salgado. Esse fenômeno refletia diretamente naqueles padres a ele subordinados que apoiavam o integralismo. Esses sacerdotes podiam externar com maior liberdade sua aprovação à AIB.

A *Offensiva* foi uma das principais fontes utilizadas nesse capítulo com o intuito de identificar simpatias e adesões à AIB por sacerdotes católicos em Minas. A maioria das notícias veiculadas por aquele jornal sobre o fenômeno em questão concentra-se ao longo de 1935 e início do ano seguinte. Durante esse período notícias referentes a Minas Gerais ocuparam um considerável espaço em *A Offensiva*.

Mas, já nos meses iniciais de 1936 notícias sobre o integralismo nos estados do Nordeste e Sul passaram a ocupar mais espaço nas páginas de *A Offensiva*. Trata-se, é claro, de um reflexo do desenvolvimento da AIB naqueles estados. Conseqüentemente, as referências ao sigma em Minas Gerais perderam espaço. Dentre essas referências estavam aquelas que aludiam à militância de padres na AIB ou que apontavam as simpatias de clérigos por essa organização. Naturalmente, essa perda de espaço não significa que padres deixaram de ingressar no sigma ou que não demonstraram mais simpatias pelo integralismo.

Entre 1936 e 1937 padres continuaram participando de cerimônias integralistas e continuaram oficiando missas a pedido dos camisas-verdes. Além disso, sacerdotes da Igreja Católica continuaram sendo apontados como simpatizantes e membros efetivos da AIB mesmo após o decreto que extinguiu essa organização.

Após o fechamento do núcleo de Teófilo Otoni o delegado dessa cidade afirmou⁴⁶¹ que os frades da paróquia local eram integralistas. Após o fechamento do núcleo de Virginópolis o padre local também foi apontado como integralista. Um investigador do DOPS-MG constatou que:

A alma da agremiação ACÇÃO INTEGRALISTA em Virginópolis, localidade pequena, foi o apoio e a propaganda feita pelo vigário da referida Cidade, velho sacerdote de mais de 65 anos de idade.

A palavra do padre no interior algumas vezes... é de um merito sem par, Senhor Delegado.⁴⁶²

⁴⁶⁰ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 213.

⁴⁶¹ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 131.

⁴⁶² APM: [PASTA 5003 Virginópolis - integralismo maio 1937 - nov. 1942](#). Docs. 08 e 09.

Por conseguinte, a simpatia de alguns sacerdotes católicos pela AIB contribuiu para o desenvolvimento dessa organização em Minas. Jornais leigos e eclesiásticos são outras fontes que permitem identificar aproximações entre a AIB e sacerdotes católicos. Enquanto alguns jornais abriram suas páginas a matérias de autoria de camisas-verdes, outros assumiram uma postura de ataque à AIB. O tópico seguinte apresenta e analisa algumas das aproximações e divergências entre o sigma, clérigos e fiéis católicos a partir de jornais mineiros.

4.4 – Jornais mineiros, o sigma, clérigos e fiéis católicos

*Semana Religiosa*⁴⁶³ é um dos jornais mineiros em que é possível visualizar aproximações entre camisas-verdes e sacerdotes da Igreja Católica. O aludido periódico, como estampava abaixo de seu nome na primeira página, era o “órgão oficial da Diocese de Pouso Alegre”. Ataques a sindicatos e a movimentos grevistas foram comuns às páginas de *Semana Religiosa*. Greves e reivindicações salariais foram por ele caracterizadas como frutos da ação de comunistas. Posicionamentos antissemitas, ainda que em baixa quantidade, também podem ser verificados nas páginas do aludido jornal.

Em junho de 1933 *Semana Religiosa*⁴⁶⁴ elogiou a perseguição nazista aos judeus na Alemanha. Nesse artigo o jornal estabeleceu que o referido povo disseminava imoralidades e o comunismo em solo germânico. *Semana Religiosa* conclui seu artigo desejando que o governo e a sociedade brasileira seguissem o exemplo alemão.

Em agosto daquele ano de 1933 o cônego e redator-chefe de *Semana Religiosa* elogiou a Itália e a Alemanha de governos fascistas. Conforme esse sacerdote a obra iniciada por Mussolini estava sendo copiada por Hitler. Em dois meses, afirmou o sacerdote, o líder da Alemanha nazista havia conseguido “dar colocação a dois milhões de desocupados.” Governos fortes como os daqueles dois países seriam um exemplo as demais nações. Para o redator-chefe de *Semana Religiosa*:

Não ha duvida que o partido que mais convêm ao Brasil porque mais de perto consulta á realidade brasileira é o Integralista de Plínio Salgado. E, em que pése aos actuaes detentores do poder e aos adversários do combatido systema, a anarchia politica da nação está nos conduzindo para o seu exito integral e completo. Aquelles que mais o combate são os que mais o impellem para a victoria. Foi a fonte que nasceu escondida na raiz da montanha, mas que, por força dos acontecimentos e a peso de tenacidade e fé, vae se transformando no rio caudaloso, em demanda do mar.

⁴⁶³ No que tange à década de 1930 o acervo da Biblioteca Nacional possui edições de *Semana Religiosa* relativas a 1933, 1935, 1936, 1938, 1939 e 1940.

⁴⁶⁴ *Semana Religiosa*, 22/07/1933, num. 837, p. I.

Si não vier o integralismo, indivisível, uno, idealista e espiritual, nós nos desgraçaremos por completo nas malhas desse comunismo repellente que, infelizmente, vae-se insinuando, pela multiplicidade de partidos e atravez das frinchas da desordem social, nos reductos da educação, da literatura e dos costumes, numa constante ameaça para o paiz.⁴⁶⁵

Durante o ano de 1935 o jornal da diocese de Pouso Alegre publicou algumas notícias sobre as atividades desenvolvidas pelo núcleo dessa cidade. Essas notícias eram publicadas a pedido dos camisas-verdes. Em março de 1936 esses militantes lançaram o primeiro número de *A Razão*. Esse fenômeno explica porque a partir de então diminuíram as referências ao sigma nas páginas de *Semana Religiosa*.

O adepto da AIB que mais escreveu no jornal da diocese de Pouso Alegre foi o professor Benedicto Ortiz⁴⁶⁶. Não obstante, esse camisa-verde discorreu sobre assuntos de natureza religiosa. Seus artigos foram redigidos principalmente na “Coluna Mariana”. *Semana Religiosa* atesta que até o *Pustch Integralista* Benedicto Ortiz foi membro ativo da “Juventude Católica Brasileira” e dos “Congregados Marianos”. Ocupando funções de direção no interior desses organismos católicos aquele integralista manteve contato próximo com o bispo de Pouso Alegre. Em sua atividade docente o militante Benedicto Ortiz trabalhou no Ginásio Diocesano daquele município. Escrevendo sob o pseudônimo “Tapuia” foi a principal voz antissemita do jornal *A Razão*.

Outro camisa-verde que lecionou no Ginásio Diocesano de Pouso Alegre foi o advogado João Queiróz. Em uma ocasião *Semana Religiosa* teceu críticas ao juramento prestado pelos camisas-verdes. Todavia, em julho de 1935 esse jornal⁴⁶⁷ cedeu uma de suas colunas àquele bacharel. Ocupando a função de *Secretário Municipal de Estudos* esse militante sustentou que as críticas só poderiam ser fruto da incompreensão dos termos presentes no juramento integralista. Esse era plausível, uma vez que segundo aquele militante “o que se jura é, evidentemente, trabalhar por uma causa legítima, fidelidade a uma doutrina elevada e, *ao serviço dessa mesma doutrina*, obediencia aos chefes que a representam.”⁴⁶⁸ O camisa-verde João Queiroz pontuou ainda que a AIB estava limitada por diretrizes claras. Portanto, se os líderes dessa organização se afastassem daquelas diretrizes e valores, os militantes estariam desobrigados para com os seus juramentos.

⁴⁶⁵ *Semana Religiosa*, 05/08/1933, num. 839, p. I.

⁴⁶⁶ Natural da cidade paulista de Cruzeiro, residia em Pouso Alegre onde trabalhava como professor. Na condição de integralista juramentado esse militante integrou a cerimônia de fundação do núcleo da AIB em Pouso Alegre.

⁴⁶⁷ *Semana Religiosa*, 05/07/1935, num. 937, p. I.

⁴⁶⁸ *Semana Religiosa*, 05/07/1935, num. 937, p. I.

A crítica ao juramento integralista não foi a única matéria em que *Semana Religiosa* divergiu da AIB. Em agosto de 1935 esse periódico reproduziu uma matéria de *O Semeador*, jornal de Itajubá. Assinada por *Católico Integral* a matéria aborda um congresso integralista ocorrido na referida cidade e a atuação nesse de católicas que militavam pelo sigma.

Inicialmente o autor da referida matéria tece elogios ao integralismo, ao qual rendia seu “aplausos de brasileiro e cristão”. Ademais afirmou que não compreendia o motivo “porque tantos chefes de família exemplares” recusavam-se a “seguir-lhe a orientação e até mesmo a conhecer a doutrina do sigma.” No entanto, a admiração que devotava ao integralismo não lhe impediu de tecer a seguinte crítica:

Hoje quero apenas salientar, louvando-o, o entusiasmo das senhoras e senhorinhas n’estes memoráveis dias do Congresso que o Integralismo realizou n’esta cidade e que foi, não ha negar, uma irretóquível afirmação de pujante vitalidade.

(...).

Mas... e aqui vae o meu impertinente reparo, a quasi totalidade das senhoras integralistas, é catolica e ainda não chamou a atenção de ninguem o seu entusiasmo em qualquer das manifestações do culto catolico em que tomam parte. Como se explica tanto interesse, tanto devotamento no que respeita á Acção Integralista e tanto descaso, tanta tibieza pelos interesses da Santa Igreja? Não parece um paradoxo, que catolicos praticantes sobreponham a consciencia politica á consciencia religiosa cristã?

As senhoras integralistas não ignoram que existem n’esta Paroquia a Acção Catolica, o Apostolado, a Adoração Noturna a Pia União. (Aliás, também os homens não emprestam o mesmo valor á Liga Catolica, ás Conferencias Vicentinas, á Adoração Noturna, etc. que dão ás manifestações integralistas. Porque? E’ incompreensível).

Sejam integralistas, está muito bem ; mas sejam tambem e precipuamente catolicos. Cumpram os deveres sociaes impostos pela bela doutrina do sigma, mas não se esqueçam de cumprir os deveres religiosos, mais graves, porque impostas por Deus. (...).⁴⁶⁹

Ao reproduzir essa matéria o jornal da diocese de Pouso Alegre endossa os posicionamentos nela expressos. Logo, ratifica que os católicos podiam ser integralistas, mas ressalva que esses deviam dispensar maior atenção à Igreja Católica.

Em setembro de 1935 *Semana Religiosa* noticiou que o núcleo de Pouso Alegre havia celebrado o dia da Independência e levado uma bandeira à localidade chamada Estiva. Durante esse evento o integralista Benedicto Ortiz em frente à igreja local “(...) fallou áquela gente a linguagem nova do Brasil novo, a linguagem nova e serena, inspirada em Deus para enaltecer a Patria e solidificar os alicerces da Familia.”⁴⁷⁰

Também naquele mês de setembro o jornal da diocese de Pouso Alegre informou que o núcleo de Santa Rita do Sapucaí havia lançado o jornal *Aço Verde*. Na ocasião referiu-se a esse

⁴⁶⁹ *Semana Religiosa*, 10/08/1935, num. 942, p. I.

⁴⁷⁰ *Semana Religiosa*, 14/09/1935, num. 947, p. I.

como um “optimo jornal que, ha pouco tempo, começou a circular prospera cidade vizinha – S. Rita do Sapucahy.”⁴⁷¹

Em outubro de 1935 *Semana Religiosa* noticiou que camisas-verdes e plinianos de Pouso Alegre levaram uma bandeira à localidade chamada Imbuia. Ao fim da sessão doutrinária “o Chefe Municipal communicou, então, aos presentes que, attendendo á dedicação, amor e disciplina revelados pela companheira (...), em serviço do nosso movimento, resolvera nomeal-a Coordenadora do Sub Nucleo de Imbuia.”⁴⁷²

No dia em que foi deflagrada a Intentona Comunista na capital do Rio Grande do Norte, *Semana Religiosa* publicou uma matéria denominada *Horizontes Negros*⁴⁷³. Apenas o fechamento da ANL e a Lei de Segurança Nacional, preconiza a matéria em questão, eram incapazes de fazer frente à ameaça vermelha no Brasil. Em virtude desse cenário, os comunistas permaneciam ativos em todo o país, não dormindo sequer e mantendo representantes nos sindicatos, na imprensa, na Câmara Federal e professores “pagos pelo Estado, para perverterem o cerebro e o coração da mocidade.” Devido à inação do governo esses comunistas estariam fomentando “greves, agitação nas ruas, ataques a mão armada, attentados contra o inimigo numero um, o integralismo, com o fim de desencadear no seio da Patria a revolução sanguinolenta, tomando o poder.” A situação brasileira indicava que uma “luta horrível e sanguinolenta” seria deflagrada no país. Afim de corroborar essa afirmação, *Semana Religiosa* apontou conflitos envolvendo integralistas e comunistas, não obstante as “pacíficas intenções” dos camisas-verdes.

Em virtude da atenção dedicada aos camisas-verdes ao longo de 1935 *Semana Religiosa* recebeu uma carta anônima acusando-a de ser “intransigente Defensora do INTEGRALISMO”. Rebatendo a acusação afirmou⁴⁷⁴ não possuir simpatias por este ou aquele partido, uma vez que não era um jornal político, mas sim religioso. Prosseguindo, sustentou que não era possível indicar qualquer trecho do jornal em que esse recomendasse a seus leitores qualquer sistema político.

Logo, o jornal da diocese de Pouso Alegre advogou que mantinha uma atitude “discreta” frente ao integralismo, caracterizado como um “sadio movimento”. Postulou também que somente a “má fé” poderia divisar em suas páginas uma orientação intransigente em favor do sigma. Ademais, mesmo se fosse uma “intransigente Defensora do INTEGRALISMO” *Semana*

⁴⁷¹ *Semana Religiosa*, 21/09/1935, num. 948, p. III.

⁴⁷² *Semana Religiosa*, 26/10/1935, num. 953, p. III.

⁴⁷³ *Semana Religiosa*, 23/11/1935, num. 957, p. I.

⁴⁷⁴ *Semana Religiosa*, 30/11/1935, num. 958, p. II.

Religiosa não se explicaria a um anônimo. Fazia-o, em respeito a seus leitores. Referindo-se ao anônimo autor da acusação, o periódico insinuou: “Quem sabe o comunista que se esconde à sombra delle?”

Em dezembro de 1935, *Semana Religiosa* publicou uma nota que atribuiu à direção da maçonaria no Brasil. Essa nota advogava que a maçonaria e o integralismo eram “(...) instituições que se combatem, que se repellem.” Portanto, o ingresso de camisas-verdes nas fileiras maçônicas deveria ser impedido. Conforme a nota, os adeptos do sigma acalentavam o objetivo de dissolver a maçonaria. Logo, o compromisso que prestavam a essa instituição não era sincero. Por outro lado:

Os maçons que se filiam ao integralismo, renegam os princípios liberais maçônicos. Voltam as costas à Instituição. Consorciaram-se com o inimigo, que, na Itália, em Portugal e na Alemanha já deu mostras sobejas da truculência, do desprezo pela vida e liberdade humanas, do ódio à Instituição maçônica.”⁴⁷⁵

Para além da veracidade ou não da nota aludida, cabe salientar que em fins de 1935 o “desprezo pela vida e pela liberdade humanas” perpetrados pelos fascismos europeus não eram inteiramente desconhecidos no Brasil. No mesmo período posicionamentos semelhantes foram expressos em jornais de outras cidades mineiras.

As relações entre o bispado de Pouso Alegre e os integralistas dessa cidade ultrapassavam o simples respeito. Houve comunhão de valores entre ambos. Além disso, camisas-verdes de Pouso Alegre foram membros ativos de ordens religiosas nessa cidade. Não por acaso, *A Razão* comumente discorreu sobre eventos religiosos católicos em Pouso Alegre.

No fim de maio de 1936 aquele jornal informou⁴⁷⁶ que nessa cidade a Confederação das Associações Católicas havia homenageado o Papa Pio XI. Um dos oradores naquele evento, representando as Associações Católicas Masculinas de Pouso Alegre, foi o diretor de *A Razão* e *Chefe Municipal* dessa cidade. Em agosto de 1936 o referido jornal integralista publicou que:

Como temos anunciado, e sobretudo, conforme a ampla divulgação que vêm dando ao assunto os nossos colegas da <<Semana Religiosa>>, a nossa cidade assistirá, sábado, 15 de agosto, a uma magnífica concentração dos congregados Marianos da Diocese de Pouso Alegre.

Atendendo ao apêlo que nos fizeram os promotores dessa prova grandiosa de ressurgimento espiritual da mocidade, a <<A Razão>> concita as famílias pousoalegrenses, sobretudo as que moram na (...), por onde desfilarão os moços católicos, a enfeitarem as fachadas de suas residências, nesse dia, com o carinho e o bom gosto de sempre.⁴⁷⁷

⁴⁷⁵ *Semana Religiosa*, 21/12/1935, num. 961, p. II.

⁴⁷⁶ *A Razão*, 04/06/1936, num. 01, p. III.

⁴⁷⁷ *A Razão*, 13/08/1936, num. 18, p. III.

O trecho acima evidencia a relação de proximidade entre camisas-verdes de Pouso Alegre e a diocese desse município. No entanto, três camisas-verdes que atuavam como professores no Ginásio Diocesano de Pouso Alegre foram afastados de suas funções devido ao *Putsch* Integralista. Justificando essa decisão o bispo daquela cidade declarou que manteve aqueles docentes na instituição até maio de 1938 porque sempre respeitou a liberdade política destes. O sacerdote ainda arguiu que:

Foi para respeitar essa liberdade, que não affastei desde logo do Gymnasio os professores integralistas, bons amigos e cumpridores de seus deveres. O integralismo era um partido registrado como qualquer outro e a diocese, assim como o bispo, não tinha e não tem política. No Gymnasio nunca se fez propaganda de qualquer partido político.⁴⁷⁸

Apesar desse afastamento, *Semana Religiosa* noticiou em abril de 1939 o enlace matrimonial de um daqueles professores. Nessa ocasião afirmou que o antigo militante trabalhava no “Ginasio e Seminario”⁴⁷⁹ da cidade paulista de Taubaté. No ano de 1941 esse antigo camisa-verde assinou três artigos nas páginas de *Semana Religiosa*.

O Lar Catholico é outro jornal em que se podem verificar convergências entre o integralismo e a Igreja Católica. Esse jornal foi editado em Juiz de Fora por sacerdotes pertencentes aos “Missionários do Verbo Divino” e contava com a licença e a aprovação eclesiástica. Há poucas referências ao integralismo nas páginas de *O Lar Catholico*. Mas, é digna de nota uma análise entre o sigma e o comunismo urdida por aquele jornal em novembro de 1935. Conforme *O Lar Catholico* o povo brasileiro não era revolucionário, não desprezava a propriedade, tampouco era adepto ao marxismo. No entanto:

Os erros sucessivos da liberal-democracia, patentes desde a primeira Constituição, as constantes revoluções movidas pela sede da ambição e do poder, enfim, a incompetencia e a deshonestidade dos chefes que estão à testa da nação, constituem o conjunto das causas que conduzem ás idéas e doutrinas extremistas.

Assim como entre os adeptos do integralismo estão muitos homens cansados de esperar pela libertação politico-economica da patria, assim, eu creio na sinceridade e boa intenção de muitos partidarios do communismo, ávidos de darem qualquer orientação a uma questão ha anos debatida sem esperança de solução. Culpam o integralismo de combater o regimen tradicional do nosso paiz ; attribuem aos communistas o titulo de perturbadores da ordem publica ; acusam São Paulo por ter concebido, muitas idéas de separatismo, que qualificam de “mesquinhas”. Porque não vão verificar a origem e o desenvolvimento de taes extremismos?

⁴⁷⁸ *Semana Religiosa*, 11/06/1938, num. 1085, p. I.

⁴⁷⁹ *Semana Religiosa*, 15/04/1939, num. 1127, p. IV.

Os recrutas da miseria, os revolucionarios de uma doutrina, esses não são revolucionarios de que se ria.⁴⁸⁰

O trecho acima traz uma leitura incomum na documentação pesquisada sobre a adesão ao comunismo. Frequentemente os vermelhos foram concebidos de forma simplista, representando tudo o que havia de imoral. Embora tenha feito poucas menções ao sigma, as páginas *O Lar Catholico* apresentam algumas mensagens antissemitas. Esse foi um elemento que permeou a militância integralista.

O Lar Catholico atribuiu aos judeus a concepção e difusão de ideias que tachou como negativas. Para esse jornal, o liberalismo, o “materialismo” e o comunismo eram obras de judeus. Financiada pelo dinheiro de elementos desse povo, considerável parcela da indústria cinematográfica difundia valores perniciosos à sociedade. O jornal em questão ainda apontou que a usura era uma prática muito comum entre os judeus, o que levava muitos cristãos à falência.

No entanto, *O Lar Catholico* também relativizou seu antissemitismo, opondo-se à perseguição contra aquele povo pelo simples fato de serem judeus. Neste sentido, o jornal estabeleceu que esse povo foi empurrado às atividades comerciais em virtude de proibições que lhes foram impostas séculos antes. Sustentou ainda que era um equívoco imaginar que todos os judeus eram nefastos e inimigos do cristianismo. Por conseguinte, estabeleceu que havia judeus crentes e descrentes, ricos e pobres, virtuosos e sem escrúpulos. Finalmente, *O Lar Catholico* estabeleceu que os cristãos não ficavam dispensados de seu dever de caridade para com os judeus, mesmo para com aqueles que não tinham uma conduta retilínea.

Semana Religiosa e *O Lar Catholico* foram dois jornais editados por sacerdotes e oficialmente ligados à Igreja Católica. Ambos convergiram com a AIB ao externarem mensagens contrárias ao regime em vigor, antissemitas e anticomunistas. Motta (2000, p. 83) constatou que ‘as representações vinculando os judeus ao comunismo, que chegavam ao ponto de responsabilizar os “semitas” pela criação do perigo revolucionário, se originavam, geralmente, nos círculos fascistas e católicos.’ Motta (2000) observou que a inspiração da AIB ao associar o povo judeu ao comunismo era a Alemanha de Hitler. Esse líder e seus seguidores ocuparam a linha de frente da ofensiva antissemita e anticomunista dos anos 1930.

Em suas pesquisas Trindade (1979) inferiu que o antissemitismo figurou poucas vezes como motivação de ingresso na AIB. Esse fenômeno indicaria que a aversão aos judeus não tinha tradição no Brasil antes da fundação do sigma. Por outro lado, a influência de Gustavo

⁴⁸⁰ *O Lar Catholico*, 03/11/1935, num. 44, p. II.

Barroso sobre os integralistas fazia com que o antissemitismo fosse adquirido pelos militantes após o ingresso desses nas fileiras verdes (TRINDADE, 1979). Todavia, em Minas Gerais é possível que alguns adeptos do sigma, antes de ingressarem na AIB, possam ter sido influenciados pelo antissemitismo corrente nos meios católicos.

Pão de Santo Antônio foi um jornal vinculado a uma entidade filantrópica leiga em Diamantina. Até 1935 foi publicado sob “aprovação eclesiástica”. Ao longo desse ano o referido jornal foi utilizado por militantes do sigma para externarem seus posicionamentos⁴⁸¹. Logo, através do jornal *Pão de Santo Antônio* camisas-verdes daquele município afirmaram que o sigma era aprovado pela Igreja Católica, que visava à mudança de regime de modo pacífico, que não era extremista e reiteraram que o comunismo ameaçava o Brasil. Em julho de 1935 aqueles militantes publicaram a seguinte mensagem voltada aos católicos:

Agora que acabas de sair do templo do Senhor, com o teu coração animado dos mais dignos e elevados propositos.

MEDITA NISSO

Forças occultas , negadoras de teu Deus, de tua Familia, ameaçam neste instante mudar tragicamente o curso de teu viver christão.

O braseiro communista, alentado pelas facilidades que uma constituição liberal imprudentemente lhe outorga, prepara-se para ferir de morte os princípios tradicionaes da gente Brasileira.

Essas forças occultas, sendo em verdade o extremismo vermelho de Moscow, apresentam-se em publico, sob o rotulo capcioso de

SOCIALISMO

Se essas forças triumpharem, esse templo em que oraste, será transformado em caserna dos sicários da G. P. U.

Mão sacrílegas profanarão e ultrajarão o tabernáculo do Senhor, e trucidarão seus ministro e seus fieis defensores. Teus filhinhos, ó mãe brasileira, serão arrancados de teu regaço e de teu lar, e passarão a ser pupilos engeitados do Soviet.

Teu casal, santo e abençoado, será nivelado em direitos e em condição moral ao mais vil concubinato ; e o incesto será considerado acto legitimo.

Entretanto, Deus não ha de permittir que aconteçam taes horrores ; mas Elle quer que, nesse sentido, sejas a um tempo confiante e diligente.

Confiante já és, porque pertences ao rebanho santo de Jesus Christo. Cumpre agora sejas tambem diligente, empenhando-te praticamente na defesa do Brasil Christão.

A estas horas um punhado de patrícios teus, cheios de fé e de coragem, se arremigram para combater os inimigos da pátria. Esses brasileiros são os

INTEGRALISTAS (...).⁴⁸²

Algumas das matérias favoráveis ao integralismo no jornal *Pão de Santo Antônio* foram assinadas por um militante do sigma que não as subscrevia como tal. Em uma dessas matérias esse camisa-verde assegurou que além dos “políticos liberaes democratas” também eram

⁴⁸¹ *Pão de Santo Antônio*, 24/02/1935, p. III; 18/08/1935, p. III; 15/09/1935, p. III; 24/11/1935, p. III; 08/12/1935, p. III; 24/12/1935, p. III.

⁴⁸² *Pão de Santo Antônio*, 21/07/1935, num. 43, p. III.

responsáveis pelo crescimento da ameaça vermelha no país os “(...) catholicos liberaes, solertes e enormes, fechados dentro do quarto, do seu commodismo e burguezismo criminoso (...)”⁴⁸³

O jornal *A Tribuna*, de Uberlândia, reproduziu um artigo da revista verde *Panorama* sobre as relações entre o integralismo e a Igreja. O autor do artigo em questão era um católico integralista da capital mineira. Em síntese a matéria⁴⁸⁴ defende que não havia oposição entre integralismo e Igreja Católica, tampouco que um fiel dessa instituição não pudesse aderir ao sigma. Pelo contrário, o integralismo comungava dos mesmos valores que a Igreja Católica. Neste sentido, o militante em questão defendeu de forma menos impositiva o ingresso de católicos na AIB.

Alguns sacerdotes externaram que não havia impedimentos quanto ao ingresso de católicos na AIB. Um deles foi o padre Júlio Maria, responsável pelo jornal mineiro *O Luctador*. *A Offensiva* reproduziu a seguinte ponderação daquele sacerdote:

- E’ permitido a um catholico entrar nas fileiras do Integralismo?
- Não vejo nenhuma incompatibilidade, pois o Integralismo, sendo fiel á sua divisa: Deus, Patria e Família, concorda perfeitamente com o ideal religioso; e além disso, é o meio de combater o grande inimigo moderno: o communismo.
- Penso que o catholico póde ser bom catholico e bom ingralista.
- O Integralismo, em sua doutrina, sua finalidade e sua organização, é bom, e merece o apoio de todos aquelles que têm amor á sua Patria e ao progresso.
- E, para se conhecer o que é bom, basta notar que tudo o que não presta é contrario ao Integralismo.
- O odio da maçonaria e do communismo ao Integralismo é para este uma certidão de valor e de dignidade.⁴⁸⁵

Outros discursos integralistas, porém, estabeleceram a obrigatoriedade do ingresso de fiéis e sacerdotes católicos na AIB. Militantes de Rio Casca distribuíram um folheto⁴⁸⁶ com declarações favoráveis ao sigma proferidas por um padre em Vitória, Espírito Santo. Esse clérigo, que também era vereador na capital capixaba, estabeleceu que existiam muitas vozes que procuravam confundir a opinião dos católicos no que tange ao sigma. O objetivo dessas era afastar estes fiéis “de um movimento nacionalista, que é o unico, na fusão actual, capaz de levar a náu da patria a porto calmo e seguro.”

O clérigo prossegue estabelecendo que não havia entraves ao ingresso de católicos na AIB. Mais ainda, postula que esse ingresso impunha-se mesmo como uma obrigação, pois não

⁴⁸³ *Pão de Santo Antônio*, 24/12/1935, num. 13, p. III.

⁴⁸⁴ *A Tribuna*, 05/06/1937, num. 1110, p. III.

⁴⁸⁵ *A Offensiva*, 10/03/1936, num. 301, p. I.

⁴⁸⁶ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 101.

aderir ao sigma era o mesmo que cooperar para o fortalecimento do comunismo. Por fim, sustentou que aderiu ao integralismo porque:

Notando eu, na capital do Espírito Santo, os primeiros rumores, que culminaram em novembro com o levante comunista, no Norte e no Rio, notando também que muitos católicos em Victoria iam entrando inconscientemente para a negregada Aliança Nacional Libertadora, dei o brado de alarme e comecei uma série de conferências anti-comunistas, na Cathedral. Ao chegar a quarta conferência, aparece em minha casa uma comissão de senhoras supplicando-me que não fosse à noite falar na Cathedral, porque elementos comunistas queriam assassinar-me.

Achei que era o cumulo da audácia, elementos de tal ordem imporem silêncio a um sacerdote que nada mais fazia que cumprir o seu dever. Fui a noite à Igreja e falei ainda com mais vehemência contra o comunismo e os reaes perigos da falecida A. N. L.

O templo estava a cunha, com três mil ouvintes. Observei eu, do pulpito, muitos elementos duvidosos, mas a seu lado estavam também os integralistas com olhares atentos para defender, se preciso fosse, o ministro de Deus. Este acto de generosidade sã e christã da mocidade integralista, não tendo eu pedido a quem quer que fosse auxílio da protecção, foi o que me decidiu, por ultimo a abraçar o Sigma com todo o meu entusiasmo de joven sacerdote.⁴⁸⁷

O clérigo finaliza sua explanação ratificando sua confiança na ascensão próxima do Estado Integral. O postulado de que o ingresso no sigma constituía uma obrigação para os católicos ganhou força. Entretanto, houve aqueles que se insurgiram contra este argumento. Em setembro de 1937 o jornal *Gazeta de Tombos*, reproduzindo uma matéria de um jornal carioca, observou que:

Está-se desenvolvendo em nossos meios católicos uma mentalidade errada em relação ao problema catolicismo-integralismo. Que o integralismo, como doutrina, não se oponha, em seus princípios fundamentais, a doutrina católica, estou de acordo, mas que os católicos sejam obrigados a entrar para o integralismo afim de <<salvarem>> a Igreja, a religião católica e o Brasil... aí é que o começa a briga, torna-se necessário fazer alguns esclarecimentos, porque a confusão aumenta dia a dia, passando da esfera privada para a esfera pública : efetivamente, revistas e jornais católicos estampam artigos e opiniões firmados por nomes autorizados não só do laicato como do clero, onde se chega a pregar a obrigação que têm os católicos de entrar para o Partido Integralista.⁴⁸⁸

Prosseguindo, o autor da matéria supracitada advoga que os católicos não deveriam se valer de sua religião para fins políticos. Naturalmente, eles poderiam ingressar em qualquer partido político, desde que esse não fosse condenado pela Igreja Católica. Poderiam, inclusive, ingressar na AIB, que até aquele momento não fora condenada pela igreja de Roma. No entanto, sucedia que este ou aquele católico não simpatizava com o integralismo, motivo pelo qual

⁴⁸⁷ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 101.

⁴⁸⁸ *Gazeta de Tombos*, 21/09/1937, num. 200, p. III. Transcrito de *O Radical* 07/08/1937, num. 1629, p. II.

passava a ser tachado, nas palavras do autor da matéria, como “antipatriota”, “covarde”, “herege”, “cismatico” ou mesmo como alguém que dava combate ao sigma. Havia, inclusive, bispos que abertamente encorajavam os fiéis a ingressarem na AIB. Esses e outros aspectos, pareciam inadmissíveis ao autor da matéria em questão.

Houve também aqueles sacerdotes católicos que externaram sua oposição à AIB. Em dezembro de 1935 *Gazeta de Paraopeba*⁴⁸⁹ noticiou que Dom João Becker, arcebispo⁴⁹⁰ de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, havia distribuído às paróquias a ele subordinadas um documento “condemnando a concepção do Estado Integral.” Referindo-se a Plínio Salgado, o arcebispo defendeu que o país nunca se sujeitaria “ao arbítrio de um chefe de Estado totalitário.” O sacerdote advogou que o integralismo não garantiria mais direitos à sociedade do que aqueles já previstos na Constituição. Finalizou apontando que todos os brasileiros, com os católicos à frente, deveriam zelar pelo regime e pelas instituições vigentes.

Na mesma matéria *Gazeta de Paraopeba* reproduziu declarações contrárias ao sigma proferidas por outro sacerdote católico. Esse sustentou que o integralismo, sobretudo ao utilizar o nome de Deus, era uma “isca de demagogos, que os bons catholicos devem repellar.” O aludido clérigo afiançou que o integralismo pregava a mudança de regime por meios contrários à índole pacífica da sociedade brasileira. Além disso, ao determinar a obediência absoluta a um homem e não a Deus, o sigma tornava-se contrário aos “santos evangelhos”. Portanto, era necessário combater o integralismo, aplicando-se também a esse a Lei de Segurança Nacional. Direcionar esse dispositivo legal somente contra os “extremistas da esquerda”, finaliza o cônego, seria “unilateralidade”.

Conforme *O Sol*⁴⁹¹, jornal do município de Santos Dumont, o bispo de Juiz de Fora teria afirmado que o integralismo era uma ditadura que visava ao fim da liberdade individual e à mudança de regime político. Conforme o sacerdote essa mudança não era conveniente para o Brasil, cujas leis eram “boas e liberais”. Além disso, defendeu o clérigo, a religião católica preconizava que seus fiéis deviam “respeitar e prestigiar o governo constituído.”

Portanto, o integralismo foi uma questão que dividiu opiniões entre sacerdotes católicos em Minas Gerais. Enquanto alguns, como o bispo de Juiz de Fora, externaram sua oposição à AIB outros a apoiaram sutil ou abertamente. Diamantina foi um município em que integralistas e sacerdotes católicos mantiveram relações estreitas. Em setembro de 1937 o *Governador da*

⁴⁸⁹ *Gazeta de Paraopeba*, 15/12/1935, num. 1390, p. III.

⁴⁹⁰ Segundo Carone (1974, p. 203) D. João Becker foi o idealizador da Ação Social Brasileira, movimento de inspiração fascista surgido no Rio Grande do Sul em julho de 1935. O objetivo de seu movimento era “(...) iniciar uma ação mais violenta contra o comunismo e a democracia.”

⁴⁹¹ *O Sol*, 04/02/1936, num. 180, p. VI.

29ª Região indicou⁴⁹² ao *Chefe Provincial* o nome de dois padres como candidatos a deputado federal. Um dos indicados foi o padre que atuava como *Chefe Distrital* de Felisberto Caldeira. A atuação de camisas-verdes em Minas Gerais em eleições e campanhas é o objeto central do próximo capítulo.

⁴⁹² APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 227.

CAPÍTULO V

ELEIÇÕES E CAMPANHAS

5.1 – A AIB e a estratégia eleitoral

O objetivo deste capítulo é identificar a participação de integralistas no estado mineiro nas eleições municipais de 1936. Os principais questionamentos que orientam este capítulo são: Quais foram os preparativos do sigma para este processo eleitoral? Em quais municípios os seguidores de Plínio Salgado conseguiram se eleger? Que tipo de resistência encontraram durante as eleições?

Porém, antes de responder aos referidos questionamentos é necessário examinar a mudança de estratégia que levou a AIB a definir as eleições como a via mais oportuna para chegar ao poder. Segundo Bertonha (2009) a opção pelo golpe de Estado sempre integrou os horizontes políticos da direção nacional da AIB. No entanto, em 1935 essa organização definiu a via eleitoral como o caminho para chegar à presidência da República (BERTONHA, 2009). Apesar dessa mudança a AIB já havia participado de eleições em maio de 1933 e em outubro de 1934.

Segundo Carone (1974) os integralistas obtiveram seu registro eleitoral em abril de 1933. No mês seguinte participaram da eleição para a Assembleia Nacional Constituinte. Nesse pleito a AIB lançou em São Paulo as candidaturas de João C. Fairbanks, Miguel Reale, Pimentel Júnior e J. Sardinha. Entretanto, a votação desses foi irrisória, somando apenas dois mil votos (CARONE, 1974).

Conforme Parente (1999) nas eleições de 1933 os integralistas do Ceará foram apoiados pela Liga Eleitoral Católica (LEC). Nessa ocasião elegeram Jeovah Motta para a Assembleia Nacional Constituinte (PARENTE, 1999). No que tange a Minas Gerais não foram encontrados registros de integralistas concorrendo àquele pleito. Em maio de 1933, quando ocorreram as eleições para Assembleia Nacional Constituinte, o sigma era muito incipiente em terras mineiras. A documentação consultada revelou que àquela data havia um núcleo do sigma oficialmente fundado somente em Teófilo Otoni.

A nova Constituição foi promulgada em julho de 1934 e determinou a realização em até noventa dias de eleições para se compor a Câmara Federal e as Assembleias dos estados. Esses processos eleitorais foram realizados em outubro de 1934. Uma vez compostas, as Assembleias elaborariam as constituições de cada estado.

Em agosto de 1934 Plínio Salgado determinou⁴⁹³ que os integralistas de todo o Brasil deveriam apresentar candidatos às eleições estaduais e federal. Segundo o líder da AIB participar desse pleito constituía uma estratégia para se divulgar os princípios integralistas, atrair simpatizantes e fundar novos núcleos. Através de *A Offensiva o Chefe Nacional* ainda postulou que:

O voto é essa cousa que não vale nada, que nós integralistas desprezamos com asco. Desprezamos? Sim! E desprezamos tanto que vamos usar d'elle, para destruil-o. Oh! Os integralistas irão ás eleições. Para que? Para acabar com o voto. Para eleger homens que ergam a voz no parlamento afim de propor que se acabem definitivamente com os votos, com as eleições e com os deputados, com os partidos e com a liberal democracia.

Dizem que o voto é a garantia da liberal-democracia, a sua razão de ser. Pois bem. Usemos d'elle, para demonstrar que a liberal democracia é tão absurda que nos fornece as armas com que iremos liquidal-a.

Nosso voto é um sarcasmo. Nosso voto é um castigo. Nosso voto é um golpe de morte. Nosso voto é a negação do voto.⁴⁹⁴

Assim como em 1933, o sigma alcançou resultados pífios com as eleições de outubro do ano seguinte. Segundo *A Razão* “nas eleições de 1934 o Integralismo, em Minas, não logrou alcançar mil votos em toda a Província. Ano e meio depois, só em Belo Horizonte atinge a 1.539 votos, elegendo com sobra de 400 votos, um vereador.”⁴⁹⁵ Segundo Parente (1999) no estado do Ceará dois deputados estaduais foram eleitos pelo sigma com o apoio da LEC. Fagundes (2010) apurou que no estado do Rio de Janeiro a AIB lançou candidatos em dezesseis municípios. No entanto, a referida organização obteve pouco mais de dois mil votos naquele processo eleitoral. Segundo Carone (1974), comparativamente ao pleito de 1933 que elegeria os constituintes, nas eleições de 1934:

(...) os integralistas se apresentam com mais força, apesar de na maioria dos Estados não existirem candidatos seus: no Estado do Rio, por exemplo, em quase 120 000 votos alcançam 1 789, não elegendo ninguém; só em São Paulo é que elegem um deputado, João Carlos Fairbanks, que obtém 8 935 votos, isto é, 2,1% da porcentagem total. (CARONE, 1974, p. 209).

Nota-se uma divergência ínfima entre os números levantados por Carone (1974) e por Fagundes (2010). Todavia, ambos convergem ao postularem que nas eleições de 1934 para o legislativo federal e estadual os candidatos integralistas do estado fluminense obtiveram

⁴⁹³ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de agosto de 1934, num. 07, p. I.

⁴⁹⁴ *A Offensiva*, 16/08/1934, num. 14, pp. I e II.

⁴⁹⁵ *A Razão*, 25/06/1936, num. 11, p. I.

votação insignificante. *Monitor Integralista*, contudo, apresenta outro roteiro para essas eleições de 1934.

O aludido jornal argumentou que o sigma havia alcançado seus objetivos ao participar da referida eleição. Logo, advogou que o integralismo conseguiu divulgar seus preceitos e fundar novos núcleos. Em tom de vitória, o periódico oficial do sigma sustentou que: “Não houve município, cidade ou villa em toda a extensão territorial do paiz, em que os candidatos da A.I.B não fossem votados.”⁴⁹⁶ Segundo *Monitor Integralista* em todo o país os camisas-verdes obtiveram mais de 70 mil votos. Esses números, afiançou o jornal, elegeram candidatos no Amazonas, Piauí, Ceará, Alagoas, Santa Catarina e São Paulo. Todavia, esses números foram reduzidos pelo próprio *Chefe Nacional* quando esse afirmou que:

Por ocasião das ultimas eleições, para as Assembleias Constituintes Estaduaes e para a Camara Federal, realizadas em 14 de outubro de 1934, o Integralismo levou ás urnas, em todo o paiz, uma somma de mais de 40.000 votos, sendo que, só em São Paulo, attingiu a perto de 11.000.

Com isso, elegemos 1 deputado federal pelo Ceará; 2 deputados estaduais por este mesmo Estado; 1 deputado estadual por Alagôas, deixando de eleger um por Santa Catharina por terem sido annulladas as cédulas nossas em que havia sido impresso um traço, em desacordo com a lei.⁴⁹⁷

Essa divergência de números foi um elemento recorrente no discurso integralista. Os números divergiam entre si especialmente no que concerne à quantidade total de adeptos do sigma. A imprensa e a retórica integralista intensificaram as notícias sobre o crescimento da AIB em virtude das eleições municipais que seriam realizadas em 1936. Em vários municípios do país a referida organização apresentou candidatos àquele pleito. Entretanto, desde o ano anterior o sigma já se preparava para aquelas eleições. Um dos preparativos foi uma mudança de discurso observada por Bertonha (2009). Outro dos preparativos foi a mudança pela AIB de um dos trechos de seu estatuto. Ambas as mudanças estão intimamente ligadas à promulgação da Lei de Segurança Nacional no dia quatro de abril de 1935.

Em princípios desse ano tramitava no Congresso a Lei de Segurança Nacional (LSN). O objetivo dessa legislação era definir os crimes contra a ordem sociopolítica. A LSN foi sancionada em princípios de abril daquele ano como a lei nº 38. Segundo Carone (1974) essa lei não se dirigia contra a AIB, mas sim contra o movimento operário que se organizava através do PCB e de movimentos trotskista, anarquista e de outras tendências. Inicialmente, a LSN não se destinava nem mesmo à ANL, pois essa organização foi criada em março de 1935 e

⁴⁹⁶ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1934, num. 08, p. I.

⁴⁹⁷ *A Offensiva*, 24/08/1935, num. 67, p. I.

permanecia então como uma incógnita. Portanto, a LSN destinava-se especificamente à classe trabalhadora (CARONE, 1974). Motta (2000) avalia que:

A radicalização dos “extremistas”, uma expressão que entrou em voga à época e, dependendo do contexto podia significar somente comunismo ou os dois extremos (comunismo e integralismo) ao mesmo tempo, levou o Estado a considerar necessário editar uma legislação específica para a defesa da ordem, a Lei de Segurança Nacional (LSN). Na verdade, ainda que alguns círculos governamentais encarassem com desconfiança os seguidores de Plínio Salgado, o objetivo principal era restringir a ação do Partido Comunista. Durante a tramitação no Congresso parlamentares de oposição procuraram dar um enfoque equânime à lei, emendando-a de forma a atingir também a AIB. (MOTTA, 2000, p. 173).

Em fevereiro de 1935 *O Município*⁴⁹⁸, jornal da cidade de Caratinga, Vale do Rio Doce, repreendeu a forma como a LSN estava sendo redigida. Esse periódico advogou que o texto dessa lei não deixava claro a quem e a quais grupos ela se destinava. Apesar disto, o jornal sustentou que através da referida lei o Estado tentava se proteger dos comunistas e não dos integralistas e dos patrianovistas. Esses dois grupos eram ordeiros, não desejavam nenhum tipo de prejuízo ao Brasil e eram benquistos pela sociedade. Logo, para *O Município* a LSN deveria especificar que seu alvo seriam os comunistas.

Depreende-se das considerações de Motta (2000) e da matéria publicada por *O Município* que durante a tramitação da LSN existia o receio de que este dispositivo poderia se voltar contra o integralismo. Reforça esta constatação a seguinte matéria publicada por *A Offensiva* em abril de 1935:

UBERABA

Inscrição – Nesta hora de incertezas, quando o agiotismo internacional consegue manobrar os políticos liberaes, forçando-os a elaboração de leis iniquas, dentro das montanhas de Minas a alma popular accorda para a alvorada redemptora da Idéa Nova. E como está acontecendo na maioria dos nucleos desta Provincia, Uberaba pode tambem, com orgulho, apresentar o seu exemplo de civismo e de amor ao Brasil; entrou para as fileiras dos camisas-verdes o dr. (...), medico notavel membro de academia de Medicina e escritor de nomeada.⁴⁹⁹

Segundo *Anauê!*⁵⁰⁰ quando a LSN foi publicada alguns jornais da capital mineira sustentaram que ela extinguiria a organização comandada por Plínio Salgado. Como era de

⁴⁹⁸ *O Município*, 14/02/1935, num. 204, p. I. O diretor-proprietário de *O Município* era filiado ao patrianovismo. A Ação Imperial Patrianovista Brasileira (AIPB) foi uma organização fundada em 1928 cujo objetivo era a restauração da monarquia no Brasil. Convergia fortemente com o integralismo em seu fervor católico e porque ambos os movimentos eram anticomunistas, antiliberais, nacionalistas e contrários ao federalismo. Os patrianovistas até usavam a “camisa-branca” e, assim como os integralistas, sustentavam o discurso de que a organização em que militavam estava em franco progresso e destinada à vitória.

⁴⁹⁹ *A Offensiva*, 06/04/1935, num. 47, p. V.

⁵⁰⁰ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. IV.

costume, os integralistas rebateram esta acusação lembrando o caráter legal da AIB, então reconhecida como partido político.

Segundo Motta (2000) o texto final da LSN foi aprovado no final de março pelo Congresso. No início do mês seguinte Vargas sancionou a nova lei (MOTTA, 2000). Contudo, entre os dias sete e dez de março daquele ano de 1935 foi realizado o *II Congresso Integralista Brasileiro*. Esse evento alterou o estatuto da AIB ao inserir nesse que essa organização se constituía enquanto partido político. A historiografia relativa ao integralismo comumente enfatiza essa mudança, especialmente Trindade (1979) e Cavalari (1999).

Ao mesmo tempo em que modifica seus estatutos, pondera Bertonha (2009), a AIB ameniza seu discurso. Logo, passa a escamotear suas reais intenções de tomada do poder e começa a insistir em um suposto pacifismo. Esta mudança de estratégia por parte da AIB, verificada em princípios de 1935, é fruto da percepção de que ela não detinha forças suficientes para assaltar o poder com êxito. A via eleitoral insinuava-se, por ora, como a melhor opção ao integralismo (BERTONHA, 2009). Com base nas reflexões de Bertonha (2009), Trindade (1979) e Cavalari (1999) pode-se argumentar que a AIB antecipou-se à LSN. Fê-lo ao alterar seu estatuto, assumindo-se como partido político, e ao moderar sua retórica, insistindo que era uma organização pacífica.

Uma vez definida a via eleitoral como o caminho para ascender à presidência a AIB instensificou suas tentativas de justificar seu comparecimento às urnas. Fazê-lo era necessário, pois as críticas ao regime em vigor e ao sufrágio universal foram uma constante no repertório integralista. Logo, os camisas-verdes tinham ciência de que a participação em eleições poderia soar contraditório. *Aço Verde*, jornal integralista de Santa Rita do Sapucaí, em março de 1935 defendeu a participação do sigma nas eleições do ano seguinte. Em artigo denominado “Porque vamos às urnas?” o referido jornal esclareceu:

Exato não é, pois, que fizeram silenciar os nossos tambores; que abafaram o rumo das nossas marchas; que nos tiraram a tribuna popular; que nos impediram de prosseguir as caminhadas cívicas?

Nessas circunstancias, a que fomos levados pelo odio, pela inveja e pela intriga dos que põem a Patria abaixo dos seus sentimentos patrioticos, era, pois, forçoso, que agíssemos. Impunha-se a nossa adaptação no ambiente, mas dentro da ordem e da dignidade, sem manchar, sequer, de leve, a brancura das nossas convicções, sem quebrar a nossa linha de conduta. É o que faremos.

(...).

Mas, nem por isso, acrediteis, ó burguezes de pouca fé, que tenhamos pressa em chegar ao poder.

Com muitos ou poucos votos ficaremos satisfeitos.⁵⁰¹

⁵⁰¹ *Aço Verde*, 12/03/1935, num. 28, p. I. In: APM: [PASTA 4946 Santa Rita do Sapucaí - integralismo dez. 1935 - set. 1938](#). Doc. 111.

Artigos com títulos semelhantes ao do excerto acima foram publicados por outros núcleos do sigma. Nessas publicações os integralistas afiançavam que o comparecimento às urnas não os igualava aos políticos. Longe disso, pois apresentavam-se como superiores aos demais participantes do jogo eleitoral. Os integralistas admitiam que princípios nobres orientavam a conduta de membros das demais legendas políticas. Contudo, garantiam que esses homens nada poderiam fazer enquanto não vestissem a camisa-verde. O regime em vigor tolhia as boas intenções daqueles homens.

Em outro de seus números *Aço Verde*⁵⁰² defendeu que o voto havia se tornado um “verdadeiro tesouro” para os “políticos profissionais”. Conforme o jornal, esses políticos viajavam, distribuía folhetos, discursavam e gastavam somas consideráveis. No entanto, uma vez eleitos ocupavam-se em descansar e usufruir dos proventos que os mandatos lhes ofereciam. Os camisas-verdes agiam diferente, pois não faziam do voto “(...) <<um negocio da China>>, e sim um meio cívico, patriótico, sincero, fazendo honestamente, da política, o veículo lícito de galgar grandes posições em prol da coletividade tornando, assim, um país culto e civilizado.”

A anteposição de obstáculos à militância do sigma não foi uniforme em Minas, pois variou de acordo com o município e os ânimos de cada delegado de polícia. Não obstante, o crescimento da AIB e o fato de que essa organização apresentou candidatos às eleições municipais de 1936 fez aumentar contra si as energias repressivas.

Em Minas Gerais essas eleições foram realizadas em junho de 1936 a fim de eleger juízes de paz e preencher os quadros das Câmaras e, indiretamente, dos executivos municipais. Esses seriam eleitos pelo grupo político que obtivesse a maioria dos assentos em cada município. Contudo, nem todas as cidades mineiras que possuíam núcleos do sigma apresentaram candidatos às eleições municipais. Naturalmente, porém, aqueles núcleos que apresentaram candidatos esforçaram-se por elegê-los. Um dos maiores esforços dos camisas-verdes voltados às eleições foram as *Escolas Integralistas*. A criação e funcionamento desses órgãos é o objeto de exame do tópico seguinte.

5.2 – As escolas integralistas

⁵⁰² *Aço Verde*, 25/05/1935, num. 29, p. III. In: APM: [PASTA 4946 Santa Rita do Sapucaí - integralismo dez. 1935 - set. 1938](#). Doc. 111.

Em Minas Gerais, e em outros estados do Brasil, os camisas-verdes criaram e mantiveram suas *Escolas Integralistas*. Seria anacronismo remeter essas iniciativas aos modelos atuais⁵⁰³ de educandários. O que os camisas-verdes ofereciam eram cursos de alfabetização, corte e costura, matemática ou datilografia. Geralmente, as aulas eram ministradas três vezes por semana com duração média de duas horas. Em Itajubá um curso de alfabetização de crianças denominado *Escola do Sigma*⁵⁰⁴ teve início em setembro de 1935 e fim em meados de dezembro desse ano. Geralmente os núcleos abrigavam as *Escolas Integralistas*. Mas, havia casos em que as aulas eram ministradas na residência de uma blusa-verde.

Não se pode dissociar o oferecimento de *Escolas Integralistas* do desejo da AIB de participar das eleições municipais e presidenciais. É claro que a divulgação de todas as virtudes que os integralistas arrogavam cultivar e a divulgação dos serviços que diziam oferecer à sociedade tinham por objetivo atrair mais adeptos e votos à causa verde. Neste sentido, é bastante complexo delinear o que se voltava e o que não se voltava à campanha política. O mais adequado é postular que o integralismo mantinha-se em permanente campanha. Apesar deste fenômeno, é correto depreender que o esforço integralista de alfabetização se direcionava especificamente às eleições. Não obstante, o oferecimento de cursos de alfabetização pelo sigma remonta, pelo menos, ao início de 1934. Em janeiro deste ano *Monitor Integralista* preconizou que:

Em varias Provincias Integralistas vem sendo creadas Escolas de cursos primario e secundario, destinadas a operarios e creanças que careçam de instruccão. No Ceará, na Bahia e no Estado do Rio, o funcionamento dessas Escolas, que são absolutamente gratuitas, tem produzido optimos resultados, accusando todas um notavel augmento de frequencia.

A Provincia de S. Paulo está organisando a sua primeira Escola Integralista que irá funcionar no bairro do Braz e cuja inauguração se dará no proximo mez de Fevereiro.⁵⁰⁵

Não parece razoável que núcleos de outros estados tenham fundado *Escolas Integralistas* antes de São Paulo, berço do sigma. O mais provável é que os cursos de alfabetização criados no Ceará e na Bahia não fossem mantidos por núcleos integralistas, mas sim por organizações que contaram com a presença de camisas-verdes e simpatizantes da AIB.

⁵⁰³ Pesquisa desenvolvida entre 2017 e 2021.

⁵⁰⁴ *A Offensiva*, 28/12/1935, num. 85, p. V.

⁵⁰⁵ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de janeiro de 1934, num. 04, p. I.

Este trabalho não encontrou referências a alguma *Escola Integralista* em Teófilo Otoni durante o ano de 1933. No ano seguinte as referências aos cursos de alfabetização mantidos pela AIB aludem a Belo Horizonte e a Juiz de Fora. Em julho de 1934 o núcleo desse município promoveu a sua *Semana Integralista*. Um dos frutos desse evento foi a ‘(...) criação da “Escola Integralista” para operarios que deve começar a funcionar ainda esta semana, com aulas diarias na séde do nucleo.’⁵⁰⁶

A fundação de *Escolas Integralistas* em Minas obedeceu ao desenvolvimento do sigma nesse estado. Em setembro de 1935 *Anauê!* assegurou que estavam “funcionando normalmente”⁵⁰⁷ doze *Escolas Integralistas* em Minas. Essas localizavam-se nas cidades de: Belo Horizonte, Campanha, Cambuquira, Diamantina, Juiz de Fora, Maria da Fé, Poços de Caldas, Presidente Pena, Raul Soares, Santa Rita do Sapucaí e Varginha. À exceção das *Escolas Integralistas* de Diamantina e Presidente Pena, nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, as demais localizavam-se regiões Central, Sul e Zona da Mata.

A *Escola Integralista Nicola Rosica*, mantida pelo núcleo de Diamantina, foi fundada em 1935. Na pasta do fundo DOPS-MG relativa às investigações sobre o integralismo naquela cidade há listas de presença e de lançamento de notas aos alunos daquele curso de alfabetização. Há também a referência a um ofício⁵⁰⁸ recebido em meados de 1937 da Secretaria Estadual de Educação e Saúde Pública. Esse documento orientava a *Escola Integralista* diamantinense a se registrar na Secretaria do Interior.

Em janeiro de 1936 *Anauê!* publicou uma nova relação das “*Escolas Integralistas em Minas Geraes*”⁵⁰⁹. Essas chegavam então a 23 distribuídas em 22 cidades/distritos. Porém, aquele cenário apresentado em setembro de 1935 sofreu pouca alteração em janeiro do ano seguinte. Logo, os cursos de alfabetização mantidos pelo sigma ainda se concentravam nas regiões Central, Sul e Zona da Mata. Conforme *Anauê!* as exceções continuavam sendo os núcleos de Diamantina, Presidente Pena e agora Ituiutaba.

Ao longo de 1936 houve um aumento na quantidade de *Escolas Integralistas* em Minas. Em julho daquele ano o núcleo de Uberlândia passou a oferecer um curso de alfabetização. Porém, as regiões Central, Sul e Zona da Mata continuaram a abrigar uma maior quantidade de *Escolas Integralistas*. Essa distribuição desigual não se alterou em Minas, pelo menos, até meados de 1937.

⁵⁰⁶ *Anauê!*, 07/1934, num. 04, p. I.

⁵⁰⁷ *Anauê!*, 29/09/1935, num. 11, p. IV.

⁵⁰⁸ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 04.

⁵⁰⁹ *Anauê!*, 05/01/1936, num. 13, p. II.

No estado em questão houve aqueles que manifestaram cautela no que tange às *Escolas Integralistas*. Houve ainda aqueles que as conceberam como uma forma de desrespeito às instituições. Em junho de 1936 o delegado de Teófilo Otoni consultou o Chefe de Polícia se as *Escolas Integralistas* dessa cidade podiam funcionar. Embasou sua indagação asseverando que naqueles recintos era “(...) ensinada ideologia Plínio Salgado e o desrespeito as instituições nacionais como o hino nacional que so e´ cantado pela metade e comentarios desrespeitosos a nossa constituição.”⁵¹⁰ Os integralistas não cantavam a segunda parte do hino nacional porque recusavam-se a entoar a estrofe “deitado eternamente em berço esplendido.” Essa recusa foi um dos pontos que mais motivou críticas por parte de delegados locais aos integralistas. Esses militantes, inclusive, eram acusados de ensinar o hino nacional pela metade às crianças.

A fundação de uma *Escola Integralista* frequentemente chegava às páginas de *A Offensiva*. Esse jornal noticiou a abertura de uma turma de alfabetização em Miraí, Zona da Mata, com a seguinte manchete: “Mais outra escola e’ assim que o sigma conquista a nação”⁵¹¹ Os núcleos locais consumiam aquele periódico e reproduziam suas notícias para os militantes e também para o público externo. Desta forma, os núcleos advogavam que AIB estava empenhada em um trabalho de alfabetização do povo brasileiro. Seguindo o exemplo de *A Offensiva*, o jornal do sigma em Pouso Alegre divulgou a abertura de *Escolas Integralistas* em manchetes intituladas: “Diariamente a A.I.B. abre escolas e cursos”⁵¹²; “Escolas e mais escolas”⁵¹³ ou “O <<Extremismo subversivo>> continua abrindo escolas!”⁵¹⁴

A Razão também deu publicidade ao oferecimento de cursos por núcleos de outros estados. Conforme esse jornal no município de Sabino Pessoa, Espírito Santo, um delegado havia fechado em maio de 1936 um curso de alfabetização mantido pelo núcleo local. Procedeu desta forma alegando que aquela iniciativa do sigma era um risco à segurança nacional. Entretanto, *A Razão*⁵¹⁵ estabeleceu que a segurança nacional continuava em risco, pois ainda naquele mês de maio haviam sido abertas mais “quatro escolas primarias”, três delas no Rio de Janeiro e outra em Goiás.

Segundo a AIB as *Escolas Integralistas* teriam por objetivo tirar o povo da ignorância. Contudo, *A Razão* deixou claro que: “Em todas as cidades do paiz, escolas de alfabetização para adultos e departamentos especializados asseguram aos <<camisas-verdes>> um

⁵¹⁰ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 135.

⁵¹¹ *A Offensiva*, 16/02/1937, num. 414, p. I.

⁵¹² *A Razão*, 23/07/1936, num. 15, p. I.

⁵¹³ *A Razão*, 25/09/1936, num. 11, p. I.

⁵¹⁴ *A Razão*, 08/04/1937, num. 51, p. I.

⁵¹⁵ *A Razão*, 21/05/1936, num. 06, p. II.

crescimento eleitoral jamais atingido por nenhum outro partido.”⁵¹⁶ Essa confissão foi um caso isolado em meio aos documentos pesquisados.

A AIB raramente admitiu que um dos seus maiores objetivos com as *Escolas Integralistas* era aumentar seu contingente eleitoral. Cada militante alfabetizado representaria um voto a mais para a AIB, fosse nas eleições municipais de 1936 ou naquelas previstas para janeiro de 1938. Havia ainda, a expectativa de que os não integralistas alfabetizados pelos núcleos votassem nos candidatos pertencentes à legenda verde.

Segundo Cavalari (1999), especialmente a partir de 1935 quando se torna partido político, a AIB se valeu amplamente da militância feminina com o objetivo de formar uma “massa eleitoral integralista”. A partir de 1936 intensificam-se no interior daquela organização as campanhas de alfabetização, voltadas especialmente aos adultos. Como reflexo, as notícias sobre a abertura de “escolas de alfabetização” por núcleos integralistas tornam-se mais abundantes a partir de 1936 (CAVALARI, 1999).

Conforme Barbosa (2013) o integralismo atraiu mulheres para as hostes verdes afim de com essas e através dessas aumentar o eleitorado favorável ao sigma. O papel feminino na alfabetização de militantes e não militantes foi fundamental para a difusão dos preceitos do sigma. Este papel alfabetizador foi importante ainda para a formação de uma “massa eleitoral integralista” (BARBOSA, 2013).

Cavalari (1999) observa que, à medida que se aproximava a campanha eleitoral para a Presidência da República, a alfabetização ganhava mais espaço na imprensa e nas atividades do sigma. Não foi por acaso que a *Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos* (SNAFP) foi criada em 1936. Em outubro desse ano o *Chefe Nacional* determinou a seus seguidores em todo o Brasil que redobrassem esforços com o objetivo de fundar as *Escolas Integralistas*. Plínio Salgado desejava que em pouco tempo não houvesse sequer um núcleo no país que não possuísse uma escola (CAVALARI, 1999).

Algumas blusas-verdes que atuavam nos cursos de alfabetização do sigma também eram professoras em escolas primárias locais. A documentação do DOPS-MG apresenta casos de blusas-verdes que defendiam os ideais integralistas em sua prática docente. Em agosto de 1937 aquele órgão de segurança determinou mais uma vez que delegacias do estado apurassem quem eram os funcionários públicos locais filiados à AIB.

A delegacia de Divinópolis apurou que uma das professoras era a “chefe e maior propagandista do integralismo, pois diariamente faz preleção integralista aos seus alunos, no

⁵¹⁶ A *Razão*, 08/04/1937, num. 51, p. IV.

proprio estabelecimento do Grupo Escolar desta cidade.”⁵¹⁷ Em suas investigações para identificar os funcionários públicos integralistas a delegacia de Alvinópolis recorreu ao “Livro de Occurencias” de uma escola local. Com base neste concluiu que três professoras eram blusas-verdes. Seguem abaixo as observações inerentes a cada uma destas professoras:

(...) manifestou-se integralista, concorreu, nas eleições de Junho de 1936 (municipaes) com o seu voto e trabalhou para o “Sigma”. Em 14 de Julho de 1936, discutiu, com suas collegas, no pateo do Grupo, assumptos politicos, defendêdo o integralismo, cuja attitude se manifestaria até pessoalmente ao Sr. Governador Benedicto Valadares, se si offerecêsse a oportunidade, pois admira Plinio Salgado e não o Sr. Governador. Estas palavras fôram testemunhadas e estão no “Livro de Occurencias” do “Grupo Escolar” Tomadas em inquerito pelo Sr. Director.

(...) – adepta fervorosa do “Sigma”, manifestando-se favoravel ao mesmo e pelo seu triumpho dêu, pelas ruas, extrepitosos “anauês” saudações de Plinio Salgado, de quem, como ella propria diz, é fervorosa admiradora e quem, ao seu vêr, deve governar o Brasil, para felicidade do povo brasileiro. E, pelas ruas, discute francamente politica, ora com um, ora com outro e todas as oportunidades que se lhe offereceu, deu o seu parecer favoravel ao integralismo.

(...) – integralista juramentada, trabalhou para o crescimento do “Sigma” nesta localidade, moral e materialmente. Maltratou alunos no “Grupo Escolar de Saúde” filhos de pessôas contrarias às ideias verdes e fêz prelecção sobre sobre os acontecimentos de Campos, estado do Rio de Janeiro, taxando a policia fluminense de comunista.”⁵¹⁸

Não foram somente as blusas-verdes que defenderam o integralismo em sua atuação docente. Ainda em 1934 o então *Chefe Municipal* de Três Corações, durante um evento na escola em que trabalhava, “pronunciou vibrante oração, concitando as moças a cerrarem fileiras em torno da Grande Causa.”⁵¹⁹

Em Virginópolis havia um integralista que atuava como diretor de uma escola local. Aquele militante utilizou-se de suas funções em prol do sigma. Mas, esse integralista havia recebido a ordem de trabalhar pela AIB discretamente. Em novembro de 1937, porém, em carta a outro camisa-verde reconheceu:

não tenho sido capaz de cumprir bem as ordens que recebi de ficar incógnito. É, aliás, difficil para mim a obrigação de trabalhar pela A.I.B. “encubado” nas conveniencias impostas pelos deveres do cargo em face das incompreensões, do odio, das suspeitas, etc. (E dizem que isto é liberal democracia!... – Deus me livre dessa liberdade).

Ultimamente fui denunciado como integralista. O Governo mandou abrir syndicancia rigorosa no Grupo. – Em “Estado de Guerra” para combater o communismo, estão á caça de integralista (!!...). Tive muitos ímpetos naquella situação aparentemente dolorosa, exteriormente angustiosa, mas interiormente confortadora e moralmente honrosa para mim. Fiz grande esforço para ser disciplinado no cumprimento da ordem que recebi de ficar incógnito, mas, no mínimo, parece-me, terei sido considerado sympathisante. O Chefe local (do nucleo,

⁵¹⁷ APM: [PASTA 4602 Divinópolis - integralismo out. 1936 - fev. 1939](#). Docs. 30 e 31.

⁵¹⁸ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 41 e 42.

⁵¹⁹ *A Offensiva*, 09/08/1934, num. 13, p. V.

respondendo aos quesitos que lhe foram formulados pelo syndicante, declarou que eu não sou inscripto em nenhum nucleo do Paiz e poz a inscripta do nucleo á disposição.⁵²⁰

Embora tenha recebido a ordem de atuar discretamente aquele integralista de Virginópolis fazia propaganda explícita para a AIB. Ele promovia reuniões de cunho político em sua residência. Além disto, afixava na frente dessa folhetos de propaganda da AIB e recortes de jornais com notícias favoráveis a essa organização. Em cartas a superiores aquele militante externava seu desejo de assumir, tão logo fosse possível, sua condição de integralista.

Logo, em Minas existiram homens e mulheres que defenderam o sigma em escolas que não eram vinculadas à AIB. Apesar disto, foi comum os membros dessa organização afirmarem que em todo o Brasil professores corrompiam a juventude. Segundo essa narrativa esses docentes agiam de forma nefasta ao enaltecer o comunismo em sala de aula desde a educação infantil até o ensino superior.

Além das *Escolas Integralistas* desde 1935 a AIB vinha orientando seus militantes sobre os procedimentos a serem adotados nas eleições do ano seguinte. Estas orientações e a propaganda integralista em Minas são o objeto de análise do tópico abaixo.

5.3 – Eleições de 1936: preparativos e propaganda integralista

A finalidade máxima dos integralistas era a vitória do sigma, em outros termos, ascender à presidência e implantar o Estado Integral. Por conseguinte, estiveram em campanha permanente a fim de atrair mais adeptos, fundar mais núcleos e difundir a imagem que idealizavam de si mesmos. Neste sentido, assim como qualquer organização política, a AIB jamais limitou sua propaganda aos períodos eleitorais. Uma vez estabelecida a estratégia de chegar ao poder pelas urnas, os camisas-verdes inicialmente voltaram seus esforços e propaganda à conquista dos Legislativos e Executivos municipais.

A AIB determinou que seus adeptos concorressem às eleições municipais de 1936. Somente aos integralistas juramentados era permitido compor as chapas, que deviam ser formadas por militantes de diferentes profissões e classes sociais. Os candidatos a prefeito deviam ser, preferencialmente, os *Chefes Municipais*. Acordos com grupos políticos locais não poderiam ser firmados. Essas determinações que pormenorizavam a conduta dos militantes

⁵²⁰ [PASTA 5003 Virginópolis - integralismo maio 1937 - nov. 1942](#). Docs. 35 e 36.

foram publicadas, sobretudo, em *Monitor Integralista*. Algumas destas normatizações foram publicadas meses antes do pleito de 1936 e enviadas aos núcleos.

Esse foi o caso de um documento⁵²¹ publicado em maio de 1935 que estabelecia as atribuições de *Chefes Provinciais* e *Chefes Municipais* nas eleições de 1936. Sucintamente, cabia aos primeiros estudar a legislação eleitoral vigente, proceder ao registro das chapas e prestar suporte, sobretudo jurídico, aos núcleos de suas *províncias*.

Os *Chefes Municipais* deveriam imprimir e distribuir pela cidade folhetos com as propostas do sigma. Deveriam qualificar como eleitor todos os camisas-verdes a ele subordinados. Esta incumbência não se resumia à alfabetização dos militantes. Muitas vezes era necessário providenciar alguns documentos, a exemplo de certidões de casamento e registros de filhos. Esse trabalho de alfabetização e busca por documentos estendia-se aos familiares dos militantes. Em alguns casos era preciso solicitar aos núcleos de outras localidades que procedessem à busca e envio dos documentos de alguns militantes. Esses documentos eram buscados em fóruns, cartórios e igrejas.

Cabia também aos *Chefes Municipais* orientar seus subordinados e os familiares desses quanto ao dia e horário das eleições, às seções em que esses deveriam votar e facilitar o transporte daqueles que necessitassem. Para tanto, os *Chefes Municipais* deveriam, se necessário, proceder ao levantamento de recursos financeiros. Essas lideranças integralistas deveriam ainda aferir o número total de eleitores do município, o número de eleitores camisas-verdes e indicar a relação de partidos que concorreriam ao pleito. Essas informações deveriam ser enviadas à *Secretaria Provincial de Organização Política* (SPOP) e à *Secretaria Nacional de Organização Política* (SNOP).

Em agosto de 1935 *Monitor Integralista*⁵²² publicou uma circular detalhando como deveria ser a atuação dos núcleos municipais no pleito de 1936. Uma das instruções determinava que os camisas-verdes recorressem ao judiciário caso houvesse obstáculos à propaganda integralista, fechamentos de núcleos e proibições de desfiles e comícios em público. Um resumo dos direitos que assistia a todos os partidos políticos também constava naquela circular. Por fim o documento em questão estabeleceu que todos os núcleos deveriam receber uma cópia do registro da AIB como partido político.

⁵²¹ *Monitor Integralista*, 07/05/1935, num. 10, p. 11.

⁵²² *Monitor Integralista*, 25/08/1935, num. 11, p. I. Circular emitida pela *Secretaria Nacional de Organização Política* (SNOP). O Estado de Guerra, vigente de março de 1936 a junho de 1937, proibiu concentrações políticas em via pública.

Portanto, desde meados de 1935 os adeptos do sigma recebiam instruções inerentes à disputa eleitoral do ano seguinte. Ao mesmo tempo esforçavam-se por justificar a sua participação nesse processo e tentavam mostrar a força e o crescimento da AIB. A importância das eleições municipais de 1936 para o sigma é ilustrada pelo trecho abaixo:

As próximas eleições municipais oferecerem amplas possibilidades de desenvolvimento da nossa propaganda doutrinária e eleitoral em todo o Paiz. Em cada município os integralistas deverão pleitear os cargos de vereadores e prefeitos. Teremos ainda uma grande vantagem se conseguirmos eleger algumas centenas de vereadores e algumas dezenas de prefeitos no Paiz, serão centenas de companheiros com imunidades legais no âmbito de cada município para actuar mais livremente em benefício da nossa propaganda. Quanto à posse das prefeituras teremos em nossas mãos as chaves de muitas armas, o que é importante, tendo-se em vista a possibilidade de insurreições comunistas.⁵²³

Em princípios de maio de 1936 *O Integralista*⁵²⁴ publicou a matéria “Integralismo Marcha”. Nessa o periódico afirmou que “800 mil << camisas verdes >>, já mandaram dizer um por um a Plínio Salgado: Chefe, conte comigo deante da vida e da morte.” A matéria postulou ainda que nos estados do Rio Grande do Sul, Ceará, Alagoas, Espírito Santo, Bahia, Santa Catarina, Pernambuco, São Paulo e Paraná o sigma havia conseguido “(...) eleger um número bem elevado de prefeitos e mais de duas centenas de vereadores.”

Integralistas da cidade mineira de Leopoldina concorreram às eleições de 1936. Em um *Manifesto aos Leopoldinenses*⁵²⁵, reproduzindo palavras do *Chefe Nacional*, os camisas-verdes daquele município estabeleceram que votar no integralismo era um ato de respeito a Deus, à pátria e à família. O comunismo seria mais fraco, exatamente na medida que o integralismo fosse forte.

O núcleo de Pouso Alegre foi outro a constituir uma chapa para disputar as eleições municipais de 1936. O empenho eleitoral dos militantes daquela cidade pode ser acompanhado através das páginas de *A Razão*. Esse jornal apresentou os candidatos do sigma como esses se autoimaginavam, ou seja: como homens modestos e sem ambições pessoais, mas que fariam de tudo pelo desenvolvimento nacional e das cidades em que residiam. Logo, os integralistas eram a renovação e a moralização da política. Eram homens novos que a custa de toda sorte de privações e de sacrifícios e apesar de toda a oposição, desprezo e ódio que encontravam, se propunham a fazer uma política diferente e, sobretudo, abnegada.

⁵²³ *Monitor Integralista*, 25/08/1935, num. 11, p. IV.

⁵²⁴ *O Integralista*, 03/05/1936, num. 09, p. III. In: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 06.

⁵²⁵ APM: [PASTA 4721 Leopoldina - integralismo jun. 1935 - nov. 1941](#). Doc. 84.

Apesar de toda essa idealização o jornal integralista de Pouso Alegre reproduziu leituras assaz críticas e aguçadas do mundo político que o cercava. Em seu primeiro número, datado de março de 1936, aquele jornal teceu análises lúcidas relativas aos partidos e ao regime político. Entretanto, cada denúncia de uma mazela do sistema político vigente era acompanhada por um enaltecimento desmedido dos valores e das intenções que os integralistas arrogavam cultivar.

Além disso, ao mesmo tempo em que denunciava, por exemplo, a indistinção entre as legendas e a ausência nessas de conteúdos partidários, *A Razão* esforçava-se por apontar que não havia saída no atual regime. A implantação do Estado Integral, inevitável na ótica dos camisas-verdes, era a única saída para todos os problemas vividos pelo Brasil.

Durante a campanha de 1936, e em todos os seus números, *A Razão* salientou ainda o fato de que a AIB, convertida em partido político, desfrutava de existência plenamente legal. Observadora rigorosa da Constituição, a AIB era a única legenda presente em todo o território brasileiro e a única que tinha um programa partidário bem definido e anteriormente apresentado à sociedade. Por outro lado, assegurou *A Razão*, os demais partidos cingiam-se a este ou àquele estado e não haviam apresentado seus conteúdos programáticos à sociedade.

A Razão salientou ainda que os camisas-verdes de Pouso Alegre não empregariam táticas escusas durante a corrida eleitoral. Portanto, não recorreriam a amizades, a promessas e a acordos com outros grupos políticos. Esse era mais um elemento que distinguia a AIB dos demais partidos.

Conforme *A Razão* a chapa verde em Pouso Alegre não havia sido escolhida de última hora e tampouco era o resultado de intrigas e conchavos. Os membros da chapa integralista não eram homens de prestígio político e riqueza. Longe disto, seriam homens simples e pertencentes a todas as classes sociais e a várias profissões. Supostamente, eles nem foram consultados se desejavam concorrer à disputa eleitoral. Porém, sem discutir formaram aquela chapa em virtude de determinações superiores e da disciplina que imperava no seio da AIB.

A Razão sustentou ainda que se os integralistas de Pouso Alegre conseguissem eleger pelo menos um vereador à Câmara, todos os demais camisas-verdes que disputaram as eleições iriam ocupar, ainda que por alguns meses, um assento no legislativo municipal. A renúncia sucessiva viabilizaria esta medida. Uma carta de renúncia sem data teria sido assinada pelos camisas-verdes antes das eleições. Dessa forma, até mesmo o “operário” integrante daquela chapa iria ocupar uma cadeira como vereador. Logo, provaria que não era um mero “enfeite” entre os integralistas que disputavam a eleição.

Segundo *A Razão* os camisas-verdes eram desinteressados a ponto de não ambicionar o poder. Logo, não se interessavam em ocupar cargos temporários e negociar empregos e posições igualmente temporárias. Os integralistas eram imunes à política fundamentada na troca de favores, na criação de intrigas e na oposição intransigente aos partidos situacionistas. No que tange a esse aspecto, se fosse para o desenvolvimento de Pouso Alegre, eles apoiariam “indiferentemente governistas e situacionistas, mesmo se forem nossos inimigos declarados. Em hipótese nenhuma, porem, faremos quaisquer acordos ou conchavos e nem nos desviaremos da rígida linha de conduta estabelecida.”⁵²⁶ Neste sentido, era apenas a construção de um país melhor que orientava a militância integralista.

Por outro lado, os detratores e inimigos do integralismo seriam homens vazios, mas que compreendiam a força dos camisas-verdes e temiam que esses alcançassem a vitória. Já em seu primeiro número *A Razão* classificou genericamente os vereadores, prefeitos e demais ocupantes de cargos eletivos como “(...) políticos liberais, frutos deteriorados de uma árvore má.”⁵²⁷ Diferentemente da AIB as demais legendas almejavam assentos nos poderes Executivo e Legislativo imbuídos somente do desejo de satisfazerem interesses pessoais. Os membros dos “partidos tradicionais”, os políticos “liberais democratas”, os “políticos da coronel democracia”, como os designava *A Razão*, procuravam os eleitores e a sociedade em geral somente às vésperas das eleições. As legendas a que esses políticos pertenciam, diferenciavam-se apenas em seus nomes, uma vez que o fisiologismo⁵²⁸ era o denominador comum entre todas elas.

Para conquistar o voto de alguns eleitores, aponta o jornal integralista de Pouso Alegre, bastava que aqueles políticos distribuíssem acenos e abraços àqueles. Em alguns casos, era necessário que os políticos retornassem às residências daqueles eleitores que só eram visitados por eles quadrienalmente. A outros eleitores, mais desconfiados ou pragmáticos, era necessário recorrer à lembrança de antigos favores concedidos, bem como assegurar a concessão de novos.

Segundo *A Razão* os políticos situacionistas ainda lembravam aos eleitores que não era sensato votar contra o governo. Esse podia ser generoso para com os seus partidários e implacável para com os adversários. O jornal integralista de Pouso Alegre observou também que quando era a oposição política em campanha essa prometia a redução ou a anistia de impostos.

⁵²⁶ *A Razão*, 04/06/1936, num. 08, p. I.

⁵²⁷ *A Razão*, 13/02/1936, num. 01, p. II.

⁵²⁸ Este termo não é utilizado por *A Razão* em nenhum de seus números, porém, traduz a prática que este jornal denunciava.

Uma vez encerrada a propaganda eleitoral *A Razão* publicou a nota intitulada *Safra Eleitoral*⁵²⁹. Nessa assegurou que não possuindo valores e convicções ideológicas os “partidos liberais” apostaram na desqualificação pessoal dos adversários, em amizades e em favores concedidos e a se conceder. Mas, as adesões partidárias de última hora, os boatos, os ataques pessoais, dentre outras práticas comuns ao período eleitoral seriam, em maior grau, frutos do regime político e não dos líderes partidários. Segundo *A Razão* era a política quem forçava os homens àquelas atitudes reprováveis, pois a “(...) liberal-democracia é uma verdadeira maquina de moer o caráter e a boa intenção dos políticos.” *A Razão* também ressaltou que em Pouso Alegre não se observaram violências e os adversários políticos mantiveram alguma cordialidade entre si. Esses aspectos, na ótica de *A Razão*, eram motivos de orgulho para o município de Pouso Alegre.

A divulgação dos resultados eleitorais em 1936 trouxe consigo um quadro desfavorável aos candidatos do sigma em Pouso Alegre. Nenhum deles conseguiu se eleger. Apesar desse revés político, *A Razão* manteve o tom ameno e elogioso para com os eleitos. Esses seriam homens bem-intencionados, mas que representavam o “governismo” e o “oposicionismo”. Esse fenômeno entravava o desenvolvimento da administração pública. Não obstante, aqueles dois grupos poderiam conduzir uma boa gestão pública se porventura se esquecessem do “espírito de facção”.

Embora tenham sido derrotados nas eleições municipais, os integralistas de Pouso Alegre se apresentaram como os grandes vencedores deste pleito. Mas, ainda assim postularam que as eleições municipais tinham pouca relevância para o sigma. Advogaram que mesmo se obtivessem a maioria nos legislativos locais e conseguissem eleger os prefeitos, não lhes seria possível implantar o Estado Integral. A única vantagem em obter a maioria nos legislativos municipais e conseguirem indicar os prefeitos seria uma “administração completamente livre da politicagem.”⁵³⁰

Ainda empenhados em justificar a derrota, os integralistas de Pouso Alegre argumentaram que não teriam conseguido mais votos porque o Estado de Guerra os havia impedido de realizar uma campanha mais eficiente. Além disso, muitos políticos haviam assegurado aos simpatizantes do integralismo que não seriam válidos os votos nos candidatos do sigma. Outras pessoas teriam deixado de votar nos camisas-verdes por estarem comprometidas com outros candidatos em virtude de parentescos, amizades e promessas.

⁵²⁹ *A Razão*, 04/06/1936, num. 08, pp. I e II.

⁵³⁰ *A Razão*, 18/06/1936, num. 10, p. I. A discussão inerente ao fato de os integralistas se considerarem os vencedores das eleições de 1936 foi retirada deste número.

Finalmente, os integralistas teriam se negado a pedir votos até mesmo a seus familiares e a utilizar os métodos de que lançavam mão os “políticos liberais”.

Outro motivo que atestaria a vitória dos camisas-verdes de Pouso Alegre nas eleições de 1936, embora não tenham conseguido se eleger, foram os cem votos que eles teriam recebido de não integralistas. Essa centena de eleitores teria votado nos candidatos da AIB em Pouso Alegre sem que lhes fosse prometida compensação alguma, o que era motivo de orgulho para os integralistas. Esses cem eleitores, afirmou *A Razão*, teriam votado não em homens, mas em ideias. Logo, os integralistas de Pouso Alegre saíam da eleição como os reais vencedores, sobretudo, porque teriam mantido uma superioridade moral durante as eleições.

Integralistas de outras cidades mineiras também se esforçaram por diminuir seus reveses eleitorais. Antevendo as derrotas que lhes aguardavam os camisas-verdes começaram a argumentar antes das eleições de 1936 que a mera participação nesse processo constituía uma vitória. Esses militantes afiançaram também participar das eleições era um ato de bravura. Segundo este discurso os integralistas eram corajosos pois, resguardados somente pela camisa-verde, dispunham-se a enfrentar as violências e as perseguições de líderes políticos e de comunistas.

Porém, ao mesmo tempo em que tentaram escamotear seus reveses eleitorais camisas-verdes de Pouso Alegre e de outras cidades de Minas deram publicidade às vitórias integralistas. *A Razão*, por exemplo, alardeou as vitórias eleitorais do sigma até mesmo em cidades de outros estados. Naturalmente, as derrotas eleitorais dos camisas-verdes Brasil afora não foram publicados por *A Razão*. Nas páginas desse jornal, como não poderia deixar de ser, encontram-se tão somente as vitórias, o crescimento e a força do integralismo.

A Razão começou a divulgar as vitórias eleitorais do sigma antes mesmo de tentar justificar a derrota dos camisas-verdes em Pouso Alegre. Em sua quarta edição⁵³¹ aquele jornal apontou que o núcleo do sigma em Fortaleza, Ceará, havia conseguido eleger dois vereadores. Nesse mesmo estado o sigma elegeu os prefeitos das cidades de Baturité, Pacatuba e Quixadá. Em Santa Catarina⁵³² os integralistas teriam conseguido eleger 75 companheiros em várias cidades para o cargo de vereador. Conseguiram ainda eleger no mesmo estado os prefeitos das cidades de Blumenau, Rio do Sul, Joinville, Timbó, Jaraguá e outros dez municípios. O situacionismo catarinense, inconformado com esse cenário, teria pleiteado a anulação daquelas

⁵³¹ *A Razão*, 01/05/1936, num. 04, p. IV.

⁵³² *A Razão*, 21/05/1936, num. 06, p. II.

vitórias eleitorais. No entanto, um recurso impetrado pelos integralistas lhes teria ratificado as vitórias.

O jornal⁵³³ integralista pouso-alegrense noticiou também que no município de São Braz, estado do Alagoas, quatro militantes do sigma haviam sido eleitos para a Câmara Municipal. O situacionismo daquela cidade, insatisfeito com o resultado, obteve a anulação do pleito. Mas com a nova eleição os integralistas teriam conseguido eleger toda a Câmara e indicar o prefeito.

No estado do Rio de Janeiro⁵³⁴ os integralistas teriam conseguido eleger quatro vereadores em Pirá, outros quatro em Barra Mansa (com a possibilidade de eleição de mais um), dois outros em São Fidélis e mais um em Itaperuna. No município de Pedreiras, estado de São Paulo, os camisas-verdes conseguiram eleger⁵³⁵ como vereadores quatro de seus companheiros. No município paulista de Jambeiro⁵³⁶ os camisas-verdes haviam conseguido eleger dois companheiros para a Câmara local. Mas, os políticos tradicionais daquela cidade não aceitaram a vitória integralista. Logo, ameaçavam e perseguiram os camisas-verdes de Jambeiro. “Um delegado maçom” seria o principal agente do “rasteirismo peceista” que então dominava o município de Jambeiro. Em Belmonte⁵³⁷, estado da Bahia, os integralistas também ascenderam aos cargos legislativos. Porém, o “situacionismo” conseguiu anular a eleição. Realizado um novo pleito, os candidatos do sigma venceram novamente e, desta vez, com uma diferença maior de votos.

Verifica-se, portanto, que *A Razão* reproduziu um discurso em que os integralistas conseguiam se eleger apesar de todas as adversidades que encontravam. Essas vitórias eleitorais revelavam a tenacidade dos camisas-verdes e eram o fruto de uma militância permeada por inúmeros sacrifícios. O jornal integralista procurou ainda superdimensionar estas vitórias eleitorais, dando a entender que os candidatos do sigma estavam sendo eleitos por toda a parte. *A Razão* também divulgou as vitórias eleitorais do sigma em Minas Gerais. Essas vitórias são o objeto do tópico seguinte.

5.4 – As vitórias eleitorais do sigma em Minas

⁵³³ *A Razão*, 11/06/1936, num. 09, p. III.

⁵³⁴ *A Razão*, 23/07/1936, num. 15, p. I.

⁵³⁵ *A Razão*, 24/12/1936, num. 36, p. I.

⁵³⁶ *A Razão*, 14/01/1937, num. 39, p. III. As considerações em aspas foram retiradas deste número. O “rasteirismo peceista” referia-se a alguma prática do Partido Constitucionalista.

⁵³⁷ *A Razão*, 13/03/1937, num. 47, p. II.

Núcleos integralistas de treze municípios de Minas conseguiram eleger alguns de seus militantes como vereadores. Esses núcleos estavam em Alvinópolis, Areado, Belo Horizonte, Brazópolis, Cambuquira, Caxambu, Conceição do Rio Verde, Itajubá, Lambari, Maria da fé, Santa Rita do Sapucaí, São João Del Rei e Teófilo Otoni. À exceção dessa, as demais cidades que elegeram vereadores integralistas localizam-se nas regiões Central e Sul de Minas. Este fenômeno reforça a constatação de que o sigma deteve maior força naquelas duas regiões. Embora núcleos da Zona da Mata não tenha eleito nenhum vereador, essa foi uma das regiões em que o integralismo dispôs de maior força no estado mineiro.

Antes e após as eleições municipais o discurso da AIB ressaltou os obstáculos antepostos às atividades de seus membros. Conforme este discurso os responsáveis por entravar esta militância eram grupos políticos locais, maçons e comunistas. Uma vez que superdimensionou as adversidades encontradas por seus militantes, a AIB apresentou as vitórias eleitorais desses como exemplos de superação e de respostas altivas às perseguições sofridas.

Em Caxambu os integralistas elegeram um vereador e o juiz de paz ao distrito de Soledade. Segundo *A Offensiva* a força do sigma naquele município provinha, sobretudo, desse distrito. Ao subnúcleo distrital, “(que é modelar pela sua organização e pela disciplina dos seus nucleanos) se deve a maior somma dos votos da legenda integralista no Município.”⁵³⁸

O núcleo Santa Rita do Sapucaí conseguiu eleger dois vereadores e um juiz de paz. Fê-lo apesar da “(...) poderosa influencia da maçonaria local (...)”⁵³⁹ e do poder de grandes fazendeiros. Em Maria da Fé, onde os camisas-verdes eram vítimas de “atroses perseguições”⁵⁴⁰, o núcleo local elegeu dois vereadores e um juiz de paz. Em Conceição do Rio Verde foram eleitos mais dois vereadores e em Itajubá um vereador, faltando-se mais seis votos para se eleger outro representante ao Legislativo municipal. O núcleo de Teófilo Otoni elegeu integralistas à Câmara. Aludindo a essa vitória *A Razão* estabeleceu que “agora, os camisas-verdes daquele município mineiro se vingam das injustiças sofridas elegendo, a 7 de junho, trez vereadores a Camara local.”⁵⁴¹

O *Chefe Municipal* do núcleo de Cambuquira elegeu-se como vereador nessa cidade. “A posse desse valoroso soldado do sigma decorreu debaixo de um ambiente de viva agitação, e, ao mesmo tempo, de grande entusiasmo.”⁵⁴² *A Offensiva* reproduziu o discurso de posse daquele camisa-verde. Nos trechos iniciais de sua alocução o referido militante asseverou que:

⁵³⁸ *A Offensiva*, 24/06/1936, num. 214, p. I.

⁵³⁹ *A Razão*, 25/06/1936, num. 11, p. I.

⁵⁴⁰ *A Razão*, 25/06/1936, num. 11, p. II.

⁵⁴¹ *A Razão*, 09/07/1936, num. 13, p. I.

⁵⁴² *A Offensiva*, 01/08/1936, num. 247. p. III.

Neste momento de aprehensões para o mundo e para as nacionalidades somos nós integralistas a vigilância da Patria e da Família.

Aqui, deste posto, pela vontade do povo de Cambuquira, permaneceremos de estacada contra os inimigos da Patria: o materialismo, o bolchevismo e a liberal-democracia.

Contra o materialismo invasor das consciências e dos caracteres, contra esse animal sem nome, como o denominou a encyclica papal ao bolchevismo, radicalizador de todos os socialismos, e, ainda, vigilantes e combatentes, contra o liberalismo-democratico, filho da philosophia illuminada do XVIII seculo, caldo de cultura dos próximos e remotos attentados contra Deus, Patria e Familia.⁵⁴³

O camisa-verde eleito vereador em Cambuquira ainda defendeu o voto por corporação profissional. Reproduzindo uma leitura da AIB classificou essa modalidade como “legítima representação”. Por conseguinte, atacou o sufrágio universal estabelecendo que esse vinculava-se ao cálculo imediato, à ignorância, ao receio da prepotência dos governos e tratava-se de uma falsa representação. Aquele integralista prometeu que iria buscar a minimização de impostos. Garantiu ainda que seu mandato obedeceria às diretrizes do sigma. Logo, afiançou que sua atuação legislativa poderia colaborar ou opor-se ao Executivo municipal.

Segundo *A Offensiva*⁵⁴⁴ em Alvinópolis os integralistas alcançaram uma “significativa vitória eleitoral”, pois conseguiram eleger cinco representantes. Na referida cidade o Partido Progressista levou às urnas 1.020 eleitores, enquanto 917 votaram no sigma. Esses teriam respondido a um “brado cívico do soerguimento nacional”. Porém, o maior triunfo do sigma em Minas ocorreu em Areado.

Nessa cidade, além de um juiz de paz, os integralistas elegeram a maioria dos vereadores à Câmara Municipal. Logo, tiveram a prerrogativa de indicarem o prefeito daquela cidade. Apesar desse êxito, o núcleo local havia sido fundado menos de um ano antes das eleições de 1936. Em junho de 1935 a delegacia de Areado, respondendo a um ofício do DOPS-MG, informou que esta cidade não possuía “(...) nucleo algum Integralista, Communista ou filiado á Alliança Nacional Libertadora.”⁵⁴⁵ Em agosto daquele ano, porém, foi realizada a cerimônia de fundação do núcleo de Areado. O coordenador dos municípios de Monte Belo e Muzambinho compareceu àquela cerimônia a fim de “(...) realizar uma conferencia e receber o juramento dos primeiros camisas-verdes de Areado.”⁵⁴⁶ Quinze integralistas de Alfenas também compareceram àquela cerimônia de fundação.

⁵⁴³ *A Offensiva*, 02/08/1936, num. 248, p. XI.

⁵⁴⁴ *A Offensiva*, 09/07/1936, num. 227, p. I.

⁵⁴⁵ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 05.

⁵⁴⁶ *A Offensiva*, 17/08/1935, num. 66, p. X.

Conforme o livro⁵⁴⁷ de inscrições 37 pessoas se inscreveram no núcleo areadense do sigma no dia em que esse foi fundado. Naquele primeiro mês de fundação o livro de inscrições contabilizou um total de 74 inscritos. Até o fim do ano de 1935 foram 757 inscritos. Até o mês de setembro de 1937 o livro de inscrições registrava as assinaturas de próprio punho de 1514 pessoas.

Quaisquer números registrados pela AIB em seus documentos internos ou divulgados por essa organização devem ser interpretados com reservas. Porém, em setembro de 1937 o livro de inscrições do núcleo de Areado foi apreendido pela delegacia local. Àquela data a prefeitura e a Câmara daquela cidade estavam sob o comando do sigma.

O delegado de Areado atestou⁵⁴⁸ que as assinaturas foram feitas de próprio punho e um tabelião local as reconheceu⁵⁴⁹ como verdadeiras. Além da relação de inscritos no núcleo de Areado a delegacia desta cidade enviou também ao DOPS-MG uma ‘relação nominal dos funcionarios publicos que são integralistas “inrustidos”’.⁵⁵⁰ Porém, consta nesta lista o nome daquele tabelião que corroborou a veracidade das assinaturas.

O núcleo de Areado, assim como o de Pedra Branca, foi exposto por *A Offensiva* como um modelo. Logo, a militância dos integralistas daquelas duas cidades foi apresentada como exemplos a núcleos de todo o país. Em outubro de 1935 *A Offensiva* garantiu que o núcleo de Areado em apenas dois meses de existência contava com 405 militantes e gozava do prestígio da maioria da população desta cidade.

O aludido jornal também assegurou que o núcleo de Areado oferecia à população desta cidade “serviços medicos, medicamentos, generos alimentícios para os pobres e pagamento de impostos para evitar innumeradas execuções por parte do fisco, indo a leilão cazinhas pertencentes a pessoas pobres (...).”⁵⁵¹ Em novembro de 1935 *A Offensiva* asseverou que após 89 dias de sua fundação o núcleo de Areado contava com 602 militantes. O aludido jornal, porém, não deixou de observar que:

Essa progressão, tão honrosa para Areado – é bom que todo o Brasil não ignore – é feita sob a mais soez perseguição, da mais infame e torpe campanha talvez conhecida no Paiz ! Os inimigos do Integralismo não poupam esforços para antepôrem uma barreira á avalanche perenne de adhesoes que recebemos de todas as classes sociaes, pois já se sentem, por atenvidencia, a derrota positiva e certa que os espera.⁵⁵²

⁵⁴⁷ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Docs. 10 a 16.

⁵⁴⁸ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 10.

⁵⁴⁹ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 22.

⁵⁵⁰ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 24.

⁵⁵¹ *A Offensiva*, 19/10/1935, num. 75, p. IV.

⁵⁵² *A Offensiva*, 09/11/1935, num. 78, p. X.

Conforme os integralistas de Areado as medidas policiais que se abatiam contra eles eram fomentadas, sobretudo, por grupos políticos locais receosos de serem apeados do poder. Outros núcleos da AIB em Minas foram muito mais reticentes em imputar ao conluio entre delegacias e grupos políticos locais as medidas repressivas de que eram alvo. Mas, o núcleo areadense do sigma começou a difundir este argumento ainda em 1935. Por conseguinte, já neste ano integralistas de Areado, tomando como base o crescimento do núcleo desta cidade, davam como certa a vitória eleitoral do sigma. Assim como em Areado, integralistas de outras cidades supervalorizavam o crescimento da AIB a fim de incutir temor em seus adversários e atrair novos adeptos.

Naturalmente, o então prefeito de Areado concebia a situação política deste município de forma distinta. Em novembro de 1935 o responsável pelo Executivo daquela cidade enviou uma correspondência⁵⁵³ ao governador de Minas. Nessa o prefeito de Areado solicitava apoio do governador mineiro ao requerimento proposto na Câmara Federal que solicitava o fechamento da AIB. Essa organização, defendeu o prefeito, constituía um “flagello” em Areado e era composta por “elementos derrotistas adversarios da situação”. Esse grupo, afirmou o então prefeito de Areado, perturbava a “tranquilidade familia areadense com promessa de vingança violencias para futuro forçando por este meio adhesões de incautos”.

Apesar das medidas adotadas pelo prefeito e pelo grupo político situacionista, os camisas-verdes de Areado obtiveram êxito eleitoral. Porém, o fato de comandarem o Executivo e o Legislativo desta cidade não eximiu os integralistas de continuarem sendo investigados pela delegacia local. Portanto, não houve alinhamento entre esse órgão e o núcleo de Areado. Até o golpe do Estado Novo a delegacia dessa cidade produziu e enviou ao DOPS-MG relatórios sobre as atividades do núcleo local. Produziu também relatórios informando quais eram os funcionários públicos de Areado que vestiam a camisa-verde.

O município de Alvinópolis também registrou vitórias eleitorais de camisas-verdes. Naturalmente, os adversários políticos da AIB nesda cidade se movimentaram a fim de obstaculizar a propaganda eleitoral e a atuação parlamentar dos militantes dessa organização. Contudo, em Alvinópolis e no distrito de Saúde os integralistas assumiram uma força invulgar. Há relatos de coações e boicotes empreendidos por esses militantes contra moradores daquelas duas localidades. Neste sentido, desenvolveu-se nas localidades em debate uma polarização política maior do que se verificou em outros municípios e distritos mineiros. O tópico seguinte

⁵⁵³ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 172.

aborda esses fenômenos correlacionando-os com o esforço eleitoral dos camisas-verdes em Alvinópolis e Saúde.

5.5 – Integralismo, eleições e seus adversários em Alvinópolis e Saúde

No estado mineiro as eleições municipais de 1936 foram realizadas no início de junho. Contudo, em fins de abril do mesmo ano, após inquérito e oitiva de testemunhas, as delegacias de Saúde e de Alvinópolis deliberaram pelo fechamento dos núcleos de ambas as localidades. Portanto, em Alvinópolis o integralismo sofreu um duro golpe cerca de um mês antes das eleições municipais.

O inquérito teve início no distrito de Saúde onde, afiançou⁵⁵⁴ o delegado local, o núcleo vinha desprezando “(...) as boas normas de propaganda de sua doutrina, passando mesmo ao achincalhe da liberal democracia e dos poderes constituídos da Republica (...)” Conforme o delegado de Saúde não era incomum o núcleo distrital fazer “(...) coações e ameaças, tornando-se, assim, uma permanente fonte de intranquillidade publica (...)”

O que deu ensejo à abertura do inquérito que culminou no fechamento dos núcleos de Alvinópolis e Saúde foram denúncias contra os integralistas desse distrito. O inquérito foi instaurado no dia vinte e seis de abril de 1936. Nesse mesmo dia testemunhas foram ouvidas e o delegado concluiu pelo fechamento do núcleo de Saúde. Esta medida foi levada a cabo sem resistência dos camisas-verdes daquele núcleo.

Duas das testemunhas ouvidas pela delegacia de Saúde pertenceram às fileiras integralistas nesse distrito. Contudo, não só se despiram da camisa-verde como também se voltaram contra o sigma. A primeira delas, que atuava como fotógrafo, ingressou nas fileiras verdes em meados de 1935. Uma vez que permaneceu como integralista por cerca de um semestre:

(...) pode constatar de viso que a ideologia integralista é apenas utilizada extremamente, procedendo os homens do sigma de maneira opposta á doutrina que pregam; - que enquanto os maioraes integralistas vivem apregoando obediencia as leis do paiz e ás auctoridades constituídas, visando apossar-se do governo do paiz por intermedio de uma lueta pacífica atraves das urnas, indivíduos apparecem em longíquas localidades do interior do paiz, achincalhando em termos grosseiríssimos a liberal democracia e os governos do paiz; - que assim tendo acontecido nesta localidade, o declarante não trepida em affirmar que os integralistas têm objectivos mal desfarçados visando talvez a posse do governo por um golpe de força; - que convencido do que se contou acima o depoente principiou, dentro do proprio nucleo integralista, a aconselhar os seus pares no sentido de guial-os ao caminho do

⁵⁵⁴ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 60.

patriotismo e do bom senso; que entretanto, mau frado sua inteira bôa vontade, o depoente nada conseguiu, razão pela qual houve por bem despir definitivamente a camisa verde.⁵⁵⁵

Narrativa semelhante foi apresentada pela segunda daquelas testemunhas, que atuava como fazendeiro. Em seu depoimento⁵⁵⁶ esse expôs que ingressou no movimento integralista no começo de 1935 “(...) suppondo-o bom e capaz de promover a felicidade do paiz; - que pouco depois entretanto, (...) constatou o erro em que elaborara, convencendo-se de que o nucleo local é apenas um antro de agitação sem peias (...)” A testemunha em questão acabou por se desligar do sigma em virtude dos insultos constantes proferidos pelos integralistas aos governos municipal e estadual, tachados constantemente de desonestos. Assim como a primeira testemunha, o fazendeiro declarou que acreditava que o integralismo não pretendia ascender ao governo somente por meio das urnas.

O depoimento⁵⁵⁷ de uma terceira testemunha, que atuava como guarda-livros, reiterou que o núcleo de Saúde havia se tornado um “centro de perfeita agitação contra os poderes constituídos”. Acrescentou que a situação dos “elementos governistas residentes neste districto vem sendo de absoluta precariedade em virtude falta de garantias facil á arrogancia e insolencia dos integralistas (...)” Ilustrou ainda que uma “manifestação ao prefeito municipal idealizada pelos amigos do governo teve de ser adiada por medida de prudencia, dada a atitude de hostilidade evidenciada pelos homens do sigma neste districto.”

Uma vez fechado o núcleo de Saúde, a delegacia desse distrito procedeu à coleta de depoimentos em Alvinópolis. Um dos depoentes foi o prefeito desse município, que passou a ocupar esta função no início de 1936. Em suas declarações⁵⁵⁸ o prefeito sustentou que havia programado uma visita ao distrito de Saúde no dia onze de abril de 1936. Todavia, foi advertido de que os “integralistas estavam exaltados e poderiam desacatal-o, dada a situação de insegurança em que se encontravam os amigos do governo, protegidos apenas por duas praças de polícia.” Segundo o informaram, o núcleo integralista de Saúde contava com uma centena de militantes juramentados e “aproximadamente quinhentos estagiarios.” O prefeito acabou por visitar o distrito de Saúde cinco dias após a data prevista. Declarou, por fim, que causava-lhe estranhamento a situação do integralismo em Alvinópolis, o que atribuía “a actuação de seu antecessor na Prefeitura, que houve por bem prestigiar os homens do sigma em qualquer terreno, peiando mesmo a acção preventiva e repressiva da Policia do Estado.”

⁵⁵⁵ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 64.

⁵⁵⁶ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 68 a 70.

⁵⁵⁷ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 101 a 104.

⁵⁵⁸ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 129 a 132.

Outra testemunha a prestar declarações⁵⁵⁹ em Alvinópolis foi o advogado Egydio Lima. Vinculado ao Partido Progressista (PP) esse bacharel atuava politicamente nos municípios de São Domingos do Prata e Alvinópolis. Nessa cidade ele foi um dos maiores adversários políticos do sigma. Em 1936 aquele advogado ofereceu um “baile” em sua residência ao prefeito recém-nomeado para Alvinópolis. No entanto, declarou que os integralistas locais tentaram perturbar aquele evento ao promoverem uma solenidade próximo a sua residência.

Em seu depoimento o advogado sustentou que em 1935 membros do PP em Alvinópolis afastaram-se dessa legenda para fundar um núcleo integralista nessa cidade e no distrito de Saúde. Mas, o núcleo desse foi criado antes daquele de Alvinópolis. Além disso, integralistas de destaque visitavam antes o núcleo de Saúde para então visitarem o núcleo de Alvinópolis.

O advogado Egydio Lima afirmou que à época da fundação do núcleo da aludida cidade, ele recebeu insistentes convites para aderir ao integralismo. Contudo, declinou de todos uma vez que hipotecava seu apoio ao governo do estado. Esse, conforme aquele bacharel, representava a “verdadeira liberal democracia”. Em suas declarações ele ponderou que o “integralismo, tanto quanto o comunismo, visa apropriar-se do poder por meios violentos, certo de que não alcançarão por outro meio dada a formação educacional do nosso povo.” Logo, declarou que era “publico e notorio que os integralistas estavam se preparando para o assalto ao poder”. Inclusive, já teria escutado que os camisas-verdes de Alvinópolis receberiam armas e capacetes. Mencionou ainda, que o *Chefe Municipal* dessa cidade “em plena sessão dissera que o depoente pagaria com a vida qualquer atitude tomada por auctoridade publica contraria ao integralismo.”

No que tange ao distrito de Saúde, o bacharel estimou que talvez mais de noventa por cento da população era adepta do sigma. Avaliou, porém, que este cenário devia-se ao fato de que aqueles que não eram favoráveis ao integralismo não tinham a “quem appelar para se livrarem da pressão que sofriam visto não encontrarem suas reclamações eco algum nas auctoridades do districto (...)”

Em relação a Alvinópolis, o bacharel sustentou que o integralismo possuía um grande contingente nesse município. Segundo aquele advogado o prefeito que administrou Alvinópolis até fins de 1935 era parcialmente responsável pelo crescimento da AIB nessa cidade uma vez que havia apoiado essa organização. O bacharel ainda afiançou que o sigma dispunha de um grande contingente em Alvinópolis porque ocupantes de cargos de chefia na tecelagem local ameaçavam com a dispensa do emprego aqueles que não ingressavam nas fileiras verdes.

⁵⁵⁹ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 111 a 122.

O advogado Egydio Lima também sustentou que sua oposição ao integralismo devia-se ao fato de que esse desrespeitava as autoridades constituídas e representava uma ameaça à ordem. É possível que o advogado acreditasse na veracidade daquilo que denunciava. Mas, indubitavelmente, as declarações mesclavam-se ao pragmatismo. As eleições municipais de 1936 se aproximavam. Logo, era necessário reduzir a força política do sigma.

Outras testemunhas corroboraram a acusação do advogado Egydio Lima de que trabalhadores da tecelagem local eram coagidos a ingressarem na AIB. Alguns testemunhos acrescentaram que o rebaixamento de atividades no interior daquela fábrica foi utilizado para coagir os trabalhadores a vestirem a camisa-verde.

Uma das testemunhas afirmou⁵⁶⁰ que uma funcionária da tecelagem de Alvinópolis foi “denunciada” aos encarregados desta fábrica por ter participado de uma “manifestação ao prefeito.” Essa moção de apoio não teria ocorrido, no entanto, a funcionária teria sido “verberada” pelo encarregado da seção em que trabalhava. Outra testemunha declarou⁵⁶¹ que a tecelagem de Alvinópolis não iria permitir “(..) a admissão em seu estabelecimento de operarios liberaes democratas, pretendendo mesmo criar um ambiente de perseguição aos poucos liberaes democratas que ainda se encontram trabalhando na Fabrica.” Mais uma testemunha sustentou⁵⁶² que “maioraes integralistas levaram sua arrogancia ao ponto de prohibirem que os seus comandados mantivessem relações com os liberaes democratas, mesmo simples relações de cortesia.”

As testemunhas ouvidas pela delegacia de Alvinópolis mencionaram os nomes daqueles que estariam coagindo funcionários da tecelagem local a ingressarem na AIB. O gerente da tecelagem de Alvinópolis foi um dos citados. Em seu depoimento⁵⁶³ esse profissional afirmou que a direção da tecelagem não coagia os empregados a ingressarem no sigma. Sustentou que as denúncias levadas à delegacia eram de natureza política. No entanto, afirmou que chefes de seção na tecelagem, de fato, estavam coagindo funcionários a vestirem a camisa-verde.

O “chefe geral”⁵⁶⁴ da tecelagem também foi mencionado como um dos que coagiam os funcionários. Ele se declarou um simpatizante do integralismo. Sustentou que era falso que houvesse coagido funcionários e classificou a acusação contra a sua pessoa como uma “simples intriga política”. Outro daqueles que foi apontando como responsável por coagir seus subordinados a ingressar na AIB declarou: “Que como chefe de turma rural da (...) realmente

⁵⁶⁰ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 136.

⁵⁶¹ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 139.

⁵⁶² APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 144.

⁵⁶³ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 147 a 149.

⁵⁶⁴ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 150 e 151.

aconselhou os operários sob suas ordens a se tornarem integralistas, sendo falso porém que os obrigue a ingressar nas hostes do sigma.”⁵⁶⁵

Após a oitiva de testemunhas, a delegacia de Alvinópolis deliberou pelo fechamento do núcleo dessa cidade. Logo, o inquérito que teve início no distrito de Saúde culminou no fechamento dos núcleos dessa localidade e de Alvinópolis. No início do mês de maio *O Integralista*, jornal que representava os núcleos de Alvinópolis e Saúde, lembrou que a AIB era um partido político registrado. No que tange ao fechamento dos núcleos estabeleceu:

A nós Integralistas nada mais resta senão obedecer às leis do paiz, como homens disciplinados que somos. Não quer com isto dizer, meus companheiros camisas-verdes e mui dignos patrícios e sympathisantes do Sigma, que não possamos concorrer às eleições municipais de 7 de Junho.

Neste dia estaremos a postos.

(...).

A nossa sede está fechada; os nossos corações, porém, estão abertos para receber todos os corações irmãos de fé e boa vontade.

Não é possível destruir-se uma montanha em bases sólidas, de consistência granítica : Deus, Patria e Família.

Consequência lógica e natural, o Integralismo em nosso município está victorioso; aquelles mesmos que nos olhavam com indifferentismo, estão todos hoje desejando uma camisa verde.⁵⁶⁶

Porém, os camisas-verdes de Alvinópolis e de Saúde logo impetraram um mandado de segurança contra o fechamento de seus núcleos. Já no dia sete de maio, em comunicação⁵⁶⁷ ao juiz de Alvinópolis, o delegado dessa cidade informava que havia providenciado a reabertura dos núcleos.

Ainda naquele mês de maio de 1936 o advogado e candidato a vereador Egidio Lima concedeu uma entrevista⁵⁶⁸ ao jornal *Estado de Minas*. Nessa ocasião, ele teve oportunidade de amplificar as denúncias que já fazia contra o sigma. O bacharel declarou que integralistas de Alvinópolis tinham armas e que possuíam “listas negras”. Bastava uma pessoa criticar o integralismo para ter seu nome inserido nessas listas. O advogado ainda sustentou que os adeptos do sigma planejavam fuzilar seus adversários caso chegassem ao poder. No entanto, o bacharel em questão assegurou que:

A aversão do povo á doutrina da camisa verde está mais do que provada, pelo mínimo acolhimento que ela teve.

⁵⁶⁵ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 152 e 153.

⁵⁶⁶ *O Integralista*, 03/05/1936, num. 09, p. I. In: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 04.

⁵⁶⁷ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 188.

⁵⁶⁸ Estado de Minas, 15/05/1936

Ninguem acredita nas ameaças nem nas promessas dessa gente. Quanto às suas actividades eleitoraes, interessante é que elles já organizaram a chapa completa para vereadores e dizem que o seu “chefe municipal” irá dirigir os destinos de Alvinópolis.

Affirmam também que vão ganhar as eleições e que o chefe Nacional irá assisti-las.

É o que veremos.⁵⁶⁹

No trecho supracitado, o bacharel Egydio de Lima procurou minimizar a força da AIB em Alvinópolis. Mas, o que se depreende da conduta desse profissional é que ele entendia o sigma como uma ameaça a sua atuação política e também como uma ameaça à ordem. Corrobora este argumento, o fato de que suas denúncias contra o integralismo não cessaram após as eleições municipais de 1936. O referido bacharel elegeu-se vereador em Alvinópolis, tornando-se presidente desta Casa Legislativa.

Em agosto daquele ano houve a solenidade de instalação da Câmara Municipal de Alvinópolis. Em ofício ao Chefe de Polícia, o delegado daquela cidade asseverou que os integralistas pretendiam tumultuar aquela solenidade. Só não o fizeram, alegou, devido à atuação policial. No entanto, os vereadores do sigma recusaram que fosse votada uma moção de apoio aos governos estadual e federal, o que levou os demais integralistas presentes a exultarem. Em resposta, o delegado de Alvinópolis exigiu que constasse na ata de reunião o que classificou como um desrespeito às autoridades constituídas. Encerrando seu ofício, o delegado fez a seguinte advertência:

Percebi que se o Governo Central não tomar uma medida energica contra tal sigma o paiz estará perdido, porque o intuito por elle vizado, ao que parece, é derribar os Governos, acobertos pelas nossas leis, que citam como defesa a todo momento. Fazem-se de pacatos e hordeiros para fugirem á acção energica Policial. Assim faço sciente á V. Excia. de semelhantes alterações, que ficam no seu conhecimento para levar ao do Snr. Governador caso julgue conveniente.⁵⁷⁰

O trecho acima, datado de agosto de 1936, é mais um exemplo de que havia a percepção que os integralistas desejavam tomar o poder. Ao mesmo tempo, foram comuns as advertências aos governos estaduais e federal contra a AIB. Jornais mineiros e autoridades policiais eram os principais autores das referidas advertências.

Em novembro de 1936 *A Razão* noticiou que, com o intuito de forçar os vereadores do sigma a votar no candidato governista a prefeito, havia sido enviado para a cidade de Alvinópolis o delegado Alencar Alexandrino. Conforme aquele jornal em outros municípios

⁵⁶⁹ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 189.

⁵⁷⁰ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 182.

essa autoridade policial vinha cometendo “toda sorte de arbitrariedades contra os camisas-verdes.”⁵⁷¹

No entanto, os camisas-verdes de Alvinópolis parecem ter esboçado alguma reação, pois há declarações sustentando que esses militantes tentaram assumir o governo dessa cidade. A delegacia local, em comunicação ao DOPS-MG, declarou: “Bem sabe V. Excia, qual a actuação do Integralismo, neste Município, Tendo seus adeptos chegado ao extremo de em grupo armado, tentar assaltar o edifício da Prefeitura e assenhorar-se do Governo Municipal.”⁵⁷² Nessa ocasião, conforme um testemunho, os integralistas “(...) quiseram tomar conta do poder, e da direção da Prefeitura local, no que foram impedidos pelos Correligionarios do Governo, que montaram guarda, e zelaram pelos interesses do município.”⁵⁷³

A atuação dos camisas-verdes em Alvinópolis e no distrito de Saúde continuou destoando dos padrões observados em outras localidades mineiras. Em virtude de uma carta-denúncia um novo inquérito foi aberto contra o núcleo de Saúde em março de 1937. A principal denúncia sustentava que na véspera da Páscoa integralistas do referido distrito haviam feito disparos de arma de fogo em via pública. Os autores da carta-denúncia⁵⁷⁴, enviada ao Chefe de Polícia, foram o prefeito de Alvinópolis e o advogado Egydio de Lima, presidente da Câmara dessa cidade. Na missiva reforçaram que em Alvinópolis e Saúde “os amigos do Governo e do Regimen estão na iminencia de serem massacrados, quando menos o esperarem, pois não é possível a displicencia com que o Governo tem recebido os nossos avizos.”

Uma vez que recebeu esta denúncia, o Chefe de Polícia determinou que se apurasse a situação em Alvinópolis e Saúde. Nove testemunhas foram ouvidas, verificando-se em seus depoimentos algumas das seguintes declarações: que os integralistas do distrito de Saúde possuíam armas, traziam desassossego a essa localidade, aos apoiadores do governo estadual e que haviam sim feito disparos em via pública.

Foi comum núcleos e integralistas de outras cidades serem acusados de possuírem armas ou de estarem na iminência de as receberem. Efetivamente alguns militantes do sigma possuíram armas. Contudo, em alguns casos foram os próprios integralistas os responsáveis por divulgar que andavam armados. Veicular essa informação era uma maneira de desencorajar eventuais ataques aos próprios camisas-verdes e aos núcleos do sigma.

⁵⁷¹ A Razão, 19/11/1936, num. 31, p. I.

⁵⁷² APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 246.

⁵⁷³ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 210.

⁵⁷⁴ APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Doc. 202.

Outra demonstração de força muito comum foi o alarde sobre o crescimento da AIB. Essa organização esteve permanentemente comprometida em apresentar seu crescimento numérico a seus militantes, à sociedade bem como a seus adversários. Após as eleições municipais de 1936 houve um aumento de notícias sobre a adesão à AIB de vereadores, prefeitos e deputados em várias cidades do país. O tópico seguinte examinará a veiculação dessas notícias em Minas bem como aquelas relativas ao crescimento do sigma após as eleições de 1936.

5.6 – A AIB e o alarde sobre seu crescimento após as eleições de 1936

Após as eleições municipais de 1936 *A Razão* foi um dos veículos de comunicação da AIB que passou a reproduzir notícias sobre o ingresso no partido de membros de outras legendas políticas. Para além de mostrar à sociedade que a AIB crescia, publicar as adesões a essa organização tinha por objetivo estimular a militância dos próprios integralistas. Era necessário alimentar a convicção na vitória final.

Conforme *A Razão* no estado maranhense o ingresso de um deputado nas fileiras verdes teria causado “intensa repercussão na política local.”⁵⁷⁵ Um “vereador situacionista” da cidade de Valença, no Rio de Janeiro, teria renunciado a seu mandato e prestado o juramento de fidelidade ao *Chefe Nacional*. Fê-lo após a fundação de um núcleo da AIB em um distrito próximo. Essa atitude, afirma *A Razão*, caracterizaria “(...) bem o patriotismo e o despreendimento dos homens do Sigma.”⁵⁷⁶

O *Governador da 9ª Região* enviou um telegrama ao *Chefe Nacional* informando-o de que três influentes figuras políticas da cidade de Dores do Indaiá, Centro-Oeste de Minas, haviam ingressado no núcleo desse município. O *Governador* concluiu sua mensagem afirmando que “reina grande entusiasmo pelo acontecimento, podendo este Nucleo adeantar que novas e valiosissimas adesões se registrarão dentro de pouco tempo.”⁵⁷⁷ Verifica-se igual otimismo e semelhantes termos na notícia abaixo:

MAIS UM VEREADOR Ingressa nas fileiras do Sigma

Na Provincia do Espirito Santo, o Sigma caminha vitoriosamente. São novos núcleos que surgem, quasi que diariamente, nas cidades e nos povoados, são personalidades de marcante valor e projeção que vestem a camisa verde. Ainda ha

⁵⁷⁵ *A Razão*, 29/10/1936, num. 28, p. I.

⁵⁷⁶ *A Razão*, 05/11/1936, num. 29, p. I.

⁵⁷⁷ *A Razão*, 21/11/1936, num. 30, p. II.

pouco, em um só telegrama foi o *Chefe Nacional* notificado da instalação de tres núcleos novos naquela Província e da adesão ao Movimento, de distinto vereador á Camara Municipal da cidade de Castelo.

E assim vai o Integralismo realizando a sua grande obra de esclarecimento da nossa gente e de união nacional, pelo bem do Brasil.⁵⁷⁸

Cada novo ingresso de políticos na AIB era apresentado por *A Razão* como uma prova incontestável do crescimento do sigma. A abertura de novos núcleos, também exaustivamente noticiada por aquele jornal, demonstraria como a marcha do sigma era irrefreável. A fim de corroborar estes argumentos *A Razão* noticiou de forma igualmente exaustiva o ingresso na AIB, em diversas partes do Brasil, de médicos, professores, militares, juízes, intelectuais e membros da Igreja Católica. Foi prática corriqueira por parte de *A Razão*, bem como de *A Offensiva*, publicar a mesma notícia mais de uma vez. Logo, a adesão de um juiz, padre ou militar ao sigma era noticiada diversas vezes por aqueles jornais.

Em meados de janeiro de 1937 *A Razão*⁵⁷⁹ informou que no estado do Rio de Janeiro dois médicos, também professores no ensino superior, haviam ingressado na AIB. Este aspecto, afiançou o referido jornal, era um sinal da composição bastante heterogênea da AIB. Neste sentido, a organização liderada por Plínio Salgado seria composta por agricultores e médicos, estudantes e operários, advogados, engenheiros e comerciantes.

Segundo *A Offensiva* em janeiro de 1937 o líder do PRM em Passa Quatro e um vereador dessa cidade haviam aderido ao integralismo. “Ambos renunciaram respectivos cargos, fazendo ardorosa profissão de fé integralista. O facto tem provocado o mais vivo entusiasmo em toda a Região.”⁵⁸⁰ Em fins daquele mês de janeiro *A Razão* informou que no município paulista de Itanhaém um vereador de um partido “liberal-democrata” havia ingressado na AIB. Em São Sebastião do Paraíso, Sul de Minas, um vereador também havia deixado seu partido para aderir ao sigma.

Em Campina Verde, Triângulo Mineiro, um vereador teria renunciado a seu mandato para ingressar na AIB. Em Conceição do Serro um vereador “situacionista” também teria se inscrito na organização chefiada por Plínio Salgado. Em Ituiutaba foi um juiz de paz quem ingressou na AIB. Em Foz do Iguaçu, Paraná, cinco vereadores teriam abandonado seus partidos a fim de vestirem a camisa-verde. Todos esses, advogou *A Razão*, eram os “bons

⁵⁷⁸ *A Razão*, 24/12/1936, num. 36, p. I.

⁵⁷⁹ *A Razão*, 14/01/1937, num. 39, p. I.

⁵⁸⁰ *A Offensiva*, 13/01/1937, num. 386, p. I.

brasileiros”⁵⁸¹ que fugiam à política tradicional e se empenhavam em construir o que seria a maior nação das Américas.

A *Offensiva* foi o principal responsável por divulgar as adesões de militares, políticos, intelectuais e juízes à AIB. Em fevereiro de 1937 o referido jornal noticiou⁵⁸² que em Conselheiro Lafaiete um médico eleito vereador havia se inscrito nas fileiras integralistas. Noticiou também que em Januária um juiz de paz havia ingressado na AIB. As notícias divulgadas por *A Offensiva* chegavam a núcleos integralistas de todo o país. Durante as reuniões semanais era feita a leitura ou síntese dessas notícias para os militantes da base.

Em uma reunião realizada em fins de fevereiro de 1937 o *Chefe Distrital* de Valão discorreu sobre a marcha do sigma, “pois já si inscreverão mais dois Vereadores no Estado do Ceará, e um Prefeito em Bôa Esperança.”⁵⁸³ Ainda em fins de fevereiro *A Offensiva* informou que em Carvalhos, Sul de Minas, um “prestigioso Chefe Perremista”⁵⁸⁴ havia prestado o seu juramento à AIB. Em março de 1937, o jornal⁵⁸⁵ integralista de Pouso Alegre noticiou que dois desembargadores e sete vereadores haviam aderido ao sigma. Os magistrados atuavam em Santa Catarina e dois daqueles vereadores atuavam em Luz, Minas Gerais.

A *Razão* aponta que cada novo ingresso na AIB era um “gesto patriótico”, uma “renúncia ao comodismo burguês”. No município goiano de Cristalina um vereador optara pela camisa-verde, somando-se a mais outros dois que já haviam aderido ao integralismo. Desta forma, três dos cinco vereadores daquela Câmara teriam optado pela AIB “abandonando a politicagem.”⁵⁸⁶ No município de Flores, Rio Grande do Norte, um político local teria renunciado ao cargo de prefeito a fim de se tornar integralista. Este gesto, afirma *A Razão* teria causado “(...) intensa repercussão no Município de Flores, e em toda a zona. O povo está francamente simpático á atitude do ex-prefeito, esperando-se que se sigam á sua, outras numerosas adesões.”⁵⁸⁷

O líder do PRM em Campo Místico, distrito de Ouro Fino, ingressou na AIB em fins de outubro de 1937. O novo militante do sigma era também vereador na Câmara de Ouro Fino. Em telegrama⁵⁸⁸ ao *Chefe Nacional* o novo camisa-verde afirmou: “Abandono a chefia de um

⁵⁸¹ *A Razão*, 04/02/1937, num. 42, p. I. Todas as informações constantes neste parágrafo foram retiradas deste número.

⁵⁸² *A Offensiva*, 02/02/1937, num. 403 p. I.

⁵⁸³ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 82.

⁵⁸⁴ *A Offensiva*, 25/02/1937, num. 422, p. II.

⁵⁸⁵ *A Razão*, 04/03/1937, num. 46, p. I.

⁵⁸⁶ *A Razão*, 08/04/1937, num. 51, p. I.

⁵⁸⁷ *A Razão*, 09/09/1937, num. 72, p. II.

⁵⁸⁸ *A Razão*, 04/11/1937, num. 80, p. II.

partido liberal, ingressando no Integralismo como simples soldado. Tres Anaues !” Esse ingresso gerou apreensão, uma vez que:

O sr subdelegado de polícia de Campo Místico, (Ouro Fino), em vista da grande atividade desenvolvida pelos adeptos do Integralismo naquele distrito, que, auxiliados pelos seus companheiros de Ouro Fino, vêm fazendo intensa propaganda contra os poderes constituídos, tendo conseguido, já, a adesão de um vereador e de dois juízes de paz, solicita instruções à Chefia para poder agir contra os mesmos.⁵⁸⁹

De fato lideranças partidárias, vereadores, militares de alta patente e intelectuais ingressaram na AIB em Minas e em outras regiões do país. Naturalmente, essas adesões inquietaram delegados e chefes políticos. Contudo, em Minas, como certamente em outras regiões do país, nem todos os vereadores e líderes políticos que aderiram ao sigma orientaram-se pelo idealismo. Seja antes ou após as eleições municipais, em Minas ou em outros estados, disputas e desavenças intrapartidárias são ingredientes a serem considerados. Logo, é preciso considerar que outros fatores orientaram o ingresso de militantes na AIB. Este é o objeto de análise do tópico seguinte.

5.7 – Pragmatismo e adesão à AIB: a busca por segurança, prestígio, ascensão socioeconômica e inserção política

O argumento central deste tópico é que a simpatia pelos valores do sigma não foi o único elemento que fez convergir militantes para a AIB. Rigorosamente, as ações humanas não são motivadas por uma única razão. Longe disto, norteiam-se por um misto de cálculos frios e ressentimentos, conveniências e acasos, orientações religiosas e poder aquisitivo, paixões políticas e fidelidade a amigos e a parentes, etc. Portanto, é certo que o ingresso na AIB foi influenciado, dentre outros, por fatores como: busca por identidade e segurança através do pertencimento a um grupo e busca por prestígio social, inserção política e ascensão socioeconômica.

No que tange à busca por segurança é emblemático o caso de uma senhora do subnúcleo de Valão, distrito de Teófilo Otoni. Conforme registrado pela ata do subnúcleo, ao término da reunião uma senhora viúva e cega, apoiada por duas pessoas, levantou-se e solicitou que ela e seus dois filhos fossem inscritos nas fileiras integralistas. Justificou-se alegando que assim teriam uma “bôa proteção pelos os companheiros do Sigma.”⁵⁹⁰ Outras pessoas enxergaram na

⁵⁸⁹ APM: [PASTA 4793 Ouro Fino - integralismo jun. 1935 - jun. 1943](#). Doc. 53.

⁵⁹⁰ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 84.

AIB um esteio contra as dificuldades vividas. Um militante dessa organização em Aimorés enviou uma carta a Plínio Salgado solicitando auxílio financeiro para um tratamento de saúde. Em resposta⁵⁹¹ membros do gabinete daquele líder solicitaram que a *Chefe Provincial* de Minas auxiliasse o integralista peticionário.

Em Minas, como no restante do país, os camisas-verdes promoveram ações de cunho assistencialista. O dia das crianças e o Natal foram ocasiões em que muitos doavam vestimentas, brinquedos e víveres a famílias carentes. Mas, ao longo do ano outros núcleos assistiram famílias de baixa renda quando era possível. Ademais, foi comum militantes que eram dentistas, médicos e farmacêuticos prestarem atendimento gratuito ou a custos reduzidos àqueles menos favorecidos. Portanto, as medidas de cunho assistencialista desenvolvidas por adeptos do sigma não se restringiram a datas pontuais.

Contudo, ainda que os militantes estivessem imbuídos por sentimentos altruístas, as doações e serviços de saúde que promoveram jamais foi inteiramente desinteressados. Crianças e adultos escutavam os discursos dos camisas-verdes antes de receberem os donativos que esses ofereciam. Ademais, ao promoverem ações de cunho beneficente integralistas desejavam que a população os concebesse como homens caridosos e preocupados com o bem-estar coletivo. Desejavam ainda atrair novos adeptos para as fileiras do sigma. Logo, ao oferecerem alfabetização e ao promoverem doações e serviços de saúde por interesse os camisas-verdes incorriam no clientelismo que tanto criticavam.

É provável que essas medidas de cunho assistencialista tenham atraído alguns adeptos para a AIB. Neste ponto, destacam-se as *Escolas Integralistas* que alguns núcleos mantiveram. É certo que em algumas localidades essas iniciativas constituíam o meio mais viável ou mesmo a única alternativa de alfabetização de crianças e adultos.

A atuação feminina era preponderante nas *Escolas Integralistas* voltadas às crianças. Porém, camisas-verdes ministravam aulas no período noturno em cursos de português, história do Brasil ou matemática destinados a adultos. Geralmente os cursos de alfabetização eram gratuitos, mas aqueles de datilografia e corte e costura isentavam ou cobravam taxas simbólicas dos militantes do sigma e de seus familiares. Costumeiramente, os núcleos deixavam claro que esses cursos seriam gratuitos àqueles que não podiam custeá-los.

Portanto, aproximar-se da AIB significou para alguns trabalhadores de baixa renda uma possibilidade de alfabetização para si e para seus familiares. Para um outro grupo, aproximar-se da AIB significou também uma possibilidade de aumentar o seu prestígio social ou ainda

⁵⁹¹ APM: [PASTA 4483 Aimorés - integralismo nov. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 03.

desfrutar de algum prestígio. Trata-se daquele grupo representado por comerciantes, funcionários públicos, estudantes universitários, engenheiros, farmacêuticos, professores, médicos e advogados. Esse grupo foi designado por Trindade (1979) como “classes médias” e foi o principal componente da AIB.

Trindade (1979) observou que três características inerentes às “classes médias” ajudam a explicar a opção de parte desses grupos pelo integralismo. A primeira delas é que se tratava de grupos em ascensão social que buscavam posições de poder na sociedade. A segunda é que até então estas classes médias não contavam com um projeto político capaz de as libertar do controle das classes dominantes tradicionais. A terceira é que os canais de ascensão social e de participação política visados pelas classes médias geralmente estavam vedadas a elas pelas mesmas classes dominantes tradicionais (TRINDADE, 1979).

Ainda conforme Trindade (1979), os partidos republicanos regionais remanescentes da Primeira República são um exemplo de como os canais de participação política e ascensão social estavam vedados às classes médias. A direção desses partidos embora contasse com membros da classe média superior, estava sob o controle das oligarquias rurais, das famílias dominantes no plano nacional e regional e dos coronéis no plano local. Consequentemente, finaliza Trindade (1979), o cenário objetivo nacional se conjuga com o clima ideológico europeu, levando as classes médias ao dilema: fascismo ou comunismo? Aqueles que eram sensíveis à ameaça comunista optam pelo integralismo, outros grupos, atraídos pelo socialismo e pela luta antifascista, engajam-se na Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Minas Gerais não difere do modelo observado por Trindade (1979), pois nesse estado foram as “classes médias” que primeiro se interessaram pela AIB e que predominantemente ocuparam as funções de comando nessa organização. Segundo *Anauê!*⁵⁹² em Curvelo a *Chefia Municipal* ficou a cargo de um farmacêutico, em Raul Soares de um advogado, em Três Corações e em Itanhandu professores ocupavam aquela função. Em Pouso Alegre o primeiro *Chefe Municipal* era proprietário de uma livraria, posteriormente um advogado assumiu esse cargo. Em Matias Barbosa⁵⁹³, Zona da Mata, o *Chefe Municipal* era médico. A mesma formação tinha o *Chefe Municipal* de Elói Mendes antes de se tornar *Governador* da região que abrangia essa cidade. Em Juiz de Fora, conforme Gonçalves (2016), um professor foi pioneiro na divulgação do integralismo. Não obstante, nas menores cidades e distritos não foi incomum homens mais simples ocuparem a chefia e o secretariado dos núcleos.

⁵⁹² *Anauê!* 07/1934, num. 04, pp. I, IV.

⁵⁹³ APM: [PASTA 4755 Matias Barbosa nov. 1931 - jun. 1949](#). Doc. 09.

Assumindo postos de direção na AIB, indivíduos que tinham reduzido prestígio social e limitados recursos financeiros se viam cercados por outras pessoas que lhes acenavam e lhes escutavam, lhes rendiam homenagens, consideração e submissão. Em março de 1936 houve a cerimônia de posse do novo *Chefe Municipal* do núcleo de Pouso Alegre. Na ocasião o advogado que assumiu esse posto deixou claro que “(...) assumiria toda a autoridade como chefe, desejando ser obedecido por todos.”⁵⁹⁴

Ao ocuparem funções de comando na AIB homens que viviam de forma modesta de repente eram recebidos com deferência em outras cidades e distritos. De repente esses homens eram recebidos por inúmeros camisas-verdes ao desembarcarem em estações ferroviárias. Homens que antes não exerciam profissões de comando tornavam-se responsáveis pela fiscalização de outros núcleos, ganhavam subordinados, tinham lugares de destaque às mesas das reuniões integralistas. Esses mesmos homens eram tratados com deferência quando ocorriam as concentrações integralistas.

Portanto, ao se juntarem às hostes do sigma algumas pessoas que não dispunham de extraordinários recursos financeiros, tampouco de grande prestígio social, se viam designadas por títulos como *Governador*, *Chefe* ou *Secretário Municipal*. Aqueles que se comprometiam a seguir Plínio Salgado se viam como pertencentes a uma organização destinada à vitória. Uma vez que a AIB triunfasse, o poder e a autoridade dos *Chefes Municipais* e *Governadores de Região* deixaria de ser exercido apenas no interior das fileiras verdes.

Ademais, integrar a AIB, organização que afirmava estar em irrefreável crescimento em todo o país, representava uma possibilidade de ascensão financeira, social, profissional, etc. Ainda que a maioria ocupasse posições subalternas no interior da hierarquia integralista, a possibilidade de se tornarem *Chefes Municipais*, de ascenderem aos postos de *Governador de Região* ou de *Secretário Provincial de Finanças*, dentre outros, contribuiu para a permanência de vários militantes nas fileiras verdes. Ocasionalmente um integralista representava o *Chefe Municipal* ou o *Governador de Região* em solenidades realizadas por outros núcleos. Nessas ocasiões eram tratados com a pompa inerente à função daqueles a quem representavam. O trecho abaixo indica que havia possibilidade de ascensão na hierarquia do sigma, observe:

(...)

Por ato do Chefe Provincial da A. I. B., foi nomeado Governador da 43ª. Região, recentemente criada e com sede em Pouso Alegre, o Companheiro (...), ex-Secretario Municipal de Propaganda do Nucleo local.

⁵⁹⁴ A *Razão*, 01/04/1936, num. 02, p. II. A cerimônia de posse ocorreu no dia 22 de março do mesmo ano.

A investidura do Governador (...) nesse elevado cargo, que o coloca em superioridade hierárquica sobre os vários Chefes Municipais da Região, foi recebida com grande alegria e satisfação por todos os <<camisas-verdes>> de Pouso Alegre.

Integralista reto, digno, disciplinado, vem, desde a primeira hora, dando ao Nucleo de Pouso Alegre, que se orgulha em subordinar-se ao seu Governo, o inestimável concurso de sua inteligência, de sua cultura e de um inexcedível ardor pela causa do Sigma. Por sua bravura logrou conquistar acirrado odio por parte de todos os inimigos do Integralismo, comunistas e liberais, que sentiam na sua palavra de fôgo a força esmagadora da Idéia Nova.

Jovem, humilde, desconhecido – estranho em Pouso Alegre – (...) se impõe no Movimento Integralista, por seu exclusivo valor pessoal, conquistando um posto hierarquico de grande responsabilidade, em que maiores serão os seus sacrifícios e trabalhos.

Ao (...), <<A Razão>>, que tem a honra de o contar entre os seus redatores, apresenta os seus parabens.⁵⁹⁵

Logo, houve algum espaço na hierarquia do sigma à ascensão de pessoas de poucos recursos financeiros. Esta possibilidade certamente estimulava o ingresso e a permanência de alguns militantes nas fileiras integralistas. O advogado que atuava como *Chefe Municipal* do núcleo de Pouso Alegre era também o diretor de *A Razão*. Ao completar um ano de circulação este jornal e seu diretor foram elogiados nas páginas de *A Offensiva*. Esse periódico indicou que *A Razão* era um sinônimo de bom jornalismo, especialmente no que se referia ao tratamento dispensado às questões de interesse municipal. Aludindo ao responsável por *A Razão*, *A Offensiva* postulou que: “(...) homenageia o seu culto e inteligente diretor, que é uma figura de destaque nas novas gerações de Minas.>>”⁵⁹⁶

Receber um elogio nas páginas de um dos mais importantes jornais integralistas do país certamente guardava um alto valor para um camisa-verde. Sem dúvida era uma recompensa para uma militância que os integralistas julgavam tão extenuante. Por outro lado, aquele elogio sinalizava a seu alvo que oportunidades poderiam advir. Sinalizava para outros camisas-verdes que manter um jornal integralista, mesmo em uma cidade interiorana, poderia render elogios na grande imprensa do sigma.

Posteriormente, o diretor de *A Razão* foi nomeado pelo *Chefe Nacional* para compor a *Câmara dos Quatrocentos*. Nesta oportunidade *A Razão*, jornal que ele dirigia, o felicitou “(...) pela sua entrada para tão elevada instituição integralista.”⁵⁹⁷ Logo, dois camisas-verdes de Pouso Alegre, o *Chefe Municipal* e o *Governador da 43ª Região*, estavam galgando posições no interior da hierarquia do sigma. Esse fenômeno, é certo, não passava despercebido por outros

⁵⁹⁵ *A Razão*, 05/11/1936, num. 29, p. II.

⁵⁹⁶ *A Razão*, 01/04/1937, num. 50, p. III.

⁵⁹⁷ *A Razão*, 17/06/1937, num. 60, p. VI.

militantes. Logo, funcionava como um estímulo para que esses mantivessem seus compromissos para com a AIB.

É certo que algumas adesões ao sigma foram orientadas pelo mais puro oportunismo. Não obstante, houve aqueles que viram em sua militância pela AIB uma forma genuína de expressar seu amor à pátria ou de se antepor a uma ameaça comunista que, com sinceridade, julgavam concreta e iminente. Por outro lado, essas considerações não descartam a possibilidade de essas mesmas pessoas também verem no sigma um caminho para obterem prestígio social e inserção política. Logo, estratégia e convicção nos valores integralistas, não se excluem, mas se mesclam. A retórica integralista, porém, argumentava que os camisas-verdes militavam com muito sacrifício e sem qualquer ambição pessoal.

Mas, o ano de 1936 com suas eleições aos postos de vereador e prefeito, abriu uma possibilidade de inserção política aos militantes do sigma. A AIB determinou que as chapas fossem compostas pelas mais variadas profissões. Consequentemente, lavradores e dentistas, estudantes e comerciários, advogados e proprietários rurais compuseram as chapas integralistas. Logo, vestir a camisa-verde tornou-se uma possibilidade não só de participar de uma legenda política, mas também de ocupar uma cadeira nos Legislativos e Executivos municipais.

Elementos externos à AIB perceberam que houve quem tenha ingressado nessa organização acalentando uma inserção política. Camisas-verdes de Leopoldina afirmaram que ao lançar uma chapa às eleições de 1936: “Uns chamaram-nos de idiotas, outros de ingenuos e quase todos viam no Chefe Integralista um moço ambicioso ao qual nunca sobrara um posto de Inspector de Quarteirão, querendo guindar-se às proeminências da vereança!”⁵⁹⁸

Portanto, houve quem não tenha recebido com bons olhos o desejo integralista de lançar candidatos às eleições municipais. Uma vez realizado esse pleito, núcleos de treze municípios conseguiram eleger vereadores. Mas, em todo o estado de Minas apenas um desses núcleos conseguiu eleger um prefeito. Logo, as vitórias integralistas constituíram exceções. Efetivamente, os resultados eleitorais alcançados pelo sigma pouco ameaçaram o domínio que grupos políticos exerciam há anos.

Todavia, as candidaturas do sigma foram vistas por esses mesmos grupos como uma ameaça às posições que ocupavam. O crescimento da AIB, que se manifestou de forma mais clara em Minas a partir de 1936, efetivamente trouxe insegurança a delegados e a grupos políticos locais. Mas, esse receio tinha fundamentado. Ainda em 1936 a AIB se lançou em mais

⁵⁹⁸ APM: [PASTA 4721 Leopoldina - integralismo jun. 1935 - nov. 1941](#), Doc. 84.

duas campanhas, uma visando aumentar seu contingente e outra com o intuito de angariar recursos financeiros. Essas campanhas são o objeto de análise do tópico seguinte.

5.8 – A campanha Pela Inscrição de Mais Um e a Campanha do Ouro

A campanha *Pela Inscrição de Mais Um* foi lançada pelo *Chefe Nacional* da AIB no dia sete de agosto de 1936 e encerrada no início do mês seguinte. Cada integralista estava encarregado de inscrever um novo militante nas fileiras do sigma. Fazê-lo era necessário, pois no dia da Independência Plínio Salgado desejava anunciar “(...) a todo o Brasil, que o Integralismo conta em suas fileiras 2 milhões de camisas-verdes.”⁵⁹⁹ Neste sentido, a AIB sustentou que objetivava dobrar a quantidade de adeptos que reunia. Observa-se que uma vez mais os camisas-verdes apresentaram números que exageravam a quantidade de membros da AIB.

A retórica dessa organização estabeleceu que a campanha para atrair mais adeptos constituía uma oportunidade para que os simpáticos ao integralismo refletissem sobre a gravidade da situação nacional e vestissem a camisa-verde. Logo, a campanha *Pela Inscrição de Mais Um* voltava-se à comunidade não integralista. Porém, ao mesmo tempo essa ação da AIB parece ter sido mais uma das estratégias dessa organização a fim de incutir ânimo em seus adeptos e mantê-los permanentemente mobilizados.

Quando do lançamento da campanha o *Chefe Nacional* enfatizou a disciplina de seus comandados, elogiando a capacidade desses em cumprir ordens. Plínio Salgado ressaltou que seus comandados “homens ocupadíssimos em seus afazeres profissionais ou interesses particulares, ao receberem uma ordem para fazer uma viagem, empreende-n’ a imediatamente.”⁶⁰⁰ Portanto, a campanha pela *Pela Inscrição de Mais Um* atuou no sentido de cristalizar para a militância a imagem do camisa-verde ideal.

Naturalmente, houve empenho em Minas no sentido de se cumprir a determinação do *Chefe Nacional*. O núcleo de Ponte Nova enviou um telegrama⁶⁰¹ ao gabinete de Plínio Salgado indicando que em cumprimento à ordem desse havia fundado um subnúcleo no distrito de Oratórios. Quarenta novos camisas-verdes compunham esse subnúcleo.

No dia sete de setembro os camisas-verdes de Pouso Alegre realizaram, no núcleo local, uma sessão para celebrarem a data e encerrarem a campanha pela *Pela Inscrição de Mais Um*.

⁵⁹⁹ *A Razão*, 20/08/1936, num. 19, p. I.

⁶⁰⁰ *A Razão*, 13/08/1936, num. 18, p. I.

⁶⁰¹ *A Offensiva*, 22/08/1936, num. 265, p. IX.

Apenas nos dias seis e sete de setembro, os dois últimos da campanha, os integralistas de Pouso Alegre teriam conseguido inscrever 79 pessoas nas fileiras do sigma. Fizeram-no, aponta *A Razão*⁶⁰², não obstante uma campanha que se desenvolvia contra os militantes. Ao fim da campanha *Pela Inscrição de Mais* o núcleo de Pouso Alegre assegurou que contava com 575 inscritos.

Todavia, os resultados da campanha não foram revelados pelo jornal integralista daquela cidade. *A Razão* não informou se o núcleo de Pouso Alegre havia conseguido dobrar sua quantidade de inscritos. Não destacou este ou aquele militante como responsável por inscrever mais de uma pessoa na AIB. Tampouco informou sobre o êxito da campanha em outros núcleos de Minas e de outros estados.

A Razão discorria sobre vitórias eleitorais da AIB em todo o país, noticiava também violências e perseguições aos membros dessa organização em Minas e em outros estados. Contudo, o jornal integralista de Pouso Alegre mergulhou em silêncio no que tange aos resultados da campanha *Pela Inscrição de Mais Um*. Em Minas Gerais como um todo há poucas referências na documentação pesquisada às medidas que envolveram aquela campanha e aos resultados que essa alcançou.

A campanha *Pela Inscrição de Mais Um* também foi um assunto pouco abordado por *A Offensiva*. Durante a vigência dessa ação a tônica do aludido jornal foi a Guerra Civil Espanhola. Os resultados daquela campanha deveriam ter sido divulgados no dia Sete de Setembro. Mas, somente em sua edição⁶⁰³ inerente ao dia 11 desse mês é que *A Offensiva* abordou alguns resultados da campanha *Pela Inscrição de Mais Um*.

Naquela edição o referido jornal apresentou telegramas de alguns núcleos do país. Dentre eles havia um telegrama de Carmo da Cachoeira e outro de Formiga. O núcleo dessa cidade garantiu que antes da campanha reunia 428 adeptos. Ao fim dessa ação contava com 745 militantes. O núcleo de Carmo da Cachoeira afiançou que havia conseguido inscrever 109 militantes nas fileiras verdes.

Posteriormente, *A Offensiva* divulgou de forma espaçada os resultados obtidos por alguns núcleos com a campanha *Pela Inscrição de Mais Um*. Em outubro anunciou⁶⁰⁴ que em Minas os núcleos de Muriaé e Silvestre Ferraz, respectivamente, teriam inscrito 217 e 73 novos militantes. Mas o fato de que não houve uma cobertura exaustiva sobre o andamento da campanha pela *Inscrição de Mais Um* e sobre os resultados dessa sinalizam que a AIB não

⁶⁰² *A Razão*, 10/09/1936, num. 22, p. IV.

⁶⁰³ *A Offensiva*, 11/09/1936, num. 282, p. IV.

⁶⁰⁴ *A Offensiva*, 28/10/1936, num. 322, p. I.

alcançou os resultados pretendidos. Em novembro de 1936, cerca de dois meses após o fim daquela campanha, *A Razão* admitiu o fracasso ao publicar a seguinte nota:

CAMPANHA DO NATAL

Por determinação do Chefe Nacional, iniciou-se no dia 1.º do corrente, a <<Campanha do Natal>>, nos mesmos moldes da <<Campanha do Mais Um>>, porém agora mais ampla e concreta. Assim, até o último dia deste ano, o Integralismo terá multiplicado os seus adeptos em todas as cidades do Brasil. Os novos brasileiros que se inscreverem durante essa campanha não estarão isentos dos *3 Mês de Estagio*, conforme mandam as diretrizes integralistas.⁶⁰⁵

Logo, em Minas e em outros estados a campanha *Pela Inscrição de Mais Um* resultou em fracasso. Mas, era necessário manter os integralistas permanentemente mobilizados. Neste sentido, a direção integralista lançou a *Campanha do Natal*. Assim como sua predecessora esta campanha não contou com engajamento significativo em Minas.

Ainda em 1936 a organização liderada por Plínio Salgado lançou mais uma campanha de âmbito nacional. Contudo, essa tinha por objetivo angariar recursos financeiros para o sigma. Tratava-se da *Campanha do Ouro*, iniciada em dezembro de 1936 e encerrada em junho do ano seguinte. Além de contribuições em dinheiro a AIB recebeu joias, objetos em ouro e prata, cédulas e moedas de outros países. Mas, quais eram as fontes ordinárias de receitas da AIB?

Os estatutos de 1934 e 1935 possuem um capítulo denominado “*Da vida economico-financeira da A.I.B.*” Ambos proibiam nas esferas municipal, *provincial* e nacional o recebimento de donativos que implicassem qualquer tipo de obrigação dos integralistas para com os doadores. Ambos os estatutos estabelecem que o sigma se manteria através da contribuição de seus militantes. Esses deveriam colaborar de acordo “com suas possibilidades economicas e sua capacidade de sacrificio.”⁶⁰⁶ Geralmente estas contribuições eram as chamadas mensalidades, que se destinavam à manutenção dos núcleos.

Outra fonte de recursos da AIB era a *Taxa do Sigma*, criada por resolução⁶⁰⁷ do *Chefe Nacional* em janeiro de 1935. Oficialmente o montante angariado com a referida taxa deveria constituir um fundo de reserva para a AIB. Em fevereiro de 1936, quando a *Campanha do Ouro* estava em vigor, *A Offensiva* publicou a seguinte nota:

Da ultima demonstração feita pela Secretaria Nacional de Finanças, da arrecadação da Taxa do Sigma, extrahimos os seguintes dados:

⁶⁰⁵ *A Razão*, 12/11/1936, num. 30, p. I.

⁶⁰⁶ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de maio de 1934, num. 06, p. III.

⁶⁰⁷ *Monitor Integralista*, 03/10/1935, num. 12, p. V.

Guanabara vem á frente das sete Provincias que mais contribuíram para áquella Taxa, figurando com (...), seguindo-lhe o Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

A Provincia da Bahia, com os Nucleos fechados e os seus “camisas-verdes” perseguidos, é uma das que mais concorrem para a Taxa do Sigma, tendo alguns de seus Nucleos, como os de São Salvador, Itabuna e Palestina, contribuído com a importância de dois contos de réis ou mais cada um.

Dos tres mil e tantos Nucleos da A.I.B., excluídos os das sédes Provinciaes, occupa o 1º lugar o Nucleo do Andarahy, na Provincia da Guanabara com (...), seguindo-lhe o de Juiz de Fóra na Provincia de Minas Geraes, com cerca de tres contos, vindo a seguir dos Nucleos da Tijuca e de Copacabana, na Guanabara e o de Itabuna, na Bahia que arrecadaram, cada um, perto de tres contos de reis.⁶⁰⁸

Estipulada em 1\$000 réis (mil réis) por mês a *Taxa do Sigma* não eximia os integralistas de outros compromissos financeiros para com a AIB. Esses, inclusive, eram frequentes. Neste sentido, foi comum os núcleos recolherem doações financeiras para adquirir mobiliário e equipamentos como mimeógrafos. Contribuições eram solicitadas também para custear as bandeiras integralistas. Além disso, não foi incomum o levantamento de recursos pecuniários destinados a outras finalidades. O trecho abaixo exemplifica uma dessas contribuições extraordinárias:

Contribuição de patriotismo

Afim de se restabelecer o equilíbrio financeiro na Província, cuja Chefia arca com pesados encargos de propaganda e organização, foi determinada uma contribuição extraordinaria a ser recolhida a Belo Horizonte até o dia 15 de Agosto. Ao nosso Nucleo tocou a contribuição de 615\$000, constante de 41 listas de 16 assinaturas de 1\$000 cada uma.⁶⁰⁹

O valor estipulado em 615\$000 foi imposto ao núcleo integralista de Pouso Alegre. Conforme *A Razão* todos os membros desse núcleo “mesmo com sacrifício” deveriam contribuir financeiramente. O objetivo da direção daquele núcleo era levantar aquele montante cinco dias antes do prazo determinado pelo *Chefe Provincial*.

Entretanto, nem todos os camisas-verdes participavam das contribuições extraordinárias. Frequentemente muitos sequer observavam o pagamento da *Taxa do Sigma* ou das mensalidades devidas aos núcleos. O núcleo de Caxambu atesta que nem todos os militantes contribuíam financeiramente para com a AIB. Em janeiro de 1937, por meio de uma carta em que solicita contribuições financeiras aos militantes daquele núcleo, um camisa-verde estabeleceu que:

⁶⁰⁸ *A Offensiva*, 20/02/1937, num. 17, p. II.

⁶⁰⁹ *A Razão*, 06/08/1936, num. 17, p. III.

É preciso que todos venham contribuir com a sua quota mensal, afim de que possamos satisfazer os nossos compromissos. Todas as despesas tem sido custeados por um pequeno grupo de Camisas Verdes que tem feito grandes sacrifícios para manter sempre bem elevado o nome do sigma. Não é justo que, sendo o numero de incriptos superior a 160, que somente uma meia duzia seja sacrificada.

O nosso movimento é de sacrifícios e é preciso que nem um só Camisa Verde deixe de contribuir pecuniariamente, não apenas com quota de suas possibilidades, mas com a taxa maxima do seu sacrifício.⁶¹⁰

A fim de sanar estas distorções e elevar as receitas internas da AIB a *Secretaria Nacional de Finanças* lançou em abril de 1937 a sua *Directiva n° 2*. Essa norma determinava que se exigisse ‘(...) intransigentemente, de todos os nucleados, o pagamento mensal da “Taxa do Sigma”, não isentando desse pagamento qualquer delles, sejam quaes forem as razões apresentadas.’⁶¹¹

As pressões, contudo, dividiam espaço com o entendimento de que era necessário atrair cada vez mais adeptos para a AIB e mantê-los nessa organização. Neste sentido, a direção dos núcleos foi complacente para com aqueles que faltavam aos compromissos financeiros. Ademais, a organização liderada por Plínio Salgado se dizia aberta a todos os brasileiros. Logo, não aceitar adeptos devido à condição financeira desses ou excluí-los por este motivo seria uma prática contrária à retórica da AIB.

Por outro lado, essa organização necessitava de recursos financeiros para se manter. Logo, esforços extraordinários procuravam compensar o déficit causado por aqueles que deixavam de zelar com seus compromissos. Ao mesmo tempo, a AIB precisava financiar seu crescimento. Portanto, essa organização esteve sempre em busca de recursos. Neste sentido, a *Campanha do Ouro* foi mais uma iniciativa da AIB a fim de angariar recursos. Mas, como teve início a *Campanha do Ouro*?

Segundo a versão estabelecida pela AIB essa campanha teria se iniciado na Bahia. Em um núcleo desse estado uma criança de poucos recursos havia feito a doação inicial. Tratava-se de um anel de ouro com uma pedra brilhante. Essa joia seria fruto do trabalho árduo daquela criança. Após o consentimento dos pais dessa o *Chefe Municipal* daquele núcleo teria aceitado o donativo. Antes, porém, havia se empenhado em demover a criança e seus pais.

Conforme a retórica do sigma este acontecimento teria se espalhado entre os integralistas da Bahia. Esses seguiram o exemplo daquela criança e fizeram suas doações em ouro e prata. Não tardou para que as notícias das doações chegassem a outras *províncias*, o que

⁶¹⁰ APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Docs. 37 e 38.

⁶¹¹ *Monitor Integralista*, 10/04/1937, num. 18, p. II.

teria gerado um efeito em cadeia. Logo, a AIB urdiu mais uma narrativa pouco crível a fim de estabelecer que a *Campanha do Ouro* havia surgido espontaneamente.

A narrativa integralista ainda assegurou que o *Chefe Nacional* teria se oposto às doações quando delas tomou conhecimento. Apesar dessa reação, convocou com urgência uma reunião com a *Comissão de Finanças da Câmara dos 40* e com o *Secretário Nacional de Finanças*. O resultado foi a criação em fins de dezembro de 1936 de um regulamento⁶¹² para normatizar as doações e determinar como seriam investidos os recursos angariados.

Entre outros pontos o regulamento determinava que cada município deveria elaborar uma lista discriminando os itens doados e seus ofertantes. Aos integralistas era vedado fazer doações anônimas. Simpatizantes, no entanto, poderiam fazê-lo. O regulamento também determinava que não seria permitido:

(...) de modo algum, forçar contribuições ou donativos; estes devem ser espontaneos; a ninguém se poderá dirigir pessoalmente; os apellidos não devem assumir o character imperativo, mesmo quando dirigidos colectivamente, pois esta arrecadação deve ser o fructo espontaneo das deliberações de cada qual, sem que se verifique o menor constrangimento de quem quer que seja, e ninguém fica obrigado a fazer offertas, constituindo estas um accrescimo do valor do integralista, porem, jámais constituindo a sua impossibilidade na menor diminuição.⁶¹³

O regulamento da *Campanha do Ouro* estabeleceu ainda que as ofertas que implicassem grande esforço a seus doadores deveriam ser recusadas. Nesses casos, os ofertantes deveriam ser chamados em particular, demovidos de efetuar a doação e lembrados de que poderiam contribuir com o sigma de outras maneiras. Porém, se os militantes persistissem em doar, deveria ser feita uma observação e esse fato deveria ser levado ao conhecimento do *Chefe Nacional*.

Logo, um dos pontos centrais da *Campanha do Ouro* foi a ênfase na espontaneidade do seu início e das doações. Segundo a narrativa da AIB essas doações, inclusive, já ocorriam em núcleos de várias *províncias* antes mesmo do lançamento oficial da campanha. Segundo *A Razão* as ofertas variavam da “(...) dadiva humilde do trabalhador, que se despoja de alguns mil réis ou da unica e pequenina joia, á contribuição opulenta do brasileiro abastado (...)”⁶¹⁴

Nota-se, contudo, que ao mesmo tempo em que insistia na espontaneidade das ofertas, o discurso integralista elogiava o sacrifício dos doadores, mesmo daqueles de menores recursos. Ademais, estabelecia que com sacrifício todos poderiam doar à causa do sigma que, conforme

⁶¹² *A Offensiva*, 03/01/1937, num. 378, p. IX.

⁶¹³ *A Offensiva*, 03/01/1937, num. 378, p. IX.

⁶¹⁴ *A Razão*, 21/01/1937, num. 40, p. IV.

o discurso oficial, era a causa do Brasil. Em um de seus números *A Offensiva* relatou que um militante teria doado suas alianças de ouro à AIB. Esse integralista as teria substituído por anéis de aço “compreendendo que rigidez deste metal simboliza melhor ideal camisas-verdes.”⁶¹⁵

O núcleo do sigma em Teófilo Otoni garantiu ter sido palco de ofertas comoventes. “Chegou um pobre integralista, cego, e depositou na cesta alguns nickeis. Um homem que tem o direito de pedir, veio trazer a sua contribuição para a campanha integralista. Uma pequena menina, de família humilde depositou 2\$000!”⁶¹⁶

O núcleo de Areado sustentou que havia recebido doações de ricos e pobres, negros e brancos, iletrados e pessoas com maior nível de escolaridade. Em sua mensagem *À Offensiva* aquele núcleo postulou que “cada joia depositada na urna da collecta, representa não o valor intrínseco do ouro ou da prata de sua contextura mas, sim, a vontade firme de vencer, e a fé absoluta na proxima victoria.”⁶¹⁷

A retórica integralista assegurou que os militantes mais abastados entregavam à campanha todos os objetos em ouro e prata e todas as joias da família. A doação significativa feita pelo militante abastado denotava que esse não era “materialista”. Ao mesmo tempo foram comuns as notícias afirmando que mesmo os trabalhadores mais humildes estavam doando alianças e quantias em dinheiro à AIB. Essas ofertas feitas pelos militantes humildes revestiam-se de grande heroísmo na retórica do sigma, pois implicavam maior sacrifício. Conforme *A Offensiva*:

Chega o momento de um sacrifício pela causa, o homem simples corre a dar provas da sua fé. Se elle não possui daquelas poucas joias do sertão, cheias de lembranças suaves e mysticas, para offerecel-as no culto arrebatado da Patria, elle diz para o Chefe: - Não tenho anel, nem relógio de ouro, mas dou aquelle terreninho, ou umas cabeças de gado.⁶¹⁸

O trecho acima contém relatos que permearam o discurso integralista, não se restringindo à *Campanha do Ouro*. Meses antes dessa iniciativa financeira a revista *Anauê!* apresentou um fato que teria ocorrido em Entre Rios. O núcleo dessa cidade mineira encontrava-se em difícil situação econômica. Em razão disto, o *Chefe Municipal* solicitou contribuições dos militantes. Um “integralista de origem africana emotivo e sincero”⁶¹⁹ não possuindo recursos financeiros para ajudar o núcleo teria se proposto a vender o sítio em que

⁶¹⁵ *A Offensiva*, 19/01/1937, num. 391, p. I.

⁶¹⁶ *A Offensiva*, 11/03/1937, num. 434, p. I.

⁶¹⁷ *A Offensiva*, 04/05/1937, num. 478, p. I.

⁶¹⁸ *A Offensiva*, 14/02/1937, num. 413, p. I.

⁶¹⁹ *Revista Anauê!*, jan./fev./1936, num. 07.

residia e do qual retirava seu sustento. Atitudes como essa, cuja veracidade é questionável, eram elogiadas e encorajadas no interior do movimento integralista.

Portanto, a exaltação ao sacrifício financeiro presente na *Campanha do Ouro* não constituiu uma novidade. O sacrifício do militante era elogiado pela AIB e ao mesmo tempo exigido por essa organização. A extensão dos custos pessoais e financeiros a que um camisa-verde se submetia denotava o valor de sua militância.

Obedecendo ao referido padrão, duas retóricas excludentes coexistiram no interior da *Campanha do Ouro*. A primeira delas era oficial e insistia que as doações eram espontâneas. A segunda, de natureza implícita, estabelecia que as ofertas eram um dever, pois o cenário então vivido pelo Brasil era gravíssimo. Uma vez que segundo a retórica integralista somente a AIB era capaz de antepor obstáculos aos inimigos do país, doar a essa organização era o mesmo que doar ao Brasil. Os camisas-verdes de Pouso Alegre, por exemplo, desejavam estar entre aqueles que “(...) além de inteligência, socego e tempo, mais deram também em ouro para a grandeza do Brasil.”⁶²⁰

A retórica integralista advogava também que era necessário doar pois os camisas-verdes estavam em permanente débito para com a pátria. O *Governador da 1ª Região* lançou a *Campanha do Ouro* no município de Carvalhos. Em seu discurso esse integralista mencionou “(...) os primeiros tres martyres, os tres maiores exemplos de renuncia e abnegação, porque o que elles offertaram á Patria é infinitamente superior ao ouro: o sangue de martyres e a vida de heroes.”⁶²¹ Logo, o que eram valores em dinheiro e bens materiais frente àqueles que deram suas vidas ao Brasil?

Efetivamente, a *Campanha do Ouro* contou com pressões veladas e mecanismos de constrangimento que induziam os militantes a ofertarem valores em dinheiro, alianças, correntes de ouro, anéis de formatura, etc. Durante uma reunião do núcleo de Monte Belo o *Chefe Municipal* lembrou com ‘rápidas e entusiásticas palavras de que maneira surgira a espontânea “Campanha do Ouro”.’⁶²² Após essa recordação efetuou o seu donativo a vista dos presentes. Em seguida, alguns desses se levantaram e fizeram suas doações àquela campanha.

Um dos elementos que infundiram caráter de obrigatoriedade às doações foram as listas que discriminavam o item ofertado e o nome do militante que o havia doado. Essas listas incentivavam as doações, pois constrangiam aqueles que ainda não haviam ofertado nenhum bem a fazê-lo. Implicitamente, aquele que não tinha seu nome escrito na lista de ofertantes não

⁶²⁰ *A Razão*, 28/01/1937, num. 41, p. IV.

⁶²¹ *A Offensiva*, 09/02/1937, num. 409, p. II.

⁶²² *A Offensiva*, 30/01/1937, num. 401, p. I.

estava se esforçando pelo Brasil. O núcleo de Juiz de Fora logo no primeiro dia de contribuições teria conseguido:

Um resultado assombroso. Apesar do numero avultado de companheiros, operarios e lavradores, integralistas convictos e dedicados, mas que não dispunham de objectos valiosos, avultou a quantidade de joias e brindes oferecidos com um desapego espantoso á campanha.⁶²³

A existência das listas de doações também atuou sobre os núcleos, pois os induziu a mobilizarem seus camisas-verdes. Chegou a haver uma espécie de competição não declarada entre núcleos integralistas com o objetivo de alcançar as maiores doações. Essa competição velada permeou toda a militância integralista. Logo, aqueles núcleos que atraíam mais adeptos, que elegiam mais camisas-verdes à Câmara Municipal ou que levantavam as maiores quantias para o sigma eram apresentados nos jornais integralistas como exemplos a serem observados.

Por conseguinte, houve o entendimento segundo o qual a dimensão do montante angariado equivalia à militância dos integralistas deste ou daquele núcleo. Logo, quanto maior o valor obtido por doações, maior seria o valor, a tenacidade e a abnegação dos camisas-verdes responsáveis pelo montante. O inverso, naturalmente, também era válido. Por conseguinte, as doações, que não deveriam ser obrigatórias, acabaram assumindo esse caráter.

Mas, a retórica integralista não deixava de estabelecer que a *Campanha do Ouro* era um esforço saudável em defesa do Brasil. Assegurava ainda que as doações eram feitas com alegria. Ademais, postulava que o integralismo recompensaria seus militantes oferecendo-lhes um grande país. Neste sentido, a retórica da AIB garantia que os militantes se orgulhavam de suas doações.

Naturalmente, a *Campanha do Ouro* não passou despercebida, uma vez que suscitou desdém e apreensões. Jornais e observadores da época acusaram a AIB de aproveitar-se da boa-fé de seus adeptos. Por outro lado, algumas críticas zombavam daqueles que ofereciam ao sigma alianças de casamento e seus parcos recursos. Outras críticas levantavam suspeitas quanto à utilização dos recursos levantados.

Por ocasião da *Campanha do Ouro* um servidor público residente em Tombos enviou uma denúncia ao governador de Minas. Nessa afirmou que “em excursão por esta cidade angariando dinheiro e ouro dos seus comparsas para eleição presidencial (...)”⁶²⁴ um integralista havia se referido de modo injurioso ao governador do estado. Essa atitude não havia encontrado

⁶²³ A *Offensiva*, 14/03/1937, num. 437, p. I.

⁶²⁴ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 71.

qualquer reação por parte das autoridades locais. Em sua carta-denúncia o servidor afirmava que cumpria com seu dever e declarava-se admirador do governador de Minas.

Embora a denúncia em questão tenha sido motivada por interesses questionáveis o Chefe de Polícia de Minas solicitou esclarecimentos sobre o ocorrido ao delegado de Tombos. Esse esclareceu que estava em diligência fora do município no dia em que o integralista havia se referido de modo descortês ao governador. Contudo, enfatizou que havia se ausentado porque as reuniões do núcleo local ocorriam duas vezes por semana “sem uso ou abuso de métodos.”⁶²⁵ Observa-se que o núcleo de Tombos desfrutava de maior liberdade para promover suas reuniões. Todavia, em Minas a conduta dos delegados foi variável em relação ao integralismo. Esse fenômeno, os cerceamentos às atividades dos camisas-verdes e as respostas desses militantes são os objetos de exame do capítulo seguinte.

⁶²⁵ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 68.

CAPÍTULO VI

Vigilância e repressão à militância verde

6.1 – Monitoramento e perseguição à militância integralista de 1932 a 1935

Neste capítulo estão expostos registros de vigilância e proibição às atividades da AIB em municípios e distritos de Minas Gerais. Os episódios arrolados constituem padrões. Foi comum, por exemplo, os integralistas serem impedidos de usar a camisa-verde em via pública. Também foi comum esses militantes serem proibidos de se reunir. Frequentemente ainda aqueles militantes viram seus núcleos serem fechados por delegados locais. Após identificar a recorrência desses fenômenos a opção metodológica deste trabalho foi por citar exemplos daquilo que se repetia.

Até os meses iniciais de 1935 o monitoramento sobre as atividades da AIB em Minas não foi sistemático. Ao mesmo tempo houve poucos registros de cerceamentos a estas atividades. Em Minas as proibições à militância verde aumentaram ao longo dos anos e variaram em função de decretos como o Estado de Sítio e o Estado de Guerra. Devido a essas variáveis, os exemplos de proibições e arbitrariedades contra os integralistas estão distribuídos de acordo com o ano em que aconteceram.

Não foram encontrados registros de cerceamentos ou violências contra os adeptos do sigma em Minas entre a fundação do primeiro núcleo estadual em outubro de 1932 e o fim desse ano. Durante esse período mesmo o núcleo da capital paulista, primeiro do Brasil, limitou-se às atividades internas. Ao longo de 1933 também não foram encontrados registros de cerceamentos às atividades da AIB em Minas Gerais. Somente em dezembro de 1933 seria fundado o núcleo de Juiz de Fora. As fontes consultadas indicam que esse foi o segundo núcleo da AIB naquele estado. Portanto, ao longo de 1933 o integralismo foi pouco expressivo em solo mineiro.

Os documentos pesquisados revelam que as ocorrências mais antigas de perseguições contra o sigma aconteceram em Teófilo Otoni. A *Offensiva*⁶²⁶ noticiou, sem detalhar, que o prefeito desse município havia cerceado as atividades locais do sigma durante os meses de setembro e outubro de 1934.

O jornal integralista *Anauê!* foi lançado em abril de 1934 e circulou até julho desse ano. Nesse período o referido jornal não fez referência a qualquer tipo de perseguição ao sigma em

⁶²⁶ A *Offensiva*, 06/04/1935, 47, p. V.

Minas. No entanto, publicou que na cidade fluminense de Barra do Piraí 15 adeptos do AIB “resistiram valentemente ao ataque de 300 communistas, pondo-os depois de 2 horas de cerrado tiroteio, em completa debandada.”⁶²⁷ Não teria havido socorro policial aos integralistas. Apesar disto, afiançou aquele jornal, esses militantes teriam permanecido calmos durante o ataque. Resignaram-se ainda à possibilidade de não sobreviverem ao confronto.

Anauê! foi relançado em maio de 1935, contudo, não menciona se houve arbitrariedades contra o sigma em Minas durante o período em que não circulou. Uma vez relançado, mencionou duas vezes e de forma imprecisa que o integralismo começava a ser alvo de perseguições naquele estado. Em uma das vezes, datada de agosto, aquele jornal publicou:

E a politica liberal, já prevendo, não mui distante, a victoria do ideal de um povo, iniciou cynicamente o enthullamento das estradas que estamos percorrendo. As pedrinhas já estão saltando detraz dos arbustos para o meio da vereda, jogadas por homens de espírito velho e cérebro embolado. As perseguições já foram iniciadas. De todos os recantos chegam, semanalmente, pedidos dos camisas-verdes para que façamos cessar as arbitrariedades dos poderosos do regimen. E que poderemos fazer? Registrados no Tribunal Eleitoral como um movimento de amplitude Nacional, é para esse orgao de Justiça que os nossos S. O. S são dirigidos nos momentos de aperturas e provocações, nós que queremos viver dentro da lei, nós que somos uma grande força que renega os conchavos e as revoluçõesinhas, para só pensar na Grande Revolução, que é a Revolução cultural de toda uma Patria.

(...).

O Brasil não desaparecerá neste tumulto de desordem e anarchia. Os camisas-verdes estão vigilantes e, na hora do perigo, o mesmo braço que se ergue para o céu em anauês, vibrantes, descerá com o chicote para expulsar os farsantes que mercadejam no Grande Templo da Patria.⁶²⁸

A perspectiva de desforra é um elemento que não pode ser ignorado no trecho acima. Também não se pode ignorar que *Anauê!* menciona no segundo semestre de 1935 que o integralismo começava a ser alvo de perseguições em Minas. Também datam daquele período as poucas referências daquele jornal a arbitrariedades contra o sigma em outros estados. Em meio à diminuta quantidade de episódios de arbitrariedades e violências contra o integralismo, aqueles mais dramáticos não aludiam a Minas.

As referências de *Anauê!* a perseguições contra a AIB, tanto em Minas como em outros estados, são um reflexo da força então detida por essa organização. Em âmbito nacional até os meses iniciais de 1935 a AIB se esforçava por se consolidar enquanto organização. Até esse período o sigma elaborava e reelaborava seus estatutos, sua estrutura interna e definia sua estratégia para galgar o poder. Este cenário de fragilidade repetia-se em Minas Gerais.

⁶²⁷ *Anauê!*, julho/1934, num. 04, p. III.

⁶²⁸ *Anauê!*, 21/08/1935, num. 09, p. II.

Nesse estado até o primeiro semestre de 1935 a AIB não detinha números e organização suficientes para ser encarada como uma ameaça. Reside neste fenômeno a diminuta observância nas fontes pesquisadas de registros de violências e proibições contra o sigma até aquele período. Mesmo os registros de vigilância policial sobre as atividades da AIB são escassos até os meses iniciais de 1935. Os registros desta vigilância corroboram a fragilidade do integralismo. Este fenômeno pode ser observado em Soledade, distrito de Caxambu.

Em fevereiro de 1935 havia um investigador do DOPS-MG em trânsito por aquele distrito. Durante esta passagem observou que Soledade não possuía um núcleo integralista “(...) apenas existindo dois entusiastas deste credo (...)”⁶²⁹. Um deles era padeiro e o outro era estudante secundarista em uma cidade vizinha. O primeiro, na concepção do investigador, era um entusiasta que não tinha pleno conhecimento do integralismo e não conseguia convencer outras pessoas. O segundo havia promovido duas conferências sobre o integralismo em Soledade. Mas, essas iniciativas não obtiveram frutos.

À medida que balizas são importantes para a História o mês de junho de 1935 pode ser apontado como um marco inicial do monitoramento sistemático das atividades da AIB em Minas Gerais. Nesse mês o DOPS-MG passou a enviar circulares a delegacias de todo o estado inquirindo-as sobre a militância integralista. Uma dessas circulares foi a de número 6529. Nesse documento aquele órgão interpelava as delegacias se em suas áreas de jurisdição havia camisas-verdes, núcleos já formados da AIB e se havia funcionários públicos adeptos dessa organização.

Em caso positivo, as delegacias deveriam remeter ao DOPS-MG listas informando os nomes dos integralistas, discriminando quais eram funcionários públicos e os órgãos em que esses trabalhavam. Na mesma circular, o DOPS-MG indagava as delegacias sobre a existência de núcleos da ANL, de comunistas e de casas comerciais que vendiam armas, munições e explosivos.

Antes daquele mês de junho de 1935 o DOPS-MG já procedia à identificação das entidades culturais, filantrópicas, políticas e de classe existentes em cada localidade. Procurava identificar também os estabelecimentos que comercializavam munições, armas e explosivos. A novidade em junho de 1935 é que os ofícios enviados às delegacias passaram a indagar especificamente sobre a existência de núcleos e militantes da AIB.

A partir de então, o monitoramento sobre as atividades integralistas tornou-se sistemático. Identificar quais funcionários públicos eram integralistas foi um dos elementos pelos quais o DOPS-MG demonstrou maior interesse ao longo da existência legal da AIB. Em

⁶²⁹ APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Doc. 05.

agosto de 1937, por exemplo, aquele órgão expediu novos ofícios às delegacias indagando-as sobre a existência de funcionários públicos ligados ao sigma.

Naquele mês de agosto de 1937 a delegacia de Elói Mendes enviou⁶³⁰ ao DOPS-MG uma lista contendo nomes e funções de integralistas que atuavam no serviço público. Também no mês de agosto de 1937 a delegacia de Abre Campo informou⁶³¹ que nessa cidade e nos seus distritos não havia funcionários públicos integralistas, tampouco núcleos do sigma. Ainda naquele mês a delegacia de Ouro Fino enviou sua relação dos funcionários públicos integralistas. Referindo-se a uma professora da escola local aquela delegacia sustentou:

É uma propagandista extremada, discursando em todas as oportunidades. Lecciona também em uma escola noturna, NÃO REGISTRADA, que funciona na sede integralista desta cidade. Desvia alunos do Grupo para a escola integralista. É elemento dos mais destacados do sigma.⁶³²

Em setembro daquele ano de 1937 foi a delegacia do município de Diamantina que enviou uma lista⁶³³ dos funcionários públicos pertencentes à AIB ou que simpatizavam com essa organização. Contudo, não foram encontrados registros indicando quais eram os objetivos do DOPS-MG ao identificar os servidores públicos que militavam pelo sigma.

Este processo de identificação teve início em junho de 1935 a partir das circulares enviadas pelo DOPS-MG. Contudo, significativa quantidade de respostas a estas circulares atesta que até os meses iniciais de 1935 o integralismo esforçava-se por se consolidar em Minas Gerais. Logo, foi bastante comum as delegacias responderem que em suas áreas de atuação ou não havia núcleos integralistas ou que esses eram compostos por uma ou duas dezenas de adeptos.

O município de Itanhandu constitui um exemplo, pois em resposta à circular 6529 a delegacia assegurou⁶³⁴ que o núcleo local reunia aproximadamente dez membros. Fenômeno semelhante pode ser verificado com o núcleo de Viçosa. Em resposta àquela circular, em julho de 1935, a delegacia informou⁶³⁵ que um núcleo estava sendo organizado nessa cidade e outro em um distrito próximo. Pouco tempo após receber a resposta da delegacia de Viçosa, o DOPS-MG enviou um de seus agentes a esse município. Após oito dias de investigação, o agente apurou que o núcleo local havia sido fundado. Mas, observou que a propaganda integralista não

⁶³⁰ APM: [PASTA 4609 Elói Mendes - integralismo maio 1932 - set. 1946](#). Doc. 58.

⁶³¹ APM: [PASTA 4476 Abre Campo ago. 1932 - set. 1942](#). Doc. 04.

⁶³² APM: [PASTA 4793 Ouro Fino - integralismo jun. 1935 - jun. 1943](#). Doc. 48.

⁶³³ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 256.

⁶³⁴ APM: [PASTA 4672 Itanhandu - integralismo jul. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 16.

⁶³⁵ APM: [PASTA 4996 Viçosa - integralismo jul. 1935 - abr. 1938](#). Doc. 27.

havia encontrado “(...) aplausos por parte da população, razão porque não conseguiram até hoje eleição de directoria e novos alistandos, estando o nucleo com poucos adeptos, sendo os componentes de pouca projecção social.”⁶³⁶

No entanto, comunicações datadas de 1936 atestam o crescimento de alguns daqueles mesmos núcleos que no ano anterior reuniam poucos adeptos. Os núcleos de Itanhandu, Viçosa e Soledade ilustram este argumento. Em fevereiro de 1935 esse distrito sequer possuía um núcleo. Em agosto do ano seguinte o DOPS-MG recebeu um relatório⁶³⁷ afirmando que Soledade possuía um núcleo que reunia sessenta membros. A maioria desses era constituída por funcionários da ferrovia que corta aquela localidade.

A delegacia de Matias Barbosa, em resposta⁶³⁸ à circular 6529, afirmou no início de julho de 1935 que nessa cidade havia somente dois adeptos da AIB. Um deles era médico e o outro dentista. Contudo, o município em questão abrigava diversos simpatizantes do integralismo. Alguns desses foram ouvidos pelo delegado e alegaram que eram apenas “(...) admiradores e não associados, visto que para isso depende de usual compromisso, o que ainda não fizeram.” Existia, por outro lado, um grupo de escoteiros que se orientavam pelo integralismo, reunindo cerca de vinte crianças de diversas idades. Não havia membros da AIB nos demais distritos de Matias Barbosa.

Entretanto, essa organização cresceria significativamente nessa cidade em pouco mais de seis meses após aquela resposta da delegacia local ao DOPS-MG. Em fevereiro de 1936, em consulta a esse órgão, a delegacia de Matias Barbosa indagou como deveria se portar frente ao núcleo local. Decisões judiciais favoráveis à AIB em algumas cidades e a existência de opiniões antagônicas sobre essa organização suscitaram a dúvida do delegado de Matias Barbosa. Através de sua consulta ao DOPS-MG ele desejava “(...) evitar providencias contrarias á dispositivos de lei e contra o modo de julgar dessa Chefia (...).”⁶³⁹ Finalizando sua comunicação, o delegado atestou o crescimento da AIB em Matias Barbosa ao postular:

(...) que tal agremiação vem se incrementado fortemente neste Municipio, como constantes exhibições em publico, sahindo á Rua alem dos escoteiros, grupos de rapazes uniformizados e praticando exercícios militares, o que geralmente é feito á noite.

Ainda agora, recentemente na passagem do Snr. Plinio Salgado, fizeram entusiasticas demonstrações, sem que esta Delegacia tivesse tido qualquer communicação.⁶⁴⁰

⁶³⁶ APM: [PASTA 4996 Viçosa - integralismo jul. 1935 - abr. 1938](#). Doc. 29.

⁶³⁷ APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Docs. 8 e 9.

⁶³⁸ APM: [PASTA 4755 Matias Barbosa nov. 1931 - jun. 1949](#). Doc. 10.

⁶³⁹ APM: [PASTA 4755 Matias Barbosa nov. 1931 - jun. 1949](#). Doc. 12.

⁶⁴⁰ APM: [PASTA 4755 Matias Barbosa nov. 1931 - jun. 1949](#). Doc. 12.

Os documentos do fundo DOPS-MG relativos ao integralismo em 1935 denotam que os núcleos existentes reuniam poucas dezenas de membros. Tratava-se de um movimento ainda tímido mesmo naquelas três regiões mineiras onde mais se desenvolveu. Por conseguinte, o integralismo foi mais monitorado do que cerceado ao longo de 1935 pelas autoridades policiais de Minas.

Em razão do desenvolvimento da AIB este cenário começa a se modificar a partir do segundo semestre de 1935. Neste período o crescimento do sigma em Minas torna-se mais rápido do que aquele se verificou desde 1932. Corroborar este argumento a multiplicação de comunicações relativas ao integralismo entre delegacias locais e o DOPS-MG. Já no segundo semestre de 1935 delegacias locais começam a informar à referida instituição policial que os efetivos de que dispunham eram reduzidos para, se necessário, reprimir os camisas-verdes.

Ainda em 1935 houve um segundo fenômeno que contribuiu para aumentar no ano seguinte os casos de proibições às atividades da AIB. Trata-se do Estado de Sítio. Decretado em 26 de novembro de 1935 essa medida foi prorrogada na véspera de Natal por mais noventa dias. O texto do referido decreto autorizava suspender a liberdade de reunião e de tribuna, censurar correspondências de qualquer natureza e publicações em geral. Com a vigência do Estado de Sítio as proibições à militância verde poderiam ser legalmente justificadas por delegacias locais.

Porém, os efeitos do Estado de Sítio sobre a militância verde não foram imediatos. Restavam menos de quarenta dias para o fim do ano quando o decreto em questão foi instituído. Ademais, foi necessário algum tempo para que os delegados percebessem que aquela medida de exceção poderia ser utilizada contra os militantes do sigma. A demora desta percepção justifica-se, pois, o Estado de Sítio foi decretado em função de um movimento de natureza comunista.

Portanto, o crescimento da AIB em Minas faz aumentar os registros de vigilância e cerceamento às atividades dessa organização. Este fenômeno se delineia na segunda metade de 1935. Logo, existiu vigilância e proibições aos camisas-verdes antes do Estado de Sítio. Porém, essa medida forneceu embasamento legal às proibições que já começavam a ser impostas à militância do sigma.

Tanto o crescimento da AIB como a vigilância e as proibições às suas atividades tornam-se inequívocas já nos meses iniciais de 1936. Em Minas alguns delegados locais, agindo sem prévia orientação superior, foram os maiores responsáveis por cercear militância verde. Neste

ponto Minas Gerais se diferencia de estados como Bahia e Santa Catarina, onde a repressão ao integralismo foi coordenada pelos respectivos governadores. O tópico seguinte procederá a um exame comparativo entre esses estados valendo-se, sobretudo, do jornal *A Offensiva*.

6.2 – Delegados locais: maiores responsáveis por coibir a militância verde em 1936

Desde seu primeiro núcleo em Minas Gerais, localizado em Teófilo Otoni, a AIB esteve em crescimento nesse estado. Porém, esse crescimento foi bastante desigual, pois variou conforme a região mineira. Por conseguinte, quando este trabalho discorre sobre o crescimento da AIB em Minas alude especialmente às regiões Central, Sul e Zona da Mata. O mesmo acontece quando se discute o aumento das arbitrariedades contra o sigma naquele estado.

Não por acaso, em *Anauê!* a primeira referência detalhada a cerceamentos à militância verde em Minas diz respeito a cidades daquelas três regiões onde o integralismo mais cresceu nesse estado. Em janeiro de 1936 *Anauê!*⁶⁴¹ afirmou que o núcleo de Pedra Branca havia sido fechado e que seu *Chefe Municipal*, o padre Guerra, havia sofrido ameaças. Segundo aquele jornal os núcleos de Areado, Entre Rios, Maria da Fé e Rio Casca também teriam sido fechados. Em Itajubá quatro universitários integralistas teriam sido presos. Conforme *Anauê!* delegados locais estavam desenvolvendo “ás claras, abertamente, tremenda ofensiva contra o movimento integralista.” Este comportamento, sustentou o referido periódico, constituiria um “attentado ao Código Eleitoral” e um desvio, pois em Minas Gerais haveria uma tradição de respeito à lei. Por fim, observou aquele jornal, as autoridades públicas de Minas não assumiam qualquer atitude no sentido de encerrar as perseguições que se abatiam contra o integralismo.

Verifica-se logo no início de 1936 um aumento das proibições impostas à militância verde. Esse ano teve início sob a égide de uma medida de exceção, o Estado de Sítio. Porém, aquele aumento das proibições vincula-se mais ao crescimento da AIB em Minas do que à vigência do Estado de Sítio.

Naturalmente, houve delegados que perceberam que essa medida poderia ser utilizada contra o sigma. Um deles era responsável por Maria Fé. Essa autoridade policial lançou mão do Estado de Sítio contra a AIB em dez de janeiro de 1936. Nesse dia enviou um ofício⁶⁴² ao núcleo daquela cidade apontando que o sigma era contrário ao regime e que enquanto vigorasse o Estado de Sítio não permitiria quaisquer uniformes ou distintos que indicassem o

⁶⁴¹ *Anauê!* 22/01/1936, num. 14, p. I.

⁶⁴² APM: [PASTA 4761 Maria da Fé - integralismo jan. 1936 - set. 1942](#). Doc. 39.

pertencimento a organizações que mantivessem hierarquias e subordinações. Também não permitiria eventos de cunho político em via pública. Aqueles promovidos em recintos fechados seriam permitidos desde que comunicados por escrito com antecedência mínima de 24 horas a fim de serem devidamente fiscalizados.

A ordem emitida pelo delegado de Maria da Fé constitui uma exceção, uma vez que foi formalizada mediante ofício e assinatura. Ainda que buscassem respaldo legal os delegados de Minas frequentemente emitiram ordens verbais à militância do sigma. A ordem do delegado de Maria da Fé ainda constitui uma exceção porque embasou-se sobre o Estado de Sítio. Delegados em Minas demoraram a perceber que esse dispositivo poderia ser utilizado contra os integralistas.

Esta percepção começou a se materializar quando a vigência do Estado de Sítio chegava ao fim. Mas, os delegados mineiros não ficaram sem uma medida de exceção para legitimar o cerceamento à militância verde. Pouco antes do término do Estado de Sítio foi decretado o Estado de Guerra. Esse dispositivo, além de manter o que o Estado de Sítio havia suspenso, interditava outras garantias como o direito à ampla defesa, ao mandado de segurança e ao *habeas-corpus*. O Estado de Guerra ainda determinava que poderia haver banimento e pena de morte.

Esta nova medida de exceção foi prorrogada algumas vezes em 1936, vigorando de março até o fim de dezembro desse ano. Ao contrário do Estado de Sítio, frequentemente delegados mineiros recorreram à nova medida de exceção para coibirem as atividades da AIB. Porém, não foram todos que se voltaram contra essa organização. Segundo *A Offensiva* no início de outubro de 1936 o delegado de Baependi emitiu e assinou o seguinte comunicado:

- a) Durante o tempo que sou delegado de polícia, deste Município (18 meses) nunca esta delegacia teve necessidade chamar a ordem qualquer integralista desta cidade;
- b) por esta delegacia nunca foi determinado o fechamento do Nucleo da A. I. B. desta cidade;
- c) é verdade que o cidadão (...), Chefe Municipal do Nucleo da A. I. B. desta cidade, em novembro de 1935, oficiou a esta delegacia, pondo á disposição da mesma os integralistas desta cidade, para a manutenção da ordem, caso esta delegacia necessitasse. Por ser verdade, mandei passar este que assino.⁶⁴³

A declaração acima, uma vez tomada como autêntica, exprime inequívoca simpatia do delegado de Baependi pelo integralismo. No entanto, essa declaração foi a única de seu gênero encontrada por este trabalho. É possível que em Minas tenha havido outros delegados

⁶⁴³ *A Offensiva*, 27/10/1936, num. 321, p. I.

simpáticos à AIB. Nestes casos, é provável que tenham demonstrado esta simpatia ao não obstaculizar a marcha integralista.

Seja como for, as atividades da AIB em Minas foram permitidas ou toleradas por alguns delegados enquanto outros as proibiram. De igual maneira, núcleos integralistas foram fechados em algumas localidades enquanto em outras permaneceram abertos. Em outubro de 1936, por exemplo, os núcleos de Maria da Fé e do distrito de Soledade, vinculado a Caxambu, estavam fechados. Parte dos militantes desses núcleos compareceu, respectivamente, a Itajubá e a Caxambu a fim de assistir à cerimônia *Noite dos Tambores Silenciosos*. Portanto, a conduta dos delegados locais em relação ao sigma não foi uniforme. Apesar disso, é possível identificar algumas recorrências em meio às variações.

Houve delegados que limitaram-se a informar às instâncias superiores que acompanhavam sem interferência as atividades dos núcleos locais. Esses delegados inquiriam o Chefe de Polícia e o DOPS-MG sobre como deveriam agir perante o sigma. Em novembro de 1936, atendendo a uma solicitação do DOPS-MG, o delegado de Campo Belo enviou a esse órgão uma relação dos integralistas locais. No mesmo documento consultou se era ‘permitted aos integralistas o uso da “Camisa Verde”, pois, até agora, vem os mesmos exibindo tal Camisa, e nunca os observei, por falta de instrução a respeito.’⁶⁴⁴ Em resposta o DOPS-MG estabeleceu que não havia ‘proibição do uso de “camisas verdes” por parte de elementos integralistas, até o momento.’⁶⁴⁵

Muitos delegados externaram sua apreensão frente ao desenvolvimento dos núcleos locais. Em suas comunicações aos órgãos superiores apresentavam em números o crescimento daqueles núcleos. Frequentemente levaram ao conhecimento do DOPS-MG ou do Chefe de Polícia as críticas feitas pelos camisas-verdes ao regime em vigor e às autoridades constituídas. Em todos os casos, solicitavam instruções sobre o procedimento a ser adotado. Desta forma, muitos delegados pautaram sua conduta frente à AIB pelo comedimento. Esse padrão não foi suprimido pelo Estado de Sítio, tampouco pelo Estado de Guerra.

Outros delegados informavam aos camisas-verdes que só iriam deliberar sobre as solicitações desses após se consultarem com os devidos órgãos superiores. Logo, só permitiriam a realização de desfiles, bandeiras, concentrações e exibição de filmes produzidos pela AIB após orientação superior. Todavia, em muitos casos o objetivo daquelas autoridades policiais

⁶⁴⁴ APM: [PASTA 4536 Campo Belo - Integralismo nov. 1935 - dez. 1943](#). Doc. 32.

⁶⁴⁵ APM: [PASTA 4536 Campo Belo - Integralismo nov. 1935 - dez. 1943](#). Doc. 31.

era desgastar os militantes do sigma. O tempo decorrido entre as comunicações poderia retardar ou inviabilizar as atividades que aqueles militantes desejavam promover.

Houve ainda delegados que agiram por conta própria em relação aos camisas-verdes. O procedimento dessas autoridades policiais obedeceu ao seguinte roteiro: sem ordem prévia do DOPS-MG ou do Chefe de Polícia delegados de municípios e distritos fechavam núcleos e/ou proibiam os adeptos do sigma de se reunirem em ambiente privado e de utilizarem em público suas camisas-verdes e o cumprimento protocolar. Orientando-se pelo costume, pela estratégia ou por ambos a maioria dos delegados não formalizou essas proibições através de ofícios impressos e assinados. Este padrão de cerceamento começa a se delinear no segundo semestre de 1935 e consolida-se no início do ano seguinte.

Esta consolidação traduziu-se em um aumento, logo no início de 1936, das proibições impostas por delegacias às atividades da AIB. Naturalmente, este fenômeno refletiu-se nos órgãos da imprensa verde. O primeiro registro detalhado de *Anauê!* sobre proibições à marcha dos camisas-verdes em Minas é datado de janeiro de 1936.

Ao longo desse ano foram comuns no jornal integralista de Pouso Alegre menções a arbitrariedades contra o sigma em Minas. Referindo-se a esse e a outros estados aquele jornal preconizou que os responsáveis pelos cerceamentos à AIB desconheciam e infringiam as leis vigentes no país. O cenário vivido pelo integralismo em Minas ao longo de 1936 é ilustrado pela matéria abaixo:

EM MIRAÍ

<<O integralismo na Provincia de Minas Gerais continua a sofrer em varios Municipios perseguições que lhe movem autoridades e pequenos chefes locais.

Desconhecedores da linha de conduta que cumpre ás verdadeiras autoridades em face de um partido que se tem tornado o principal esteio da ordem e da lei, essas pessoas ora entram a vida de um Nucleo, ora probem um discurso, ora afrontam companheiros nossos, como tem feito o já famoso Alencar Alexandrino.

Felizmente a Justiça de Minas tem socorrido sempre os direitos do Integralismo, mostrando á Nação o arbitrio dos que se dizem defensores das liberdades publicas.

Ainda agora o integro juiz de direito da Comarca de Miraí, (...), acaba de conceder o mandado de segurança a ele impetrado, restabelecendo o funcionamento do Nucleo local.>>⁶⁴⁶

O “famoso Alencar Alexandrino” foi um delegado de polícia que atuou em algumas cidades mineiras. Essa autoridade policial foi uma das que revelou maior disposição em cercear as atividades da AIB. A citação do nome daquele delegado por *A Razão* constitui um fato incomum. Sobretudo no que tange a Minas, esse jornal aludiu de forma vaga aos ocupantes de

⁶⁴⁶ *A Razão*, 17/12/1936, num. 35, pp. I e II.

cargos públicos ao criticá-los. Efetivamente, *A Razão* evitou nomear aqueles a quem criticava e esforçou-se por atenuar estas críticas.

Nestes esforços aquele jornal avaliava que existiam autoridades públicas bem-intencionadas que reprimiam o integralismo. Nestes casos, agiam contra a AIB por ignorarem os princípios dessa organização. Porém, concluía *A Razão*, ao obstaculizarem a marcha do sigma aquelas autoridades acabavam servindo a interesses comunistas e de facções políticas.

Contudo, o jornal integralista de Pouso Alegre não foi tão zeloso ao se referir a outros estados. *A Razão* divulgou arbitrariedades e violências perpetradas contra integralistas fora de Minas. Os estados a que aquele jornal mais se referiu foram o Paraná, Santa Catarina e a Bahia. Os respectivos governadores foram tachados por *A Razão* como agentes a serviço da maçonaria que visavam o fim do integralismo.

Assim como em *Anauê!*, em *A Razão* as denúncias mais graves de violências e arbitrariedades contra integralistas referem-se a outros estados. Uma das primeiras violências contra os militantes do sigma que *A Razão* noticiou ocorreu na cidade baiana de Macuco. Segundo esse jornal, em abril de 1936 a polícia dessa cidade teria despido 150 integralistas de suas camisas-verdes e com essas acendido a “(...) mais luminosa e mais significativa fogueira jamais acesa em terras do Brasil !”⁶⁴⁷

Muito daquilo que se publicava em *Anauê!* e no jornal integralista de Pouso Alegre baseava-se ou transcrevia, principalmente, o conteúdo de *A Offensiva*. A análise desse jornal corrobora que até o fim de 1936 Minas Gerais não foi o estado onde se perpetrou mais abusos contra a AIB. Porém, a cobertura de *A Offensiva* sobre os abusos contra o sigma em Minas Gerais apresenta algumas diferenças em relação àquela feita por *Anauê!* e *A Razão*.

Ao contrário desses jornais, *A Offensiva* teceu críticas diretas ao governador de Minas. Em meio às críticas imputou a esse a responsabilidade pelos cerceamentos à AIB. Além disso, se valeu de termos mais incisivos para aludir ao governo e aos órgãos de segurança pública de Minas. O fato de os editores do periódico em questão estarem na capital do Brasil pode ser a resposta para este fenômeno.

No entanto, *A Offensiva* adotou esta linha mais contundente em relação a Minas durante os meses iniciais de 1936. Em fevereiro desse ano aquele periódico sustentou que o *Congresso Integralista Universitário*, realizado em São João Del Rei, havia sido interrompido porque o governo se assustou perante a “(...) estrondosa manifestação de sympathia e entusiasmo, pela

⁶⁴⁷ *A Razão*, 28/05/1936, num. 07, p. II.

população feita ao Chefe e aos camisas-verdes (...).”⁶⁴⁸ Em fins de abril de 1936 *A Offensiva* publicou que:

Reuniu-se, hontem, no Palacio da Liberdade, sob a presidencia do governador Benedicto Valadares, e na presença do Secretario Estadual, a banca situacionista mineira, com o fim especial de estudar um meio de combate efficientemente o Integralismo, e de se fechar os multiplos Nucleos municipaes da A. I. B. neste Estado. Deliberou-se que as autoridades policiaes do interior iriam pouco a pouco determinando o fechamento das sédes integralistas, difficultando assim quaesquer providencias que a Chefia do Movimento do Sigma procure tomar junto aos poderes competentes. O governo mineiro, portanto, está diposto a desrespeitar o direito dos camisas-verdes, impedindo a propaganda eleitoral de seus candidatos ás proximas eleições municipaes.

Deste modo arbitrario, quer elle impedir a victoria eleitoral dos integralistas em diversas regiões da Terra montanheza. Commenta-se, ainda, que essa atitude implica uma represalia ás recentes declarações do sr. Filinto Muller, publicadas na *A OFFENSIVA*.⁶⁴⁹

Este trabalho não pôde identificar se de fato aconteceu a reunião a que se refere *A Offensiva* no trecho supracitado. Porém, é seguro estabelecer que o governador de Minas não coordenou um esforço sistemático de repressão à militância verde em todo o estado. Não foram encontrados registros atestando que aquele governador tenha ordenado a repressão ao sigma neste ou naquele município.

Segundo Bertonha (2010), as relações entre os vários governos estaduais e municipais com os integralistas não foram homogêneas. Logo, houve variações conforme as lógicas políticas regionais. Neste sentido, houve estados em que o integralismo foi tolerado e até mesmo apoiado enquanto houve estados que estabeleceram com os camisas-verdes uma relação ora de aproximação ora de conflito. Houve ainda estados onde a lógica da suspeição contra o integralismo se estabeleceu de imediato (BERTONHA, 2010).

A análise dos jornais *A Offensiva* e *A Razão* revela que em Santa Catarina e na Bahia o integralismo foi logo classificado como inimigo pelos respectivos governos estaduais. Foram os governadores daqueles estados os responsáveis por ordenar os excessos contra os adeptos do sigma. Em Minas Gerais, embora tenha sido cerceada, a AIB viveu uma situação diferente. No território mineiro foram os delegados locais, agindo por iniciativa própria, os maiores responsáveis por obstaculizarem a marcha dos camisas-verdes. Naturalmente, esta diferença não foi apreendida imediatamente pela AIB.

No primeiro semestre de 1936 *A Offensiva* atribuiu algumas vezes ao governador de Minas a responsabilidade pelos cerceamentos ao integralismo. Camisas-verdes mais exaltados

⁶⁴⁸ *A Offensiva*, 22/02/1936, num. 112, p. XV.

⁶⁴⁹ *A Offensiva*, 26/04/1936, num. 166, p. I.

também o fizeram. Porém, desenvolveu-se a percepção no meio integralista que o erro maior daquele governador era a omissão frente àqueles delegados que agiam contra o sigma.

Logo, houve o entendimento que não emanavam desse governador as ordens que proibiam reuniões e bandeiras ou que determinavam o fechamento de núcleos em Minas. Pode-se verificar este entendimento mais comedido em relação ao governador de Minas em setembro de 1936 durante uma visita do *Chefe Nacional* a Três Corações. Investigadores do DOPS-MG acompanharam este evento e o relataram a seus superiores. Conforme esse relato:

Fez também uso da palavra o sr. LOUREIRO JUNIOR, que depois de elogiar o sr. Presidente da República e os governadores de Minas Geraes, Rio Grande do Sul e São Paulo, por não combaterem o integralismo, achincalhou os da Bahia e Santa Catarina por terem ordenado o fechamento dos núcleos integralistas em seus Estados. Finalizou seu discurso dizendo que dentro de um mez que não vestir a camisa verde será comunista e estará contra o Brasil e quem vestir, será integralista e estará com o Brasil.⁶⁵⁰

Portanto, a leitura integralista sobre o governador de Minas Gerais sofreu uma alteração. É possível que este entendimento tenha se tornado mais comum após uma análise comparativa entre a situação vivida pelo integralismo em Minas e em estados como Santa Catarina, Paraná e Bahia. Depreende-se que a partir de meados de 1936 a AIB esperava que em Minas Gerais os obstáculos a sua marcha fossem antepostos por facções políticas e delegados locais e não pelo Executivo estadual.

É claro, porém, que este entendimento não significa que o governador de Minas não tenha sido criticado outras vezes pelos adeptos do sigma. Em seus relatórios os delegados locais asseguravam que durante as reuniões integralistas o governador de Minas era duramente atacado. Aquelas autoridades policiais afiançaram que o presidente Vargas também era alvo de ataques durante as reuniões integralistas. Porém, os jornais *A Offensiva* e *A Razão* moderaram bastante o tom no que concerne ao governador de Minas e ao presidente Vargas.

O Chefe de Polícia e o DOPS-MG tinham pleno conhecimento dos ataques ao governo estadual e federal proferidos durante as reuniões integralistas. Apesar disso, não foram encontrados registros em que aqueles dois órgãos determinaram a censura ou repressão aos integralistas que atacavam as autoridades constituídas.

Os principais responsáveis por cercear as atividades da AIB em Minas foram alguns delegados locais. Ao longo de 1936 é possível observar padrões nos cerceamentos à AIB e nas respostas dessa frente aos óbices. Estas recorrências são o objeto de análise do tópico seguinte.

⁶⁵⁰ APM: [PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Doc. 198.

6.3 – Variações e recorrências no cerceamento à AIB em Minas em 1936

Logo no início de 1936 houve um claro aumento na quantidade de proibições às atividades integralistas. Um dos fenômenos que contribuiu para esta variação foi o zelo de cada delegado no cumprimento de seus deveres. Efetivamente, os camisas-verdes foram vistos por muitos delegados como uma ameaça à ordem social. As críticas integralistas a autoridades públicas foram entendidas como um desrespeito à honra dessas por muitos delegados. Muitos desses nutriram sincera convicção de que os integralistas desejavam subverter a ordem social. Muitos acreditavam com franqueza que os núcleos da AIB traziam perturbação e suscitavam conflitos em localidades que consideravam pacatas. Logo, o cerceamento à militância verde exercido por alguns delegados pautou-se por convicções sinceras de que essa representava uma ameaça à sociedade.

Não obstante, o aumento das proibições às atividades da AIB no início de 1936 possui outras explicações. Uma delas foi a disposição integralista de concorrer às eleições municipais daquele ano. Este fenômeno trouxe apreensão a delegados em várias cidades e a lideranças políticas locais. Em algumas localidades delegados cercearam a militância verde a fim de beneficiar a esta ou àquela facção política. Os integralistas não deixaram de perceber que em alguns casos as proibições tinham motivações eleitorais. Naturalmente, exploraram esta nova situação, apresentando-se mais uma vez como vítimas de um regime em decadência.

Contra as proibições a sua militância os integralistas desenvolveram algumas estratégias que implementaram em Minas Gerais, como de resto em outros estados do país. Uma delas acompanhou a AIB desde sua fundação, ou seja, a tentativa de mobilizar a opinião pública. É claro, esta estratégia não constituiu uma particularidade integralista. Qualquer organização, sobretudo de natureza política, tenta mobilizar a opinião pública a seu favor. Sabbatu=h

Côncios de que eram tachados como subversivos, extremistas e perigosos os camisas-verdes tentaram erigir uma contranarrativa. Logo, frequentemente reproduziam notícias sobre a fundação de *Escolas Integralistas*, lactários e bibliotecas em Minas e em outros estados. Ao noticiarem a abertura de turmas de alfabetização, bibliotecas e lactários os adeptos do sigma postulavam que os entraves lhes incutiam mais ânimo para continuarem atuando em benefício da coletividade. Além de tentarem mobilizar a opinião pública, os integralistas apelavam ao Judiciário a fim de reverterem as proibições que lhes eram determinadas por delegacias locais. Com o aumento das proibições ao sigma já no início de 1936 outro padrão pode ser identificado.

A conduta seguida pela militância integralista, que não constituiu exclusividade mineira, foi a seguinte: os membros do núcleo cujas atividades haviam sido impedidas telegrafavam a seus superiores, a exemplo de *Governadores de Região* e *Chefe Provincial* informando os cerceamentos. Em resposta esses superiores hierárquicos determinavam que os núcleos alvos das proibições impetrassem um mandado de segurança.

Muitos núcleos contavam com advogados em suas fileiras, de modo que eram esses militantes quem peticionavam ao Judiciário. A solicitação mais comum foi pela reabertura de núcleos fechados por ordem de delegados locais. Em alguns casos os mandados de segurança geravam custos. Este ônus era repassado aos militantes. Ilustra este argumento o caso do subnúcleo de Soledade, distrito de Caxambu.

Fechado em fins de março de 1936 este subnúcleo foi reaberto em dezembro do mesmo ano em função de um mandado de segurança. Em novembro daquele ano com o título “Ainda há juizes no Brasil” *A Razão*⁶⁵¹ noticiou que o mandado interposto para reabertura do núcleo de Soledade fora deferido. A fim de saldar as custas processuais o subnúcleo buscou contribuições⁶⁵² de seus adeptos e de simpatizantes.

O DOPS-MG e o Chefe de Polícia, via de regra, não respaldaram o fechamento de núcleos do sigma. Pelo contrário, instruíam delegacias e autoridades locais que era permitido aos integralistas se reunirem em recintos fechados. Este foi um padrão observado em Minas durante toda a existência legal da AIB. No entanto, a medida imposta ao subnúcleo de Soledade contou com a aquiescência do Chefe de Polícia. Esse recebeu da autoridade policial responsável por Soledade o ofício abaixo:

Levo ao conhecimento de V. Excia. que fui levado a mandar fechar o nucleo integralista deste districto porque o seu funcionamento constituía uma ameaça constante á segurança publica local. Faziam elles constantes reuniões em que atacavam o regimen atual, fazendo os socios do nucleo constantes provocações áquelles que não aceitam o seu credo e distribuindo boletins inflamados contra o Governo constituído. Por esses motivos, de conformidade com o Decreto do Governo tomei essa providencia, visto achar-se a população na iminencia de um conflito. Muito tem concorrido o apoio que recebem os integralistas do seu Chefe, que é o tenente (...) official do Exercito, que é o chefe do Armazém de Subsistencia da 4ª Região aqui instalado.⁶⁵³

Portanto, um oficial do Exército era o *Chefe Distrital* do subnúcleo de Soledade. Este fenômeno foi determinante para o apoio do Chefe de Polícia ao fechamento daquele subnúcleo.

⁶⁵¹ *A Razão*, 05/11/1936, num. 29, p. I.

⁶⁵² APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Docs. 31 e 32.

⁶⁵³ APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Docs. 97 e 98.

Posteriormente, em ofício⁶⁵⁴ a essa autoridade policial, o subdelegado de Soledade observou que a presença daquele tenente nesse distrito representava uma “constante ameaça, porque elle dispõe de alguns soldados (...).” Documentos⁶⁵⁵ da subdelegacia de Soledade informam que aquele oficial do Exército havia sido transferido para outra unidade militar por influência do Chefe de Polícia de Minas.

A direção da AIB nesse estado também se incumbiu de fornecer apoio jurídico aos núcleos que supervisionava. Em alguns casos aquele órgão impetrou mandados de segurança para os núcleos que coordenava. Em abril de 1936, por exemplo, *A Offensiva* assegurou que essa medida foi necessária devido às recorrentes proibições contra as atividades da AIB em Minas. O trecho abaixo ilustra este fenômeno:

A perseguição odiosa e systematica movida contra a Acção Integralista em alguns municípios da Provincia de Minas Geraes, originou providencias de parte da Chefia Provincial, que foi obrigada a requerer aos poderes judiarios daquelle Estado, mandado de segurança para o livre funcionamento de suas actividades civis e politicas, que estavam sendo coartadas pela prepotencia de certos delegados de policia, sem qualidades para exercerem as referidas funcções. Dentre os municípios que mais soffreram a pressão illegal de violencia policial, figura, sem duvida, o de Areado, situado na comarca de Alfenas. Nesse local, o delegado de policia tenente (...), revelando a mais profunda ignorância e ultrapassando a orbita de suas attribuições, mandou fechar o nucleo integralista, além de ordenar aos policiaes sob seu commando, o espancamento brutal dos indefesos soldados do Sigma.⁶⁵⁶

Referindo-se a Areado *A Offensiva* postulou que “o governo do Estado apoiando as perseguições dos políticos locaes está disposto a acabar com o integralismo no município.”⁶⁵⁷ Segundo o aludido jornal o governador havia designado um delegado para coibir a militância integralista em Areado. Insatisfeito com o trabalho desse, o governador teria incumbido outro delegado de tratar o sigma com mais rigidez naquela cidade. Em resposta os integralistas de Areado impetraram um mandado de segurança. Essa medida judicial foi deferida em favor desses militantes.

Em resposta, os integralistas não só de Areado, esforçaram-se por divulgar a decisão que lhes havia sido favorável. Em meio a estas divulgações foi uma constante o elogio à magistratura. Os camisas-verdes postulavam que os bons juízes, aqueles zelosos no cumprimento de seus deveres, eram os que deliberavam em favor do sigma. Referindo-se ao caso de Areado o jornal integralista de Pouso Alegre estabeleceu que:

⁶⁵⁴ APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Doc. 121.

⁶⁵⁵ APM: [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#). Docs. 70 e 71.

⁶⁵⁶ *A Offensiva*, 28/04/1936, num. 167, p. VII.

⁶⁵⁷ *A Offensiva*, 06/05/1936, num. 174, p. I.

Ha juizes em Minas

O Dr. (...), Juiz de Direito de Alfenas, em pleno <<estado de guerra>>, acaba de conceder um mandato de segurança a favor do Nucleo Municipal da A.I.B. de Areado, naquela comarca, fechado arbitrariamente pelo delegado de policial local.⁶⁵⁸

Consoante ao discurso integralista, *A Razão* postulava que não somente os camisas-verdes, mas os brasileiros de modo geral podiam confiar nos magistrados do país. A AIB não seria fechada, pois “(...) acima das maquinações de Moscou está a honra dos JUIZES BRASILEIROS.”⁶⁵⁹ Derivações dessa manchete foram recorrentes nas páginas de *A Razão* e em folhetos distribuídos pelos camisas-verdes em Minas.

No início de junho de 1936 *A Offensiva* noticiou que fora deferido um mandado que pleiteava a reabertura do núcleo de Entre Rios. Segundo o jornal “essa é mais uma victoria da Acção Integralista, pois varios juizes mineiros já tem decidido favoravelmente ao integralismo, dando-lhe plenas garantias de suas actividades políticas.”⁶⁶⁰

Uma vez que era um jornal de circulação nacional, *A Offensiva* publicava informações sobre núcleos de todo o país. Dentre essas informações estavam aqueles mandados que teriam sido favoráveis aos núcleos do sigma. Integralistas de Minas acompanhavam aquele jornal e reproduziam suas informações. Baseando-se em *A Offensiva*, *A Razão* deu publicidade a decisões favoráveis ao sigma em outros estados do Brasil. Em junho de 1936, por exemplo, o jornal pouso-alegrense⁶⁶¹ afirmou que por todo o país os mandados de segurança em favor da AIB chegavam a quarenta seis.

Além de impetração de mandados e divulgação daqueles que lhes eram favoráveis os integralistas seguiram outros padrões em Minas ao longo de 1936. Foi comum os núcleos tolhidos em sua propaganda ou a direção estadual da AIB, mediante ofícios, comunicarem os impedimentos às autoridades encarregadas da segurança pública em Minas. Nestes documentos, os camisas-verdes indagavam os motivos dos cerceamentos, reiterando como de costume, que a organização liderada por Plínio Salgado desfrutava de existência legal. Frequentemente nestes documentos os integralistas solicitavam ao DOPS-MG ou ao Chefe de Polícia que instrúissem os delegados municipais e distritais que a AIB era legalmente reconhecida.

⁶⁵⁸ *A Razão*, 01/05/1936, num. 04, p. IV.

⁶⁵⁹ *A Razão*, 21/05/1936, num. 06, p. I.

⁶⁶⁰ *A Offensiva*, 02/06/1936, num. 195, p. I.

⁶⁶¹ *A Razão*, 11/06/1936, num. 09, p. I.

Uma vez que recebia as denúncias, o DOPS-MG inquiria com celeridade as delegacias mencionadas pelos camisas-verdes se as queixas desses eram procedentes. Os delegados buscavam a legitimidade de suas ações ao invocar o Estado de Guerra. Além disso, justificavam-se postulando que agiram em defesa da ordem social e pela manutenção do respeito aos ocupantes de cargos públicos. Segundo os delegados os camisas-verdes reiteradamente atacavam o regime em vigor e a honra dos ocupantes de cargos públicos.

Frente a estas respostas o DOPS-MG enviava um ofício esclarecendo que durante a vigência do Estado de Guerra os delegados podiam obstruir a livre manifestação de pensamento e o direito à reunião. Lembrava ainda que estava proibida a realização em via pública de comícios e reuniões de caráter político. No entanto, o DOPS-MG lembrava àqueles delegados que haviam coibido a militância verde que a AIB era um partido político legalmente registrado.

Conseqüentemente, os membros dessa organização possuíam o direito de expor e criticar doutrinas sem realizarem propaganda de guerra ou processos de subversão da ordem. As reuniões podiam e deviam ser fiscalizadas pelos delegados locais. Esses deviam tomar providências caso houvesse durante as reuniões incitação à prática de crimes contra a ordem política ou social. Apesar destes esclarecimentos feitos pelo DOPS-MG muitos delegados continuavam cerceando a militância do sigma.

Além da impetração de mandados de segurança e da busca por soluções junto ao Chefe de Polícia e ao DOPS-MG verifica-se em 1936 outra estratégia dos integralistas com o intuito de contornarem as proibições que lhes foram impostas. Trata-se do envio massivo de telegramas à presidência da República. Esta medida foi suscitada pelo fechamento de todos os núcleos do Paraná em abril de 1936. Os telegramas enviados por núcleos e camisas-verdes de Minas são o objeto de análise do tópico seguinte.

6.4 – O fechamento dos núcleos do Paraná e o envio massivo de telegramas à presidência

Conforme Athaides (2012) as eleições municipais no Paraná foram realizadas em setembro de 1935. Esse historiador identificou que integralistas conquistaram as prefeituras de duas cidades do referido estado, Teixeira Soares e Rebouças. Constituíram ainda a metade das Câmaras de duas outras importantes cidades, que eram Rio Negro e Ponta Grossa. Mais ainda, pois em todas as localidades a AIB foi a segunda força política do Estado. Logo, havia ficado atrás somente da legenda governista que era o Partido Social Democrático de Manoel Ribas.

Este desempenho eleitoral contribuiu significativamente para o aumento da repressão sobre o integralismo no Paraná ATHAIDES, 2012).

No início de julho de 1936 o *Chefe Nacional* enviou um telegrama à presidência da República abordando o fechamento dos núcleos daquele estado sulino. Nesse documento, além de expor as perseguições solicitou “(...) urgentes providências a favor do grande movimento de Ressureição Nacional.”⁶⁶² No dia seguinte à mensagem a assessoria da presidência teria afirmado que Vargas havia dispensado a necessária atenção ao assunto e recomendado que o Ministério da Justiça tomasse providências.

Uma vez que os núcleos do Paraná continuaram fechados o *Chefe Nacional* determinou que camisas-verdes de todo o país enviassem massivamente, no dia 25 daquele mês de julho, telegramas à presidência da República. Tratava-se de uma forma de evidenciar a coesão e os números da AIB. Nas mensagens enviadas os camisas-verdes protestavam contra o fechamento dos núcleos e solicitavam providências.

Outro telegrama era então encaminhado ao jornal *A Offensiva* comunicando o envio da mensagem à presidência e o seu conteúdo. Esse jornal, por sua vez, reproduziu o conteúdo das mensagens enviadas. Dentre outros, enviaram telegramas os núcleos mineiros de Formiga, Varginha, Brumadinho, Muriaé, Nova Lima, Barbacena, Entre Rios, Andradas, Viçosa, Carangola, Patrocínio, Monte Belo, Lavras, Tombos e Resplendor⁶⁶³.

Telegramas foram enviados não somente por núcleos municipais e distritais, mas por vereadores integralistas, *Departamentos Universitários* e *Femininos* e juízes de paz adeptos do sigma. Neste sentido, quatro telegramas⁶⁶⁴ partiram da cidade mineira de Carangola. Esses foram enviados pelo *Chefe Municipal*, pelo *Governador da Região* e por alguns distritos. Em um mesmo dia integralistas vinculados ao núcleo de Teófilo Otoni enviaram onze telegramas⁶⁶⁵ à presidência da República.

Embora as mensagens se referissem a mesma questão o conteúdo foi variável. Os apelos, contudo, foram marcados pela formalidade e pelo respeito. Logo, os camisas-verdes respeitosamente pediam licença para protestar contra as medidas do governador paranaense. Em outras mensagens os integralistas apelavam ao patriotismo de Vargas ou se diziam confiantes no senso de justiça do presidente. A *Secretaria Provincial de Arregimentação Feminina* de Minas Gerais enviou um telegrama:

⁶⁶² *A Razão*, 09/07/1936, num. 13, p. IV.

⁶⁶³ Foi distrito de Aimorés, Vale do Rio Doce, até dezembro de 1938.

⁶⁶⁴ *A Offensiva*, 26/07/1936, num. 242, pp. IX, XI.

⁶⁶⁵ *A Offensiva*, 05/08/1936, num. 250, p. IV.

Em nome mulher integralista mineira appello consciencia brasilidade vossencia sejam reabertas sédes integralistas Paraná. Integralismo esteio ordem constituída guarda honra nossos lares integralidade Patria evitará Brasil seja theatro horrores praticados Hespanha.⁶⁶⁶

Em seu telegrama o *Chefe Municipal* de Matias Barbosa preconizou que os camisas-verdes desejavam trabalhar pela “(...) grandeza da Patria dentro ordem e respeito autoridades constituídas.”⁶⁶⁷ Muitos camisas-verdes lembravam que a AIB possuía registro como partido político. Este foi o caso do padre Seabra, representante do núcleo da localidade de Felisberto Caldeira. Em seu telegrama o clérigo protestou “contra o acto govenador Paraná mandando fechar sédes integralistas naquelle Estado o manifesto desrespeito á lei visto o Integralismo estar legalmente registrado Superior Tribunal Eleitoral.”⁶⁶⁸ Outros militantes elevavam o tom contra o governador do Paraná. Este foi o caso de um integralista eleito vereador em Itajubá. Esse militante classificou o fechamento dos núcleos e *Escolas Integralistas* paranaenses como um “crime lesa patria.”⁶⁶⁹

Estrategicamente muitos membros da AIB enfatizaram que além dos núcleos, as *Escolas Integralistas* também haviam sido fechadas no Paraná. Os núcleos e as *Escolas integralistas*, na retórica dos camisas-verdes, ensinavam a população a disciplina, o respeito às autoridades e o amor ao Brasil. Logo, esses militantes argumentavam que a missão integralista de educar o povo brasileiro estava sendo obstaculizada pelo governador daquele estado. O núcleo de Ouro Preto enviou uma mensagem nos seguintes termos:

Integralistas Ouro Preto protestam vehementemente contra attitude impatriotica governador Paraná fechando Nucleos e Escolas Integralistas, onde brasileiros apprendem as primeiras letras e a amar esta grande nação. Juramos não descansar emquanto não virmos estes brasileiros livres desta perseguição cuja culpa é amarem extremamente sua Patria. Tudo pela grandeza do Brasil. (...) Chefe Municipal de Ouro Preto.⁶⁷⁰

A medida do governador do Paraná foi tachada por outros integralistas como uma forma de manter o povo na ignorância. Houve militantes que classificaram esta atitude como atentatória às leis vigentes, como impatriótica. O *Governador da 9ª Região*, sediada em Dores

⁶⁶⁶ A *Offensiva*, 28/07/1936, num. 243, pp. V.

⁶⁶⁷ A *Offensiva*, 31/07/1936, num. 246, p. IV.

⁶⁶⁸ A *Offensiva*, 26/07/1936, num. 242, p. XI.

⁶⁶⁹ A *Offensiva*, 28/07/1936, num. 243, p. V.

⁶⁷⁰ A *Offensiva*, 26/07/1936, num. 242, p. XI.

do Indaiá, argumentou que “só inimigo Patria ousaria tão vil atentado, desejando entregar Brasil sanha communistas.”⁶⁷¹

Em muitos telegramas os camisas-verdes postulavam que o integralismo era um defensor da ordem e que havia atuado na defesa do país quando da Intentona Comunista. O núcleo de Andradas, na região Sul de Minas, estabeleceu que o fechamento dos núcleos e das *Escolas Integralistas* era “(...) atentatorio direitos da Constituição. No momento mais difficil Republica, integralistas tiveram ao lado de vossencia e batem-se por um Brasil melhor.”⁶⁷² O *núcleo em coordenação* de Resplendor, Vale do Rio Doce, postulou que a atitude do governador de Paraná era “injustificavel; pois significa perseguição aos desinteressados aliados governo Republica no combate ao communismo.”⁶⁷³

O *Chefe Distrital* da localidade de Antônio Prado, Zona da Mata, argumentou que o fechamento dos núcleos e *Escolas Integralistas* constituía uma “represalia corporação que galhardamente offereceu 100.000 camisas-verdes combater communismo.”⁶⁷⁴ Subjacente às mensagens desse tipo estava o argumento de que Getúlio Vargas não seria justo ao deixar à mercê do arbítrio de um governador aquela organização que o havia auxiliado na manutenção da ordem.

Assim como lembravam o apoio que acreditavam ter oferecido ao país durante a Intentona, *Chefes Municipais* e *Governadores de Região* aludiam à quantidade de militantes em seus núcleos e áreas de jurisdição. Logo, em seus telegramas alguns sustentaram que seus núcleos reuniam uma, duas, três ou mais centenas de integralistas. Tratava-se, é claro, de uma demonstração de força.

O *Chefe Municipal* do núcleo de Conceição do Rio Verde enviou o seguinte telegrama: “Em nome cento e dez integralistas deste Nucleo protesto junto supremo magistrado da Nação contra acto governador Paraná fechando sédes e Escolas Integralistas são casas onde concitamos todos amar Deus Patria Família.”⁶⁷⁵ O *Chefe Municipal* de Soledade de Itajubá enviou um telegrama em nome de “centenas”⁶⁷⁶ de camisas-verdes. O *Chefe Municipal* de Juiz de Fora enviou um telegrama “em nome setecentos brasileiros sinceros que amam ardorosamente Brasil.”⁶⁷⁷ O núcleo de Pedra Branca⁶⁷⁸ enviou um telegrama em nome de mil

⁶⁷¹ A *Offensiva*, 01/08/1936, num. 247, p. VI.

⁶⁷² A *Offensiva*, 28/07/1936, num. 243, pp. V-VI.

⁶⁷³ A *Offensiva*, 29/07/1936, num. 244, p. IV.

⁶⁷⁴ A *Offensiva*, 05/08/1936, num. 250, p. IV.

⁶⁷⁵ A *Offensiva*, 28/07/1936, num. 243, pp. V-VI.

⁶⁷⁶ A *Offensiva*, 02/08/1936, num. 248, p. XV.

⁶⁷⁷ A *Offensiva*, 26/07/1936, num. 242, p. IX.

⁶⁷⁸ Em 1943 seu nome foi alterado para Pedralva, denominação que ainda conserva.

camisas-verdes. O núcleo de Aiuruoca, Sul de Minas, enviou um telegrama em nome de mil e quinhentos integralistas. Igual cifra apresentou⁶⁷⁹ o *Chefe Municipal* de Teófilo Otoni em seu telegrama ao presidente Vargas. No entanto, assim como todos os números divulgados pela AIB esses devem ser postos em suspeição.

O envio de telegramas por núcleos e militantes de todo o país não obteve efeito imediato. Os núcleos do Paraná só foram reabertos em dezembro de 1936. Porém, seria incorreto julgar que a AIB não conquistou algum ganho com o envio dos telegramas. Para os núcleos e militantes ver suas mensagens reproduzidas no maior jornal do sigma era uma recompensa. Logo, a publicação dos telegramas por *A Ofensiva* constituiu um estímulo à militância verde.

Além disso, a AIB assegurou que integralistas e núcleos de todo o país receberam e cumpriram a ordem de enviar telegramas ao presidente Vargas. Em sua coluna no jornal *A Ofensiva* Plínio Salgado admitiu que a publicação dos telegramas foi uma demonstração de força. Segundo o *Chefe Nacional* o envio de telegramas era mais uma prova de que a AIB era coesa e não poderia continuar sendo ignorada por alguns órgãos de imprensa.

Plínio Salgado argumentou também que o envio de telegramas corroborava que a AIB possuía os cerca de 800.00 adeptos que ele já havia mencionado. Logo, fez a seguinte ponderação: “quando digo que tenho mais de cem Nucleos no mar, nos navios brasileiros; mais de 2.000 em sédes de municípios e outro tanto quasi em districtos, não estou contando historias da Carochinha.”⁶⁸⁰

Assim sendo, o envio de telegramas à presidência da República e a publicação desses em *A Ofensiva* foi uma tentativa da AIB de demonstrar seus números e sua coesão interna a seus adversários e a outros observadores. Por fim, o envio massivo de telegramas constituiu um aprendizado para aquela organização, que se valeu desta estratégia em outras circunstâncias.

6.5 – Discursos, concentrações e desfiles do sigma em 1936 após o Estado de Guerra

O Estado de Guerra havia proibido reuniões em via pública com finalidades políticas. Entretanto, há registros em Minas ao longo de 1936 de atividades em via pública que contaram com a participação dos seguidores de Plínio Salgado. Algumas dessas atividades, inclusive, foram promovidas pelos camisas-verdes. Logo, a vigência do Estado de Sítio e do Estado de Guerra não frustrou completamente a militância da AIB em via pública. Este fenômeno foi

⁶⁷⁹ *A Ofensiva*, 05/08/1937, num. 250, p. IV.

⁶⁸⁰ *A Ofensiva*, 30/07/1936, num. 245, p. II.

resultado de um misto entre estratégias integralistas e inexistência de policiamento em algumas localidades. Sobretudo, houve tolerância policial frente às atividades que os camisas-verdes ora realizavam.

Verifica-se um exemplo dessa tolerância entre os dias 10 e 12 de fevereiro de 1936 quando foi realizado o *Congresso Nacional Universitário* em São João Del Rei. Esse evento ocorreu durante a vigência do Estado de Sítio. Essa medida autorizava que fossem suspensas a liberdade de reunião e de tribuna. Porém, os camisas-verdes acreditavam que aquele dispositivo de exceção seria aplicado somente contra os vermelhos. Apesar desse entendimento, em São João Del Rei os integralistas haviam recebido a “expressa proibição de qualquer manifestação de ordem externa.”⁶⁸¹ Uma autoridade policial, inclusive, havia sido especialmente enviada àquela cidade em razão do evento integralista.

Apesar destas circunstâncias, logo em sua chegada a São João Del Rei Plínio Salgado foi recebido por várias pessoas e acompanhado por essas até o hotel em que se hospedou. O *Chefe Nacional* ainda proferiu um discurso da sacada do hotel às pessoas que o haviam acompanhado. Em face do exposto, a autoridade policial enviada de Belo Horizonte determinou a proibição do *Congresso Nacional Universitário*. No entanto, esse acabou sendo realizado em função de entendimentos entre a AIB, a Chefia de Polícia de Minas e o delegado enviado a São João Del Rei. Logo, houve tolerância em relação àquele evento integralista.

Verifica-se ainda tolerância policial quando os militantes do sigma participavam uniformizados de atividades de cunho religioso em via pública. Mesmo com a vigência do Estado de Guerra integralistas ainda se incorporaram uniformizados a procissões. A AIB não fazia distinção entre a vida pública e a vida privada de seus militantes. Essa organização desejou normatizar cada aspecto do cotidiano de seus membros. Logo, não cabia aos integralistas dissociar atividades de cunho privado da militância pelo sigma. Para o camisa-verde todas as suas ações deveriam se ligar à AIB. Por conseguinte, os adeptos do sigma acreditavam que compor uma procissão trajando a camisa-verde era uma forma de externar a força do sigma.

Em agosto de 1936 Carmo da Cachoeira recebeu militantes de dois municípios e um distrito próximo a fim de inaugurar seu novo núcleo integralista. Nesta ocasião, “imponente foi o desfile que conduziu as bandeiras Nacional e do Sigma para a bênção, na igreja local.”⁶⁸² Ao conceder suas bênçãos àquelas bandeiras o sacerdote de Carmo da Cachoeira demonstrava alguma simpatia pelo integralismo.

⁶⁸¹ A *Offensiva*, 21/02/1936, num. 111, p. II.

⁶⁸² A *Offensiva*, 23/08/1936, num. 266, p. XIV.

Embora os desfiles em via pública estivessem proibidos, comumente integralistas uniformizados e em grupos iam assistir a missas. Em setembro de 1936 Três Corações foi palco de uma concentração de militantes da AIB. Em um dos dias desse evento houve a celebração de uma missa a pedido daqueles militantes. *A Offensiva*⁶⁸³ publicou uma foto mostrando dezenas de camisas-verdes na frente da igreja em que a missa foi celebrada.

Ações beneficentes promovidas por camisas-verdes ocasionalmente eram realizadas em via pública. Nestes casos eram realizadas na frente dos núcleos, atraindo pessoas e causando aglomerações. Verifica-se este fenômeno, sobretudo, quando os núcleos não comportavam a quantidade de pessoas atendidas. Os camisas-verdes sempre proferiam seus discursos antes da distribuição de alimentos, brinquedos e roupas. Logo, ainda que na frente dos núcleos, há registros de militantes que discursaram em via pública a um grupo de pessoas durante o Estado de Guerra.

É claro, porém, que não seria razoável a qualquer delegacia interromper ou impedir a promoção daquelas ações de caridade mesmo se os núcleos comportassem os atendidos. Logo, pode-se inferir que durante o Estado de Guerra algumas atividades da AIB realizadas em via pública contaram com a tolerância mesmo daquelas autoridades policiais mais inclinadas a coibir aquela organização. Este fenômeno ratifica que o cerceamento à militância integralista variou conforme os ânimos e o senso de razoabilidade de cada delegado.

Mas, há registros ao longo de 1936 de outros tipos de eventos realizados pela AIB em via pública durante o Estado de Guerra. Este foi o caso de Juiz de Fora, que abrigou um dos maiores núcleos de Minas. No dia 22 de abril, cerca de um mês após o decreto daquela medida de exceção, foi realizada ‘uma parada de plinianos daquela cidade e de Mathias Barbosa afim de ser comemorado o “Dia da Camisa Verde”.’⁶⁸⁴

Em outubro de 1936 camisas-verdes de Santa Rita do Sapucaí realizaram a cerimônia *Noite dos Tambores Silenciosos*. Nesta ocasião afiançaram que foi preciso interromper o tráfego em frente ao núcleo pois, “(...) mais de mil e duzentos camisas-verdes e cerca duzentos sympathizantes assistiram nossas comemorações.”⁶⁸⁵

Assim como o Estado de Sítio, os camisas-verdes acreditavam que o Estado de Guerra destinava-se exclusivamente à repressão ao comunismo. Logo, tanto em Minas como em outros estados aqueles militantes reagiram com incredulidade e indignação àqueles governadores e delegados que os cerceavam lançando mão do Estado de Guerra. Em julho de 1936 *A Razão*

⁶⁸³ *A Offensiva*, 22/09/1936, num. 291, p. IV.

⁶⁸⁴ *A Offensiva*, 03/05/1936, num. 172, p. XV.

⁶⁸⁵ *A Offensiva*, 13/10/1936, num. 309, p. V.

postulou que era “um verdadeiro crime usar de uma medida extrema, decretada contra o comunismo, para perseguir o seu maior inimigo, favorecendo, assim, os planos sinistros da horda vermelha.”⁶⁸⁶

Mas, com o tempo os militantes da AIB acostumaram-se ao fato de que o Estado de Guerra era utilizado contra essa organização. Embora tenham se acostumado, não deixaram de se indignar com esta situação. Por outro lado, em Minas Gerais os camisas-verdes não deixaram de se reunir e continuaram provocando aglomerações em público com fins políticos.

Em junho de 1936 o *Chefe Nacional* visitou Belo Horizonte para tratar sobre questões relativas às eleições municipais. Nesta ocasião foi recepcionado na estação ferroviária por muitos integralistas. Esses militantes “(...) acompanharam o sr. Plínio Salgado até o hotel onde se hospedou, com a sua comitiva.”⁶⁸⁷

Regressando de Belo Horizonte o *Chefe Nacional* passou por Juiz de Fora, onde “elevado numero de camisas-verdes, inumeras pessoas de todas as classes sociaes e de ambos os sexos, assistiram ao seu desembarque, tendo o chefe nacional sido ovacionado com indescrepível entusiasmo pelos soldados do Sigma.”⁶⁸⁸ Receber o *Chefe Nacional* nas estações em que esse desembarcava e acompanhá-lo até onde ele se hospedaria foi prática comum entre os camisas-verdes.

Mesmo lideranças regionais e locais do integralismo em Minas também eram recebidas por integralistas em seus desembarques. Em agosto de 1936 o *Chefe Municipal* de Pouso Alegre licenciou-se dessa função por alguns dias. “Ao seu desembarque compareceram os camisas-verdes da cidade, que foram apresentar ao seu chefe aos boas vindas.”⁶⁸⁹ A recorrência das recepções a líderes integralistas sugere que este fenômeno poderia não ser entendido pelos militantes como uma transgressão.

Esta mesma recorrência sinaliza que delegados locais poderiam cultivar semelhante entendimento. Além disso, lideranças políticas locais e membros dos governos estadual e federal também eram recebidos efusivamente em estações ferroviárias e em vias públicas por seus correligionários. Todos estes fenômenos repetiram-se durante o Estado de Guerra, que impedia reuniões de cunho político em via pública.

Durante a vigência daquela medida de exceção verifica-se também que os camisas-verdes reuniram-se em campos destinados a atividades esportivas. Alguns núcleos do sigma

⁶⁸⁶ *A Razão*, 09/07/1936, num, 13, p. IV.

⁶⁸⁷ *A Offensiva*, 04/06/1936, num. 197, p. III.

⁶⁸⁸ *A Offensiva*, 06/06/1936, num. 199, p. III.

⁶⁸⁹ *A Razão*, 20/08/1936, num. 19, p. I.

possuíram times de futebol. Logo, mesmo antes do Estado de Guerra os núcleos já promoviam e participavam de torneios desportivos, que contavam com equipes não integralistas. Durante o Estado de Guerra os camisas-verdes continuaram participando dessas disputas.

Há também registros de núcleos que promoveram ou tentaram promover eventos, rituais e desfiles em campos destinados à prática esportiva. Nestes casos, os núcleos escusavam-se postulando que as reuniões tinham caráter esportivo e não eram realizadas em via pública. Entretanto, essas alegações não persuadiram alguns delegados.

Ao longo de 1936 observa-se também que integralistas promoveram eventos e discursos fora do perímetro urbano em que residiam. Naturalmente, antes do Estado de Guerra militantes do sigma levaram bandeiras a muitos distritos e comunidades em zonas rurais. Mas, houve casos em que integralistas realizaram eventos em localidades distantes dos municípios em que residiam a fim de escapar à censura policial. Logo, deliberadamente aqueles militantes buscaram localidades onde sabiam que não havia delegacias ou que não seriam incomodados por autoridades policiais.

Este fenômeno parece ter acontecido em uma localidade próximo a Carangola. Uma antiga ponte dessa localidade havia ruído. A prefeitura daquele município teria apresentado obstáculos para edificar uma nova construção. Em face disto, integralistas daquela cidade custearam e edificaram uma nova ponte. *A Razão* e *A Offensiva* noticiaram este fato. Segundo esse jornal no dia Primeiro de Maio “para comemorar o acontecimento, os camisas-verdes realizaram, por ocasião da inauguração, um acto de civismo reunindo no local grande numero de pessoas, falando varios oradores.”⁶⁹⁰

Em agosto de 1936 integralistas de São Francisco do Glória, distrito daquela cidade de Carangola, celebraram o primeiro aniversário de fundação de seu subnúcleo. Contudo, fizeram-no em um distrito de Muriaé onde, há algum tempo, vinham se reunindo por “motivos superiores”⁶⁹¹. Ao meio-dia “perante tres centenas de milicianos, devidamente uniformizados e perfilados” houve o hasteamento das bandeiras nacional e do sigma e a entoação dos respectivos hinos. Após esse ritual o *Departamento Masculino, Feminino e Infantil* “desfilaram garbosamente pelas principaes ruas do arraial”.

Visando celebrar o Dia da Bandeira, em novembro de 1936, integralistas de Areado “(...) quizeram sahir afim de fazer passeatas pelas ruas.”⁶⁹² Entretanto, o delegado local não permitiu aquele ato. Em sua comunicação ao DOPS-MG frisou que só permitiu que aqueles

⁶⁹⁰ *A Offensiva*, 06/06/1936, num. 199, p. I.

⁶⁹¹ *A Offensiva*, 08/11/1936, num. 322, p. XIII.

⁶⁹² APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 130.

militantes se reunissem no núcleo local porque esse havia sido reaberto por um mandado de segurança.

Observa-se que ao longo de 1936 integralistas de Minas reiteradamente transgrediram o dispositivo do Estado de Guerra que proibia reuniões e desfiles de caráter político em via pública. Além de não observarem essa medida de exceção esforçaram-se por dar publicidade às ações que culminavam naquela inobservância. Esta prática contrasta com o argumento segundo o qual os integralistas eram fiéis cumpridores das leis vigentes.

Durante o ano de 1937 sempre que lhes era possível integralistas mineiros continuaram incorporando-se a procissões e a eventos como o Sete de Setembro e aniversários das cidades. Ao longo daquele ano, integralistas mineiros continuaram também a promover eventos em via pública. Neste sentido, acatavam a proibição determinada pelo Estado de Guerra de não realizarem desfiles e outros eventos em via pública somente onde não lhes era possível agir de outra maneira. Porém, mesmo nesses lugares ainda tentavam promover seus desfiles em via pública.

Conseqüentemente, em 1937 houve em Minas uma sedimentação dos padrões observados ao longo do ano anterior. Logo, o integralismo permaneceu mais forte nas regiões Central, Zona da Mata e, principalmente, Sul de Minas. Tanto o governador desse estado como o presidente da República mantiveram a conduta que vinham adotando em relação à AIB. Por conseguinte, em Minas essa organização continuou a esperar obstáculos de alguns delegados locais e não do presidente ou do governador.

Entretanto, o ano de 1937 seria palco de uma campanha à presidência da República. Além disso, naquele ano o Estado de Guerra deixou de vigorar durante pouco mais de dois meses. Neste sentido, em Minas aquele ano de 1937 foi marcado por uma reprodução de padrões observados e por algumas novidades. O tópico seguinte identificará estas novidades e examinará aqueles padrões em diferentes circunstâncias e a partir de outros núcleos e outros atores sociais.

6.6 – Recorrências e rupturas em 1937

Assim como acontecia de forma eventual nos anos pregressos, em 1937 denunciante protestaram contra a militância verde. Assinando suas acusações ou reservando-se ao anonimato aqueles denunciante exigiam ações contra os integralistas. Em suas denúncias alegavam perplexidade frente às críticas de alguns camisas-verdes ao regime, ao governador de

Minas e a outros ocupantes de funções públicas. Comumente declaravam que os membros da AIB eram uma fonte de desassossego em localidades antes pacatas. Certamente algumas destas denúncias expressavam uma rejeição autêntica ou um temor sincero ao integralismo.

Mas, também é certo que interesses pessoais e sentimentos pouco elevados mesclavam-se àquelas acusações. Dessa maneira, o desejo de causar infortúnio a desafetos e a concorrentes orientou algumas denúncias. Quando se vinculavam a litígios pessoais estas denúncias costumeiramente foram minuciosas, pois discriminavam nomes e profissões daqueles que estariam ligados à AIB. Logo, citavam professoras, funcionários públicos e trabalhadores autônomos ou liberais. O objetivo claro era suscitar o descrédito em relação ao trabalho dos acusados e, no caso de servidores públicos, fazer com que esses perdessem os cargos ocupados.

As denúncias foram enviadas aos delegados locais e também ao governador de Minas, ao DOPS-MG e ao Chefe de Polícia. Algumas, inclusive, sugeriram que o desenvolvimento do integralismo nesta ou naquela localidade devia-se ao beneplácito do delegado local. O anonimato foi a preferência daqueles denunciadores imbuídos, em maior medida, de objetivos rasteiros. Nestes casos, costumavam subscrever-se como patriotas, amigos do governo ou brasileiros preocupados. Entretanto, havia aqueles que se identificavam, como que a pleitear veladamente alguma recompensa.

Outro dos fenômenos que se repetiu em 1937 foi o cerceamento a iniciativas da AIB por atores sociais alheios à segurança pública. Integralistas que estudavam na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), localizada em Viçosa, tiveram negado o pedido de trajarem a camisa-verde durante a cerimônia de colação de grau. Em resposta aos integralistas o corpo docente daquela instituição teria afirmado que essa era vinculada ao governo. Logo, observaram que deferir o uso da camisa-verde poderia desagradar ao situacionismo, o que poderia trazer prejuízos à ESAV. Inconformados, aqueles militantes apelaram ao responsável pela Secretaria Estadual de Agricultura nos seguintes termos:

Vimos os abaixo assignados recorrer ao espirito de Justiça de V. Excia.

Embora divergindo politicamente de V. Excia., declaramos confiar na honra e dignidade de nossos adversarios.

(...) confiantes no vosso espírito de liberdade e justiça, vimos recorrer diretamente a V. Excia. na certeza de que a resposta positiva fará desaparecer a má impressão que nos causaria o Governo, si por acaso prevalecesse a atitude da Congregação.⁶⁹³

⁶⁹³ APM: [PASTA 4996 Viçosa - integralismo jul. 1935 - abr. 1938](#). Doc. 19.

A resposta enviada aos peticionários resumiu-se à sentença: “Confirmando a decisão da Congregação.”⁶⁹⁴ Mas, efetivamente os maiores responsáveis por obstaculizar as atividades da AIB em Minas foram os delegados locais. Em 1937 houve uma consolidação daqueles padrões de conduta que essas autoridades policiais vinham seguindo.

Alguns delegados inquiriam órgãos superiores sobre como agir frente ao integralismo. Neste sentido, permitiam ou não atividades de acordo com as instruções recebidas. Outros proibiam algumas atividades integralistas enquanto permitiam que outras fossem realizadas. Por fim, havia aqueles delegados que se esforçavam por coibir toda a militância verde.

Frente a essas condutas os integralistas continuaram levando as proibições que lhes eram impostas ao conhecimento do DOPS-MG e do Chefe de Polícia. Esses órgãos continuaram informando aos delegados que esses só poderiam cercear os integralistas caso esses fizessem propaganda de guerra ou de processos de subversão da ordem. Porém, aqueles dois órgãos de segurança continuaram orientando os delegados locais a permitirem as reuniões integralistas em lugares fechados. Além disso, aqueles dois órgãos continuaram a não adotar qualquer procedimento mais severo contra aqueles delegados que perpetravam abusos contra o sigma. Abaixo seguem alguns exemplos das condutas seguidas por delegados, pelos integralistas e pelos órgãos superiores responsáveis pela segurança pública em Minas.

Em março de 1937 o delegado em exercício em Campo Belo enviou um ofício ao Secretário do Interior questionando sobre como “proceder com referencia as propagandas dos integralistas n’esta localidade.”⁶⁹⁵ A resposta partiu do DOPS-MG nos seguintes termos:

(...) sendo o Integralismo partido político devidamente registrado, tem direito de fundar nucleos pelo territorio nacional e fazer respectiva propaganda.

Essa propaganda, entretanto, deverá ser feita nos termos da Lei de Segurança, isto é, sem que possa subverter a ordem política e social e sem ataques directos aos detentores de poder publico.

Si ahi fôr fundado algum nucleo, os componentes do mesmo tendo o direito de reunião, mas dentro da propria séde, ficando prohibido todo e qualquer comício publico e passeatas durante o estado de guerra.⁶⁹⁶

Não há qualquer dúvida de que em março de 1937 o DOPS-MG tinha ampla ciência de que em seus discursos os militantes do sigma atacavam o regime e autoridades públicas. Apesar deste entendimento, aquele órgão continuou deliberando em favor da AIB. Esta conduta não se alteraria até a véspera do decreto que extinguiu todas as legendas políticas.

⁶⁹⁴ APM: [PASTA 4996 Viçosa - integralismo jul. 1935 - abr. 1938](#). Doc. 20.

⁶⁹⁵ APM: [PASTA 4536 Campo Belo - Integralismo nov. 1935 - dez. 1943](#). Doc. 30.

⁶⁹⁶ APM: [PASTA 4536 Campo Belo - Integralismo nov. 1935 - dez. 1943](#). Doc. 29.

Também em março de 1937 camisas-verdes de Elói Mendes desejavam realizar uma concentração em um cinema local. Ao tomar conhecimento desse fato, o delegado daquela cidade enviou um telegrama⁶⁹⁷ ao Chefe de Polícia em Belo Horizonte. Neste documento solicitou instruções sobre como deveria agir frente àquela concentração. No entanto, a direção da AIB em Minas enviou um ofício⁶⁹⁸ ao Chefe de Polícia desse estado. Neste documento solicitava autorização para realizar o evento pretendido. A permissão foi concedida pelo DOPS-MG.

Em abril de 1937 esse órgão também deliberou a favor do sigma no município de Rio Casca. No dia onze daquele mês integralistas dessa cidade foram proibidos de fundar um subnúcleo no distrito de São Pedro dos Ferros. Naquele mesmo dia o delegado de Rio Casca enviou um ofício ao DOPS-MG. Nesse documento comunicou sua decisão de só permitir que os integralistas locais se reunissem no núcleo da cidade. Justificou⁶⁹⁹ sua medida alegando que dispunha de um efetivo insuficiente para policiar as reuniões nos distritos. Pontou ainda que o transporte desse efetivo seria oneroso aos cofres públicos.

Como de costume os militantes informaram aquele impedimento ao DOPS-MG. Esse órgão por sua vez, no dia quatorze de abril, solicitou ao delegado “a fineza de prestar a esta delegacia urgentes informações a respeito.”⁷⁰⁰ Seis dias após, a delegacia de Rio Casca alegou⁷⁰¹ que a decisão tinha por objetivo evitar conflitos entre os adeptos do sigma e os partidários do governo estadual. Como desfecho, no dia trinta de abril, o DOPS-MG solicitou que delegado de Rio Casca revogasse sua proibição e permitisse que se “instale o referido nucleo, dentro, é certo das normas legais.”⁷⁰²

O núcleo de Tombos foi proibido pela delegacia local de realizar atividades fora do perímetro urbano. Essa proibição remontava a meados de 1936. A autoridade policial então responsável por aquela cidade alegou que seu efetivo era insuficiente para policiar atividades na zona rural daquele município. Em abril de 1937 o núcleo de Tombos levou ao conhecimento do DOPS-MG aquela proibição. Essa medida parece não ter surtido efeito.

No dia cinco de maio de 1937 o núcleo de Tombos comunicou à delegacia local que em oito dias levaria uma bandeira a uma fazenda próximo à cidade. No dia dez do mês seguinte esta solicitação foi indeferida. Em seu ofício o delegado de Tombos esclareceu⁷⁰³ que o pedido

⁶⁹⁷ APM: [PASTA 4609 Elói Mendes - integralismo maio 1932 - set. 1946](#). Doc. 62.

⁶⁹⁸ APM: [PASTA 4609 Elói Mendes - integralismo maio 1932 - set. 1946](#). Doc. 61.

⁶⁹⁹ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 89.

⁷⁰⁰ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 83.

⁷⁰¹ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 81.

⁷⁰² APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 76.

⁷⁰³ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 49.

lhe chegou às mãos no dia sete de junho. Frente a esta recusa, o núcleo daquela cidade reiterou a solicitação. Ademais, comunicou ao DOPS-MG que pretendia realizar aquela bandeira.

Porém, o delegado de Tombos indeferiu aquele segundo pedido alegando que não “teve qualquer sciencia”⁷⁰⁴ da comunicação feita pelo núcleo local ao DOPS-MG. No dia 13 de junho, um dia após a segunda negativa, camisas-verdes de Tombos promoveram a bandeira. No entanto, essa foi interrompida pelo delegado daquele município que, posteriormente, determinou a instauração de um inquérito. Em seus esclarecimentos o *Chefe Municipal* de Tombos declarou que ao lado de seus companheiros não teve “nenhuma intenção de desacato á auctoridade.”⁷⁰⁵ Ressaltou ainda que a propaganda integralista não era realizada em via pública, mas sim em propriedade particular.

Os militantes do sigma, por sua vez, comunicaram ao DOPS-MG sobre a interrupção da bandeira. No dia 15 de junho esse órgão solicitou ao delegado de Tombos a “gentileza de prestar a esta delegacia informações a respeito.”⁷⁰⁶ Aquela autoridade policial esclareceu que interveio na reunião com o intuito de “desaggravar desacato sofrido.”⁷⁰⁷ Fê-lo, pois não havia autorizado a realização do evento.

Em 1937 camisas-verdes de Itabirito também se viram cerceados pela delegacia local. Em abril daquele ano, apresentando-se como assistente jurídico da AIB, um camisa-verde enviou um ofício ao DOPS-MG. Nesse documento o militante informou algumas proibições impostas aos núcleos de Itabirito e Oliveiras. Nessa cidade da região Centro-Oeste o delegado não opunha “(...) óbices á actividade do Integralismo, mas não permite o hasteamento da Bandeira Nacional e da Bandeira do Sigma na séde do Nucleo.”⁷⁰⁸ Em Itabirito, além de não permitir que os militantes locais realizassem suas bandeiras, o delegado não autorizava que esses praticassem atividades físicas em campo fechado.

Há algum tempo camisas-verdes de Itabirito viam suas atividades serem proibidas pelo delegado local. Em dezembro de 1936 o núcleo dessa cidade enviou um relatório⁷⁰⁹ ao *Secretário Provincial de Propaganda*. O referido núcleo informou que não realizava bandeiras de propaganda em virtude de proibição expedida pelo delegado local. Essa autoridade teria, inclusive, proibido os integralistas de deixarem o perímetro urbano de Itabirito sem o seu consentimento.

⁷⁰⁴ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 51.

⁷⁰⁵ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Docs. 54 e 55.

⁷⁰⁶ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 64.

⁷⁰⁷ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 40.

⁷⁰⁸ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 42.

⁷⁰⁹ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Docs. 12 a 14.

No dia seis de janeiro de 1937 o delegado de Itabirito enviou ao DOPS-MG um ofício contendo o nome de todos os “extremistas verdes, denominados integralistas, residentes neste município.”⁷¹⁰ Nesse ofício comunicou que estava assistindo às reuniões semanais do núcleo local. Começou a fazê-lo a fim de evitar ataques ao regime e às autoridades públicas. Contudo, no dia 21 daquele mês o delegado prendeu o *Chefe Municipal* de Itabirito enquanto esse discursava na sessão do núcleo local. Conforme o delegado, o aludido camisa-verde estava:

(...) lendo um trecho de um jornal fazendo apologias de sua doutrina e atacando com palavras descortêses aos senhores Presidente da Republica e Governadores dos Estados, e, a essa altura, chamei a atenção de (...), que se exasperou e audaciosamente disse-me que, o Delegado era um comunista e por esse motivo era que o baixo assinado não permitia que êles integralistas atacassem o Regimen Democratico.⁷¹¹

Naturalmente, a resposta do delegado foi prender o *Chefe Municipal* de Itabirito. Entretanto, no dia seguinte à detenção o juiz desse município determinou que o integralista fosse colocado em liberdade. Conforme ofício⁷¹² do delegado de Itabirito ao DOPS-MG, o juiz pessoalmente foi à delegacia verificar se sua determinação havia sido cumprida. No dia 29 de janeiro o juiz intimou o delegado de Itabirito a assistir a um inquérito movido contra esse por dois advogados integralistas da capital mineira. A prisão do *Chefe Municipal* foi apresentada como justificativa para a abertura do inquérito. Segundo o delegado de Itabirito o juiz:

De 22 para 23 de Maio do corrente ano, o Sr. Juiz Municipal presidiu aos trabalhos do plebiscito integralista nesta cidade, onde foi recebido pelos integralistas, de baixo de palmas e vivas, e, abaixo o Regimen Democratico.

A 12 de Julho do corrente ano, o Sr. Juiz Municipal, foi a séde do nucleo integralista visitar o Sr. Plinio Salgado, que passou por esta cidade, onde o Sr. Juiz foi aclamado pelos partidarios do integralismo e apresentado ao Sr. Plinio Salgado, como um dos elementos locais de grande influencia na doutrina integralista. O Sr. Juiz Municipal, concita as pessoas que querem tirá títulos de eleitores, a irem se alistarem com o Sr. (...), escrivão do 1º ofício do Judicial e chefe integralista de grande prestígio político nesta localidade, que em companhia do Sr. Juiz e dos chefes integralistas, trabalham até aos domingos de portas cerradas, no serviço eleitoral integralista.⁷¹³

Em meio à documentação pesquisada foi encontrado somente este registro de um juiz apontado por um delegado como abertamente favorável ao integralismo. Após a prisão do *Chefe Municipal* de Itabirito em janeiro o delegado dessa cidade continuou não permitindo a realização de bandeiras integralistas. Estas proibições foram levadas ao conhecimento do

⁷¹⁰ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 68.

⁷¹¹ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 65.

⁷¹² APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 43 a 46.

⁷¹³ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 45.

DOPS-MG, que por sua vez interpelou o delegado de Itabirito. No dia dois de abril de 1937, como esclarecimento a uma dessas interpelações a referida autoridade policial respondeu:

Tenho a honra de informar-vos, que de fato, o Delegado de Polícia deste municípios, tomou essas medidas, em virtude dos integralistas local, irem em caravana de sua doutrina e as escondidas, ao distrito de São Gonçalo do Bação deste município, sem licença de quem de direito, e ali, fiseram sua propaganda extremista, atacando ao Regimen democrático, as leis do nosso paiz, aos governadores dos Estados e a toda a administração do territorio nacional; onde eles integralistas disseram que o Brasil, atual era ainda uma aldeia desconhecida das outras Nações do mundo e sem escolas para educar os filhos das classes operarias brasileiros, que só o integralismo poderá salvar o Brasil, e que, para êles obterem a salvação do Brasil, é necessário e é o dever que êles integralistas, tomem o poder das mãos dos verdugos e capitalistas, que esses verdugos, são os comunistas e judeus brasileiros, que se acham nesse momento dirigindo os destinos da nacionalidade brasileira.⁷¹⁴

A costumeira resposta do DOPS-MG ao delegado de Itabirito foi mencionar que estavam asseguradas as atividades de organizações cuja existência não era proibida. Essas organizações podiam fazer a exposição e crítica de doutrinas, desde que sem propaganda de guerra ou de processo de subversão da ordem política e social. As reuniões podiam e deviam ser fiscalizadas. Durante as reuniões se houvesse incitação de crime contra a ordem política e social o delegado deveria tomar providências. Por fim, lembrava o DOPS-MG, as leis de exceção que instituíram o Estado de Guerra permitiam que se impedisse a livre manifestação do pensamento e o direito à reunião.

Apesar dessa orientação o cerceamento às atividades do núcleo de Itabirito não chegou ao fim. Esta não foi uma peculiaridade do município em questão. Foi comum delegados locais continuarem proibindo atividades do sigma mesmo após orientações superiores determinando o contrário. Este fenômeno também aconteceu em 1936.

Mas, se por um lado 1937 consolida aqueles padrões observados durante o ano anterior, por outro apresenta novidades. Uma delas foi o término do Estado de Guerra no dia 17 de junho de 1937. Chegava ao fim o instrumento legal a que os delegados mais recorreram para legitimarem suas proibições contra o sigma. Não obstante, o delegado então responsável por Itabirito permaneceu coibindo a militância verde. Alguns dias após o fim do Estado de Guerra o *Chefe Municipal* daquela cidade recorreu à direção *provincial* da AIB contra as proibições de que era alvo. Por meio de uma missiva aquele integralista postulou que:

Itabirito, 22 de junho de 1937.
Do Chefe Municipal de Itabirito ao
Chefe Provincial de Minas Gerais.

⁷¹⁴ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 61.

Esta tem por fim fazer-vos saber do ocorrido em 20 do corrente mez. Na reunião de sabbado (19) marquei uma excursão ao distrito de São Gonçalo do Bação, onde já contamos com 17 companheiros. Domingo, ás 6 horas da manhã, quando eu passava com o caminhão ainda vasio, fui cercado pelo Tte. João Alves de Brito que perguntou-me aonde ía. Respondí-lhe que tendo terminado o estado de guerra íamos fazer uma visita aos companheiros de São Gonçalo. Proibiu-me de ir, mesmo pedindo uma licença prévia. Então resolvi pedir um parecer ao advogado (...) sobre a nossa situação. E o divto parecer, por escripto, dizia que todos os partidos políticos registrados no Tribunal, teem direito de fazer sua propaganda pacífica. Fui a Engenheiro Corrêa para não infringir a ordem do Tenente. Na volta fui por elle intimado a comparecer á Delegacia para dar satisfação de meus actos, o que fiz, não na Delegacia, mas em casa delle. Estou correndo o risco de ser novamente preso e talvez espancado. Peço ao illustre chefe para tomar as necessarias providencias pois do contrario seremos obrigados um dia a faltar com a disciplina, desrespeitando essas autoridades que não nos respeitam como partido legalmente registrado.⁷¹⁵

O trecho acima foi uma das poucas declarações encontradas em que um camisa-verde admite abertamente que poderia não cumprir as ordens que lhe fossem impostas. Esta carta do *Chefe Municipal* de Itabirito foi anexada a uma petição⁷¹⁶ enviada por um advogado integralista ao DOPS-MG. Nessa petição o bacharel solicitou que esse órgão instrísse a delegacia de Itabirito que o Estado de Guerra havia chegado ao fim.

O DOPS-MG atendeu à solicitação e enviou um ofício ao delegado daquela cidade. Neste documento esclareceu que a propaganda integralista era livre nos moldes da lei. Mais uma vez, porém, o delegado de Itabirito permaneceu cerceando as atividades do sigma. Ainda em agosto de 1937 o núcleo local recorreu novamente ao DOPS-MG contra o delegado daquele município.

Ao contrário do que havia acontecido outras vezes, em junho de 1937 o Estado de Guerra não foi prorrogado imediatamente. Parecia que essa medida de exceção havia chegado ao fim. Entretanto, a nova situação não trouxe liberdade de propaganda aos camisas-verdes de Itabirito. Essa também não foi uma peculiaridade deste núcleo. Delegados em outras cidades continuaram proibindo as atividades do sigma após o fim do Estado de Guerra em junho de 1937. O DOPS-MG, por sua vez, orientou delegados e prefeitos que buscavam instruções que o Estado de Guerra havia chegado ao fim.

Este fenômeno aconteceu em Itanhandu, onde o prefeito local questionou⁷¹⁷ o secretário do interior se para a realização de comícios os integralistas deviam fazer prévia comunicação às autoridades policiais. O DOPS-MG respondeu⁷¹⁸ àquela indagação em julho de 1937

⁷¹⁵ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 55.

⁷¹⁶ APM: [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#). Doc. 54.

⁷¹⁷ Todas as informações referentes a Itanhandu constantes neste tópico foram retiradas de: APM: [PASTA 4672 Itanhandu - integralismo jul. 1935 - dez. 1938](#).

⁷¹⁸ APM: [PASTA 4672 Itanhandu - integralismo jul. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 15.

afirmando que não poderia haver interferência de autoridades públicas, salvo em casos em que houvesse a necessidade de se assegurar a ordem. A prévia comunicação devia ser feita, no entanto, cabia à polícia somente designar um local para os comícios. Essa designação, contudo, não poderia impossibilitar os referidos comícios.

Em telegrama⁷¹⁹ a delegacia de Ituiutaba informou ao Chefe de Polícia, em setembro de 1937, que o núcleo integralista dessa cidade mantinha uma escola noturna onde pregava “CUOTIDIANAMENTE EXDRUXULA THEORIA CONTRA REGIMEN”. Por conseguinte, indagou se deveria fechar o referido núcleo. Em resposta o Chefe de Polícia esclareceu que o direito à propaganda estava garantido em lei para os integralistas.

Outro fenômeno que se repetiu em 1937 foi a troca de acusações entre núcleos integralistas e delegacias locais. Os núcleos informavam ao DOPS-MG ou ao Chefe de Polícia que as delegacias haviam cerceados seus direitos. Mas houve alguns delegados que sustentaram que as reclamações dos camisas-verdes eram infundadas, pois não haviam adotado qualquer medida contra esses militantes. Em meio à troca de acusações, alguns delegados afiançaram que reduzir a autoridade policial que detinham era o objetivo das queixas urdidas pelos integralistas.

O distrito de Valão, ligado a Teófilo Otoni, registrou trocas de acusações entre uma autoridade policial e militantes do sigma. No dia oito de agosto de 1937 haveria a inauguração do subnúcleo daquele distrito. A delegacia de Teófilo Otoni enviou soldados a esse evento. Porém, esses arrombaram as portas do recinto verde, apossaram-se dos arquivos e os levaram a Teófilo Otoni. O delegado desse município relatou esse episódio de formas distintas.

À Chefia de Polícia o delegado relatou⁷²⁰ que enviou um efetivo à comunidade de Valão a fim de evitar distúrbios e garantir a segurança dos integralistas, pois constava que haveria ali uma manifestação de repúdio ao sigma. Logo, teria sido a população daquela comunidade que teria arrombado as portas do subnúcleo e levado os arquivos ali contidos. Porém, segundo o delegado de Teófilo Otoni, os camisas-verdes estavam atribuindo a responsabilidade pelo arrombamento do subnúcleo aos policiais que ali estiveram. Narrando o mesmo episódio ao secretário estadual do Interior e da Justiça, o delegado de Teófilo Otoni sustentou que:

Em 26 de junho deste anno, os integralistas desta cidade anunciaram a instalação de um nucleo em Vallão. Fiz logo seguir para ali um pequeno contingente policial que conseguiu sem nenhuma incidente, que fosse levado a effeito mais um absurdo.

Para hontem foi novamente anunciada a instalação pretendida para a qual foram convocados os Camisas Verdes desta cidade.

⁷¹⁹ APM: [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#). Doc. 28.

⁷²⁰ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 26.

Esta delegacia enviou então 6 praças sob o comando de um cabo para aquella povoação.

A policia não se conteve e invadiu a séde do fucturo agrupamento, arrombando as portas e apoderando-se do archivo, trasendo-o para esta cidade.

Todo esse archivo venho, hoje, apresentar a V. Exc. para mais de perto conhecer á organização daquelles que pretendem a todo o transe, derribar a Democracia o que conseguirão se não tomarmos medidas enérgicas, consoantes á veolencia dos ataques integralistas.

Ao Cpitão Chefe de Policia, passei, em data de hoje o radio que, por copia, remeto a V. Exc.

Estou certo que V. Exc. que, de perto verificou a intolerancia dos camisas verdes desta cidade, compreenderá o gesto da policia , tomado, apenas, no sentido de evitar o desprestígio do regime Democratico, e dará rasão á mesma.⁷²¹

Bastaram sete praças para adentrar uma sede integralista e extrair dessa os seus arquivos. Além disso, a delegacia de Teófilo Otoni não apenas invadiu o subnúcleo de Valão, como anteriormente proibiu que esse fosse inaugurado. No dia doze de agosto, através de ofício, um representante da AIB comunicou ao DOPS-MG o episódio ocorrido em Valão nos seguintes termos:

A ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA vem trazer ao conhecimento de V. Excia. Que a **Policia** de Teophilo Ottoni invadiu a Séde do NUCLEO INTEGRALISTA de Vallão, retirando o archivo, quebrando o retrato do Snr. PLINIO SALGADO que alli se encontrava, danificando o prédio e moveis com forte **tirotêio**.

A ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA vem portanto solicitar de V. Excia. reparação de taes factos e mais ainda que V. Excia. se digne instruir o Delegado da referida localidade afim de não impedir a actividade eleitoral e de propaganda dos integralistas.⁷²²

No mesmo dia em que recebeu a comunicação supracitada, o DOPS-MG enviou um radiograma⁷²³ à delegacia de Teófilo Otoni solicitando esclarecimentos sobre o ocorrido. Entretanto, não há na pasta relativa ao integralismo naquela cidade uma resposta da delegacia.

O fenômeno da troca de acusações foi possível uma vez que a maioria das proibições aplicadas aos núcleos não era devidamente formalizada. Logo, resumiam-se a ordens verbais. Houve núcleos, inclusive, que tentaram não reconhecer estas ordens verbais. Neste sentido, exigiram que as ordens dos delegados fossem impressas e por esses assinadas. O intuito dos camisas-verdes era desencorajar a ação repressiva daqueles delegados. Porém, esta estratégia viu-se frustrada pela negativa dos delegados em emitir ordens impressas e assinadas. Esses, inclusive, tomavam como uma afronta este requerimento integralista. Desta maneira em alguns

⁷²¹ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 25.

⁷²² APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 132.

⁷²³ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 131.

cenários não é possível identificar se a base das acusações sustentadas por núcleos ou delegacias era ou não concreta.

Outro fenômeno que gerou um conflito de versões foram os tiroteios que ocorreram durante alguns eventos promovidos pela AIB. De um lado estava a retórica dessa organização, especialmente através dos seus jornais, defendendo que os camisas-verdes eram atacados por comunistas. De outro lado houve jornais que acusaram os membros da AIB de provocarem instabilidade no país e de serem os causadores daqueles tiroteios. O primeiro desses aconteceu ainda em 1934 na praça da Sé na capital paulista. Mas, o tópico seguinte abordará dois eventos organizados em 1937 pela AIB que terminaram com vítimas fatais. O objetivo é identificar como estes dois acontecimentos foram abordados por alguns jornais de Minas e as consequências do segundo daqueles eventos nesse estado. Sabbath

6.7 – Tiroteios em eventos integralistas e a repercussão em Minas

No fim da tarde de um domingo, 18 de julho de 1937, alguns milhares de camisas-verdes desfilarão na avenida Paulista, na cidade de São Paulo. Após o desfile Plínio Salgado iria discursar no Teatro Municipal dessa cidade. Porém, o desfile foi interrompido por um tiroteio. O mais provável é que esse tenha sido fruto de uma desinteligência motivada pelos ânimos exaltados. O mais provável, é que a gênese do tiroteio tenha sido a resposta de algum integralista a um insulto, real ou imaginário, proferido por aqueles que assistiam ao desfile. O saldo do tiroteio foi um morto e 18 feridos. A vítima fatal era lituana de nascimento e tinha ascendência judaica. O autor do homicídio era um ex-policia civil adepto da AIB.

Conforme *A Razão*⁷²⁴ 20 mil camisas-verdes teriam desfilado na “(...) na grande avenida burguesa da capital principal do banqueirismo judaico e internacional em nossa Patria (...)” O tiroteio seria uma “sangrenta advertência” para o Brasil de que o comunismo permanecia como uma ameaça concreta. Segundo o jornal integralista pouso-alegrense os vermelhos teriam “armado a mão assassina de um judeu lituano”. Porém, esse acabou “fulminado imediatamente pela justiça popular.” Ademais, finaliza *A Razão*, o “povo de S. Paulo” teria admirado bastante o valor e a disciplina dos integralistas que souberam rechaçar a manobra vermelha.

Para *O Município*, jornal de Caratinga, o tiroteio havia sido um “attentado comunista” cujo alvo era o *Chefe Nacional*. Um dos responsáveis por esse ataque fora morto pela *Milícia*

⁷²⁴ *A Razão*, 22/07/1937, num. 65, p. I. Todos os trechos entre aspas foram retidos deste número.

Integralista. Segundo aquele periódico o tiroteio era “mais uma prova de que os communistas não descançam nos seus crimes contra o nosso Brasil.”⁷²⁵

A *Vanguarda*⁷²⁶ assegurou que a vítima fatal do tiroteio registrado em São Paulo era um “enviado de Moscow”. O jornal em questão defendeu ainda que as ocorrências verificadas naquele desfile corroboravam três verdades que o Brasil já havia compreendido. A primeira delas é que o integralismo era “(...) um movimento de afirmação cívica e de coragem.” A segunda daquelas verdades dizia respeito à imprensa, uma vez que em sua maioria essa havia deturpado os acontecimentos relativos àquele desfile. Logo, “nunca a imprensa esteve tão venal, tão partidaria e tão mentirosa.” Finalmente, a terceira verdade era que a polícia “(...) era incompetente para sufocar as manifestações comunistas.”

Gazeta de Tombos, ao contrário dos jornais *O Município* e *A Vanguarda*, posicionou-se contra o integralismo em relação ao tiroteio de julho na capital paulista. Este evento, inclusive, foi mencionado por *Gazeta de Tombos* enquanto esse jornal discorria sobre os transtornos e a divisão que julgava terem sido trazidos pela AIB à sociedade tombense. Conforme o jornal aquele tiroteio havia sido provocado pelos próprios integralistas. O jornal ainda assegurou que o lituano teve sua vida ceifada, pois “(...) tivera a infelicidade de rir quando desfilavam os camisas verdes.”⁷²⁷

Compreensivelmente, as simpatias e oposições à AIB condicionaram as notícias inerentes ao tiroteio ocorrido em São Paulo. Cerca de um mês após esse ocorrido, verificou-se um tiroteio mais letal, desta vez na cidade fluminense de Campos dos Goitacazes. O saldo deste novo tiroteio foi, pelo menos, uma dezena de mortos e outra de feridos.

Este acontecimento ensejou mais um conflito de narrativas pautado por simpatias e oposições ao sigma. *A Razão*, por exemplo, atribuiu a comunistas e a “forças ocultas”⁷²⁸ a autoria daquele tiroteio. Esse jornal ainda assegurou que a população de Campos dos Goitacazes havia se tornado mais simpática ao integralismo devido à violência sofrida pelos camisas-verdes.

A *Vanguarda* apontou que o tiroteio de Campos dos Goitacazes não era um evento isolado. Porém, mesmo se fosse, já seria motivo para alarme. Segundo aquele jornal a tranquilidade e o respeito à ordem eram essenciais à condução de uma campanha eleitoral sadia. Logo, violências de quaisquer espécies e contra quaisquer grupos políticos não poderiam ser

⁷²⁵ *O Município*, 20/07/1937, num. 306, p. I.

⁷²⁶ *A Vanguarda*, 25/07/1937, num. 1100, p. IV. Todos os trechos entre aspas constam deste número.

⁷²⁷ *Gazeta de Tombos*, 14/08/1937, num. 199, p. IV.

⁷²⁸ *A Razão*, 19/08/1937, num. 69, p. I.

toleradas. Mas, aquele jornal ressaltou que todos os comícios que se encerravam de modo violento eram promovidos por camisas-verdes. Observou que ao fim destes os adeptos do sigma responsabilizavam os comunistas pelas agressões sofridas. Por outro lado, segundo *A Vanguarda* havia quem imputasse a responsabilidade dos tiroteios e violências aos próprios integralistas. Frente a esse cenário, o aludido jornal sustentou que:

A nós, liberais sinceros e tolerantes, deve correr a obrigação de apurar com rigor qual dessas duas versões é a real. E nós, que devemos ser liberais sinceros, precisamos ser tolerantes até quando não o possamos mais ser. E parece que a explicação de qualquer das duas versões nos impõe o dever de substituir a tolerância por uma ação enérgica, superior e intransigente na defesa do regime.

(...).

Mas se a verdade é que o Integralismo, como diz, está sendo vítima da conjuração comunista, mais desenvolta justamente porque é disfarçada, então cumpre assegurar ao Integralismo a realização dos seus passos, sob a proteção das leis.

Quem escreve essas linhas não é Integralista. Mas sabe, pensa, está convicto de que o caso comunista no Brasil é, atualmente, o mais grave e mais perigoso problema nacional e moral.⁷²⁹

Gazeta de Tombos advogou que os camisas-verdes poderiam ser os responsáveis pelo tiroteio que ceifou a vida de seus companheiros. Segundo esse jornal a perícia concluíra que os corpos foram atingidos de cima para baixo. O comício havia sido realizado em frente ao núcleo integralista daquela cidade. Neste sentido, “quem usará duvidar que os tiros não tenham partido dali? Será por acaso, com o trucidamento de indefesas vítimas que o integralismo quer impor-se ao brasileiro, apavorando-o em massa e dominando-o pelo terror?”⁷³⁰

Um dia após o tiroteio na cidade de Campos dos Goytacazes, Plínio Salgado determinou que seus comandados só se manifestariam em público se obtivessem por escrito autorização e garantias de segurança das autoridades competentes. O objetivo alegado pelo *Chefe Nacional* com essa determinação era evitar que o integralismo “mesmo quando vítima”⁷³¹ fosse acusado de promover desordens. Nos casos em que não obtivessem por escrito autorização e garantias para realizar suas atividades os integralistas deveriam comunicar esse fato ao público.

Seguindo a nova orientação o núcleo de Pouso Alegre enviou um ofício à delegacia desta cidade. Nesse documento solicitou autorização e garantias de segurança para uma concentração que pretendia realizar no dia em que se comemora a independência do Brasil. A delegacia respondeu por escrito que não poderia oferecer as garantias solicitadas. Mesmo assim,

⁷²⁹ *A Vanguarda*, 22/08/1937, num. 1103, p. I.

⁷³⁰ *Gazeta de Tombos*, 28/08/1937, num. 201, pp. I e IV.

⁷³¹ *A Razão*, 26/08/1937, num. 70, p. IV.

a *chefia municipal* da AIB em Pouso Alegre publicou em *A Razão* uma matéria encimada pela seguinte manchete:

Em pleno regimen constitucional não ha, em Pouso Alegre, garantias para o EXERCÍCIO DE DIREITOS POLÍTICOS! A autoridade policial não tem forças para garantir a propaganda eleitoral á sucessão presidencial. Não se realizará, por isso, a concentração integralista do dia 7.⁷³²

Os integralistas de Pouso Alegre ainda apontaram na matéria em debate que não vigorava mais o Estado de Guerra ou o Estado de Sítio, de modo que seus direitos políticos estavam constitucionalmente assegurados. Por conseguinte, não era necessário o pedido de autorização para realizarem sua propaganda política. Faziam-no, contudo, em obediência à ordem do *Chefe Nacional* e porque zelavam, acima de seus direitos políticos, pela segurança daqueles que assistiam aos discursos e comícios integralistas.

Seguramente a exigência de autorização e garantias por escrito objetivava pressionar as delegacias locais e auferir ganhos políticos para o sigma. Em qualquer hipótese, os camisas-verdes se apresentariam como fiéis respeitadores da ordem, ainda que à custa de seus direitos políticos. Os responsáveis pela segurança local, por outro lado, estariam em uma situação desconfortável em qualquer cenário.

Por conseguinte, se esses não fornecessem por escrito a autorização e as garantias de segurança, seriam tachados como incapazes de manter a ordem pública e como violadores de direitos políticos assegurados pela Constituição. Entretanto, o mesmo aconteceria se oferecessem aos militantes do sigma uma resposta por escrito negando a realização da propaganda verde. Além disso, a exigência de uma resposta por escrito foi encarada como uma afronta por alguns delegados locais.

Por fim, se oferecessem aos integralistas a resposta por escrito autorizando-os a realizarem a propaganda do sigma e alguma desordem/violência ocorresse durante esse processo, ainda assim as autoridades policiais seriam tachadas como incapazes de manter a segurança. Na melhor das hipóteses, os responsáveis pela segurança pública não ganhariam nada se autorizassem a realização da propaganda integralista e nada ocorresse.

Mas, determinar que os integralistas solicitassem por escrito as garantias de segurança para a propaganda do sigma não foi a única medida adotada pelo *Chefe Nacional*. Alguns dias após aquele tiroteio em Campos dos Goytacazes, Plínio Salgado ordenou que seus comandados deixassem de usar a camisa-verde e os distintivos integralistas. Segundo a determinação,

⁷³² *A Razão*, 02/09/1937, num. 71, p. I.

comunistas estavam usando e até mesmo mandando fabricar camisas-verdes e distintivos da AIB a fim de provocar desordens.

Gazeta de Tombos comentou de modo bastante crítico essa e outras determinações de Plínio Salgado. O referido periódico rebateu as acusações proferidas pela liderança máxima da AIB de que comunistas estavam infiltrados nos partidos políticos e estariam até mesmo vestindo a camisa-verde. Em relação à ordem não trajar a camisa-verde aquele jornal assim ponderou:

Ora, sr. Plinio, para mandar os seus adeptos andarem sem camisa não necessitava ter feito tanto sangue correr, bastava continuar a cobrar os 2\$000 por cabeça, acabar de vender as promissórias dos 6.000 contos, colher mais algum ouro dos ingenuos; vender mais uns milhares de selos usados e algumas <<coisitas>> mais.

Com a colheita acima todos os integralistas ficariam não só <<sem camisa>>, mas sim, nacionalmente sem “tanga”, dando <<Anauês>> ao Messias que iria pregar noutras paragens.⁷³³

No dia sete de outubro de 1937 a AIB permitiu que a camisa-verde voltasse a ser utilizada pelos integralistas. Àquela altura o Plano Cohen havia sido divulgado e estava em vigor um novo decreto de Estado de Guerra. A organização liderada por Plínio Salgado aplaudiu essa medida de exceção. Porém, uma vez reinstituído, o Estado de Guerra voltou a ser utilizado por delegacias locais contra os integralistas. Apesar disto, esses militantes continuaram se empenhando na candidatura de Plínio Salgado ao longo daquele mês de outubro. A campanha do *Chefe Nacional* à presidência da República é o principal objeto de análise do próximo capítulo.

⁷³³ *Gazeta de Tombos*, 04/09/1937, num. 202, p. I.

CAPÍTULO VII – O PLEBISCITO, O CULTO AO CHEFE E A CAMPANHA PRESIDENCIAL

7.1 – AIB: apreço à democracia e livre participação interna

Embora fosse autoritária, verticalizada, pautada na obediência sem questionamentos e na infalibilidade da doutrina e do líder máximo a AIB tentou se apresentar como uma organização aberta à participação de seus membros. Embora criticassem profusamente o regime em vigor e o sufrágio universal, os integralistas garantiam que não eram contrários à democracia. Ao estabelecerem este posicionamento, asseguravam que diferentemente do que a imprensa divulgava eles não eram antidemocráticos.

Ao se defenderem, os adeptos do sigma atacavam a imprensa, afirmando que comunistas estavam infiltrados nas redações de jornais em todo o país. Os membros da AIB advogaram que apenas se opunham ao regime vigente. Neste sentido, asseveravam que a democracia era um valor caríssimo para o sigma. Contudo, era a democracia que idealizavam, não a que vigorava.

A “verdadeira democracia”, tantas vezes mencionada pelos integralistas, seria fundada no Brasil pelo Estado Integral e constituída pelo *sistema de corporações*. Nesse haveria uma representação por sindicatos ou por classes profissionais que começaria em cada município. Logo, somente os trabalhadores sindicalizados poderiam votar, razão por que os integralistas eram contrários ao sufrágio universal. Os trabalhadores de cada profissão elegeriam seu representante ao Legislativo municipal ou *Conselho Municipal* como denominavam. Esses representantes elegeriam os prefeitos. Os vários sindicatos municipais elegeriam seus representantes *provinciais*, o que seriam uma espécie de deputados estaduais. Esses por sua vez ocupariam os *Conselhos Provinciais* (Câmaras estaduais) e elegeriam os governadores de cada *província*. O Congresso Nacional seria formado pela *Câmara Corporativa Econômica* e pelo Senado. Esses dois órgãos elegeriam o Executivo nacional.

Cabe abrir um parêntese neste ponto a fim de lembrar que, segundo Carone (1974), a representação profissional foi instituída nas eleições para a Assembleia Constituinte em 1933. No dia três de maio desse ano houve em todos os estados eleições para a escolha dos constituintes. Em fins de julho daquele ano foram escolhidos os “delegados-eleitores”, que sufragaram os quarenta representantes de associações profissionais que atuariam como constituintes. Posteriormente, a Constituição de 1934 determinou que a Câmara Federal seria

integrada por representantes eleitos pelo povo mediante sufrágio universal direto e igual e por representantes eleitos pelas associações profissionais (CARONE, 1974).

Ainda que a representação existente não fosse aquela tão demandada pela AIB essa organização, nos documentos pesquisados, não aludiu ao modelo então em vigor. Além disso, a representação profissional não constituiu uma pauta exclusiva dos integralistas. Segundo Carone (1974) foram os tenentes⁷³⁴ os responsáveis por incluir no texto Constitucional de 1934 a representação profissional. Mas, o historiador em questão observa que o modelo de representação profissional do fascismo italiano influenciou o tenentismo.

Hierarquia e disciplina eram valores basilares para o sigma, que através de regulamentos e protocolos minuciosos normatizava o comportamento de seus militantes. Ao mesmo tempo, a livre ação dos camisas-verdes era tolhida pelo preceito da obediência sem questionamentos às ordens recebidas. O juramento de fidelidade “diante da vida e da morte” ao *Chefe Nacional* também deixava pouca margem à ação espontânea no interior da AIB.

Apesar desses elementos, os camisas-verdes garantiam que a organização a que pertenciam não era autoritária. Longe disto, afiançavam que havia grande participação interna na tomada de decisões e na elaboração dos estatutos e documentos que regiam a vida integralista.

Com o intuito de respaldar os discursos em que apresentavam a AIB como organização não autoritária e ciosa da democracia, os camisas-verdes mencionavam os encontros femininos, estudantis e os congressos que promoviam. Em fevereiro de 1936 eles realizaram na cidade mineira de São João Del Rei o seu *I Congresso Integralista Universitário*. No estado do Rio de Janeiro, em outubro daquele mesmo ano, reuniram-se membros do sigma de todo o Brasil que haviam sido eleitos para os cargos de vereador, prefeito e deputado. Em dezembro de 1936, adeptos do sigma realizaram em Belo Horizonte o seu *I Congresso Nacional de Imprensa*. O jornal *Alvorada*, pertencente à imprensa verde e editado na capital mineira, salientou que esses eventos provavam que a AIB não era uma organização autoritária. O referido periódico observou que:

⁷³⁴ Segundo Carone (1974) outra pauta encampada pelos tenentes e que também era defendida pelos camisas-verdes foi a nacionalização do subsolo, das águas, florestas e usinas hidrelétricas. Carone (1974) assevera que na década de 1930 o tenentismo retoma o debate sobre a nacionalização do subsolo e das águas. As tendências “oligárquicas” e “conservadoras”, porém, eram maioria na Assembleia Constituinte, o que impede o tenentismo de impor sua agenda. Não obstante, este movimento alcança uma vitória ao incluir no texto Constitucional o artigo que determinava que competia exclusivamente à União explorar as hidrelétricas, riquezas do subsolo, florestas e águas, bem como legislar sobre estes assuntos.

Nunca nenhum partido fez isto no Brasil. Todos estes que se rotulam de democraticos jamais reuniram os seus filiados das zonas mais diversas do paiz e a elles perguntaram de suas dificuldades e necessidades e pediram-lhe que indicassem soluções para seus proprios problemas.

Só o Integralismo, esse mesmo que é acusado pelos ignorantes e pelos de má fé, de anti-democrata, só elle assim agiu, só elle procurou ouvir a voz rude do operario e a voz eloquente do jornalista, realizando a única democracia possível neste seculo.

Quando todos os liberaes se esfalfam na luta-luta da proxima sucessão, quando perdem noites de somno para conchavarem acordos, quando se esquecem dos seus deveres para com a Patria para só lembrarem dos seus interesses, o Integralismo prosegue na sua tarefa educacional, soldando a unidade da Nação, continua, indiferente a todas essas agitações, pregando a palavra serena da ordem, continua na sua grandiosa obra de construcção da Grande Patria.

E si elle assim procede é porque não espera nenhuma recompensa immediata, mas apenas o julgamento dos posteros.⁷³⁵

De fato, os integralistas reuniam-se em congressos a fim de debaterem ideias e formularem diretrizes. Esses encontros nacionais e regionais, inclusive, eram incomuns a outras agremiações partidárias do mesmo período. Consequentemente, estes eventos integralistas contribuíam para legitimar o argumento de que o sigma diferenciava-se de outros partidos políticos. Logo, aqueles eventos respaldavam o discurso segundo o qual a AIB era uma organização aberta à participação de seus membros.

Todavia, os encontros e congressos do sigma tornavam-se inócuos ao se considerar que a AIB era uma organização essencialmente vertical e centralizada na figura de um líder máximo. Tanto no estatuto de 1934 quanto naquele de 1935 há um capítulo denominado “*Deveres dos Integralistas*”. Embora haja diferenças sutis na redação, o primeiro artigo de ambos os capítulos estabelece que o integralista era um homem livre que espontaneamente se inscrevera na AIB a fim de sacrificar seus interesses, tempo e opiniões pessoais em benefício do Brasil. Esses elementos passaram à retórica dos militantes, que afirmavam que ingressar no sigma era renunciar à liberdade pessoal.

Ademais, os seguidores de Plínio salgado afirmavam com bastante orgulho que mantinham uma inabalável unidade de pensamento e de condutas. Logo, postulavam que não havia qualquer dissenso no interior da AIB. As reuniões periódicas realizadas pelos núcleos contribuíam para a promoção da unidade de pensamento. Durante esses encontros, geralmente semanais, o quadro econômico e social do país era apresentado aos militantes à luz da interpretação do sigma.

Em meados de 1937 o *Secretário Municipal de Propaganda* do núcleo de Diamantina, visitou o então distrito de Conselheiro Mata. Nesta ocasião estabeleceu contatos com residentes dessa localidade. Uma vez em Diamantina indicou um daqueles moradores como o coordenador

⁷³⁵ *Alvorada*, 18/12/1936, num. 04, p. I.

local. Uma nomeação expedida pelo núcleo diamantinense ratificou essa indicação e determinou que:

O Companheiro deverá marcar as sessões doutrinárias, aos domingos, caso não haja inconvenientes, ou noutro dia comquanto ellas sejam dadas de 8 em 8 dias, para leituras de jornaes doutrinarios, “A OFFENSIVA”, livros, para dar avisos, leituras de expedientes recebidos ou expedidos, etc.⁷³⁶

Os camisas-verdes também se orgulhavam de executar rituais que tinham início e término nos mesmos horários em todo o país. Uma vez encerrados, os camisas-verdes enviavam telegramas ao *Chefe Nacional* comunicando-o da execução dos rituais. Este envio massivo de telegramas era também utilizado pelos integralistas para atestar a unidade do movimento. Este foi o caso daqueles telegramas enviados em julho de 1936 à presidência da República em protesto contra o fechamento dos núcleos do Paraná.

Em setembro do mesmo ano, cumprindo determinação do *Chefe Nacional*, os integralistas celebraram o centenário do compositor Carlos Gomes. Após as celebrações, e mais uma vez cumprindo ordens, cada núcleo enviou ao gabinete de Plínio Salgado um telegrama acusando o cumprimento da ordem. Em Minas Gerais, por exemplo, os seguintes municípios enviaram telegramas⁷³⁷ indicando terem celebrado aquela data: Diamantina, Muzambinho, Uberaba, São João Del Rei, Belo Horizonte, Areado, Três Corações, Carangola, Monte Belo, Juiz de Fora, Cambuquira, Raul Soares, Formiga, Santa Rita do Sapucaí, Barbacena, Sete Lagoas, Nova Lima, Ouro Preto, Leopoldina, Entre Rios, Varginha e Ponte Nova.

A uniformização do pensamento e da conduta integralista, de que seus militantes tanto se orgulhavam, era perseguida também por meio dos manifestos, estatutos, regulamentos e protocolos da AIB. Esses informavam com rigor a forma como os integralistas deveriam se portar e quais valores deveriam defender. Ao lado daquela normatização institucional do pensamento e da conduta, havia também a imprensa e os livros integralistas.

Conforme anteriormente exposto, a imprensa do sigma divulgava os valores, palavras de ordem, leituras de passado e perspectivas de futuro acalentadas pela AIB. Os jornais publicavam os regulamentos, protocolos e estatutos do partido. Reproduziam ainda a doutrina presente nos livros de autores integralistas. No que tange a esses, *Monitor Integralista* publicou já em seu primeiro número a “BIBLIOTHECA INTEGRALISTA”, indicando os livros que os

⁷³⁶ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 228.

⁷³⁷ *A Offensiva*, 19/07/1936, num. 236, pp. XII, XV e XVI.

militantes deveriam ler. Ao analisar essas referências Cavalari (1999) observou que as listas não apenas ficaram mais bem elaboradas, como também incluíram e excluíram autores.

Inicialmente, observa aquela autora, *Monitor Integralista* apresentava somente uma lista com os nomes de livros que os camisas-verdes deveriam ler. Posteriormente, o jornal refinou essas listas, subdividindo-as em temas. Para a “iniciação integralista” o periódico oficial do sigma indicava: “O que é o integralismo”, “Perspectivas Integralistas”, “Pela revolução integralista” e o “Integralismo ao alcance de todos” respectivamente de autoria de Plínio Salgado, Miguel Reale, Ferdinando Martino e Venceslau Júnior. Para economia recomendava “O capitalismo internacional” e “Brasil, colônia de banqueiros”, respectivamente de Miguel Reale e Gustavo Barroso. No que concerne à área de “filosofia social e política” recomendava “Do liberalismo ao integralismo”, “O Integralismo de norte a sul” e “O sofrimento universal”, respectivamente de Olímpio Mourão, Gustavo Barroso e Plínio Salgado (CAVALARI, 1999).

No que se refere à inclusão e exclusão de obras, Cavalari (1999) observou que as indicações contidas em *Monitor Integralista* eram alteradas a fim de se incluir publicações recentes de camisas-verdes. Entre 1933 e 1935, por exemplo, livros sobre política brasileira, sociologia e nacionalismo escritos por autores conservadores, mas não integralistas foram substituídos por obras de camisas-verdes. Ao mesmo tempo, obras foram excluídas com o objetivo de não se comprometer a unidade do movimento. Entre 1933 e 1934 havia a indicação do livro “O ideal legionário” do tenente Severino Sombra e de obras antissemítas. A partir de 1935 o livro desse militar foi excluído em virtude das disputas entre ele e Plínio Salgado. No que tange à exclusão das obras de cunho antissemítico, a explicação pode residir no fato de que essa temática não foi consenso entre os teóricos da AIB. Apesar disto, alguns livros de Gustavo Barroso com a temática antissemítica continuaram sendo indicados frequentemente (CAVALARI, 1999).

Ao lado da *Secretaria Nacional de Imprensa (SNI)*, prossegue Cavalari (1999), órgão destinado à aprovação e censura dos jornais integralistas, havia um órgão destinado a fazer o mesmo com os livros. Tratava-se da *Secretaria Nacional de Doutrina e Estudos (SNDE)*. Não obstante, os próprios teóricos do sigma adotavam um mesmo estilo de escrita e uma mesma ótica ao analisar os fenômenos sociais. Portanto, a existência da *SNDE*, que se desdobrava em nível *provincial* e municipal, e a própria autocensura e imitação de estilos mantidas pelos teóricos da AIB contribuíam para que os livros apresentassem um conteúdo muito semelhante. Em muitos casos, aqueles teóricos confessavam em suas obras que não tinham nenhuma

pretensão à originalidade. Aspiravam somente à difusão dos preceitos integralistas (CAVALARI, 1999).

Além de orgulharem-se de uma suposta unidade de pensamento, os adeptos do sigma rechaçavam boatos de que havia divergências entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso. Logo, reforçavam que o edifício construído pelo sigma mantinha-se não apenas coeso, como infenso a quaisquer rupturas. Essa solidez, reiteravam os camisas-verdes, devia-se ao fato de que o pensamento e a conduta eram uma só e a hierarquia e a disciplina eram inabaláveis.

Portanto, a rigidez doutrinária, a tentativa de controlar a vida do militante (havia rituais para o batismo, casamento e funeral), a busca pela unidade de pensamento e de conduta, os estatutos, os inúmeros regulamentos de cada departamento/secretaria e os protocolos e rituais depõem contra a retórica de que a AIB era aberta à participação interna e tinha apreço pela democracia. Embora houvesse congressos e encontros integralistas a perspectiva da unidade de pensamento e a ojeriza a questionamentos inviabilizavam a plena participação dos militantes.

7.2 – O poder do *Chefe Nacional* e o culto a sua figura

O *I Congresso Integralista Brasileiro* foi realizado em Vitória, Espírito Santo, entre o fim de fevereiro e início de março de 1934. Os estatutos aprovados nesse evento determinaram que a AIB seria dirigida por um *Chefe Nacional*. Para os camisas-verdes essa figura era intangível, mais do que uma pessoa, era uma ideia. Segundo Trindade (1979) a figura do *Chefe Nacional* inspirou-se nos modelos de líderes fascistas europeus. Era o *Chefe Nacional* quem definia o pensamento integralista e estabelecia as ações a serem executadas. “O princípio geral da A.I.B. é que todo poder emana do Chefe e só em seu nome será exercido” (TRINDADE, 1979, p.171).

Os estatutos aprovados durante o encontro integralista de Vitória determinavam que a AIB seria composta por seis *Departamentos Nacionais*. Cada um desses foi orientado por um regulamento próprio. À exceção do *Departamento de Justiça*, o segundo capítulo de todos os regulamentos estabelecia que estes seriam comandados pelo *Chefe Nacional*, auxiliado por um *Secretário Nacional* sob sua imediata fiscalização. Competia também ao líder da AIB comandar as *Forças Integralistas*, nomear os *Chefes Provinciais*, os membros do *Conselho Nacional* e representar a organização na esfera política e civil.

Mas, o *I Congresso Integralista Brasileiro* veio ratificar o que já se praticava no interior da AIB. Por conseguinte, os documentos aprovados durante aquele evento institucionalizaram

os poderes já exercidos por Plínio Salgado. Ratificaram ainda o culto a sua figura. Cabe destacar que aqueles documentos referem-se ao *Chefe Nacional* e não a Plínio Salgado. Contudo, no início de 1934 o referido intelectual paulista já se confundia com a AIB, ele era o próprio integralismo. Referir-se ao *Chefe Nacional* era, portanto, o mesmo que se referir a Plínio Salgado.

Não foi à toa que os trabalhos do *I Congresso Integralista Brasileiro* declararam-no *Chefe Perpétuo e Insubstituível do Integralismo*. Carone (1979) e Trindade (1979) observaram que foi durante este evento que Plínio Salgado conseguiu afastar as pretensões de liderança sobre a AIB nutridas por Severino Sombra. Ainda durante aquele encontro Plínio Salgado recomendou que o *Chefe Nacional* da AIB fosse escolhido mediante votação. A retórica do sigma postulava que o objetivo daquele intelectual de São Paulo era permitir que os militantes escolhessem livremente aquele que os comandaria. Os *Chefes Provinciais* e outras lideranças integralistas teriam tentado demover Plínio Salgado, mas esse teria se mostrado irredutível em seu intento.

Esta conduta, segundo a narrativa da AIB, era uma prova de que Plínio Salgado não aspirava à liderança da organização. Sobretudo, era um indicativo do seu desprezo por cargos e posições. Este teria sido um momento ímpar na história nacional, já que pela primeira vez um líder recusava a liderança. Mas também, segundo a retórica integralista, Plínio Salgado teria proposto a votação porque acreditava que apenas um líder espontaneamente escolhido teria poder indiscutível sobre seus comandados. Uma vez, porém, que teve seu nome sufragado:

(...) uma vez que o obrigaram a continuar neste posto contra a sua vontade, não quer ser interpelado, em ocasião nenhuma, a proposito de seus actos; não quer que a sua autoridade nem a sua pessoa sejam alvo do mais leve desrespeito em qualquer ponto do territorio nacional onde existir um “camisa-verde” não quer receber a mais leve insinuação sobre providencias ou attitudes a serem tomadas.⁷³⁸

Logo, a retórica integralista advogava que Plínio Salgado era o *Chefe Nacional* por obediência à vontade dos camisas-verdes. Não havia ambição, uma vez que aquele intelectual paulista teria sido praticamente forçado a aceitar a liderança. Referindo-se a si mesmo Plínio Salgado afiançou: “Nada quero de minha Patria. Nada quero do meu Povo. Não sou daquelles que nasceram para pedir e receber, porém daquelles que nasceram para outorgar e doar, sem exigir recompensa.”⁷³⁹

⁷³⁸ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de maio de 1934, num. 06, p. II.

⁷³⁹ *A Offensiva*, 02/10/1936, num. 300, p. II.

A narrativa oficial da AIB preconizava ainda que os militantes haviam naturalmente se habituado a referir-se a Plínio Salgado como *Chefe Nacional*. Além de atribuir virtudes àquele intelectual esta narrativa buscava atenuar a exigência da submissão sem questionamentos. Com o intuito ainda de justificar esta obediência incondicional a retórica integralista recorria ao imperativo de se manter a unidade do movimento.

Os estatutos aprovados no *I Congresso Integralista Brasileiro* determinavam ainda que os militantes estavam proibidos de comentar os atos do *Chefe Nacional*, interpelá-lo ou dar-lhe algum parecer sem que para isso houvesse sido solicitado. A pena para tais atos era a exclusão automática da AIB.

Os integralistas também não podiam consentir que indivíduos alheios às fileiras do sigma avaliassem os atos daquele que os comandava. Tampouco podiam admitir que essas pessoas se valessem de termos injuriosos para se referirem ao líder da AIB. A letra dos estatutos e regimentos dessa organização instava os militantes a reagir com energia aos agravos à figura do *Chefe Nacional*. Alguns discursos sugeriram abertamente o uso da violência contra aqueles que insultassem Plínio Salgado.

Esse visitou pela primeira vez o núcleo da capital mineira em março de 1934. Conforme a retórica do sigma, houve boatos sustentando que comunistas lançariam bombas e gás sulfídrico quando o *Chefe Nacional* estivesse discursando. Naquele mês de março de 1934 o núcleo de Belo Horizonte possuía cerca de meia centena de adeptos. Em razão disto, *plinianos* foram utilizados na segurança do auditório em que o *Chefe Nacional* discursou. Referindo-se a essa medida, Osolino Tavares afirmou: ‘e distribuímos a rapaziada, em grupos, entre as fileiras. Com ordem de “marretar” o primeiro comunista que blasfemasse...’⁷⁴⁰ Integralistas de Belo Horizonte afirmaram que em agosto de 1934 dissolveram:

(...) violentamente um comício promovido pelos comunistas. Reunidos na Praça 7 de Setembro, esses agitadores atassalhavam os ideais nacionalistas do povo brasileiro. No momento em que tocaram desrespeitosamente no nome do Chefe Nacional, os integralistas presentes reagiram contra os atrevidos, que se puzeram em fuga.⁷⁴¹

Em depoimento⁷⁴² à delegacia de Saúde, datado de abril de 1936, uma pessoa não integralista afirmou que em uma roda de conversas criticou “discretamente” a atuação de Plínio Salgado. Contudo, foi “agredido com palavras injuriosas” por um integralista presente. Devido

⁷⁴⁰ *Anauê!*, 22/01/1936, num. 14, p. II.

⁷⁴¹ *A Offensiva*, 27/09/1934, num. 20, p. V.

⁷⁴² APM: [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#). Docs. 71 e 72. Datado de abril de 1936.

à “atitude arrogante” dos camisas-verdes locais aquele depoente receava algum tipo de “agressão”. Portanto, houve militantes que acataram as instruções de não tolerar a menor referência àquele que os liderava.

Ao instituir a obrigatoriedade de defender o *Chefe Nacional* para além dos círculos da AIB essa organização mais uma vez tentava abarcar as várias dimensões da vida de seus militantes. Logo, a prática integralista não deveria se limitar aos rituais, às bandeiras, aos desfiles e às reuniões promovidas pelos núcleos.

Os *Protocollos e Directivas da Acção Integralista Brasileira*⁷⁴³ estabeleceram que todos os núcleos deveriam possuir um retrato do *Chefe Nacional*. Essa peça deveria ficar entre as bandeiras do Brasil e do sigma. Aqueles núcleos que possuíssem somente um cômodo poderiam afixar outros retratos nas paredes. Esses, contudo, deviam apresentar dimensões inferiores ao retrato do *Chefe Nacional*.

É correto depreender que as peças mais importantes de todo núcleo eram as bandeiras nacional e da AIB e a foto de Plínio Salgado. Mas, esta pesquisa identificou que somente o retrato desse intelectual era objeto de cerimônias de inauguração. Em setembro de 1935 o núcleo de Maria da Fé realizou uma dessas cerimônias. Na ocasião, ao adentrar esse recinto o *Chefe Municipal* teria sido recebido por 500 camisas-verdes que “(...) o aguardavam impacientes para verem logo realizado o maior acontecimento do dia, a retirada do panno que cobria a photographia do Maior Brasileiro, Plínio salgado.”⁷⁴⁴

Em Pedra Branca, durante a realização da cerimônia *Noite dos Tambores Silenciosos*, também houve o descerramento de um retrato do líder da AIB. O *Chefe Municipal* dessa cidade “após explicar a significação da solemnidade daquela noite, leu trechos do manifesto de outubro e exultou a personalidade messianica de Plínio Salgado.”⁷⁴⁵

Uma vez que o comprometimento do integralista com a doutrina e com o líder da AIB deveria ser permanente o retrato dessa figura não deveria cingir-se aos núcleos. Essa organização preconizava que seus militantes deveriam ser integralistas em todos os momentos, inclusive no recesso de seus lares. A primeira edição da revista *Anauê!*, lançada em janeiro de 1935, estabeleceu que não era “(...) justo que só os nucleos possuam a photographia do Chefe; ás famílias, como verdadeiros sub-nucleos, assiste igual direito. Inaugure-se, pois, no paiz inteiro, o retrato de quem se fez dono dos nossos corações.”⁷⁴⁶

⁷⁴³ Elaborados durante o *I Congresso Integralista Brasileiro*, realizado em Vitória, Espírito Santo.

⁷⁴⁴ *A Offensiva*, 21/09/1935, num. 71, p. VII.

⁷⁴⁵ *A Offensiva*, 12/10/1935, num. 74, p. VII.

⁷⁴⁶ Revista *Anauê!*, janeiro de 1935, num. 01, p. 05.

Neste sentido, aquela revista trazia uma foto de Plínio Salgado e recomendava que essa fosse emoldurada pelas famílias e colocada em suas salas de visitas. Conforme aquela revista os visitantes perguntariam quem era aquele homem. Uma vez que o *Chefe Nacional* era uma ideia, caberia às famílias discorrerem sobre o integralismo.

Efetivamente, os rituais, a propaganda e os estatutos da AIB instituía e reiteravam a cada momento da vida integralista a submissão do militante ao *Chefe Nacional*. Os *Protocollos e Directivas da Acção Integralista* estabeleceram que as sessões realizadas pelos núcleos seriam encerradas com a primeira parte do hino nacional e com a reafirmação do juramento de fidelidade a Plínio Salgado. Para reafirmar o juramento, aquele que presidia a reunião proclamava a seguinte fórmula: “Pelo Brasil, pelo Estado Integral, em fidelidade a Plinio Salgado, diante da vida e da morte! Anauê!” Como resposta, os militantes deveriam bradar anauê três vezes.

A AIB determinava que Plínio Salgado só adentraria a sala de uma reunião após a mesa que a presidia estar composta. Quando aquele intelectual paulista ingressasse no recinto todos os presentes deveriam se levantar e recebê-lo com a saudação protocolar. Uma vez encerrada a reunião, os militantes só estavam autorizados a deixar seus assentos quando o *Chefe Nacional* se retirasse do recinto.

Não há dúvidas, a estrutura integralista erigiu deliberadamente um culto à figura do *Chefe Nacional*. Sobretudo, o fez por determinação dessa figura. Entretanto, o discurso oficial da AIB tentou escamotear o fato de que Plínio Salgado exigia ser tratado com pompa e deferência. Aquele discurso afiançava que esse intelectual paulista a contragosto se resignava ao tratamento que lhe era dispensado.

Além disso, a retórica do sigma advogava que os militantes seguiam Plínio Salgado não por obrigação institucional, mas por admiração sincera. Em meio a esta retórica os integralistas externavam que Plínio Salgado reunia em si todas as virtudes e era o maior de todos os brasileiros. Portanto, aqueles militantes asseguravam que as cerimônias em torno do *Chefe Nacional* e os inúmeros elogios feitos a esse eram manifestações espontâneas, frutos da admiração que nutriam por aquele que os liderava.

Os camisas-verdes defendiam que a sinceridade, a eloquência e a argúcia de Plínio Salgado inspiravam respeito. O caráter e as atitudes desse intelectual faziam com que seus seguidores o admirassem ainda mais. A retidão daquela figura e suas palavras, garantiam os integralistas, estavam trazendo para o sigma todos aqueles que se importavam com o destino

do Brasil. Os discursos e a probidade de Plínio Salgado eram capazes de fazer convergir para o sigma até políticos de outras legendas desiludidos com o regime em vigor.

A retórica integralista advogava que a salvação para o Brasil residia na AIB. Outras legendas políticas e instituições não eram capazes de resguardar o país devido aos vícios e às limitações do regime. Eram incapazes ainda devido ao desinteresse de seus membros ou porque sofriam com a infiltração vermelha.

Por um lado, se a salvação do Brasil residia na AIB, por outro somente Plínio Salgado era capaz de alcançá-la. Consequentemente, nenhuma outra liderança intelectual, religiosa, militar ou política, ainda que ingressasse na AIB, seria capaz de salvar o país. Em meio à exaltação ao *Chefe Nacional* foram comuns as analogias entre este e o *Dulce* e o *Furher*. Nos meses iniciais de 1935 ao discursar no subnúcleo da Lagoinha, na capital mineira, Santiago Dantas observou:

(...) a providencial concordância entre os espíritos dos povos e os typos dos seus heroes. Assim Mussolini e Hitler traduzem a forma particular que assumiram no presente, os anseios da consciencia publica italiana e allemã. Mussilini é uma reencarnação do mytho cesareo; Hitler é o agitador social. E para o Brasil reservou a Providencia um Chefe que é a encarnação do grande sentido da Revolução Integralista: a transformação interior.⁷⁴⁷

Mas as analogias não se restringiram aos líderes da Alemanha nazista e da Itália fascista. O *Chefe Municipal* de Três Corações estabeleceu uma analogia⁷⁴⁸ entre Plínio Salgado e figuras históricas e míticas que apresentou como desbravadores, heróis, grandes comandantes e grandes legisladores. O aludido integralista mencionou os feitos de Teseu contra o Minotauro, de Édipo contra a Esfinge, de Ulisses contra a fúria de Poseidon. Citou Júlio César, Carlos Magno e Napoleão, Colombo, Fernão de Magalhães e Vasco da Gama. No entanto, assegurou que Plínio Salgado era maior do que todas essas figuras.

O *Chefe Municipal* de Pedra Branca, durante uma vista de Plínio Salgado a essa cidade, referiu-se a esse como o “(...) maior brasileiro, o mais culto de todos, o mais digno, o mais desassombrado, o mais desprendido e o mais patriota (...).”⁷⁴⁹ Em uma reunião no núcleo de Ponte Nova, um militante se referiu ao *Chefe Nacional* como o “Paes Leme de nossos dias que com seus camisas-verdes – esmeraldas vivas do sonho do grande bandeirante – há de alcançar a liberdade e nova Independencia da alma brasileira, construindo o grande Estado Integral !”⁷⁵⁰

⁷⁴⁷ A *Offensiva*, 04/05/1935, num. 51, p. VI.

⁷⁴⁸ *Anauê!*, 21/07/1935, num. 08, p. II.

⁷⁴⁹ A *Offensiva*, 10/08/1935, num. 65, p. IX.

⁷⁵⁰ A *Offensiva*, 28/09/1935, num. 72, p. V.

Em bandeira a Piedade do Rio Grande, distrito de São João Del Rei, o *Chefe Municipal* dessa cidade teceu elogios⁷⁵¹ a Plínio Salgado. Esse foi descrito por aquele militante como “O Annibal das victorias decisivas”, o “Aristoteles das pugnas oratórias”, “não feito da madeira com que se fazem os príncipes, mas cinzelado no marmore em que se esculpem os deuses”, “a consubstanciação da virilidade, da fé, da disciplina e da energia, homens que num século só apparecem um”.

A retórica da AIB também urdiu comparações entre Plinio Salgado e Jesus Cristo. Uma dessas analogias foi tecida por ocasião do *Congresso Integralista Universitário*, realizado em fevereiro de 1936 em São João Del Rei. A proibição inicial a este evento causou revolta entre os militantes. Frente a esse sentimento o líder da AIB teria agido como o messias cristão:

Aquela revolta do apóstolo, querendo vingar a prisão de Christo e arrancando uma orelha do soldado romano, para motivar a lição do Mestre, repondo o órgão decepado e ensinando que a violencia não se justificava no momento, nem a cólera nem a revolta...

Tambem Plínio Salgado, falando aos moços, frisou a inconveniencia de attitudes colericas, em face das medidas postas em pratica por autoridades mineira naquella occasião.⁷⁵²

O *Chefe Nacional* foi entendido por seus comandados e admiradores como um “pontífice”⁷⁵³, como o portador de uma revelação divina. Logo, o integralismo foi entendido como uma dádiva aos brasileiros. “Mas, enquanto o odeiam todas as forças do mal, conjugadas agora numa frente unica e satanica contra o nosso Movimento, o Chefe se rodea da gente nova do Brasil, (...). Para esses novos brasileiros, Plinio Salgado foi o portador de um Evangelho.”⁷⁵⁴ Estes discursos encontravam respaldo no próprio *Chefe Nacional*. Frequentemente esse se apresentava como o portador de uma missão a ele atribuída por forças extraterrenas.

Esta exaltação ao líder da AIB não passou despercebida por seus contemporâneos e foi objeto de críticas. Em dezembro de 1935 *A Luta*, jornal de Pirapora, reproduziu uma matéria de um periódico baiano. Nessa, além das associações entre o sigma e os fascismos europeus, os integralistas foram classificados como “nuvem de gafanhotos”.

Conforme a matéria, o integralismo teria começado em São Paulo como uma milícia antigrevista a soldo de poderosos industriais. Contudo, na Bahia o integralismo não estava encontrando boa acolhida tanto por parte dos trabalhadores como por parte do governo estadual.

⁷⁵¹ *A Offensiva*, 12/07/1936, num. 230, p. XIII.

⁷⁵² *A Offensiva*, 16/02/1936, num. 107, p. X.

⁷⁵³ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. IV.

⁷⁵⁴ *A Razão*, 21/01/1937, num. 40, p. II.

Acertadamente, conforme *A Luta*, esse vinha proibindo os camisas-verdes de realizarem suas passeatas e concentrações em via pública. Logo, o *Chefe Nacional* podia “morder seu bigode hitleriano” e deixar a Bahia:

(...) com uma segura convicção: a de que no Estado brasileiro onde a nacionalidade despertou não ha logar para credos extremistas, nem terreno propicio ao recrutamento de proselitos para o violento credo de que se tornou um papa verde e um engraçado <<chefe nacional>>.

Bôa viagem e... não volte mais.⁷⁵⁵

O trecho supracitado diverge do otimismo presente nas matérias escritas pelos membros da AIB. Esses asseguravam que a palavra integralista, não obstante perseguições e hostilidades, era bem recebida onde chegava. Asseguravam ainda que a gente simples não integralista manifestava seu carinho pelo *Chefe Nacional* por onde quer que esse passasse.

Por outro lado, os camisas-verdes afirmavam que as palavras e o caráter de Plínio Salgado despertavam receios e rancores. Segundo aqueles militantes os comunistas e os políticos “liberal-democratas” perdiam o sono com a expansão do movimento liderado pelo *Chefe Nacional*. Logo, as críticas a essa figura eram resultado do temor de se perder cargos e posições.

A narrativa da AIB afirmava que a singularidade do *Chefe Nacional* e suas inúmeras virtudes o tornavam um homem providencial. O líder da AIB, acreditavam seus comandados, era um dos frutos do cenário de caos político e de decadência moral que o Brasil atravessava. Provocavam esta situação os tradicionais inimigos elencados pelo sigma: o comunismo, o liberalismo, a ação nefasta de judeus, a maçonaria e a indiferença ou ignorância do povo no que tange à situação do país. Esses inimigos obstaculizavam o crescimento econômico e militar do Brasil, impedindo-o de se projetar no cenário geopolítico internacional. A atuação daqueles inimigos ainda conduzia o país ao separatismo e corroía o apreço social pela disciplina e pela ordem.

Segundo a retórica da AIB Plínio Salgado havia se insurgido contra este cenário de coisas. Inicialmente batalhando sozinho através de colunas jornalísticas, aquele intelectual havia conclamado estudantes e operários a lutarem junto de si. O marco inicial da insurgência de Plínio Salgado e daqueles que se colocaram a seu lado era o *Manifesto de Outubro*. Rememorando a gênese da AIB, Olbiano de Mello colocou-se em uma posição subalterna frente a Plínio Salgado. Referindo-se a si mesmo, o intelectual de Teófilo Otoni afirmou:

⁷⁵⁵ *A Luta*, 07/12/1935, num. 223, pp. IV.

Rompido, de ha muito com todos os postulados da **liberal-democracia** e tendo repudiado o **communismo**, de publico, pelas paginas de dois livros meus, editados em 1931 – teria que forçosamente encontra no caminha de minha vida, este Homem: - A actual figura de **condottiere** que, qual antena captora, totalizaria, dentro de mais alguns annos, as energias latentes da nossa raça num sentido profundamente nacionalista e, mais que isso, altamente humanista.

Por isso estava eu, a chamado de Plínio Salgado, em fins de Dezembro daquelle anno, na Terra de Anchieta. Como numa manhã brumosa e humida, numa casa da Praça Olavo Bilac, tendo na minha frente o perfil deste Homem que, de primeira vista, se projectou no meu consciente como uma figura estranha de inquieto e inadaptado no ambiente político, tristonho e amorpho deste fim de Civilização absolutamente materialista. Alli estava **Plínio Salgado**. O organizador da **Sociedade de Estudos Políticos** que se transformara naquelle Outubro que se seguiu á mais sangrente luta civil registrada pela Historia Nacional na **Acção Integralista Brasileira**. Por debaixo, porém, de toda aquella apparencia nervosa, irrequieta e de inadaptado a quem bem o observasse ia surgindo, aos poucos, para afinal magnificamente se projectar de cheio um esplendido **specimen** de lutador onde se não chocavam num sentido destructivo, forças contrarias.⁷⁵⁶

Plínio Salgado, acreditavam os militantes do sigma, era o homem providencial uma vez que teria identificado as angústias de todo o Brasil. O *Chefe Nacional* é que havia compreendido os anseios populares e compreendido o próprio povo brasileiro. Discursando na cidade de Itabira um camisa-verde estabeleceu: ‘(...) nosso movimento não é de Plínio Salgado, nem dos theorisadores da doutrina. Esse homem, nada mais fez do que “ouvir o Brasil”, debruçar-se sobre sua realidade chorar com os oprimidos (...).’⁷⁵⁷

Segundo o discurso integralista, Plínio Salgado havia surgido sozinho e com a sua inteligência e a força de seu carácter estava despertando a nação. Sobre os seus ombros pesava a missão de livrar o Brasil dos inimigos que o assolavam e elevá-lo à condição de país respeitado internacionalmente. Em janeiro de 1936 o então *Chefe Provincial* de Minas enviou uma mensagem aos militantes desse estado. Nessa afirmou que o “Brasil” encontraria os camisas-verdes “(...) nas alegrias ou nos soffrimentos, sempre empunhando, com mão firme, aquella bandeira azul e branca com que Plínio Salgado nos indicou, do planalto piratiningano, o caminho da ressurreição gloriosa do Brasil.”⁷⁵⁸

Plínio Salgado era um homem providencial uma vez que ele não somente havia identificado a ameaça comunista, mas a combatia. Frequentemente a retórica do sigma preconizava que “Moscou” tinha ciência de que o *Chefe Nacional* vigiava e defendia o Brasil. Portanto, era o líder da AIB quem estaria frustrando os planos soviéticos de implantação do comunismo no Brasil.

⁷⁵⁶ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. I.

⁷⁵⁷ *A Offensiva*, 24/08/1935, num. 67, p. VIII.

⁷⁵⁸ *Anauê!*, 05/01/1936, num. 13, p. I.

Embora tenha surgido sozinho, afirmava a retórica integralista, Plínio Salgado concebera um movimento sadio que reunia centenas de milhares de pessoas. Desde o início, porém, desde o primeiro desfile integralista, o *Chefe Nacional* teria se cercado de gente simples. Ele próprio, asseguravam os integralistas, era também:

(...) oriundo das massas anónimas. Foi do seio dessas massas que surgiu o Chefe Nacional. Ele revelou e revêla toda a angustia e miseria que o trabalhador brasileiro sempre sentiu, mas que nunca exprimiu.

Os operarios o seguem confiantes, porque ele ouviu os gemidos do jangadeiro da Amazonia; a agonia heroica do homem do nordeste; o sofrimento pacifico do trabalhador do centro e do sul.

Todos esses gemidos e angustias, concentraram-se na pessoa do Chefe, e o fizeram caminhar. E ele, na ansia de despertar um povo cloroformizado por uma civilização arcáica e moribunda, não para em parte alguma e sempre andando, sem cessar, ele grita aos que ainda dormem:

- Despertemos a Nação ! Despertemos a Nação ! E os que dormem, ouvindo aquele grito de dôr e de angustia, vão se levantando.⁷⁵⁹

Portanto, a AIB sustentou que o *Chefe Nacional* era o único que conhecia as angústias e os anseios populares. Somente Plínio Salgado conhecia todo o Brasil, de norte a sul, das capitais aos interiores. Em Ponte Nova camisas-verdes asseguraram que aquele intelectual era “o primeiro e único homem que foi conhecer – na lavoura, nos sofrimentos dos pobres e miseráveis oprimidos, nos gemidos da viuva e do orfãozinho abandonados – as necessidades brasileiras para depois pregar a sua grandiosa Doutrina Integralista!”⁷⁶⁰ Por ser o único que conhecia os sofrimentos do povo brasileiro, Plínio Salgado havia congregado junto a si homens e mulheres, crianças e idosos, trabalhadores urbanos e rurais, brancos e negros.

Portanto, ao atribuir uma somatória de virtudes a Plínio Salgado, os integralistas acreditavam que somente esse intelectual seria capaz de extirpar as mazelas do país. Em novembro de 1936 o núcleo de Entre Rios celebrou o segundo aniversário de sua fundação. Pela manhã os militantes “(...) assistiram á missa e fizeram a sua comunhão, oferecendo-a em intenção ao Chefe Nacional, para que Deus o guie sempre sabiamente no desempenho da grande obra de redempção nacional a que se propoz.”⁷⁶¹

Os militantes do sigma afirmavam que o valor do *Chefe Nacional* poderia ser aferido pela quantidade de seus adversários. Um desfile desses traria segurança aos camisas-verdes de que o sigma realmente era a estrada correta. Muitos daqueles inimigos, diziam os militantes, não podendo combater as ideias do *Chefe Nacional* hostilizavam-lhe a pessoa.

⁷⁵⁹ *A Razão*, 01/05/1936, num. 04, p. III.

⁷⁶⁰ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 29.

⁷⁶¹ *A Offensiva*, 22/11/1936, num. 344, p. XIII.

Frequentemente, porém, os militantes do sigma referiram-se à desprivilegiada compleição física de Plínio Salgado. Mas, ao fazê-lo ressaltavam que essa ia de encontro à grandeza de seu caráter. Estabeleciam ainda o quão fascinante era o *Chefe Nacional*, cuja estatura, embora pequena, não era capaz de esconder um espírito inquieto e um forte desejo de transformar o Brasil.

Por outro lado, os camisas-verdes argumentavam que não era fácil compreender aquele a quem seguiam. Eram a inteligência e a dimensão da personalidade de Plínio Salgado que faziam com que nem todos fossem capazes de compreendê-lo. Esta tarefa se tornava mais difícil, conforme a retórica do sigma, porque aquele líder exigia de seus comandados apenas sacrifícios.

O *Chefe Nacional* predizia que ao trajarem a camisa-verde os militantes seriam perseguidos e admoestados. O preço de se tornar integralista, vaticinava aquela figura, poderia ser quitado com a própria vida. No entanto, os militantes da AIB arvoravam que seguir as palavras de Plínio Salgado oferecia muitas recompensas. Uma delas envolvia uma transformação moral e intelectual. Desta maneira, aquele líder era concebido como o portador de uma nova mentalidade. Era ele o responsável por infundir nos militantes do sigma uma nova consciência.

Outra das recompensas disponíveis aos integralistas era a construção de um Brasil melhor para a posteridade. Logo, sustentavam os militantes, seguir Plínio Salgado apresentava recompensas maiores do que, por exemplo, ocupar cargos públicos que ofereciam boas remunerações. A retórica da AIB preconizava que somente quatro categorias não reconheciam as virtudes de Plínio Salgado. Eram os preguiçosos, os indiferentes, os que ainda não conheciam esse intelectual paulista e os inimigos do integralismo.

Analogamente aos seguidores de uma religião, que possuem seus textos sagrados, os integralistas tinham os livros de Miguel Reale, Gustavo Barroso e de Plínio Salgado. Dentre outros⁷⁶², “Formação da Política Burguesa” de Miguel Reale, “Quarto Império” de Gustavo Barroso e “Despertemos a Nação” de Plínio Salgado eram livros-referências para os integralistas. Mas, acima de tudo, as maiores referências para esses militantes eram os discursos, artigos e livros de Plínio Salgado.

⁷⁶² Havia também de autoria de Gustavo Barroso: “Integralismo de Norte a Sul”, “Integralismo em Marcha”, “Brasil, Colônia de Banqueiros”, “O que o Integralista deve saber”. Escritos por Plínio Salgado havia ainda: “O Esperado”, “O que é o Integralismo”, “A Quarta Humanidade”, “A Doutrina do Sigma” e “O Sofrimento Universal”.

Os integralistas deveriam crer que os escritos e os discursos desse intelectual apontavam o verdadeiro caminho a ser seguido. O pensamento do líder da AIB revelava o caminho para a salvação do Brasil e para elevação moral de cada integralista. De modo análogo aos seguidores de uma religião, os camisas-verdes citavam, de memória inclusive, trechos das palavras e dos escritos de Plínio Salgado. Para os membros da AIB esse era o salvador do Brasil.

Trindade (1979) concluiu em suas pesquisas que a imagem de Plínio Salgado era, simultaneamente, próxima a de um líder religioso e de um líder político. Em agosto de 1936, por exemplo, dois camisas-verdes foram enviados pelo *Chefe Provincial* ao Triângulo Mineiro. Nessa região aqueles militantes desenvolveram uma “(...) jornada benedita da Santa pregação do grande ideal de Plínio Salgado.”⁷⁶³

Comumente, os integralistas atribuíram um caráter profético às declarações e escritos do *Chefe Nacional*. Esses militantes sustentavam que as afirmações de Plínio Salgado e os alertas que esse havia feito ao longo de sua trajetória estavam se cumprindo. A ameaça vermelha, que o *Chefe Nacional* vinha denunciando há tempos e que não era levada a sério, se revelara mais concreta do que nunca com a Intentona Comunista.

Também estavam se concretizando as advertências feitas pelo líder da AIB a seus seguidores de que estes encontrariam vários percalços na estrada que iriam trilhar. Plínio Salgado, diziam os camisas-verdes, havia previsto que uma visceral campanha jornalística se voltaria contra o sigma. Esta afirmação também estava se cumprindo.

Os integralistas também observaram que o *Chefe Nacional* havia afirmado que iria “despertar o sertão” e o próprio Brasil. Aqueles militantes defendiam que estes fenômenos estavam se realizando. Na quinta lição do “catecismo integralista” *A Razão* postulou que:

Em 1926 o Chefe Nacional profetizava no seu romance <<O Estrangeiro>>: <<Hei de levantar a legião luminosa, de espírito virgem como a floresta. Novas Bandeiras que fixarão os limites morais do paiz>>...

Está se realizando a profecia. O Integralismo está levantando as populações, num grande e assombroso movimento de ideias, de fé e de coragem.

São brasileiros de boa vontade, da cidade e dos sertões, que sentem na voz do Chefe o apelo da Pátria.⁷⁶⁴

Por ocasião do quinto aniversário da AIB o *Chefe Nacional* fez um discurso pelo rádio. Camisas-verdes de Santa Rita do Sapucaí instalaram alto-falantes no exterior do núcleo local a fim de difundir “(...) a palavra do HOMEM que tudo que tem dito, tem sido confirmada.”⁷⁶⁵

⁷⁶³ *A Offensiva*, 23/08/1936, num. 266, p. XIV.

⁷⁶⁴ *A Razão*, 11/02/1937, num. 43, p. II.

⁷⁶⁵ APM: [PASTA 4946 Santa Rita do Sapucaí - integralismo dez. 1935 - set. 1938](#). Doc. 94.

Logo, a retórica difundida pelos estatutos, livros e jornais da AIB chegava aos militantes. Esses por sua vez a reproduziam.

Receber a visita de um membro da alta hierarquia do sigma era motivo de orgulho para os núcleos integralistas. Esses se desdobravam em esforços para bem receber cada membro da alta hierarquia. Por exemplo, todos⁷⁶⁶ os integralistas do município deviam comparecer ao desembarque do visitante na estação ferroviária. Aos núcleos vizinhos cabia enviar tantos membros quanto fosse possível a fim de conferir números à passagem do visitante ilustre. A título de exemplo, camisas-verdes de Ponte Nova solicitaram⁷⁶⁷ que o comércio local fechasse as portas por uma hora em função da visita de Gustavo Barroso a essa cidade.

Naturalmente, contudo, a visita mais aguardada e que demandava maiores preparativos era a do líder da AIB. Os núcleos exprimiam o desejo de receberem Plínio Salgado. Aqueles que já o haviam recebido, expressavam o quão especial teria sido esta visita. Em julho de 1935 Brazópolis teve a “grandíssima honra de hospedar o CHEFE NACIONAL, Plínio Salgado.”⁷⁶⁸ Os militantes desse município estavam ansiosos por conhecê-lo, uma vez que esse líder “desfraldando a bandeira azul e branca do Sygma, soubera, com o calor de suas palavras e a pureza innata de seus postulados, conquistar para sempre o coração de centenas de milhares de brasileiros de honra e dignidade.”⁷⁶⁹

Os estatutos da AIB informam que essa organização possuía sede civil na capital de São Paulo. Entretanto, a sede política era o lugar onde estivesse o *Chefe Nacional*. Logo, a cidade que o recebia tornava-se momentaneamente a sede nacional do integralismo. Este fenômeno devia ser motivo de bastante orgulho para os camisas-verdes. Referindo-se a uma visita de Plínio Salgado a Pouso Alegre o *Chefe Municipal* dessa cidade observou:

Nas poucas palavras com que o Chefe respondeu á minha saudação em nome dos integralistas pousoalegrenses, sentimos logo a inquietação do seu espirito, a sinceridade e a convicção com que prega as suas ideias. (...). O que foi aquela noite de 31 de Maio de 1935 só nós, <<camisas-verdes>>, sabemos contar. Só nós que compreendíamos que Pouso Alegre tornava-se, naquele momento, a capital do movimento integralista brasileiro, o maior movimento político da America.⁷⁷⁰

Em setembro de 1936 o município de Três Corações foi palco de uma concentração integralista que contou com a presença do líder da AIB. Nesta ocasião os militantes do sigma

⁷⁶⁶ Havia condescendência em relação àqueles militantes que trabalhavam no momento de desembarques e visitas.
⁷⁶⁷ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 128. A documentação pesquisada não indica se o comércio atendeu àquela solicitação.

⁷⁶⁸ *A Offensiva*, 20/07/1935, num. 62, p. VIII.

⁷⁶⁹ *A Offensiva*, 20/07/1935, num. 62, p. VIII.

⁷⁷⁰ *A Razão*, 23/07/1936, num. 15, p. II.

tiveram a “(...) a excepcional oportunidade de receber, entre jubilos e flores, o expoente máximo da orientação política brasileira, o maior dos brasileiros, Plínio Salgado.”⁷⁷¹ O núcleo de Três Corações não deixou de externar seu orgulho por essa cidade haver se tornado a capital do sigma.

No entanto, para além de se tornar a sede nacional do movimento, era ensejo de maior de orgulho para os adeptos do sigma a oportunidade de ter conhecido e escutado o líder da AIB. A oportunidade de avistar e ouvir essa figura impeliu adeptos do sigma a vencerem distâncias até mesmo a pé e a sacrificar recursos financeiros e pessoais. Aqueles militantes que se lançavam em longas e penosas jornadas tinham suas histórias publicadas pela imprensa verde. Este foi o caso de cinco integralistas de Três Corações que, em abril de 1935 foram a Itajubá, pois:

QUERIAM OUVIR A VOZ DO CHEFE

E enfrentaram os perigos da estrada

(...). As estradas estavam péssimas. A caravana só chegou a (cidade) às 4 horas da tarde, depois de 10 horas de viagem. Ahi os camisas verdes tomaram o trem, chegando a Itajuba às 8 horas da noite, a tempo de ouvir a conferência do Chefe Nacional. Foi uma noite de arrebatamento e de civismo. Regressaram no dia seguinte, enfrentando as mesmas dificuldades, mas trazendo ao povo de Tres Corações a agradável notícia da próxima visita ao Chefe Nacional aquela cidade.⁷⁷²

As visitas desse intelectual paulista às cidades eram lembradas pelos seus comandados com bastante emotividade. Estas passagens constituíam momentos especiais, que permaneciam na memória dos camisas-verdes como dias muito importantes. Militantes de Itanhandu⁷⁷³ observaram o quão significativa teria sido a mera parada do *Chefe Nacional*, em viagem a Itajubá, na estação daquele município. Trouxe bastante alegria àqueles militantes, além do fato de terem visto e ouvido Plínio Salgado, a promessa desse de retornar com mais tempo a Itanhandu.

O discurso da AIB garantia que um dos efeitos das visitas de Plínio Salgado era reforçar a fé que seus militantes devotavam à causa integralista. Aquele discurso afiançava também que aquelas visitas tinham por efeito atrair novos adeptos para o sigma. Este fenômeno era resultado da capacidade de oratória, da energia e da sinceridade com que o líder da AIB se expressava. A passagem dessa figura por Itajubá no fim de abril de 1935 ilustra estes fenômenos:

⁷⁷¹ *A Offensiva*, 12/08/1936, num. 256, p. IX.

⁷⁷² *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. III.

⁷⁷³ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. III.

A maneira por que se exprime o grande brasileiro é de molde a convencer o mais indiferente. A sua convicção, o seu acendrado amor ao Brasil, o seu destemor e desprendimento, são a factor seguro do exito que espera alcançar. A sua visita a Itajubá veiu ainda mais accender a centelha de entusiasmo que já se alastrava nuam bôa porção de corações itajubense, onde por isso mesmo, o numero de integralistas vae crescendo a olhos vivos.⁷⁷⁴

No início de dezembro de 1936 o *Chefe Nacional* do integralismo visitou Areado. O núcleo local convidou simpatizantes e camisas-verdes de municípios vizinhos. Convidou também a população local esperando “(...) um comparecimento em massa, para assim prestar expressiva e merecida homenagem ao grande brasileiro, que honrará sobremaneira, com a sua presença, a terra areadense.”⁷⁷⁵

Entretanto, as visitas do *Chefe Nacional* costumavam ser motivo de apreensão para os delegados locais. Esses informavam ao DOPS-MG sobre aquelas visitas e solicitavam instruções. Acima de tudo, aqueles delegados solicitavam reforço policial ainda que momentâneo.

O aniversário do *Chefe Nacional* era mais uma ocasião para os militantes do sigma exaltarem as inúmeras virtudes que acreditavam que esse líder cultivava. Nessa data camisas-verdes e núcleos de todo o país enviavam telegramas desejando felicidades a Plínio Salgado. As mensagens frequentemente rogavam a Deus que conservasse a vida desse líder. Prolongar a existência do *Chefe Nacional*, acreditavam os integralistas, seria um ato pelo bem do Brasil e pela preservação da família. O núcleo de Teófilo Otoni, por exemplo, dirigiu “(...) a Deus preces urgentes de fé pedindo conservar vida preciosa glorioso Chefe para bem do Brasil.”⁷⁷⁶

Em seus telegramas os militantes também reafirmavam seus juramentos a Plínio Salgado. O *Núcleo Universitário* de Itajubá enviou felicitações a esse líder afirmando estar preparado para segui-lo “(...) para morte ou para gloria.”⁷⁷⁷ Corrêa (1973) ao pesquisar *O Sigma*, jornal integralista da cidade de Juiz de Fora, observou que esse jornal publicou a seguinte matéria por ocasião do aniversário de Plínio Salgado:

OS CORAÇÕES DE DOIS MILHÕES DE BRASILEIROS VIBRAM DE GRANDE CONTENTAMENTO NO DIA 23 DESTE, POR MOTIVO DA PASSAGEM NAQUELA DATA DO ANIVERSÁRIO VITALÍCIO DO CHEFE NACIONAL PLÍNIO SALGADO. AO CHEFE TRÊS VIBRANTES ‘ANAUÊS’ DOS CAMISAS-VERDES DA 17ª REGIÃO.

PLÍNIO SALGADO, o nosso amado Chefe, fez anos a 23 deste. Por este motivo, naquele dia, foi grande o contentamento que dominou os corações de quase dois

⁷⁷⁴ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. IV.

⁷⁷⁵ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 133.

⁷⁷⁶ *A Offensiva*, 25/01/1936, num. 89, p. VI.

⁷⁷⁷ *A Offensiva*, 25/01/1936, num. 89, p.

milhões de brasileiros – quanto monta o número de patrícios nossos inscritos e juramentados na Ação Integralista Brasileira, movimento de renovação de uma Pátria, que há de encher para glória nossa as páginas da história do século em que vivemos.

Temos por PLÍNIO SALGADO uma verdadeira veneração. Contudo, não nos julgamos suspeitos para elevar bem alto as qualidades que lhe enobrecem como Homem possuidor de um cérebro privilegiado e como Chefe dotado de uma invulgar energia.

(...).⁷⁷⁸

Em meio ao discurso supracitado é relevante destacar o termo “veneração”. Esse era o sentimento que os camisas-verdes deviam nutrir pelo *Chefe Nacional*. Contudo, não bastava que o integralista admirasse essa figura. Era imprescindível externar esse sentimento de modo fervoroso. O valor de um camisa-verde podia ser aferido por suas manifestações de estima a Plínio Salgado.

Além dos camisas-verdes, simpatizantes do integralismo felicitavam aquele intelectual por seu aniversário. Dentre aqueles simpatizantes em 1936 havia um membro da Igreja Católica. Trata-se do bispo de Uberaba que enviou a seguinte mensagem:

Ao eminente e prezado amigo dr. Plínio Salgado,
Dom Fr. Luiz Maria de Sant’Anna, Bispo de Uberaba, apresentando cumprimentos e felicitações por motivo do seu proximo aniversario natalício, deseja envolver nesta humilde, mas sincera e justa homenagem, um preito de admiração o seu espirito inteligente e culto, orientado por solidos principios catholicos, e em cujas actividades transparece a profunda e segura visão do sábio sociologo e sincero patriota, desejo de bem servir a causa de Deus, da Patria e da Familia: Trilogia sublime, base insubstituível de todo systema que não se nutre de utopias, nem transige com as ambições do interesse pessoal.

Deus guie sempre v. s. pelos caminhos seguros da verdade e do bem e lhe seja largo de seus confortos e de suas benções.

(...).⁷⁷⁹

O voto acima ocupou um lugar de destaque na página de *A Offensiva* que reproduziu outras felicitações ao *Chefe Nacional*. Posicionamentos favoráveis à AIB emitidos por membros da Igreja Católica, das Forças Armadas ou do Judiciário sempre ganhavam destaque nas páginas daquele jornal integralista. Era necessário transmitir a sensação de que as instituições do país apoiavam o sigma.

Embora os estatutos da AIB determinassem que Plínio Salgado era intangível, perpétuo e insubstituível e que deveria ser obedecido sem questionamentos, a retórica integralista sustentou que não havia um culto a esta figura política. É claro, houve exceções, e o culto a Plínio Salgado foi abertamente confessado.

⁷⁷⁸ *O Sigma*, 26/01/1937, p. I.

⁷⁷⁹ *A Offensiva*, 25/01/1936, num. 89, p. V.

No entanto, a dedicação a lideranças políticas, fosse por interesses ou por amizades, era criticada pelos camisas-verdes. Segundo esses militantes, o referido fenômeno prejudicava bastante a vida política nacional. Consonante com essa argumentação, os integralistas preconizaram que não se deveria seguir por amizade as lideranças da AIB. Argumentavam que o referido sentimento era incerto e perecível, sobretudo, porque no integralismo o que importavam eram as ideias e valores e não as pessoas. Esta argumentação teve como uma de suas bases o seguinte trecho:

O integralista não deve acompanhar o Chefe por amizade pessoal. Seria uma indignidade. No integralismo não se faz base de cousa alguma possível de perece. A amizade, como tudo o que se baseia no sentimento, é incerta. O sentimento deve ser dominado pela intelligencia. O que vale não são as pessoas, e sim, as idéas. Assim, ao integralista é vedade dedicar-se politicamente a pessoas. Foi a política da amizade pessoal que creou os caudilhos e olygarchias. Nós pretendemos, justamente, impor a política das idéas e encerrar para sempre o cyclo das facções.⁷⁸⁰

O excerto acima foi extraído dos *Deveres dos Integralistas* que foi um documento cujos trechos foram bastante reproduzidos pelos militantes. Deriva do trecho supracitado uma relativização muito comum ao discurso integralista. Nessa os camisas-verdes negavam o culto à figura de Plínio Salgado. Não obstante o juramento de fidelidade a esse intelectual paulista e a exaltação desmedida a sua figura, a retórica integralista sustentava que os camisas-verdes não seguiam necessariamente a pessoa do *Chefe Nacional* do integralismo. Pelo contrário, o que seguiam eram os valores e ideias encabeçados por essa liderança. O trecho abaixo ilustra este argumento ao postular que:

O movimento integralista não se processa em torno de homens. Temos uma doutrina e por ela nos guiamos como nossa estrela. E' esse um dos grandes motivos, diga-se de passagem, por que não pode haver, não houve e não haverá jamais crises ou cisões no seio do Integralismo. Ele é impermeável aos interesses, ás ambições e ás manobras que constituem o fundo dos partidos políticos liberais. Não se processando em torno de homens o nosso movimento, isto não quer dizer que não dediquemos ao seu Chefe afeição e amizade. Plinio Salgado recebe, diariamente quase, das massas integralistas, os maiores atestados de apreço e estima. A pessoa do Chefe é dessas que, á primeira vista, encantam e arrastam. E todo <<camisa-verde>> sincero, afirmamos sem receio, que teve a ventura de com ele conviver por alguns momentos ao menos, sente-se mais integralista, mais forte na sua fé e mais confiante nos destinos supremos do Brasil.⁷⁸¹

O trecho acima representa um malabarismo retórico muito comum no sentido de se negar o culto à figura de Plínio Salgado. No entanto, o trecho em questão contradiz a si mesmo.

⁷⁸⁰ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 262.

⁷⁸¹ *A Razão*, 16/07/1936, num. 14, p. II.

Embora afirme que não havia um culto à personalidade do *Chefe Nacional* aquele trecho contém declarações que supervalorizam essa figura. Logo, a exaltação a Plínio Salgado estava presente mesmo nas tentativas de se negar o culto a sua figura.

Valendo-se de outras manobras discursivas os camisas-verdes afiançavam que não seguiam Plínio Salgado, mas os preceitos integralistas. De modo análogo, asseguravam que o juramento destinava-se aos preceitos do sigma e não ao *Chefe Nacional*. A retórica da AIB, inclusive, defendeu que os militantes estariam desobrigados para com seus juramentos se aquele que os comandava se desviasse dos preceitos integralistas.

Contudo, Plínio Salgado era simultaneamente o líder máximo da AIB e o próprio integralismo. Uma vez que era o autor da doutrina, os preceitos integralistas emanavam de Plínio Salgado. Logo, essa figura era o próprio integralismo. No interior da AIB aquele intelectual paulista e a doutrina que ele concebeu se tornaram indissociáveis. A edição inaugural da revista *Anauê!* o classificou como a “(...) encarnação do Integralismo, nosso Irmão, nosso Amigo e nosso Guia, - apesar de todas as suas proibições – a nossa commovida homenagem, a nossa immorredoura gratidão, o nosso amor eterno!”⁷⁸²

Contudo, ao analisar testemunhos de ex-militantes da AIB e documentos dessa organização, Trindade (1979) concluiu que Plínio Salgado era um “*um chefe pusilânime*”. Este pesquisador observou que um indicativo desta fraqueza era justamente a concentração de poder atribuída pelos estatutos a este intelectual paulista conforme sua vontade. Um líder forte e que se impõe a seus comandados por sua energia, coragem e ação não tem necessidade de definir minuciosamente seu poder. Tampouco necessita criar mecanismos que impeçam que sua autoridade seja questionada. Somente um líder inseguro se vê compelido a impedir qualquer forma de interpelação e de se proclamar intangível e perpétuo. Mais ainda, apenas um líder fraco reafirma seu poder a cada instante (TRINDADE, 1979).

Um dos mecanismos de reafirmação do poder e do culto a Plínio Salgado eram as *Escolas Integralistas*. No interior dessas havia proselitismo em favor do *Chefe Nacional*. Além das *Escolas Integralistas* a AIB promoveu outra ação diretamente ligada às eleições que deveriam ter ocorrido em janeiro de 1938. Trata-se de um plebiscito interno realizado em maio de 1937 a fim de decidir quem seria o candidato do sigma àquela eleição. Essa consulta aos militantes foi mais uma reafirmação do comando de Plínio Salgado sobre a AIB. Logo, o resultado daquele plebiscito não foi uma surpresa, uma vez que o nome sufragado foi o do *Chefe Nacional*. A realização desse plebiscito em Minas é o objeto de análise do tópico seguinte.

⁷⁸² Revista *Anauê!*, 01/1935, num. 01.

7.3 – O plebiscito integralista

Em nove de abril de 1937 foi realizada pela AIB na então capital do país uma solenidade de lançamento da *Junta Executiva Nacional da Campanha Eleitoral*. O objetivo desse órgão seria dirigir a campanha do candidato do sigma às eleições previstas para janeiro de 1938. Durante aquele evento Plínio Salgado estabeleceu que o nome que iria disputar a presidência da República pela AIB não seria definido por ele. Longe disso, os camisas-verdes é que escolheriam o candidato através de um plebiscito nacional a ser realizado nos dias 22 e 23 de maio.

A fim de normatizar essa consulta o *Chefe Nacional* expediu a *Resolução n° 293*. Esse documento enfatiza que existia liberdade no interior da AIB e advoga que Plínio Salgado não desejava comandar “escravos” ou “inconscientes”, mas homens livres. Aludindo aos estatutos de 1934 e 1935 aquela normatização reforça que os integralistas ao prestarem um juramento de fidelidade tornaram-se senhores de si próprios, escolhendo livremente obedecer a uma “doutrina” e a um “chefe”. Logo, os integralistas eram os homens mais livres do Brasil, pois haviam abdicado de sua liberdade em nome da disciplina e de uma causa maior.

Instituído pela *Resolução n° 293* estava o regulamento do plebiscito, ambos se complementam e normatizam a realização desse processo. Logo, determinam como seria o ato de votar, a fiscalização daquela consulta e a propaganda daqueles que desejavam ser sufragados. Os votantes deveriam ser integralistas de ambos os sexos com 17 anos completos, incluindo-se os iletrados. Todos os votantes deveriam anunciar em voz alta em frente à comissão plebiscitária o nome do candidato de sua escolha. O regulamento esclareceu que “os integralistas terão plena liberdade de votar no nome que quiserem.”⁷⁸³ É preciso destacar que houve militantes que votaram em pessoas que sequer eram inscritas na AIB.

A votação seria realizada em todos os núcleos municipais, distritais e rurais espalhados pelo país. Os nomes que desejassem ser votados teriam assegurada a livre a propaganda de suas campanhas. Aqueles que tolhessem campanhas e/ou candidatos poderiam ser expulsos da AIB. Pena semelhante era reservada àqueles que manifestassem desagrado pelo voto de outros camisas-verdes.

O regulamento instituído pela *Resolução n° 293* estabeleceu que teriam o dever de voto aqueles integralistas que se encontrassem fora da localidade em cujo núcleo estavam inscritos.

⁷⁸³ *Monitor Integralista*, 12/05/1937, num. 19, p. II.

Nestes casos bastava àqueles militantes procurarem, munidos de seus documentos de inscrição, o núcleo da cidade onde estivessem.

O regulamento previu ainda como seria o voto daqueles militantes que estivessem em viagem marítima profissional na data da votação plebiscitária. Neste caso o militante entregaria ao *Chefe da Província do Mar* um envelope lacrado contendo o nome do candidato de sua escolha. Na parte externa do invólucro deveria haver o nome do integralista votante. Esse envelope seria aberto no dia da votação plebiscitária. Caso o militante já tivesse retornado de sua viagem marítima ele mesmo abriria o envelope e anunciaria o candidato de sua escolha.

Uma pessoa não integralista de reconhecida idoneidade moral deveria ser convidada a participar da comissão plebiscitária. Esse convidado fiscalizaria a votação e auxiliaria na apuração dos resultados. Em Diamantina, o redator do jornal *Estrela Polar* além de um médico, dois advogados e um farmacêutico assistiram à realização do plebiscito. Esses profissionais subscreveram o seguinte documento:

Nucleo Municipal de Diamantina – Sede

Atestado

Nós, abaixo assinados, tendo assistido, por convite, a votação procedida no nucleo integralista municipal de Diamantina, nos dias 22 e 23 de maio de 1937 para escolha do candidato do Sigma ás eleições de 3 de janeiro proximo, atestamos, sob a nossa fé cívica, a honestidade do aludido plebiscito.

Diamantina, 24 de maio de 1937.⁷⁸⁴

Em alguns municípios, os camisas-verdes tiveram dificuldades em encontrar uma pessoa não ligada à AIB que se dispusesse a supervisionar a realização do plebiscito. Este foi o caso de Pouso Alegre, uma vez que os camisas-verdes dessa cidade registraram que o convidado inicial se recusou a participar dos trabalhos inerentes ao plebiscito. Uma segunda pessoa foi convidada e aceitou participar da comissão responsável por aquela consulta. Esse segundo convidado, que atuava como tabelião, assegurou que as votações transcorreram harmoniosamente, pois não houve “(...) nenhum gesto por parte da mesa ou dos integralistas presentes que demonstrasse reprovação ou censura pela escolha feita pelo votante (...)”.⁷⁸⁵

Houve, porém, aquelas cidades cujos núcleos não encontraram uma pessoa não integralista disposta a supervisionar o plebiscito. Este foi o caso de Maria da Fé onde “não houve um fiscal não integralista, por não haver um simpatizante de confiança e amigo.”⁷⁸⁶ Em

⁷⁸⁴ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 71.

⁷⁸⁵ *A Razão*, 27/05/1937, num. 58, p. I.

⁷⁸⁶ APM: [PASTA 4761 Maria da Fé - integralismo jan. 1936 - set. 1942](#). Doc. 37.

Viçosa ficou registrado⁷⁸⁷ no livro de votação que nenhuma das pessoas convidadas a supervisionar o plebiscito aceitou a incumbência. O mesmo aconteceu ao núcleo distrital de São Caetano, ligado a Mariana, “(...) em virtude da recusa ao convite por parte da pessoa estranha ao Integralismo, e não ser possível conseguir-se outra á altura necessaria.”⁷⁸⁸

Além de detalhar o processo de votação o regulamento do plebiscito dispôs sobre os resultados advindos dessa consulta. Uma vez apurada a votação se o nome mais votado não fosse o do *Chefe Nacional* esse deveria convocar as *Cortes do Sigma*. Caberia a esse órgão coletivo proclamar o candidato integralista. Mas, parece claro que o líder da AIB tinha pouca ou nenhuma dúvida de que seria ele o indicado pelos camisas-verdes. Dois dos artigos do regulamento do plebiscito estabeleciam que:

Art. 11º - Si o nome do Chefe Nacional for escolhido, o presidente da junta plebiscitaria nacional terá poderes para convocar as Côrtes do Sigma, devendo o Chefe Nacional ser convocado por estas para comparecer em plenário e ahi assistir a proclamação do seu nome.

Art. 12º - No caso do Chefe Nacional ser o escolhido, elle não poderá valer-se de sua autoridade para deixar de cumprir a vontade de seus comandados, porque desde o instante em que o Chefe Nacional transferiu a escolha do candidato á deliberação dos Camisas-Verdes, a autoridades destes passou a vigorar neste assunto.⁷⁸⁹

Logo, até que ponto a votação do plebiscito não passava de mera formalidade e estratégia de propaganda? Esse questionamento é razoável, pois o voto de cada militante era pronunciado em voz alta na frente da comissão responsável pelo plebiscito e dos demais integralistas que presenciavam a votação. Além disso, havia um livro em que se registrava o nome do camisa-verde e do candidato por esse escolhido.

Apesar de a votação ter se processado dessa forma, a retórica integralista advogou que o plebiscito era uma lição aos demais partidos políticos. Logo, essa consulta interna tornou-se um recurso argumentativo bastante manejado pelos integralistas a fim de evidenciar o compromisso que afiançavam ter para com a democracia. Através da consulta plebiscitária, asseguravam, até mesmo o mais simples camisa-verde teria em suas mãos a oportunidade de escolher aquele que disputaria a presidência da República. Este seria mais um dos fenômenos que evidenciaria o quão moralmente superior e o quão democrática era a AIB frente às demais legendas partidárias.

⁷⁸⁷ APM: [PASTA 4996 Viçosa - integralismo jul. 1935 - abr. 1938](#). Docs. 04 e 05.

⁷⁸⁸ APM: [PASTA 4758 Mariana - integralismo out. 1930 - maio 1944](#). Docs. 08 a 10.

⁷⁸⁹ *A Razão*, 20/05/1937, num. 57, p. II. Nessa edição consta o *Regulamento do Plebiscito*, segundo documento a normatizar essa consulta interna.

Os camisas-verdes argumentavam que ao contrário da AIB outros partidos políticos escolhiam seus candidatos longe da sociedade, através de negociações, traições, acordos espúrios, etc. Essas legendas não apresentavam seus conteúdos programáticos à sociedade, tampouco submetiam à apreciação interna os nomes que almejaram disputar as eleições. Os candidatos eram sempre definidos por meio de conchavos e reuniões entre caciques políticos e à total revelia do povo, que nem conhecimento tomava desses processos. Os nomes escolhidos para as sucessões eram impostos também às lideranças locais, alheias às decisões das cúpulas partidárias das legendas a que pertenciam. Os candidatos escolhidos eram aqueles que melhor atenderiam aos interesses desta ou daquela oligarquia regional.

Embora plausível, este entendimento era utilizado para urdir uma oposição entre a AIB e as demais legendas políticas. No interior deste raciocínio a organização comandada por Plínio Salgado tornava-se um modelo de liberdade. Por conseguinte, o princípio da obediência sem questionamentos tornou-se na retórica integralista uma virtude, um sinônimo de respeito, disciplina e apreço à hierarquia.

No interior deste discurso o juramento de obediência/fidelidade proferido pelos militantes destinava-se aos valores integralistas e não necessariamente a Plínio Salgado. Os camisas-verdes inclusive, estariam desobrigados de seu juramento se o *Chefe Nacional* ordenasse algo contrário àquilo que pregava o integralismo. Neste sentido, o juramento que haviam prestado nada tinha de absurdo. A cobertura inerente ao plebiscito integralista feita por *A Razão* atuou na difusão destes argumentos. Exemplo disto consta na provocação abaixo:

Compare-se, pois, a atitude verdadeiramente democrática do Chefe do Integralismo, entregando a um milhão de <<camisas-verdes>> a escolha de seu candidato, com os escusos processos dos políticos, que escravizam o povo ao resultado dos cambalachos em que se empenham, para a conquista dos postos de mando.

Gostaríamos de perguntar aos falsos defensores dessa democracia de mentira, intimamente vermelhos ou aproveitadores sem escrúpulo, ou aos presumidos vãos de entendimento, ciosos de uma liberdade ilusória que não podem desfrutar e que nos acusam de ter vocação para escravos; gostaríamos de lhes perguntar:

- Quem é mais livre ? Nós que nos orientamos por uma doutrina política de elevação, obedecendo conscientemente a um chefe que só nos promete sacrifícios, mas que nos entrega, a nós seus fiéis e leais comandados, a escolha do nosso candidato; ou essa multidão de ambiciosos ou fracos, a quem os poderosos acenam com empregos e posições, mas lhes tiram a dignidade, forçando-os, por interesses subalternos, a tirarem a própria consciência ?⁷⁹⁰

Em meio à riqueza de informações expressas pelo trecho acima está o fato de que os integralistas eram acusados de terem “vocação para escravos”. Logo, esta foi uma percepção

⁷⁹⁰ *A Razão*, 15/04/1937, num. 52, p. II.

existente àquela época e os camisas-verdes tinham ciência de que eram entendidos de tal maneira. Reconheciam, portanto, que nem sempre eram exitosos em suas tentativas de se apresentarem à sociedade tal como desejavam serem interpretados.

Face a esse reconhecimento, o plebiscito ofereceu mais um ensejo para a AIB tentar reduzir a incompreensão da qual se julgava vítima. Logo, valendo-se daquela consulta interna reforçou o discurso em que assegurava não ser partidária de uma ditadura. Porém, ao difundir esse argumento a AIB revelava uma mais vez que havia aqueles que a associavam à ditadura. O trecho abaixo ilustra este fenômeno:

Os adversarios do Integralismo, alguns por ignorancia, outro por má fé, apontaram o plebiscito que vamos realizar no proximo dia 23 de Maio, como um sinal de recuo doutrinario, uma abdicação de princípios por parte dos camisas-verdes>>.

Eles, que sempre nos tiveram em conta de inimigos da democracia, considerando-nos partidários dos governos arbitrarios e violentos, pretendem fazer crer que a decisão da Chefia Nacional não passa de um ato de hipocrisia para conquistar a simpatia das massas brasileiras.

Infelizmente, os nossos inimigos não quiseram nunca nos julgar por aquilo que realmente somos, mas sim pela imagem deturpada que seus ressentimentos e a suas paixões crearam.

Desde o inicio da nossa marcha, levados pelas sereias dos pregadores marxistas, certos intelectuais e jornalistas pintaram-nos aos olhos da Nação como ferozes carracos das liberdades publicas.

Para essa especie de gente de nada valeram os nossos livros e as nossas publicações colocando-nos em face do problema da Democracia. De nada valeram os repetidos gestos que deram prova mais do que cabal da perfeita comunhão entre democratica existente entre os <<camisas-verdes>> e os seus chefes.⁷⁹¹

O trecho acima faz parte de uma nota publicada por Miguel Reale no jornal *A Ação*. Nessa o camisa-verde defende a plena compatibilidade entre integralismo e democracia. Conforme aquele militante o integralismo seria a “realização da Democracia”. Pesaria a favor do sigma o fato de que esse defendia uma representação “corporativista”. Não obstante essas argumentações de Reale, é pertinente enfatizar que o sigma era visto como “partidario de governos arbitrarios e violentos”. Ademais, houve aqueles que julgaram o plebiscito integralista como um “um ato de hipocrisia para conquistar a simpatia das massas brasileiras.”

Essa consulta interna, como era de se esperar, elegeu Plínio Salgado como o candidato que iria disputar as eleições pela AIB. Embora insistentemente apresentado como uma prova de que a AIB era aberta à participação de seus membros, o plebiscito não poderia ter tido outro resultado. Como um movimento rigidamente marcado pela hierarquia, pela disciplina e pelo culto à personalidade de um líder supremo poderia apontar um candidato à presidência da

⁷⁹¹ *A Razão*, 13/05/1937, num. 56, p. II. Transcrito de *A Ação* de 07/05/1937.

República que não o próprio *Chefe Nacional*? Como um plebiscito realizado por uma organização que exigia um juramento de fidelidade a seu líder poderia ter outro resultado que não a escolha dessa mesma figura? Sobretudo, esse líder era apresentado como o intérprete da doutrina integralista e como o próprio integralismo. Na maior parte dos núcleos de Minas a vantagem do *Chefe Nacional* foi elástica sobre os demais votados.

Em Maria da Fé “votaram 813 eleitores e foi sufragado o nome do Chefe Nacional Plínio Salgado com a totalidade de votação, 813 Oitocentos e treze votos.”⁷⁹² No subnúcleo⁷⁹³ de Presidente Bueno, ligado a Teófilo Otoni, o plebiscito contou com a participação de cento e sessenta e três camisas-verdes. Sem exceção, todos votaram no *Chefe Nacional*. O mesmo aconteceu com o núcleo da cidade de Poté, Vale do Mucuri, em que todos os cento e dezenove votantes sufragaram o nome de Plínio Salgado. Em Divinópolis o *Chefe Nacional* foi o único votado⁷⁹⁴ recebendo todos os 55 votos. O núcleo⁷⁹⁵ de Elói Mendes registrou a votação de trinta e nove camisas-verdes no plebiscito. Todos votaram em Plínio Salgado. O subnúcleo do povoado de Vale Fundo, ligado a Diamantina, registrou a votação⁷⁹⁶ de treze integralistas. Todos sufragaram Plínio Salgado.

Entretanto, houve aqueles casos em que nem todos votaram no *Chefe Nacional*. Porém, nessas circunstâncias, a maioria dos integralistas sufragavam o nome de Plínio Salgado enquanto dois, três ou quatro votavam em outras pessoas. Logo, a hegemonia do líder da AIB não foi ameaçada.

Em Ouro Preto uma pessoa não integralista assistiu à votação plebiscitária e atestou a sua lisura desse processo. A ata do plebiscito registrou noventa e sete votantes. Desse total noventa e seis votaram em Plínio Salgado e um em Gustavo Barroso. Além desses noventa e sete votantes, outros nove integralistas votaram reservadamente. Todos esses nove apontaram que o *Chefe Nacional* deveria ser o candidato do sigma às eleições. Em uma folha anexa à ata do plebiscito há a seguinte explicação para aqueles votos feitos reservadamente:

Ha, no nucleo municipal de Ouro Preto, alguns integralistas cujas inscrições foram recebidas reservadamente, em virtude de exercerem cargos e ocuparem empregos dependentes diretamente de autoridades administrativas prepotentes que não se têm pejado de declarar e de proceder à destituição de brasileiros dos seus empregos, pelo fato de serem integralistas.

Como a Junta Plebiscitaria Municipal convidou para fiscalizar o Plebiscito um membro militante de um partido liberal-democratico, pessoa idônea, não será

⁷⁹² APM: [PASTA 4761 Maria da Fé - integralismo jan. 1936 - set. 1942](#). Doc. 37.

⁷⁹³ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Docs. 08 e 09.

⁷⁹⁴ APM: [PASTA 4602 Divinópolis - integralismo out. 1936 - fev. 1939](#). Doc. 04.

⁷⁹⁵ APM: [PASTA 4609 Elói Mendes - integralismo maio 1932 - set. 1946](#). Doc. 35.

⁷⁹⁶ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Docs. 76 e 77.

conveniente, entretanto, que essa pessoa se ponha no conhecimento dos nomes dos referidos integralistas, uma vez que, posteriormente, mesmo involuntariamente, poderá fazer chegar ao conhecimento de tais autoridades a qualidade de integralista daqueles brasileiros.⁷⁹⁷

Logo, a cidade de Ouro Preto registrou cento e seis votantes, sendo que desse total cento e cinco pessoas votaram em Plínio Salgado enquanto apenas uma votou em outro candidato. Enquanto na antiga Vila Rica alguns integralistas votaram reservadamente, no distrito de Valão quatorze simpatizantes se inscreveram na AIB durante o plebiscito. O *Chefe Distrital* foi o primeiro a votar e “(...) dirigindo-se aos camisas-Verdes, disse que votou em Plinio Salgado ouviu-se estrondosas palmas.”⁷⁹⁸ Logo, pelo menos naquele núcleo de Valão, houve manifestações de apoio aos votos creditados ao líder do sigma.

Na cidade de Mariana vinte e nove integralistas registraram seus votos no plebiscito. Desse total vinte e sete votaram em Plínio Salgado, restando um voto a Miguel Reale e outro a Gustavo Barroso. O núcleo de Diamantina⁷⁹⁹ registrou a votação de uma centena de integralistas. Desse total, noventa e seis votaram em Plínio Salgado, outros três em Gustavo Barroso e um em Belisário Penna. O núcleo de Diamantina era responsável pelos subnúcleos de Monjolos, Buenópolis, Vale Fundo e Barão de Guaicuí. A somatória⁸⁰⁰ dos votos do núcleo de Diamantina e dos subnúcleos registrou duzentos e dois votantes. Plínio Salgado recebeu cento e noventa e um votos.

Porém, houve ocasiões em que o domínio do *Chefe Nacional* foi levemente ameaçado. Esse foi o caso do núcleo de Januária⁸⁰¹ em que o plebiscito integralista registrou trinta e seis votantes. Desse total, vinte e nove sufragaram Plínio Salgado e outros sete escolheram Gustavo Barroso. Proporcionalmente, significativa quantidade de camisas-verdes de Januária entendeu que o *Chefe Nacional* não deveria ser o candidato do sigma à Presidência da República.

Há que se registrar ainda que em alguns núcleos do Brasil houve militantes que votaram em pessoas que sequer eram integralistas. Um desses núcleo⁸⁰² foi o de Viçosa, onde um camisa-verde votou em José Américo de Almeida. Junto a Plínio Salgado e a Armando de Salles aquele foi um dos três candidatos às frustradas eleições presidenciais de 1938.

O regulamento do plebiscito estabeleceu que nenhum militante deveria ser constrangido em seu voto. No entanto, cada integralista havia jurado fidelidade e obediência ao *Chefe*

⁷⁹⁷ APM: [PASTA 4799 Ouro Preto - integralismo nov. 1936 - jun. 1940](#). Doc. 74.

⁷⁹⁸ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 88.

⁷⁹⁹ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 75.

⁸⁰⁰ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 79.

⁸⁰¹ APM: [PASTA 4691 Januária - integralismo nov. 1936 - out. 1938](#). Doc. 09.

⁸⁰² APM: [PASTA 4996 Viçosa - integralismo jul. 1935 - abr. 1938](#). Docs. 04 e 05.

Nacional. Logo, ainda que implicitamente, não votar nessa figura constituía uma falta ou uma traição. Ademais, o integralista proclamava seu voto em voz alta na frente da comissão plebiscitária e dos demais simpatizantes e camisas-verdes presentes.

Em um ato passível de múltiplas interpretações Plínio Salgado não votou em si mesmo no plebiscito integralista. Essa atitude foi noticiada pela imprensa verde como um exemplo de despreendimento, de ausência de desejo pelo poder manifestado pelo *Chefe Nacional*. É inegável, porém, que o resultado daquela consulta interna era previamente aguardado se não por todos, pelo menos, pela maioria dos integralistas.

Desta forma, o plebiscito tinha outros fins, além da escolha de Plínio Salgado como o candidato do sigma ao Executivo federal. Seguramente um dos objetivos daquela consulta era reforçar o prestígio e a autoridade do líder da AIB. É possível ainda que esta figura nutrisse o objetivo de aferir o grau de sua liderança e o quão ameaçada ela poderia estar por outros quadros do sigma.

Uma vez apuradas as votações em todo o país, conforme *A Razão*⁸⁰³, constatou-se que 849.375 integralistas votaram no plebiscito. Deste total Plínio Salgado teria recebido 846.354 votos. Os dois outros mais votados teriam sido Gustavo Barroso com 1.367 votos e Miguel Reale com 164. Logo, o *Chefe Nacional* foi convocado pelas *Cortes do Sigma*⁸⁰⁴ para ser comunicado sobre a decisão plebiscitária.

Até o presente capítulo, este trabalho não problematizou os números veiculados pela AIB relativos a seu crescimento em Minas Gerais e em outros estados. Até este capítulo, a opção foi por reproduzir os números informados pela AIB relativos, por exemplo, à quantidade de adeptos, de turmas de alfabetização e de núcleos. Esta opção teve por objetivo demonstrar que os escritos e os discursos da AIB transmitiam a sensação de que esta organização possuiu uma estatura muito superior à realidade.

O discurso de que a AIB havia crescido de modo extraordinário entusiasmava a militância verde e assustava os adversários da organização. Todavia, é preciso deixar claro que os números difundidos pela AIB sobre seu crescimento eram superdimensionados. Edgard Carone, em seu livro *A República Nova (1930-1937)* chamou a atenção para esse fenômeno. Segundo esse historiador:

Para amedrontar a burguesia e os comunistas e mostrar a sua “pujança”, os integralistas proclamam constantemente o crescimento contínuo de seu partido, que

⁸⁰³ *A Razão*, 17/06/1937, num. 60, p. I.

⁸⁰⁴ Era então o órgão máximo da AIB, sendo composta pelo: Supremo Conselho Integralista, Câmara dos Quatrocentos, Câmara dos Quarenta, Arqui-provinciais, Chefes Provinciais e pelo Quadro de Veteranos.

passa, “milagrosamente”, de 200 000, em 1934 para “1 000 000, no mínimo”, em 1936.

(...)

Apesar do crescimento relativo do integralismo, os números bombásticos apresentam-se como forma de propaganda, pois os incidentes de 10 de novembro de 1937 e o golpe de maio de 1938 comprovam a falsidade destas afirmativas (CARONE, 1974, p.210).

Os historiadores Leandro Pereira Gonçalves e Alexandre Luís de Oliveira também observaram a imprecisão relativa à quantidade de militantes que aderiram ao sigma. Mais ainda, pois constaram que o discurso oficial da AIB sobre seu crescimento foi e continua sendo repetido por historiadores que estudam essa organização. Logo, tentaram saná-lo no artigo denominado “‘Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil’: vivendo na ilusão com os verdadeiros números do integralismo. O PRP como resposta à nova realidade do Brasil.’ Neste artigo, publicado em 2016, os aludidos historiadores refletem sobre a necessidade de se utilizar com bastante cautela os dados fornecidos pela AIB.

Gonçalves e Oliveira (2016) sustentam que a quantidade de militantes reunidos sob a bandeira do sigma, se quinhentos mil, um milhão ou um milhão e meio, conserva-se imprecisa. Segundo esses historiadores nenhum tipo de censo mensurou com precisão a quantidade de adeptos do integralismo. Logo, o que resta são apenas os dados oficiais veiculados pela AIB através de sua imprensa. Aqueles dois historiadores observam que:

Na construção de uma imagem que promovesse engrandecimento, a imprensa integralista era uma das grandes forças ideológicas do movimento e, constantemente, gráficos de inscritos na AIB eram divulgados, principalmente para demonstrar a grandeza do movimento, não só aos militantes, mas aos inimigos políticos e, principalmente, ao Estado Vargasista. (GONÇALVES E OLIVEIRA, 2016, p.160)

Os discursos de Plínio Salgado, continuam Gonçalves e Oliveira (2016), também dificultam as estimativas sobre a quantidade de militantes que a AIB possuiu. A mania de grandeza do *Chefe Nacional*, algo comum aos líderes políticos, naturalmente permeou a quantificação de membros da AIB. Décadas após o fim dessa organização, o antigo *Chefe Nacional* ainda anunciava em seus discursos as glórias e grandezas que imputava à AIB. A destruição de documentos relativos a essa organização e o fato de que os estudos inerentes a ela tiveram início nos anos 1970 são outras dificuldades para se aferir o número daqueles que trajaram a camisa-verde.

Porém, Gonçalves e Oliveira (2016) encontraram um documento elucidativo sobre a quantidade de militantes que a AIB reuniu. Trata-se de uma carta enviada por Plínio Salgado a seu genro, Loureiro Júnior. Nessa missiva o antigo *Chefe Nacional* confessa que a AIB nunca

soube ao certo quantos militantes possuiu. As estatísticas oficiais preconizavam um milhão de adeptos. Entretanto, Plínio Salgado sempre teve ciência de que a organização que comandava jamais reuniu um número de adeptos sequer próximo àquela marca. Na missiva a seu genro ele confessa que a quantidade de integralistas em todo o Brasil girava em torno de duzentos mil, não ultrapassando essa cifra (GONÇALVES e OLIVEIRA, 2016).

Consequentemente, a AIB jamais apurou a votação de mais de 800.000 mil integralistas no plebiscito que realizou. Apesar disto, este trabalho defende que essa consulta interna foi realizada como uma prova-teste. A organização liderada por Plínio Salgado desejava aferir, excluindo-se os simpatizantes, o contingente eleitoral aproximado que conseguiria levar às urnas. Com base nessas estimativas poderia então definir a estratégia a ser adotada.

Este argumento pode ser a explicação do porquê a *Resolução nº 293* ter autorizado que votassem no plebiscito todos os integralistas a partir de 17 anos completos. Esses poderiam alcançar a maioria eleitoral em janeiro de 1938, quando se realizariam as eleições presidenciais. Considerando que se tratava de uma consulta interna a *Resolução nº 293* estabeleceu que os militantes analfabetos também votariam no plebiscito. O discurso do sigma postulava que esses camisas-verdes não tinham culpa de serem iletrados.

Visando modificar este quadro a AIB empreendeu um esforço de alfabetização de seus militantes em todo o país. Logo, a perspectiva dessa organização era de que tanto os jovens de 17 anos como os analfabetos estivessem aptos a votar nas eleições previstas para janeiro de 1938. Todavia, em muitos casos alfabetizar os camisas-verdes não era o suficiente para torná-los aptos a votar nas eleições. Era preciso ainda alistá-los como eleitores. Logo, era necessário providenciar documentos e títulos eleitorais a alguns camisas-verdes e a alguns de seus familiares.

O tópico seguinte discutirá essas e outras ações de integralistas mineiros em favor da candidatura do *Chefe Nacional* à presidência. Este tópico identificará também como esta campanha foi encarada por delegados de algumas cidades de Minas e por alguns jornais desse estado.

7.5 – A candidatura de Plínio Salgado

Não há dúvidas de que Plínio Salgado, especialmente após os resultados do plebiscito, tinha ciência de não obteria votos suficientes para suceder a Getúlio Vargas. Apesar desse entendimento lançou-se à campanha eleitoral. Mais ainda, fê-lo advogando que as chances de

vitória eram concretas. O blefe foi uma das estratégias mais utilizadas pela AIB. Dentre outras finalidades, essa organização tinha por objetivo impressionar adversários e desencorajar eventuais ataques aos militantes e núcleos.

No dia 11 de junho de 1937 a AIB promoveu a instalação das *Cortes do Sigma*. Neste dia o *Presidente da Junta Plebiscitária Nacional* comunicou àquele órgão quem seria o candidato integralista às eleições presidenciais de janeiro de 1938. No dia 12 as *Cortes do Sigma* promoveram uma “sessão magna, de comunicação ao candidato da A. I. B. da escolha do seu nome.”⁸⁰⁵ Estava lançada a candidatura de Plínio Salgado à presidência da República.

Em razão desse acontecimento núcleos e militantes em todo o país enviaram telegramas ao *Chefe Nacional*. Nas mensagens expressaram contentamento por esse intelectual ser o candidato do sigma. Nas mensagens também comunicaram o lançamento desta candidatura em suas cidades e distritos. Integralistas de Carangola afirmaram: “realizamos em Divino, imponente desfile de 500 integralistas. Lançamos vossa candidatura sob grande entusiasmo. Continuamos intensificando o serviço eleitoral.”⁸⁰⁶

Antes do lançamento da candidatura de Plínio Salgado os camisas-verdes já afirmavam que alcançariam a vitória no interior do regime de que tanto discordavam. Consequentemente, ascenderiam ao poder obedecendo às regras do sistema representativo que tanto criticavam. Esta conduta evidenciaria a estima que afirmavam nutrir pela democracia. O lançamento da candidatura do *Chefe Nacional* ofereceu aos militantes um ensejo para intensificarem a veiculação destes argumentos.

Paralela a esta argumentação a retórica verde estabeleceu que o líder da AIB era o autêntico candidato nacional. Essa organização advogava que Plínio Salgado era um homem modesto, conhecedor do Brasil, dos habitantes, do potencial e das mazelas desse país. Ademais, aquele intelectual paulista era quem indistintamente congregava junto a si todos os segmentos do povo brasileiro.

O jornal do sigma em Pouso Alegre estabeleceu que Plínio Salgado era o único que oferecia ao “Povo Brasileiro garantias contra a vitória do Comunismo.”⁸⁰⁷ As candidaturas de José Américo e Armando de Salles além de não terem sido respaldadas pelo “povo”, eram perniciosas ao Brasil, já que estavam repletas de comunistas infiltrados. Armando de Salles, “maçônico e judaizado” representava o “capitalismo sem patria”, o “banqueirismo internacional”. Quanto a José Américo, este representava um “enigma”, pois afirmara que iria

⁸⁰⁵ *Monitor Integralista*, 11/06/1937, num. 20, p. III.

⁸⁰⁶ *A Offensiva*, 30/06/1937, num. 527, p. III.

⁸⁰⁷ *A Razão*, 01/07/1937, num. 62, p. III. Todos os trechos em aspas deste parágrafo foram retirados deste número.

elaborar seu plano de governo com base nas correntes que o apoiavam. Essas, concluía *A Razão*, eram bastante diversas.

Em um folheto intitulado “*aos companheiros ferroviários da Leopoldina*”⁸⁰⁸, militantes do sigma defenderam a candidatura de Plínio Salgado. Nesse documento, afiançaram que os princípios integralistas colocavam “o homem num plano superior espiritual, moral e materialmente, dignificando a família, sublimando a Pátria, defendendo a legítima propriedade”. Segundo aquele folheto, os candidatos à presidência da República passavam ao largo dos problemas que assolavam os trabalhadores. Plínio Salgado, contudo, já abordava e propunha soluções para os referidos problemas desde o *Manifesto de Outubro de 1932*. Posteriormente, esse documento fora ratificado pelo *Manifesto Programa de 1936*. Logo, eram os integralistas quem realmente lutavam contra o aumento do custo de vida, baixos salários e outras mazelas que afligiam os trabalhadores.

Assim como fizeram nas eleições municipais de 1936, os integralistas apresentaram em jornais integralistas ou não, uma “folha corrida” dos serviços prestados pelo sigma ao Brasil. Militantes da cidade de Cássia publicaram no jornal *A Vanguarda* uma dessas folhas corridas. Mandaram publicar também nesse periódico não integralista que em breve realizariam um comício inerente à campanha de Plínio Salgado. Na mesma matéria informaram que na cidade mineira de São José da Capetinga quatro membros do partido situacionista haviam aderido à AIB. Asseguraram ainda que: “O movimento do Sigma nesta região do sudoeste mineiro vai tomando grande impulso.”⁸⁰⁹

Fosse ou não através da imprensa verde os integralistas difundiram o argumento de que a campanha do *Chefe Nacional* crescia vertiginosamente, extrapolando as fileiras do sigma. Logo, estudantes, trabalhadores da cidade e do campo, intelectuais e lideranças políticas de todo o país estavam abraçando a campanha de Plínio Salgado. Essas pessoas, afirmaram os integralistas, haviam constatado que somente o integralismo era capaz de transformar positivamente o Brasil.

Referindo-se a uma viagem do *Chefe Nacional* a Belo Horizonte, *A Razão* estabeleceu: “Póde-se afirmar, sem receio de engano, que o nome do candidato integralista á Presidencia da Republica está plenamente triunfante em Minas Gerais.”⁸¹⁰ Integralistas do distrito de Campo Místico postularam que o sigma estava “(...) conquistando adesões valiosíssimas e em numero

⁸⁰⁸ APM: [PASTA 4721 Leopoldina - integralismo jun. 1935 - nov. 1941](#). Doc. 69.

⁸⁰⁹ *A Vanguarda*, 04/07/1937, num. 1098, p. IV.

⁸¹⁰ *A Razão*, 15/07/1937, num. 64, p. I.

considerável. O nome de Plínio Salgado tem sido aclamado como o salvador do Brasil da avalanche comunista e do domínio da politicagem.”⁸¹¹

Em agosto de 1937 blusas-verdes de Ituiutaba tiveram publicado em *A Offensiva* um manifesto às mulheres dessa cidade. Trata-se de uma moção de apoio à candidatura do *Chefe Nacional* da AIB à presidência da República. Conforme o jornal, a população ituiutabana havia recebido com “symphatia” o manifesto. Esse preconizava:

ÁS MULHERES DE ITUYUTABA

Ituyutabanas! Approxima-se o grande pleito eleitoral em que será decidido o destino do nosso Brasil!

A Acção Integralista Brasileira, por força das leis vigentes, está empenhada na lucta eleitoral que dentro em breve será travada em nossa Patria. Com uma grande differença: O Integralismo é um partido político organizado, o unico de ambito nacional, que tem o seu programma elaborado e divulgado desde janeiro de 1932, que é o seu documento basico.

Tres são os candidatos á futura Presidencia da Republica. Um só foi escolhido dentro das normas da verdadeira democracia, tendo sido o seu nome apresentado por cerca de um milhão de brasileiros conscientes, que, num plebiscito livre o indicaram como o unico homem capaz de bem orientar os destinos da Patria: Plínio Salgado.

Ituyutabanas! Olhemos o exemplo da Hespanha! Lá, ha o luto, o desespero, a morte, o horror constante do communismo sanguinario que se apoderou daquella infeliz nação. No Brasil, tambem o communismo já enlutou os lares com os morticínios criminosos de novembro de 1935 e tenta fazer novas victimas, sorratamente se infiltrando nos partidos políticos para depois de, vencedores estes, darem o seu golpe trahiçoeiro. Attentae bem ituyutabanas! Estão ameaçadas a nossa Patria e as nossas famílias.

Só a Acção Integralista Brasileira, que tem a coragem e a honestidade de combater desassombadamente os inimigos da mulher e da família brasileira, que são os communistas e os burgueses materialistas e immoraes, poderá assegurar ao Brasil a paz de que carece para tornar-se uma Nação grande e forte.

Fugi da politicagem dos partidos e abraçae o Integralismo, que é a garantia do vosso lar e vossa religião. O unico homem que merece o nosso voto é o candidato integralista Plinio Salgado.⁸¹²

Algumas das integralistas signatárias do documento acima eram professoras no grupo escolar de Ituiutaba. Duas dessas blusas-verdes lecionavam também na *Escola Integralista* do núcleo daquela cidade. Segundo o delegado de Ituiutaba estas militantes faziam “abertamente propaganda a favor do integralismo, nas escolas, na séde do Nucleo Integralista e na zona rural, atacando os nossos homens publicos e o nosso regimen.”⁸¹³

Uma sindicância foi instaurada pela Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais em virtude do manifesto assinado pelas blusas-verdes de Ituiutaba. Através de *A*

⁸¹¹ *A Offensiva*, 08/1937. In: APM: [PASTA 4793 Ouro Fino - integralismo jun. 1935 - jun. 1943](#). Doc. 68.

⁸¹² *A Offensiva*, 24/08/1937. In: APM: [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#). Doc. 17.

⁸¹³ APM: [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#). Doc. 18.

Offensiva uma blusa-verde dessa cidade respondeu a algumas questões que teriam sido levantadas pela sindicância.

A militante em questão argumentou que a AIB não atentava contra o regime vigente. Lembrou que essa organização desfrutava de reconhecimento legal. Sustentou que as professoras integralistas não se valiam da cátedra para defender o sigma em âmbito escolar. Postulou ainda que o verdadeiro inimigo era o comunismo e que a sindicância podia ser entendida como um:

(...) “test” cujo fim não se pode conceber qual seja, senão o de amedrontar aqueles que estão dispostos a sacrificar tudo em defesa da nacionalidade, pois, desde a publicação do referido manifesto, que se vem criando um ambiente de opressão, com ameaças indirectas de demissões ás professoras que o subscreveram, como se estas, diante dessa situação, fossem capazes de abandonar o Brasil.⁸¹⁴

Os seguidores de Plínio Salgado alardeavam que eram vítimas de toda sorte de perseguições e arbitrariedades. Todavia, preconizavam que esses fenômenos tinham por efeito aumentar o prestígio que a AIB desfrutava junto à sociedade. Os camisas-verdes afiançavam ainda que o aumento de adesões à AIB e o crescimento da campanha do *Chefe Nacional* eram frutos da percepção de que esse líder e sua organização eram injustiçados.

Em uma matéria no jornal *A Vanguarda*, da cidade mineira de Cássia, um camisa-verde teceu uma analogia entre o sigma e o cristianismo em seus primórdios. Ele argumentou que de nada havia adiantado a perseguição ao cristianismo, pois “quanto mais o combateram, mais ele cresceu e que quanto mais tentaram asfixia-lo mais ele se alargou e subiu.”⁸¹⁵ De acordo com o integralista, cada cristão que era preso, atirado aos leões ou queimado vivo acabava por fortalecer as convicções dos demais.

Fenômeno semelhante de perseguição e crescimento teria acontecido quando integralistas de Silvianópolis levaram uma bandeira da candidatura de Plínio Salgado a um distrito próximo. A bandeira teria sido proibida por um delegado, que segundo os militantes, teria agido a mando do promotor e de uma liderança política local. Os militantes do sigma acataram a determinação, ainda que a considerassem arbitrária. No entanto, sustentaram que essa medida teve por efeito torná-los benquistos entre a população daquele distrito. Acrescentaram que “os homens independentes e honestos do lugar não ficaram contentes com

⁸¹⁴ *A Offensiva*, 16/10/1937. In: APM: [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#). Docs. 23 e 24.

⁸¹⁵ *A Vanguarda*, 29/08/1937, num. 1105, p. I.

o procedimento da autoridade e prometeram trabalhar para a vossa vitória, que é a vitória do Brasil cristão, vitória da verdadeira democracia.”⁸¹⁶

Até meados de 1937 há poucos registros em Minas de camisas-verdes declarando abertamente que a polícia agia em benefício de facções políticas locais. O fim do Estado de Guerra em junho de 1937 e a campanha do *Chefe Nacional* alteraram aquele quadro. A partir de então em Minas os integralistas passaram a ter menos cuidados em afirmar abertamente que a polícia agia a mando de forças políticas locais.

No entanto, ao fazê-lo, os adeptos do sigma tinham o cuidado de preservar a instituição policial. Logo, advogavam que essa vinha sendo utilizada em favor de interesses políticos, o que a desviava de suas reais funções. Integralistas de Buenópolis, região Central, publicaram em setembro de 1937 em *A Offensiva* que a campanha a favor de Plínio Salgado era obstaculizada pela polícia local. Conforme a matéria em questão:

A 6, do corrente, o delegado de Polícia local, cumprindo ordens de um chefe de um dos partidos liberais aqui existentes, mandou os soldados do destacamento, embalados, proteger a destruição dos sinais de propaganda eleitoral integralista da via pública.

Os representantes da facção, de machadinha em punho, picavam os postes da luz e as árvores onde havia Sigmas desenhados e os militares, cumprindo a ordem da autoridade, policiavam o trabalho do nosso liberalismo...

A respeito, comenta-se na cidade com certa revolta que a politicagem abuse dos soldados de polícia, pretendendo transformá-los em capangas para os seus objetivos indignos.

A demonstração de força e prestígio, á custa do desvirtuamento do papel social da polícia, conseguiu que muitas crianças da Escola Integralista, amedrontadas, abandonassem as aulas, na suposição de que os camisas verdes eram comunistas e iam ser mortos, segundo fizeram crer aos seus pais os patrióticos chefes liberais.⁸¹⁷

Mais uma vez os integralistas revelaram que ocasionalmente eram tachados de comunistas por seus adversários. Houve, porém, aqueles que identificaram o anticomunismo da AIB. *O Lar Catholico*, jornal da cidade de Juiz de Fora, elogiou o tom anticomunista impresso pelo *Chefe Nacional* à sua candidatura. Nas palavras do aludido periódico, combater a ameaça vermelha representava um “dever cívico e patriótico”⁸¹⁸. Em função disto, lembrou que Plínio Salgado havia convidado os demais candidatos à presidência da República a imprimirem um caráter anticomunista a suas candidaturas.

Jornal de Lafayette, contudo, argumentou no dia dez de outubro de 1937 que Plínio Salgado sequer deveria ser candidato à presidência da República. Aquele jornal garantiu que o

⁸¹⁶ *A Razão*, 02/09/1937, num 71, p. II.

⁸¹⁷ APM: *A Offensiva*, 17/09/1937. [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 269.

⁸¹⁸ *O Lar Catholico*, 26/09/1937, num. 39, p. IV.

líder da AIB trabalhava em favor da Alemanha e da Itália. Segundo aquele periódico, o objetivo do *Chefe Nacional* era implantar o fascismo no Brasil. Portanto, o candidato do sigma devia merecer “a repulsa de todo o bom brasileiro”.⁸¹⁹ No dia treze daquele mês de outubro o jornal *O Bandeirante* assegurou que o programa apresentado pelo integralismo era “reaccionario” e “anti-brasileiro”⁸²⁰. Aqueles que eram contrários à liberdade e favoráveis ao despotismo e à violência deveriam votar em Plínio Salgado.

Embora os candidatos à presidência estivessem em campanha eleitoral o clima político era tenso. Pairava no ar a perspectiva de que um golpe de Estado seria promovido. Houve aqueles que imputaram ao sigma o desejo de promover uma ruptura institucional. Pelo menos desde 1935 em Minas jornais atribuíram esse desejo golpista à AIB. Desde esse mesmo ano alguns daqueles que se despiram da camisa-verde externaram igual percepção.

Em Minas alguns jornais afiançaram que a AIB constituía uma ameaça ao regime vigente. Em meio a essas denúncias havia as associações entre o integralismo e os regimes nazifascistas europeus. Em agosto de 1937 *Gazeta de Tombos* assegurou que o integralismo era uma “(...) miscelania de dogmas politico-ditatoriais de importação alemã, com acentuada queda para o fascismo italiano e ainda com alguns pontos em paralelo ao comunismo russo.”⁸²¹ Em fins daquele mês de agosto de 1937 *Gazeta de Tombos* ainda postulou que o sigma era um “extremismo de direita” que almejava à fundação de um “Estado totalitário” no Brasil, “(...) e até mesmo o bigodinho de Hitler, o Plinio Salgado adotou.”⁸²²

Ao advogar que a AIB era uma ameaça ao regime em vigor alguns jornais em Minas clamaram ao governo federal que intervisse contra essa organização. O clamor pela união contra o integralismo também não constituiu um fenômeno incomum. Alguns jornais apontavam que o integralismo era um agente causador de instabilidade social. Corrêa (1973) apurou que em agosto de 1937 em Juiz de Fora o jornal *Folha Mineira* publicou a seguinte matéria:

CONTRA O PERIGO DO EXTREMISMO VERDE

A exemplo do que foi feito contra o comunismo, quando o perigo vermelho ameaçava subverter a ordem pública, pondo em perigo o regime sob o qual vivemos e que mais se coaduna com a índole e o temperamento de nosso povo, é necessário que todas as forças liberais democratas da nação se arregimentem nesse momento, em combate ao Integralismo que se apresenta mais violento e ameaçador por força de sua

⁸¹⁹ *Jornal de Lafayette*, 09/10/1937, num. 04, pp. II e III.

⁸²⁰ *O Bandeirante*, 13/10/1937, num. 18, p. IV. Jornal criado pela União Democrática Brasileira, organização partidária de âmbito nacional cujo fim era apoiar a candidatura de Armando de Salles às eleições previstas para janeiro de 1938.

⁸²¹ *Gazeta de Tombos*, 14/08/1937, num. 199, p. I.

⁸²² *Gazeta de Tombos*, 28 /08/1937, num. 201, p. III.

inegável organização, que o próprio comunismo. Convencido de que a luta das urnas lhe será desfavorável, o sr. PLÍNIO SALGADO, dizendo-se ‘emissário de Deus’ está pondo os fanáticos que o obedecem cegamente a serviço da subversão da ordem pública, seja distribuindo boletins, insultos e depredando edifícios públicos, no intuito de criar confusão, sejam agredindo na calada da noite os brasileiros que não acreditam no milagre sigmóide. Diariamente, os jornais de todo o Brasil nos dão notícias das façanhas plinianas, sem que o governo da República tome as providências enérgicas que se fazem necessárias. Cumpre, pois, aos liberais-democratas, aqueles que não desejam ver a nossa pátria transformada numa colônia nazista, reagir energicamente contra o fanatismo dos camisas-verdes, dando-lhes o corretivo que a sua insolência está a exigir. Nesse sentido, conclamamos todos os liberais-democratas de Juiz de Fora, desta ou daquele corrente partidária, para que formem um bloco homogêneo capaz de evitar que os integralistas tentem fazer em nossa cidade o que já estão fazendo em outros municípios e em outros estados. Agindo na calada da noite, os fanáticos de PLÍNIO SALGADO, apesar de sua ridícula minoria, serão capazes de tudo. É necessário, portanto, no momento oportuno, reduzi-los a sua insignificante posição no cenário da política municipal, dando um exemplo aos outros municípios e outros estados. É necessário convencê-los, de qualquer forma, que são retardatários porque a época do fanatismo já passou. (CORRÊA, 1973, pp. 82-83).

Efetivamente, o clima político ao longo de 1937 foi permeado pela instabilidade. Em fins de junho desse ano a própria AIB reconheceu que o futuro eleitoral era incerto. Essa organização postulou que “ainda são prematuras quaisquer previsões sobre o resultado das eleições de 3 de janeiro. Basta dizer que ainda ha muita gente que nem sequer acredita que haja eleições.”⁸²³

Carone (1979) defende que as movimentações que deram origem ao golpe de 10 de novembro de 1937 tiveram início meses antes dessa data. Militares que ocupavam postos-chave foram gradualmente afastados de suas funções por serem neutros ou favoráveis à candidatura de Armando de Salles. O candidato da AIB, por sua vez, havia se reunido em meados de 1937 com Francisco Campos e Getúlio Vargas “(...) dando seu consentimento para o futuro golpe de Estado (CARONE, 1979, p. 358).”

Este apoio ao futuro golpe pode estar vinculado a um discurso radiofônico de Plínio Salgado no dia três agosto de 1937. Esse foi um dos discursos mais virulentos do *Chefe Nacional*. Na ocasião ele afiançou ter conhecimento de que os vermelhos preparavam uma manobra mais coordenada do que aquela promovida em novembro de 1935. O Plano Cohen, segundo os integralistas, corroboraria as palavras do *Chefe Nacional* naquele discurso do início de agosto. Conforme *A Razão*:

O Brasil está alerta CONTRA O BOLCHEVISMO

Os documentos apreendidos pelo Estado Maior do Exército, dias atrás, não foram mais do que a cabal confirmação das palavras de alarme pronunciadas pelo Chefe Nacional Plinio Salgado ao microfone da Radio Mairinc da Veiga, em 3 de agosto ultimo.

⁸²³ *A Offensiva*, 30/06/1937, num. 527, p. III.

Os adversarios do Sigma e a imprensa menos avisada tentaram, inutilmente, é verdade, dissipar o efeito causado na opinião publica do paiz pela sua patriótica alocação, alegando que se tratava do intuito preconcebido de lançar a inquietação entre as famílias, afim de colocar em maior evidencia o papel do Integralismo em defesa da ordem e das instituições.

Entretanto, os documentos apreendidos pelo mais alto orgão do Exercito Brasileiro vieram justificar em sua plenitude o angustioso brado de alerta que saía do coração de um brasileiro consciente dos perigos que ameaçavam a Patria.

A proposito da recente publicação do documento apreendido, o sr. Plinio Salgado, vem recebendo os mais expressivos telegramas de todos os recantos do Brasil.⁸²⁴

Uma vez mais os integralistas revelam que havia a percepção de que eles exageravam a ameaça vermelha. Mais uma vez revelam que havia a percepção de que instrumentalizavam o comunismo a fim de se autopromoverem. No entanto, assim como o fizeram com a Intentona de novembro de 1935, os integralistas afirmaram que o Plano Cohen corroborava as advertências que vinham fazendo.

Carone (1979) observa que o Plano Cohen circulava entre as “altas esferas” desde o início de setembro de 1937. Sua divulgação à imprensa foi feita pelo departamento de propaganda do governo entre os dias 30 de setembro e 1º de outubro. Esse foi o último dos atos que antecedeu a conspiração golpista. O teor “absurdo e fantasticamente pueril” daquele documento forjado impeliu o governo à ação imediata (CARONE, 1979).

A *Razão* sintetizou alguns objetivos do suposto plano comunista na seguinte manchete: “**A Patria ameaçada!** Fuzilamentos em massa – Incendios em todos os bairros – Ultrajes á honra da mulher brasileira – O massacre de militares – Assaltos, roubos, depredações e vandalismo! – eis a palavra de ordem do Komintern para o Brasil.”⁸²⁵

Segundo Carone (1979) no dia 1º de outubro de 1937 o ministro da Justiça enviou ao Congresso uma nova solicitação para decretar o Estado de Guerra. Anexo a esse pedido havia a transcrição de uma advertência feita pelos ministros da Guerra e da Marinha. Esses sustentaram que uma manobra comunista semelhante à Intentona de 1935 era iminente. Àquela altura estava claro para a oposição ao governo federal no Congresso que era o presidente quem urdia um golpe de Estado. As oposições, contudo, eram minoritárias e o Estado de Guerra foi aprovado por ampla maioria na Câmara e no Senado (CARONE, 1979).

O líder dos integralistas proferiu um discurso em apoio à nova medida de exceção. Aquela figura argumentou que “prestigiar o Chefe da Nação e as forças armadas é o nosso dever e dele não devemos afastar-nos se quisermos salvar nossa Patria.”⁸²⁶ Nesse discurso o *Chefe*

⁸²⁴ *A Razão*, 14/10/1937, num. 77, p. IV.

⁸²⁵ *A Razão*, 07/10/1937, num. 76, p. IV.

⁸²⁶ *A Razão*, 07/10/1937, num. 76, p. II.

Nacional citou o Plano Cohen, assegurando que a AIB continuava a vigiar os passos dos agentes de Moscou.

Alguns dias após a divulgação do Plano Cohen a AIB celebraria o seu quinto aniversário. A maioria dos núcleos de Minas celebrou essa data normalmente. A exceção foram aqueles núcleos que se achavam fechados por ordem de delegacias locais. Em Pouso Alegre a cerimônia da *Noite dos Tambores Silenciosos* teria contado com o “comparecimento de cerca de 400 pessoas, apesar do avançado da hora, do mau tempo e dos boatos terroristas espalhados maldosamente pela cidade.”⁸²⁷

Na primeira quinzena de outubro de 1937 os camisas-verdes ainda anunciavam que “ante a demagogia liberal, as manobras tortuosas do bolchevismo e as explorações da politicagem, a candidatura de Plínio Salgado se afirma como a grande esperança de uma Patria que já está cansada de ser vilipendiada e traída.”⁸²⁸ Logo, a conduta oficial da AIB após o novo Estado de Guerra foi de apoio a essa medida e de manutenção da candidatura de Plínio Salgado. Mas, por ora as ações do governo federal não atingiam diretamente o integralismo.

Carone (1979) argumenta que este novo Estado de Guerra foi utilizado contra os estados que apoiavam a candidatura de Armando de Salles. A federalização das Forças Públicas (polícias estaduais) a partir da segunda quinzena de outubro de 1937 foi um dos maiores golpes contra os adversários do presidente. Em razão dessa manobra o governador do Rio Grande do Sul renunciou a seu cargo e retirou-se para o Uruguai. O conjunto destes fenômenos minou as esperanças acalentadas pelas oposições de que o processo eleitoral seria mantido (CARONE, 1979).

Apesar destes fenômenos, o discurso do sigma continuava a aplaudir as ações promovidas pelo novo Estado de Guerra. O jornal integralista de Pouso Alegre estabeleceu que “o <<estado de guerra>>, em boa hora estabelecido no Brasil para o combate ao iminente perigo bolchevista, tem tido alguns resultados verdadeiramente surpreendentes.”⁸²⁹ Aquele jornal reconheceu que por “ignorância” ou “subserviência” a lideranças políticas uma ou outra autoridade do interior valia-se do Estado de Guerra contra o integralismo. Não obstante, defendeu que estava em curso uma grande reação contra os vermelhos. *A Razão* ainda apoiou o fechamento de algumas organizações e a detenção de partidários de Armando de Salles e José Américo. Segundo o discurso integralista as organizações fechadas e os partidários daqueles

⁸²⁷ *A Razão*, 14/10/1937, num. 77, p. I.

⁸²⁸ *A Razão*, 14/10/1937, num. 77, p. III.

⁸²⁹ *A Razão*, 21/10/1937, num. 78, p. I.

candidatos eram agentes de Moscou. Em sua última edição de outubro, datada do dia 28, *A Razão* publicou a seguinte matéria:

Em marcha para o Sigma

Chegou para o Brasil a hora decisiva.

Os acontecimentos marcham rapidamente. Dia a dia, o Brasil mais se aproxima de sua redenção final que será a adoção do Estado Integral, o unico capaz de fazer face aos seus inumeros problemas.

O iminente perigo comunista alertou a face sadia da nacionalidade. O Sr. presidente da Republica toma sabias medidas e uma atitude francamente de acordo com o que a A.I.B ha cinco anos vem preconizando.⁸³⁰

Portanto, durante o mês de outubro de 1937 os integralistas aplaudiram as medidas de exceção que se abateram sobre seus adversários. Por outro lado, durante aquele mês os integralistas ainda expressavam a convicção de que o *Chefe Nacional* ascenderia à presidência. Logo, continuavam realizando comícios e continuavam empenhados na alfabetização de outros militantes. O líder da AIB tinha ciência de que haveria uma ruptura institucional. Contudo, jamais determinou oficialmente que seus militantes encerrassem as atividades de alistamento e de campanha eleitoral.

Essas atividades dos integralistas mineiros podem ser verificadas até os dias iniciais de novembro de 1937. O primeiro número de *A Razão* inerente a esse mês foi lançado no dia quatro. Essa edição noticiou moções de apoio à candidatura de Plínio Salgado e ingressos de militares e políticos na AIB.

Todavia, aquela edição também noticiou o discurso radiofônico de Plínio Salgado no dia primeiro de novembro. Nessa alocução o *Chefe Nacional* externou a solidariedade integralista ao presidente e às Forças Armadas no combate à ameaça vermelha. Sinalizou que um golpe de Estado seria promovido e declarou sua anuência a essa manobra. Antes daquela alocução camisas-verdes desfilaram na capital da República onde (...) significaram ao mais alto magistrado da Nação e às Classes Armadas a solidariedade do integralismo no combate ao comunismo.”⁸³¹

Ciente do golpe que seria desferido contra o regime Plínio Salgado retirou sua candidatura à presidência da República. Segundo Gonçalves (2018, p. 102) “a presença dos integralistas no processo de organização para a implantação do Estado Novo passava a ser um elemento de esperança para os camisas-verdes.”

⁸³⁰ *A Razão*, 28/10/1937, num. 79, p. I.

⁸³¹ *A Razão*, 04/11/1937, num. 80, p. IV.

No entanto, ao se alinhar ao golpe que inauguraria o Estado Novo, Plínio Salgado jogou todas as fichas que dispunha em uma aposta que não tardou a se revelar suicida. Mas, no que concerne a Minas quando os integralistas perceberam que a organização de que faziam parte realmente desapareceria? Essas e outras questões serão discutidas no capítulo seguinte. Esse abordará o comportamento de integralistas mineiros entre o golpe de 1937 e o *Putsch* do ano seguinte.

CAPÍTULO VIII

ENTRE O GOLPE DE 1937 E O PUTSCH INTEGRALISTA

8.1 – Camisas-verdes em Minas entre o golpe do Estado Novo e o Putsch de maio de 1938

O objetivo deste tópico é identificar e examinar as reações de camisas-verdes em Minas ao golpe do Estado Novo e ao decreto de fechamento da AIB e dos demais partidos. Esses fenômenos serão examinados sobretudo, até o fim de janeiro de 1938. Esse marco foi escolhido porque então a AIB já não existia e em Minas e a organização que a sucedeu, a ABC, não saiu do papel. Ademais, a partir do fim daquele mês começava a circular entre aqueles que trajaram a camisa-verde em Minas uma carta de Plínio Salgado em que esse revela que sentia-se traído pelo regime em vigor. Portanto, em fins de janeiro de 1938 estava claro para a maior parte dos camisas-verdes que o antigo *Chefe Nacional* não ocuparia um lugar de destaque no Estado Novo e que o integralismo não seria a doutrina oficial desse regime.

Entretanto, por quais razões Plínio Salgado apoiou o advento de um regime que se revelaria tão prejudicial ao integralismo? Uma das respostas a essa questão pode ser encontrada ainda em 1934. Segundo Bertonha (2009) após o *I Congresso Integralista Brasileiro* os dirigentes da AIB constaram que essa organização não tinha forças para tomar o poder. A *Milícia Integralista*, embora útil como instrumento de propaganda e em conflitos de rua, não seria capaz de subjugar o Exército e os demais órgãos de segurança. Em razão disso, a AIB avaliou que suas únicas chances de ascensão ao poder eram pela via eleitoral ou através de um golpe de Estado. Esse, contudo, deveria ser promovido em associação com outras forças políticas e militares. Desta forma, os integralistas lançaram-se à campanha de Plínio Salgado até se tornar claro que sua força eleitoral era insuficiente para seus planos e que uma ditadura liderada por Vargas se instalaria no país. Nesse momento, a AIB se alia ao presidente na conspiração para o golpe do Estado Novo (BERTONHA, 2009).

Mas, Bertonha (2009) avalia que o *Chefe Nacional* tinha ambições maiores do que somente participar do novo governo. O objetivo de Plínio Salgado era alinhar-se temporariamente a Vargas e aos poucos controlar a máquina estatal até eliminar o presidente e outros rivais (BERTONHA, 2009). Seria, portanto, um golpe integralista no interior do golpe que fundou o Estado Novo.

Em carta ao presidente o *Chefe Nacional* alega ter sido procurado por um emissário desse que lhe “(...) entregou o original de um projecto de Constituição que deveria ser outorgada, num golpe de Estado, ao paiz. Estavamos no mez de setembro de 1937.”⁸³² Apesar desse fato, Plínio Salgado manteve seus camisas-verdes em campanha eleitoral. O líder da AIB só declararia seu apoio ao presidente de forma mais explícita dias antes do golpe do Estado Novo.

Dois eventos realizados no dia primeiro de novembro deixam claro o alinhamento do sigma ao golpe que seria promovido. O primeiro deles foi um desfile na capital da República em homenagem ao centenário de Couto de Magalhães. Conforme *A Razão* o mérito desse desfile não estava somente no fato de ter reunido 51.020 integralistas, mas também por ter sido convocado e promovido em menos de 48 horas. Após render homenagens a Couto de Magalhães e a outros militares os camisas-verdes desfilaram na frente do palácio da Guanabara.

O segundo dos eventos realizados naquele dia inicial de novembro foi um discurso de Plínio Salgado na Rádio Mayrinck Veiga. Essa alocução contém trechos que prenunciam e apoiam o golpe do Estado Novo. Seguindo o *Chefe Nacional* camisas-verdes também anunciaram seu apoio ao presidente antes do golpe.

O subnúcleo de Buenópolis, na região Central de Minas, enviou um ofício à delegacia local poucos dias antes daquela ruptura. Nesse documento comunicou que havia fundado, por ordem do líder da AIB, sua *Academia de Educação Física*. O *Chefe Nacional* havia colocado esse novo órgão à disposição do presidente Vargas. Por extensão, aquele subnúcleo colocava sua *Academia de Educação Física* à disposição do delegado local. Esse, porém, informou o ocorrido ao Chefe de Polícia. Nesse documento sustentou que já havia sido ameaçado pelos integralistas de Buenópolis e que estes demonstravam “(...) completo odio as autoridades constituídas disendo a todo momento esperarem tomar o poder para se vingarem.”⁸³³

Uma vez anunciada a ruptura institucional a AIB imediatamente proclamou seu apoio ao novo regime. Jornais da imprensa mineira também elogiaram o presidente pela ação golpista. Esses jornais postulavam que essa ação teria sido necessária para acabar com a instabilidade política e com as pretensões de grupos extremistas do país. Logo, a AIB era criticada aberta ou implicitamente. Neste sentido, o advento do Estado Novo foi elogiado porque também foi entendido como uma medida contra aquela organização. Durante sua existência a AIB frequentemente foi acusada de almejar a promoção de um golpe de Estado.

⁸³² APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 23.

⁸³³ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 260.

Conveniente ressaltar que o termo golpe foi utilizado sem constrangimentos por integralistas, delegados, jornais e prefeitos para aludirem à instituição do Estado Novo. Alguns anos após o advento desse regime aquele termo ainda permeava comunicações oficiais. O delegado de Raul Soares, por exemplo, em setembro de 1942 ao se comunicar com o Chefe de Polícia de Minas utilizou o termo “golpe de Estado”⁸³⁴ para aludir ao Estado Novo.

O fato de esse regime ter se apresentado enquanto uma reação a uma ameaça vermelha souou crível à militância integralista. Essa, inclusive, reafirmou que sempre esteve com razão ao denunciar que o comunismo representava um perigo real ao Brasil. Por extensão, os camisas-verdes aumentavam o tom de seus elogios ao golpe.

No dia onze de novembro de 1937 o jornal integralista de Pouso Alegre externou sua anuência à dissolução da Câmara e do Senado. Preconizou que “a nova ordem, instituída com o apoio das Forças Armadas, é mais uma etapa vencida na destruição de um velho e apodrecido arcabouço político.”⁸³⁵ Além de se apresentar como uma resposta ao comunismo o Estado Novo também se apresentou como o fim da ordem política então vigente. Esses fenômenos contribuíram para atrair as simpatias dos integralistas ao novo regime. É claro, porém, que o *Chefe Nacional* da AIB já havia negociado o apoio dessa organização ao regime que Vargas desejava instalar.

Conseqüentemente, durante o mês de novembro de 1937 o elogio ao novo regime foi comum à retórica verde. Durante aquele mês também permeou esse discurso a crítica àqueles que a AIB julgava atingidos pelo novo regime. Dentre esses, os candidatos às frustradas eleições de janeiro de 1938 foram especialmente ironizados.

Porém, o advento do novo regime suscitou mais boatos relativos ao fechamento da AIB. Essa organização, por sua vez, logo anunciou que permanecia legalmente amparada. Dois dias após o golpe o *Chefe Nacional* assegurou nas páginas de *A Offensiva* que “a <<Ação Integralista Brasileira>> tem a sua existencia e o seu funcionamento plenamente assegurados pela Constituição promulgada no dia 10 do corrente.”⁸³⁶ Três dias após o golpe do Estado Novo o núcleo de Areado distribuiu nesta cidade um folheto cujo título era “Aos Integralistas e aos DETURPADORES da VERDADE”. Nesse documento aquele núcleo proclamou:

Aos Integralistas

O Chefe Provincial, de B. Horizonte telefonou ao Chefe (...) dizendo para avisar a todos os integralistas que NUNCA o integralismo esteve em melhor situação.

⁸³⁴ APM: [PASTA 4891 Raul Soares - integralismo jun. 1935 - set. 1942](#). Doc. 03.

⁸³⁵ *A Razão*, 11/11/1937, num. 81, p. I.

⁸³⁶ *A Razão*, 18/11/1937, num. 82, p. I.

Determinou ainda que todos devem continuar trabalhando com entusiasmo, porque a nação já compreendeu o nosso esforço e o sacrifício pelo Bem do Brasil.

Camisas-Verdes!

É preciso assistir indiferentes as manobras dos políticos. O integralismo está mais forte que nunca, prestigiado e vitorioso como nunca esteve. Estamos sôbre a vitória dos nossos sacrifícios cantando a conquista do novo Brasil dos nossos sonhos e exaltando a Bandeira do Sigma pelo milagre que realizou de estreitar o Brasil e dar uma mística aos brasileiros. Não estamos inventando prestígio: os últimos acontecimentos mostram claramente a situação invejável do Integralismo.⁸³⁷

Após o golpe que deu origem ao Estado Novo outros núcleos de Minas apressaram-se em esclarecer a seus adeptos e à sociedade em geral que a AIB não seria atingida pelo novo regime. Um desses estava localizado em Formiga. No dia 13 de novembro este núcleo garantiu que os boatos relativos ao fechamento ao AIB eram improcedentes. Aquele núcleo assegurou ainda que “(...) prosseguirão em franca e plena actividade todas as instituições por ella fundadas e mantidas, inclusive os núcleos, em numero de 4.000, espalhados por todo o vasto territorio da Nação.”⁸³⁸

Dias antes da ruptura institucional a AIB se colocou ao lado do presidente Vargas. Essa organização aplaudiu o Estado Novo tão logo esse foi anunciado. Não obstante, ainda nos primeiros dias de vigência desse regime a organização liderada por Plínio Salgado viu-se na necessidade de afirmar até mesmo para seus adeptos que continuaria a existir. Longe de ser atingida, aquela organização afiançou que contava com a simpatia do Estado Novo. Portanto, afirmava desfrutar de prestígio junto a esse regime e estar mais forte do nunca. A necessidade de estabelecer esses postulados denota que houve integralistas confusos no que tange à situação que a AIB desfrutaria no novo regime.

Uma das explicações para essa confusão inicial reside no discurso de inauguração do Estado Novo proferido por Getúlio Vargas. Nessa alocução o presidente não mencionou a AIB e os camisas-verdes. O *Chefe Nacional* rememorou essa ausência em carta de fins de janeiro de 1938 enviada ao presidente. Na missiva Plínio Salgado observou que após a falta de referências e de carinho ao integralismo “(...) ouvido o radio, um milhão e meio de brasileiros baixavam a cabeça amargamente.”⁸³⁹

Por outro lado, no discurso de apresentação do Estado Novo Getúlio Vargas abordou alguns temas caros à AIB. Dentre esses a necessidade de um governo central forte e o combate ao perigo vermelho. Por conseguinte, muitos camisas-verdes não tiveram dúvidas de que, pelo menos os valores da organização pela qual se batiam estavam prestigiados pelo novo regime.

⁸³⁷ APM: [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#). Doc. 60.

⁸³⁸ APM: [PASTA 4627 Formiga - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 65.

⁸³⁹ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 27.

Logo, durante o mês de novembro a AIB estabeleceu que não seria afetada pelo regime e esforçou-se por transmitir uma sensação de normalidade. Por conseguinte, núcleos e integralistas de Minas reforçavam que as atividades continuavam e continuariam a ser realizadas normalmente. Após o golpe de novembro *Chefes Municipais e Governadores de Região* esforçaram-se por transmitir uma sensação de normalidade mesmo nas correspondências que trocavam entre si. Nesses documentos reproduziam o discurso segundo o qual reinava grande entusiasmo pelo sigma nas localidades pelas quais eram responsáveis. Asseguravam que o integralismo se impunha entre a população, conquistando dia a dia mais adeptos.

Durante todo o mês de novembro de 1937 integralistas em Minas continuaram a peticionar a reabertura de seus núcleos. Nesse período o DOPS-MG continuou a solicitar explicações às delegacias que fechavam núcleos ou proibiam as reuniões que esses realizavam. Efetivamente, aquele órgão de segurança posicionou-se a favor da reabertura de núcleos e do direito integralista à reunião até o decreto que extinguiria todos os partidos políticos. A situação do núcleo de Passa Quatro, fechado desde princípios de outubro de 1937, ilustra esses argumentos.

O aludido fechamento ocorreu durante uma reunião promovida no terceiro dia daquele mês de outubro. Na ocasião todos os presentes foram revistados. Em meados do referido mês o *Governador da 15ª Região*, através de ofício⁸⁴⁰ ao delegado Alencar Alexandrino, expôs o caso e solicitou providências. O autor do ofício recorreu aos mesmos argumentos tão utilizados pela retórica integralista. Logo, observou o caráter de partido político da AIB, advogou que essa organização e seus militantes respeitavam as autoridades constituídas e que os verdadeiros inimigos do regime eram os comunistas. Mais ainda, postulou que o Estado de Guerra havia sido decretado para combater os vermelhos e não o integralismo. Por fim, indagou o delegado se o núcleo devia permanecer fechado ou, se fosse concedida a permissão de reabertura, se essa autoridade garantiria a segurança dos integralistas. A resposta do delegado Alencar Alexandrino foi redigida nos seguintes termos:

Unicamente por deferência mui especial á pessoa de V. Excia. vou dar resposta ao seu officio de hontem datado;-

A providencia que a 5a. Delegacia Auxiliar foi obrigada a pôr em execução nesta cidade, ás 14 horas do dia 3 do corrente mês (domingo), representa apenas uma medida de ordem publica, que procurou acautelar o alto e sagrado interesse da DEFEZA NACIONAL.

⁸⁴⁰ APM: [PASTA 4819 Passa Quatro - integralismo set. 1936 - mar. 1943](#). Docs. 64 e 65.

Teve ella, ainda, por escopo, assegurar a tranquillidade publica na cidade, aplacando dest'arte o alarme que sacudia a população ordeira e pacata de Passa Quatro, á vista das actividades subversivas e provocadoras que aqui desenvolvem os inimigos do nosso REGIMEM.

Confiante, portanto, nos melhores sentimentos de patriotismo de V. Excia. fico tranquillo, certo de que jamais terei necessidade de assumir a attitude que, naquella data, me vi contingencia de tomar por intermedio do investigador (...).⁸⁴¹

O delegado Alexandrino não só classificou a AIB e seus militantes como uma ameaça à ordem como sequer se dignou a citar essa organização e aqueles que a integravam. Consequentemente, o núcleo de Passa Quatro permaneceu fechado. No dia primeiro de novembro os integralistas recorreram ao DOPS-MG. Essa instituição, quatro dias depois, enviou uma mensagem à delegacia daquele município. Mais uma vez o DOPS-MG deixou claro que a propaganda política de organizações reconhecidas por lei deveria ser permitida em recinto fechado desde que não atentasse contra a ordem. O núcleo, porém, continuou fechado.

Em razão disto, a AIB enviou no dia 17 de novembro de 1937 outra mensagem ao DOPS-MG. Esse órgão, por sua vez, inquiriu a delegacia de Passa Quatro sobre as razões do fechamento do núcleo local. Essa limitou-se a responder, no dia vinte de novembro, que não havia fechado o núcleo da referida cidade.

Por fim, devido à substituição do delegado Alencar Alexandrino, houve permissão para a reabertura do núcleo de Passa Quatro. O *Governador da 15ª Região* chegou a convocar uma concentração integralista em Passa Quatro para a reabertura do núcleo dessa cidade. No entanto, antes da reinauguração, prevista para o dia 28 de novembro, enviou o seguinte telegrama ao governador de Minas Gerais:

Ao assumir delegacia polícia desta cidade (...) permitiui reabertura núcleo integralista iniciando sua serena atuação com êsse ato de justiça. Entretanto, tendo sido subitamente chamado Belo-Horizonte suspendemos reabertura nucleo e concentração marcada para próximo domingo por falta garantias. Certo de que V. Exa. Solidário com Exmo. Sr. Presidente República que nos cerca todo apoio corresponderá aos anseios dos seiscentos camisas verdes de Passa – Quatro que confiam no vosso elevado critério, digo, espirito de Justiça. Apresento minhas respeitosas saudações.⁸⁴²

O suposto apoio de Vargas ao integralismo, tão recorrentemente alardeado pelos integralistas antes do golpe de novembro, é um dos elementos constantes no trecho supracitado. No dia 27 daquele mês o *Governador da 15ª Região* anunciou que o presidente estava ao lado do sigma. O aludido militante esteve longe de ser o único expoente dessa convicção após o advento do Estado Novo.

⁸⁴¹ APM: [PASTA 4819 Passa Quatro - integralismo set. 1936 - mar. 1943](#). Doc. 66.

⁸⁴² APM: [PASTA 4819 Passa Quatro - integralismo set. 1936 - mar. 1943](#). Doc. 53.

Aqueles núcleos que estavam abertos permaneceram realizando suas solenidades e reuniões entre o golpe de novembro de 1937 e o decreto federal que extinguiria todos os partidos. Em Pouso Alegre os camisas-verdes participaram no dia 27 de novembro de uma missa e de uma solenidade em homenagem àqueles militares que pereceram durante a Intentona Comunista. Participaram do segundo evento o prefeito de Pouso Alegre, militares, membros do clero e do Judiciário local. Em Santa Rita do Sapucaí os camisas-verdes realizaram no dia 28 de novembro:

(...) imponentes solenidades comemorativas do 3.º aniversário de instalação do Nucleo integralista daquela cidade.

Além de cerimônias religiosas, aquele Nucleo fez realizar, durante o dia, um magestoso desfile, em que tomaram parte cerca de 1.000 camisas-verdes, e, á noite, uma belíssima sessão no Cine Teatro, com a presença de representantes dos Nucleos visinhos.

O povo de Santa Rita acompanhou com vivo entusiasmo as comemorações integralistas.⁸⁴³

O núcleo de Diamantina foi mais outro em que os integralistas continuaram com suas atividades após o golpe do Estado Novo. O *Procurador Provincial* do sigma em Minas indagou esse núcleo sobre quais proibições esse vinha sofrendo. No dia trinta de novembro o núcleo de Diamantina através de carta⁸⁴⁴ informou que as atividades continuavam a ser realizadas normalmente. O único embaraço encontrado foi em relação ao hasteamento da bandeira do sigma. No entanto, os integralistas explicaram às autoridades diamantinenses que não se tratava da bandeira de Minas Gerais. Na avaliação desses militantes esse símbolo foi acertadamente queimado pelo governo central.

Portanto, o Estado Novo foi concebido pelos integralistas como a ruína do federalismo. O regime inaugurado por Vargas em 1937 também foi recebido com euforia pelos camisas-verdes, pois significava para esses o fim do regime liberal-democrático. Além disso, muitos integralistas acreditavam que o presidente estava ao lado do integralismo. Getúlio Vargas por sua vez não proferiu nenhuma declaração pública desmentindo os camisas-verdes.

Não por acaso, muitos desses militantes acreditaram que o tão aguardado triunfo da AIB havia chegado. Não somente acreditaram, como alardearam essa percepção. Este fenômeno foi registrado em Barbacena no dia 19 de novembro durante uma reunião promovida pelo núcleo local. Na delegacia dessa cidade testemunhas que estavam presentes naquela sessão afiançaram que o *Chefe Municipal*:

⁸⁴³ A Razão, 02/12/1937, num. 84, p. I.

⁸⁴⁴ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942. Doc. 254.](#)

(...) declarára ser o sr. Benedicto Valladares, um advogado sem compostura, sendo ambos – o Governador de Minas e o exmº sr. Getulio Vargas adeptos do Sigma.

Declararam mais que o dr. (...) disséra estar por poucos dias para a bandeira integralista flamejar nos edifícios publicos, pois a nova Carta é medida provisoria e 90% das forças armadas são integralistas, e estão, incondicionalmente, aliadas aos dous estadistas acima referidos.⁸⁴⁵

No dia 23 de novembro de 1937 o delegado de Barbacena enviou um ofício à Secretária de Educação do estado. Nesse documento indagou como deveria proceder em relação a uma professora do grupo escolar local que defendia o sigma em sua atividade docente. Aquela autoridade policial assegurou que naquele dia 23 de novembro a professora em questão “(...) pregava a seus alunos a doutrina do Sigma, dizendo que dentro de oito a vinte dias, a bandeira integralista flutuaria em todas as Prefeituras municipais.”⁸⁴⁶ Percepções semelhantes a essa não foram incomuns. Ainda em fins de novembro de 1937 o delegado de Ituiutaba enviou uma carta ao DOPS-MG na qual observa que:

Publicada a nova Constituição, começaram os integralistas a espalhar que a victoria foi toda deles; que dentro em pouco o Integralismo se apoderará do poder; que o Sr. Presidente da Republica está apenas contemporizando, para não provocar o choque da opinião publica e quejandos (...).⁸⁴⁷

Inicialmente, houve integralistas em Minas que expressaram confusão no que concerne ao significado do Estado Novo para o sigma. Mas, logo se tornaram dominantes os sentimentos de euforia e otimismo com o advento daquele regime. O discurso veiculado pelo governo federal advogando que a ruptura era necessária para conter uma ameaça vermelha convenceu muitos adeptos da AIB.

Portanto, o olhar retrospectivo deve ser evitado quando se identificam as reações integralistas ao advento do Estado Novo. No calor do momento não era simples imaginar que os integralistas seriam alvos do novo regime. Longe de anteverem que seriam afetados pela nova ordem, aqueles militantes foram instados a acreditar que após o golpe a AIB alcançara o ápice de seu prestígio.

Devido a essa convicção, integralistas de Minas e de outras regiões do Brasil reclamaram ao presidente, entre o golpe de novembro e a extinção da AIB, que ainda estavam sendo alvos de arbitrariedades. Os camisas-verdes alegavam que os serviços que haviam

⁸⁴⁵ APM: [PASTA 4504 Barbacena - integralismo set. 1934 - ago. 1939](#). Doc. 41.

⁸⁴⁶ APM: [PASTA 4504 Barbacena - integralismo set. 1934 - ago. 1939](#). Doc. 09.

⁸⁴⁷ APM: [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#). Doc. 20.

prestado em defesa da ordem e o apoio dado ao novo regime não estavam sendo reconhecidos. Aqueles militantes asseguravam que atacar a AIB era um desrespeito ao presidente, uma vez que esse prestigiava o sigma.

Desta forma, além de reconhecimento público os integralistas almejavam um lugar privilegiado no Estado Novo. Conseqüentemente, esperavam que os excessos de que se diziam vítimas cessassem imediatamente em todo o país. Comunicado pelos integralistas sobre esses casos o presidente assumia uma postura dúbia. Vargas prometia que os abusos iriam cessar ou que iria comunicar os fatos a seu ministro da Justiça. Contudo, o presidente não adotava qualquer medida a fim de interromper as ações contra o integralismo. O presidente agia desta forma desde muito antes do golpe de novembro de 1937. Mas, ao longo desse mês Vargas sinalizava que os integralistas não constituíam um alvo do novo regime.

Neste sentido, ainda em novembro de 1937 era difícil para a AIB constatar que o apoio ao golpe havia sido um equívoco. Em Minas não houve repressão sistemática ao integralismo entre o golpe do Estado Novo e o decreto que extinguiu todas as legendas políticas. Neste período o cerceamento à AIB continuou a cargo deste ou daquele delegado. Logo, durante esse interregno a situação do integralismo em Minas permaneceu inalterada.

Durante sua existência legal a AIB revelou que em todo o país os maiores responsáveis por cerceá-la foram alguns governadores, delegados e lideranças políticas locais. Todavia, a AIB não postulou que teve seus direitos cerceados ou foi alvo de violências a mando do governo federal⁸⁴⁸. Pelo contrário, aquela organização divulgava que o presidente reconheceu que os integralistas haviam auxiliado-o na manutenção da ordem. Portanto, fosse ou não por estratégia, a AIB demonstrou que não receava o governo federal entre 1932 a 1937. Ao longo de novembro de 1937 no estado de Minas aquela organização não foi alvo de ataques diretos por parte do governo federal, por conseguinte a militância integralista não possuía motivos para antever quão prejudicada seria.

Contudo, no dia dois de dezembro Getúlio Vargas assinou o decreto-lei número 37. Com essa medida o presidente dissolveu todas as legendas políticas, o que incluía a organização comandada por Plínio Salgado. Um jornal do município de Conselheiro Lafaiete ao noticiar o referido decreto-lei ironizou a sorte dos camisas-verdes ao postular que: “assim encerrou-se a carreira do integralismo que se supunha de ‘vento em popa’.”⁸⁴⁹

⁸⁴⁸ A título de exceção, a AIB viu-se obrigada a extinguir a *Milícia Integralista* em virtude de lei federal. Mas, em Minas a AIB não atacava aberta e constantemente o governo federal devido ao fim de seu órgão paramilitar.

⁸⁴⁹ *Jornal de Lafayette*, 04/12/1937, num. 12, p. I.

No entanto, Gonçalves (2018) apurou que o *Chefe Nacional* tinha conhecimento de que Getúlio Vargas iria decretar o fechamento de todos os partidos políticos. Esperançoso de que iria ocupar o Ministério da Educação, Plínio Salgado mais uma vez apoiou as manobras do presidente da República (GONÇALVES, 2018). Neste sentido, o líder da AIB não proferiu nenhuma declaração condenando o governo federal desde o golpe do Estado Novo até o fim de dezembro de 1937.

Em Minas os núcleos do sigma começaram a ser fechados logo no segundo dia daquele mês de dezembro. Contudo, em algumas localidades as deficiências nas comunicações atrasaram esse processo. Conseqüentemente, em Minas houve núcleos fechados um, dois ou três dias após a ordem de dissolução de todos os partidos políticos. Esta pesquisa não identificou casos de resistência em Minas ao fechamento de núcleos. As mensagens enviadas por delegados ao DOPS-MG atestavam que esses fechamentos ocorriam sem incidentes. Mas não havia ordem superior determinando qualquer reação àqueles fechamentos. Nesse processo os núcleos eram interditados por membros das delegacias locais na presença de representantes do sigma.

Porém, inicialmente a situação da AIB após o decreto de fechamento de todas as legendas políticas não estava clara nem mesmo para algumas autoridades policiais em Minas. Dois dias após aquela medida o delegado de Teófilo Otoni enviou um telegrama ao DOPS-MG. Nesse documento inquiriu se seria ‘permitido entre os Integralistas o gesto de levantar o braço e dizer “anuê” peço resposta urgente.’⁸⁵⁰

Dois dias após o fechamento da AIB o delegado de Diamantina enviou um telegrama ao Chefe de Polícia perguntando-o se a camisa-verde poderia ser utilizada desde que não contivesse símbolos integralistas. A resposta⁸⁵¹ emitida pelo DOPS-MG informou que o uso daquela indumentária estava proibido.

Nos primeiros dias após o fechamento dos núcleos essa medida foi encarada por muitos camisas-verdes como mais um ataque à AIB. O fechamento e reabertura de núcleos em Minas Gerais era um fenômeno corriqueiro. Ademais, os governadores da Bahia e de Santa Catarina já haviam determinado o fechamento de todos os núcleos desses estados. Entretanto, a AIB não havia deixado de existir. Mais ainda, pois essa organização garantia que havia crescido numérica e moralmente após a reabertura de seus núcleos naqueles dois estados. Por conseguinte, alguns dias após a dissolução de todos os partidos políticos, o que incluía a AIB,

⁸⁵⁰ APM: [PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#). Doc. 130.

⁸⁵¹ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 251.

houve aqueles que acreditaram que essa organização permaneceria existindo. Exemplo desse fenômeno pode ser visualizado no município de Ponte Nova.

Quando do fechamento de todas as legendas partidárias o *Chefe Municipal* daquela cidade enviou um ofício ao delegado local. Nesse documento reforçou o discurso em que os integralistas eram fieis observadores das leis e ordens. Nas palavras daquele integralista a determinação de fechar o núcleo de Ponte Nova foi “acatada com a máxima presteza, como sempre acatamos todas as ordens de qualquer autoridade constituída, do Paiz.”⁸⁵²

Mas, aquele integralista também enviou ao delegado um “relatorio exáto de todos os bens, papeis e arquivo, pertencentes a extinta A.I.B.” O envio desse relatório denota que o *Chefe Municipal* de Ponte Nova esperava reaver os bens e arquivos do núcleo que comandava. Por extensão, acreditava que o fechamento seria temporário. Desta forma, naquele momento o aludido militante não percebia que o integralismo era um dos alvos do Estado Novo.

Percepção semelhante pode ser verificada através de uma atitude do *Chefe Municipal* de Rio Casca. No dia cinco de dezembro de 1937 esse camisa-verde deliberou pela manutenção da cobrança de mensalidades aos adeptos do núcleo que comandava. O objetivo alegado era manter a “Assistencia Social para Remedio aos pobres.”⁸⁵³

Pelo menos até a primeira quinzena de dezembro de 1937 muitos camisas-verdes em Minas acreditaram que o fechamento da AIB seria temporário. Por conseguinte, acreditaram que essa organização ressurgiria em breve. Logo, durante aquele período o fato de que muitos integralistas acreditaram que a AIB não desapareceria significa que eles não perceberam que essa organização era um dos alvos do novo regime. Essas percepções ajudam a explicar porque muitos camisas-verdes aplaudiram a manobra de fechamento de todas as agremiações partidárias.

Naturalmente, houve camisas-verdes que revelaram percepções distintas no que tange ao golpe do Estado Novo e à dissolução dos partidos políticos. Esse fenômeno se verifica em Barbacena, onde militantes locais externavam confiança no futuro até fins de novembro de 1937. Entretanto, dias após a extinção da AIB optaram por doar a uma instituição de caridade local o mobiliário do núcleo e uma quantia que esse dispunha em caixa. É importante ressaltar que aquela instituição procurou os responsáveis pelo núcleo de Barbacena a fim de obter por empréstimo aqueles móveis. Contudo, os ex-integralistas já consideravam extinto o movimento.

⁸⁵² APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 306.

⁸⁵³ APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 39.

O *Chefe Distrital* de Campo Místico postulou que havia entendido a ascensão do Estado Novo não como a vitória da AIB, mas dos valores defendidos por essa organização. No dia treze de dezembro de 1937 o referido militante escreveu uma carta ao *Chefe Municipal* de Ouro Fino na qual ponderou:

Chefe, no meu modo de pensar e segundo artigos da nova Constituição, estão realizados os nossos desejos, pois a causa que defendemos é vitoriosa e o sangue de nossos Martyres não foi derramado em vão, nossa missão está cumprida como disse Assis Chateaubriand num de seus artigos escriptos no Diario de S. Paulo a 5 de Dezembro, sob o título: “Alegria do dever cumprido.” Se a acção Integralista não fosse vitoriosa, esse homem, ainda ha pouco nosso adversario, não ousaria dessa atitude.

Chefe! Diga o povo o que quizer, até mesmo que morreu a A.I.B. eu jamais deixarei dessa ideia, dessa doutrina porque é imortal e já criou raízes em nossos corações. Só morrerá conosco quando tambem baixarmos á sepultura.

Pelo Brasil já desperto,
Anauê!⁸⁵⁴

O *Chefe Distrital* de Campo Místico externou as convicções supracitadas após a extinção da AIB. Depreende-se que esse integralista havia compreendido que era o fim dessa organização. Uma vez resignado, o militante tentou consolar a si mesmo. Por conseguinte, divisou no Estado Novo a ascensão de propostas e valores integralistas. Portanto, no seu entendimento o sigma estava vitorioso. Essa conduta foi comum a outros militantes ainda na primeira quinzena de dezembro de 1937. Logo, nesse período outros camisas-verdes resignaram-se ao Estado Novo e enxergaram nesse regime a vitória de algumas propostas integralistas.

É necessário reiterar, porém, que em Minas boa parte dos adeptos da AIB não se deu conta de que o fim era iminente após o decreto que extinguiu todos os partidos. Essa percepção se manteve ainda em dezembro mesmo após o início da repressão àqueles que trajaram a camisa-verde. Em algumas localidades de Minas essa repressão teve início logo após o fechamento dos núcleos do sigma. O município de Areado, cujo prefeito era integralista, registrou esse fenômeno.

Seis dias após o decreto de fechamento dos partidos o prefeito daquela cidade enviou uma carta ao Chefe de Polícia de Minas. Nessa missiva protestou contra a atitude da delegacia local. Segundo aquele militante soldados compareceram a sua residência e exigiram que ele retirasse de uma parede um diploma que havia recebido do *Chefe Nacional* e um retrato dessa figura.

⁸⁵⁴ APM: [PASTA 4799 Ouro Preto - integralismo nov. 1936 - jun. 1940](#). Doc. 95.

Neste sentido, o processo de eliminação dos símbolos integralistas teve início em dezembro de 1937. A partir de então quaisquer objetos alusivos ao sigma deveriam ser destruídos, apreendidos ou retirados de exposição. Cartazes, inscrições ou símbolos que remetessem ao integralismo deveriam ser apagados ou removidos de praças, vias públicas e fachadas de prédios e residências. Essa regra aplicava-se àqueles livros, jornais, objetos, inscrições e símbolos que estivessem no interior de residências. Contudo, os ânimos de cada delegado local pautaram a apreensão e destruição dos símbolos e objetos integralistas, em vias públicas ou no interior de residências.

As denúncias contra aqueles que trajaram a camisa-verde não cessaram após a extinção da AIB em dezembro de 1937. Pelo contrário, ainda nesse mês denúncias começaram a informar que este ou aquele ex-militante havia assegurado que não era o fim da AIB. Outras denúncias postulavam que ex-adeptos dessa organização haviam afirmado que o integralismo não podia ser extinto porque era uma ideia. Houve aquelas denúncias que relatavam que um militante havia criticado em público o novo regime. Outras asseguravam que antigos camisas-verdes continuavam a se cumprimentar com os anauês em público ou ainda se reuniam para debater o integralismo. Houve aqueles denunciante que asseguravam que ex-integralistas conspiravam contra o novo regime. Por fim, houve aquelas denúncias que alegavam que os membros deste ou daquele núcleo possuíam armas ou as receberiam em breve.

No dia cinco de dezembro um cidadão de Matozinhos, então distrito de Pedro Leopoldo na região Central, enviou uma carta ao governador de Minas parabenizando-o pela extinção da AIB. Nessa missiva aquele cidadão garantiu que o sigma havia se revelado mais perigoso do que o comunismo. Aquele denunciante acreditava que se os núcleos integralistas fossem abertos seriam “(...) encontrados armamentos em abundancia pois elles pretendiam dar o golpe no País inteiro em um dia; segundo corre em todos os nucleo eles tem armamento.”⁸⁵⁵

No dia 14 de dezembro agentes do DOPS-MG realizaram investigações em Matozinhos. Em relação ao boato de que os camisas-verdes dessa localidade possuíam armas concluíram que “(...) tal allusão foi feita pelo, integralista (...) que, ouvido á respeito declarou haver dito aquillo para intimidar os seus inimigos, pois, temia um assalto dos mesmos á séde do seu partido.”⁸⁵⁶

Muitos denunciante sustentavam que os adeptos da extinta AIB eram uma ameaça à ordem. Certamente houve acusadores que nutriram sincera convicção nesse postulado. Mas,

⁸⁵⁵ APM: [PASTA 4838 Pedro Leopoldo - integralismo nov. 1936 - dez. 1938](#). Doc. 12.

⁸⁵⁶ APM: [PASTA 4838 Pedro Leopoldo - integralismo nov. 1936 - dez. 1938](#). Doc. 28.

não há dúvida de que algumas denúncias mesclavam sinceridade e aversão ao sigma a motivações pessoais. É certo que houve denunciante que acalentavam o desejo de serem vistos pelos governos municipais e estadual como dignos de favores e cargos públicos. Esta pesquisa encontrou um registro em que um denunciante abertamente pleiteou a função de delegado municipal.

Todavia, muitas denúncias relativas à primeira quinzena de dezembro de 1937 correspondiam à realidade. Nesse período muitos ex-integralistas ainda se cumprimentavam em público com os anuês protocolares. Nesse período muitos daqueles que pertenceram à AIB ainda acreditavam que o fechamento dessa seria temporário. Por outro lado, mesmo aqueles que começavam a se resignar à nova ordem ainda acalentavam esperanças em um ressurgimento da AIB.

Os discursos integralistas ajudam a explicar a dificuldade de muitos camisas-verdes em antever ou aceitar o fim daquela organização. Essa advogava que nada seria capaz de impedir sua marcha. *A Razão* estabeleceu que seriam infrutíferos todos os ataques, calúnias e tentativas de desprestigiar e tornar o integralismo suspeito. Segundo aquele jornal essa era a missão dos inimigos do sigma. “Enquanto isso, a caravana irá passando... Nada a impedirá de atravessar o deserto para o ingresso solene na Canaan dos seus futuros destinos.”⁸⁵⁷

Esses discursos ainda postulavam que a AIB crescia na mesma medida em que era combatida. Os militantes dessa organização eram instados a crer com fervor na vitória do sigma. Os militantes deviam acreditar que esta vitória era inevitável, ainda que não se concretizasse em um, dois, três ou quatro anos. Além disso, os camisas-verdes deviam crer que o integralismo enquanto ideia não desapareceria.

É preciso considerar também que a dissolução de todas as legendas políticas foi entendida pela AIB enquanto uma vitória. Por esse motivo foi comum adeptos do sigma ironizarem a extinção de todos os partidos. Desde seus primórdios a AIB atacava o pluripartidarismo. Essa organização preconizava que forçosamente havia se adequado ao formato de partido político. Entretanto, a AIB se concebia como algo muito maior do que um partido. Ademais, já no início do Estado Novo o *Chefe Nacional* afirmava que havia eliminado a feição política, o caráter de partido político do sigma. Consequentemente, mesmo após a dissolução de todas as legendas políticas, inclusive da própria AIB, essa organização acreditava não ter motivos para recear a nova ordem.

⁸⁵⁷ *A Razão*, 15/04/1937, num. 52, p. III.

Mesmo alguns daqueles camisas-verdes cuja militância era mais intensa e que aguardavam a ascensão da AIB ao governo não se desiludiram com o Estado Novo em razão do decreto que extinguiu todas as legendas políticas. Longe disto, pois, o fim de todos os partidos era uma das demandas centrais da AIB. Inicialmente aquele grupo ficou desorientado com os ataques à organização em que militava. Porém, acreditou que esses ataques seriam temporários. Sobretudo, imaginou que esses ataques eram coordenados pelos governos estaduais e não pelo governo federal. Logo, até meados de dezembro de 1937 esperança e desorientação marcaram o comportamento daquele grupo que almejava para o sigma um lugar de destaque no seio do Estado Novo.

Em Minas o dia vinte de dezembro de 1937 é uma das balizas que marcam a desilusão dos camisas-verdes frente ao novo regime. Nesse dia as delegacias de Minas receberam a ordem de apreender os arquivos e materiais de propaganda dos núcleos. É claro, alguns militantes haviam retirado parcial ou completamente aqueles arquivos de seus núcleos antes que esses fossem fechados. Outros militantes procederam à destruição dos arquivos antes que os núcleos a que pertenciam esses fossem interditados. Por fim, havia aqueles documentos mais sensíveis que não eram guardados no interior dos núcleos. Porém, a ordem de apreensão dos arquivos de todos os núcleos do estado sinalizava que desta vez a repressão ao sigma não era adstrita a esta ou àquela localidade mineira.

O decreto⁸⁵⁸ presidencial 2229 de 30 de dezembro de 1937 é mais um dos marcos da desilusão daquele grupo mais militante frente ao novo regime. Na prática esse decreto impedia qualquer atividade em nome do sigma. O referido decreto facultava às legendas extintas se reapresentarem à sociedade como organizações de caráter estritamente cultural, beneficente ou desportivo. Porém, assinalava ainda que não registraria as organizações que tivessem militares como associados. Além disso, não registraria aquelas que pretendessem conservar a mesma denominação que tinham quando eram partidos políticos. Por fim, o decreto estabeleceu que seriam cancelados os registros daquelas sociedades cujas reuniões se voltassem à propaganda de ideias políticas. Logo, o decreto 2229 deixou pouca margem à dúvida. Mais do que a AIB, o integralismo estava na mira do Estado Novo.

Entretanto, valendo-se do decreto em questão, Plínio Salgado tentou converter a AIB na Associação Brasileira de Cultura (ABC). No início de janeiro de 1938 esse intelectual chegou a declarar que em breve a nova organização abriria suas portas e daria continuidade ao trabalho

⁸⁵⁸ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-2229-30-dezembro-1937-346527-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23/04/2020.

da AIB. Naturalmente, essa declaração animou alguns ex-integralistas em Minas que ansiavam pelo retorno à militância.

Todavia, a ABC já nasceu fragilizada, pois legalmente não podia contar com os uniformes, cumprimentos, estatutos, hierarquias e rituais concebidos pela AIB. Ademais, as leis impediam os membros da nova organização de se reunirem para debater ideias políticas. Logo, deveriam se limitar à atuação estritamente desportiva, beneficente e/ou cultural.

No estado de Minas a ABC restringiu-se a poucos e vagos planejamentos de abertura de sedes. Em janeiro de 1938 aqueles que desejavam se comprometer com a nova organização se viram desorientados, pois as ordens para se reorganizarem não chegavam. Paralelamente, as tentativas de se reorganizarem atraíam a atenção das delegacias locais. Efetivamente, a ABC foi um natimorto.

Já em dezembro de 1937 muitos daqueles que militaram pela AIB se afastaram de qualquer atividade que os remetesse a esta organização. A partir de 1938 tornou-se cada vez mais comum ex-militantes externarem em rodas de conversa que estavam satisfeitos com o Estado Novo e já não tinham qualquer ligação com o sigma. É certo que nem todas as declarações eram sinceras. Além disso, eventualmente algum ex-militante admitia em público que ainda acreditava nos ideais integralistas. Não obstante, reforçava que havia se afastado de qualquer tipo de militância. Ainda no mês inicial de 1938 aqueles ex-militantes que declaravam acreditar no ressurgimento da AIB logo eram chamados a se explicar nas delegacias.

Além disso, fatos ocorridos no Rio de Janeiro refletiram em Minas, inspirando cautela naqueles que trajaram a camisa-verde. Segundo Menandro (2010) em janeiro e fevereiro de 1938 foram descobertos no estado do Rio de Janeiro depósitos de armas e munições ligados à AIB. Em um desses havia uma lista com mais de trezentos nomes considerados inimigos daquela organização (MENANDRO, 2010).

Os eventos ocorridos no Rio de Janeiro e o fato de que em Minas as declarações favoráveis ao sigma e contrárias ao governo geravam incômodo em setores policiais eram observados por outros ex-membros da AIB. Esses, por sua vez, se acautelavam. Demonstrar afastamento do integralismo tornava-se necessário porque também nos primeiros meses de 1938 até membros da Força Pública e do Corpo de Bombeiros de Minas foram detidos por haverem ingressado na AIB. Desta forma, a partir de janeiro daquele ano evitar referências ao sigma tornou-se uma estratégia de ex-militantes para não serem incomodados pelas delegacias locais. Outros iam além e manifestavam em público distância da antiga AIB e contentamento em relação ao novo regime.

Apesar disto, quando aqueles que aderiram ao sigma eram vistos conversando em via pública, logo se cogitava que estavam tramando algo. Quando esses faziam visitas uns aos outros, também se cogitava que estavam tramando. Como resultado, aqueles que trajaram a camisa-verde eram chamados às delegacias locais a fim de prestar esclarecimentos. Nessas ocasiões esses antigos militantes reiteravam que haviam parado de militar pela AIB no dia em que essa organização foi extinta. Estabeleciam ainda que estavam plenamente satisfeitos com o Estado Novo.

A partir de janeiro de 1938 a percepção de que a AIB não ressurgiria começou a se tornar dominante. Ao mesmo tempo uma reação tornava-se cada vez mais inviável. Muitos daqueles que trajaram a camisa-verde se resignaram ao Estado Novo. Houve até aqueles que realmente se contentaram com esse regime, uma vez que enxergaram nesse a concretização de muitos dos anseios integralistas. Acima de tudo, a maior parte daqueles que vestiram a camisa-verde não desejava conspirar ou se comprometer com nenhum movimento armado. Em muitos casos, não se tratava de pacifismo, zelo pela ordem e aversão à ruptura institucional, mas sim de percepção da evidente fragilidade do sigma. Essa percepção contribuía para o desengajamento de seus antigos membros.

Finalmente, após o dia 28 de janeiro passou a circular entre ex-integralistas em Minas a “CARTA DO CHEFE NACIONAL DA A.I.B. AO SNR. PRESIDENTE DA REPUBLICA”⁸⁵⁹ Nessa missiva Plínio Salgado veladamente solicitou permissão para que seus militantes utilizassem uniformes e outras exterioridades da extinta AIB. Aquele intelectual paulista estabeleceu que ele e seus comandados sempre agiriam por desinteresse. Mas, o tom predominante da carta é a frustração no que se refere às medidas do Estado Novo contra o integralismo. Efetivamente, aquele intelectual paulista revelou que sentia-se traído pelo regime em vigor. Consequentemente, deixou claro que não seria correto ingressar no governo. O antigo *Chefe Nacional* advogou que além de os integralistas jamais terem desejado o poder, não se misturariam a muitos de seus adversários que agora faziam parte do governo. Logo, esclareceu que declinaria do convite feito pelo presidente da República para assumir o Ministério da Educação.

Gonçalves (2018) ao analisar o diário de Getúlio Vargas identificou que Plínio Salgado não assumiu aquela pasta ministerial por outras razões. Primeiramente esse historiador estabelece que o *Chefe Nacional* tinha ciência de que a AIB e os demais partidos seriam extintos. Mas, aquele intelectual paulista acreditava que esse fenômeno seria temporário e que

⁸⁵⁹ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Docs. 20 a 31.

iria ocupar o Ministério da Educação. Esse lhe fora prometido como recompensa por apoiar o golpe de novembro de 1937 e a dissolução dos partidos. No entanto, os relatos constantes no diário de Getúlio Vargas esclarecem que esse não concederia o poder ao líder do sigma. Logo, a carta escrita pelo *Chefe Nacional* no dia 28 de janeiro é uma constatação de que ele fora enganado. Mais ainda, é uma tentativa de apresentar-se como vítima. Embora tenha sustentado a versão de que não aceitaria o Ministério da Educação, Plínio Salgado ainda insistiu no dia 16 de fevereiro em ocupar essa pasta. O antigo *Chefe Nacional* enviou ao presidente exigências para assumir aquele ministério. Getúlio Vargas, porém, sequer dignou-se a ler as condições de Plínio Salgado (GONÇALVES, 2018).

Apesar das manobras e esperanças do antigo dirigente do sigma a carta enviada ao presidente em fins de janeiro foi mais um dos marcos da desmobilização integralista. Naquela missiva o antigo *Chefe Nacional* desilude-se mesmo sobre a criação da ABC. Aquela carta chegou a Minas Gerais onde circulou e foi reproduzida entre antigos camisas-verdes. Logo, contribuiu para desiludir aqueles que acalentavam esperanças de que o integralismo ressurgiria dentro da lei.

Mais uma vez eventos ocorridos no Rio de Janeiro contribuía para que os integralistas de Minas externassem distância em relação ao sigma. Segundo Menandro (2010) no dia 11 de março de 1937 houve a primeira tentativa integralista de golpe, mas era um alarme falso. Mesmo assim, grupos de conspiradores dirigiram-se a alguns pontos de ataque no Distrito Federal: edifício dos Correios e Telégrafos, usinas geradoras de eletricidade, a Escola Naval e a rádio Mayrink Veiga.

Ainda segundo Menandro (2010) a Escola Naval chegou a ser tomada por um grupo integralista, que inclusive, se apossou de várias armas dessa instituição. Mas o grupo recebeu um telefona informando que a ordem para a deflagração do levante era falsa. Enquanto aquela instituição militar era dominada, outro grupo de integralistas foi detido enquanto se preparava para tomar a rádio Mayrink Veiga. Outros grupos espalhados pela capital do país foram identificados pela polícia. Alguns conspiradores foram presos duas horas antes do início das primeiras movimentações. Foram presos muitos civis e militares, o que incluía oficiais da Marinha. Somente no Distrito Federal seiscentas pessoas foram detidas. Porém, quatrocentas foram soltas dias depois. Neste sentido, ainda em março as prisões começaram a ser relaxadas (MENANDRO, 2010).

Nesse mês *Gazeta de Tombos* publicou algumas matérias contrárias ao integralismo. Na primeira delas sustentou que os “verdadeiros patriotas”⁸⁶⁰ jamais precisaram vestir camisas para externar seu apoio ao Brasil e que esses estavam bastante satisfeitos com o Estado Novo. Em outra matéria o aludido jornal traçou uma comparação entre Plínio Salgado e Tiradentes. Contudo, postulou que essa analogia representava:

um crime de lesa Pátria, sem dúvida, por um lado do outro. Mas, na hora presente para melhor conhecer o Gigante da nossa existência histórica, è preciso medir o pigmeu. O crescimento secular daquele, portanto, no coração do povo brasileiro, resulta o achatamento do ultimo.

(...).

plínio – o safadinho, a figurinha mambembe de brasileiro vendido ao ouro nazi-facista – comquanto mais letrado que o apóstolo da nossa liberdade, prega descaradamente a escravidão para o povo do Brasil, querendo entrega-lo à sanha de estrangeiros insaciáveis e brutais. De que modo? Aliciando brasileiros – verdadeiros suicidas – de permeio com alienígenas indignos da nossa hospitalidade. E, com eles, mais os nacionais mesclados, isto é, os descendentes de raças e sub-raças.

plínio salgado, para o Brasil de hoje, è bem o émulo de joaquim silverio dos reis, para o mártir Tiradentes. (...).⁸⁶¹

Vale ressaltar que no excerto acima o nome do *Chefe Nacional* sequer foi grafado com iniciais maiúsculas. Embora tenha havido esforço integralista a fim de equiparar as imagens de Plínio Salgado e Tiradentes, o primeiro acabou sendo associado por um jornal àquele que traiu o inconfidente de Minas. Além disso, mais uma vez mais o líder da AIB foi acusado de ter ligações com os regimes nazifascistas europeus.

Em fins de março de 1938 *Monitor Mineiro* apontou que o crescimento do integralismo e do comunismo, especialmente no seio da juventude, devia-se ao descrédito em que teriam caído os demais partidos políticos. Esse fenômeno teria levado ao desencanto para com o regime e ao desprezo para com as instituições. Logo, integralismo e comunismo teriam, respectivamente, levado “de roldão” as pessoas para a “extrema direita” e para a “extrema esquerda”. Conforme *Monitor Mineiro*:

(...) aqueles que sentiam, ainda no fundo da alma, a chama do patriotismo, que tinham um apego sagrado à tradição, que cultuavam um Deus, que amavam a família, - acorreram para as fileiras do extremismo ardiloso, que explorava, cheio de maliciosa unção, como veio aurífero, inexgotável, essas nascentes eternas da força moral de um povo. Começaram, assim, a engrossar, assustadoramente, as cohortes do integralismo. A tal altitude subiu essa maré montante, açambarcadora, que os seus chefes chegaram à certeza, em dado momento, de ter vencido a batalha, de ser donos do poder e de haver agarrado com as mãos e envolvido, para sempre, em suas tramas, ao próprio Chefe da Nação.

⁸⁶⁰ *Gazeta de Tombos*, 19/03/1938, num. 225, p. I.

⁸⁶¹ *Gazeta de Tombos*, 26/03/1938, num. 226, p. I.

E aqueles outros, a quem as taras hereditarias, os transviamentos da educação, a receptividade sugestiva, inadvertida, o falso messianismo, o instinto destruidor, - haviam despido de todos os apanagios de convívio cristão e da civilização ocidental, - esses acorreram á sua vez, desaçaimados, para o comunismo.⁸⁶²

É conveniente frisar que no trecho acima *Monitor Mineiro*, embora tenha se oposto ao integralismo, enxergava virtudes sinceras naqueles que acorreram às fileiras verdes. Apesar disto, deixa claro que o pertencimento ao sigma havia sido um engano. No que tange ao comunismo, a história era bem diferente. Para *Monitor Mineiro* o comunista era uma pessoa essencialmente imoral.

Jornais de Minas e de outros estados aplaudiram o golpe de novembro de 1937 por entenderem que o novo regime acabaria com a instabilidade causada, sobretudo, por comunistas e integralistas. Analogamente, houve aqueles que elogiaram a extinção dos partidos políticos por entenderem que essa medida atingiria a AIB. Neste sentido, os ataques a essa organização não cessaram após o fim dessa em dezembro de 1937. Mais ainda, uma vez que a partir de então os camisas-verdes não podiam difundir as narrativas que lhes fossem favoráveis.

Após a extinção da AIB aqueles que a ela aderiram constataram que essa organização e suas exterioridades cada vez mais tornavam-se malvistas. A fim de evitarem maiores problemas aqueles antigos militantes resignavam-se ao silêncio. Portanto, à medida que o tempo passava uma reação contra a nova ordem de coisas tornava-se cada vez mais difícil. Os núcleos já não existiam e os movimentos daqueles que foram integralistas não passavam despercebidos. Os telegramas e cartas que esses enviavam ou recebiam despertavam suspeitas. As visitas de pessoas de outras cidades que aqueles ex-militantes recebiam também geravam suspeitas.

Neste sentido, as delegacias continuaram a manter sob vigilância aqueles que trajaram a camisa verde. Em abril de 1938 a delegacia de Ouro Fino deteve 21 ex-membros da AIB por suspeitar que esses exerciam algum tipo de militância. Mas, “alem da afirmativa de todos eles terem sido integralistas, nada mais se conclue do inquérito, onde prestaram declarações varios dos integralistas apresentados e outros muitos (...).”⁸⁶³ A maioria daqueles ex-militantes detidos subscreveu uma nota⁸⁶⁴ na qual declararam que já não eram integralistas desde a extinção da AIB em dezembro de 1937.

Simultâneas à vigilância praticada pelas delegacias locais estavam as denúncias sobre a existência de atividades integralistas. Algumas dessas denúncias partiram do município de

⁸⁶² *Monitor Mineiro*, 29/03/1938, num. 1305, p. I. Matéria idêntica foi reproduzida por *O Sol*, 10/04/1938, num. 592, p. I.

⁸⁶³ APM: [PASTA 4793 Ouro Fino - integralismo jun. 1935 - jun. 1943](#). Doc. 28.

⁸⁶⁴ APM: [PASTA 4793 Ouro Fino - integralismo jun. 1935 - jun. 1943](#). Doc. 36.

Virginópolis. Desde dezembro de 1937 um denunciante afiançava que ainda havia militância integralista naquela cidade. Após o recebimento de algumas acusações o DOPS-MG enviou no dia quatro de maio de 1938 um delegado àquela cidade. Embora tenha encerrado suas investigações após a deflagração do *Putsch Integralista*, aquele delegado afiançou que:

Ha, apenas ranço de integralismo, rastos da extincta aggremação, facto inevitavel que perdura em toda parte, como perduram vestígios dos demaes partidos extinctos.

As paradas, as passeatas, os comícios, a distribuição de folhetos, de boletins, o uso de uniformes, as reuniões em sédes próprias não mais se dão.

Ha, segundo deduzo dos depoimentos constantes dos autos, alguns encontros em casa do chefe do extincto partido, mais um consolo reciproco do que reuniões de partido, encontros que se pode dizer rasoaveis e cuja prohibição considero fóra de nossa alçada.

Como agir a policia pelo facto de membros de uma extincta aggremação se encontrarem e cujos encontros não demonstram intuito de burlar a lei?

Não é verdade que as associações trazem tambem nos seus associados laços de amisade e solidariedade?⁸⁶⁵

O cenário descrito acima ilustra a situação da AIB em Minas após sua extinção em dezembro de 1937. Esta pesquisa não encontrou registros de desfiles, distribuição de folhetos, comícios ou reabertura de núcleos após o fim daquela organização. Todavia, houve conspirações integralistas em Minas. Em diferentes momentos alguns ex-militantes percorreram cidades mineiras em busca de apoio a manobras que se iniciariam na capital da República. Mas, fossem por sinceras convicções pacifistas ou por mero pragmatismo, restavam cada vez menos ex-integralistas dispostos a participar de reações contra a nova ordem. O ataque ao Palácio Guanabara terminou por selar o destino da AIB.

Mas, além dessa manobra e da anterior aposta no golpe de novembro de 1937 aquela organização contribuiu para o seu próprio fim através, pelo menos, de um discurso. Além de dificultar uma leitura objetiva da realidade pelos militantes esse discurso contribuiu para suscitar ações adversas ao integralismo. O objetivo do tópico abaixo é examinar o referido discurso e suas implicações.

8.2 – Militantes do sigma: vítimas dos próprios discursos

O apoio ao golpe de 1937, ainda que restassem poucas alternativas à AIB, não tardou a se revelar um grosseiro erro de cálculo. Esse equívoco seria fundamental para o fim daquela organização. Contudo, houve um discurso que contribuiu para o aumento da repressão contra o

⁸⁶⁵ APM: [PASTA 5003 Virginópolis - integralismo maio 1937 - nov. 1942](#). Doc. 08.

sigma e sua posterior extinção. Trata-se do alarde feito pelos integralistas sobre o crescimento da AIB e a consequente certeza na vitória desta organização.

Um otimismo desmedido estava associado àquele discurso sobre o crescimento e a certeza na vitória do sigma. Uma característica marcante desse otimismo eram as profissões de fé na vitória final da AIB. Reforçar que o sigma seria vitorioso era um imperativo para os camisas-verdes. Em telegrama ao núcleo de Pouso Alegre, o *Chefe Provincial* de Minas Gerais reiterou: “Trabalhai incessantemente! E’ certo que venceremos, ou melhor, já vencemos!”⁸⁶⁶ Aludindo à fundação de uma *Escola Integralista* em Silvianópolis um militante postulou que “o Integralismo, entre varios outros problemas nacionaes que terá que resolver, quando fôr governo, resolveu desde já diminuir um pouco, o coeficiente vergonhoso do analfabetismo no Brasil.”⁸⁶⁷

Os camisas-verdes anunciavam que o sigma estava mais próximo da vitória a cada dia transcorrido. Naturalmente, reconheciam que em algumas localidades a “semente integralista” demorava a germinar. Contudo, uma vez germinada afirmavam que nessas localidades o crescimento do integralismo era constante. Logo, frequentemente a AIB exagerava seu próprio crescimento.

Em junho de 1934 *A Offensiva* advogou que as ideias integralistas eram amplamente discutidas e aceitas nos ambientes universitários mineiros. Segundo esse jornal, o nome de Plínio Salgado era corrente nas faculdades e seus postulados se difundiam onde quer que houvesse “(...) um estudante. Todos os centros literarios, todas as agremiações culturaes fervilham de camisas verdes, que não perdem a ocasião em trazer á baila a Doutrina Integralista.”⁸⁶⁸ Em julho daquele ano de 1934 foi a vez de *Anauê!* proclamar que o integralismo crescia na capital mineira. Segundo o referido periódico:

O movimento integralista na Província – Toda a Capital mineira sente e acompanha a projecção luminosa do grande movimento de idéas que deslumbra, em todos os quadrantes, a terra brasileira. A magnifica Doutrina, única esperança da Patria, rompe impetuosamente as muralhas do scepticismo e da descrença nacionaes. Como demonstração viva da fé desta população, basta lembrar as concorridíssimas sessões do Nucleo Central, onde tem vibrado, em uma explosão de verdadeiro civismo, o eterno espírito da Raça. Augmentam as inscripções de novos adeptos. Fundam-se sub-nucleos. Promovem-se comícios e conferencias. E o integralismo avança.⁸⁶⁹

⁸⁶⁶ *A Razão*, 19/11/1936, num. 31, p. III.

⁸⁶⁷ *A Offensiva*, 21/02/1937, num. 419, p. I.

⁸⁶⁸ *A Offensiva*, 07/06/1934, num. 04, p. V.

⁸⁶⁹ *Anauê!*, 07/1934, num. 04, p. I.

Efetivamente, o núcleo de Belo Horizonte experimentou um apreciável crescimento ao longo de 1934. Contudo, nesse ano havia núcleos em poucas cidades de Minas. Apesar disto, esse foi um dos estados em que o sigma possuiu maior vitalidade ao longo daquele ano de 1934. Desconsiderando esse cenário, *A Offensiva* sustentou que em outubro desse ano duzentos núcleos haviam sido fundados. Logo, “(...) nem Os Proprios Chefes, Se Quizessem, Poderiam Agora Deter Esta Luminosa Marcha De Um Novo Brasil Que Despertou!”⁸⁷⁰

Segundo a AIB seu crescimento era responsável por tirar o sono de muitos políticos e dos apadrinhados por esses que ocupavam cargos públicos. Aqueles militantes sustentavam que Moscou já havia determinado um combate de morte ao integralismo. Advogavam ainda que poderosos líderes judeus estavam preocupados com o crescimento inexorável do sigma.

Os camisas-verdes afiançavam também que contavam com a simpatia do presidente da República. O núcleo de Raul Soares distribuiu pela cidade um folheto contendo a seguinte declaração atribuída a Vargas: “Os integralistas me têm ajudado bastante na manutenção da ordem.”⁸⁷¹ Dizeres semelhantes foram pintados na fachada da residência do *Chefe Municipal* de Rio Casca. Mas, no final de março de 1937, por ordem⁸⁷² do delegado dessa cidade, a referida inscrição foi coberta à tinta por um sargento e quatro praças.

Os integralistas afirmavam também que dispunham de substancial apoio das Forças Armadas. Logo, comumente asseguravam que inúmeros membros do Exército e da Marinha usavam a camisa-verde por baixo das fardas. Em dezembro de 1936 o delegado de Raul Soares intimou camisas-verdes desse município a esclarecerem porque haviam pintado sigmas em edifícios públicos, em muros e em casas particulares daquela cidade. Os militantes declararam que o haviam feito por ordem do *Governador da 5ª Região*. Esse integralista foi intimado à delegacia de Raul Soares, onde teria confirmado:

(...) a auctoria dos factos, dizendo que só aqui é que prohibiam taes cousas e que no Rio de Janeiro e outras capitaes do Brazil isto é uzado sem censura alguma e disse mais que cada vez que a polícia prohibisse, augmentava cem por cento por cento de integralistas no seu nucleo o qual continuará a agir com todas as acções e que o integralismo tem que dominar, porque tem a seu lado o Presidente da Republica Dr. Getulio Vargas, o Exercito, a Marinha e grande parte das policias Estadoaes.⁸⁷³

Os adeptos do sigma atribuíam aos membros das Forças Armadas e das polícias em geral a idealização que cultivavam de si mesmos. Neste sentido, concebiam aqueles agentes

⁸⁷⁰ *A Offensiva*, 08/11/1934, num. 26, p. I.

⁸⁷¹ APM: [PASTA 4891 Raul Soares - integralismo jun. 1935 - set. 1942](#). Doc. 91.

⁸⁷² APM: [PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#). Doc. 73.

⁸⁷³ APM: [PASTA 4891 Raul Soares - integralismo jun. 1935 - set. 1942](#). Doc. 93.

como homens disciplinados e honestos que visavam somente o bem do país. Logo, os integralistas julgavam compartilhar de valores, objetivos e condutas com as Forças Armadas e as polícias. Esses raciocínios levaram os integralistas a crer que esses dois grupos deveriam avaliá-los de forma recíproca. Portanto, muitos integralistas exprimiram-se com sinceridade ao anunciarem que a AIB era benquista pelos membros das Forças Armadas. Não obstante, os relatos do sigma foram permeados por ocorrências pouco verossímeis. Discorrendo sobre uma visita de Gustavo Barroso a Diamantina, o camisa-verde Osolino Tavares sustentou:

Barroso ruma ao Hotel. A multidão o acompanha. No trajecto, um companheiro narra um episodio daquela noite. Os soldados e officiaes foram prohibidos pelo commandante de ouvirem a palavra nova. Uns sete policiaes ficaram do lado de fóra. Mas não resistiram. Foram vistos juntos á porta de entrada. Suspensos na ponta dos pés. Estavam, attentos, as verdades que vinham do recinto. E da bocca de um delles, o mais jovem, sahiu isto: “Que bello Movimento! Todo soldado precisa ser camisa-verde!”⁸⁷⁴

O trecho supracitado constitui mais um relato pouco razoável urdido pela imprensa do sigma. A propensão da AIB a exagerar sua força inspira cautela ao se analisar os relatos integralistas. Em julho de 1935 *A Offensiva* postulou que “todo o interior, tanto de São Paulo como de Minas arde num formidavel entusiasmo pelo integralismo, não sendo possível deter essa avassaladora onde verde, que se propaga como uma labareda”⁸⁷⁵

Em agosto de 1935 *A Offensiva* voltou a exagerar o crescimento do integralismo. Em matéria intitulada “O Incendio Verde” aquele jornal postulou que o integralismo crescia em todo o país. No que tange a Minas o sigma era “um colosso. O Sul, o Centro, a zona da Mata, o Norte, o Nordeste, estuam de palpitação integralista, multiplicando-se os nucleos e crescendo em verdadeiras avalanches o numero dos camisas-verdes.”⁸⁷⁶

No entanto, em 1935 a AIB estava mais estabelecida e contava com maior força nas regiões Sul, Central e Zona da Mata. À exceção de Teófilo Otoni no Vale do Mucuri, Diamantina no Vale do Jequitinhonha, Ituiutaba no Triângulo Mineiro e Formiga no Centro-Oeste as demais regiões mineiras não contavam em 1935 com núcleos que se destacaram pela quantidade de membros e pela militância que desenvolveram.

Mais um exemplo de que as páginas da imprensa integralista devem ser tomadas com cautela está na cidade de Uberlândia. Nesse município os camisas-verdes não chegaram a meia centena. Após o fim da AIB a delegacia daquela cidade atestou que esta não possuiu um núcleo

⁸⁷⁴ *A Offensiva*, 01/07/1936, num. 220, p. IV.

⁸⁷⁵ *A Offensiva*, 13/09/1935, num. 61, p. I.

⁸⁷⁶ *A Offensiva*, 10/08/1935, num. 65, p. I.

integralista. Adeptos do sigma naquela cidade corroboraram essa informação, pois declararam que as reuniões ocorriam em suas residências. No entanto, *A Offensiva* estabeleceu que: “Uberlândia, cognominada o **Quartel General** do comunismo, possui um forte Nucleo de camisas-verdes. Tudo fizeram os vermelhos. Ameaçaram. Pixaram os muros e as paredes das residencias particulares. Escreveram obscenidades.”⁸⁷⁷

Muitos relatos dos camisas-verdes sobre as bandeiras também devem ser encarados com prudência. Os integralistas sustentavam que ao levar suas bandeiras a outras localidades eram recebidos entusiasticamente pelas populações locais. Asseguravam que ao término daqueles comícios muitas pessoas os elogiavam e os procuravam para se inscreverem nas fileiras verdes. Ao término daqueles eventos, segundo os integralistas, as populações locais ainda percebiam que esses militantes não eram desordeiros. Pelo contrário, este era um dos momentos em que as populações das localidades visitadas constatavam o valor do sigma. Em julho de 1935, sob a liderança de Osolino Tavares, alguns integralistas levaram uma bandeira a Nova Lima. Esse município:

segundo diziam os comunistas, era o seu reducto mais forte. Lá não entraria o Integralismo, diziam.

Entretanto...

(...)

A assistencia numerosa, aplaudia a cada instante os oradores.

Varios comunistas assistiram a conferencia, e tambem não cansavam de applaudir os camisas-verdes. Toda a assistencia com o braço levantado, secundou os tres anaues de fidelidade ao Chefe Nacional.⁸⁷⁸

Também em julho de 1935 integralistas de Conceição do Serro fizeram um desfile para assistir a uma missa. Após a cerimônia realizaram um comício em praça pública. Segundo os integralistas daquele município “Grande massa popular ouviu com entusiasmo a palavra dos oradores, tendo a multidão vivido o Integralismo e o Chefe Nacional.”⁸⁷⁹

No ano de 1935 naquela data em que se celebra a Independência do Brasil integralistas de Santa Rita do Sapucaí e de núcleos vizinhos realizaram nessa cidade um desfile. “No decorrer da marcha, os Camisas Verdes recebiam a cada momento, palmas e flores da população santaritense, que é quasi toda integralista.”⁸⁸⁰ A nova sede do núcleo municipal de Carmo da

⁸⁷⁷ *A Offensiva*, 23/08/1936, num. 266, p. XIV.

⁸⁷⁸ *A Offensiva*, 20/07/1935, num. 62, p. IX.

⁸⁷⁹ *Anauê!*, 21/07/1935, num. 08, p. IV.

⁸⁸⁰ *Anauê!*, 27/09/1935, num. 11, p. IV.

Cachoeira foi inaugurada em agosto de 1936. Conforme *A Offensiva* as cerimônias realizadas teriam arrancado “lagrimas a muitas pessoas alheias ao nosso Movimento.”⁸⁸¹

O *Chefe Municipal* do sigma em Cássia estava convicto de que toda a cidade era integralista. Logo, nutria grandes expectativas quanto à campanha em busca de adeptos que iria iniciar. Para aquele *Chefe Municipal* as pessoas, ainda que inconscientemente, eram integralistas quando criticavam o mau emprego dos impostos, a ineficiência da representação política e a indiferença do governo para com o povo. Neste sentido, asseverou que a população de Cássia iria conscientemente aderir ao sigma:

No dia em que uma campanha bem orientada e sincera lhe mostrar o que devemos aos banqueiros judeus ; que não ha tempo para se fazer administração no Brasil porque a politica começa um ano depois do presidente empossado, que o comunismo ainda não desistiu de nos desviar do curso da nossa rota, baseado no primado espiritual de Deus e da Família ; que uma nação precisa ser grande para ser respeitada, porque a realidade do Direito Internacional Publico è a força dos canhões (ilegível) então Cassia, conscientemente vestirá a <<camisa verde>> e se alistarà no maior movimento nacionalista que nos mostra a historia do Brasil>>.⁸⁸²

Quando da fundação do núcleo de Tocos, distrito de Borda da Mata, *A Razão* publicou sobre este evento que: “Grande entusiasmo reina entre os humildes, que veem na Doutrina do Sigma a única salvação de sua Patria.”⁸⁸³ O fato de a AIB se apresentar como uma organização benquista não se resumia à estratégia para atrair adeptos ou impressionar adversários. O *Chefe Nacional* pregava a superioridade dos princípios integralistas. Ao crer neste postulado, os camisas-verdes passavam a acreditar que outras pessoas iriam obrigatoriamente aderir à AIB quando conhecessem os valores dessa organização.

Entretanto, essa convicção limitou a capacidade integralista de fazer leituras mais frias e objetivas da realidade. Conseqüentemente, houve muitos camisas-verdes que não percebiam ou de fato ignoravam que durante as bandeiras havia aquelas pessoas que os escutavam mais por curiosidade do que por interesse. O fato de acreditarem que a AIB comungava dos mesmos valores e objetivos que a Igreja Católica e as Forças Armadas levou muitos camisas-verdes a entenderem que os membros dessas instituições deveriam simpatizar e aderir ao integralismo. Os militantes também deviam acreditar que a população em geral iria vestir a camisa-verde quando conhecesse os princípios integralistas. Essas convicções levaram os militantes a acreditarem que o crescimento e a vitória da AIB eram irreversíveis.

⁸⁸¹ *A Offensiva*, 13/09/1936, num. 284, p. XIII.

⁸⁸² *A Vanguarda*, 28/02/1937, num. 1081, p. I.

⁸⁸³ *A Razão*, 12/08/1937, num. 68, p. IV.

Outro fenômeno encheu que a militância de otimismo foi o desconhecimento sobre a quantidade de núcleos e de adeptos que aquela organização reunia. Discursando no interior dos núcleos ou durante as bandeiras frequentemente os camisas-verdes mencionaram a quantidade de membros que a AIB possuía. No entanto, é certo que em Minas *Governadores de Região, Chefes e Secretários Municipais* jamais souberam com exatidão a quantidade de membros que a AIB possuía em todo o Brasil. Logo, reproduziam os números divulgados pela cúpula dessa organização. Conforme Gonçalves e Oliveira (2016, p. 69) os adeptos do sigma reproduziram os dados divulgados pela AIB, pois “a fantasia (ou aceitação do discurso, uma vez que não cabia ao liderado questionar o chefe) em relação ao número de militantes era coletiva.”

Mas, frequentemente os próprios militantes locais apresentavam números superiores àqueles divulgados pela direção do movimento. Faziam-no por desconhecem a real quantidade de membros da AIB, mas também com o objetivo de aumentar a estatura dessa organização. Como resultado, foi comum os integralistas divergirem entre si no que tange às cifras que mencionavam.

Em janeiro de 1935 um militante do sigma postulou que àquela altura o *Chefe Nacional* comandava “(...) quinhentos mil Camisas Verdes que lhe obedecem cegamente, pelo grande amor que elle tem ao Brasil.”⁸⁸⁴ Em outubro de 1935 discursando no núcleo de Tombos um militante afirmou que “o integralismo, iniciado ha tres annos, com 8 homens, contava hoje com 1:250.000 (...).”⁸⁸⁵ Em novembro de 1935 foi celebrada a passagem de um ano da fundação do núcleo de Entre Rios. Em seu discurso o *Chefe Municipal* dessa cidade estabeleceu⁸⁸⁶ que a AIB possuía seiscentos mil adeptos. Já em dezembro daquele ano o *Chefe Municipal* de Pedra Branca ao sintetizar um discurso de Plínio Salgado, estabeleceu que esse havia falado “aos 800.000 Camisas-Verdes.”⁸⁸⁷

A revista *Anauê!* é outra fonte que apresenta números diferentes sobre o crescimento do integralismo em 1935. Aquele periódico assegurou⁸⁸⁸ que durante esse ano 399 mil brasileiros haviam ingressado nas fileiras do sigma. Segundo aquela revista em janeiro a AIB reunia 300 mil camisas-verdes, em março eram 400 mil, em junho 499 mil, em setembro 598 mil e em dezembro 699 mil.

As divergências permearam os discursos dos integralistas até quando esses se referiam a um mesmo acontecimento. Em fevereiro de 1937 o núcleo de Pouso Alegre celebrou o

⁸⁸⁴ *Anauê!*, 01/1935, num. 01.

⁸⁸⁵ APM: [PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#). Doc. 88.

⁸⁸⁶ *A Offensiva*, 23/11/1935, num. 80, p. X.

⁸⁸⁷ *A Offensiva*, 14/12/1935, num. 83, p. IX.

⁸⁸⁸ Revista *Anauê!* 02/1936, num. 07.

segundo ano de sua fundação. A fim de conferir destaque às comemorações foi promovida uma concentração integralista naquela cidade. Referindo-se ao núcleo de Pouso Alegre *A Offensiva* observou que esse era:

(...) é incontestavelmente um modelar Nucleo Integralista. Pelos seus progressos, arregimentando perto de dois mil brasileiros, pela sua organização, e pelo entusiasmo dos seus camisas verdes, ocupa sem duvida um lugar de destaque dentre os 300 Nucleos da Provincia de Minas Geraes.⁸⁸⁹

Todavia, os camisas-verdes de Pouso Alegre sustentaram que à época do segundo aniversário de seu núcleo esse contava com “1.090 inscrições de brasileiros esclarecidos e apaixonados pela causa do Sigma, que é a propria causa de nossa Patria.”⁸⁹⁰ O otimismo, o exagero e a retórica de que a AIB crescia ininterruptamente permeou também a correspondência interna dessa organização. Em seus telegramas, cartas e relatórios os *Chefes Municipais* afirmavam que seus núcleos estavam em franco progresso, que as dificuldades eram passageiras e os habitantes locais estavam voltando-se com simpatia para o integralismo. Portanto, os militantes locais também inflavam o crescimento da AIB, alimentando-se mutuamente com informações exageradamente otimistas.

O discurso sobre o crescimento da AIB atingiu um de seus ápices com a divulgação dos resultados supostamente obtidos com o plebiscito de maio de 1937. O jornal⁸⁹¹ integralista de Pouso Alegre asseverou que 849.375 camisas-verdes registraram seu voto naquele plebiscito. Posteriormente, *A Razão*⁸⁹² publicou uma matéria intitulada “A VITORIA SE APROXIMA”. Tomando como base os resultados do plebiscito, o referido jornal anunciou que a AIB dispunha de pelo menos 600.000 mil votos de seus camisas-verdes para a eleição presidencial. Segundo a matéria esse número poderia ser maior, pois excluía os militantes analfabetos, aqueles que se abstiveram no plebiscito ou que não participaram deste em virtude de perseguições. Além daqueles 600.000 votos de integralistas, em “calculo pessimista” a AIB podia contar com o voto de 500.000 simpatizantes. Logo, o integralismo poderia levar mais de um milhão de eleitores ao pleito que se realizaria em janeiro de 1938. A leitura de jornais e folhetos do sigma transmite a impressão de que o *Chefe Nacional* tinha chances reais de ascender à presidência da República pela via eleitoral.

⁸⁸⁹ *A Offensiva* 16/02/1937, num. 414, p. I.

⁸⁹⁰ *A Razão*, 18/02/1937, num. 44, p. I.

⁸⁹¹ *A Razão*, 17/06/1937, num. 60, p. I.

⁸⁹² *A Razão*, 24/06/1937, num. 61, p. II.

Mas, os números que AIB afirmou ter apurado no plebiscito estavam muito distantes da realidade. Mais uma vez essa organização apostou na retórica do crescimento. Neste sentido, alardeou números desmedidamente superiores à realidade. Era necessário alimentar a crença dos militantes na vitória integralista. Era preciso ainda demonstrar aos simpatizantes, aos adversários e eventuais aliados que o *Chefe Nacional* tinha possibilidades concretas de ascender à presidência da República através dos votos.

Era preciso manter a convicção dos integralistas na vitória e mantê-los continuamente mobilizados. Desta forma o suposto resultado do plebiscito tinha por objetivo encher de ânimo os membros da AIB. Por um lado, se havia núcleos sendo fechados, outros tantos eram fundados e havia aqueles que eram reabertos mediante o aval da justiça. Por um lado, se em alguns lugares os integralistas eram proibidos de trajarem suas camisas-verdes, eram presos e até mortos, havia notícias informando que a AIB recebia cada vez mais adesões de juízes, militares, políticos e intelectuais. Sobretudo, agora os militantes eram informados de que seria possível eleger o *Chefe Nacional*. Não se pode desprezar o valor simbólico que as notícias favoráveis à AIB tinham sobre os militantes. Logo, essas notícias jamais se voltaram exclusivamente ao público não integralista.

Contudo, mais uma vez a AIB alarmou aqueles adversários que acreditavam nas cifras divulgadas por essa organização. Para esses, as luzes de alerta tornavam-se mais intensas. A AIB dispunha de estatutos, documentos de identificação de seus adeptos, protocolos de reuniões e vários órgãos de imprensa. Cada novo ato da AIB era precedido por uma resolução que o normatizava minuciosamente. Trindade (1979) classificou essa organização como pré-estatal, capaz em algum momento de substituir o próprio Estado.

Nesse sentido, o modo insistente e superdimensionado com que os camisas-verdes propalaram o crescimento da AIB convenceu e assustou muitos daqueles adversários que acompanhavam os jornais, discursos e panfletos integralistas. Por conseguinte, os camisas-verdes foram parcialmente responsáveis por despertar e acelerar as reações que contra eles se abateram.

Embora a AIB alardeasse que possuía diversos inimigos, quem efetivamente a fechou foi Getúlio Vargas. Mas, o presidente não se orientou por valores anti-integralistas ao fazê-lo. As bases ideológicas do Estado Novo eram semelhantes as da organização comandada por Plínio Salgado. Efetivamente, Vargas não desejava compartilhar o poder com os integralistas. Mas, é possível que os discursos desses militantes advogando que AIB crescia vertiginosamente inspiraram cautela também no presidente.

Assim como alardeou um crescimento inexorável a AIB também afiançou que os integralistas eram homens contrários à violência e obedientes às autoridades e leis vigentes. Mas, ao longo de sua trajetória os adeptos do sigma externaram condutas e discursos que deixam claro que eles estavam dispostos a lançar mão da força, da censura e da perseguição a seus adversários. Além disso, esses militantes não foram tão coesos e disciplinados como afirmavam ser. O tópico seguinte apresenta e examina condutas e discursos de integralistas que destoam da imagem que esses idealizaram de si mesmos.

8.3 – O desejo de desforra e a indisciplina nas fileiras verdes

Cavalari (1999) observou que os integralistas se apresentaram como homens novos, cuja revolução era a revolução de ideias e de “espírito”. Na revolução defendida pelo discurso integralista não haveria exércitos e armas, guerras civis e desordens. Longe disto, a revolução que os militantes do sigma diziam encampar era a revolução moral, a revolução de costumes, uma revolução estritamente pacífica (CAVALARI, 1999).

Porém, assim como outros, esse discurso integralista não resiste a uma análise mais acurada. Ao mesmo tempo que diziam ser ordeiros e contrários à violência os camisas-verdes afirmavam não serem covardes. Logo, preconizavam que reagiriam à altura das agressões sofridas por seus adversários. Tratava-se em maior medida de uma advertência às lideranças políticas locais que desejavam o fim da militância verde em suas áreas de atuação. Mas, ao afirmarem que reagiriam às agressões os integralistas contradiziam-se, pois afirmavam ser homens serenos e pacíficos.

Além disso, os membros da AIB eram orientados a jamais permitirem que seus superiores e essa organização fossem insultados em sua presença. Uma das orientações dos *Deveres dos Integralistas* afirmava: “Os communistas e separatistas, principalmente, que jámais ousem ferir a Nação Brasileira na presença de um integralista. Elles devem ter o castigo immediato.”⁸⁹³

Em Minas dificilmente os integralistas aplicaram algum tipo de castigo àqueles que eles julgavam ofender o Brasil e o *Chefe Nacional*. Em maior medida, porém, os camisas-verdes não reagiam por falta de condições, de força e de apoio para fazê-lo. Mas, esses militantes frequentemente externavam desejos de vingança contra seus adversários. Esses inclusive, denunciavam que seriam os primeiros alvos dos integralistas em uma eventual vitória da AIB.

⁸⁹³ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 262.

Foi a crença neste triunfo que levou muitos adeptos dessa organização a encararem as adversidades como passageiras. Essa convicção tornava menos difícil para os militantes acatarem aquelas ordens que julgavam arbitrárias ou ilegais. A convicção de que as injustiças seriam provisórias impeliu muitos camisas-verdes a aceitarem estoicamente ofensas verbais e mesmo agressões físicas perpetradas por delegados de polícia.

Há registros em Minas de integralistas que foram verbalmente agredidos em via pública e no interior de delegacias por autoridades policiais. Há registros de militantes que foram detidos e seviciados. Porém, os integralistas acreditavam que fatalmente alcançariam a vitória final. Nesse dia a ira do sigma recairia sobre todos aqueles que obstruíram a marcha dos integralistas, sobre aqueles que esses militantes acreditavam ter profanado a bandeira nacional e sobre aqueles que ridicularizaram o líder da AIB. *A Offensiva* demonstra essas convicções ao se referir ao fechamento do núcleo do distrito de Saúde:

Os dois mil camisas-verdes de Saude mantêm-se imperturbaveis na sua attitude de absoluta ordem: e se qualquer arbitrariedade fôr aqui praticada, por parte da polícia mineira, elles, recolhidos ao silencio e á discreção que lhes ditou a voz do Chefe Nacional, na hora grave que o Brasil atravessa, aguardam, serenos e firmes, o dia da Victoria, em que será devidamente separado o joio do trigo, e se realizarão os ideaes de justiça que animam o coração de todos os camisas-verdes da Patria.⁸⁹⁴

Logo, os seguidores de Plínio Salgado aguardavam com avidez o momento da desforra. Efetivamente, essa organização não conseguiu ocultar seu intuito revanchista se ascendesse ao poder. Conforme o jornal *Anauê!* “o Integralismo quer construir a Grande Patria. A sua justiça, quando no poder, será severíssima e ai daqueles que salpicaram de lama o nome da Patria Brasileira.⁸⁹⁵

Uma vez que alcançassem a vitória final um dos primeiros alvos dos integralistas seriam os inúmeros jornais que eles julgavam ser comunistas e/ou que julgavam ter obstaculizado a marcha verde e atacado o *Chefe Nacional*. A instituição da imprensa como um todo seria alvo de censura após um eventual triunfo da AIB. Essa organização defendeu a necessidade de haver um órgão destinado exclusivamente à censura de jornais.

Os integralistas argumentaram que todos os países que se faziam respeitar no palco internacional controlaram seus veículos de imprensa até sentirem-se fortes o suficiente para implantarem a obra que desejavam. Mais do que defender a censura à imprensa, os camisas-verdes defenderam que essa, o cinema, o teatro e o rádio fossem utilizados para fins político-

⁸⁹⁴ *A Offensiva*, 29/04/1936, num. 168, p. I.

⁸⁹⁵ *Anauê!*, 22/01/1936, num. 14, p. I.

educacionais. Para tanto, era necessário ainda implantar um governo forte e restringir a liberdade de pensamento. O trecho abaixo, expresso por um camisa-verde em um jornal católico, ilustra os desejos de censura integralista:

Na defeza dos princípios Moraes, precisamos cercear a liberdade para o mal, impedindo a excessiva e prejudicial liberdade de cathedra, a venal liberdade de imprensa e a corrupta liberdade cinematográfica. Os professores não podem gozar da liberdade que lhes permita pregar ideas prejudicaes aos supremos interesses da nossa pátria. Os nossos professores universitarios são os peores inimigos da nossa Patria. E' nas universidades que aprendemos a amar o que não nos pertence e a odiar o que é nosso.

A nossa imprensa, corrupta e venal, dissolvente e anarchica, só tem servido para enganar a opinião publica, endeusando os ladrões, os bandidos de todos os jaezes, trabalhando a soldo de estrangeiros contra os interesses do nosso povo, achincalhando os homens de bem, levando ao ostracismo todo politico honrado, todo homem util á nação. Essa é a Imprensa que quer liberdade, essa é a imprensa que defende das liberdades, como se liberdade fosse direito de fazer mal.

Não é só a imprensa que trabalha contra nós. O cinema, nas mãos dos judeus da Metro Goldwin Mayer, vem pregando uma moral dissolvente, onde o crime, o jogo e a prostituição constituem os supremos direitos do homem. Dizem elles que fazem fitas para os homens, e que os homens só gostam do que é imoral. Quem assim pensa, reconhece a immoralidade como um direito do homem. O cinema sendo um formidavel vehiculo de propaganda, precisa trabalhar para elevar a moral do povo e não para materializar o homem. O cinema materializando o homem, ensinando que a vida é só gozar, destruindo sempre o principio de autoridade, pregando a dissolução da família, ridicularizando o sentimento nacionalista está trabalhando para o império do dinheiro, cujos imperadores são os judeus.

Deus que lê no coração dos homens, sabe onde está a verdade e não abandonar as causas justas e honestas.

Deus está com o Brasil, porque o Brasil desde Santa Cruz, pertence a Deus.⁸⁹⁶

Portanto, os integralistas desejavam censurar professores, sindicatos, a imprensa e o cinema. Frequentemente apontaram a Itália e a Alemanha como exemplos a serem seguidos no que tange àqueles aspectos. Os camisas-verdes também desejavam aplicar a justiça integralista àqueles que julgavam tê-los ofendido e atacado. Neste sentido, o discurso segundo o qual aqueles militantes eram homens pacíficos e obedientes às autoridades conviveu com promessas de desforra contra adversários e desejos de censurar órgãos e instituições.

Outro discurso da AIB que não se sustenta é aquele em que essa organização postula que seus membros formavam um bloco sólido, indivisível e imune à dúvida. Os estatutos da AIB preconizavam que disciplina e obediência eram alguns dos pilares dessa organização. Nenhuma deliberação do *Chefe Nacional* sequer podia ser comentada. Ao integralista cabia somente a obediência perante as ordens recebidas. Ao mesmo tempo, o militante deveria ter plena convicção nos postulados do sigma.

⁸⁹⁶ *Semana Religiosa*, 23/11/1935, num. 957, pp. I e II.

Neste sentido, o discurso verde idealizou um militante que seria totalmente devotado à causa e estaria sempre pronto a receber e a acatar ordens. Inclusive, o valor de um integralista podia ser aferido pela quantidade de bandeiras de que ele participou, pela quantidade de adeptos que atraiu para o sigma e pela quantidade de vezes que externava sua convicção na vitória final da AIB. Acima de tudo, o valor de um militante podia ser aferido pelos sacrifícios que fazia em prol do sigma.

Mas, ao contrário da retórica integralista houve indisciplina em meio às fileiras verdes. A aplicação de advertências, ainda que verbais, aos militantes não foi incomum. A ideia de que era necessário fazer sacrifícios financeiros, de interesses pessoais e das próprias vidas nem sempre foi bem acolhida pela militância de base. Fenômeno semelhante acontecia com o princípio da obediência sem questionamentos.

O *Chefe Distrital* do subnúcleo de São Bento Abade, vinculado a Três Corações, registrou em abril de 1937 uma sucinta avaliação de seus membros. Um desses foi classificado como “o melhor camisa Verde que S. Bento possui.”⁸⁹⁷ A militância de outros foi classificada como “regular”. Outro militante estava se portando como “(...) ótimo camisa Verde, o seu único defeito é ser meio indisciplinado. No mais não se pode dezejar melhor. De Janeiro deste ano em diante esta dando um dia de seu ordenado por mez.”⁸⁹⁸ Por fim um dos membros do subnúcleo de São Bento Abade foi avaliado como “(...) mau camisa Verde, sendo que chegou a explorar a caixa beneficente. Houve dia em que o chefe M. o mandou reunir os camisas Verdes para uma reunião e elle respondeu que não ia por estar cansado.”⁸⁹⁹

Os *Boletins Provinciais de Instrução* da AIB em Minas divulgavam as promoções, licenças, desligamentos de cargos e elogios aos militantes dessa organização. Entretanto, noticiavam também casos de indisciplina que culminavam em suspensões e rebaixamentos de postos. O *Boletim Provincial de Instrução Nº 19*, referente a outubro de 1937, rebaixou três militantes de função. Segundo esse documento⁹⁰⁰ o primeiro recebeu a punição por “não desempenhar as funções do cargo”, o segundo por “negligencia no cumprimento do dever” e o terceiro por “procedimento indigno” de um integralista.

Por ato do *Chefe Provincial* de Minas em novembro de 1937 um membro do núcleo de Diamantina foi suspenso por 15 dias. Durante esse período estava vedado àquele integralista o uso da camisa-verde e da saudação protocolar. O militante em questão foi punido por censurar,

⁸⁹⁷ APM: [PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Doc. 87.

⁸⁹⁸ APM: [PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Doc. 96.

⁸⁹⁹ APM: [PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#). Doc. 102.

⁹⁰⁰ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#). Doc. 58.

através de um discurso no núcleo de Diamantina, a preleção que uma blusa-verde havia feito no mesmo local. A conduta daquele integralista representava uma “(...) demonstração de indisciplina e incompreensão de seus deveres.”⁹⁰¹ A punição foi comunicada ao militante no dia 16 de novembro. No dia seguinte esse enviou uma carta ao *Chefe Provincial* apresentando sua versão sobre o ocorrido. No início de sua missiva aquele camisa-verde postulou:

Fazem ontem 3 annos e 9 dias que prestei o meu juramento como integralista. Durante este período tenho sofrido toda sorte de humilhações, a começar do dia em que se instalou aqui o nucleo integralista, entretanto tenho me sacrificado, tendo dado todos os meus esforços em benefício da causa, tenho despendido energias, tenho deixado interesses particulares, tenho perdido empregos e em pagamento só recebo contrariedades. Tudo isso venho suportando porque desejo ardentemente um Brasil forte, onde reine a justiça, e que para se conseguir isso não será necessário o integralista sacrificar apenas os seus interesses particulares mas oferecer o concurso da sua vida, o sangue. Procedendo assim é que compreende ser integralista.

Não tenho elogios no promptuario da minha ficha mas também não tenho nella ainda uma sensura. Nestes 1105 dias de vida integralista em que prestei serviços desde simples integralista até como chefe municipal, tenho compreendido bem os meus deveres porque sempre os appliquei, com a consciencia clara todos os meus actos foram baseados na doutrina e como pensamento de bem servir o Brasil. Entretanto, a solução dada por essa chefia, apesar de ser uma mancha negra na minha vida de integralista, não posso considerá-la totalmente injusta, pois confio muito no alto espírito de justiça que preside os actos dos maiores do movimento (...).⁹⁰²

Segundo o militante sua punição era injusta, porque não havia censurado o discurso da blusa-verde. Ademais, no seu entendimento essa mantinha condutas e princípios reprováveis. As “ideias avançadas do Feminismo”⁹⁰³ cultivadas pela blusa-verde eram um dos pontos de divergência entre ambos. Por fim, aquele militante lamentou o dispêndio de tempo naquela “hora em que se congregam todas as energias para a arrancada final.”⁹⁰⁴

Conforme Barbosa (2013) na concepção integralista a mulher tinha por função ser o alicerce da família, orientando seu esposo e inculcando em seus filhos valores cristãos e o respeito aos “heróis” nacionais e às tradições do país. Naturalmente, muitas blusas-verdes aceitaram esses papéis (BARBOSA, 2013). Em abril de 1935 houve uma reunião no subnúcleo da Lagoinha, Belo Horizonte. Durante esse evento uma militante:

(...) discorreu sobre o papel da mulher no Integralismo. Estudou a vida social da mulher moderna que, ou vive mergulhada na futilidade e no materialismo imitando as atrizes modernas ou a mulher-homem, masculinizada, vivendo a vida de alheamento ao lar, a vida exterior, disputando com os homens os postos e os cargos. A mulher integralista foge aos dois typos descriptos. E’ a mulher do lar, vivendo a vida

⁹⁰¹ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942. Doc. 40.](#)

⁹⁰² APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942. Doc. 41.](#)

⁹⁰³ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942. Doc. 41.](#)

⁹⁰⁴ APM: [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942. Doc. 44.](#)

do coração, que desempenha papel importantíssimo preparando cidadãos para a pátria, educando os filhos dentro das normas do christianismo.⁹⁰⁵

Porém, não foram todas as blusas que aceitaram os papéis que lhes foram impostos pela AIB. Gonçalves e Simões (2012, p. 73) constaram esse fenômeno após lançarem um olhar minucioso sobre documentos e jornais da AIB. Esses historiadores encontraram mulheres que “(...) de forma sutil ou mais escancarada, subvertiam a ordem e faziam diferente do que lhes era orientado, ainda que representassem uma parcela reduzida de modos diferentes de atuar no movimento e na sociedade (...)”

Além da indisciplina e da divergência de opiniões no interior da AIB houve aqueles militantes que se afastaram dessa organização antes que essa fosse extinta. Um dos casos mais emblemáticos de desligamento das fileiras verdes ocorreu em Jacutinga, região Sul de Minas. O militante que se afastou da AIB havia sido o primeiro *Chefe Municipal* do núcleo daquela cidade. Porém, em fevereiro de 1936 enviou um documento ao *Chefe Provincial* comunicando-o sobre sua decisão. O mesmo documento foi publicado pelo ex-militante em um jornal de Jacutinga a fim de esclarecer que despiu-se da camisa-verde, pois:

(...) o Integralismo apresentou-se, a princípio ao povo brasileiro, com um programma fundamentalmente revolucionario, onde se divisava uma melhoria das condições de vida das classes mais necessitadas de amparo economico.

No emtanto, esse programma vem soffrendo retalhações e recuos incríveis, a ponto de ficar reduzido a escombros.

De facto, a apoio ostensivo da alta fiança ao Integralismo, e a adhesão publica de magnatas financeiros, sem nenhum revide das altas autoridades integralistas, trouxeram-me a certeza de que, a exemplo do que fez o hitlerismo na nação germanica; o Integralismo prepara o esbulho do proletariado brasileiro, e uma vez governo, instituirá um regimen de casta, para aniquilar as justas reivindicações das massas trabalhadoras e esmagar as liberdades populares.

Qual seria a minha attitude como parte integrante dessas massas? Abandonar o Integralismo, coherente com os princípios que norteiam as minhas idéas.

E é o que faço, tendo a certeza de que abandonando as fileiras do Integralismo, estou onde sempre tenho estado: ao lado do povo, lutando pela libertação nacional, e por um regimen em que haja maior justiça entre os homens.⁹⁰⁶

As atitudes e palavras do antigo *Chefe Municipal* não se limitaram ao manifesto supracitado. Por sua vez esse documento teve repercussão, pois foi reproduzido como folheto e matéria jornalística em algumas cidades. Naturalmente, esses fenômenos incomodaram o núcleo de Jacutinga. Logo, esse passou a atacar o antigo *Chefe Municipal*.

⁹⁰⁵ *A Offensiva*, 04/05/1935, num. 51, p. III.

⁹⁰⁶ APM: [PASTA 4687 / Jacutinga - integralismo](#). Doc. 52.

Por sua vez, esse julgou-se ofendido por seus antigos companheiros de militância. Mas, esses também julgaram-se insultados por aquele. A avaliação de ambos estava correta. Porém, este imbróglio resultou na morte do antigo *Chefe Municipal*, de um de seus amigos e de um integralista. Essas fatalidades ocorreram em março de 1936 quando o antigo *Chefe Municipal* adentrou o núcleo de Jacutinga a fim de interpelar os militantes sobre as razões dos ataques verbais que esses lhe direcionavam. No entanto, fê-lo de arma em punho e acabou sendo desarmado. Ademais, alguns dos integralistas que estavam presentes àquela reunião também portavam armas.

Em Bom Despacho, Centro-Oeste de Minas, dois homens e três mulheres deixaram a AIB em setembro de 1937. Portanto, o fizeram durante a campanha à presidência do *Chefe Nacional*. Em um periódico daquela cidade os dissidentes afirmaram que já não tinham nenhuma simpatia pelo integralismo e passavam a “(...) apoiar decididamente a candidatura de José Americo, na mais carinhosa defesa da Democracia.”⁹⁰⁷

Na cidade de Raul Soares algumas pessoas deixaram o integralismo em outubro de 1937. Assim como em Bom Despacho, lançaram mão de um jornal para conferir publicidade àquela decisão. Em uma dessas notas dois dissidentes esclareceram que se afastaram do sigma porque não desejavam “contribuir para o estabelecimento no Brasil, de um regime de escravidão.”⁹⁰⁸

Os militantes que se afastavam da AIB acabavam sendo expulsos por essa organização. Este foi o caso, por exemplo, do antigo *Chefe Municipal* de Jacutinga, cuja expulsão foi determinada pelo *Chefe Provincial*. Assim como para os batismos e funerais havia um rito integralista para os desligamentos. Os *Protocolos e Rituais*, lançados em 1937, conferiram o aspecto final àquele rito. Estabeleceram também que a partir de então apenas o *Chefe Nacional* tinha poderes para determinar a exclusão de um militante. Logo, as propostas de desligamentos deviam ser enviadas ao gabinete de Plínio Salgado.

Conforme os *Protocolos e Rituais* a cerimônia de exclusão deveria acontecer na sala principal do núcleo e contar com a presença mínima de vinte integralistas. O *Chefe* do núcleo deveria pronunciar a seguinte fórmula: “Integralistas, nosso companheiro (...) é morto. Ele faltou a sua fé e sua palavra de honra.” Os militantes deviam responder: “seja esquecido.” A ficha do membro expulso seria então queimada. Este mesmo ritual aplicava-se àqueles que por iniciativa própria despiam-se da camisa-verde. Nesses casos, determinava *Protocolos e Rituais*:

⁹⁰⁷ APM: [PASTA 4515 Bom Despacho - integralismo mar. 1936 - mar. 1954](#). Doc. 18. Recorte do jornal “Voz do Sertão” onde alguns integralistas publicam sua distância dessa doutrina. A matéria é datada de 09/09/1937.

⁹⁰⁸ APM: [PASTA 4891 Raul Soares - integralismo jun. 1935 - set. 1942](#). Doc. 69.

Art. 150 Toda e qualquer exclusão, a pedido, de Integralista, equivale a expulsão, pois o Integralista que pede a sua exclusão ou abandona as fileiras do Sigma, falta ao compromisso de um juramento por Deus e pela Honra. Essa exclusão é mais infamante ainda do que a imposta pela Chefia Nacional, por motivo de falta grave ou degradação social. Equivale á do traidor ou covarde.

Depreende-se que os integralistas não viam com bons olhos aqueles que solicitavam seu desligamento das fileiras verdes. Um caso verificado no núcleo de Ponte Nova reforça esta constatação. Em junho de 1935 esse núcleo foi criado. Segundo a ata de fundação⁹⁰⁹ quatorze militantes então prestaram o juramento. No entanto, no mês seguinte um desses foi expulso do sigma.

Uma das razões que justificaram esse evento foi um telegrama enviado pelo militante ao prefeito de Ponte Nova. Nesse documento o integralista expulso felicitou o prefeito por sua posse. Em razão disto, foi compelido pelo núcleo de que fazia parte a se retratar, “sob a alegação de que a um integralista não é lícito dirigir-se em termos amistosos a um liberal democrata.”⁹¹⁰ Ainda em julho de 1935 aquele militante recebeu o seguinte comunicado:

(...) de acordo com as instruções que acabamos de receber de nosso superior hierarchico inspector de nucleos da zona da Matta, Dr. Severino Benttmuller, deverá o companheiro ser excluído do convívio de todos os integralistas do Brasil, em virtude de sua intransigencia em não aquiescer as inumeras propostas que lhe foram feitas para que deixasse de vender jornal “A Manhã” que é órgão official inteiramente comunista.

Talvez o companheiro ignore o que irá acontecer com a sua attitude impensada e tão funesta aos seus proprios interesses, razão porque ainda confiamos na revogação de seu modo de pensar e refletir.⁹¹¹

Em abril de 1936, cerca de nove meses após receber o comunicado acima, o militante expulso prestou declarações na delegacia de Ponte Nova. Na ocasião informou⁹¹² que à época de sua adesão as ideias integralistas lhe “pareceram inicialmente perfeitamente plausíveis”. No entanto, convenceu-se de que aquelas ideias eram “(...) propagadas para effeito meramente decorativo, não trepidando em affirmar que os camisas verdes tentarão um golpe de força na primeira oportunidade, visando a posse do governo do paiz.”

Dois dos militantes do núcleo de Ponte Nova que enviaram o comunicado ao integralista excluído prestaram esclarecimentos à delegacia desta cidade. Ambos afirmaram que o militante

⁹⁰⁹ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 81.

⁹¹⁰ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 13.

⁹¹¹ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Docs. 17 e 18.

⁹¹² APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Docs. 11 a 14.

afastado era pessoa bem-conceituada em Ponte Nova, não tendo conhecimento de nada que o desabonasse. Essas declarações não abordam o comunicado que enviaram ao militante expulso.

Outro camisa-verde do núcleo de Ponte Nova foi excluído das fileiras integralistas. No entanto, em setembro de 1936 foi esse militante quem solicitou sua exclusão. Antes, porém, ele justificou sua atitude através de comunicado em um jornal. Por meio desse o então militante esclareceu:

Reconheço que errei ao ingressar-me nas fileiras do Sigma sem ter estudado devidamente a ideologia integralista. Fil-o em homenagem a amigos fanatisados. Errar é humano-Errei e vou procurar corrigir-me do erro e Em dizendo assim esclareço que é costumen dos INTEGRALISTAS moverem tenaz campanha de diffamação ás pessoas que resolvem tomar uma atitude como a que agora me norteio, por isso estou certo-mais do que certo- que ninguém tomará em consideração lendas que bestuntos pestilentos, por ventura, tomem em face de minha pessoa.

Dizem que os Integralistas não concedem demissão, mas sim EXCOMUNGAM os que se desligam depois de ter prestado o famoso juramento porque é um movimento visivelmente amparado PELO CLERO. Si assim é, apesar de ter pedido a minha demissão, considero-me excomungado.⁹¹³

Antes de finalizar seu comunicado dando “VIVA A LIBERAL DEMOCRACIA”, o militante postulou que o integralismo era um “reduto de políticos decaídos, uma escola de fanaticos.” Em comunicação⁹¹⁴ ao *Chefe Provincial* o núcleo de Ponte Nova solicitou a imediata exclusão do militante. No entanto, sustentou que esse “parecia um bom integralista”, que antes de prestar o juramento “era entusiasta aparentemente” e que após fazê-lo “continuou mais entusiasta”. Em razão disto o núcleo de Ponte Nova afirmou ter recebido com surpresa o pedido de exclusão do militante. O núcleo creditou essa atitude a pressões familiares, uma vez que o pai do militante era maçom.

Em Minas Gerais as exclusões de integralistas não constituíram fenômenos incomuns. Da mesma forma, houve muitos casos de pessoas que se desligaram das fileiras verdes. A maioria, porém, afastou-se com discrição, limitando-se a não mais frequentar as reuniões semanais. Naturalmente, o discurso integralista não dava publicidade àqueles que se despiam da camisa-verde. Compreensivelmente, a ênfase discursiva residia nas adesões e no suposto crescimento da AIB.

A análise sobre aqueles que se desligaram e foram expulsos dessa organização é mais um indicativo de que a AIB jamais foi totalmente contrária à violência como advogava. Quando possível os núcleos locais boicotavam e atacavam seus adversários e aqueles de se despiram da

⁹¹³ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 290.

⁹¹⁴ APM: [PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#). Doc. 292.

camisa-verde. Além disso, a perspectiva de que o integralismo acalentava um golpe de Estado foi denunciada inclusive por alguns de seus ex-membros. Finalmente, muitos daqueles que aderiram à AIB não se empenharam na tentativa de golpe em maio de 1938 mais por receios e por compreenderem a fragilidade dessa organização do que por convicções pacifistas. Essa manobra golpista e alguns de seus desdobramentos em Minas são o objeto de exame do tópico seguinte.

8.4 – O *Putsch* e seus desdobramentos em Minas

Segundo Menandro (2010) a primeira tentativa de golpe promovida pelo integralismo aconteceu em março de 1938. Mas, ainda nesse mês houve um relaxamento das prisões dos envolvidos, o que parecia indicar que a reação contra a tentativa de levante estava se esfriando. Muitos oficiais retornaram a seus postos e mantiveram a conspiração. Um novo plano começou então ser elaborado, contando com o apoio de civis e militares, simpáticos ou não ao integralismo. Além do Distrito Federal, a revolta deveria ser deflagrada também em Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul e no restante do estado fluminense.

Ainda conforme Menandro (2010) as ações deveriam começar na primeira hora do dia 11 de maio, porém, não saíram conforme o planejado desde o início. Boa parte daqueles que se comprometeram com a trama golpista no Distrito Federal sequer compareceu a seus postos. Das várias ações planejadas somente quatro foram executadas: o ataque ao palácio Guanabara, a prisão do general Canrobert Pereira da Costa, a tomada do Ministério da Marinha e de duas embarcações militares. Alcançaram êxito apenas as duas últimas ações. O general Canrobert chegou a ser detido, mas foi libertado pouco depois. No que tange ao assalto à residência presidencial, as conspirações traçaram que essa ação contaria com 150 homens. Contudo, apenas 30 compareceram, o que restringiu a manobra aos jardins do palácio Guanabara (MENANDRO, 2010).

Durante a madrugada do dia 11 de maio diversos ex-membros da AIB em Minas acompanharam pelo rádio as notícias sobre a tentativa de golpe. Muitos, inclusive, se reuniram para acompanhar as notícias. Porém, somente na manhã do dia 11 chegaram as informações confirmando o fracasso da manobra golpista. Como reação muitos daqueles que trajaram a camisa-verde apressaram-se em reprovar publicamente a tentativa de golpe. Esses antigos integralistas asseguraram que a violência não fazia parte dos métodos da AIB. A revolução que essa pregava era desarmada e pacífica. Logo, o ataque ao palácio Guanabara teria sido uma

ação isolada, promovida por antigos integralistas que haviam ignorado um dos princípios basilares do sigma.

Contudo, reprovar publicamente a tentativa de golpe não bastou em algumas localidades para eximir ex-militantes de prestar esclarecimentos às delegacias locais. Antes da manobra golpista já era comum aqueles que trajaram a camisa-verde serem intimados a explicar correspondências recebidas e enviadas, contatos com viajantes, declarações favoráveis ao sigma e contrárias ao novo regime. Naturalmente, a intimação de ex-integralistas para prestar esclarecimentos foi intensificada devido ao *Putsch* de maio.

Delegados e investigadores foram enviados a diversos municípios a fim de investigar se os camisas-verdes estavam em militância. Muitas delegacias também convidaram os antigos militantes locais a prestar esclarecimentos. Um dos objetivos era apurar se esses que trajaram a camisa-verde tinham prévio conhecimento da tentativa de golpe e se deflagrariam alguma ação em Minas em caso de êxito dessa manobra.

Em seus depoimentos os ex-militantes convergem em alguns aspectos, revelando padrões. O primeiro foi a alegação de que estavam afastados do integralismo há meses, precisamente desde o decreto que extinguiu a AIB. Outro padrão verificado foi o repúdio à manobra golpista. Os depoentes embasaram esse repúdio afirmando que a AIB e seus militantes eram totalmente contrários à violência. Muitos ainda sustentaram em seus depoimentos que haviam condenado publicamente a tentativa de golpe. Finalmente, foi comum os ex-militantes afirmarem que souberam da manobra golpista através do rádio ou de terceiros.

No entanto, é certo que alguns dos ex-militantes faltaram com a verdade em suas declarações. Primeiramente, em Minas as movimentações em busca de apoio para um eventual golpe tiveram início, pelo menos, em janeiro de 1938. Nesse mês a constatação de que nem a ABC iria funcionar levou um grupo descontente à conspiração.

Alguns daqueles que tiveram proeminência no interior da AIB, sobretudo aqueles que atuaram como *Governadores de Região* e *Chefes Municipais* foram contatados por conspiradores de Minas e por outros que vinham do Rio de Janeiro. O objetivo desses conspiradores era obter apoio em diferentes e estratégicas cidades de Minas ao golpe que seria promovido. Logo, revelavam aos antigos camisas-verdes de Minas os planos golpistas. Em depoimentos prestados nos dias 13 e 15 de junho de 1938 o antigo *Chefe Municipal* de Pouso Alegre admitiu:

que no principio do corrente ano foi procurado em sua residencia por Lafaiete Soares de Paula que disse ao declarante estar articulando um movimento revolucionario e

para o qual contava com a adesão do declarante e de todos os associados do partido; que ouviu atentamente a exposição que lhe fez Lafaiete, por lhe interessar muito o assunto, concluindo por se mostrar pessimista de vez que não dispunham de armamento e contavam no regimento de artilharia ali aquartelado apenas com um oficial, o Tenente (...), a quem prometeu a Lafaiete falar do assunto, como falou, ficando ambos na expectativa dos acontecimentos; que conserva as idéas integralistas e apenas se conforma com o estado novo (...).⁹¹⁵

Aquele grupo que passou à conspiração em Minas jamais agiu por conta própria. Longe disto, pois comunicava-se com ex-integralistas no Rio de Janeiro. O antigo *Chefe Municipal* de Pouso Alegre também admitiu que tinha prévio conhecimento da tentativa de golpe de maio de 1938. Ele afirmou que havia sido procurado poucos dias antes dessa ação por uma pessoa vinda do Rio de Janeiro. Esse havia lhe perguntado como reagiria àquela ação. O antigo *Chefe Municipal* alegou ter respondido que não participaria do golpe por ser contrário à violência. Porém, respondeu àquele emissário que ficaria contente com o êxito da manobra golpista. Em razão disto, o conspirador vindo do Rio estabeleceu que enviaria ao antigo *Chefe Municipal* um aviso informando-o sobre a eclosão do golpe.

Na tarde do dia dez de maio o ex-militante de Pouso Alegre recebeu um telegrama confirmando que o golpe aconteceria. Logo, ficou na expectativa de notícias. Mas, essas não chegaram até a noite. Já de madrugada outro ex-integralista foi à residência do antigo *Chefe Municipal* onde lhe comunicou sobre a tentativa de golpe. Ambos foram a uma escola local onde se encontraram com outros ex-militantes. Mas, durante toda aquela madrugada não obtiveram por rádio a confirmação do sucesso do golpe. Na manhã seguinte chegaram as notícias sobre o fracasso da ação golpista.

Porém, se essa manobra tivesse obtido êxito na capital da República algumas ações deveriam ser deflagradas em Minas. Aos ex-integralistas civis caberia a difusão de notícias falsas através de estações de rádio. Àquele grupo caberia também o controle de linhas férreas com o intuito de impedir ou retardar o deslocamento de tropas militares. Estavam ao lado daqueles ex-militantes civis em Minas, especialmente em Belo Horizonte, alguns oficiais e praças da Força Pública e do Corpo de Bombeiros. Ainda em Minas oficiais do Exército, principalmente na capital, também participaram das conspirações.

Dentre os planos esboçados⁹¹⁶, havia a tomada de quartéis em Belo Horizonte, prisão de oficiais que se opusessem ao golpe e até mesmo um assalto ao Palácio da Liberdade. Portanto, houve em Minas conspiração articulada ao golpe que se desenrolou na capital da República. As

⁹¹⁵ APM: [PASTA 2812 {João José de Queiroz} maio 1938 - mar. 1939](#). Docs. 04 a 07 e 10 a 18.

⁹¹⁶ APM: [PASTA 2815 {Integralismo} jul. 1937 - mar. 1940](#).

ações que se desenrolariam em solo mineiro deveriam ter a participação crucial de militares. Porém, o golpe não obteve êxito e as conspirações em Minas foram descobertas.

Uma vez deflagrado o *Putsch* jornais da imprensa mineira apressaram-se em condená-lo. A *Vanguarda*, no município de Cássia, foi um jornal que se posicionou a favor do integralismo em algumas ocasiões. Todavia, observou que o *Putsch* “surpreendeu dolorosamente” o Brasil. Essa surpresa teria sido maior, porque os militantes do sigma deveriam ser os últimos a se levantarem contra “(...) a actual ordem de coisas, francamente louvada por êles mesmos e pelo seu chefe, antes e depois de 10 de Novembro”⁹¹⁷. Segundo aquele jornal, muitos dos anseios integralistas foram implementados pelo Estado Novo, a exemplo do reforço do princípio de autoridade, a censura aos focos regionalistas e a extinção dos partidos políticos. No entanto, o poder não fora entregue aos camisas-verdes, o que os levou à revolta. Ademais, esses militantes igualaram-se em métodos aos comunistas que tanto criticavam. Neste sentido, conclui *A Vanguarda*, o que animava os adeptos do sigma não era uma ideologia, mas tão somente o desejo de conquistar o poder.

Referindo-se ao *Putsch* de maio de 1938 *O Sol* estabeleceu que “os adeptos do sr. Salgado mostraram-se, afinal, o que sempre foram: agitadores vulgares, despidos do mais leve espírito de sacrifício, de abnegação (...)”⁹¹⁸. Porém, o jornal relativiza essa posição ao assegurar que o levante teria sido obra de uma “ala revolucionária” do sigma. Muitos ex-seguidores do “fuhrer indígena”, aponta *O Sol*, estavam revoltados com a orientação emitida por seu antigo chefe. Neste sentido, o jornal do município de Santos Dumont postulou que era necessário ter cautela no que tange à punição dos integralistas.

Após a tentativa de golpe em maio de 1938 *O Sol* elogiou a decretação do Estado Novo. Esse jornal sustentou que o movimento de 10 de novembro de 1937 efetivamente constituía um golpe. No entanto, era um golpe contra a atuação do comunismo, do integralismo e dos partidos tradicionais. Seria infrutífero se o Executivo nacional mais uma vez solicitasse o Estado de Guerra, cruzasse os braços ou clamasse pela ordem e pela concórdia. Na ótica do jornal em questão, o golpe de novembro de 1937 teria sido uma medida acertada, pois, “(...) ou o Brasil desengolfava no comunismo, ou caía no estuário totalitário do sigma.”⁹¹⁹

⁹¹⁷ *A Vanguarda*, 08/05/1938, num. 1138, p. IV. Embora a edição date de 08 de maio, seguramente se refere à tentativa de golpe integralista de 11 desse mês. O mais possível é que o jornal tenha sido publicado com uma data retroativa.

⁹¹⁸ *O Sol*, 15/05/1938, num. 597, p. I.

⁹¹⁹ *O Sol*, 15/05/1938, num. 597, p. IV.

*Monitor Mineiro*⁹²⁰ postulou que o ataque ao Palácio da Guanabara provava de modo “irrefutável a insinceridade” daqueles que diziam ter como lema “Deus, Pátria e Família”. Segundo aquele periódico, durante o ataque, os integralistas “repudiaram” Deus porque não observaram o mandamento que estabelecia “não matarás”. “Repudiaram” a Pátria porque colocaram os interesses do sigma acima dos interesses nacionais. “Repudiaram” a família porque atacaram uma residência, violaram um lar.

A Tribuna, A Vanguarda, Brazópolis, Correio de Uberlândia, Gazeta de Paraopeba, Monitor Mineiro e O Sol enfatizaram que teria havido uma reação enérgica e heroica por parte de Getúlio Vargas. Segundo esses jornais o presidente teria permanecido de arma em punho, dirigindo a resistência e também rechaçando ele mesmo os assaltantes verdes. Louvando a suposta resistência do presidente, *Gazeta de Paraopeba*, na região Central, argumentou que: “O próprio Deus, conservando-lhe a vida, quiçá miraculosamente, no último complot integralista, nos deixa claramente compreender, que Ele o colocou na presidência da República para a felicidade do Brasil.”⁹²¹

O *Putsch* de maio de 1938, além de matérias contra o integralismo, levou também a um aumento das denúncias contra aqueles que trajaram a camisa-verde. Em meio a essas acusações havia aquelas imbuídas do desejo de prejudicar desafetos e concorrentes. Logo, alguns denunciadores postularam que este ou aquele antigo militante guardava armamentos em sua residência ou estava implicado na trama golpista.

Por sua vez, aqueles que haviam trajado a camisa-verde procuraram demonstrar com maior ênfase sua distância do integralismo. Em julho de 1938, por exemplo, através de documentos manuscritos os vereadores eleitos pela AIB em Itajubá renunciaram a seus mandatos. Igual atitude adotaram os suplentes que, em teoria, deveriam assumir aqueles mandatos. Mas, a atitude daqueles ex-militantes era vazia, pois a Casa Legislativa para a qual foram eleitos estava fechada.

Muitos ex-integralistas passaram a assegurar que ter vestido a camisa-verde havia sido um equívoco. Esses militantes ressaltavam que sempre agiram dentro da lei, que jamais consideraram a violência como método de ação e que haviam aderido ao sigma de boa-fé. Asseguravam ainda que estavam arrependidos e em alguns casos que haviam sido enganados pela AIB. Houve também o esforço de minimizar o trabalho por essa organização. Ainda em maio de 1937 um ex-militante de um distrito de Ouro Preto alegou que “conduzia o movimento

⁹²⁰ *Monitor Mineiro*, 29/05/1938, num. 1311, p. V.

⁹²¹ *Gazeta de Paraopeba*, 19/06/1938, num. 1521, p. II.

mais para o lado cultural e não político; que, em se tratando de um meio operário estes em regra geral são viciados no jogo e na cachaça (...).”⁹²² Logo, sua militância tinha por objetivo conduzir algumas pessoas ao aperfeiçoamento moral. A tentativa de minimizar a atuação pela AIB ou a alegação de arrependimento por ter aderido a essa foi expresso, sobretudo, por aqueles que ocuparam cargos nos núcleos do sigma.

Depois do *Putsch* houve também uma multiplicação de casos de pessoas que alegavam não ter ciência de que estavam inscritas na AIB. Esse fenômeno se repetiu quando o Brasil ingressou na Segunda Guerra, pois muitos estrangeiros requisitaram a naturalidade brasileira. O fato de terem se inscrito na AIB criou embaraços àquelas pessoas. Logo, muitas asseguravam que não sabiam que seus nomes constavam nos livros de inscrição do sigma. De fato, não foi incomum pessoas serem inscritas na AIB sem seu conhecimento. Tratava-se de uma forma de aumentar a quantidade de militantes deste ou daquele núcleo. É claro, porém, que nem todos foram sinceros quando alegaram desconhecer sua filiação ao sigma.

Por outro lado, houve aquelas pessoas que admitiram ter conhecimento de que estavam inscritas na AIB. Em muitos casos, porém, alegaram haver ingressado nessa organização devido à insistência de amigos e familiares e a fim de não os desagradar. Mas, aquelas pessoas ressaltavam que sequer compareciam às reuniões e não tinham conhecimento dos princípios integralistas.

Consequentemente, de maneira sincera ou não, renegar a AIB tornou-se regra para todos aqueles que se aproximaram dessa organização. Renegar o integralismo significava uma possibilidade de reinserção na sociedade e alguma garantia de não ser incomodado pelas autoridades policiais. Após a tentativa de golpe em maio de 1938 o pertencimento ao sigma havia se tornado uma mácula, uma memória a ser esquecida. Esses fenômenos, ao lado dos ataques promovidos pela imprensa, contribuíram para se enterrar momentaneamente o sigma.

⁹²² APM: [PASTA 4799 Ouro Preto - integralismo nov. 1936 - jun. 1940](#). Docs. 36 e 37.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de abruptamente encerradas em 1944 as reflexões do historiador francês March Bloch conservam-se atuais. Em sua “Apologia da História” esse pesquisador estabeleceu que a História é um exercício de compreensão do presente através do passado. Ao mesmo tempo, advogou que a História é um exercício de compreensão do passado a partir fenômenos do tempo presente.

De fato, acontecimentos atuais ajudam o historiador a compreender fenômenos ainda nebulosos do passado. A título de exemplo, quais circunstâncias levaram parte da sociedade alemã a permitir e apoiar a ascensão do nazismo? Por quais razões parcelas dessa sociedade consentiram na permanência de Hitler no governo? Pode-se arguir com segurança que desde fins da década de 2010 historiadores do Brasil compreendem melhor aquele contexto alemão dos anos 1930.

Conforme Schwarcz (2019) o Brasil tem vivido uma “maré conservadora”. Este cenário é marcado pela intolerância e pela violência, por ataques à Constituição e às minorias sociais, por investidas contra a imprensa e intelectuais, por discursos contra direitos civis que pareciam consolidados, por uma demonização das questões de gênero, por descrença nas instituições e partidos e pela conformação de maniqueísmos. Porém, o autoritarismo que aflorou no Brasil do tempo presente não deve causar espanto. Este fenômeno possui raízes profundas, emaranhadas em séculos de história (SCHWARCZ, 2019).

O contexto referente ao Brasil atual que foi identificado por Schwarcz (2019) guarda semelhanças com a década de 1930 da vida nacional. Durante esse período, marcado pela instabilidade institucional, vicejaram discursos e práticas autoritárias, ódios políticos e étnicos. A organização comandada por Plínio Salgado foi uma das responsáveis pela polarização política e acirramento de ânimos na década de 1930.

Este período da história do Brasil corrobora o argumento de Schwarcz (2019) segundo o qual este não é um país harmonioso e isento de conflitos. A atuação dos camisas-verdes e os planos que esses acalentaram também corroboram o argumento de Schwarcz (2019) segundo o qual inexistem ódios políticos e étnicos no Brasil. Os adeptos do sigma em alguns casos não tentaram e em outros não conseguiram esconder o desejo de perseguir adversários, censurar a imprensa, o rádio, o cinema e intervir em sindicatos e universidades. Também não conseguiram esconder que a violência fazia parte do receituário político integralista. Aqueles militantes

também não conseguiram esconder o antissemitismo que nutriram e a aversão a todos aqueles que não seguiam a cartilha integralista.

Conforme Trindade (1979) muitos dos dirigentes e militantes do sigma desenvolveram um “complexo de culpa fascista”. Ao lado deste fenômeno os ataques à AIB contribuíram para relegar por décadas ao “inconsciente da vida política brasileira” a história desta organização. Neste sentido, o integralismo foi “(...) rejeitado pela história brasileira, como um pesadelo dos anos 30 (TRINDADE, 1979, p. 279).”

Victor (2004) também observa o processo de esquecimento que o integralismo sofreu após a extinção da AIB. Conforme este historiador, pelo menos, desde 1938 em diante construiu-se uma percepção que entende o integralismo enquanto um mal, enquanto um movimento de fanáticos e golpistas, de covardes, fascistas e nazistas. Conforme esta percepção, o movimento integralista seria composto por uma minoria, pelo “outro”.

Ainda conforme Victor (2004) estes aspectos justificariam o esquecimento a que fora relegado o integralismo. Todavia, este apresentava características aceitas pela sociedade brasileira daquela época. Mais do que isso, o integralismo apresentou um projeto político parcialmente adotado pelo Estado Novo. Estes aspectos reduzem consideravelmente a distância que separava o “eles”, integralistas, do “nós”, restante e maioria da sociedade da década de 1930. Portanto, conclui Victor (2004, pp. 11-12) estes militantes “(...) não eram alienígenas na sociedade brasileira dos anos 1930, integravam-se nela e com ela compartilhavam de uma rede de cultura política de ampla circulação no país, instrumentalizada pelo movimento do sigma.” Nos anos 1970 Héglio Trindade observou este fenômeno e argumentou que o integralismo não havia sido obra exclusiva de Plínio Salgado. Longe disso, uma vez que o sigma fora resultado de uma “(...) convergência das idéias autoritárias de direita numa sociedade em transição, sob o impacto da nova situação internacional, marcada pela revolução soviética e a contra-revolução fascista (TRINDADE, 1979, p. 277).”

As observações de Trindade (1979) e Victor (2004) inerentes à partilha de valores entre a AIB e a sociedade aplicam-se a Minas Gerais. Nesse estado os camisas-verdes jamais foram “alienígenas”. Esses militantes jamais constituíram um movimento sem quaisquer vínculos com a sociedade. Pelo contrário, já que foi comum integralistas participarem de solenidades cívicas e religiosas representando a AIB. Por outro lado, também não foi incomum presença em solenidades integralistas, especialmente de caráter beneficente e cívico, de membros de associações comerciais ou do clero.

Profissionais liberais e empresários aderiram ao integralismo em Minas, assim como militares e às vezes até lideranças políticas com experiência em outros partidos. Além disso, houve condescendência de algumas autoridades para com a AIB. Esse fenômeno se deveu à simpatia dessas autoridades pelos ideais integralistas. Alguns desses valores, inclusive, foram incorporados pelo Estado Novo. Apesar dessa condescendência, a organização liderada por Plínio Salgado não deixou de se apresentar como alvo de inúmeras perseguições em Minas.

Membros do clero mineiro também ingressaram na AIB e demonstraram simpatias por essa organização. O quarto capítulo dessa pesquisa demonstra esses fenômenos. Em Minas alguns sacerdotes vestiram a camisa-verde e militaram ativamente pelo sigma. Outros, ainda que não tenham ingressado na AIB elogiaram esta organização e estabeleceram que a Igreja Católica não a condenava. Logo, argumentavam que o ingresso de católicos na AIB não era malvisto pela Igreja. Em alguns casos o apoio de sacerdotes ao integralismo era mais implícito, consubstanciando-se, por exemplo, através da permissão no interior das igrejas de militantes uniformizados.

As diversas manifestações de apoio de sacerdotes católicos ao integralismo contribuíram para a difusão deste em Minas. Dois fenômenos possibilitaram estas manifestações de apoio. Primeiramente, aqueles sacerdotes que externaram simpatia ao integralismo contaram com a permissão ou a condescendência de seus superiores. Em segundo lugar, membros da Igreja Católica apoiaram a AIB porque julgaram compartilhar de valores e objetivos com esta organização.

Em diversas circunstâncias a AIB anunciou seu desejo de construir um Estado cristão no Brasil. Este mesmo Estado daria proeminência à Igreja Católica. Membros dessa organização em Minas também foram atraídos pelos discursos anticomunistas, de valorização da ordem e da disciplina externados pela AIB. É seguro postular que o antissemitismo externado por aqueles militantes também foi admirado por alguns sacerdotes católicos em Minas. Declarações antissemitas permearam os jornais eclesiásticos analisados nesta pesquisa. Mas, o antissemitismo não foi um ponto em comum apenas entre camisas-verdes e alguns sacerdotes católicos.

Carneiro (1995) advoga que a Era Vargas (1930-1945) foi um período de crescimento e reativação do antissemitismo no Brasil. Contribuíram para este fenômeno pressões externas, tradições internas racistas e religiosas e um nacionalismo emergente. Durante o Estado Novo houve um crescimento do antissemitismo. Neste período, devido às perseguições na Europa,

houve um aumento da imigração semita para o Brasil. Contudo, o Estado Novo desenvolveu uma política de restrição à imigração judaica (CARNEIRO, 1995).

Além da aversão ao povo judeu, o anticomunismo foi mais um valor compartilhado entre integralistas e parcelas da sociedade. Segundo Motta (2007, p. 230) foi durante os anos 1930 “(...) que se solidificou no Brasil o anticomunismo principalmente entre as elites sociais, políticas e burocráticas.” Este anticomunismo conformou as relações externas entre o Brasil e a URSS. Durante a primeira metade dos anos 1930 Vargas cogitou reconhecer diplomaticamente a União Soviética. Contudo, no interior do governo a proposta era rechaçada, principalmente, pelo Itamaraty e pelo Exército. A dificuldade de levar aquela proposta adiante tornava-se maior quando se considerava a opinião anticomunista da Igreja Católica. O principal argumento contrário à aproximação estabelecia que as vantagens econômicas advindas das relações comerciais com a URSS não compensavam os riscos políticos. Logo, o que os soviéticos realmente desejariam era fomentar a revolução no Brasil. A Intentona de novembro de 1935 “sepultou” qualquer possibilidade de contatos diplomáticos entre o Brasil e a URSS. Ademais, consolidou um anticomunismo preexistente na sociedade (MOTTA, 2007).

Este fenômeno, porém, não evitou que a AIB sofresse duras críticas em relação a seu anticomunismo. Durante os anos 1930 houve a percepção de que o sigma exagerava o perigo vermelho a fim de obter prestígio. Houve também a percepção de que o sigma desejava promover um golpe de Estado, nutria simpatias pelos fascismos e acalentava um projeto antidemocrático. Em Minas estes pontos foram denunciados por jornais, delegados e por indivíduos que se afastaram da AIB. Logo, o caráter político e os objetivos desta organização não constituíram um mistério durante os anos 1930.

Antes e após a proscricção do integralismo em maio de 1938 este foi alocado por órgãos da imprensa mineira à direita ou à extrema direita do espectro político. Fenômeno análogo ocorreu com o nazismo e o fascismo. Nenhuma fonte pesquisada, ainda que de forma bastante sutil, insinuou que integralismo, nazismo e fascismo poderiam ser caracterizados como fenômenos políticos de esquerda. Apesar de bastante óbvia, surpreendentemente esta discussão faz-se necessária nos anos 2010 no Brasil. Nos últimos anos desta década o nazismo tem sido apresentado por lideranças políticas e por criadores de conteúdo digital, geralmente alheios ao rigor historiográfico, como um fenômeno político de esquerda.

Por um lado, se houve comunhão de valores entre a AIB e a sociedade, pode-se argumentar que o conhecimento e o comprometimento dos camisas-verdes com os valores integralistas foram variáveis. Parece correto que *Governadores de Região, Chefes e Secretários*

Municipais tiveram maior conhecimento dos valores e objetivos integralistas do que aqueles militantes que frequentavam as reuniões. Também parece correto sustentar que aquele primeiro grupo apresentou maior comprometimento com os valores e objetivos integralistas, o que inclui o antissemitismo, do que os militantes que apenas assistiam as reuniões.

Naturalmente, camponeses e trabalhadores urbanos com menor grau de instrução permaneciam frequentando as reuniões da AIB devido a alguma identificação com os postulados do sigma. Entretanto, deve-se considerar o pragmatismo, uma vez que aderir à AIB representava uma possibilidade de alfabetização e de alguma assistência social. Representava ainda uma possibilidade de inserção na política institucional. Neste sentido, interesses e ambições políticas permearam ingressos no integralismo. Portanto, identificação ideológica não é o único ingrediente a ser considerado quando se busca compreender as adesões e permanências na AIB.

Por fim, é necessário apontar algumas das contribuições deste trabalho à historiografia sobre o movimento integralista. Talvez a maior contribuição desta pesquisa foi a tentativa de abarcar todo o estado de Minas. Com duas exceções, os demais trabalhos que abordam a referida temática no estado mineiro o fazem a partir de enfoques regionais ou locais. Essa constatação é subsidiada por um levantamento de pesquisas, gentilmente cedido a este trabalho, feito pelo pesquisador Leandro Pereira Gonçalves. Esse historiador identificou que até 2019 haviam sido produzidos ou estavam em andamento 20 pesquisas sobre o integralismo em Minas, o que inclui esta tese de doutoramento.

O trabalho inaugural sobre o integralismo em Minas foi uma monografia defendida em 1973 por Maurício de Castro Corrêa. Nesse trabalho o então discente examinou o desenvolvimento da AIB em Juiz de Fora. No ano de 1990 Grossi & Faria publicaram um artigo em que identificaram se houve penetração integralista nos meios operários de Belo Horizonte. No ano seguinte Célia Cerqueira de Araújo defendeu sua dissertação em que analisou o pensamento político de Olbiano de Mello.

Encerrando a lista de trabalhos sobre o integralismo em Minas lançados no século XX estão duas monografias defendidas em 1998. A primeira delas, de autoria de Jardir Gomes da Silva Júnior, estudou o fenômeno integralista na capital mineira. O escopo da segunda daquelas monografias é evidenciado pelo seu título: “A MOBILIZAÇÃO INTEGRALISTA EM MINAS GERAIS (1934-1937).” Esse trabalho é uma das duas exceções anteriormente mencionadas, uma vez que esforça-se por analisar o fenômeno integralista em solo mineiro.

Ao longo da década de 2000 foram desenvolvidas cinco pesquisas cuja temática é o integralismo em diferentes cidades mineiras. Em 2002 Elias Maria de Oliveira Júnior concluiu sua graduação em História ao defender a monografia “A Ação Integralista Brasileira e suas Influências na Cidade de Diamantina”. Em 2004 o historiador Lenadro Pereira Gonçalves publicou o seu trabalho inicial sobre a AIB em Juiz de Fora. Merece destaque nessa pesquisa as relações identificadas pelo historiador entre a AIB e a Igreja Metodista daquela cidade.

Em 2006 Emerson Nogueira Santana publicou um artigo na Revista do Arquivo Público Mineiro. Nesse trabalho constatou a então baixa quantidade de pesquisas sobre o integralismo em Minas. Em razão disso, apontou as potencialidades dos arquivos do DOPS-MG para reflexões sobre o integralismo em Minas. Em 2009, sob orientação do historiador Leandro Pereira Gonçalves, Vanessa Aparecido Lobo examinou a difusão do integralismo em Juiz de Fora a partir da influência de Gustavo Barroso e de uma instituição de ensino vinculada à Igreja Metodista. Fechando a década de 2000 há a dissertação de Leandro Raton Pires da Silva defendida em 2010. Nesse trabalho o aludido pesquisador examinou, valendo-se ativamente de jornais católicos, as relações entre o integralismo e o catolicismo em Belo Horizonte.

Comparativamente aos períodos anteriores, houve ao longo da década de 2010 uma maior produção sobre o integralismo em diferentes cidades mineiras. Há duas pesquisas sobre o integralismo na cidade de Pouso Alegre, o que talvez se explique pela disponibilidade do jornal *A Razão* na hemeroteca da Biblioteca Nacional. Mas, há também reflexões sobre a cidade de Montes Claros e Varginha. Cabe destacar a monografia defendida em 2015 por George Rodrigues Pereira. Nesse trabalho o então graduando examinou como o integralismo foi retratado em jornais da região Centro-Oeste mineira.

Em meio aos trabalhos relativos à década de 2010 destacam-se aqueles produzidos por Éverton Pimenta. Esse historiador examinou o integralismo nas cidades de Barbacena e Juiz de Fora. Convém ressaltar que no primeiro trabalho, sua dissertação, abordou as relações entre integralismo e fascismo em Barbacena enfatizando o protagonismo de uma mulher. Em sua tese estudou a atuação em Juiz de Fora de um intelectual metodista que era maçom e atuou junto ao sigma durante os anos 1930 e junto ao PRP entre 1945 e 1965.

Naturalmente, todas as pesquisas mencionadas ganham em detalhes sobre a atuação dos camisas-verdes nesta ou naquela cidade. Entretanto, esses mesmos trabalhos não identificam as diferenças relativas ao desenvolvimento e desestruturação do integralismo em diferentes regiões do estado. A fim de oferecer uma abordagem mais ampla, esta pesquisa optou por

abranger todo o estado mineiro a partir da análise de jornais integralistas e documentos do fundo DOPS-MG.

Ao analisar documentos referentes a diversas cidades mineiras, além de jornais da AIB, este trabalho pôde identificar onde essa organização mais se difundiu no estado. Ao mesmo tempo foi possível identificar peculiaridades relativas a este processo de difusão. Por exemplo, em Minas o integralismo teve início em Teófilo Otoni e distritos vizinhos. Contudo, a partir de 1935 a região Sul tornou-se o maior reduto integralista do estado. Além disso, lideranças nacionais da AIB passaram ao largo mesmo de regiões que tinham núcleos atuantes, como o Triângulo e os Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Outra peculiaridade observada foram as contribuições de camisas-verdes do estado fluminense para o desenvolvimento do integralismo na região da Zona da Mata.

Acompanhar o processo de crescimento da AIB em Minas também permitiu observar quando essa organização passou a ser alvo sistemático das atenções policiais no estado. Conseqüentemente, permitiu identificar que aquela organização foi tratada de formas distintas a depender da disposição, dos interesses e convicções de cada delegado local. Finalmente, foi possível constatar que o DOPS-MG e a Chefia de Polícia de Minas orientaram os delegados locais a respeitarem os direitos de os camisas-verdes se reunirem, de se cumprimentarem e utilizarem uniformes. Esses órgãos expediram essas orientações mesmo cientes das críticas que os integralistas faziam ao regime e aos ocupantes de cargos públicos. Ademais, aqueles dois órgãos de segurança pública preconizaram o respeito aos direitos integralistas mesmo durante a vigência do Estado de Sítio e dos sucessivos Estados de Guerra. Por conseguinte, em Minas a censura e repressão ao integralismo não partiram do governo ou dos órgãos de segurança pública do estado. Os camisas-verdes de Minas perceberam esse fenômeno.

Essas conclusões foram possíveis devido ao recorte que procurou abranger todo o estado de Minas Gerais. Comparativamente a estados como o Paraná e a Bahia o integralismo foi tratado de modo diferente em Minas. Neste sentido, as conclusões deste trabalho contribuem para análises comparativas sobre a censura e repressão ao integralismo entre diferentes estados.

Também foi o recorte geográfico mais abrangente desta pesquisa que permitiu identificar aquelas cidades onde os camisas-verdes conseguiram se eleger às Câmaras Municipais. Porém, esses militantes alcançaram êxitos eleitorais em apenas treze cidades mineiras. Logo, em âmbito estadual os integralistas não ameaçaram a hegemonia política dos demais partidos.

O olhar sobre diversos municípios do estado também permitiu identificar e acompanhar as reações de integralistas mineiros ao golpe do Estado Novo e à dissolução dos partidos. O amplo recorte aplicado na tese permitiu delinear as distintas reações de integralistas e também de delegados locais às rupturas de novembro e dezembro de 1937.

Por fim, este trabalho identificou planos e movimentações golpistas em Minas Gerais. Esse fenômeno teve início meses antes do *Putsch* de maio de 1938 e contou com a presença ativa de militares do Exército e membros da Força Pública de Minas. Não obstante, este trabalho também identificou que o desejo integralista de promover um golpe era de conhecimento público muito antes da extinção da AIB. Ademais, os próprios militantes frequentemente externavam o desejo de aplicar a justiça integralista contra seus adversários em uma eventual vitória do sigma.

Portanto, as contribuições originais deste trabalho ao conhecimento do movimento integralista decorrem do foco voltado para todas as regiões do estado e também da ampla pesquisa realizada em fontes policiais e de imprensa. Este recorte permitiu apreender a estruturação e desestruturação do integralismo em Minas e as distintas reações a este fenômeno. Porém, o objetivo de traçar um panorama estadual limitou uma investigação mais aprofundada sobre alguns fenômenos. A título de exemplo, pode-se mencionar os casos dos integralistas que conseguiram se eleger às Câmaras Municipais. Estudar em detalhe a atuação legislativa desses militantes ensejaria uma nova pesquisa. Acompanhar também a atuação do camisa-verde que se elegeu prefeito em Areado demandaria uma nova pesquisa. Consequentemente, aprofundar as investigações sobre alguns fenômenos fugiria ao escopo deste trabalho que é traçar um panorama geral do integralismo em Minas. Em alguns casos a ausência de fontes não permitiu que alguns temas fossem examinados com profundidade. A esse respeito pode-se mencionar a *Milícia Integralista* que, mesmo após sua extinção continuou a vigiar e coletar informações sobre seus adversários.

Portanto, como qualquer outra reflexão sobre a história, este trabalho não pretendia e não esgotou as possibilidades de investigação sobre o integralismo em Minas Gerais. Mas, ele indicou caminhos e possibilidades de investigação. Sobretudo, esta pesquisa iluminou um capítulo ainda insuficientemente abordado da história mineira.

REFERÊNCIAS

Araújo, Célia Cerqueira de. **A ideologia integralista de Olbiano de Melo: estudo sobre o pensamento político de Olbiano de Melo nas décadas de 1920 e 1930.** 1991. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos.** Tese. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012. 304 f.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. “A mulher integral terá: cérebro de homem, físico de mulher e coração de criança”. Concepções sobre a militância das blusas-verdes pelos intelectuais do sigma *In: **Dos papéis de Plínio: Contribuições do Arquivo de Rio Claro para a Historiografia Brasileira.** CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. DOTTA, Renato Alencar. (Orgs.). Rio Claro: Oca Editora, 2013. 240 p.*

BERTONHA, João Fábio. Os integralistas pós-1945: a busca pelo poder no regime democrático e na ditadura (1945-1985). *In: **Diálogos.** Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. v. 13, n. 1: 63-82, 2009.*

BERTONHA, João Fábio. Introdução. *In: SILVA, Giselda Brito. GONÇALVES, Leandro Pereira. PARADA, Maurício B. Alvarez. (Orgs.). **HISTÓRIAS DA POLÍTICA AUTORITÁRIA: Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo e Fascismos.** Recife: Editora da UFRPE, 2010. 400p.*

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão.** São Paulo: Annablume, 1999. 135 p.

CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937).** São Paulo: Difel, 1974.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937).** Bauru, SP: EDUSC, 1990.

COUTINHO, Amélia. Olbiano de Melo. *In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.*

CÔRREA, Maurício de Castro. **Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora.** Juiz de Fora:, 1973.

DOTTA, Renato Alencar. Apontamentos para uma história da Ação Integralista Brasileira em São Paulo. *In: SILVA, Giselda Brito. GONÇALVES, Leandro Pereira. PARADA, Maurício B. Alvarez. (Orgs.). **HISTÓRIAS DA POLÍTICA AUTORITÁRIA: Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo e Fascismos.** Recife: Editora da UFRPE, 2010. 400p*

_____. Um esboço necessário sobre a trajetória do integralismo brasileiro – Da AIB ao ciberintegralismo (1932 a atualidade). *In: **Boletim do Tempo Presente.** n.º 03, 2012, pp. 1-15.*

_____. *Acção: A Lenta Agonia de um Jornal Integralista. In: GONÇALVES, Leandro Pereira. SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. Vol. 1. (Série Mundo Contemporâneo; 6). 498 p.*

FAGUNDES, Pedro Ernesto. **A Ofensiva Verde: A Ação Integralista Brasileira no estado do Rio de Janeiro (1932-1937)**. Tese de doutorado. Carlos Fico. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

_____. Os “Batinas-verdes” da Província Integralista Fluminense (1933-1937). *In: SILVA, Giselda Brito. GONÇALVES, Leandro Pereira. PARADA, Maurício B. Alvarez. (Orgs.). **HISTÓRIAS DA POLÍTICA AUTORITÁRIA: Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo e Fascismos**. Recife: Editora da UFRPE, 2010. 400p*

FERREIRA, Laís Mônica Reis. Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em *O Imparcial* (1933-1937). Salvador: EDUFBA, 2009, 142 p. il.

GERTZ, René. **O fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. 204 p.

GONÇALVES, Leandro Pereira. SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher integralista. *In: CRUZ, Natália dos Reis (org.). **Ideias e Práticas Fascistas no Brasil***. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 212 p. il.

GONÇALVES, Leandro Pereira. OLIVEIRA, Alexandre Luís de. Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil: vivendo na ilusão com os verdadeiros números do integralismo. O PRP como resposta à nova realidade do Brasil. *História e Cultura, Franca*, v. 5, n. 3 p. 155-174, dez. 2016.

GONÇALVES, Leandro Pereira. CORRÊA, Maurício de Castro. A Ação Integralista Brasileira em Juiz de Fora: um resgate historiográfico. *In: GONÇALVES, Leandro Pereira. SIMÕES, Renata Duarte. (orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. vol. 1. (Série Mundo Contemporâneo; 6). 498 p.*

GONÇALVES, Leandro Pereira. SIMÕES, Renata Duarte. Integralismo e Imprensa: reflexões iniciais. *In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. vol. 3. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. 300 p.*

GROSSI, Yonne de Souza. FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas verdes? *In: **Varia História**. Revista do Departamento de História. Vo. 6, nu. 10, novembro 1990.*

MENANDRO, Heloísa. Revolta Integralista. *In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930***. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de culturas políticas pela historiografia. *In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **Culturas Políticas na História: Novos Estudos***. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. 232 p. ; il. (pp. 13-37).

_____. *et al.* República, política e direito à informação: os arquivos do Dops/MG. *Varia História*. Belo Horizonte, UFMG / Dep. de História, v. 29, p. 126-153, 2003.

_____. **A “Indústria” do Anticomunismo.** Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre. Nº 15. 2001/2002.

_____. Ofício das sombras. **Revista do Arquivo Público Mineiro – RAPM**, Belo Horizonte, MG, Brasil, vol. XLII, nº 1, 2006, pp 52-67.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937).** Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História (PPGH), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Ramiro Barboza de. **O conservadorismo católico na imprensa de Belo Horizonte das décadas de 1920 e 1930 – os jornais *O Horizonte* e *O Diário* (1932-1937).** Dissertação de mestrado. São João Del Rei, 2010. 170 p.

PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil republicano**, livro <2=dois>: o tempo do nacional-estatismo . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 376 p.: il.

PIMENTA, Everton Fernando. **O rubicon** de Inês Piacesi: um jornal integralista em Barbacena-MG (1936-1937). In: Entre tipos e recortes : histórias da imprensa integralista, volume 3 / organizadores Leandro Pereira Gonçalves , Renata Duarte Simões. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Autografia, 2019. 300 p.

RÉMOND, René. Do Político. In: In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política.** Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** 1ª ed. 8ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Giselda Brito. O integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (org.). 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. 369 p. Série Mundo Contemporâneo; 3. **Estudos do integralismo no Brasil.**

SILVA, Leadro Ratton Pires da. **Deus, Pátria e Família:** catolicismo em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 156 f.: Il.

Periódicos integralistas:

A Offensiva – 1934/1937

Aço Verde – 1935

Alvorada – 1936

A Razão – 1936/1937

Anauê! – 1934/1935

Monitor Integralista – 1933/1937

Quarta Humanidade – 1935

Revista Anauê! – 1935/1937

Demais periódicos:

A Luta – 1935

A Tribuna – 1937/1938

A Vanguarda – 1937/1938

Abaeté Jornal – 1937

Brazópolis – 1935, 1937

Correio de Uberlândia – 1938

Gazeta de Paraopeba – 1935, 1938

Gazeta de Tombos – 1937/1938

Jonal de Lafaiete – 1937

Monitor Mineiro – 1934, 1938

O Bandeirante – 1937

O Imparcial – 1936/1937

O Lar Catholico – 1935, 1937

O Município – 1935, 1937

O Sol – 1934/1936, 1938

Pão de Santo Antônio – 1935

Semana Religiosa – 1933, 1935, 1938, 1939

Pastas do fundo DOPS-MG:

[PASTA 4476 Abre Campo ago. 1932 - set. 1942](#)

- [PASTA 3013 {Acir Melgaço} fev. 1938 - jun. 1938](#)
- [PASTA 4483 Aimorés - integralismo nov. 1935 - dez. 1938](#)
- [PASTA 5044 Alvinópolis maio 1935 - jul. 1964](#)
- [PASTA 4499 Areado - integralismo fev. 1930 - mar. 1942](#)
- [PASTA 4504 Barbacena - integralismo set. 1934 - ago. 1939](#)
- [PASTA 4515 Bom Despacho - integralismo mar. 1936 - mar. 1954](#)
- [PASTA 4536 Campo Belo - Integralismo nov. 1935 - dez. 1943.](#)
- [PASTA 4542 {Carangola - Integralismo} abr. 1935 - jun. 1938](#)
- [PASTA 4560 Caxambu - integralismo fev. 1935 - fev. 1939](#)
- [PASTA 4596 Diamantina - integralismo maio 1935 - set. 1942](#)
- [PASTA 4602 Divinópolis - integralismo out. 1936 - fev. 1939](#)
- [PASTA 4609 Elói Mendes - integralismo maio 1932 - set. 1946](#)
- [PASTA 4627 Formiga - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#)
- [PASTA 2815 {Integralismo} jul. 1937 - mar. 1940](#)
- [PASTA 4660 Itabirito - integralismo jun. 1936 - out. 1942](#)
- [PASTA 4667 Itajubá - integralismo set. 1935 - nov. 1942](#)
- [PASTA 4672 Itanhandu - integralismo jul. 1935 - dez. 1938](#)
- [PASTA 4683 Ituiutaba - integralismo jun. 1935 - ago. 1942](#)
- [PASTA 4687 / Jacutinga - integralismo](#)
- [PASTA 4691 Januária - integralismo nov. 1936 - out. 1938](#)
- [PASTA 2812 {João José de Queiroz} maio 1938 - mar. 1939](#)
- [PASTA 4721 Leopoldina - integralismo jun. 1935 - nov. 1941](#)
- [PASTA 4761 Maria da Fé - integralismo jan. 1936 - set. 1942](#)
- [PASTA 4758 Mariana - integralismo out. 1930 - maio 1944](#)
- [PASTA 4755 Matias Barbosa nov. 1931 - jun. 1949](#)

[PASTA 4793 Ouro Fino - integralismo jun. 1935 - jun. 1943](#)

[PASTA 4799 Ouro Preto - integralismo nov. 1936 - jun. 1940](#)

[PASTA 4819 Passa Quatro - integralismo set. 1936 - mar. 1943](#)

[PASTA 4838 Pedro Leopoldo - integralismo nov. 1936 - dez. 1938](#)

[PASTA 4866 Ponte Nova - integralismo jun. 1935 - out. 1942](#)

[PASTA 4873 Pouso Alto - integralismo jun. 1935 - mar. 1943](#)

[PASTA 4891 Raul Soares - integralismo jun. 1935 - set. 1942](#)

[PASTA 4902 Rio Casca - integralismo jun. 1935 - dez. 1938](#)

[PASTA 4928 Salinas - integralismo set. 1937 - set. 1937](#)

[PASTA 4946 Santa Rita do Sapucaí - integralismo dez. 1935 - set. 1938](#)

[PASTA 5011 Teófilo Otoni - integralismo jul. 1935 - jan. 1943](#)

[PASTA 5017 Tombos - integralismo jun. 1935 - jun. 1938](#)

[PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942](#)

[PASTA 5047 Uberlândia - integralismo ago. 1936 - mar. 1954.](#)

[PASTA 4996 Viçosa - integralismo jul. 1935 - abr. 1938](#)

[PASTA 5003 Virginópolis - integralismo maio 1937 - nov. 1942](#)